UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ˆ

MATHEUS GOMES ALVES

A SINTAXE DOS ADVÉRBIOS ALTOS, MEDIAIS E BAIXOS NO PORTUGUÊS DO BRASIL: UMA ANÁLISE CARTOGRÁFICA

Rio de Janeiro

2026

CIP - Catalogação na Publicação

A474s

Alves, Matheus Gomes
A SINTAXE DOS ADVÉRBIOS ALTOS, MEDIAIS E BAIXOS NO PORTUGUÊS DO BRASIL: UMA ANÁLISE CARTOGRÁFICA / Matheus Gomes Alves. -- Rio de Janeiro, 2026.
405 f.

Orientadora: Adriana Leitão Martins.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Linguística, 2026.

1. Advérbios. 2. Movimento do verbo. 3. Cartografia Sintática. 4. Diagnósticos para a altura de advérbios. 5. Português do Brasil. I. Martins, Adriana Leitão, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

MATHEUS GOMES ALVES

A SINTAXE DOS ADVÉRBIOS ALTOS, MEDIAIS E BAIXOS NO PORTUGUÊS DO BRASIL: UMA ANÁLISE CARTOGRÁFICA

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para aprovação no curso de Doutorado em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Leitão Martins

Rio de Janeiro

2026

A SINTAXE DOS ADVÉRBIOS ALTOS, MEDIAIS E BAIXOS NO PORTUGUÊS DO BRASIL: UMA ANÁLISE CARTOGRÁFICA

Matheus Gomes Alves

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Leitão Martins

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para aprovação no curso de Doutorado em Linguística.

Examinado por:

Profa. Dra. Adriana Leitão Martins – Presidente da Banca Examinadora
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Aquiles Tescari Neto - Membro Efetivo
Universidade Estadual de Campinas

Profa. Dra. Elaine Alves Santos Melo - Membro Efetivo
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Alessandro Boechat de Medeiros - Membro Efetivo
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Sandra Quarezemin - Membro Efetivo
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dra. Ana Regina Vaz Calindro - Membro Suplente

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dra. Juliana Barros Nespoli - Membro Suplente

Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro
2026

Para minha querida mãe Marcia Maria de Jesus Gomes e minha amável sobrinha Alice Campos Quites.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai Xangô, orixá da justiça, por sempre me dar força nos momentos mais difíceis desta minha caminhada. Agradeço, também, à minha mãe Oxum, por sempre me confortar com suas doces águas e me estimular a andar por este Templo. Reconheço, ainda, todo o apoio que minha moça, Dona Maria Mulambo, proveu-me em meu amadurecimento intelectual e moral. Sem a força dos orixás e das almas, eu nada seria. À Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN) por toda a infraestrutura apresentada para a feitura desta pesquisa. Ao CNPq pela bolsa (processo 140488/2022-7) concedida nestes quatro anos para a realização deste trabalho. À minha querida mãe Marcia Maria de Jesus Gomes por todas as noites mal dormidas, os esforços, as renúncias, os beijos e os abraços vivenciados. Apenas nós dois sabemos o que custou chegar até aqui. Saiba que esta tese só existe graças à senhora. Obrigado por sempre orientar meu voo. Ao meu Pai de Santo Cleitom D'Xangô por solidificar minhas raízes e cultivar meu crescimento moral e espiritual. Obrigado por nunca me negar a mão e por sempre me ouvir em meus momentos de desespero. Agradeço ao meu padrinho Vinícius D'Xangô e à minha madrinha Cláudia de Nanã por me acolherem nas situações mais difíceis e me embalarem com seus afetos e seus conhecimentos. À minha querida orientadora e amiga Dra. Adriana Leitão Martins. Todos estes anos de aprendizado, de amadurecimento e de amor não poderiam passar em branco. Há algumas amizades que levamos para a vida e outras que recordamos com carinho no coração: seguramente lido com o raro caso de nossa amizade ser uma interseção dos dois tipos. Obrigado por ser minha orientadora, amiga, psicóloga, companheira de bar, consultora de moda e modelo de fotos. Aos meus amigos Juliana Barros Nespoli, Rafael Berg Esteves Trianon, Paula Pinheiro Costa, Nayana Rodrigues, Fernanda Costa da Silva Machado e Clayre Anne da Silva Lucas por me apoiarem em cada momento de todos esses anos. Saibam que cada sorriso, cada gargalhada, cada desabafo e cada conversa promoveu um grande efeito em mim. Obrigado por dividirem comigo a caminhada.Aos professores Dr. Aquiles Tescari Neto, Dra. Elaine Alves Melo, Dr. Alessandro Boechat Medeiros, Dra. Sandra Quarezemin, Dra. Ana Regina Vaz Calindro e Dra. Juliana Barros Nespoli por aceitarem apreciar este trabalho. É uma honra contar com a avaliação de cada um de vocês, professores tão renomados em suas respectivas áreas. Espero, em um dia, ser metade do pesquisador que vocês são.

Por fim, sou grato a todos que me querem bem!

RESUMO

ALVES, M. G. **A sintaxe dos advérbios altos, mediais e baixos no português do Brasil: uma análise cartográfica**. Rio de Janeiro, 2025. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2025.

Neste trabalho, adota-se o entendimento de que AdvPs são especificadores de projeções funcionais rigidamente ordenados que constituem a Hierarquia Universal (doravante HU) (Cinque, 1999). Na HU, faz-se menção a AdvPs altos, mediais e baixos, caracterizados por diferentes propriedades sintáticas e semânticas nas línguas naturais. Frente a isso, o objetivo geral deste trabalho é contribuir para a descrição da sintaxe adverbial das línguas naturais. Os objetivos específicos são: 1) identificar restrições de modificação e linearização de advérbios altos, mediais e baixos da HU de Cinque (1999) em sentenças do português do Brasil (doravante PB) com verbos temáticos flexionados, 2) investigar as leituras desencadeadas por advérbios altos, mediais e baixos dessa hierarquia em distintas posições nessas sentenças, 3) propor novos testes diagnósticos de advérbios altos, mediais e baixos nessas sentenças e 4) investigar itens candidatos a advérbios altos, mediais e baixos em sentenças do PB com verbos temáticos flexionados. Adotam-se Julgamentos de Gramaticalidade como metodologia específica desta tese. Em relação ao primeiro e segundo objetivos específicos, os resultados encontrados apontam para o entendimento de que AdvPs da HU podem ser subespecificados no traço que carregam. Em relação aos AdvPs classificados como altos, propõe-se que os seguintes AdvPs sejam compatíveis com mais de um traço no léxico funcional do PB: 1) "francamente" ([+declarativo], [+modo]), 2) "uma vez" ([+passado], [+repetição]), 3) "então" ([+futuro], [+evidencial], [+*frame*]). Sobre os AdvPs classificados como mediais, propõe-se que os seguintes AdvPs sejam subespecificidados: 1) "normalmente" ([+habitual], [+modo]), 2) "tendencialmente" ([+tendencial], [+modo]), 3) "novamente" ([+repetição do evento], [+repetição do processo]), 4) "frequentemente" ([+frequência do evento], [+frequência do processo]), 5) "com gosto" ([+volição], [+modo]), 6) rapidamente ([+aceleração do evento], [+aceleração do processo]). Em relação aos AdvPs baixos, propõe-se que estes AdvPs sejam compatíveis com mais de um traço no léxico funcional: 1) "agora mesmo" ([+retrospecção], [+aproximação]), 2) "brevemente" ([+duração], [+aproximação]), 3) "quase" ([+prospecção], [+completude]) e 4) "bem" ([+avaliação], [+modo]). Além disso, propõem-se testes para identificação dessas leituras: 1) Teste do Cancelamento, 2) Teste da Substituição, 3) Teste do Acarretamento e 4) Teste da Coocorrência. Suplementarmente, para a identificação da leitura de modo em AdvPs, são adotados mais dois critérios: 1) Teste da Paráfrase por "de forma X" e 2) Teste da Precedência. Em termos derivacionais das sentenças em PB, adota-se que se checa o traço de projeções hierarquicamente mais altas do que $T_{Anterior}P$ na HU por simples soldagem e Checa-se o traço de projeções hierarquicamente mais baixas do que $T_{Anterior}P$ por movimento do verbo e movimento sintagmático do VP. Sobre o terceiro objetivo, foram propostos três testes para diferenciar tais AdvPs: 1) Teste da Resposta Elíptica, 2) Teste de Modificação Direta em Nomes e 3) Teste de Modificação Direta de APs graduados. Finalmente, sobre o quarto objetivo, apontaram-se novos candidatos a AdvPs da HU por meio de testes semânticos e de testes sintáticos. Tais resultados contribuem para o entendimento de advérbios enquanto uma classe derivada e heterogênea.

Palavras-chave: Advérbios, Movimento do Verbo, Cartografia Sintática, Diagnósticos para a altura de advérbios, Português do Brasil

ABSTRACT

ALVES, M. G. **The syntax of high, medial and low adverbs in Brazilian Portuguese: a cartographic approach**. Rio de Janeiro, 2025. Dissertation (Doctorate Degree in Linguistics) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2025.

This study assumes that AdvPs are specifiers of functional projections that are rigidly ordered and constitute the Universal Hierarchy (UH) (Cinque, 1999). Within the UH, a distinction is drawn between high, medial, and low AdvPs, which display different syntactic and semantic properties across natural languages. Against this background, the general aim of this dissertation is to contribute to the description of adverbial syntax in natural languages. Specifically, it seeks to (i) identify restrictions on the modification and linearization of high, medial, and low adverbs from Cinque's (1999) UH in Brazilian Portuguese (BP) sentences with inflected thematic verbs, (ii) investigate the interpretations triggered by high, medial, and low adverbs when occurring in different positions in such sentences, (iii) propose new diagnostic tests for high, medial, and low adverbs, and (iv) examine items that qualify as candidates for high, medial, and low adverbs in BP. Grammaticality Judgments are adopted as the methodological tool of this dissertation. The results related to the first two objectives indicate that AdvPs in the UH may be underspecified with respect to the criterial feature they bear. In the class of high AdvPs, *francamente* 'frankly' is compatible with [+declarative] and [+manner], *uma vez* 'once' with [+past] and [+repetition], and *então* 'then' with [+future], [+evidential], and [+frame]. Among medial AdvPs, *normalmente* 'normally' combines [+habitual] and [+manner], *tendencialmente* 'tendentially' [+tendential] and [+manner], *novamente* 'again' [+event repetition] and [+process repetition], *frequentemente* 'frequently' [+event frequency] and [+process frequency], *com gosto* 'willingly' [+volition] and [+manner], and *rapidamente* 'quickly' [+event acceleration] and [+process acceleration]. Low AdvPs are likewise shown to be compatible with more than one feature, namely *agora mesmo* 'just now' [+retrospection] and [+approximation], *brevemente* 'shortly' [+duration] and [+approximation], *quase* 'almost' [+prospection] and [+completiveness], and *bem* 'well' [+evaluation] and [+manner]. Four diagnostic tests are proposed to identify these readings (Cancellation, Substitution, Entailment, and Co-occurrence), complemented by two criteria for manner readings (paraphrasability with *"an X manner"* and precedence). From a derivational perspective, features of projections hierarchically higher than TAnteriorP in the UH are checked by simple Merge, whereas features of lower projections are checked via verb movement and VP phrasal movement. Finally, with respect to the third and fourth objectives, the results support a tripartite conception of the UH, in which high, medial, and low AdvPs constitute distinct natural classes with respect to their syntactic behavior, further distinguished by the Elliptical Answer Test, the Direct Modification of Nouns Test, and the Direct Modification of Gradable APs Test, thereby contributing to the view of adverbs as a derived and heterogeneous class.

Keywords: Adverbs, Verb Movement, Syntactic Cartography, Diagnostics for Adverb Height, Brazilian Portuguese

SUMÁRIO

1 **INTRODUÇÃO**.....p.12

2 **A SINTAXE GERATIVA E A ARQUITETURA DA GRAMÁTICA**……...…….....p.17

2.1 O PROGRAMA MINIMALISTA E A CONSTRUÇÃO DA SENTENÇA…..…….p.17

2.2 A CARTOGRAFIA SINTÁTICA E SEUS PRESSUPOSTOS…….……p.23

3 **ADVÉRBIOS**……..……p.27

3.1 DA DEFINIÇÃO DE ADVÉRBIOS EM PERSPECTIVAS DISTINTAS…..…….....p.28

3.1.1 A perspectiva tradicional…….……...…p.28

3.1.2 A perspectiva descritiva…….……...…..p.40

3.1.3 A perspectiva estruturalista…….……..…..p.48

3.1.4 A perspectiva gerativista…….……....p.53

3.1.4.1 Advérbios como núcleos…….....p.55

3.1.4.2 Advérbios como complementos…….p.57

3.1.4.3 Advérbios como especificadores…….…….....p.58

3.1.4.4 Advérbios como adjuntos…….……..p.60

3.1.4.5 Justificativa da proposta analítica adotada: Advérbios como especificadores.....p.74

3.1.5 Perspectivas em contraste…….....p.77

3.2 O TRATAMENTO DOS ADVÉRBIOS NA CARTOGRAFIA SINTÁTICA…….....p.79

4 A SINTAXE DOS ADVÉRBIOS ALTOS NO PB……....….....p.94

4.1 DA NATUREZA DOS ADVÉRBIOS ALTOS…….....p.94

4.2 DIAGNÓSTICOS PARA RECONHECIMENTO DE ADVÉRBIOS ALTOS…….p.108

4.3 AS LINEARIZAÇÕES E AS LEITURAS DE ADVÉRBIOS ALTOS……...…….p.134

4.4 CANDIDATOS A ADVÉRBIOS ALTOS…….…….....p.146

5 A SINTAXE DOS ADVÉRBIOS MEDIAIS NO PB……p.160

5.1 DA NATUREZA DOS ADVÉRBIOS MEDIAIS……..p.160

5.2 DIAGNÓSTICOS PARA RECONHECIMENTO DE ADVÉRBIOS MEDIAIS……..…p.181

5.3 AS LINEARIZAÇÕES E AS LEITURAS DE ADVÉRBIOS MEDIAIS……p.206

5.4 CANDIDATOS A ADVÉRBIOS MEDIAIS…….……..……..p.219

6 A SINTAXE DOS ADVÉRBIOS BAIXOS NO PB……p.238
6.1 DA NATUREZA DOS ADVÉRBIOS BAIXOS p.238
6.2 DIAGNÓSTICOS PARA RECONHECIMENTO DE ADVÉRBIOS BAIXOS…….p.268
6.3 AS LINEARIZAÇÕES E AS LEITURAS DE ADVÉRBIOS BAIXOS……p.289
6.4 CANDIDATOS A ADVÉRBIOS BAIXOS……..…..…...…p.303

CONSIDERAÇÕES FINAIS……..…….……...…p.322

REFERÊNCIAS……...…….…...…p.331

APÊNDICE A……...…….p.338

APÊNDICE B……p.351

APÊNDICE C…….…...p.381

“O advérbio mente gramaticalmente”

(Celso Novaes - Versos que mentem)

1 INTRODUÇÃO

Na faculdade da linguagem, há diversas propriedades que caracterizam o conhecimento linguístico humano, como, por exemplo, o reconhecimento das classes de palavras e, mais especificamente, de advérbios. Chomsky (1965, p. 219, tradução minha) reconhece que "os advérbios são um sistema rico e ainda relativamente inexplorado, e, portanto, qualquer coisa que digamos sobre eles deve ser considerada bastante provisória". A despeito do tempo de quase sessenta anos transcorrido desde tal afirmação, no âmbito da teoria gerativa, a classe dos advérbios, em relação a outras classes, ainda representa um terreno frutífero para investigação.

Na gramática gerativa, há diferentes propostas de análise para a classe dos advérbios. Destaca-se, entre tais abordagens, o entendimento de que advérbios são especificadores de projeções funcionais de tempo, modo, aspecto, modalidade e voz. Nesse contexto, trabalhos como os de Cinque (1999; 2004; 2006) e Laenzlinger (1999) ganham destaque ao apontarem projeções que alocam advérbios em posição de especificador no *Middlefield* (ou espaço do *Inflectional Phrase* – IP). Tais trabalhos fazem parte de um importante empreendimento de pesquisa, que ganhou relativa expressão na década de 90 do século XX: a Cartografia Sintática.

De acordo com Cinque e Rizzi (2008), o objetivo do programa cartográfico é desenhar mapas precisos e detalhados das configurações sintáticas referentes ao conhecimento linguístico humano (Rizzi, 1997; Cinque, 1999; 2004; 2006; 2010; Tescari Neto, 2013). Assume-se, em tal programa, a uniformidade de estruturas sintáticas entre as línguas, ou seja, considera-se que todas as línguas compartilham a mesma estrutura funcional subjacente. Entende-se, assim, que as línguas possuem uma rica camada lexical, referente à codificação de informações de natureza temática, uma complexa camada flexional, que descreve, por exemplo, informações de tempo e de aspecto, e, ainda, uma desenvolvida camada periférica, que descreve, por exemplo, informações de tópico e foco nas mais diversas línguas.

Cinque (1999)[1] divide, em princípio, os advérbios em altos e baixos e utiliza como critério para tal divisão o local de subida do particípio passado ativo em italiano no espaço da

[1] Em Cinque (1999), alguns sintagmas considerados nesta tese, como, por exemplo, $Asp_{Tardivo}P$ e $Asp_{Predisposicional}P$, não são diretamente apresentados como integrantes da Hierarquia Universal de Projeções Funcionais. Na verdade, tais sintagmas são apresentados como possíveis candidatos a figurar tal hierarquia, possuindo, assim, o estatuto de uma conjectura teórica. Em propostas mais recentes (cf. Cinque, 2006), entretanto, estes são apresentados como integrantes da Hierarquia. Em virtude do fato de que, em Cinque (1999), tais sintagmas já são apresentados como conjecturas, optou-se, neste trabalho, por contemplá-los. Tal justificativa se estende a outros eventuais sintagmas que não são arrolados explicitamente na Hierarquia de Cinque (1999), mas que são estudados nesta tese. Adota-se, assim, a versão da hierarquia de Cinque (1999), com eventuais amadurecimentos da hierarquia de Cinque

camada flexional (ou *Middlefield*). Enquanto advérbios altos são linearizados à esquerda do particípio passado ativo, advérbios baixos são linearizados à direita desta forma verbal em italiano. Empregando dados de subida do verbo no italiano e no cosentino, Ledgeway e Lombardi (2005) também adotam uma classificação bipartida do *Middlefield*. Tescari Neto (2019; 2022c), ao analisar a altura do movimento do verbo pelo *Middlefield* no português do Brasil, no português de Angola e no português de Moçambique, divide o *Middlefield*, e, consequentemente, os advérbios alocados em posição de especificadores das projeções funcionais de seus sintagmas, em três zonas: 1) alta, 2) média e 3) baixa.

Em relação a advérbios altos, comumente se faz referência ao seguinte subconjunto de projeções: (francamente) $Modo_{Ato\ de\ fala}$ > (surpreendentemente) $Modo_{Mirativo}$ > (felizmente) $Modo_{Avaliativo}$ > (supostamente) $Modo_{Evidencial}$ > (provavelmente) $Mod_{Epistêmico}$ > (uma vez) $T_{Passado}$ > (então) T_{Futuro} > (talvez) $Modo_{Irrealis}$ > (necessariamente) $Mod_{Necessidade}$ > (possivelmente) $Mod_{Possibilidade}$.

No que se refere aos advérbios mediais, faz-se comumente menção às projeções: (normalmente) $Asp_{Habitual}$ > (finalmente) $Asp_{Tardivo}$ > (tendencialmente) $Asp_{Predisposicional}$ > (novamente) $Asp_{Repetitivo(I)}$ > (frequentemente) $Asp_{Frequentativo(I)}$ > (com gosto) $Mod_{Volitiva}$ > (rapidamente) $Asp_{Acelerativo(I)}$ > (já) $T_{Anterior}$ > (não ... mais) $Asp_{Terminativo}$ > (ainda) $Asp_{Continuativo}$ > (sempre) $Asp_{Contínuo}$. Tais itens possuem um comportamento heterogêneo frente às propriedades sintáticas de outros advérbios, ora se comportando como altos, ora como baixos[2].

Finalmente, em relação a advérbios baixos, referenciam-se as projeções: (agora mesmo) $Asp_{Retrospectivo}$ > (dentro em breve) $Asp_{Aproximativo}$ > (brevemente) $Asp_{Durativo}$> (caracteristicamente) $Asp_{Genérico/Progressivo}$ > (quase) $Asp_{Prospectivo}$ > (de repente) $Asp_{Incoativo(I)}$ > (obrigatoriamente) $Mod_{Obrigação}$ > (à toa) $Asp_{Frustrativo}$ > (?) $Asp_{Conativo}$ > (completamente) $Asp_{SingCompletivo(I)}$ > (tudo) $Asp_{PlurCompletivo}$ > (bem) Voz > (rápido) $Asp_{Acelerativo(II)}$ > (do nada) $Asp_{Incoativo(II)}$ > (de novo) $Asp_{Repetitivo(II)}$ > (frequentemente) $Asp_{Frequentativo(II)}$ > (completamente) $Asp_{SgCompletlve(II)}$. Tais advérbios, em geral, teriam um comportamento sintático oposto ao dos advérbios altos nas línguas naturais.

Sobre as propriedades dos advérbios altos, convém apontar os testes de altura de advérbios propostos por Bellert (1977) e Casteleiro (1982). Segundo esses autores, para identificar um advérbio como alto (ou sentencial), recorre-se ao seguinte conjunto de testes: (i)

(2006). Aponta-se que tais amadurecimentos já eram apresentados como conjecturas em Cinque (1999). Por esse motivo, considera-se que não haja um comprometimento metodológico para este trabalho na adoção explícita de conjecturas já arroladas em versões anteriores da hierarquia.

[2] Por esse motivo, consideram-se tais AdvPs como mediais. Além disso, não parece ser tão claro na literatura especializada o que venha a ser um AdvP medial. Por isso, são avaliados tais itens neste trabalho.

advérbios altos possuem mobilidade e interagem linearmente com escopo, isto é, podem atribuir escopo estrito a constituintes a sua direita ou escopo ampliado ao VP/oração ((Felizmente) o Flamengo (felizmente) ganhou (felizmente) o campeonato (felizmente)), (ii) advérbios altos servem como resposta de perguntas polares (P: A Ana chegou?/ R: Felizmente[3]), (iii) advérbios altos não podem ser focalizados em construções "é que" (*Foi felizmente que o Flamengo ganhou o campeonato) e (iv) advérbios altos não podem ser o foco de uma sentença negativa marcada com "senão" (*A Ana não chegou a casa senão felizmente). Tescari Neto (2013) propõe ainda que advérbios altos não podem ser recuperados, em contexto de elipse verbal[4], por uma lacuna e a única interpretação possível para a lacuna é a associada à construção de objeto nulo, de modo que, em uma sentença como "O João comprou provavelmente uvas e a Ana também comprou", a interpretação de "a Ana também" seria apenas de que "existe um evento de comprar uvas, do qual a Ana é agente e uvas é tema".

Muller de Oliveira (1993) também propõe um conjunto de testes para a identificação de advérbios sentenciais, que tradicionalmente tomam escopo sob a oração e são tidos como altos: (i) advérbios sentenciais não podem ser negados (*O Pedro não provavelmente bebeu vinho/ O Pedro não em vão bebeu vinho[5]), (ii) advérbios sentenciais não podem ser focalizados em sentenças clivadas (*Foi provavelmente que o Pedro bebeu vinho/ Foi em vão que o Pedro bebeu vinho), (iii) advérbios sentenciais não podem ser resposta de perguntas abertas introduzidas por termos Wh (Como o Pedro bebeu vinho? *Provavelmente/ Como o Pedro bebeu vinho? Em vão) e (iv) advérbios sentenciais não podem ser focalizados em perguntas (*Foi provavelmente que o Pedro bebeu vinho?/ Foi em vão que o Pedro bebeu vinho?). Tescari Neto (2022a), ao reinterpretar os testes de identificação de "advérbios sentenciais" propostos por Muller de Oliveira (1993), argumenta que, na verdade, tais testes apontam para a altura que determinados advérbios podem ocupar nas projeções funcionais. Portanto, "advérbios sentenciais" não existiriam de fato, uma vez que seriam um epifenômeno de advérbios altos ou de advérbios que são alçados a uma posição linearmente mais alta nas línguas naturais.

Austin, Engelberg e Rauh (2004, p. 6, tradução minha) consideram que uma teoria acerca da sintaxe adverbial deve ser capaz de responder às seguintes perguntas:

---

[3] Nas sentenças entre parênteses, o advérbio "felizmente" é tido como alto por ser especificador do sintagma funcional $\text{Modo}_{\text{Avaliativo}}$P.

[4] Tal assunção também se aplica a línguas que, além de contar com este fenômeno, têm movimento do V mas limitado à zona baixa/medial.

[5] Os exemplos apresentados neste parágrafo dentro dos parênteses com a expressão adverbial "em vão" cumprem a função de estabelecer o contraste de comportamento entre "provavelmente", advérbio alto, e "em vão", expressão adverbial baixa. É importante considerar que, ao longo deste trabalho, os termos "advérbio" e "expressão adverbial" serão utilizados de forma intercambiável.

> 1) “Em quais linearizações os advérbios e os adjuntos adverbiais ocorrem dentro de estruturas sintáticas e como são licenciados lá?, 2) Que tipo de operações de movimento para adjuntos adverbiais ou outras partes da oração estão envolvidas na geração de sua linearização apropriada? e 3) Quais classes de adjuntos adverbiais precisam ser distinguidas por motivos sintáticos e semânticos?”.

Tais autoras adicionam mais uma questão: em quais domínios (nominal, verbal, adjetival etc.) pode haver modificação adverbial? Há, assim, um debate e, consequentemente, uma lacuna, referente a todas essas questões, a ser preenchida nos estudos de sintaxe adverbial de perspectiva cartográfica, especialmente quando aplicados ao português do Brasil (doravante PB), justificando a existência deste trabalho.

Frente a isso, o objetivo geral desta tese é contribuir para a descrição da sintaxe adverbial das línguas naturais. Os objetivos específicos são: 1) identificar restrições de modificação, linearização e de domínio de advérbios altos, mediais e baixos da hierarquia de Cinque (1999) em sentenças do português do Brasil (doravante PB) com verbos temáticos flexionados, 2) investigar as leituras desencadeadas por advérbios altos, mediais e baixos dessa hierarquia em distintas posições nessas sentenças, 3) propor novos testes diagnósticos de advérbios altos, mediais e baixos nessas sentenças e 4) investigar itens candidatos a advérbios altos, mediais e baixos em sentenças do PB com verbos temáticos flexionados. A metodologia deste estudo consiste na análise de dados de introspecção, por meio de Teste de Julgamento de Gramaticalidade, de sentenças do PB com predicadores verbais temáticos finitos. Optou-se por, além de se empregarem dados de introspecção nesta pesquisa, considerar eventuais dados extraídos do *corpus online* gratuito Corpus do Português.

Esta tese se divide em seis capítulos. No capítulo 2, serão exploradas a arquitetura da gramática e a construção da sentença à luz da Sintaxe Gerativa de forma ampla e, mais especificamente, do empreendimento cartográfico. No capítulo 3, serão resenhadas propostas de análise distintas em relação aos advérbios no âmbito das teorias linguísticas e da gramática normativa[6]. No capítulo 4, a sintaxe dos advérbios altos em PB será explorada, por meio da proposição de novos diagnósticos de reconhecimento de tais advérbios, da investigação de linearizações e leituras possíveis na sentença e do reconhecimento de itens candidatos a advérbios altos no PB. No capítulo 5, explorar-se-á a sintaxe dos advérbios mediais em PB, a

[6] É importante apontar que o objetivo do capítulo 3 se justifica por dois motivos: 1) a necessidade de análise da evolução do pensamento gramatical e de suas relações de interface com as teorias linguísticas e 2) a sistematização das propriedades adverbiais, proposta ao cabo desta tese, possui maior ou menor relação com a análise de alguns gramáticos apontados no capítulo 3.

partir da proposição de testes diagnósticos de reconhecimento destes, da investigação das linearizações e leituras desencadeadas e também da análise de candidatos a advérbios mediais no PB. No capítulo 6, a sintaxe dos advérbios baixos em PB será explorada, de forma que serão propostos novos testes diagnósticos de reconhecimento de tais advérbios, avaliadas as linearizações e leituras possíveis desencadeadas por esses advérbios nas sentenças e apontados novos candidatos a advérbios baixos em PB. Finalmente, são apresentadas as considerações finais.

2 A SINTAXE GERATIVA E A ARQUITETURA DA GRAMÁTICA

Sabe-se que, para haver o efetivo entendimento de um fenômeno linguístico, é necessário contemplar diferentes níveis de análise, a saber: o observacional, o descritivo e o explicativo. Entende-se como nível de adequação observacional a efetiva constatação de existência de tal fenômeno em determinado sistema, ao passo que se compreende como nível

de adequação descritiva o apontamento das características principais que o definem. Finalmente, assume-se como nível de adequação explicativa a elucidação de um conjunto de hipóteses e previsões capazes de contemplar a representação cognitiva linguística desse fenômeno. Sendo assim, considera-se que qualquer explanação acerca das características da linguagem preconiza a adoção de uma teoria linguística. Adota-se, neste trabalho, a teoria gerativa, pelo fato de que se assume a existência de um componente computacional regido por princípios especificamente linguísticos que atua na representação mental do conhecimento de linguagem. Diferentemente de outras teorias que adotam uma hipótese de que a linguagem seria explicada apenas por princípios cognitivos gerais, a proposta gerativa assume que princípios primariamente linguísticos possam atuar na angulação cognitiva do conhecimento linguístico.

No âmbito desta proposta, a teoria gerativa se aproxima de uma proposta racionalista-crítica da cognição humana. Neste entendimento, há conceitos e operações inatos, que descrevem o conhecimento humano que são disparados por operações experienciais. Supera-se, portanto, o problema *nature* (natureza) x *nurture* (desenvolvimento experiencial), ao se assumir que um entendimento puramente racionalista ou até mesmo empirista seria insuficiente para explicar as operações mentais atuantes na arquitetura do conhecimento de linguagem.

2.1 O PROGRAMA MINIMALISTA E A CONSTRUÇÃO DA SENTENÇA

Desde sua formulação, a teoria gerativa já assumiu diferentes abordagens, a saber: *Kernel and Tags* (Chomsky, 1957), Teoria Padrão (Chomsky, 1965), Teoria Padrão Estendida (Chomsky, 1975; 1980), Teoria da Regência e Ligação (Chomsky, 1981), Modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981; 1986) e o Programa Minimalista (Chomsky, 1995). Convém explicitar que a teoria atual é a Teoria de Princípios e Parâmetros, cuja primeira versão foi a Teoria da Regência e Ligação. O Programa Minimalista, como se observa em seu rótulo, ainda faz parte da Teoria de Princípios e Parâmetros. Por isso, opta-se pelo emprego do termo "abordagem". Na abordagem mais recente da Teoria de Princípios e Parâmetros, conhecida como Programa Minimalista (doravante PM), propõe-se um modelo de gramática composto por quatro componentes principais: Léxico, Sistema Computacional, Forma Fonológica e Forma Lógica. Chomsky (1995), ao apresentar o PM, enfatiza a importância dos princípios de economia derivacional para a compreensão do conhecimento linguístico humano. Comparando o PM com a teoria de *Government and Binding* ("Regência e Ligação") (doravante GB), Chomsky (1995) introduz modificações que visam a atender esses princípios econômicos.

Uma das principais mudanças foi o refinamento das concepções de estrutura profunda e superficial da teoria GB, propondo a eliminação dessas estruturas em favor de duas operações fundamentais da linguagem: *merge* (combinar) e *move* (mover). No entanto, essa abordagem enfrenta três desafios: a) como atribuir papéis temáticos sem a estrutura profunda? b) como atribuir casos gramaticais sem a estrutura superficial? e c) como explicar a variação[7] entre línguas sem um nível representacional como a estrutura superficial?

Para resolver a questão a), foi formulado o Princípio de Atribuição de Papéis Temáticos (TRAP), que prevê a atribuição de papéis temáticos através da operação *merge*. Para o questionamento em b), sugeriu-se que, em vez de um processo de atribuição de caso, seria mais eficiente postular um processo de checagem de caso, em que os itens lexicais já entram na derivação com traços de caso (como nominativo ou acusativo) e esses traços são apenas verificados em posições específicas através de, por exemplo, movimentos. Quanto ao questionamento em c), Chomsky (1995) estabelece uma distinção entre traços fortes e fracos, que afetam a variação interlinguística. Traços fortes devem ser processados antes da etapa de *spell-out* (enviando a sentença às formas lógica e fonológica), enquanto traços fracos são processados após *spell-out*, permitindo movimentos encobertos.

Dessa forma, as línguas diferem na força dos traços funcionais que possuem e nos tipos de movimento gerados. No contexto do PM, propõe-se a existência de um módulo lexical, onde um conjunto de traços subjacentes define os itens lexicais de uma língua específica. Há a seleção dos traços relevantes do léxico para formar o objeto gramatical durante a derivação. Por fim, a operação *merge* combina esses traços especificados nos itens lexicais, unindo-os em um único conjunto. Além disso, a operação *move* permite descrever casos em que itens lexicais são interpretados em posições diferentes das quais foram inicialmente combinados.

Após as etapas de seleção, concatenação e movimento de constituintes, ocorre uma fase crucial na qual os traços fortes – aqueles que não podem ser enviados diretamente aos componentes de interface com os sistemas de desempenho – são computados. Essa fase da derivação é conhecida como *spell-out*. Depois do *spell-out*, a derivação é enviada aos componentes de Forma Fonética (*Phonetic Form* – PF) e Forma Lógica (*Logical Form* – LF). Entre o *spell-out* e a LF, para o Programa Minimalista, podem ocorrer movimentos encobertos, ou seja, movimentos que não se manifestam foneticamente (contra Kayne, 1998).

[7] Convém salientar que se emprega o termo variação nesta tese como sinônimo de alternância. Não se intenciona se comprometer, assim, com estudos variacionistas.

No componente lexical, há itens lexicais e itens funcionais. Enquanto estes são responsáveis pela veiculação de relações gramaticais na sentença, como, por exemplo, a flexão, aqueles contribuem para a veiculação do significado nocional da sentença. Além disso, itens funcionais efetuam apenas seleção categorial (c-seleção), ao passo que itens lexicais efetuam seleção categorial (c-seleção) e seleção semântica (s-seleção). Dessa forma, em uma sentença como "A Maria viajou", o predicador verbal "viajar" é um item lexical pelo fato de c-selecionar como argumento externo um sintagma determinante (doravante DP) "A Maria" e s-selecionar como argumento externo um termo agentivo e animado ("A Maria"). O determinante "A" é, contudo, um item funcional, pelo fato de c-selecionar como argumento interno um sintagma nominal (doravante NP) "Maria", sem impor restrições semânticas ao significado do nome. Observa-se, ainda, que a flexão "-ou" c-seleciona apenas um sintagma verbal (doravante VP) e não impõe qualquer restrição semântica referente ao significado do verbo.

Existem traços formais no Léxico que definem itens predicadores e não predicadores (ou argumentos). Define-se argumento como um termo saturado que completa um termo insaturada, ao passo que se entende como predicado (ou predicador) um termo insaturado, que necessita de um argumento para saturar sua grade (cf. Frege, 1891, 1892). Existem predicadores monoargumentais, biargumentais e triargumentais. Predicadores monoargumentais c-selecionam e s-selecionam apenas um único argumento e se subdividem de acordo com o tipo de argumento de selecionado. Predicadores monoargumentais inergativos selecionam argumento externo, geralmente de papel temático agentivo, e são resistentes, por exemplo, à ordem VS, como se observa em "A Maria viajou" *vs*. "*Viajou a Maria". Predicadores monoargumentais inacusativos selecionam argumento interno, geralmente de papel temático de tema, e licenciam a ordem VS, como se observa em "As cartas chegaram" *vs*. "Chegaram as cartas". Além disso, o estatuto de inacusatividade de predicadores pode ser constatado a partir da aplicação de outros dois testes, a saber: o Teste do Particípio Absoluto (doravante TPA) e o Teste de Passivas Estativas (doravante TPE). Na sentença "As aulas terminaram", o predicador verbal "terminar" seleciona como argumento interno o DP tema "as aulas", que é alçado à posição de sujeito. Classifica-se tal predicador como inacusativo, pelo fato de que, além de licenciar a ordem VS ("Terminaram as aulas"), é compatível com o TPA ("**Terminadas as aulas**, vamos sair") e com o TPE ("As aulas **estão terminadas**"). Na sentença "As crianças correram", o predicador verbal "correr" seleciona como argumento externo o DP agentivo "as crianças", que é alçado à posição de sujeito da oração. Classifica-se tal predicador como inergativo, pelo fato de que, além de ser resistente à ordem VS ("?Correram as crianças"), é

incompatível com o TPA ("***Corridas as crianças**, elas foram embora") e com o TPE ("*As crianças **estão corridas**")[8].

No âmbito dos predicadores monoargumentais, são incluídos os verbos de alçamento, que não selecionam argumento externo e que têm como argumento interno uma estrutura de predicação. Em uma sentença como "O Pedro parece triste", o predicador adjetival "triste"[9] seleciona como argumento o DP "o Pedro". Tal estrutura de predicação, formada por "O Pedro triste", é conhecida como minioração (ou *Small Clause*)[10]. O verbo "parecer" toma como argumento interno a *Small clause* "o Pedro triste" e, em seguida, por conta da atuação do Princípio da Projeção Estendido[11] (doravante EPP), alça o DP "o Pedro" à posição de sujeito da oração.

---

[8] De acordo com Medeiros (2026, c.p.), é discutível a legitimidade de tal teste quando o verbo não possui componente estativo.

[9] Vide a proposta de Haegeman (1994) resenhada abaixo para um refinamento desta assunção. Como o leitor observará, na verdade, os traços de concordância seriam os verdadeiros responsáveis pela relação de predicação.

[10] Em relação à estruturação interna das *Small Clauses*, é relevante apontar que, no âmbito da GB, Haegeman (1994, p. 124-126) compreende tal estrutura, na verdade, como um nódulo de concordância (AgrP), que poderia ser selecionado como argumento ou ser um adjunto. A motivação desta análise deriva da observação de que a relação de predicação entre os termos que compõem a *Small Clause* é de natureza funcional, haja vista o fato de que, especialmente em línguas românicas, há concordância de gênero e número entre tais itens. No âmbito desta proposta, o núcleo Agr poderia ser preenchido por uma partícula que veicula os traços φ de concordância nominal, ou por uma partícula comparativa e selecionaria como argumentos os sintagmas da predicação. Veja os exemplos abaixo para clarificação:

a. João acha Ana bonita.
b. João considera Pedro (como) um amigo.
c. João foi ao trabalho cansado.

Em a), o predicador verbal "achar" seleciona como argumento externo o DP "João" e como argumento interno o AgrP "Ana bonita". O núcleo do Agr desta projeção é preenchido pela desinência de gênero "–a" e pela desinência de número "Ø" (vide Câmara Jr (1973) para detalhes acerca do sistema flexional do PB) amalgamadas. O DP "Ana" é selecionado como argumento externo do núcleo Agr, ocupando a posição de *Spec*, AgrP e o AP "bonit-"é selecionado como argumento interno deste núcleo, ocupando a posição de complemento. Haveria, segundo Haegeman (1994), um processo de abaixamento do afixo e de incorporação no adjetivo, linearizando "Ana bonita". Em línguas com sistema flexional "pobre", como o inglês, (sob a ótica minimalista, com traços fracos de concordância), o núcleo de Agr seria nulo, salvo os casos de presença de uma partícula comparativa.

Em b), o predicador verbal "considerar" seleciona como argumento externo o DP "João" e como argumento interno o AgrP "Pedro (como) um amigo". A partícula "como" ocupa a posição de núcleo deste AgrP, que seleciona como argumento externo o DP "Pedro" e como argumento interno o DP "um amigo". Perceba que não acarreta prejuízo à gramaticalidade da estrutura da predicação a ausência de realização fonológica do núcleo. No âmbito do Princípio do Silêncio, de Sigurdson (2014) e na análise de Kayne (2005), núcleos podem ser realizados pelo silêncio nas línguas naturais.

Em c), o predicador verbal "ir" seleciona como argumento interno o PP locativo "ao trabalho" e como argumento externo o DP agentivo "João". Conciliando a análise de Haegeman (1994) com a de Mioto, Silva, Lopes (2013), o AgrP "cansado" seria adjungido ao VP. Neste caso, o núcleo Agr, especificado para os traços [+singular] e [+ masculino] seria nulo e selecionaria como argumento interno o AP "cansado" e como argumento externo uma categoria vazia coindexada ao referente "João".

[11] De acordo com o *Extended Projection Principle* (ou Princípio da Projeção Estendido), toda oração possui sujeito.

Além disso, existem predicadores biargumentais, que selecionam tanto argumento interno quanto argumento externo. Em "O João comeu o bolo", o predicador verbal "comer" seleciona como argumento interno o DP "o bolo", de papel temático tema e de caso acusativo. Esse predicador seleciona como argumento externo o DP "o João", de papel temático agentivo e de caso nominativo. Este DP checa caso nominativo ao ser movido para a posição de sujeito da oração.

Por fim, há predicadores triargumentais, que selecionam dois argumentos internos e um argumento externo. Em "A Ana enviou as cartas aos seus amigos", o predicador verbal "enviar" seleciona como primeiro argumento interno o DP de papel temático tema, "as cartas", que checa caso acusativo com o verbo. Este predicador seleciona como segundo argumento interno o sintagma preposicional (doravante PP) de papel temático de alvo ou beneficiário, "aos seus amigos", que checa caso dativo com a preposição. Finalmente, o predicador seleciona como argumento externo o DP agentivo "A Ana", que checa caso nominativo ao ser alçado à posição de sujeito da oração[12].

---

[12] Com base nos exemplos apresentados, o leitor poderia concluir erroneamente que só existem predicadores verbais. Tal conclusão não procede por dois grandes motivos: 1) nem todo verbo é predicador e 2) nem todo predicador é de natureza verbal. É importante dizer que essas assunções em nada corrompem o EPP. Veja os exemplos abaixo para clarificação:

a) Chove no Rio de Janeiro e em São Paulo.
b) Rio de Janeiro e São Paulo chovem muito.
c) A chegada ao Rio de Janeiro foi rápida.
d) A destruição de Roma pelos bárbaros foi catastrófica.
e) A distribuição de comida aos pobres pela ONG foi linda.

Em a), o verbo "chover" não é um predicador, pois não c-seleciona tampouco s-seleciona qualquer item como argumento interno ou argumento externo. Há, contudo, uma operação de adjunção do PP "no Rio de Janeiro e em São Paulo" no domínio verbal, o que contribui para a veiculação de uma circunstância temporal do evento descrito. O EPP, neste caso, é satisfeito pela presença de uma categoria vazia (item sem representação fonética mas com representação sintática) na posição de *Spec*, TP. Em línguas [- pro drop], isto é, que não admitem sujeito nulo, tal categoria é veiculada por um expletivo, como se observa, por exemplo, em inglês "*It rains*" e em francês "*Il pleut*". Em b), entretanto, o EPP é satisfeito por meio de uma operação de movimento. De acordo com Avelar e Galves (2011), a preposição que, em princípio, introduziria o constituinte "Rio de Janeiro e São Paulo" não viria na numeração, pelo fato deste ser de natureza puramente nominal, não haveria, assim, uma operação de apagamento desta preposição. Avelar e Galves (2011) argumentam, assim, que tal constituinte seria alçado da posição de adjunto à posição de sujeito (*Spec*, TP), satisfazendo, assim, o EPP, mesmo sem ser um argumento do verbo. Salienta-se, entretanto, que esta não é uma análise uníssona.

Em c), o predicador adjetival "rápida" (ou, para Haegeman (1994), os traços de concordância nominal) seleciona(m) como argumento externo o DP "A chegada ao Rio de Janeiro". Como observado desde Câmara Jr. (1973), o item "chegada"é de natureza nominal, haja vista a possibilidade de ser anteposto por um determinante. Tal item de natureza nominal seleciona como argumento interno o PP "ao Rio de Janeiro", que recebe o papel temático de Alvo ou de Lugar. Perceba, assim, que há predicação nominal monoargumental. Em d), o predicador "catastrófica" (ou, para Haegeman (1994), os traços de concordância nominal) seleciona(m) como argumento externo o DP "A destruição de Roma pelos bárbaros". O item "destruição" é de natureza nominal e seleciona como argumento interno o PP tema "de Roma" e como argumento externo o PP agentivo "pelos bárbaros". Há, assim, predicação nominal biargumental. Finalmente, em e), o predicador adjetival "linda" (ou, para Haegeman (1994), os traços de concordância nominal) seleciona(m) como argumento externo o DP "A distribuição de comida aos pobres pela ONG". O item "distribuição" é de natureza nominal e seleciona como argumentos internos o PP tema "de comida" e o PP beneficiário "aos pobres" e como argumento externo o PP agentivo "pela ONG". Há, portanto, predicação nominal triargumental.

Em termos derivacionais, em uma sentença como “O João viu a Maria”, o verbo “ver” é selecionado do léxico já formado morfologicamente e com certos traços especificados, como [+passado]. Esse verbo é posicionado no núcleo V e seleciona um DP como seu argumento interno, que deve ser [+concreto], como “a Maria”, já especificado para o traço [acusativo]. Convém ratificar que, no Minimalismo, a atribuição de papéis temáticos ocorre através da operação *merge*, então o DP “a Maria” recebe o papel de tema ao se combinar com o verbo “ver”.

Em seguida, o DP “O João”, já previamente especificado para o caso [nominativo], é inserido no especificador de vP, recebendo o papel temático de agente. Movimentos específicos de checagem de caso são ativados, como o alçamento de tal DP para a posição de sujeito da oração (*Spec*, TP). Finalmente, após o movimento do verbo para checagem de traços no núcleo de TP, a sentença é enviada para sua Forma Fonética (PF), onde recebe sua forma, e para sua Forma Lógica (LF), onde recebe seu significado. Adotando uma representação neodavidsoniana (Parsons, 1990), essa sentença pode ser descrita como: (∃e)[ver(e) & Agente(e, O João) & Tema(e, A Maria) & (∃t)[t<agora & Culm(e, t)]]. Convém salientar que não se intenciona afirmar que Chomsky (1981) adota o mesmo entendimento que os neodavidsonianos acerca da LF.

No Programa Minimalista, é adotado o Princípio da Interpretação Plena, segundo o qual as formas lógica e fonética não contêm elementos diferentes daqueles necessários para os sistemas de desempenho, respectivamente o sistema conceitual-intencional e o sistema articulatório-perceptual. Computações menos econômicas são bloqueadas, mesmo que convergentes, se gerarem símbolos não interpretáveis nos níveis de interface. Além disso, a operação *merge* é considerada mais econômica do que a operação *move*, que é usada como último recurso. É importante diferenciar entre traços interpretáveis, relevantes para os sistemas de interface, e traços não interpretáveis, que não têm relevância para esses sistemas. Assim, em uma sentença como “O João viu a Maria”, seus três constituintes principais possuem as seguintes especificações de traços:

Quadro 1 – **Traços Interpretáveis e Não Interpretáveis**

Traços	**O João**	**-iu**	**A Maria**
Interpretáveis	[Nome], [Terceira pessoa], [Contável]	[Verbo], [passado], [perfectivo]	[Nome], [Terceira pessoa], [Contável]
Não Interpretáveis	[Nominativo]	[Terceira pessoa], [Singular]	[Acusativo]

Fonte: elaboração própria

Traços não interpretáveis são frequentemente denominados traços φ (lê-se "fi"). O caso é considerado um traço não interpretável porque ele é essencialmente um componente sintático, cuja função principal é determinar se certos DPs, por exemplo, podem desempenhar uma função sintática específica. De acordo com o princípio previamente mencionado, esses traços devem ser eliminados antes do *spell-out*, pois não podem ser enviados à LF.

No que diz respeito à concordância verbal de número e pessoa, esses traços também são considerados não interpretáveis, já que representam uma marcação redundante do número e da pessoa de um DP que já possui esses traços especificados. Esse fenômeno é uma consequência direta da presença de um determinante no sintagma ao qual o predicado se refere. A LF não requer essa redundância de marcação de dois conjuntos dos mesmos traços (pessoa e número) para atribuir uma interpretação à estrutura.

O objetivo desta seção foi apresentar as principais características do Programa Minimalista e a arquitetura do conhecimento de linguagem. Na próxima seção, serão pormenorizados os princípios norteadores da Cartografia Sintática, importante empreendimento de pesquisa da Teoria de Princípios e Parâmetros.

2.2 A CARTOGRAFIA SINTÁTICA E SEUS PRESSUPOSTOS

Na segunda metade da década de 1990, surgiu uma nova proposta para a análise das categorias funcionais nas línguas naturais: o projeto cartográfico (Rizzi, 1997; 2001; 2004; Cinque, 1999; 2004; 2006: 2010; 2017; Belletti, 2004). Segundo Cinque (2006, p. 3, tradução minha), esse projeto tinha como objetivo "mapear detalhadamente a estrutura funcional da sentença e seus sintagmas". Com base no Princípio da Universalidade de Chomsky (2001), assume-se que todas as línguas possuem o mesmo conjunto de projeções funcionais, ordenadas rigidamente. A variação entre línguas, nessa perspectiva, pode ser explicada, pelo menos parcialmente, pela parametrização de movimentos específicos.

O empreendimento cartográfico, inserido na Teoria de Princípios e Parâmetros, adota vários axiomas: o *Binary Branching* (Ramificação Binária) (Kayne, 1984), o *Linear Correspondence Axiom* (Axioma da Correspondência Linear) (Kayne, 1994), o Princípio da Interpretação Plena (Chomsky, 1995), o Princípio da Uniformidade (Chomsky, 2001) e o Princípio *One feature, one head* (Decomposicionalidade) (Kayne, 2005). Kayne (1984), ao propor o *Binary Branching*, postula que qualquer nó não terminal pode dominar, no máximo, dois nós filhos. Esse princípio é necessário para evitar ambiguidades na retomada de referentes ou anáforas.

Kayne (1994) apresentou também a Hipótese Assimétrica, sugerindo que apenas estruturas binárias à direita de um constituinte poderiam ser mapeadas linearmente de forma simétrica. Se constituintes são linearizados à esquerda de um núcleo, ter-se-ia um ordenamento assimétrico, ou seja, um espelho do ordenamento simétrico. Dessa forma, todas as línguas inicialmente possuiriam a mesma ordem estrutural de uma língua SVO, como o inglês. Movimentos parametrizados permitiriam derivar sentenças de línguas com ordem de núcleo final. Especificadores e estruturas adjungidas estariam à esquerda do núcleo, enquanto seus complementos estariam à direita. Cada projeção deve conter apenas um especificador. No modelo assimétrico de Kayne (1994), o *Linear Correspondence Axiom* preconiza que há uma relação entre ordem linear e derivação sintática. Sejam W e Y nós não terminais, de forma que W domina w e Y domina y, se w c-comanda assimetricamente y, W precede Y.

Como mencionado na seção anterior, em Chomsky (1995), é proposto o Princípio da Interpretação Plena, que estabelece que, na derivação linguística, não podem ocorrer elementos estranhos às formas lógica e fonética, as quais se relacionam, respectivamente, com o sistema conceitual-intencional e o sistema articulatório-perceptual. Assim, a introdução de uma categoria funcional deve ser justificada internamente pela teoria e pelos requisitos desses sistemas. No projeto cartográfico, todas as projeções funcionais propostas são relevantes para esses sistemas, justificando-se à luz do próprio programa minimalista.

Chomsky (2001) apresenta o Princípio da Uniformidade, que considera que todas as línguas compartilham o mesmo conjunto de projeções funcionais, com o mesmo tipo e ordem. Não há parametrização quanto ao tipo ou ordem dessas projeções funcionais nas línguas, independentemente da especificidade morfológica. Mesmo que uma língua não tenha uma morfologia específica para gramaticalizar determinada projeção, assume-se sua existência e disponibilidade nessa língua. Esse princípio fundamenta a hipótese forte da cartografia sintática, que entende que as línguas podem parametrizar os tipos de movimento que realizam, mas não o tipo e a ordem das projeções funcionais disponíveis na faculdade da linguagem.

Kayne (2005) propõe o Princípio da Decomposicionalidde, que prevê a mononuclearidade de um núcleo, ou seja, a existência de apenas um traço por núcleo a ser verificado por movimento. São proibidas, assim, as operações de checagem de "feixes de traços", como as adotadas em Chomsky (1995). Esse princípio também assume que propriedades semânticas podem ser sintatizadas, tendo realidade no processo de concatenação de uma sentença antes do *spell-out*. Se há evidências de uma determinada categoria funcional em, ao menos, uma língua X e se essa categoria tem relevância semântica, ela será necessariamente representada sintaticamente, por meio de determinadas morfologias ou realizações sintáticas, como o uso de certos advérbios.

Para ilustrar a atuação do Princípio da Decomposicionalidade, serão apresentados três estudos, a saber: Si (2017), Alves (2022) e Alves e Martins (2024). Si (2017) propõe que, no chinês, existem dois tipos distintos de estruturas de posse: 1) posse alienável (não inerente a um ser), como "meu carro", e 2) posse inalienável (inerente a um ser), como "minha mãe". Em chinês, essas estruturas se diferenciam de várias maneiras: 1) o morfema "de" é opcional nas estruturas de posse inalienável, mas obrigatório nas de posse alienável; 2) é possível transformar estruturas de posse alienável em estruturas de cópula, mas isso não ocorre com a posse inalienável; 3) a reescrita de uma estrutura possessiva como DOC (*Double Object Construction* – Construção de Objeto Duplo) é viável para possessivos alienáveis, mas não para inalienáveis; e 4) é possível omitir o possuidor em estruturas alienáveis, mas não nas inalienáveis. Segundo o Princípio da Decomposicionalidade, a existência de formas distintas para expressar posse alienável e inalienável no chinês sugere que esses traços formam projeções diferentes. Si (2017) argumenta que, como as estruturas alienáveis são mais suscetíveis à pragmática e as inalienáveis são mais determinadas pelo léxico, na arquitetura de todas as línguas, PossAlienávelP domina PossInalienávelP, e esses sintagmas são projeções estendidas de um NP.

Alves (2022) e Alves e Martins (2024), ao analisarem a ordem de advérbios adjacentes em inglês, como "*usually still*" (geralmente ainda), "*still almost*" (ainda quase), "*briefly almost*" (brevemente quase), "*briefly suddenly*" (brevemente subitamente), "*still usually*" (ainda geralmente), "*almost still*" (quase ainda), "*almost briefly*" (quase brevemente) e "*suddenly briefly*" (subitamente brevemente), propõem duas posições para o advérbio "*almost*" (quase) e possivelmente para outros advérbios no espaço do IP: uma como especificador de um *Low* AdvP (advérbio baixo) e outra como especificador de DegP (DegreeP - GrauP) de um AdvP.

Alves (2022) e Alves e Martins (2024) sustentam suas afirmações com base em três argumentos: 1) advérbios empilhados formam um constituinte e são compatíveis com estruturas clivadas e pseudoclivadas em inglês; 2) linearizações como "*almost still* + VP" (quase ainda +

VP) mostram que "*almost*" modifica "*still*", não o VP, já que "*almost still* + VP" (quase ainda + VP) não implica "*still almost* + VP" (ainda quase + VP); e 3) o traço associado a advérbios como "*almost*" em posição empilhada a advérbios como "*still*" não é de prospecção, mas sim de modificação/gradualidade. Dado que existem múltiplos traços associados a advérbios como "*almost*" no léxico funcional das línguas naturais (prospecção e modificação/gradualidade) e que há propriedades distintas em construções em que "*almost*" ora indica prospecção, ora modificação/gradualidade, esses dois usos de "*almost*" seriam especificadores de projeções distintas: AdvProspectivoP e DegP. Assim, aplica-se o Princípio da Decomposicionalidade, postulando-se duas projeções distintas mononucleadas, em vez de uma única projeção com múltiplos traços.

Neste capítulo, foram abordadas as principais operações referentes à construção de sentenças nas línguas naturais. Diferenciaram-se as operações de concatenar ("*merge*") e de mover. Além disso, apontaram-se as características do sistema computacional, de forma que se explicitaram as diferentes etapas de derivação da sentença. À vista disso, justifica-se a inclusão de tais informações e deste capítulo em geral pela aplicabilidade de tais conceitos na proposta analítica desta tese, especialmente no que concerne às derivações sintáticas a serem apresentadas. Na próxima seção, apresenta-se uma revisão acerca das principais propostas analíticas dos advérbios, no âmbito de diferentes abordagens.

3 ADVÉRBIOS

Desde, pelo menos, Dionísio da Trácia, o estudo das classes de palavras é desenvolvido com relativa autonomia da filosofia. Em sua *Techné Grammatiké*, Dionísio identifica oito partes do discurso presentes no grego antigo, a saber: 1) nome (*ónoma*), 2) verbo (*rhema*), 3) particípio

(*metoché*), 4) artigo (*árthon*), 5) pronome (*antonymia*), 6) preposição (*próthesis*), 7) advérbio (*epírrhema*) e 8) conjunção (*sýndesmos*). Tal proposta inspirou em maior ou menor extensão alguns gramáticos latinos, como Prisciano e Donato. Em relação aos advérbios, Dionísio considerava tal classe como indeclinável e modificadora de verbos.

Prisciano, em *Institutiones Grammaticae*, adapta a proposta de Dionísio para a língua latina, reconhecendo, assim, as seguintes classes de palavras: 1) nome (*nomen*), 2) verbo (*verbum*), 3) particípio (*participium*), 4) pronome (*pronomen*), 5) advérbio (*adverbium*), 6) preposição (*praepositio*), 7) interjeição (*interiectio*) e 8) conjunção (*coniunctio*). Observa-se que a proposta de Prisciano se diferenciava da proposta de Dionísio apenas em relação à eliminação da classe dos artigos e à introdução da classe de interjeições.

Varrão, diferentemente de Prisciano, não adotou automaticamente o modelo de Dionísio em sua descrição do latim, embora tenha sido inspirado por tal proposta. Utilizando como critério de classificação a marcação de caso morfológico e de tempo, Varrão reconhecia a existência das seguintes classes: 1) nomes, 2) verbos, 3) particípios e 4) conjunções e advérbios. Enquanto a classe dos nomes aceitava marcações de caso e não aceitava de tempo, a classe dos verbos não aceitava marcações de caso e aceitava de tempo. Os particípios licenciavam marcação morfológica de caso e de tempo, ao passo que as conjunções e advérbios não licenciavam nem marcação de caso tampouco de tempo.

Empregando os mesmos padrões das gramáticas greco-romanas, Fernão de Oliveira (1536) e João de Barros (1540) aplicaram a proposta de Dionísio da Trácia e de seus discípulos às gramáticas vernaculares de português europeu. No que concerne especificamente à classe de palavras, Barros (1540) identifica, como partes primordiais de um enunciado, o nome e o verbo. Na proposta do autor, enquanto essas classes seriam nucleares e básicas para o desenvolvimento de um enunciado completo, outras classes, como a dos advérbios e a das preposições, possuiriam menor importância na formulação de sentenças.

Entre os séculos XVIII e XIX, gramáticos como Jerônimo Soares Barbosa, influenciados fortemente pelas reflexões desenvolvidas na gramática de Port-Royal, começaram a questionar a adoção das mesmas classes de palavras da tradição greco-romana às línguas vernaculares, como o português. Dessa forma, enquanto, no grego e no latim, a proposição de uma classe de "particípios" se justificava por imperativos ordinários a essas línguas[13], em português, tal classe não se sustentava. Também em Barbosa (1822), afirma-se

[13] Como, por exemplo, a diferenciação entre particípio presente e particípio passado.

que os advérbios podem modificar qualquer palavra suscetível de modificação, incluindo palavras que não sejam verbos.

No século XIX, Lindley Murray, em sua *English Grammar* (1860), reconhece nove classes de palavras: 1) artigos, 2) substantivos, 3) adjetivos, 4) pronomes, 5) verbos, 6) advérbios, 7) preposições, 8) conjunções e 9) interjeições. Tal autor empregava, na definição de advérbios, um critério sintático de modificação. Sendo assim, para Murray (1860), um advérbio é a parte do discurso que se adjunge ao verbo, ao adjetivo e a outros advérbios. Descarta-se, dessa forma, o entendimento de que advérbios podem modificar nomes.

Observa-se que, desde a primeira sistematização das partes do discurso, os advérbios são tratados como uma classe autônoma, que desempenha um papel na formulação da sentença. Frente a isso, neste capítulo, serão apresentadas e confrontadas diferentes propostas de classificação de advérbios, levando em consideração perspectivas distintas de estudos gramaticais. Na última seção deste capítulo, o tratamento da Cartografia Sintática dado aos advérbios será descrito, bem como a motivação para o adotar nesta tese.

3.1 DA DEFINIÇÃO DE ADVÉRBIOS EM PERSPECTIVAS DISTINTAS

Nesta seção, serão discutidas as diferenças analíticas da classe advérbio em perspectivas distintas, a saber: 1) a tradicional, 2) a descritiva, 3) a estruturalista e 4) a gerativista. Intenciona-se, ainda, promover um contraste entre as principais assunções que balizam essas perspectivas na análise da sintaxe adverbial das línguas naturais.

3.1.1 A perspectiva tradicional

Nesta seção, serão resenhadas as propostas de classificação de advérbios da Nomenclatura Gramatical Brasileira (doravante NGB) (Brasil, 1958), da Nomenclatura Gramatical Portuguesa (doravante NGP) (Portugal, 1967), de Chaves de Melo (1978), de Alves (1984), de Sacconi (1994), de Azeredo (2008), de Cunha e Cintra (2016), de Bechara (2019), de Rocha Lima (2021), e de Mendes de Almeida (2024). Justifica-se a feitura desta breve revisão de propostas classificatórias a partir da assunção de que a gramática tradicional, embora assuma explicitamente seu caráter normativo em suas constatações, possui em maior ou menor extensão um teor descritivo (Tescari Neto; Souza de Paula, 2021). Além disso, reconhece-se o importante papel das gramáticas normativas no ensino de português como língua materna na

formação inicial e continuada dos professores (Tescari Neto; Souza de Paula, 2021), como se constata a partir de Cinque (2018, p. 105-106):

> "Quiçá a melhor solução [para o ensino de gramática na escola] seja assumir uma posição moderadamente tradicional, reexaminando de maneira crítica as definições e categorias propostas nas gramáticas escolares, à luz dos resultados de pesquisas recentes sobre linguagem. As definições e categorias da gramática tradicional estão longe de serem obsoletas. Categorias tais como 'nome', 'verbo', 'adjetivo', 'sujeito' ou classificações de orações como 'relativas', 'causais', 'concessivas' e assim por diante ainda são úteis ao menos como denominações de objetos, nesse caso linguísticos, e podem ser empregadas para pensar a complexidade e a sistematicidade da gramática da própria língua materna, ou de uma língua estrangeira. Lembremos que não são nem análises nem explicações desses 'objetos'; assim, nesse sentido, as categorias da gramática tradicional são não raro incompletas e devem ser utilizadas junto a outras ferramentas. Elas podem, no entanto, servir para uma primeira reflexão sobre linguagem".
> (Cinque, 2018, p. 105-106 *apud* Tescari Neto; Souza de Paula, 2021, p. 114)

Além disso, nas gramáticas tradicionais, há análises relevantes em relação à linearização dos advérbios, suas leituras e sua atuação em diferentes domínios de modificação, o que se aponta relevante para este trabalho. Aponta-se, ainda, o imperativo de se observar a evolução do pensamento gramatical e suas relações de interface com as teorias linguísticas.

A NGB (Brasil, 1958) reconhece, em sua simplificação, sete categorias adverbiais, a saber: 1) advérbios de lugar ("aqui", "lá" etc.), 2) de tempo ("hoje", "amanhã" etc.), 3) de modo ("rapidamente", "cuidadosamente" etc.), 4) de negação ("não"), 5) de dúvida ("talvez", "possivelmente" etc.), 6) de intensidade ("muito", "pouco" etc.) e 7) de afirmação ("sim", "certamente" etc.). Reconhecem-se também neste documento quatro categorias de "advérbios interrogativos", a saber: 1) de lugar ("onde"), 2) de tempo ("quando"), 3) de modo ("como") e 4) de causa ("por que"). Em relação a seu comportamento sintático, a NGB reconhece que alguns advérbios modificam toda a oração, podendo, dessa forma, modificar não apenas o adjetivo, o verbo e o próprio advérbio[14]. Convém apontar que, para este documento, algumas palavras, por não se enquadrarem entre as categorias adverbiais apresentadas, teriam classificação à parte. Em contrapartida, a NGP (Portugal, 1967) adiciona a essa lista de categorias adverbiais outras três: 1) advérbios de ordem ("primeiramente", "depois" etc.), 2) advérbios de exclusão ("exceto", "exclusive" etc.) e 3) advérbios de designação ("eis").

De acordo com Chaves de Melo (1978, p. 104), advérbio é "a palavra que circunstancia ou intensifica a significação de um verbo, de um adjetivo, de outro advérbio, e, em certos casos,

[14] Confira a nota a), da Segunda Parte, página 4, em que se diz que "Podem alguns advérbios estar modificando toda a oração" (Brasil, 1958, p.4).

de um pronome ou de um nome". Assume-se também que advérbios se comportam como adjetivos no que respeita à possibilidade de graduação, licenciando grau comparativo e superlativo. Em sua gramática, o autor diferencia "nome adverbial", uma forma livre, isto é, capaz de comunicação suficiente, como em "Moro **aqui**" de "determinante adverbial", uma forma dependente, incapaz de comunicação suficiente, como no caso dos gradativos, em "**muito** rápida". Em relação a seus valores semânticos, Chaves de Melo (1978) compreende os advérbios em seis categorias: 1) de lugar ("aqui", "cá", "aí" etc), 2) de tempo ("hoje", "amanhã", "ontem" etc), 3) de modo ("bem", "mal", "assim" etc), 4) de dúvida ("talvez", "acaso", "quiçá" etc), 5) de intensidade ("muito", "pouco", "até" etc) e 6) de afirmação ("sim", "certamente", "indubitavelmente" etc).

Chaves de Melo (1978) não considera pertinente a classificação de advérbio de negação, admitida pela NGB. O autor argumenta que advérbios como "não" e suas variantes não exprimem circunstância nem intensidade, já que eles anulam ou desfazem completamente uma proposição. Considera-se que tais palavras arroladas como advérbios de negação sejam descritas como "verbos negativos" (Chaves de Melo, 1978, p. 104), por anularem a eventualidade veiculada pelo verbo.

Além disso, Chaves de Melo (1978, p. 105), influenciado pelos estudos de Sechehaye (1926)[15] e pela própria NGB, reconhece a pertinência da classificação de advérbios oracionais, que modificam todo o enunciado, como em "Felizmente tem chovido bastante este ano". Em sua gramática, o autor reconhece a existência de palavras adverbiadas, locuções adverbiais e advérbios interrogativos. Entende-se como palavras adverbiadas os adjetivos cristalizados no masculino singular que se empregam adverbialmente, como em "falar alto". Denominam-se como locuções adverbiais as combinações de palavras com uso circunstancial, iniciadas, geralmente, por preposições, como em "às escuras". Finalmente, em relação aos advérbios de lugar, de tempo, de modo e de causa que figuram nas interrogativas diretas e as encabeçam, o autor os classifica como "advérbios interrogativos".

Alves (1984), em seu "Prontuário da Língua Portuguesa", assume que o advérbio modifica geralmente o verbo, o adjetivo ou o próprio advérbio. O autor admite, entretanto, que, em raras vezes, podem os advérbios modificarem o substantivo e o pronome, como se observa

[15] Sechehaye (1926), em sua obra *Programme et méthodes de la linguistique théorique: psychologie du langage*, compreende que advérbios são unidades significantes com função na articulação lógica e textual do discurso. Afirma-se que advérbios não seriam apenas termos determinantes e modificadores, mas marcadores atitudinais do falante em relação à proposição. Dessa forma, de maneira pioneira, Sechehaye (1926) compreende que advérbios veiculam um "juízo psicológico" sob o conteúdo proposicional, rompendo, assim, com a tradição antimentalista que caracterizou o Estruturalismo.

em Alves (1984, p. 140): “Era muito ele e muito homem”. No que respeita à sua morfologia, assume-se o sufixo “-mente” como o único formador de advérbios em língua portuguesa, que se junta à forma feminina do adjetivo, como em “assustadoramente”. Admite-se, também, que os advérbios são licenciados em construções de grau comparativo, superlativo e de “grau diminutivo”. Em relação à sua sintaxe, advérbios normalmente se antepõem a adjetivos e advérbios e pospõem-se a verbos. Alves (1984, p. 140) argumenta que “a alteração desta regra geral dá-se quase só em relação ao verbo e mas vulgarmente com certos advérbios”. Finalmente, quanto à sua semântica, o autor considera que advérbios podem se subdividir em onze categorias, a saber: 1) lugar (“abaixo”), 2) tempo (“agora”), 3) modo (“bem”), 4) quantidade ou intensidade (“apenas”), 5) afirmação (“sim”), 6) negação (“jamais”), 7) dúvida (“quiçá”), 8) designação (“eis”), 9) inclusão (“até”), 10) exclusão (“só”) e 11) interrogação (“onde”).

Em Sacconi (1994, p. 252), entende-se advérbio como uma “palavra invariável que modifica essencialmente o verbo, exprimindo uma circunstância”. No âmbito desta classe, destacam-se os advérbios de intensidade, que, na perspectiva do autor, são os únicos que podem modificar, para além do verbo, adjetivos ou advérbios. Admite-se, ainda, que os advérbios de intensidade devem ser analisados, na verdade, como **morfemas de grau**[16], uma vez que, segundo o autor, tais itens não exprimem circunstância alguma. Entende-se que essa análise é dialógica com a proposta de Chaves de Melo (1978) acerca do caráter de forma dependente dos advérbios de intensidade, por não figurarem em contextos de comunicação suficiente (“Como você comeu?”/ R:“*Muito”).

Para Sacconi (1994, p. 252), palavras e locuções que modificam frases não devem ser confundidas com advérbios, já que são arroladas como termos denotativos, pois exprimem um “ponto de vista” ou “estado emocional momentâneo”. Sendo assim, para o gramático, em sentenças como “**Dificilmente** chegaremos a Salvador com esta chuva” e “**Felizmente** chegamos”, os termos em destaque são compreendidos como palavras denotativas, haja vista que não modificam o verbo.

---

[16] Ao se “traduzir” tal entendimento para a proposta gerativa adotada nesta tese, seria possível aventar que intensificadores, sendo morfemas de grau, comportem-se como termos nucleares, não como especificadores. Perceba que, ao se aplicarem os testes de Cardinaletti e Starke (1999), intensificadores não podem: 1) figurar em posições de tópico (“*Muito, eu comi”), 2) não podem figurar em posições de foco (“*Foi muito que eu comi”), 3) não podem ser retomados por pro-formas (“*Muito$_{(i)}$ eu comi isso$_{(i)}$) e 4) não podem ocupar posição pré-verbal (“*Eu muito comi”). Tomando-se tais testes como diagnóstico para o que figura em núcleo e em posição de especificador, é possível apontar que intensificadores não sejam advérbios no sentido estrito do termo, já que não ocorrem em posição de especificador. É possível argumentar que, no espírito da proposta de Martins e Alves (2024), estes nucleiem um DegP, alocado na projeção estendida (Grimshaw, 2000) do termo modificado, figurando, assim, como um morfema de grau.

Em relação aos principais tipos de advérbios, Sacconi (1994) adota uma classificação distinta da NGB (Brasil, 1958), arrolando as seguintes categorias adverbiais: 1) de lugar ("aqui", "ali" etc), 2) de modo ("assim", "adrede" etc), 3) de tempo ("hoje", "amanhã" etc), 4) mde intensidade ("muito", "pouco" etc) e 5) de dúvida ("decerto", "possivelmente" etc). Aponta-se que "quando", "como", "onde" e "por que" são respectivamente advérbios interrogativos de tempo, modo, lugar e causa, sendo licenciados tanto em interrogações diretas quanto em interrogações indiretas.

No que se refere às suas propriedades morfológicas, Sacconi (1994) considera que advérbios são necessariamente invariáveis, não admitindo, assim, desinências. Advérbios licenciam grau comparativo de igualdade ("Elisa anda **tão** depressa **quanto** eu"), de superioridade ("Elisa anda **mais** depressa **do que** eu") e de inferioridade ("Elisa anda **menos** depressa **do que** eu") (cf. Sacconi, 1994, p. 254). Quanto ao superlativo, este pode ser apenas absoluto, subdividindo-se em sintético ("Trabalhar **melhor** às segundas-feiras") e analítico ("Ir **muito bem** nos exames").

Azeredo (2008) considera que advérbio designa uma palavra invariável que é núcleo de um sintagma adverbial. Em relação a seus valores semânticos, o autor diferencia os advérbios em seis classes, a saber: 1) tempo ("cedo"), 2) lugar ("aqui"), 3) intensidade ("muito"), 4) modo ("bem"), 5) dúvida ("talvez") e 6) negação ("não"). Em relação à sua morfologia, Azeredo (2008) considera os advérbios como invariáveis e como itens compatíveis com estruturas de graduação. Em relação a suas propriedades sintáticas, Azeredo (2008, p. 397) considera que "Um advérbio ou um sintagma adverbial é necessariamente constituinte de uma estrutura maior, cujo núcleo acompanha como termo adjacente". Argumenta-se que um advérbio pode desempenhar cinco funções, a saber: 1) adjunto oracional, 2) adjunto verbal, 3) adjunto secundário, 4) adjunto livre e 5) adjunto conjuntivo. Entende-se como adjunto oracional um advérbio constituinte de um período ou enunciado, como em "Provavelmente, choverá hoje", em que o advérbio "provavelmente" modifica todo o conteúdo do enunciado. Entende-se como adjunto verbal um advérbio constituinte de um sintagma verbal, como se observa em "Choverá hoje", em que o advérbio "hoje" modifica diretamente o verbo. Entende-se como adjunto secundário um advérbio constituinte de um sintagma adjetival ou de um sintagma adverbial, como se observa em "Muito provavelmente, choverá hoje", em que o advérbio "muito" modifica diretamente o sintagma adverbial nucleado por "provavelmente", atribuindo-lhe gradualidade. Entende-se como adjunto livre um advérbio adjacente a "qualquer espécie de sintagma" (Azeredo, 2008, p. 396), atribuindo-lhe ênfase ou foco, como em "Meu pai comprou apenas os livros de português e de história", em que o advérbio "apenas" é adjunto não do

sintagma verbal, mas do sintagma nominal imediatamente adjacente. Entende-se como adjunto conjuntivo um advérbio adjacente ao sintagma verbal que estabelece relação lógica com a parte precedente do enunciado, como se observa em "Eles trabalhavam na escola e conheciam, portanto, a diretora" (Azeredo, 2008, p. 396), em que o advérbio "portanto" estabelece uma relação de conclusão em relação à proposição antecedente. Azeredo (2008) propõe, ainda, uma generalização quanto às posições na sentença em que cada tipo de adjunto pode figurar.

No que se refere aos adjuntos oracionais, assume-se que a posição típica seja a de início de enunciado. Entende-se, ainda, que tais adjuntos são dotados de grande mobilidade na sentença, podendo ocorrer no final absoluto e na fronteira entre sintagmas (Sujeito-Adjunto-Verbo/Verbo-Adjunto-Objeto), como se observa em Azeredo (2008, p. 398): "(Sinceramente) eu (sinceramente) não confio (sinceramente) nesse governo (sinceramente)". Quanto ao seu valor discursivo, o autor salienta que, por meio dos adjuntos oracionais, retratam-se o grau de comprometimento do emissor em relação à asserção, o ponto de vista do emissor e o efeito psicológico do enunciado no próprio emissor.

Em relação aos adjuntos verbais, Azeredo (2008) afirma que, por conta da relação de adjunção que promovem diretamente com o sintagma verbal, tais adjuntos possuem menor mobilidade na sentença, ocupando, mais prototipicamente, a posição pós-verbal. Em "Ele caminhou normalmente pelo quarto" (Azeredo, 2008, p. 399), o sintagma adverbial "normalmente" é adjunto do verbo "caminhar", atribuindo-lhe uma circunstância de modo. Quanto a seu valor discursivo, o autor considera que, por meio desses adjuntos, podem-se atribuir ao verbo circunstâncias de modo, intensidade, tempo, lugar, aspecto, causa, coparticipação, finalidade ou até mesmo direção.

No que concerne aos adjuntos secundários, Azeredo (2008) argumenta que são inerentemente de conteúdo avaliativo, exprimindo intensidade, limitação, apreciação e semelhança. Como mencionado, tais adjuntos se adjungem diretamente a sintagmas adjetivais e adverbiais, geralmente à esquerda. Em "esta sala é muito larga", o advérbio "muito" modifica o constituinte adjetival "larga".

No que respeita aos adjuntos livres (ou focalizadores), Azeredo (2008, p. 401) afirma que "situados quase sempre na órbita do SV, esses adjuntos acompanham qualquer espécie de sintagma, que põem em destaque e sobre o qual incidem semanticamente". Não se observa, assim, uma restrição quanto ao tipo de sintagma que pode ser focalizado. Em "Gastão não pagava sequer o cafezinho" (Azeredo, 2008, p. 401), o advérbio "sequer" focaliza o constituinte de natureza nominal que imediatamente o segue, atribuindo uma leitura de limitação.

Finalmente, no que diz respeito aos adjuntos conjuntivos, Azeredo (2008, p. 402) considera que "esses sintagmas pressupõem alguma porção de sentido precedente no discurso ou texto, em relação à qual a porção a que eles se unem expressa". Podem veicular valor de conclusão ("portanto"), de oposição ("contudo"), de retificação ("na verdade"), de confirmação ("realmente"), de paráfrase ("noutras palavras") ou de adição ("além do mais"). Em "Preciso estudar, todavia não tenho tempo", ao contrário da perspectiva mais tradicional (Cunha; Cintra, 2016) de se arrolar "todavia" como conjunção, Azeredo (2008) o compreende como um adjunto conjuntivo de oposição.

Cunha e Cintra (2016) consideram o advérbio como fundamentalmente[17] um modificador de verbo. Tais autores afirmam ainda que apenas uma subclasse dos advérbios, os de intensidade, pode atuar como modificador de um adjetivo e de um advérbio. Cunha e Cintra (2016) também adotam a classificação da NGB, diferenciando, contudo, advérbios interrogativos de advérbios relativos. Para os autores, advérbios interrogativos são classificados dessa forma por se empregarem em perguntas diretas e indiretas, contribuindo com a veiculação de uma circunstância de causa, de lugar, de modo e de tempo. Advérbios relativos se diferenciariam dos interrogativos por desempenharem normalmente a função de adjunto adverbial em contexto de relativização, como em "a casa onde moro".

Em relação à colocação *default* de advérbios em sentenças da língua portuguesa, Cunha e Cintra (2016, p. 559-560) consideram que: 1) advérbios de intensidade, que modificam um adjetivo ou um particípio, antecedem obrigatoriamente estes ("o teu pai está **muito mal**"), 2) advérbios de modo linearizam-se normalmente após o verbo ("ela ouvia-o **atentamente**"), 3) advérbios de tempo e de lugar podem ser linearizados antes ou depois do verbo ("**De manhã**, acordei **cedo**/ **Aqui outrora** retumbaram hinos/ Há de ficar **aqui**") e 4) advérbios de negação antecedem sempre o verbo ("Então **não** se cava a terra").

Convém explicitar a proposta de Bechara (2019) acerca da sintaxe dos advérbios em língua portuguesa. Compreende-se advérbio, segundo o autor, como uma expressão modificadora que veicula uma circunstância e desempenha na oração a função de adjunto adverbial. Considera-se ainda que o advérbio estabelece uma espécie de transição de palavras variáveis para invariáveis, não possuindo flexão propriamente dita. Reconhece-se, entretanto, que alguns advérbios admitem grau. Para o autor, o advérbio se refere geralmente ao verbo, ou

[17] Cunha e Cintra (2016) defendem, assim, que um advérbio deve ser caracterizado primariamente pela sua propriedade de modificação do verbo. Dessa forma, embora admitam a possibilidade de modificação de adjetivos e de outros advérbios, tal propriedade é considerada idiossincrática dos advérbios de intensidade. Convém salientar que, marginalmente, tais autores admitem a possibilidade de alguns advérbios contribuírem para a veiculação atitudinal do conteúdo proposicional de uma oração, mas tal contribuição não é descrita em termos de modificação.

ainda, dentro de um grupo nominal unitário (advérbios de intensidade), a um adjetivo e a um advérbio ou a uma sentença inteira. Uma das maiores diferenças da proposta de Bechara (2019) em relação à de alguns dos gramáticos resenhados é a assunção de que certos advérbios podem modificar diretamente substantivos. Bechara (2019, p. 401) cita os seguintes exemplos como ocorrência de modificação direta desempenhada por advérbios em substantivos: 1) "Gonçalves Dias é verdadeiramente poeta" e 2) "Pessoas assim não merecem nossa atenção". Em 1), o advérbio "verdadeiramente" forma um constituinte com o nome "poeta", modificando-o. Em 2), o advérbio "assim" forma, da mesma maneira, um constituinte com o nome "pessoa", atribuindo uma circunstância ao seu significado básico. Embora o autor não tenha se comprometido com diagnósticos para sua análise, salienta-se que a possibilidade de advérbios modificarem ou formarem constituinte com nomes parece se afirmar em contextos de focalização e de coocorrência, como será discutido nos próximos capítulos, mas que, por conveniência, são aqui apresentados: 1) **Verdadeiramente poeta** é que Gonçalves Dias é (verdadeiramente), 2) **Pessoas assim** que não merecem nossa atenção (assim)[18].

Em Bechara (2019), argumenta-se que certos advérbios podem funcionar como predicados, da mesma forma que, por exemplo, os adjetivos. Dessa forma, em uma sentença como "a vida é assim" (Bechara, 2019, p. 401), analisa-se, na referida gramática, "assim" como um predicativo, que atribuiria, dessa forma, um sentido especial ao nome "vida". Convém salientar que tal proposta analítica não se encontra nas outras obras consultadas para a feitura deste breve "estado da arte" de advérbios nas gramáticas tradicionais[19].

Há, segundo o autor, quinze categorias de advérbios e de locuções adverbiais, a saber: 1) assunto, 2) causa, 3) companhia, 4) concessão, 5) condição, 6) conformidade, 7) dúvida, 8) fim, 9) instrumento, 10) intensidade, 11) lugar, 12) modo, 13) referência, 14) tempo e 15) negação. Bechara (2019, p. 404-405) apresenta para cada uma dessas categorias, respectivamente, os seguintes exemplos: 1) "conversar **sobre música**", 2) "morrer **de fome**",

[18] À luz do critério de Jackendoff (1972), entende-se que, se "verdadeiramente" está modificando o nome e não o verbo, não haveria qualquer problema de coocorrência de tal advérbio com outro de mesma categoria e até mesmo com outro com os mesmos traços fonéticos, porém com traços sintáticos distintos. Além disso, se "verdadeiramente" forma um constituinte com "poeta", em 1), então tal constituinte pode ser alçado, por meio de movimento A-barra, até o especificador de FocP, sem prejuízos à gramaticalidade da oração. Ambos os critérios parecem valer para as sentenças 1) e 2).

[19] Embora não seja propriamente adotada por gramáticas tradicionais a noção de que adjetivos e nomes, neste contexto, funcionem como predicadores, selecionando argumentos para saturarem sua grade argumental, um questionamento interessante seria o de que, neste contexto, advérbios possam funcionar dessa mesma forma. Uma análise possível para a sentença apresentada seria a de que o predicador adverbial "assim" selecionaria como argumento externo o DP "a vida", formando uma estrutura de *Small Clause* (ou, como vimos, AgrP). Após a inserção do núcleo Vº, que alocaria o verbo "é", e posterior checagem de traços no *Middlefield* por movimento nuclear, o DP "a vida" seria extraído de sua posição temática e sofreria alçamento até a posição de sujeito da oração (SubjP).

3) “sair **com amigos**”, 4) “voltaram **apesar do escuro**”, 5) “não sairá **sem licença**”, 6)”fez a casa **conforme a planta**”, 7) “**talvez** melhore o tempo”, 8) “preparou-se **para o baile**”, 9) “escrever **com lápis**”, 10) “andou **mais depressa**”, 11) “estuda **aqui**”, 12) “falou **assim**”, 13) “o que nos sobra em glória de ousados e venturosos navegantes, míngua-nos **em fama de energéticos e previdentes colonizadores**”, 14) “visitaram-nos **hoje**”, 15) “**não** lerá sem óculos”.

Bechara (2019), ao analisar o emprego transfrástico de palavras normalmente classificadas como advérbios, considera que termos como “sim”, “não”, “talvez” e “também” não são advérbios **prototípicos**, mas substitutos de orações em contextos de respostas a perguntas polares, como, por exemplo, em “Você vai ao mercado? Talvez”. Diferenciam-se, ainda, advérbios nominais de advérbios pronominais. Em relação aos nominais, faz-se, comumente, menção aos formados a partir de adjetivos acrescidos do sufixo “-mente”: “lentamente” (= de modo lento). Em relação aos pronominais, há quatro subclasses, a saber: 1) demonstrativos (“aqui”, “aí” etc.), 2) relativos (“onde”, “quando” etc.), 3) indefinidos (“muito”, “pouco”) e 4) interrogativos (“por que”, “como” etc.). À clássica categoria de advérbios relativos, arrola-se a descrição de que tais relativos podem ser usados de forma encapsulada, formando relativas livres, isto é, relativas sem um antecedente realizado fonologicamente, como em “Moro onde mais me agrada” (Bechara, 2019, p. 408)[20].

Rocha Lima (2021) argumenta que a função do advérbio é acompanhar o verbo, contribuindo para a expressão de circunstanciais ao seu significado básico. É afirmado ainda que advérbios de intensidade colaboram para a expressão de grau em adjetivos e advérbios. Rocha Lima (2021) compromete-se com a seguinte subdivisão da classe dos advérbios: 1) advérbios de dúvida (“talvez”, “provavelmente” etc.), 2) advérbios de intensidade (“muito”, “que”[21] etc.), 3) advérbios de lugar (“abaixo”, “acima” etc.), 4) advérbios de modo (“bem”, “mal” etc.) e 5) advérbios de tempo (“ainda”, “amanhã” etc.).

Da mesma forma que em Cunha e Cintra (2016), em Rocha Lima (2021), é argumentado que advérbios interrogativos podem iniciar orações independentes em contexto de interrogativas diretas e de orações subordinadas em interrogativas indiretas. Para Rocha Lima

---

[20] Convém apontar que Rocha Lima (2021) também considera a existência de relativos encapsulados.

[21] Rocha Lima (2021, p. 226) afirma que, em contextos exclamativos, “que” é um advérbio de intensidade, como se observa nos exemplos abaixo extraídos de sua gramática:

a. “Que generoso coração”

Entende-se que a motivação para esta classificação do “que” na sentença apresentada reside no fato de se poder substituir tal termo por um outro advérbio de intensidade, sem prejuízo ao significado da sentença original, como se observa em a’:

a’. “Tão generoso coração”

(2021, p. 228), tais advérbios não se confundem com advérbios relativos pelo fato de estes serem empregados com antecedentes em orações adjetivas (“Fica ali a encruzilhada **onde** ergueram uma cruz de pedra”/ “Era no tempo **quando** os bichos falavam”/ “Merece elogios o modo **como** tratas os mais velhos”). Dessa forma, “onde” funciona como um advérbio relativo por retomar o antecedente “encruzilhada”, contribuindo para a construção da sua referência no mundo. Tal comportamento se observa da mesma forma no emprego de “quando” e “como” ao retomarem, respectivamente, os constituintes “o tempo” e “o modo”.

Para Rocha Lima (2021), haveria certas expressões linguísticas que não carregariam uma circunstância específica. Estão neste grupo as palavras denotativas de afirmação, exclusão, inclusão, avaliação, designação, explicação ou retificação. Por esse motivo, não poderiam ser classificadas como advérbios na perspectiva do autor. A palavra “não”, por ser aplicada a qualquer palavra que se deseje negar, também não seria classificada como um advérbio para o autor, mas como uma partícula. Finalmente, algumas palavras (“felizmente”, “decerto” etc.) não modificam apenas o verbo em uma sentença, mas a oração como um todo, ao refletirem uma avaliação ou apreciação por parte do falante acerca do que é dito, não sendo classificadas, assim, como advérbios propriamente ditos.

Finalmente, em Mendes de Almeida (2024, p. 351-369), aponta-se que advérbio é toda palavra que pode modificar o verbo, o adjetivo e outro advérbio. Convém salientar que, para o autor, há advérbios que podem modificar locuções adverbiais (“Entrou **muito** de mansinho”), toda a oração (“**Sinceramente**, não disse isso”) e até um substantivo. Defende-se, entretanto, que há modificação de um substantivo por advérbio em apenas dois casos: 1) quando o substantivo funciona como um predicativo (“És **quase** homem”) e 2) em casos que envolvem focalização (“**Somente** Cabral descobriu o Brasil”), intensidade (“É **muito** verdade”) e negação (“A **não** observância). Quanto às circunstâncias veiculadas por advérbios, Mendes de Almeida (2024) apresenta apenas sete, a saber: 1) lugar (“abaixo”, “acima” etc), 2) tempo (“agora”, “ora” etc), 3) negação (“não”, “tampouco” etc), 4) dúvida (“quiçá”, “talvez” etc), 5) intensidade (“bastante”, “assaz” etc), 6) afirmação (“sim”, “deveras” etc) e 7) modo (“bem”, “mal” etc). Finalmente, no que concerne à sua forma morfológica, Mendes de Almeida (2024) considera que advérbios admitem grau, especialmente o comparativo de igualdade, de superioridade e de inferioridade (“tão bem”, “mais bem”, “menos bem”), o superlativo absoluto em sua forma sintética e analítica (“harmoniosissimamente”, “muito harmoniosamente”) e o diminutivo (“agorinha”).

Para fins de melhor visualização das semelhanças e das diferenças entre essas propostas, na tabela 1 abaixo, são sumarizados os entendimentos dos referidos autores quanto à

classificação de advérbios em um critério sintático, semântico e morfológico (cf. Câmara Jr., 1970). Na tabela 1 abaixo, arrolam-se, como critério sintático, as propriedades de modificação dos advérbios. Como critério morfológico, arrolam-se as propriedades estruturais internas dos advérbios, especialmente no que concerne ao tipo de morfema que tais itens licenciam, isto é, de morfemas **puramente flexionais**[22]. Finalmente, como critério semântico, arrolam-se as propriedades circunstanciais dos advérbios, isto é, os valores semânticos desses itens.

Tabela 1 – Propostas de classificação dos advérbios em Gramáticas Normativas

[22] Desde ao menos Câmara Jr. (1973), entende-se que grau não é um exemplo de flexão, mas de derivação. Logo, admitir grau não faz um item ser variável, até mesmo para as gramáticas consultadas.

	Propostas de Modificação Restritiva			Propostas de Modificação Expansiva (ou de Multidomínios)				
Propriedades dos Advérbios	Sacconi (1994)	Cunha e Cintra (2016)	Rocha Lima (2021)	Chaves de Melo (1978)	Alves (1984)	Azeredo (2008)	Bechara (2019)	Mendes de Almeida (2024)
Critério Sintático	Verbos, adjetivos e advérbios	Verbos, adjetivos e advérbios	Verbos, adjetivos e advérbios	Verbos, adjetivos, advérbios, orações, nomes e pronomes	Verbos, adjetivos, advérbios, orações, nomes e pronomes	Verbos, adjetivos, advérbios, orações, nomes, pronomes e sintagma focalizável	Verbos, adjetivos, advérbios, orações e nomes	Verbos, adjetivos, advérbios, orações, locuções adverbiais e nomes
Critério Morfológico	Invariáveis	Invariáveis	Invariáveis	Invariáveis	Invariáveis	Invariáveis	Invariáveis	Invariáveis.
Critério Semântico	Lugar, Tempo, Modo, Dúvida e Intensidade	Lugar, Tempo Modo, Negação, Dúvida, Intensidade e Afirmação	Lugar, Tempo, Modo, Dúvida e Intensidade	Lugar, Tempo, Modo, Dúvida, Intensidade e Afirmação	Lugar, Tempo, Modo, Intensidade, Afirmação, Negação, Dúvida, Designação, Inclusão, Exclusão e Interrogação	Lugar, Tempo, Intensidade, Modo, Dúvida e Negação	Lugar, Tempo, Modo, Intensidade, Dúvida, Negação, Assunto, Causa, Companhia, Concessão, Condição, Conformidade, Fim, Instrumento e Referência	Lugar, Tempo, Negação, Dúvida, Intensidade, Afirmação e Modo

Fonte: elaboração própria

A partir da análise das propostas resenhadas até agora, propõe-se a existência de duas tendências em gramáticas normativas quanto à caracterização dos advérbios em suas propriedades sintáticas, a saber: 1) Propostas de Modificação Restritiva e 2) Propostas de Modificação Expansiva (ou de Multidomínios). Enquanto, em Propostas de Modificação Restritiva, assume-se que advérbios modificam fundamentalmente verbos, adjetivos ou outros advérbios, em Propostas de Modificação Expansiva (ou de Multidomínios), assume-se que advérbios, para além das classes apresentadas, podem modificar outros termos, como, por exemplo, substantivos e pronomes. Convém salientar que as Propostas de Modificação Restritiva, em relação ao critério sintático de definição de advérbios, parecem se relacionar mais propriamente ao que é previsto em documentos normativos, como a NGB (Brasil, 1958), que assume a noção de que advérbios modificam verbos, adjetivos e outros advérbios. Argumenta-se, ainda, que os autores que se coadunam a essa orientação parecem assumir um entendimento verbocêntrico das propriedades de modificação do advérbio. Em relação ao critério semântico de definição de advérbios, tais propostas, semelhantemente, coadunam-se mais proeminentemente às previsões da NGB (Brasil, 1958).

De certa forma, as propostas aqui resenhadas parecem concordar com a assunção de que advérbios são termos que normalmente não recebem flexão de gênero e número. Além disso, sintaticamente, há o reconhecimento de que tais termos parecem modificar fundamentalmente o verbo e secundariamente o adjetivo e o advérbio. Há, contudo, um confronto entre Propostas de Modificação Restritiva e Propostas de Modificação Expansiva, no que concerne à possibilidade de modificação de nomes e pronomes. Dessa forma, malgrado haja relações de interface entre as classificações resenhadas, há diferenças em relação à definição da classe advérbio, das categorias relacionadas a essa classe e ao comportamento sintático desempenhado por esta. Em um cenário heterogêneo como esse, certas confusões de classificação podem se fazer presentes em diferentes contextos, até no âmbito de ensino de línguas, por exemplo[23].

3.1.2 A perspectiva descritiva[24]

Nesta subseção, serão apresentadas algumas propostas de descrição do comportamento morfossintático dos advérbios em PB. A justificativa para contemplar esses estudos nesta

[23] Vide o trabalho de Tescari Neto e Perigrino (2020) acerca da heterogeneidade na identificação das categorias de advérbios em sites educacionais.

[24] De forma alguma, intenciona-se afirmar, com esta seção, que exista uma descrição pura, sem haver qualquer aspecto teórico que a integre.

subseção reside no fato de que toda teorização acerca de um fenômeno linguístico pressupõe adequação observacional e descritiva. A inclusão desses trabalhos, que são assumidamente descritivos, afirma-se pela necessidade de se alcançar um nível de adequação descritiva da sintaxe adverbial em PB, antes de qualquer proposta explicativa.

Em Castilho (2022), assume-se que advérbios configuram uma classe heterogênea, no espírito da proposta de Ilari *et al*. (1991, p. 78), segundo a qual integram essa classe "um conjunto de expressões que funcionam de maneira (mais ou menos) semelhante". Há, de acordo com Castilho (2022), duas grandes dimensões para a classificação dos advérbios, a saber: 1) a anamnese dos segmentos sintáticos a que o advérbio se aplica e 2) a anamnese das funções sintáticas dos advérbios em um domínio sintagmático. Em relação à primeira dimensão, diz-se que advérbios podem modificar verbos, adjetivos, advérbios e algumas expressões nominais, apenas em contexto metafórico (cf. Castilho, 2022, p. 543). Sendo assim, em "Ana **novamente** viu o jardim", o AdvP repetitivo "novamente" toma escopo sobre o evento de "ver", em "Ana viu o jardim **muito** bonito", o AdvP intensificador "muito" toma escopo sobre o AP "bonito", em "Ana viu o jardim **muito** brevemente", esse mesmo intensificador toma escopo sobre o AdvP "brevemente" e, em "Ele é **muito** homem", o intensificador toma escopo sobre o NP "homem". No que concerne à segunda dimensão, considera-se, na perspectiva de Castilho (2022), que advérbios podem ser quase-argumentais, adjuntos e marcadores discursivos. Em sua gramática, postula-se que advérbios quase-argumentais são advérbios de modo, comutáveis por um PP de base "de modo X", em que X é um adjetivo. Dessa forma, Castilho (2022, p. 545) aponta que, em "A mulher se dedica **inteiramente** à carreira", o AdvP "inteiramente" é de natureza quase-argumental, haja vista a possibilidade de ser comutado por um PP em "A mulher se dedica **de modo inteiro** à carreira".

De acordo com Castilho (2022), adjuntos, em princípio, podem se definir discursivamente, semanticamente e pragmaticamente. Discursivamente, esses agregam informações acessórias à sentença e ao texto. Semanticamente, esses operam sobre seu escopo, estabelecendo uma relação de predicação, verificação e localização no espaço e no tempo. Sintaticamente, esses podem assumir a forma de um AP, AdvP e PP. Além disso, podem tomar escopo sobre substantivos, como no caso dos clássicos adjuntos adnominais, sobre o verbo, o adjetivo e o advérbio, como no caso dos adjuntos adverbiais. Diz-se, ainda, que adjuntos podem tomar escopo sobre toda a sentença, o que Castilho (2022) arrola aos adjuntos adsentenciais. O autor considera, ainda, que, quando preposicionados, adjuntos desenvolvem em seu interior uma relação de predicação, atribuindo uma informação nova. Por fim, adjuntos, na gramática de Castilho (2022), são compreendidos como termos periféricos, que não recebem caso e não

podem ser substituídos por um pronome, gozando de relativa mobilidade na estrutura sintática. Em sua dimensão sintática, adjuntos adverbiais podem ser focalizados com "só" e "apenas", podem ser clivadas por "é que" e podem ser interrogados, ao passo que adjuntos adsentenciais não o podem. Além disso, adjuntos adsentenciais podem ser transformados em sentenças nucleadas pelo verbo "ser + adjetivo".

Sendo assim, em uma sentença como "João **rapidamente** viajou", para Castilho (2022), o AdvP "rapidamente" agrega uma informação acessória ao evento de "viajar". Semanticamente, tal adjunto parece atribuir escopo por sobre o verbo, figurando como um adjunto adverbial. Sintaticamente, tal AdvP pode ser linearizado em diferentes posições da sentença ((Rapidamente) João (rapidamente) viajou (rapidamente)), não pode ser substituído por um pronome (*Lhe/*o/*Disso João viajou) e não recebe caso, por ser um termo omissível e periférico (João viajou). Para Castilho (2022), especificamente o adjunto adverbial é um termo adjacente ao verbo e não selecionado por este. Ademais, não pode ser comutado por um pronome, uma vez que não recebe caso gramatical. Dentre as principais propriedades desses itens, Castilho (2022) aponta a possibilidade de esses serem omitidos e de se "moverem"[25] livremente na sentença. Além disso, no referido exemplo, é possível focalizar tal AdvP por meio de "só" ou "apenas" ("João só/apenas **rapidamente** viajou"), clivá-lo por meio da construção "é que" ("Foi **rapidamente** que João viajou") e interrogá-lo ("Como João viajou?").

Em uma sentença como "**Francamente** Pedro perdeu o lugar", o AdvP "francamente" agrega uma informação acessória à proposição de que existe um evento de "perder", do qual "Pedro" é agente e "o lugar" é tema. Semanticamente, este AdvP atribui escopo por sobre toda a oração, figurando, na proposta de Castilho (2022), como um adjunto adsentencial. Diferentemente dos adverbiais, o AdvP "francamente" não pode ser focalizado por meio de "só" ou "apenas" ("*Apenas/*só francamente Pedro perdeu o lugar"), não pode ser clivado ("*Foi francamente que Pedro perdeu o lugar") e não pode ser interrogado ("*Como Pedro perdeu o lugar?").

Castilho (2022), ao discorrer sobre o comportamento sintático-semântico de sintagmas adverbiais, propõe uma tipologia de advérbios, a saber: 1) modalizadores, 2) qualificadores, 3) quantificadores, 4) focalizadores, 5) inclusão e exclusão, 6) afirmação e negação e 7) dêiticos. Advérbios modalizadores veiculam uma avaliação sobre o conteúdo e a forma de uma

[25] Castilho (2022) não se compromete com uma perspectiva gerativista acerca da linearização dos advérbios na sentença. É sabido que, desde pelo menos Pollock (1989), advérbios são tidos como diagnóstico de movimento de verbo justamente por não sofrerem tal operação, excetuando casos de checagem de traços na periferia esquerda (ou espaço do CP).

proposição, apresentando seja sua força ilocucionária (modalidade) seja um julgamento sobre o teor de verdade da proposição (modalização). Dentre esses advérbios modalizadores, Castilho (2022) aponta "realmente", "provavelmente", "obrigatoriamente", "infelizmente" e "sinceramente". Os AdvPs "realmente" e "provavelmente" integram a subclasse de modalizadores epistêmicos, haja vista que, por meio de ambos, há um grau de adesão do falante em relação ao conteúdo proposicional. Sendo assim, nos pares de sentença "**realmente** as séries eram ruins" e "**provavelmente** vai chover hoje", tais AdvPs evidenciam o fato de que o falante acredita na veracidade do conteúdo proposicional. Há, entretanto, uma diferença no grau de comprometimento do falante em relação às proposições: com "realmente", há um alto grau de adesão do falante em relação à veracidade do conteúdo proposicional, com "provavelmente", esse grau de adesão é bem menor. A partir desta diferença de grau de comprometimento, Castilho (2022) aparta os advérbios epistêmicos asseverativos ("realmente") dos advérbios epistêmicos quase asseverativos ("provavelmente"). Enquanto advérbios epistêmicos asseverativos são compatíveis com a oração "eu sei com certeza que P", a partir da qual P é o conteúdo proposicional da sentença, advérbios epistêmicos quase asseverativos são compatíveis com as orações "eu acho", "eu suponho" e "é provável que". No âmbito dos epistêmicos asseverativos, Castilho (2022, p. 55) identifica os afirmativos ("realmente", "evidentemente", "naturalmente" etc) e os negativos ("de jeito nenhum", "de maneira nenhuma", "coisa nenhuma" etc). Dentre os quase asseverativos, identificam-se os advérbios "talvez", "assim", "possivelmente", "provavelmente" e "eventualmente".

Os AdvPs como "obrigatoriamente" expressam modalização deôntica, uma vez que o conteúdo proposto é descrito como um conjunto de procedimentos que têm de ocorrer. Castilho (2022) apresenta dois critérios para considerar um advérbio como deôntico, a saber: 1) a possibilidade de paráfrase com "ter de" e 2) a possibilidade de paráfrase com "é obrigatório que". Em "todo procedimento implica obrigatoriamente despesas", é possível parafrasear o conteúdo da sentença por meio de "ter de" ("Todo procedimento **tem de** implicar despesas") e por meio de "é obrigatório que" ("É **obrigatório** que todo procedimento implique despesas"). Portanto, "obrigatoriamente" é um advérbio modalizador deôntico, que predica por sobre o conteúdo sentencial.

Os AdvPs como "(in)felizmente" podem expressar uma orientação aos participantes da atividade discursiva, exprimindo, por exemplo, a reação do emissor frente ao conteúdo proposicional da sentença ou ao receptor. De acordo com Castilho (2022, p. 557), tais advérbios são representados pelo predicador "eu sinto X (diante de Y) em face de P". Para esses advérbios, emprega-se o rótulo "modalizadores discursivos". Enquanto modalizadores discursivos

subjetivos evidenciam a reação do emissor em relação conteúdo proposicional, modalizadores discursivos intersubjetivos evidenciam a reação do emissor frente ao receptor. Dessa forma, esses são compatíveis com o predicado "eu sinto X diante de você devido a P" e aqueles são compatíveis com o predicado "eu fico [adjetivo] que P". Sendo assim, em uma frase como "Felizmente a festa ainda não começou", é possível haver a leitura orientada à reação do emissor frente à eventualidade de "a festa não ter começado", o que se evidencia a partir da possibilidade de paráfrase como "Eu fico [feliz] que a festa não tenha começado". Entretanto, em "sinceramente eu perdi a festa", é possível haver a leitura orientada à reação do emissor referente ao estado do receptor, o que se evidencia a partir da possibilidade de paráfrase como "eu me sinto sincero diante de você devido ao fato de ter perdido a festa". Arrolam-se entre os subjetivos os advérbios "felizmente", "infelizmente", "lamentavelmente", "curiosamente", "surpreendentemente" e "espantosamente". Arrolam-se entre os intersubjetivos os advérbios "sinceramente", "francamente" e "ingratamente".

Dessa forma, observa-se que há, no âmbito dos advérbios modalizadores, três grandes subclasses: os epistêmicos, os deônticos e os discursivos. A subclasse dos epistêmicos se subdivide entre epistêmicos asseverativos e epistêmicos quase asseverativos. Ademais, a subclasse dos discursivos se subdivide entre discursivos subjetivos e discursivos intersubjetivos. Por conveniência, aponta-se a seguinte tabela mnemônica:

Modalizadores				
Epistêmicos		Deônticos	Discursivos	
Asseverativos	Quase asseverativos		Subjetivos	Intersubjetivos
"Realmente", "evidentemente", "naturalmente" etc.	"Possivelmente", "talvez", "provavelmente"etc.	"Necessariamente", "obrigatoriamente"etc	"Felizmente", "lamentavelmente", "curiosamente" etc.	"Sinceramente", "francamente", "ingratamente" etc.

Tabela 2 – Advérbios modalizadores para Castilho (2022)
Fonte: elaboração própria

Castilho (2022), ainda no âmbito dos predicativos, aponta a existência dos advérbios qualificadores, a partir dos quais um operador incide sobre uma classe modificando ou confirmando suas propriedades semânticas específicas. Para o autor, há, em PB, cinco subclasses de qualificadores, a saber: 1) os propriamente ditos, 2) os graduadores, 3) os

aspectualizadores, 4) os delimitadores (ou aproximadores) e 5) os confirmadores. Advérbios qualificadores propriamente ditos, como "mal" e "bem", acrescentam propriedades intencionais inexistentes no termo sob seu escopo, como se observa em "Pedro dormiu **mal**". Advérbios qualificadores graduadores, como "muito" ou "pouco", acrescentam escalas ao termo sob seu escopo, atribuindo-lhe diferentes níveis ou graus (cf. Kennedy; McNally, 2005), como se observa em "Eu falo **muito** pouco". Advérbios aspectualizadores, como "imediatamente", contribuem para a caracterização da estrutura temporal interna de uma eventualidade (cf. Comrie, 1976), conforme se observa em "Pedro bebeu a água **imediatamente**". Advérbios delimitadores (ou aproximadores), como "praticamente" e "quase", cancelam traços do termo em seu escopo, como se observa em "João **quase** não compareceu à reunião". Finalmente, advérbios confirmadores, como "tipicamente", confirmam os traços intensionais[26] do termo sob seu escopo, como se observa em "Essa é uma comida **tipicamente** portuguesa".

Finalmente, por meio dos advérbios quantificadores, conforme argumenta Castilho (2022), altera-se a extensão do item sob escopo, modificando-se, assim, sua capacidade de designar um conjunto de indivíduos. No que respeita às suas propriedades sintáticas, advérbios quantificadores em PB, em princípio, são resistentes a operações de grau, embora possam ser negados. Dessa forma, em "Pedro sai de casa **uma vez por semana**", "uma vez por semana" pode ser compreendido como um quantificador adverbial pelo fato de não ser compatível com grau (*Pedro sai de casa mais ou menos **uma vez por semana**"[27]), mas compatível com negação, especialmente com valor contrastivo ("Pedro sai de casa não **uma vez por semana**"). Os AdvPs quantificadores se subdividem nas seguintes subclasses, a saber: 1) quantificadores aspectualizadores e 2) quantificadores delimitadores de domínio. Enquanto nestes há uma limitação categórica da extensão do termo sob escopo, conforme se observa em ("**Geologicamente**, a Serra do Mar é uma falha na crosta terrestre") (cf. Castilho 2022, p. 566), naqueles há restrição ou ampliação da extensão do termo sob escopo, conforme se observa em ("Pedro sai de casa **uma vez por semana**"). No âmbito dos quantificadores aspectualizadores, Castilho (2022) arrola os aspectualizadores semelfactivos ("Pedro sai de casa **uma vez por**

[26] Emprega-se o termo "intensão" (com "s") para caracterizar o conteúdo conceitual de um termo em um conjunto de mundos possíveis, opondo-se, assim, à extensão, que caracteriza o valor referencial em determinado mundo. Para uma introdução mais detalhada desses conceitos, consulte Heim e Kratzer (1998).

[27] Poder-se-ia argumentar que, num conjunto de episódios em que Pedro sai de casa, o evento ocorreria majoritariamente uma vez por semana, tendo ocorrido semanas em que ele sai menos de uma vez ou mais de uma vez. Salienta-se, entretanto, que a interpretação desejada não é a de repetição do evento de "sair", mas sim de modificação direta do constituinte "uma vez por semana".

semana"), que predicam quantitativamente apenas um indivíduo, e os aspectualizadores iterativos ("Eu vivo **constantemente** de terno aqui no gabinete") (cf. Castilho, 2022, p. 568), que predicam mais de um indivíduo em um conjunto. Quanto aos quantificadores delimitadores de domínio, Castilho (2022, p. 570-571) diferencia os delimitadores de domínio científico ("A gente **teoricamente** não tem controle rígido sobre o computador") dos delimitadores de domínio subjetivo ("Uma ceia de Natal é **tradicionalmente** composta por um peru").

Conforme se observou, enquanto os modalizadores, quantificadores e qualificadores integram a subclasse dos advérbios predicativos, os focalizadores, os de inclusão e exclusão, os de afirmação e negação e os dêiticos não a integram. Com fins didáticos, antes de explicitar as subclasses dos advérbios que não são predicativos, são sistematizadas as subclasses dos advérbios predicativos, isto é, que modificam a extensão do termo sob escopo.

Tabela 3 – Advérbios predicativos para Castilho (2022)

Advérbio predicativo													
Modalizador					Qualificador					Quantificado			
Epistêmico		Deôntico	Discursivo		Propriamente Dito	Graduador	Aspectualizador	Delimitador	Confirmador	Aspectualizador		Delimitador de domínio	
Asseverativo	Quase asseverativo		Subjetivo	Intersubjetivo						Semelfactivo	Iterativo	Científico	Subjetivo
realmente	talvez	obrigatoriamente	felizmente	francamente	bem	pouco	rapidamente	quase	tipicamente	novamente	geralmente	biologicamente	pessoalmente

Fonte: elaboração própria

No âmbito dos advérbios que não predicam o termo sob seu escopo, apontam-se, inicialmente, os advérbios focalizadores. De acordo com Castilho (2022, p. 572), tais advérbios discriminam que o termo sob seu escopo "fornece informações mais exatas que a média do texto, em decorrência de uma operação de verificação". Além disso, esses advérbios implicam uma comparação implícita com um termo, ideia ou modelo nem sempre verbalizado. Nesta classe, arrolam-se advérbios como "justamente", "exatamente", "mesmo", "mais ou menos", "realmente", "só", "somente", "apenas" e "exclusivamente" (cf. Tescari Neto, 2015). Além disso, advérbios de inclusão e exclusão também são caracterizados como não predicativos, haja vista que seu papel é apenas incluir ("mais", "até", "inclusive" e "também") ou excluir ("menos", "salvante", "tirante", "exceto") entes de um conjunto. Consideram-se como não

predicativos, também, os advérbios de afirmação (“sim”) e negação (“não”), que, de acordo com Castilho (2022, p. 576), “estabelecem conformidade (ou ausência de conformidade) de uma dada proposição com aquilo que acontece no mundo”. Finalmente, advérbios dêiticos de lugar, como “dentro” e “lá”, e de tempo, como “agora” e “ontem”, igualmente são arrolados no âmbito dos não predicativos. Para Castilho (2022), o caráter dêitico de tais advérbios os predispõe a serem analisados como quase-argumentais, capazes de receber até mesmo papel temático. Abaixo, pode ser observada uma tabela que sumariza tais classificações:

Tabela 4 – Advérbios não predicativos para Castilho (2022).

Advérbio Não Predicativo			
Focalizador	Inclusão e exclusão	Afirmação e negação	Dêitico
“Justamente”, “também”	“Até”, “exceto”	“Sim”, “não”	“Lá”, “hoje”

Fonte: elaboração própria

Em Castilho (2022), da mesma forma que para a classe dos advérbios como um todo, propõe-se uma tipologia de adjuntos adverbiais. Levando em consideração o comportamento sintático-semântico dos adjuntos adverbiais, duas grandes subclasses são apresentadas, a saber: 1) Adjuntos adverbiais predicativos e 2) Adjuntos adverbiais não predicativos. Enquanto estes não estabelecem qualquer predicação sobre os itens sob seu escopo, aqueles a estabelecem. Frente a isso, Castilho (2022, p. 309-310) aponta que adjuntos qualificadores (como “francamente” em “Discutiu **francamente** seu problema”), modalizadores (como “felizmente” em “**Felizmente** essa fase ainda não começou”) e quantificadores (como “às vezes” em “**Às vezes** ela fica em casa”) predicam sobre seu escopo, atribuindo-lhe uma informação nova. Nos casos apresentados, “francamente” predica sobre o verbo “discutir”, “felizmente” sobre “essa fase ainda não ter começado” e “às vezes” sobre o evento de “ficar em casa”. Adjuntos de afirmação (como “sim” em “Expliquei, **sim**, que não aceitava aquele encargo”), de negação (como “não” em “A ordem **não** foi executada”) e de focalização (como “só” em “Um médico era **só** médico”) verificam a veracidade da informação expressa pelo item sob seu escopo. Nos exemplos apresentados, “sim” confirma a veracidade do evento de “explicar”, “não” verifica a

veracidade do evento de “executar” e “só” verifica a veracidade do estado de “ser médico”. Finalmente, adjuntos locativos (como “aqui” em “Pedro morreu **aqui**”) e temporais (como “anteontem” como “Cheguei aqui **anteontem**”) situam seu escopo numa perspectiva locativa ou temporal. Em relação aos exemplos apresentados, “aqui” contribui para a veiculação da noção de que o evento de “morrer” ocorreu em um lugar e “anteontem” contribui para a localização do evento de “chegar” em um ponto anterior ao presente (cf. Reichenbach, 1947).

3.1.3 A perspectiva estruturalista

Nesta subseção, serão resenhadas as propostas das classes de palavras, incluídos os advérbios, apresentadas por Jespersen (1933; 1944), Bloomfield (1933), Hockett (1958) e Câmara Jr. (1970). Esses estudos rompem, em maior ou menor extensão, com a tradição normativa e com os estudos clássicos de classes de palavras.

Em Jespersen (1933), defende-se a existência das seguintes classes de palavras: 1) substantivos, 2) adjetivos, 3) pronomes, 4) verbos e 5) partículas. Esta última classe alocaria, nas línguas naturais, os advérbios, as preposições, as conjunções e as interjeições. A justificativa para a inclusão dos advérbios na classe das partículas reside na observação de que, frequentemente, nas línguas naturais, itens tradicionalmente categorizados como advérbios podem se comportar como preposições e até mesmo conjunções a depender do contexto sintático. Dessa forma, se o item “*before*” (“antes”), por exemplo, for seguido por um substantivo, tal termo funciona como preposição, como em “*I sat here **before Peter***” (“Eu me sentei aqui **diante de Pedro**”). Se este for seguido por uma oração inteira, tal termo funciona como conjunção, como em “*I will sit here **before Peter arrives***” (“Eu vou me sentar aqui **antes de o Pedro chegar**”). Se não for seguido diretamente por qualquer termo, este funciona como advérbio, como em “*I sat here **before***” (“Eu me sentei aqui **antes**”). Todos esses contextos seriam, assim, ocorrências da partícula “*before*” (“antes”). Entende-se, assim, que Jespersen (1933) não considerava os advérbios como uma classe autônoma, uma vez que estes são alocados dentro da classe de partículas. Em sua gramática histórica, Jespersen (1944, p. 84)

ratifica este tratamento, apresentando evidências diacrônicas de mudança categorial entre itens que compõem a classe das partículas[28].

Antes de apontar a descrição de Jespersen (1933, 1944) quanto ao comportamento sintático dos advérbios, é relevante retomar sua proposta tripartida da distribuição das partes do discurso (ou classes de palavras) na sentença, a saber: 1) nível primário, 2) nível secundário e 3) nível terciário. Entende-se que uma classe pertence ao nível primário quando promove comunicação suficiente, sem necessidade de haver outra palavra ou termo ("***men***") ("homens"). A este nível, Jespersen (1933) atribui os substantivos. Entende-se que uma classe pertence ao nível secundário quando modifica diretamente um item de nível primário, ou de forma restritiva ("***tall*** *men*") ("homens altos") ou de forma não restritiva ("***mortal*** *men*") ("homens mortais"). A este nível, Jespersen (1933) atribui os adjetivos. Finalmente, entende-se que uma classe pertence ao nível terciário quando modifica um item do nível secundário ("***really*** *tall men*") ("homens **realmente** altos"). A este nível, Jespersen (1944) atribui as partículas, que, como já observado, incluem os advérbios. Dessa forma, para Jespersen (1933), advérbios figuram prototipicamente no nível terciário em uma sintagma nominal.

Jespersen (1933, p. 50), entretanto, reconhece que, em alguns contextos, advérbios podem figurar no nível primário, a saber: 1) como objeto de um verbo ("*We shall leave* ***here*** *tomorrow*") ("Nós vamos sair d**aqui** amanhã") e 2) como objeto de uma preposição ("*from* ***here***"/ "*from* ***hence***[29]") ("d**aqui**"). Mais rara, contudo, é a ocorrência de advérbios em nível secundário, excetuando, obviamente, a ocorrência comum dos gradativos. Em Jespersen (1933, p. 55), são apresentados exemplos para esses casos mais raros: 1) "*The* ***above*** *remark*" ("a observação **acima**"), 2) "*The* ***off*** *side*" ("o lado **negativo**"), 3) "*In a far-****off*** *country*" ("em uma país **distante**") e 4) "*In* ***after*** *years*" ("**Depois** de anos")[30]. Para o uso de advérbios pronominalizados neste caso, são apresentados os seguintes exemplos: 1) "*The* ***then*** *government*" ("o **então** governo") e 2) "*The* ***hither*** *shore*" ("a costa d**aqui**").

---

[28] De forma bastante original para a época, Jespersen (1944) sugere tratar as classes de palavras como traços, a partir dos quais certos itens lexicais podem ser especificados. Sendo assim, de acordo com Jespersen (1944, p. 84-85), itens como "*like*" ("como") podem ser: [+substantivo], [+adjetivo], [+preposição], [+conjunção], [+advérbio] e [+verbo]. Jespersen (1944, p. 85, tradução minha) afirma ainda que "o desenvolvimento de tais formas idênticas deve ser considerado um dos principais méritos da linguagem, pois essa maquinaria 'silenciosa' facilita enormemente a aquisição e o uso da linguagem e supera muitas vezes os pouquíssimos casos na vida prática em que a ambiguidade pode surgir".

[29] Forma declinada de "*here*", datada do antigo sistema de caso morfológico do inglês. De acordo com Jespersen (1933), tal forma adverbial foi reavivada por textos literários.

[30] Os exemplos foram traduzidos com o objetivo de, mais claramente, veicular o significado da sentença. Por conta das diferenças estruturais entre o inglês e o português, o leitor pode, notavelmente, observar certas variações na classe de palavras dos termos traduzidos.

No que concerne à maneira pela qual advérbios podem se relacionar a outros itens *in praesentia*, isto é, no contexto sintático, Jespersen (1933) apresenta dois grandes mecanismos, a saber: 1) Junção e 2) Nexo. Entende-se como Junção o mecanismo em que "a união dos dois elementos é tão estreita que eles podem ser considerados um nome composto para o que poderia, em muitos casos, ter sido chamado por um único nome" (Jespersen, 1933, p. 59, tradução minha). Todas as sentenças apresentadas no parágrafo anterior podem ser analisadas como produto da operação de Junção. O termo secundário de uma Junção é chamado de Adjunto, que, categorialmente, pode ser preenchido por um adjetivo ou por uma partícula. Em relação ao Nexo, Jespersen (1933, p. 63, tradução minha) o compreende como a operação em que "algo novo é adicionado à concepção contida no primário". Embora escassos sejam os exemplos da operação Nexo com partículas como termo secundário, é possível apontar a seguinte frase: "*the dog is* ***here***" ("o cão está **aqui**").

Em Bloomfield (1933), não se propõe uma sistematização universal das classes de palavras como um todo, tampouco em relação aos advérbios em particular. Tal autor compreende que as tradicionais partes do discurso, incluindo os advérbios, seriam "categorias particulares das línguas naturais" (Bloomfield, 1933, p. 6, tradução minha). Dessa forma, as línguas naturais poderiam se diferenciar em relação ao tipo de classe de palavras que estaria presente em seus respectivos sistemas de signos. Afirma-se ainda que seria uma tarefa impossível propor uma generalização das classes de palavras existentes em todas as línguas naturais. Em relação ao inglês, entretanto, Bloomfield (1933) considera que os advérbios são termos modificadores e podem ser substituídos por pronomes interrogativos (como/ quando/ onde/ por que), sendo distribuído sintaticamente como um termo determinante de um verbo.

De acordo com Bloomfield (1933), a gramática de uma língua inclui um conjunto de formas lexicais que são atribuídas a funções específicas, como as de modificação e complementação. O autor reitera ainda a necessidade de caracterizar as partes do discurso quanto ao seu critério distribucional, não levando em consideração as suas peculiaridades semânticas.

Argumenta-se que formas lexicais podem pertencer arbitrariamente e irregularmente a determinadas classes, independentemente de seu significado. Em Bloomfield (1933, p. 269, tradução minha), é considerado, por exemplo, que "os sintagmas 'desta forma', 'daquela forma', 'da outra forma', 'da mesma forma' têm estrutura substantiva, mas são usados como modificadores de verbos da subclasse especial (maneira) que tem o substituto interrogativo 'como'". De acordo com o autor, não há evidências externas prévias (*in absentia*) que indicariam a classe de cada um desses termos e suas funções. Sendo assim, um sistema de partes

do discurso (ou de classes de palavras) deve ser descrito estritamente em relação à função sintática de cada item. Em relação à capacidade humana de reconhecer novas palavras como exemplares de determinada classe independentemente do seu significado, Bloomfield (1933) defende a atuação do mecanismo de analogia neste caso, isto é, a capacidade de encontrar semelhanças morfológicas, semânticas e sintáticas entre um forma inovadora "X" e uma forma análoga "Y".

De acordo com Hockett (1958), as classes de palavras de uma língua representam, na verdade, um conjunto de raízes com comportamento sintático e morfológico similar. Descarta-se, assim, a aplicação de um critério semântico para a definição dessas classes. O autor considera que as línguas naturais podem variar quanto ao sistema de classificação de suas raízes, adotando, ao menos, uma das seguintes possibilidades, a saber: 1) Sistema Bipartido, 2) Sistema Tripartido e 3) Sistema Multipartido.

Entende-se como pertencente a um sistema bipartido uma gramática que diferencia única e exclusivamente duas classes de palavras. Hockett (1958) atribui a esse sistema a língua Nootka, falada por um dos povos nativos do atual Canadá. Em sua análise, Hockett (1958) afirma que tal língua possui apenas duas classes, a flexionada e a não flexionada. Enquanto formas flexionadas da língua ora se comportam como verbos ora como nomes, as formas não flexionadas se comportam como partículas. Hockett (1958, p. 225) argumenta que as quatros formas "/wala-k-/" ("ir"), "/qo-^as-/" ("homem, pessoa") "/'i-h-/" ("grande") e "/?athija-/" ("à noite"), em Nootka, na ausência de qualquer afixo flexional evidente, têm a possibilidade de uso nominal. Entretanto, com o afixo flexional "/-ma/", tais raízes podem ser usadas como um verbo. Advérbios, assim, não são uma classe autônoma, mas integram a classe das palavras não flexionadas.

Entende-se como pertencente a um sistema tripartido uma gramática que diferencia única e exclusivamente três classes de palavras, como, por exemplo, o latim (Hockett, 1958, p. 221-222). De acordo com o autor, línguas como o latim diferenciam apenas nomes, verbos e partículas. Enquanto nomes (substantivos, adjetivos e alguns pronomes) podem ser flexionados em gênero, número e caso morfológico, verbos podem apenas ser flexionados em tempo, modo e voz. No âmbito das formas não flexionadas (as partículas), o autor aloca as preposições, os advérbios, as conjunções e as interjeições. Novamente, advérbios são classificados não como uma classe autônoma, mas como pertencentes à classe das partículas.

Entende-se como pertencente a um sistema multipartido uma gramática que diferencia mais de três classes de palavras, como, por exemplo, o inglês (Hockett, 1958, p. 225) e, possivelmente, o português. No caso do inglês, Hockett (1958) apresenta oito classes de

palavras, a saber: 1) N (Nomes), 2) A (Adjetivos) , 3) V (Verbos), 4) NA (Nomes-Adjetivos), 5) NV (Nomes-Verbos), 6) AV (Adjetivos-Verbos), 7) NAV (Nomes-Adjetivos-Verbos) e 8) Partículas. Nomes são itens variáveis que figuram como núcleo de construções atributivas e que podem ocorrer como sujeitos, objetos de um verbo, objeto de uma preposição ou como um predicador nominal. Adjetivos são itens variáveis que podem ser graduados, que aceitam adverbialização por um sufixo "*-ly*" (equivalente ao sufixo "-mente" em PB) e que podem figurar como predicadores adjetivais. Verbos são itens que variam em tempo, modo e voz, que ocorrem em construções transitivas e intransitivas e que funcionam como conectores em estruturas de predicação nominal ou adjetival. NAs são itens que apresentam o mesmo padrão dos nomes e dos adjetivos, como, por exemplo, o adjetivo pátrio "*American*" ("Americano") em "*He is an American*" ("Ele é um americano"), "*They are Americans*" ("Eles são americanos") (vide padrão nominal – *American* é um nome), "*He is American*" ("Ele é americano"), "*They are American*[31]" ("Eles são americanos"), "*John is more American than his sister*" ("John é mais americano que sua irmã") (vide padrão adjetival – "*American*" é um adjetivo). NVs são itens que apresentam o mesmo padrão dos nomes e dos verbos, como, por exemplo, "(*to*) *walk*" ("andar"/"caminhada") no uso causativo em "*He walks the dog*" ("Ele passeia com o cachorro") e em "*He takes a walk*" ("Ele faz uma caminhada"). AVs são itens que apresentam o mesmo padrão dos adjetivos e dos verbos, como, por exemplo, "(*to*) *clean*" ("limpar"/ "limpo") em "*He cleans the house"* ("Ele limpa a casa") e em "*The clean house*" ("a casa limpa"). NAVs são itens que apresentam o padrão verbal, adjetival e nominal, como, por exemplo, "(*to*) *black*" ("pintar de preto"/"preto"), em "*I black my shoes*" ("eu pintei meus sapatos de preto"), "*the black shoes*" ("os sapatos pretos") e "*the blacks*" ("os pretos"). Partículas são, finalmente, palavras invariáveis tanto a gênero, tempo, número e voz, que não possuem as propriedades sintáticas apresentadas. Advérbios, assim, da mesma forma que nas línguas de sistema tripartido, não são uma classe autônoma, mas integram a classe das partículas.

Em Câmara Jr. (1970), por meio de critérios morfológicos, sintáticos e semânticos, há uma proposta tripartida de classes de palavras: 1) nome, 2) verbo e 3) pronome. Os advérbios, na perspectiva de Câmara Jr. (1970, p. 69), seriam "um nome ou pronome que serve de determinante de um verbo". Dessa forma, itens adverbiais poderiam se classificar ora como

[31] Em inglês, adjetivos não se flexionam em gênero e em número.

nomes (“fala eloquentemente”) ora como pronomes (“fala aqui”) e teriam normalmente[32] o verbo como termo determinado. Em sua proposta, Câmara Jr. (1970) considera que advérbios representam uma classe gramatical funcionalmente determinada, que morfologicamente não se flexionam em gênero e número e que sintaticamente possuem mobilidade e podem atuar como termo determinante do verbo. Convém salientar que Câmara Jr. (1970) reconhece a possibilidade de alguns advérbios não modificarem a estrutura verbal diretamente, mas sim a estrutura informacional ou proposicional da sentença.

De forma geral, é possível afirmar que as quatro perspectivas resenhadas nesta seção possuem em comum o questionamento do grau de autonomia e de universalidade dos advérbios nos sistemas das línguas naturais. Mais especificamente, Jespersen (1933; 1944), Bloomfield (1933), Hockett (1958) e Câmara Jr. (1970) parecem concordar com a assunção de que advérbios representam, na verdade, um epifenômeno[33] resultante de classes de palavras maiores, como partículas, nomes e pronomes. Prioriza-se, nessas propostas classificatórias, o emprego de um critério sintático para a definição das propriedades dos advérbios, embora se empregue também um critério morfológico.

3.1.4 A perspectiva gerativista

Advérbios representam uma classe heterogênea e complexa, que nucleiam um AdvP encabeçado por uma única palavra ou pela locução “(preposição) + advérbio + (adjetivo) + (nome)” (Mateus *et al*., 2003). Morfologicamente, os advérbios representam uma classe derivada, não facilmente caracterizável através dos traços [N] ou [V], embora se aproximem categorialmente das preposições. Neste sentido, adota-se a conjectura sugerida por Riemsdijk (1996, p. 18) e Cinque (1999, p. 202) de que advérbios, na verdade, são *headless PPs*, isto é, PPs sem núcleo realizado foneticamente.

Nesta subseção, serão apresentadas as propostas de análise de Sportiche (1998), Laenzlinger (1999), Cinque (1999), Ernst (2002), Mira Mateus (2003), Costa (1997; 2004) e Rocha e Lopes (2015). De certa forma, propostas no âmbito da teoria gerativa parecem concordar que a sintaxe adverbial representa um interessante fenômeno das línguas naturais, já

[32] Câmara Jr. aponta que, embora advérbios intensificadores possam modificar adjetivos e até mesmo outros advérbios, os advérbios seriam fundamentalmente termos determinantes de um verbo. Critica-se, ainda, a incorporação de tal idiossincrasia comportamental na definição geral de advérbio.

[33] Ou, como Mateus *et al*. (2003) considera, “uma classe derivada”. Vide a próxima subseção para maiores detalhes.

que advérbios podem ter variação em suas ordens de linearização, diferentes maneiras de atribuir escopo e, consequentemente, possibilitar distintas leituras dentro da sentença.

(1) (Evidentemente) o Pedro (evidentemente) chegou (evidentemente) em sua casa (evidentemente) muito cansado (evidentemente).

Analisa-se que, em (1), o item adverbial "evidentemente" pode ser linearizado em distintas posições na sentença. Nota-se, entretanto, que, a depender da linearização sob análise, este pode contribuir de forma distinta para a modificação da eventualidade veiculada. Na posição de margem esquerda, isto é, no início absoluto da oração, esse advérbio parece modificar toda a oração, funcionando de forma parecida a de um operador. Nesse contexto, descreve-se uma eventualidade de "chegar em casa muito cansado", desempenhada por Pedro, que é julgada pelo falante como evidente. Nesta mesma posição, o referido advérbio pode ser empregado como modificador de nome, em um contexto de foco contrastivo, de forma que o falante julga como evidente não a eventualidade "de chegar em casa muito cansado", mas o fato de "Pedro" e não outra pessoa ter desempenhado tal eventualidade[34]. Desta forma, na margem esquerda, é possível que tal item atribua escopo sobre toda a sentença, mas também sobre um determinado constituinte, como é o caso do DP "o Pedro".

Assume-se, ainda, que, na posição pré-verbal, o advérbio "evidentemente" pode modificar a eventualidade de "chegar em casa", desempenhada por Pedro. Neste contexto, descreve-se uma eventualidade de "chegar", que é concebida como evidente. Na posição pós-verbal, este advérbio pode tanto modificar essa eventualidade como pode formar um constituinte com o PP argumental "em sua casa", atribuindo-lhe uma circunstância de sentido. Neste contexto, a eventualidade de chegar, desempenhada por Pedro, tem como ponto final a chegada a sua casa e não a outra casa. Quando linearizado após o PP "em sua casa" e antes do AP "muito cansado", tal advérbio pode tanto modificar contrastivamente este, quanto aquele. Finalmente, na posição de margem direita, isto é, final absoluto, o "evidentemente" pode modificar o AP "muito cansado" ou mesmo todo o conteúdo proposicional descrito na oração.

Em relação ao tratamento da operação efetuada por advérbios na sintaxe gerativa, convém salientar que, em Chomsky (1986), propõe-se o Princípio da Modificação, segundo o

[34] Para se ter essa leitura de foco contrastivo, "evidentemente o Pedro" forma um sintagma entoacional. Nesse sentido, aventa-se a possibilidade de haver uma curva entoacional distinta que desencadeia essas interpretações. Considera-se, ainda, que tal explicação pode se aplicar aos outros exemplos pormenorizados, como, por exemplo, em "evidentemente muito cansado".

qual um modificador deve estar dentro da projeção máxima da categoria que se modifica. Em Freidin (2007, p. 175, tradução minha), argumenta-se ainda que "o Princípio da Modificação restringe a adjunção sintática por requerer uma relação interpretativa direta entre o modificador e o termo modificado". Frente a isso, diz-se que a adjunção de um modificador só é válida se puder ser interpretada composicionalmente em relação ao seu alvo sintático. Em Radford (2004, p. 167, tradução minha), que assume uma proposta minimalista de adjunção, afirma-se que "advérbios devem ser soldados em uma posição em que possam modificar um constituinte, tipicamente no âmbito da projeção máxima". Mais especificamente para propostas que assumem advérbios como especificadores, em Cinque (1999, p. 15, tradução minha), "a interpretabilidade de um advérbio é garantida apenas quando este ocupa uma projeção funcional dedicada ou o especificador desta. Isso revela que o princípio da modificação deve ser estruturalmente licenciado".

Segundo Austin, Engelberg e Rauh (2004), três grandes distinções conceptuais parecem ser relevantes para o debate da natureza categorial dos advérbios: 1) se os advérbios são concebidos como elementos que projetam ou não projetam sintagmas em uma estrutura X-barra, 2) se são elementos projetantes, se estes o fazem em sintagmas que podem funcionar como adjuntos adverbiais apenas ou em outros sintagmas com outras funções também, e 3) se projetam sintagmas semelhantes a advérbios, se esses sintagmas são inseridos na construção da sentença como adjuntos, especificadores ou complementos. Tais considerações estão longe de serem banais para a sintaxe gerativa e até hoje são alvo de um intenso debate. Nas próximas subseções, serão resenhadas quatro propostas analíticas em relação ao comportamento sintático de AdvP: a) advérbios como núcleos (subseção *3.1.4.1*), b) advérbios como complementos (subseção *3.1.4.2*), c) advérbios como especificadores (subseção *3.1.4.3*) e d) advérbios como adjuntos (subseção *3.1.4.4*). Considera-se que a pormenorização do comportamento sintático dos advérbios é um problema central para contemplar as distinções conceptuais de Austin, Engelberg e Rauh (2004) .

3.1.4.1 Advérbios como núcleos

Nesta seção, expõe-se o entendimento de advérbios enquanto termos nucleares. Malgrado o entendimento tradicional de que, ao se assumir um termo como nuclear, haja projeção intermediária e projeção máxima (cf. Chomsky, 1970, 1986), há propostas que consideram advérbios como núcleos que não dispõem de uma projeção máxima, não permitindo, assim, a ocorrência de complementos. O principal argumento de representantes

desta proposta, como Travis (1988), é o fato de que uma parcela dos advérbios não permite de fato a realização de um complemento, como se pode observar em "*José está felizmente de seus atos" em oposição a "José está feliz de seus atos". Tal argumento, entretanto, é inerentemente idiossincrático e não captura o comportamento de grande parte dos advérbios que parecem aceitar a realização de um complemento, como é o caso de "independentemente" em "**Independentemente do fim**, estaremos juntos".

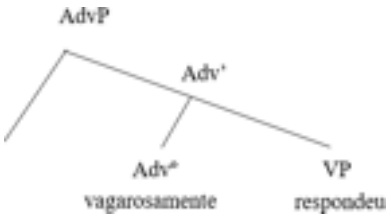
Sportiche (1998) considera que advérbios possuem o mesmo tipo de relação que determinantes têm com NPs e predicados com sintagmas argumentais. Entende-se, assim, que advérbios seriam dominados por uma projeção cujo núcleo tomaria como argumento ou até mesmo especificador o termo a ser modificado pelo advérbio. Dessa forma, para Sportiche (1998), em uma sentença como "Pedro respondeu vagarosamente", o AdvP "vagarosamente" seria núcleo de uma projeção que alocaria, em seu especificador, o VP "respondeu" (vide figura 1). Em "Pedro vagarosamente respondeu", tal AdvP seria núcleo de uma projeção que tomaria o VP "respondeu" como complemento (vide figura 2). É questionável o quão restritiva essa proposta é em relação aos dados das línguas naturais, visto que, a depender do contexto sintático, o mesmo AdvP poderia tomar como especificador ou complemento um sintagma. É possível argumentar também que, se isso fosse realmente aplicável a todas as línguas naturais, uma mesma entrada lexical deveria conter especificada todas as posições em que determinado sintagma a ser modificado pode ocorrer, ou ainda deveria existir mais de uma entrada lexical com mesmo material fonético contendo tais informações. Tais soluções parecem ser *ad hoc* e pouco motivadas.

Figura 1 – **Representação estrutural de "respondeu vagarosamente"**

Fonte: elaboração própria[35].

[35] Embora seja comum, em abordagens mais recentes (Tescari Neto, 2022; Cinque, 2023), empregar esse tipo de representação arbórea sem os níveis intermediários, escolhe-se representar tais níveis neste exemplo para ser coerente com os pressupostos adotados por Sportiche (1998). Além disso, sem apresentar estes níveis, seria impossível explicar a proposta apresentada.

Figura 2 – **Representação de "vagarosamente respondeu"**



Fonte: elaboração própria.

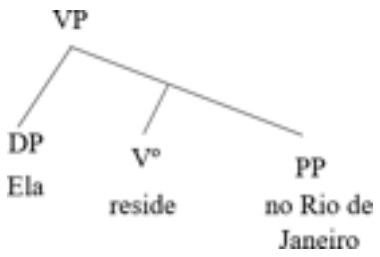
Além disso, interpreta-se, neste trabalho, que a proposta de Sportiche (1998) indiretamente pode prever a possibilidade de um advérbio modificar dois termos ao mesmo tempo, isto é, um em posição de especificador e outro em posição de complemento. Se não há qualquer restrição teoricamente motivada referente aos termos que um AdvP pode modificar, então seria esperado que, nas línguas naturais, ocorrências como "*Ela quer comer rapidamente beber", em que o VP "comer" estaria em *Spec*, AdvP e o VP "beber" em posição de complemento de AdvP, seriam possíveis. O ponto principal é que tal proposta geraria estruturas não encontradas nas línguas naturais.

3.1.4.2 Advérbios como complementos

De acordo Austin, Engelberg e Rauh (2004), há, ainda, propostas que consideram AdvPs como complementos. Um dos principais argumentos para essas propostas é a obrigatoriedade de certos itens adverbiais e até mesmo locuções adverbiais em determinadas sentenças. De certa forma, tal problema é amplamente conhecido na sintaxe de língua portuguesa, visto que a natureza categorial de certos PPs adverbiais ou até mesmo AdvPs e seu comportamento sintático em relação a verbos que parecem selecionar complementos circunstanciais como argumento ainda são debatidos em muitos manuais e gramáticas. Dessa forma, sentenças como "Ela reside no Rio de Janeiro/ Ela reside aqui" possuem um predicador verbal que seleciona como argumento interno um PP locativo oblíquo ("no Rio de Janeiro") ou um AdvP oblíquo ("aqui"), que funciona como complemento circunstancial (cf. Figura 3). Tal proposta é reconhecidamente adotada em manuais como de Mioto, Silva e Lopes (2013) e até em gramáticas tradicionais, como em Rocha Lima (2021), que descrevem com suficiente rigor essas estruturas de predicação. Contudo, é questionável até que ponto tal proposta é capaz de

explicar o comportamento de determinados advérbios em estruturas em que não parece haver seleção do AdvP como um tipo de argumento.

Figura 3 – **Representação estrutural de "Ela reside no Rio de Janeiro"**



Fonte: elaboração própria

Larson (1988), embora admita a adjunção de certos constituintes sintáticos, reconhece que AdvPs de modo, de tempo e até mesmo locativos possam figurar como complementos de um núcleo V°. Frente a isso, de acordo com Austin, Engelberg e Rauh (2004), tradicionalmente advérbios baixos são descritos como constituintes com maior possibilidade de figurarem como argumentos do que advérbios altos, que se comportam mais prototipicamente como operadores semânticos. Seguindo esta proposta, em uma sentença como "Provavelmente, Pedro morou aqui", seria possível argumentar que o predicador verbal "morar" seleciona como argumento interno o AdvP locativo "aqui" e como argumento externo o DP "Pedro". Em uma tradição neodavidsoniana (Parsons, 1990), haveria a seguinte forma lógica[36]: PROVAVELMENTE ∃e(morar, e) & Agente (Pedro, e) & In (aqui, e)[37]. Ou seja, o AdvP "provavelmente", por ser um advérbio alto, tomaria como referência todo o resto da sentença, funcionando, assim, como um operador[38].

3.1.4.3 Advérbios como especificadores

[36] É relevante destacar que, conforme discutido por Kratzer (1996), a proposta de Parsons (1990) é considerada uma estrutura conceitual que não se compromete diretamente com afirmações específicas sobre a sintaxe. Concordando com essa perspectiva, é possível considerar que o modelo de Parsons (1990) possa ser aplicado, mesmo que parcialmente, para compreender a representação lógica de certas sentenças.

[37] Leia-se "provavelmente existe um evento de morar, do qual Pedro é agente, que ocorre aqui".

[38] Convém apontar que a observação de que advérbios baixos sejam descritos como constituintes com maior possibilidade de figurarem como argumentos do que advérbios altos, que se comportam como operadores semânticos, é gratuita numa abordagem que assume estruturas em camadas, como na Cartografia Sintática.

Uma outra proposta analítica recorrente é a interpretação de que advérbios funcionam como especificadores. Tal proposta é largamente adotada neste trabalho. Os principais representantes desta proposta são: Alexiadou (1994), Cinque (1999) e Laenzlinger (1999). O núcleo-duro desta proposta pode ser descrito a partir das seguintes assunções: 1) advérbios ocorrem em AdvPs em uma configuração *Spec*-núcleo, 2) o Axioma da Correspondência Linear e, consequentemente, a Hipótese Assimétrica, de Kayne (1994), são adotados, isto é, não há, em *Narrow Syntax*, adjunção, especificadores estão sempre à esquerda de núcleos e há uma correspondência entre ordem linear e de concatenação, 3) há diferentes locais de soldagem para advérbios e certos movimentos podem "mascarar" o local de soldagem e 4) advérbios podem ocorrer em especificadores de projeções funcionais, que são um primitivo da Gramática Universal (doravante GU).

De forma geral, Cinque (1999; 2004) justifica a adoção de tal proposta, em detrimento de outras, à luz dos seguintes argumentos: 1) partículas e auxiliares são realizações do núcleo de projeções funcionais nas quais advérbios figuram como especificadores, havendo correspondência entre o número, o tipo e a ordem desses morfemas nucleares com os dos advérbios; 2) a aquisição da realização morfológica desses núcleos espelha a aquisição dos advérbios correspondentes; 3) enquanto certas distinções semânticas que poderiam ser expressas por adjuntos adverbiais não aparecem em nenhuma língua, como a noção de "medo" ou "carinho", outras são codificadas gramaticalmente nas línguas, como a noção de "evidencialidade" e de "frustração" e 4) cada uma das projeções funcionais gera uma interpretação padrão mesmo se não preenchida com material lexical, como por morfemas ou adjuntos adverbiais[39]. Frente a isso, Cinque (1999; 2004: 2006) propõe um conjunto de aproximadamente quarenta projeções funcionais de tempo, modo, modalidade, aspecto e voz no *Middlefield*, nas quais se alocariam alguns advérbios em posição de especificador. Tal hierarquia pode ser observada abaixo:

[francamente Modo Ato de fala > [surpreendentemente Modo Mirativo > [felizmente Modo Avaliativo > [evidentemente Modo Evidencial > [provavelmente Modalidade Epistêmica > [uma vez T Passado > [então T Futuro > [talvez Modo Irrealis > [necessariamente Modalidade Necessidade > [possivelmente Modalidade Possibilidade > [normalmente Asp Habitual > [finalmente Asp Tardivo > [tendencialmente Asp Predisposicional > [novamente Asp Repetitivo(I) > [frequentemente Asp Frequentativo(I) > [de/com gosto Modalidade Volitiva >

[39] Vide também o trabalho de Sigurdson (2014) referente ao Princípio do Silêncio.

[rapidamente Asp Acelerativo(I) > [já T Anterior > [não ... mais Asp Terminativo > [ainda Asp Continuativo > [sempre Asp Contínuo > [apenas Asp Retrospectivo > [(dentro) em breve Asp Aproximativo > [brevemente Asp Durativo > [(caracteristicamente) AspGenérico/Progressivo [quase Asp Prospectivo > [repentinamente Asp Incoativo(I) > [obrigatoriamente Mod Obrigação > [à toa Asp Frustrativo > [(?) Asp Conativo > [completamente Asp SingCompletivo(I) > [tudo Asp PlurCompletivo > [bem Voz > [rápido Asp Acelerativo(II) > [do nada Asp Incoativo(II) > [de[40] novo Asp Repetitivo(II) > [frequentemente AspFrequentativo(II) > …[41]

Cinque (1999) defende a hipótese "forte" de que todas as línguas compartilham os mesmos tipo e ordem de categorias funcionais, variando apenas nos tipos de movimentos que ocorrem e nas realizações morfossintáticas de tais categorias. Essa hipótese contrasta com hipóteses mais "fracas", que sugerem que a ordem de certas projeções funcionais pode ser ajustada de acordo com as diferentes línguas (Laka, 1990) ou que apenas as projeções com uma realização morfológica específica na numeração são projetadas na camada funcional das línguas naturais (Giorgi; Pianesi, 1996; Adger; Tsoulas, 2004). No entanto, neste trabalho, optamos pela abordagem de Cinque por considerarmos que, do ponto de vista popperiano (Popper, 2004), é a mais sujeita à refutação, já que propõe uma ordenação linear que teoricamente se aplica à linearização de sentenças em todas as línguas naturais. Embora as propostas de Laka (1990) e Giorgi e Pianesi (1996) atinjam um nível adequado de observação e descrição do objeto em análise, a proposta de Cinque (1999) e seus desenvolvimentos alcançam um nível mais elevado de explicação ao postular que a Hierarquia Universal é codificada na GU por meio de princípios predominantemente sintáticos.

Laenzlinger (1999), outro importante representante da proposta de advérbios como especificadores, assume que advérbios são inseridos em um configuração especificador-núcleo e que a checagem dos traços que nucleiam tais projeções se dá por *merge* externo. Em sua

[40] É sabido, desde trabalhos estruturalistas como os de Câmara Jr. (1973), que, ao se definir uma classe de palavras, devem ser utilizados três critérios, a saber: morfológico, sintático e semântico. Como já visto, a tradição gramatical tende a considerar advérbios como itens invariáveis (critério morfológico), que modificam o verbo, o adjetivo e outro advérbio (critério sintático), atribuindo-lhes distintas circunstâncias (critério semântico). Frente ao critério morfológico, um possível questionamento do analista seria a validade de considerar expressões como "de novo", introduzidas por uma preposição, como uma expressão adverbial. Argumenta-se que as línguas podem variar na maneira pela qual externalizam determinados traços. Em inglês, tal expressão poderia ser vertida como "*again*", sem uma preposição a introduzindo. Se a HU, de Cinque (1999), é uma primitivo da GU, então as línguas podem variar na veiculação da hierarquia desses traços, mas não nos traços em si. Além disso, a expressão "de novo" possui um comportamento sintático mais compatível com AdvPs, do que com PPs. Prioriza-se, assim, o critério sintático em detrimento do morfológico para justificar esta classificação.

[41] Versão em português extraída de Forero Pataquina (2020, p. 30).

proposta, movimento de verbo, na verdade, deve ser entendido como movimento do remanescente do VP, que tem como alvo a posição do especificador do *Middlefield*. Tal proposta é dialógica com as restrições de movimento sugeridas no Programa Minimalista (Chomsky, 1995), segundo as quais o movimento nuclear seria uma propriedade da forma fonológica, não de *Narrow Syntax*. Além disso, Laenzlinger (1999) assume a possibilidade de haver movimento de um AdvP ou de uma projeção que contenha o AdvP para a periferia esquerda, em contexto de necessidade de checagem de um traço criterial de tópico e foco, por exemplo. Dialógico a essa proposta é o entendimento de que AdvPs podem ser deslocados para o início da oração em contextos em que não há checagem de um traço de tópico ou foco, mas sim de modificação (vide a proposição de ModP no espaço do CP) (Rizzi; Bocci, 2017). Convém apontar, entretanto, que Laenzlinger (1999), diferentemente de Cinque (1999), admite a possibilidade de especificadores múltiplos.

3.1.4.4 Advérbios como adjuntos

Propostas como as de Ernst (2002), Mira Mateus (2003), Costa (1997; 2004), Rocha e Lopes (2015) são conhecidas por compreenderem AdvPs como adjuntos. Na verdade, esse entendimento é bastante tradicional em sintaxe gerativa, sendo adotado, até hoje, nos principais manuais de sintaxe que circulam no país, como em Mioto, Silva e Lopes (2013). Em *Barriers* (Chomsky, 1986), e no próprio Programa Minimalista (Chomsky, 1995), tal entendimento ganha relativo destaque. Segundo Austin, Engelberg e Rauh (2004), entretanto, essa tradicional assunção, em modelos anteriores de gramática gerativa, não era restritiva o suficiente para descrever as generalizações encontradas nas línguas naturais em relação ao ordenamento adverbial. Além disso, interpreta-se, neste trabalho, que uma livre adjunção, sem a regência de qualquer princípio de *Narrow Syntax*, poderia gerar estruturas não encontradas nas línguas naturais e seria, contrariamente do esperado, muito menos econômica do que a existência de uma ordem determinada pela GU de soldagem de advérbios.

Segundo Ernst (2002), a distribuição de advérbios na sentença pode ser explicada através das seguintes proposições: 1) existiria um conjunto de princípios semânticos de composição de eventos na forma lógica, os quais interagem com a sintaxe através das noções de irmandade e c-comando, afetando a ordem dos advérbios, 2) há requisitos lexicais específicos para certos advérbios que influenciam se eles podem ou não ser colocados na sentença, 3) existem princípios fonológicos de direcionalidade e peso que também influenciam

a ordem dos advérbios, e 4) durante o processo de concatenação sintática, podem ocorrer movimentos desencadeados pela necessidade de checar traços ou por peso fonológico.

Mais especificamente, Ernst (2002) considera que a ordenação adverbial em uma sentença depende das relações semânticas entre advérbios e os tipos de estrutura (evento, proposição) que eles formam. Assume-se, assim, que existe um conjunto de princípios semânticos, identificado como Cálculo FEOs (Fato-Eventos), referentes a eventos, proposições e fatos. De acordo com essa proposta, a ordem dos advérbios depende do tipo de estrutura que cada advérbio seleciona e forma. Com o objetivo de exemplificar esta proposta, em uma sentença gramatical como "*Sharon **cleverly** was (only) **loosely** holding onto the ropes*" ("Sharon **inteligentemente** estava (apenas) segurando **frouxamente** nas cordas"), em oposição ao par agramatical "**Sharon was (only) **loosely cleverly** holding onto the ropes*" (*"Sharon estava apenas **frouxamente inteligentemente** segurando nas cordas") (Ernst, 2002, p. 325), o advérbio de modo "*loosely*" ("frouxamente") se combina com a eventualidade "*holding onto the ropes*" ("segurando nas cordas"), adjungindo-se ao sintagma verbal que a descreve. Em seguida, o advérbio orientado ao sujeito "*cleverly*" ("inteligentemente") se combina com o complexo "[$_{\text{Eventualidade}}$ *loosely* + [$_{\text{Eventualidade}}$ *holding onto the ropes*]]" ("frouxamente segurando nas cordas"), formando uma proposição "[$_{\text{Proposição}}$ *cleverly* [$_{\text{Eventualidade}}$ *loosely* + [$_{\text{Eventualidade}}$ *holding onto the rope*s]]] ("inteligentemente frouxamente segurando nas cordas"). Perceba, portanto, que o par agramatical da sentença apresentada pode ser explicado por um erro no Cálculo FEO, já que o advérbio "*loosely*" ("frouxamente") não poderia se combinar como uma proposição formada pelo advérbio "*cleverly*" ("inteligentemente"). Neste caso, apenas proposições podem tomar como referência eventualidades e não o contrário. Há, assim, a atuação de um princípio da Forma Lógica que direciona o ordenamento adverbial, haja vista que "o Cálculo FEO inclui regras que permitem que eventos sejam convertidos em outros eventos ou em proposições, ou que proposições sejam convertidas (apenas) em outras proposições" (Ernst, 2002, p. 18, tradução minha).

Em uma sentença como "*Theo probably cleverly bought flowers*" ("Theo provavelmente inteligentemente comprou flores") (Ernst, 2002, p. 19), existe um evento de "*bought*" ("comprou"), do qual "Theo" é agente e "*flowers*" é tema (vide Parsons (1990)). O advérbio "*cleverly*" ("inteligentemente") toma uma eventualidade e forma uma eventualidade. Esta eventualidade é então convertida em uma proposição, por meio da atuação do advérbio "*probably*" ("provavelmente"). Dessa forma, durante o processo de aquisição de linguagem, a incumbência da criança é identificar, a partir de dados do input, quais advérbios se combinam com eventualidades e quais advérbios se combinam com proposições.

Ernst (2002) também propõe a existência de princípios da Forma Fonológica que podem influenciar o ordenamento adverbial: a Teoria do Peso e os Princípios de Direcionalidade. A Teoria do Peso atua como um filtro que avalia a aceitabilidade das sentenças com base na posição de constituintes leves e pesados. De acordo com essa proposta, sintagmas mais leves tendem a ser linearizados mais próximos ao verbo e sintagmas mais pesados mais distantes do verbo. Assume-se que os itens lexicais que compõem esses sintagmas já seriam previamente especificados, no Léxico, com traços como [+Leve] e [+Pesado], que seriam lidos na PF, modificando a linearização. Assim, os movimentos sintáticos motivados por essa teoria ocorrem antes do *Spell-Out*, e a PF apenas valida ou rejeita a estrutura resultante.

Ernst (2002) considera que, antes do *Spell-Out*, a derivação considera apenas a hierarquia; a marca [+R], atribuída a constituintes não-nucleares, só tem efeito na PF, determinando que esses elementos apareçam à direita do núcleo. Em línguas com núcleo à direita, estruturas com [+R] são ilegítimas, mas em línguas com núcleo à esquerda, tais estruturas são permitidas. Sendo assim, em línguas como o português (de núcleo-inicial), os advérbios podem aparecer antes ou depois do verbo. Em línguas como o japonês (de núcleo-final), advérbios pós-verbais são proibidos.

Finalmente, Ernst (2002) reconhece, ainda, a possibilidade de movimento de advérbios para o CP, desencadeado pela necessidade de checagem de traços de estrutura informacional de interrogação. Tais operações de movimento podem, assim, influenciar a linearização dos advérbios, como se observa em "[$_{CP}$ Rapidamente$_{(f)}$, [$_{TP}$ Pedro$_{(k)}$ correu$_{(i)}$ [$_{VP}$ t$_{(k)}$ t$_{(i)}$ [VP t$_{(f)}$ (não vagarosamente)]]]]".

Além dessas proposições, Ernst (2002) também apresenta argumentos contra a proposta de Cinque (1999), a saber: 1) há várias posições relatadas para advérbios na linearização das línguas, assim como para projeções funcionais, que não são previstas diretamente pela Hierarquia Universal, 2) existem restrições específicas de ordem para advérbios com diferentes níveis de aceitação, dependendo da classe adverbial analisada, e 3) não há evidências para assumir os movimentos propostos por Cinque (1999).

Mateus *et al*. (2003) assumem, também, adjunção como operação sintática capaz de explicar o comportamento dos advérbios. De acordo com as autoras, advérbios representam uma classe ou uma categoria[42] heterogênea e complexa, que nucleiam um AdvP, encabeçada por uma única palavra ou pela locução "(preposição) + advérbio + (adjetivo) + (nome)". Mateus

[42] Vide Tescari Neto e Souza de Paula (2021) e Tescari Neto e Perigrino (2020) para diferenciação dos termos "classe" e "categoria".

et al. (2003) consideram que, morfologicamente, os advérbios representam uma classe derivada[43], não facilmente caracterizável através dos traços [N] ou [V]. Ainda sobre sua morfologia, compreende-se que advérbios são invariáveis e, por isso, aproximam-se categorialmente de preposições. Sintaticamente, Mateus *et al*. (2003) assumem que advérbios são, prototipicamente, adjuntos do VP. Quanto a sua configuração sintagmática, considera-se que, além de nuclear um AdvP, advérbios admitem modificadores, soldados diretamente em sua posição de especificador, e podem admitir complementos. A autora apresenta, também, alguns critérios[44] para identificar e caracterizar advérbios, a saber: 1) Gradualidade, 2) Transitividade, 3) Valor dêitico, 4) Valor pronominal e de operador, 5) Valor quantitativo, 6) Focalização, 7) Leitura "orientada ao sujeito", 8) Leitura orientada ao agente, 9) Polaridade, 10) Estatuto predicativo, 11) Estatuto Argumental, 12) Formação de interrogativas com "fazer", 13) Supressão, 14) Extração em "ilhas Q" e 15) Estatuto frásico.

De acordo com Mateus *et al*. (2003), advérbios, especialmente os de espaço, de tempo e de modo, admitem gradualidade, isto é, podem ser modificados por advérbios de quantidade ("muito tarde"/ "muito bem"/ "muito longe") e podem figurar em construções de comparativas e consecutivas ("mais tarde do que"/ "tão tarde que"). Morfologicamente, também são compatíveis com sufixos veiculadores de grau ("tardíssimo"/ "longíssimo")[45].

Além disso, de acordo com Mateus *et al*. (2003), há um subconjunto de advérbios, em especial os de espaço e tempo, que podem admitir complemento. São, assim, transitivos e se comportam similarmente a preposições, pois efetuam s-seleção e c-seleção. Em "longe de casa", o predicador adverbial "longe" seleciona como argumento interno o PP locativo "de casa", estabelecendo seleção semântica, pelo fato de o argumento interno ser necessariamente um locativo, e categorial, pelo fato de o argumento interno ser necessariamente um PP. Em "depois da aula", o predicador adverbial temporal "depois" seleciona como argumento interno o PP temporal "da aula", estabelecendo seleção semântica, pelo fato de o argumento interno ser necessariamente temporal, e categorial, pelo fato de o argumento interno ser necessariamente

---

[43] Sobre a formação do sistema de advérbios no português, Mateus *et al*. (2003) considera que, enquanto advérbios de lugar e advérbios de tempo têm sua origem em expressões nominais e preposicionais latinas, outros tipos de advérbios (como, por exemplo, os de modo) têm sua origem a partir do antigo caso ablativo instrumental de adjetivos latinos. Justifica-se, assim, o entendimento de que advérbios representam uma categoria derivada, haja vista o fato de que derivam de adjetivos, nomes e preposições, possuindo, assim, comportamento sintático bastante heterogêneo. Para mais informações sobre a diacronia dos advérbios, consulte Said Ali (1951), para sua formação semântica, e Spina (2008), para sua formação morfossintática.

[44] Desconsiderou-se, para fins analíticos desta tese, o teste de seleção do subjuntivo por alguns advérbios, que são relevantes para o português europeu, embora a relevância para o PB seja questionável.

[45] Em Mateus *et al*. (2003, p. 419), afirma-se que advérbios podem receber "flexão de grau". Não se adota nesta tese, entretanto, o entendimento de que grau seja um exemplo de flexão, como exposto na nota 16 deste capítulo. Para mais detalhes sobre tal visão, consulte Gonçalves (2005).

um PP. É conveniente salientar, que tal como adjetivos e nomes, tal grupo de advérbios também é compatível com *Small Clauses*, figurando, também, como predicadores: "A Maria está longe de casa" (Mateus *et al*., 2003, p. 420.

Considera-se, ainda, que alguns advérbios temporais e locativos possuem valor dêitico, outros advérbios destes grupos não o possuem. Argumenta-se que, enquanto advérbios temporais como "hoje", "ontem" e "amanhã" são dêiticos para Mateus *et al*. (2003, p. 420), temporais como "jamais" não o são. Ademais, para a autora, enquanto advérbios locativos (ou espaciais) como "aqui" e "ali" são dêiticos[46], locativos como "perto" não o são. Afirma-se também, em Mateus *et al*. (2003, p. 421), que alguns advérbios de lugar e de modo, como, respectivamente, "onde" e "como", possuem valor pronominal, pois podem encabeçar interrogativas abertas ("**Quando** vais sair?"), como pronomes interrogativos, e orações relativas ("O sítio **onde** moro é agradável"), como pronomes relativos.

Em relação ao critério de valor quantitativo, argumenta-se que advérbios que veiculam grau são soldados como especificadores de um AP ("muito alto") ou de um AdvP ("muito longe"), sendo compatíveis com uma leitura de escalas. Tais advérbios, conforme consideram Mateus *et al*. (2003), também modificam um VP, porém o fazem por meio de adjunção ("Ele lê muito").

No que respeita ao critério de focalização, afirma-se que advérbios restritores, como "só", "apenas" e alguns advérbios com o sufixo "-mente", formam um constituinte com o termo modificado. Em "Ela estudou principalmente Física", entende-se que o AdvP "principalmente" forma um constituinte o NP "Física" atribuindo uma leitura de foco ou restrição. Dessa forma, adotando uma descrição neodavidsoniana, interpreta-se, a partir dessa sentença, que existe um evento de "estudar" do qual "ela" é agente e "Física" é tema e o AdvP "principalmente" restringe o universo de outros temas. Há, portanto, uma leitura de focalização. Além disso, perceba que a constituência de "principalmente Física" pode ser constatada a partir de um teste de clivagem: "Foi [**principalmente Física**] que ela estudou (principalmente)".

No que concerne ao critério de "leitura orientada ao sujeito", Mateus *et al*. (2003) apontam que, a depender da linearização de advérbios de modo na sentença, o tipo de leitura desencadeada por esses pode se modificar. Advérbios de modo em posição pós-verbal e de margem direita, isto é, no final absoluto da oração, desencadeiam prototipicamente apenas

[46] Como se verá mais adiante, autores como Cinque (1999) parecem questionar se os advérbios citados seriam realmente dêiticos, em uma leitura sem qualquer contexto ilocucional. Utilizando testes de localização eventual, Cinque (1999) diferencia advérbios temporais realmente dêiticos, como "posteriormente", "uma vez" e "já", de advérbios temporais circunstanciais, como "hoje" e "amanhã".

leitura de modo, sendo compatíveis com a seguinte paráfrase: existe um evento X que ocorreu de maneira/forma Y. Sendo assim, em "O Luís leu cuidadosamente o poema" (posição pós-verbal) e em "O Luís leu o poema cuidadosamente" (posição de margem direita) (Mira Mateus, 2003, p. 422), a leitura preferencial é a de que existe um evento de "ler" cujo agente é "O Luís" e cujo tema é "o poema" que ocorreu de maneira cuidadosa. Em contrapartida, em "O Luís cuidadosamente leu o poema (posição pré-verbal) e em "Cuidadosamente o Luís leu o poema" (posição de margem esquerda) (Mateus *et al.*, 2003, p. 422-423), há duas leituras possíveis: 1) leitura de "orientação ao sujeito" e 2) leitura de "orientação ao falante". Em relação à primeira leitura, diz-se que as referidas sentenças podem veicular a interpretação de que "o Luís foi cuidadoso ao ler o poema". Em relação à segunda leitura, diz-se que as referidas sentenças podem veicular a interpretação de que "eu, falante, acho que foi cuidadoso da parte do Luís ler o poema", isto é, uma leitura avaliativa. Para engendrar ambas as leituras de "orientação", Mateus *et al*. (2003) não descartam a análise de que esses AdvPs sejam adjuntos de categorias funcionais.

No que diz respeito ao critério de "leitura orientada para o Agente", Mateus *et al*. (2003) apontam que advérbios de modo como "propositadamente" e "voluntariamente" são compatíveis apenas como estruturas "agentivas", ou seja, sentenças em que há ao menos um argumento agente, como em "O Rui magoou propositadamente a rapariga" Mateus *et al*. (2003, p. 423). Nesta sentença, existe um evento de "magoar", do qual "o Rui" é o agente e "a rapariga" é tema. De acordo com as autoras, a felicidade do emprego de "propositadamente" na sentença corrobora a classificação do argumento externo "o Rui" como agente. Além disso, argumenta-se que tais advérbios são compatíveis apenas com verbos de atividade (dinâmicos, durativos e atélicos – "magoar") e verbos de *accomplishment* (dinâmicos, durativos e télicos – "correr uma maratona")[47].

Em relação ao critério de "polaridade", considera-se que advérbios como "sim" ("afirmação") e "não" ("negação") marcam, respectivamente, a polaridade positiva ("Você

[47] De acordo com Vendler (1957), verbos de atividade são compatíveis com morfologia progressiva e são homogêneos, ou seja, todas as partes que compõem o evento são de semelhante natureza, não havendo um apontamento para o término do evento. Verbos de accomplishment igualmente são compatíveis com morfologia progressiva e são de natureza contínua e delimitada, apontando para um ponto final inerente. Em Dowty (1977, 1979), são apresentados testes para diferenciar as classes acionais de Vendler (1957). No âmbito desses estudos, o teste empregado em Mira Mateus (2003) também é utilizado. Além disso, em Sanchez-Mendes e Quadros Gomes (2018), tal teste é apontado como diagnóstico para predicados verbais que podem ser passivizados, já que, segundo as autoras, apenas predicados com um argumento externo agente podem sofrer passivização. Finalmente, Aquino (2023), ao analisar a formação de passivas analíticas no português do Brasil e no inglês americano, constata que, contrariamente ao que dizem gramáticas normativas (Cunha; Cintra, 2016), não é a transitividade do predicador que restringe a formação de sentenças passivas, mas a presença de um argumento agentivo. Para tanto utiliza também o teste adverbial apresentado.

comeu o bolo?" - "(Comi) Sim") e negativa ("Você comeu o bolo?" - "(Comi) não") de uma proposição morfossintaticamente. Em contextos de respostas a perguntas, podem aparecer isolados ou acompanhados, ao passo que, em contextos diferentes dos de respostas a perguntas, o advérbio "não" deve figurar para marcar o valor negativo ("Eu não comi o bolo"), enquanto o advérbio "sim" não precisa se fazer presente ("Eu comi (sim[48]) o bolo").

No que concerne ao critério de estatuto predicativo, Mateus *et al*. (2003) argumentam que alguns advérbios de modo, como "bem" e "mal", e de lugar, como "longe" e "perto", podem figurar como predicados, selecionando argumentos. No caso do PB, tais predicadores adverbiais seriam compatíveis com verbos de alçamento, que não selecionam um argumento externo, mas selecionam como argumento interno uma estrutura de predição (ou um AgrP, para Haegeman (1994)). Sendo assim, em "A Maria está mal", "mal" tem estatuto predicativo. Note, entretanto, que é impossível substituir "mal" por uma advérbio alto, como em "*A Maria está provavelmente", o que aponta uma certa idiossincrasia quanto às categorias de AdvPs que funcionam como argumentos.

Em relação ao critério de estatuto argumental, aponta-se que advérbios podem figurar como argumento interno de predicação verbal. Dessa forma, em "Maria vai ali", o predicador verbal "ir" seleciona como argumento interno o AdvP "ali", que estabelece a função sintática de complemento circunstancial, para Rocha Lima (2021), ou de oblíquo nuclear, para Mateus *et al*. (2003). O estatuto argumental de tal AdvP pode ser observado a partir de um simples teste de "perguntas e resposta", com omissão. Sendo assim, uma resposta como "Vai", sem o AdvP, é agramatical para uma pergunta como "O que que Maria faz ali?", o que corrobora a análise deste AdvP como argumento interno.

No que tange ao critério de formação de interrogativas com "fazer", Mateus *et al*. (2003) considera que, enquanto alguns AdvPs figuram como argumentos (vide parágrafo anterior), outros AdvPs não figuram desta forma, isto é, passam em testes de adjunção. Em uma sentença como "O Luís leu o poema cuidadosamente", é possível efetuar a pergunta "O que O Luís fez cuidadosamente?" e ter como resposta "Leu o poema", sem o AdvP "cuidadosamente". De acordo com as autoras, tal possibilidade corrobora a análise de "cuidadosamente" como adjunto,

[48] Interpreta-se, nesta tese, que a realização do advérbio "sim", neste caso, seja restrita a contextos de focalização corretiva, embora tal afirmação não se faça presente em Mateus *et al*. (2003). Justifica-se tal análise a partir de dois testes: 1) Teste de interrogação com "fazer" e 2) Teste de estatuto informacional. Em relação ao primeiro teste, perceba que "Eu comi sim o bolo" não pode figurar como resposta aceitável a uma pergunta como "O que que você fez?". Neste caso, a alternativa mais aceitável seria responder "Eu comi o bolo". Além disso, ao rebater uma oração como "Você não comeu o bolo" com "Eu comi sim o bolo", o falante está corrigindo uma informação falsa anterior. A informação verdadeira é, portanto, julgada pelo falante como não compartilhada com seu interlocutor.

não como argumento. Dentre os advérbios que se comportam desta forma, Mateus *et al*. (2003) consideram os de modo e os temporais dêiticos.

Dialógico ao critério anterior é o critério da "supressão", segundo o qual um adjunto pode ser suprimido de um contexto sintático sem qualquer comprometimento da boa formação de uma sentença. Empregando como exemplo a mesma sentença, "O Luís leu o poema cuidadosamente", considera-se que o AdvP "cuidadosamente" pode ser suprimido da sentença sem construir agramaticalidade. Tal critério, como apontado em Tescari Neto e Perigrino (2020), ainda é amplamente difundido e utilizado tanto no ensino da classe "advérbio" como na análise linguística do seu comportamento sintático.

Quanto ao critério de extração de "ilhas Q", Mateus *et al*. (2003) consideram que, enquanto AdvPs argumentais podem marginalmente ser extraídos em contexto de ilhas sintáticas, AdvPs não argumentais não podem ser extraídos neste mesmo contexto. Sendo assim, em uma sentença como "?Onde é que você conheceu um rapaz que mora [__]?", o AdvP "onde" pode ser extraído da posição de argumento interno do verbo "morar" até a posição de especificador do CP encaixado e ser alçado à posição do CP matricial, o que justifica a sua gramaticalidade, haja vista o fato de que não fere a Minimalidade Relativizada (Rizzi, 1990). Em contrapartida, em um uma sentença como "*Por que motivo você conheceu um rapaz que mora no Rio __?, o AdvP "por que motivo" não pode ser extraído da zona temática do verbo "morar", por ser um adjunto. Portanto, sendo ilhas restrições de movimento sintático, observa-se uma assimetria entre argumentos e adjuntos: AdvPs argumentais podem ser extraídos nesse contexto, ao passo que AdvPs não argumentais não podem ser extraídos nesse contexto.

Finalmente, Mateus *et al*. (2003) consideram que alguns advérbios têm estatuto frásico, isto é, modificam todo o conteúdo da oração. Dentre esses advérbios, Mateus *et al*. (2003, p. 431-432) apontam os avaliativos ("felizmente"/ "desgraçadamente"), modais ("possivelmente"/ "talvez"/ "com certeza"), reforçadores de verdade ("evidentemente"/ "certamente"/ "obviamente") e os restritivos de valores de verdade ("supostamente"/ "presumivelmente")[49]. Dentre as principais propriedades sintáticas desses advérbios, faz-se menção a: 1) Possibilidade de ocorrerem em interrogativas com o verbo "fazer" ("O que é que eles fazem possivelmente?"), 2) Impossibilidade de serem clivados ("É possivelmente que eles vêm ao jantar"), 3) Impossibilidade de serem negados ("*Eles vêm jantar não possivelmente"), 4) Impossibilidade de serem contrastados com outras expressões adverbiais em interrogativas alternativas ("*Eles vão jantar provavelmente ou possivelmente?", 5) Impossibilidade de serem

[49] Nesta tese, tais advérbios são analisados como um subconjunto dos advérbios "altos".

focalizados com “só” e “apenas” (“*Eles vão jantar só possivelmente”/ “*Eles vão jantar apenas possivelmente”) e 6) Impossibilidade de serem focalizados com “também” (“*Eles vão jantar também possivelmente”).

Costa (1997; 2004), ao assumir a operação de adjunção em *Narrow Syntax*, defende uma análise multifatorial para explicar a linearização de advérbios nas línguas materiais. Em sua proposta, os seguintes fatores são considerados: 1) advérbios são especificados em suas entradas lexicais quanto a seu significado inerente, forma prosódica e estatuto categorial (núcleo vs. sintagma), 2) advérbios são concatenados sintaticamente como adjuntos, respeitando os princípios de direcionalidade e os *loci* possíveis de adjunção, 3) advérbios atribuem escopo em diferentes domínios da oração e 4) advérbios podem ser linearizados em distintas posições sintáticas a depender da operação de checagem de traços da estrutura informacional.

De acordo com Costa (1997; 2004), advérbios são adjuntos que podem se adjungir tanto a categorias lexicais quanto a categorias funcionais. Assume-se, mais especificamente, que a operação de adjunção seja parcialmente “livre” em *Narrow Syntax*, haja vista que advérbios podem se adjungir ao VP, ao TP e ao CP, como se observa em Costa (2004, p. 713): [CP AdvP [CP [AgrSP [TP AdvP [TP [VP AdvP [VP]]]]]]]. Salienta-se, entretanto, que, em face a uma proposta de cisão do IP, como a de Pollock (1989) ou a de Chomsky (1993), a operação de adjunção a um AgrP seria bloqueada. Considera-se que um advérbio não poderia se adjungir a um AgrP por duas grandes razões, segundo Costa (2004): 1) o núcleo Agr é desprovido de qualquer extensão, logo não haveria sentido em modificá-lo e 2) Agr é uma categoria de natureza nominal e advérbios **não modificam** categorias nominais[50]. Dessa forma, ao assumir a cisão do “IP” em três camadas (AgrSP-TP-AgrOP), Costa (2004) argumenta que advérbios podem apenas se adjungir ao TP no domínio flexional.

Sustenta-se, ainda, que a operação de adjunção em advérbios é restringida por parâmetros de direcionalidade, bloqueando, assim, a adjunção à direita (*contra* Haegeman, 1994). Ao defender tal importante restrição que condiciona a adjunção de advérbios, Costa (2004, p. 714-717) apresenta três grandes problemas de uma proposta de adjunção à direita: 1) alguns adjuntos adverbiais não aparecem em final absoluto de sentença (“O João falou bem com a sua mãe”/ “*O João falou com a sua mãe bem”), 2) a leitura dos adjuntos adverbiais que aparecem em final absoluto de sentença não é preservada (“O João estupidamente derrubou o

[50] Costa (2004), em oposição a propostas classificatórias da própria GT e de outros autores gerativistas citados nesta tese, não considera, assim, a possibilidade de advérbios modificarem nomes.

café" - leitura orientada ao sujeito/ "O João derrubou o café estupidamente" - leitura de modo) e 3) os adjuntos adverbiais não podem se "empilhar" (cf. Alves, 2022) em final absoluto de sentença ("*O João tinha estado a entornar café rapidamente provavelmente estupidamente"). Uma proposta de adjunção à direita de advérbios não poderia explicar tais fenômenos, segundo o autor, sem recorrer à opcionalidade.

Argumenta-se que há, apenas, dois domínios de adjunção de advérbios, o TP e o VP. Baseado na clássica generalização de tipos adverbiais, de Jackendoff (1972), Costa (1997; 2004) diferencia os advérbios sentenciais dos advérbios de VP. Segundo Costa (2004, p. 717), advérbios sentenciais se adjungem ao TP e podem ser linearizados em distintas posições da oração, sem, necessariamente, modificarem seu significado ("O João (frequentemente) tinha (frequentemente) estado (frequentemente) a falar (frequentemente) com os amigos"). Advérbios de VP, entretanto, não se adjungem ao TP e, ao serem linearizados em distintas posições, sofrem mudança em seu significado ou são agramaticais ("*O João completamente leu o livro"). Assume-se, consequentemente, que o significado dos advérbios seja derivado pela sintaxe, salvo os casos em que há realmente um significado inerente de tais itens no léxico. Mais especificamente, Costa (2004, p. 720, tradução minha) considera que:

> "Pode muito bem ser o caso de um advérbio se distribuir livremente dentro de seu domínio de modificação (IP ou VP), desde que seu significado seja inerentemente definido no léxico. Para fazer uma comparação bem simples: um pronome morfologicamente marcado para caso, independentemente de sua posição, sempre estará associado a esse caso específico. Um pronome que não seja morfologicamente especificado para caso terá sua interpretação condicionada pela posição que ocupa. Portanto, em certo sentido, será menos livre."

Para casos de ambiguidade de advérbios, isto é, quando um advérbio é compatível com pelo menos duas leituras, Costa (2004) considera que configurações sintáticas específicas podem condicionar a veiculação de uma leitura em detrimento de outra. Sendo assim, se um advérbio possui um significado inerente, sua posição sintática não modifica sua extensão, mas, se um advérbio não o possui, sua posição sintática pode o modificar. Dessa forma, a leitura de modo de um advérbio como "estupidamente" seria bloqueada em posição pré-verbal não inicial, como em "*O João estupidamente tinha estado a falar com os amigos", conforme argumenta Costa (2004, p. 719, tradução minha). Em posição pós-verbal, a leitura orientada ao sujeito deste mesmo advérbio é bloqueada "*O João tinha (estupidamente) estado (estupidamente) a falar (estupidamente) com os amigos". Mais especificamente, adota-se uma versão do Princípio da Interpretação Semântica, de Barbiers (1995 *apud* Costa, 2004, p.720, tradução minha), segundo a qual: 1) Um nódulo Z estabelece uma relação semântica entre os nódulos X e Y se e

apenas se X imediatamente c-comanda Z e Z imediatamente c-comanda Y e 2) O nódulo Z é um qualificador de Y se e somente se Z estabelece uma relação semântica entre X e Y e X e Y são coindexados. Assim, tal princípio consegue atingir adequação descritiva e explicativa para as diferentes leituras que um advérbio pode desencadear na sentença a depender de sua posição.

Além disso, Costa (2004) considera que informações lexicais sobre o peso fonológico do advérbio e seu estatuto categorial (se figuram como material nuclear ou não) são relevantes para explicar o ordenamento adverbial. Em relação à relevância do peso fonológico do advérbio, Costa (2004, p. 723) contrasta a distribuição do advérbio de modo "perfeitamente", que pode ser linearizado em posições variadas do domínio verbal ("O Pedro tinha (perfeitamente) lido (perfeitamente) o livro (perfeitamente)"), com a distribuição do advérbio de modo "bem", que não admite tanta variação em sua linearização ("O Pedro tinha (*bem) lido (bem) o livro (bem)"). Frente à semelhança no significado entre esses dois advérbios (ambos são de modo) e às restrições de linearização de "bem", Costa (2004) considera que a distribuição desses advérbios seja influenciada pelo peso fonológico de "perfeitamente" em oposição a "bem".

No que respeita à relevância do estatuto categorial no ordenamento adverbial em sentenças do português europeu, Castro e Costa (2002) e Costa (2004) diferenciam advérbios "fortes", que não se comportam como núcleos, de advérbios que se comportam como clíticos. Em sua análise, Castro e Costa (2002) e Costa (2004) se baseiam na generalização de Cardinaletti e Starke (1999) referente à tipologia de pronomes e sua caracterização como "fortes", "fracos" e "clíticos"[51]. Enquanto pronomes fortes e fracos se comportam como sintagmas, clíticos se comportam como núcleos. Dessa forma, em Castro e Costa (2002) e Costa (2004), expande-se a análise de Cardinaletti e Starke (1999) para os advérbios, assumindo-se, assim, que existem advérbios que se comportam como sintagmas (advérbios "fortes") e existem advérbios que se comportam como núcleos (advérbios "fracos")[52]. Os autores defendem tal análise a partir de três argumentos, a saber: 1) como clíticos, há advérbios que não podem

[51] Para Cardinaletti e Starke (1999), pronomes fortes (ou plenos) têm estrutura interna rica (como os nomes), são independentes sintaticamente (podem ocorrer em posição de foco, por exemplo - "Foi eu que roubei o pão da padaria"), podem ocorrer isoladamente e não são dependentes de um verbo ("Quem roubou o pão da padaria?" - Resposta: "Eu"). Pronomes fracos têm estrutura interna menos rica, podem aparecer isolados ou duplicados (em estruturas de tópico, por exemplo - "O João, ele roubou o pão da padaria") e não ocorrem isoladamente de forma natural sem contexto ilocucional ("Quem roubou o pão da padaria?" - Resposta: "?Ele"). Finalmente, os clíticos não têm estrutura interna, dependem de um verbo ("Vou te ajudar") e não podem ocorrer isoladamente ("Quem roubou o pão da padaria?" - Resposta: "*Te").

[52] Tal rótulo é atribuído por Castro e Costa (2002) e Castro (2004). Os referidos autores adotam a existência de advérbios "fortes" (sintagmas) e de advérbios "fracos" (núcleos). Sendo assim, diferentemente de Cardinaletti e Starke (1999), tais autores sugerem que formas fracas se comportam como clíticos.

ocorrer em posição pré-verbal em contexto de ênclise, como, por exemplo, observa-se em "*Eu **lá** estive", em oposição a "Eu estive **lá**", 2) como clíticos, há advérbios que se movem amalgamados aos verbos em contexto de inversão verbo-sujeito (movimento I para C), como se observa em "O que já tinhas tu feito?" em oposição a "*O que tinhas já tu feito?" e 3) como núcleos (embora não necessariamente como clíticos), há advérbios que podem responder isoladamente a perguntas polares, como em "Já o viste de óculos? Já"[53].

Convém salientar que Castro e Costa (2002) e Costa (2004) não se comprometem com o entendimento de que categorialmente advérbios sejam clíticos. Pelo contrário, afirmam explicitamente que não o são e justificam sua argumentação a partir dos seguintes fatos: 1) diferentemente do que ocorre com os clíticos, a posição pré-verbal em contextos de próclise não é obrigatória, como se observa no par "Nunca lá estive" ("Nunca o vi") e "Nunca estive lá" ("*Nunca vi-o"), 2) em alguns contextos de próclise obrigatória de clíticos, advérbios não podem figurar em posição pré-verbal, como se observa em "*Não lá estive", 3) diferentemente de clíticos, advérbios podem ocorrer de forma isolada, como se observa em "Onde é que ficas? Lá", e podem ocorrer em primeira posição, como se constata em "Lá moram três pessoas" e 4) diferentemente de clíticos, advérbios podem ser coordenados, como se observa em "Ando cá e lá"[54].

Finalmente, Costa (2004) considera que o ordenamento adverbial pode ser influenciado por imperativos de checagem de traços da estrutura informacional. Dessa forma, em uma sentença como "Rapidamente, o João foi à praia; lentamente, ele foi para o escritório" (Costa, 2004, p. 730), os advérbios de modo "rapidamente" e "lentamente", embora sejam adjungidos ao VP, são alçados à posição inicial da sentença, em contexto de foco contrastivo.

Outra proposta que assume adjunção é a de Rocha e Lopes (2015). Rocha e Lopes (2015, p. 152), ao resenharem o tratamento tradicional dado à adjunção na sintaxe gerativa, consideram que adjuntos podem ser realizados por meio de: 1) um advérbio ("**ainda** existe o individualismo marcado"), 2) um PP composto por um DP ("**no teatro** eu acho que é bem mais difícil"), um CP finito ("Trouxeram o papel **para que eu assinasse**") ou um CP infinito ("Estudei **para me preparar para a vida profissional**") como complemento da preposição, 3) um CP ("eu volto somente **se tiver uma dúvida**") e 4) uma *Small Clause* ("eu vou **tranquilo**"). Argumenta-se, nesta proposta, que as seguintes propriedades definem um adjunto: 1) não são selecionados por um dado núcleo, 2) expandem o elemento a que se adjungem e 3) adjungem-se a um elemento.

[53] Os exemplos deste período foram retirados de Costa (2004, p. 725-728).
[54] Os exemplos deste período foram retirados de Costa (2004, p. 727).

Em relação às categorias a que os advérbios correspondem, Rocha e Lopes (2015) adotam o entendimento de que há advérbios temporais, aspectuais, intensificadores, modalizadores e focalizadores. Advérbios temporais, como "ontem" e "hoje", contribuiriam para a localização de uma eventualidade em um ponto de referência. Advérbios aspectuais, como "já" (contra Cinque, 1999), "ainda" e "sempre", indicariam "a frequência com que um evento ocorre (...) e se o evento teve um ponto de culminância etc." (Rocha; Lopes, 2015, p. 171). As autoras apontam que um teste relativamente útil para diferenciar advérbios temporais de aspectuais seria o de resposta a perguntas em contexto afirmativo. Para elas, em PB, AdvPs temporais nunca podem figurar em contexto de respostas afirmativas sozinhos, ao passo que AdvPs aspectuais podem fazê-lo, como se constata no exemplo abaixo, retirado de Rocha e Lopes (2015, p. 161):

(2) a. Você já foi ao zoológico?
- Já
b. Ontem você foi ao zoológico?
- *Ontem

Em (2), no contexto de uma pergunta com resposta afirmativa, o AdvP aspectual "já" pode ser usado como resposta sem qualquer prejuízo à gramaticalidade (cf. (2a)). Contudo, neste mesmo contexto, AdvPs temporais, como "ontem", são inaceitáveis (cf. (2b)). Dessa forma, diferenciam-se advérbios temporais de aspectuais não apenas por suas idiossincrasias de sentido, mas também pelo seu comportamento sintático.

AdvPs intensificadores, como "pouco" e "muito", apresentariam, segundo as autoras, um domínio de modificação maior, posto que podem modificar, por exemplo, adjetivos e outros advérbios, como em "pouco rápido" e "muito rapidamente". Em contrapartida, AdvPs modalizadores, como "talvez" e "provavelmente", não fariam parte do conteúdo proposicional, mas expressariam crenças, atitudes e expectativas do falante em relação a este, como em "talvez Pedro saia de casa". Por fim, AdvPs focalizadores, como "também", "só" e "justamente", poderiam atuar como modificadores, atribuindo foco a adjetivos, numerais, advérbios e outras classes, como em "só o Pedro que saiu".

Para Rocha e Lopes (2015, p. 176-178)[55], há certas linearizações específicas em que determinados tipos de advérbios podem mais facilmente ocorrer. Advérbios temporais seriam

[55] Todos os exemplos deste parágrafo foram retirados dessa referida fonte.

adjuntos de um IP, podendo ocorrer, mais frequentemente, na margem esquerda (posição inicial) ("**atualmente** o governo estabelece os chamados reajustes salariais") e na margem direita (posição final) ("eu não pude jogar doze mil cruzeiros **agora**"). Advérbios aspectuais podem se adjungir ao IP ou ao VP[56], sendo linearizados em posição pré-verbal ("Pedro **ainda** não tinha visto o filme"/ "Pedro não tinha **ainda** visto o filme"), pós-verbal ("Pedro não tinha visto **ainda** o filme") e após o completo Verbo+Objeto ("Pedro não tinha visto o filme **ainda**"). Advérbios modalizadores seriam adjuntos do CP e, quando orientados para o sujeito, do IP, e são linearizados mais frequentemente em posição de margem esquerda ("**Evidentemente**, Maria está nos evitando"). Advérbios focalizadores são adjuntos do IP e do VP, sendo linearizados mais frequentemente entre o verbo e o complemento ("Eu vou adiantar **um pouquinho** a matéria"). Em relação à negação e seu mais comum advérbio "não", Rocha e Lopes (2015), influenciadas pela clássica proposta de Pollock (1989), argumentam este seria gerado no núcleo de um NegP, soldado imediatamente acima da camada lexical e abaixo do *Middlefield*.

Nesta subseção, foram resenhadas diversas propostas referentes à natureza categorial do advérbio e à sua representação na sentença. De certa forma, em todas, seja por meio de princípios mais sintáticos ou semânticos, há o objetivo maior de pormenorizar os contextos que podem prever as diferentes possibilidades de linearização, de atribuição de escopo e de leituras dos advérbios em sentenças.

3.1.4.5 Justificativa da proposta analítica adotada: Advérbios como especificadores

Argumenta-se que Cinque (1999), embora proponha a presença de um amplo conjunto de projeções funcionais na estrutura subjacente da linguagem – aproximadamente 40 projeções que seguem uma ordem específica –-, parece adotar uma abordagem mais eficiente, adaptável e suficientemente econômica para explicar as diferentes linearizações e leituras disparadas por advérbios em determinadas posições. Contrariamente a outras propostas (Ernst, 2002), não haveria geração de estruturas adverbiais não atestadas nas línguas naturais em *Narrow Syntax*, tampouco haveria a necessidade de sobrecarregar os módulos em interface com os sistemas de desempenho para alcançar adequação explicativa suficiente sobre a representação linguística dos advérbios. Em última instância, é relevante apontar que os movimentos adotados no âmbito

[56] Neste mesmo texto, as autoras apontam também para a existência de um AspP ao qual advérbios aspectuais podem ser adjungidos.

da Cartografia Sintática e mais especificamente instanciados em Cinque (1999; 2005) não ferem quaisquer princípios ou axiomas apresentados no âmbito do Programa Minimalista (Chomsky, 1995) e caracteristicamente seguem as restrições impostas pela Minimalidade Relativizada (Rizzi, 1990), não sendo, assim, *ad hoc*, como comumente assumido por defensores da adjunção semanticamente motivada (Ernst, 2002).

Além disso, no âmbito empírico, de acordo com Yoshio Endo (2004), a proposta de Cinque (1999) possui maior capacidade de adequação explicativa do que a de Ernst (2002). Para justificar tal afirmação, Yoshio Endo (2004) analisa dados do japonês, mais especificamente de ocorrências de "nomes adjetivais" e advérbios. De acordo com o autor, "nomes adjetivais" compartilham o seguinte conjunto de propriedades: 1) um nome adjetival pode incorporar o sufixo marcador de caso dativo "*ni*" e produzir um advérbio de modo, 2) o advérbio de modo formado pela regra anterior pode incorporar a partícula de foco "*mo*" e criar um advérbio orientado para o sujeito, 3) um advérbio orientado para o sujeito, criado pela propriedade 2), deve necessariamente anteceder um advérbio de modo, criado pela propriedade 1), e 4) tanto o advérbio orientado para o sujeito quando o advérbio de modo podem se iterar sem a presença de um elemento coordenativo.

Para exemplificar a propriedade 1), Yoshio Endo (2004, p. 236) apresenta os seguintes dados: *mazime* (adj. sério) + *ni* (caso dativo) = *mazime-ni* (adv. seriamente/de maneira séria) e *kenage* (adj. admirável) + *ni* (caso dativo) = *kenage-ni* (adv. admiravelmente/de maneira admirável). Em relação à propriedade 2), Yoshio Endo (2004, p. 237), apresenta as ocorrências: *mazime-ni* (adv. seriamente/de maneira séria) + *mo* (foco) = *mazime-ni-mo* (adv. orientado para o sujeito seriamente/O Pedro seriamente viu a Ana[57]) e *kenage-ni* (adv. admiravelmente/de maneira admirável) + *mo* (foco) = *kenage-ni-mo* (adv. orientado para o sujeito admiravelmente/O Pedro admiravelmente viu a Ana[58]) . No que se refere à propriedade 3), Yoshio Endo (2004, p. 237-238), apresenta a frase gramatical (a), em que o advérbio orientado ao sujeito *kenage-ni-mo* antecede o advérbio de maneira *mazime-ni*, e a frase agramatical (b), em que o advérbio de maneira *mazime-ni* antecede o advérbio orientado ao sujeito *kenage-ni-mo*:

(a) *Natuyasumi-ni John-wa kenage-ni-mo mazime-ni benkyoosita*.

[57] Leitura de "Foi **sério** que o Pedro viu a Ana".
[58] Leitura de "Foi **admirado** que o Pedro viu a Ana".

verão férias-em João-tópico admirável-dativo-foco sério-dativo estudou.[59]
"Nas férias de verão, João admiravelmente estudou seriamente."

(b) **Natuyasumi-ni John-wa mazime-ni kenage-ni-mo benkyoosita*.
verão férias-em João-tópico sério-dativo admirável-dativo-foco estudou.
"*Nas férias de verão, João seriamente admiravelmente estudou."[60]

Em (a), o advérbio "*kenage-ni-mo*", por ser orientando ao sujeito, deve necessariamente anteceder o advérbio de modo "*mazime-ni*", que modifica o VP, na ordem linear. Em (b), há agramaticalidade pelo fato de o advérbio de modo modificador do VP "*mazime-ni*" anteceder o advérbio orientado ao sujeito "*kenage-ni-mo*", na ordem linear, em contexto de entonação não marcada (cf. Cinque, 1999).

É sabido que, de acordo com o Axioma da Correspondência Linear (cf. Kayne 1994), há uma correspondência entre linearização e derivação sintática, de forma que, para duas categorias sintáticas não idênticas, se X assimetricamente c-comanda Y, então X deve preceder Y na ordem linear. Linearização é, portanto, encarada não como uma operação dos níveis de interface, mais precisamente da Forma Fonética (cf. Chomsky, 1995), mas sim como uma operação da sintaxe em estrito senso (cf. Cinque, 2023).

Dessa forma, se, na ordem linear, o advérbio orientado para o sujeito deve anteceder o advérbio de modo e se o oposto não pode ocorrer, pelo Axioma da Correspondência Linear, é possível inferir a ordem de soldagem (ou *merge* externo) de tais advérbios na derivação sintática: advérbios de modo são soldados em uma posição mais baixa, ao passo que advérbios orientados ao sujeito são soldados em uma posição mais alta. Finalmente, em relação à propriedade 4), segundo a qual múltiplas ocorrências do mesmo tipo de advérbio são possíveis em japonês, Yoshio Endo (2004, p. 238-239) apresenta os seguintes dados:

(c) *Natuyasumi-ni John-wa kenage-ni-mo mazime-ni-mo hitasura-ni mazime-ni benkyoosita*

[59] De acordo com Li e Thompson (1976), línguas como japonês, chinês e coerano são orientadas para o tópico, ao passo que línguas como inglês, francês e alemão são orientadas para o sujeito. Em línguas orientadas para o tópico, como a do exemplo em análise, há possibilidade de omissão do sujeito quando o tópico é claro pelo contexto, há uso frequente de construções com "duplo sujeito", que na verdade são estruturas "tópico + sujeito" e há ausência ou uso limitado de sujeitos expletivos. Por isso, há a incorporação, no exemplo, de uma partícula de tópico ao argumento "*John*".
[60] Leitura com entonação não marcada.

verão férias-em João-tópico admirável-dativo-foco sério-dativo-foco determinado-dativo sério-dativo estudou.
"Nas férias de verão, João admiravelmente seriamente estudou determinadamente seriamente"

Em (c), há empilhamento (cf. Alves 2022; Alves; Martins, 2024) de advérbios do mesmo tipo, especificamente, de orientação ao sujeito e de modo. Empiricamente, o que se atesta é o comportamento de um advérbio orientado ao sujeito tomar como referência outro advérbio orientado ao sujeito e de um advérbio de modo tomar como referência outro advérbio de modo.

De acordo com Yoshio Endo (2004), a proposta de Ernst (2002) não teria como explicar e, consequentemente, prever o referido comportamento. Como abordado em subseções anteriores, uma proposta de adjunção livre, não motivada por quaisquer princípios, sobregeraria estruturas não atestadas em línguas naturais. Especificamente a proposta de Ernst (2002) também não poderia explicar tal comportamento com princípios semânticos (Cálculo FEO) tampouco com princípios fonológicos (peso e direcionalidade). Como argumentado em Ernst (2002), pelo Cálculo FEO, é necessário que um advérbio orientado ao sujeito tome como referência um evento para criar uma proposição. Assim, um advérbio orientado ao sujeito deve se combinar com um evento, não com uma proposição. Em (c), tal imperativo do Cálculo FEO não seria atestado, haja visto que a única explicação possível seria a de que o segundo advérbio orientado ao sujeito selecionasse a proposição que o primeiro advérbio orientado ao sujeito criou, o que subverteria as premissas básicas deste algoritmo. Tampouco seria possível explicar o ordenamento advérbio em (c) levando em consideração questões de peso fonológico e direcionalidade acentual, haja visto que não há diferenças entre os advérbios orientados ao sujeito quanto a essas propriedades. Portanto, uma proposta de adjunção livre ou de adjunção motivada semanticamente e fonologicamente, no espírito de Ernst (2002), não poderia explicar tal ocorrência.

Frente a isso, Yoshio Endo (2004) argumenta que, para explicar as propriedades descritas, a proposta de Cinque (1999) ou até mesmo de Laenzlinger (1999), referente à existência de múltiplos especificadores, poderia ser aplicada. Yoshio Endo (2004), baseado em Fukui (1995), argumenta pela existência de um parâmetro nas línguas naturais que condiciona a concordância especificador-núcleo. Em línguas como o inglês, este parâmetro teria valor marcado positivamente, o que faz com que seja proibido o licenciamento de mais de um advérbio por projeção. Em línguas como o japonês, este parâmetro teria valor marcado

negativamente, o que faz com que seja permitido o licenciamento de mais de um advérbio por projeção. Dessa forma, Yoshio Endo (2004, p. 240, tradução minha) afirma:

> "Dado esse parâmetro, a presença de múltiplos advérbios orientados ao sujeito e de modo, como visto na Propriedade D, decorre naturalmente da teoria de Cinque. Isso porque, no japonês, vários advérbios do mesmo tipo podem ser licenciados por um único núcleo funcional e podem se adjungir iterativamente a alguma projeção desse núcleo. Por essa razão, por exemplo, advérbios orientados ao sujeito podem se repetir livremente ao se adjungirem a uma projeção funcional que os licencia."

Portanto, com base nos argumentos de Cinque (1999) e de Yoshio Endo (2004) contra a adoção de uma proposta de adjunção, bem como nos argumentos tecidos até agora neste trabalho, adota-se a proposta de Cinque (1999). Assim, assume-se que advérbios são itens soldados em posição de especificador de um conjunto de projeções rigidamente ordenadas de tempo, aspecto, modo, modalidade e voz, conhecido como Hierarquia Universal.

3.1.5 Perspectivas em contraste

Nesta subseção, serão contrastadas as perspectivas apresentadas neste capítulo. Embora reconhecidamente dentro de uma mesma teoria e até mesmo dentro de um mesmo tipo de gramática haja um cenário de relativa heterogeneidade nas assunções adotadas, reconhece-se que algumas tendências gerais parecem guiar determinadas perspectivas. Inicialmente, um breve resumo dessas propostas será efetuado e, posteriormente, serão discriminadas as relações de interface e de oposição entre essas.

A análise das gramáticas tradicionais revela diversas abordagens quanto à classificação e ao comportamento sintático de advérbios. A Norma Gramatical Brasileira (NGB) reconhece sete categorias adverbiais, enquanto a Norma Gramatical Portuguesa (NGP) adiciona mais três categorias. Cunha e Cintra (2016) destacam o papel fundamental do advérbio como modificador do verbo, com algumas subclasses capazes de modificar adjetivos e advérbios. Eles também diferenciam advérbios interrogativos de relativos. Quanto à colocação em sentenças, advérbios de intensidade precedem adjetivos, advérbios de modo geralmente seguem o verbo, enquanto advérbios de tempo e lugar podem ocorrer antes ou depois do verbo. Rocha Lima (2021) propõe cinco categorias de advérbios e destaca a distinção entre advérbios interrogativos e relativos. Bechara (2019) amplia a classificação, considerando também advérbios pronominais e nominais. Além disso, é discutida a possibilidade de advérbios modificarem diretamente substantivos.

Notavelmente, há convergências entre esses estudos. Em todos, há assunção de que advérbios são termos invariáveis em gênero e em número que podem modificar, pelo menos, o verbo. Embora as classificações quanto aos tipos de modificação de sentido possam diferir, em todas as propostas há emprego também de um critério semântico para os definir, além do morfológico e sintático. Entende-se que, para além das classificações dos tipos de advérbios que podem existir, a mais relevante divergência é referente aos domínios de modificação sobre os quais os advérbios podem atuar.

As propostas estruturalistas de Jespersen (1924), Bloomfield (1933) e Câmara Jr. (1970) questionam a autonomia e universalidade dos advérbios. Jespersen (1924) inclui, por exemplo, os advérbios na classe das partículas, destacando seu comportamento variável conforme o contexto sintático. Bloomfield (1933) não sistematiza universalmente as classes de palavras, considerando os advérbios como categorias particulares das línguas naturais. Câmara Jr. (1970) propõe uma classificação tripartida, em que os advérbios são vistos como nomes ou pronomes que determinam um verbo.

Entende-se que todas essas propostas, em maior ou menor instância, ressaltam a influência do contexto sintático na definição das propriedades dos advérbios, priorizando critérios sintáticos e morfossintáticos. Essas abordagens questionam também a concepção tradicional da autonomia dos advérbios, sugerindo que eles podem ser entendidos como fenômenos resultantes de classes de palavras mais amplas. Há, inegavelmente, claras diferenças, como a assunção de que advérbios não sejam universais e o entendimento de que advérbios se aproximam dos nomes e dos pronomes. Em relação às relações com gramáticas tradicionais, há uma relação de interface referente ao emprego do critério morfológico para definir os advérbios. Há também uma evidente divergência em relação à definição de advérbio e à autonomia da classe.

As propostas gerativistas de Sportiche (1998), Laenzlinger (1999), Cinque (1999), Ernst (2002) e Rocha e Lopes (2015) consideram advérbios como uma classe universal das línguas naturais, que pode ser regida, em maior ou menor extensão, por princípios sintáticos e até semânticos. Sportiche (1998) compreende advérbios como núcleos de uma projeção que pode tomar um VP como complemento ou como especificador. Diferentes ordenamentos adverbiais seriam explicados, dessa forma, à luz de como o termo modificado se relacionaria com o modificador adverbial. Laenzlinger (1999) e Cinque (1999) compreendem advérbios como uma classe universal que seriam alocados no especificador de projeções funcionais. O tipo e a ordem de soldagem dos núcleos funcionais a que esses advérbios se referem são descritos como primitivos da GU. Os diferentes ordenamentos adverbiais explicados seriam fruto de uma

mesma ordem de soldagem e da atuação de parâmetros de movimento (Cinque, 2005). Ernst (2002) e Rocha e Lopes (2015), em maior ou menor extensão, parecem se afiliar ao entendimento de que advérbios são adjuntos e que o ordenamento adverbial é guiado mais pela atuação de princípios semânticos e fonológicos do que propriamente sintáticos. Tais propostas, por mais distintas que possam parecer, rompem com as assunções comuns a perspectivas anteriores, por considerarem a universalidade da classe advérbio e por privilegiarem o critério sintático e, para Ernst (2002), semântico, para sua caracterização.

Em todas as perspectivas, observa-se uma relação de interface referente à assunção de que advérbios podem ser caracterizados por meio de critérios semânticos, morfológicos e sintáticos. Há também uma evidente divergência em relação à natureza categorial dos advérbios, à representação linguística nas línguas naturais e ao seu comportamento morfossintático.

3.2 O TRATAMENTO DOS ADVÉRBIOS NA CARTOGRAFIA SINTÁTICA

Nesta seção, é pormenorizada a forma pela qual a Cartografia Sintática, enquanto empreendimento de pesquisa da Teoria de Princípios e Parâmetros, classifica os advérbios nas línguas naturais. É motivado também, por meio de argumentos teóricos, empíricos e experimentais, o entendimento de advérbios como especificadores de projeções funcionais. Neste contexto, os trabalhos de Cinque (1999; 2013; 2017), Tescari Neto (2013; 2022), Sant'Ana (2020), Alves (2020; 2022), Bergamini-Perez (2023), Alves e Martins (2024) e Alves, Nespoli e Martins (2023), além de seus respectivos tratamentos da classe de advérbios, serão apresentados.

Em Cinque (1999), afirma-se que advérbios são especificadores de projeções funcionais rigidamente ordenadas no *Middlefield.* Dessa forma, seguindo a versão da Teoria X-Barra de Kayne (1994), adjunção não seria licenciada em *Narrow Syntax*, tampouco haveria múltiplos especificadores em cada projeção do *Middlefield* (contra Laenzlinger, 1999). Considera-se que linearizações adverbiais distintas nas línguas naturais seriam produto da atuação de distintos parâmetros de movimento[61] (Cinque, 2005) desempenhado, por exemplo, pelo verbo, ou, como mais recentemente se preconiza (Cinque, 2023), pelo VP.

---

[61] Inspirado por Ross (1967), Cinque (2005) considera que seria um primitivo da GU a disponibilização de quatro parâmetros de movimento: 1) Ausência de movimento, 2) Movimento sem *pied-piping*, 3) Movimento com *pied-piping* do tipo *whose-pictures* e 4) Movimento com *pied-piping* do tipo *pictures-of-whom.*

(a) **Did you take which (bag)*? (Você pegou qual (bolsa)?)
(b) *Which bag did you take*? (Qual (bolsa) você pegou?)

Cinque (1999) apresenta, em sua proposta, cinco grandes argumentos para considerar advérbios como termos inseridos em posição de especificadores únicos de projeções funcionais e não como adjuntos. O primeiro argumento é de que um sistema que admite adjunção livre ou mesmo a possibilidade de alguns advérbios serem inseridos como adjuntos e outros como especificadores não é restritiva o suficiente para explicar as generalizações encontradas nas línguas naturais referentes ao ordenamento adverbial. O segundo argumento é de que a versão da Teoria X-Barra apresentada em Kayne (1994) prevê a existência de um único especificador por projeção e, se de fato se assumisse a proposta de adjunção livre, a existência de linearizações de AdvPs similares entre as línguas seria inesperada. O terceiro argumento é de que, em línguas como o italiano, o particípio passado ativo pode ser encontrado tanto antecedendo quanto seguindo cada AdvP em uma sequência de advérbios empilhados, como se observa nos exemplos abaixo, extraídos de Cinque (1999, p. 45):

(3) a. *Da allora, non hanno **rimesso** di solito mica più sempre completamente tutto bene in ordine*.
Desde então – não têm – **arrumado** – geralmente – de jeito algum – não mais – sempre – completamente – tudo – bem – em ordem.
b. *Da allora, non hanno di solito **rimesso** mica piu sempre completamente tutto bene in ordine*.
Desde então – não têm – geralmente – **arrumado** – de jeito algum – não mais – sempre – completamente – tudo – bem – em ordem.
c. *Da allora, non hanno di solito mica **rimesso** più sempre completamente tutto bene in ordine*.
Desde então – não têm – geralmente – de jeito algum – **arrumado** – não mais – sempre – completamente – tudo – bem – em ordem.
d. *Da allora, non hanno di solito mica più **rimesso** sempre completamente tutto bene in ordine*.

(c) *Whose bag did you take*? (A bolsa de quem você pegou?)
Em (a), o sintagma Wh argumental "qual (bolsa)" é gerado em posição de argumento interno do predicador verbal "pegar" e permanece *in situ* (parâmetro 1). Contrariamente a línguas como o inglês, em que há movimento Wh obrigatório para a posição de especificador de CP, desencadeado pela necessidade de marcar a força ilocucionária de pergunta, no PB, não há tal obrigatoriedade (Sell, 2011; Alves, 2022a). Em (b), o sintagma Wh argumental encabeçado por "qual" pode se mover com carregamento (*pied-piping*) ou sem carregamento do DP "bolsa", representando, respectivamente, a atuação dos parâmetros descritos em 2) e 3). Em (c), há movimento do sintagma Wh argumental encabeçado por "qual" com carregamento do constituinte "bolsa" e com inversão entre este e aquele, apontando, assim, para a atuação do parâmetro descrito em 4).

Desde então – não têm – geralmente – de jeito algum – não mais – **arrumado** – sempre – completamente – tudo – bem – em ordem.

e. *Da allora, non hanno di solito mica più sempre **rimesso** completamente tutto bene in ordine*.

Desde então – não têm – geralmente – de jeito algum – não mais – sempre – **arrumado** – completamente – tudo – bem – em ordem.

f. *Da allora, non hanno di solito mica più sempre completamente **rimesso** tutto bene in ordine*.

Desde então – não têm – geralmente – de jeito algum – não mais – sempre – completamente – **arrumado** – tudo – bem – em ordem.

Se advérbios não se movem, salvo em caso de checagem de traços criteriais na camada do *Forefield* (espaço do CP), para explicar a gramaticalidade dessas sentenças, é necessário assumir que o verbo ou o VP se movam por entre tais AdvPs considerados, o que aponta para a existência de projeções funcionais alocadas entre tais sintagmas: *di solito* – WP – *mica* – XP – *piu* – YP – *sempre* – ZP – *completamente* – KP – *tutto bene* – VP. Se, de fato, existem essas projeções, os referidos advérbios só poderiam ser alocados na posição de especificador, visto que, em um cenário de adjunção livre, não seria esperado que o advérbio fosse linearizado entre outros dois advérbios. Em outras línguas, como o Sardo, há evidências de que o particípio passado ativo pode ainda aparecer entre o AdvP "*tottu*" e o AdvP "*bene*", como se observa em (4), retirado de Cinque (1999, p. 46):

(4) a. **Apo bene **mandigadu**.*

*Tenho – bem – **comido**

b. *Apo **mandigadu** bene.*

Tenho – **comido** – bem

c. *Apo tottu **mandigadu**.*

Tenho – tudo – **comido**

d. *Apo **mandigadu** tottu*.

Tenho – **comido** – tudo

Para explicar a gramaticalidade dessas sentenças, é necessário assumir a existência de projeções funcionais que possam alocar o AdvP "*tottu*" e o AdvP "*bene*" em seus

especificadores. Há, dessa forma, um substantivo número de evidências entre línguas que apontam para a plausibilidade da proposta de AdvPs na posição de especificadores.

O quarto argumento é o de que, em italiano, o advérbio "*mica*" ("de jeito algum") e o advérbio "*più*" ("não mais") podem ser linearizados antecedendo ou seguindo o particípio passado ativo, como se observa em (5) e (6), extraídos de Cinque (1999, p. 47). Além disso, Cinque (1999) argumenta que, se tal ordenamento adverbial fosse subproduto da atuação de processos cognitivos mais gerais, como analogia, de adjunção livre ou até mesmo da existência de múltiplos especificadores, ambas as sentenças apresentadas em (7) seriam plenamente aceitáveis e gramaticais, o que não ocorre.

(5) a. *Non hanno mica* ***mangiato***.
Não têm – de jeito algum – **comido**
b. *Non hanno* ***mangiato*** *mica.*
Não têm – **comido** – de jeito algum

(6) a. *Non hanno più* ***mangiato***.
Não têm – não mais – **comido**
b. *Non hanno* ***mangiato*** *piu.*
Não têm – **comido** – não mais

(7) a. *Non hanno mica* ***mangiato*** *più.*
Não têm – de jeito algum – comido – não mais
b. **Non hanno più* ***mangiato*** *mica.*
Não têm – não mais – comido – de jeito algum

Em (5), o particípio passado ativo "*mangiato*" ("comido") pode ser linearizado antecedendo ou seguindo o AdvP "*mica*" ("de jeito algum"). Em (6), tal particípio pode ser linearizado antecedendo ou seguindo o AdvP "*più*" ("não mais"). Interpreta-se que, se houvesse de fato atuação de analogia, (7b) teria de ser necessariamente gramatical, visto que o falante compreenderia que, da mesma forma que em (5b), o particípio poderia anteceder "*mica*" ("de jeito algum") e, da mesma forma que em (6a), o particípio poderia seguir "*più*" ("não mais"). Tal constatação parece desafiar em maior ou menor extensão modelos construcionistas, como os apresentados em Diesel (2019), que assumem a atuação de princípios cognitivos gerais como solução unicamente eficiente e suficiente para explicar o conhecimento linguístico humano. Além disso, uma proposta de adjunção livre ou de múltiplos especificadores, como

respectivamente adotadas em Ernst (2002) e Laenzlinger (1999), não seria restritiva o suficiente para explicar a má formação de (7b).

Há, ainda, um quinto argumento, que, de certa forma, é tão empírico quanto o quarto e que propicia uma separação entre advérbios altos e baixos. Tal argumento é de que, embora o particípio passado de verbos não possa se mover, em italiano, para projeções à esquerda de AdvPs altos, verbos auxiliares finitos podem, como se observa em (8), (9) e (10), adaptados de Cinque (1999, p. 49):

(8) a. *Mi **ero** francamente purtroppo evidentemente formato una pessima opinione*
Me – **tinha** – francamente – infelizmente – evidentemente – formado – uma péssima opinião

b. *Francamente mi **ero** purtroppo evidentemente formato una pessima opinione*
Francamente – Me – **tinha** – infelizmente – evidentemente – formado – uma péssima opinião

c. *Francamente purtroppo mi **ero** evidentemente formato una pessima opinione*
Francamente – infelizmente – me – **tinha** – evidentemente – formado – uma péssima opinião

d. *Francamente purtroppo evidentemente mi **ero** formato una pessima opinione*
Francamente – infelizmente – evidentemente – me – **tinha** – formado – uma péssima opinião

(9) a. *Evidentemente mi **ero** probabilmente allora formato una pessima opinione*
Evidentemente – me – **tinha** – provavelmente – depois – formado – uma péssima opinião

b. *Evidentemente probabilmente mi **ero** allora formato una pessima opinione*
Evidentemente – provavelmente – me – **tinha** – depois – formado – uma péssima opinião

c. *Evidentemente probabilmente allora mi **ero** formato una pessima opinione*.
Evidentemente – provavelmente – depois – me – **tinha** – formado – uma péssima opinião

(10) a. *Allora **aveva** forse saggiamente deciso di non presentarsi*.
Depois – **havia** – talvez – sabiamente – decidido não ir.

b. *Allora forse **aveva** saggiamente deciso di non presentarsi*.
Depois – talvez – **havia** – sabiamente – decidido não ir.

c. *Allora forse saggiamente **aveva** deciso di non presentarsi*.

Depois – talvez – sabiamente – **havia** – decidido não ir.

Em (8), o auxiliar "*ero*" ("tinha") pode ser linearizado entre, antes e após os advérbios altos "*francamente*" ("francamente"), "*purtroppo*" ("infelizmente") e "*evidentemente*" ("evidentemente"). Em (9), o mesmo auxiliar pode ser linearizado entre ou após os advérbios altos "*evidentemente*" ("evidentemente"), "*probabilmente*" ("provavelmente") e "*allora*" ("depois"). Em (10), o auxiliar "*aveva*" ("havia") pode ser linearizado entre ou após os advérbios altos "*allora*" ("depois"), "*forse*" ("talvez") e "*saggiamente*" ("sabiamente"). Dessa forma, haveria, necessariamente entre tais advérbios, núcleos que pudessem intermediar a construção da cadeia cíclica dos auxiliares. Novamente, uma proposta de adjunção livre não poderia explicar, por exemplo, os contextos em que haveria a duplicação de determinada projeção para supostamente alocar tais advérbios.

Como já explicitado, Cinque (1999) classifica os advérbios em duas categorias principais, altos e baixos, com base na posição do particípio passado ativo no italiano dentro do *Middlefield*. Segundo sua análise, os advérbios altos são linearizados à esquerda do particípio passado ativo, enquanto os baixos são linearizados à direita dessa forma verbal. Observam-se, assim, os fundamentos de uma classificação bipartida.

Ledgeway e Lombardi (2005, p. 92) também propõem uma divisão bipartida do *Middlefield*, fundamentada na subida do verbo no italiano e no cosentino. De acordo com os autores, auxiliares finitos, no italiano e no cosentino, se movem até a zona alta das projeções funcionais que alocam advérbios e não podem ter como zona de pouso a porção baixa do *Middlefield*. Em contrapartida, nessas línguas, os verbos temáticos finitos se movem apenas por sobre a porção baixa do *Middlefield*, não tendo disponível, assim, como zona de pouso, a parte alta do *Middlefield*. De certa forma, Ledgeway e Lombardi (2005) e Cinque (1999) concordam com a proposição de uma classificação bipartida para o espaço do IP.

Tescari Neto (2019; 2022a), ao examinar a variação da altura do movimento verbal no *Middlefield* em diferentes variedades do português (Brasil, Angola e Moçambique), reconhece a possibilidade de uma divisão tripartite, a saber: 1) alta, 2) média e 3) baixa. Para Tescari Neto (2019), haveria, em PB: 1) uma zona de movimento obrigatório do verbo no *Middlefield* e 2) uma assimetria na altura do movimento de formas verbais finitas, infinitivas, participiais e gerundivas. Aponta-se, segundo o autor, que o movimento do verbo lexical finito em PB é obrigatório à esquerda de $Asp_{Frustrativo}P$, em cujo especificador se encontra o AdvP "à toa". Após tal zona, o movimento não é mais obrigatório. Em relação ao movimento de formas verbais infinitivas e gerundivas, Tescari Neto (2019) argumenta que devem se mover acima de

$Mod_{Obrigação}P$, em cujo especificador é alocado o AdvP "obrigatoriamente". Finalmente, o particípio passado ativo deve se mover, pelo menos, por sobre $Asp_{PlCompletivo}P$, em cujo especificador é alocado o AdvP "tudo". De acordo com o autor, a assimetria no movimento das formas verbais corrobora a existência de uma divisão tripartida do *Middlefield*. Os achados de Tescari Neto (2019)[62] podem ser consultados na tabela abaixo:

Tabela 5 – **Movimento obrigatório do verbo no PB de acordo com Tescari Neto (2019)**

Forma Verbal	**Movimento Obrigatório**
V Finito	AspFrustrativoP
V Infinitivo	ModObrigaçãoP
Gerúndio	ModoObrigaçãoP
Particípio Passado Ativo	AspPlCompletivoP

.

Fonte: Elaboração própria

Em Tescari Neto (2013; 2021a; 2022a), assume-se que o *Middlefield* seja dividido em três partes, que correspondem às distintas alturas dos advérbios. A zona alta do *Middlefield* abriga projeções funcionais em cujos especificadores são inseridos advérbios altos, a saber: (francamente) $Modo_{Ato\ de\ fala}$ > (surpreendentemente) $Modo_{Mirativo}$ > (felizmente) $Modo_{Avaliativo}$ > (supostamente) $Modo_{Evidencial}$ > (provavelmente) $Mod_{Epistêmico}$ > (uma vez) $T_{Passado}$ > (então) T_{Futuro} > (talvez) $Modo_{Irrealis}$ > (necessariamente) $Mod_{Necessidade}$ > (possivelmente) $Mod_{Possibilidade}$. A zona medial abriga projeções funcionais em cujos especificadores são inseridos advérbios mediais, a saber: (normalmente) $Asp_{Habitual}$ > (finalmente) $Asp_{Tardivo}$ > (tendencialmente) $Asp_{Predisposicional}$ > (novamente) $Asp_{Repetitivo(I)}$ > (frequentemente) $Asp_{Frequentativo(I)}$ > (com gosto)

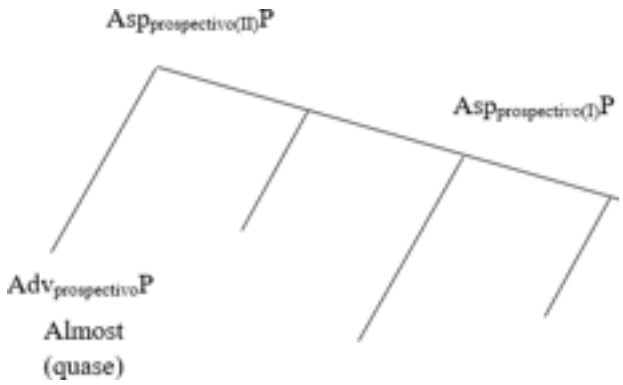
[62] Em propostas mais recentes, como as de Quarezemin e Tescari Neto (2025), considera-se que o verbo temático finito em PB chega a se mover por sobre o AdvP "em vão", especificador de AspFrustrativoP. Ambas as propostas apresentadas, tanto a de Tescari Neto (2019) quanto a de Quarezemin e Tescari Neto (2025), podem explicar o movimento obrigatório do verbo temático infinitivo em PB por sobre o AdvP "completamente", especificador de uma projeção diretamente c-comanda por AspFrustrativoP, atestado em Galves (1994). Portanto, neste trabalho, adota-se a proposta de que o verbo se move obrigatoriamente até AspFrustrativoP ao menos.

$Mod_{Volitiva}$ > (rapidamente) $Asp_{Acelerativo(I)}$ > (já) $T_{Anterior}$ > (não ... mais) $Asp_{Terminativo}$ > (ainda) $Asp_{Continuativo}$ > (sempre) $Asp_{Contínuo}$.

Finalmente, a zona baixa abriga projeções funcionais em cujos especificadores são inseridos advérbios baixos, a saber: (agora mesmo) $Asp_{Retrospectivo}$ > (dentro em breve) $Asp_{Aproximativo}$ > (brevemente) $Asp_{Durativo}$> (caracteristicamente) $Asp_{Genérico/Progressivo}$ > (quase) $Asp_{Prospectivo}$ > (repentinamente) $Asp_{Incoativo(I)}$ > (obrigatoriamente) $Mod_{Obrigação}$ > (à toa) $Asp_{Frustrativo}$ > (?) $Asp_{Conativo}$ > (completamente) $Asp_{SingCompletivo(I)}$ > (tudo) $Asp_{PlurCompletivo}$ > (bem) Voz > (rápido) $Asp_{Acelerativo(II)}$ > (do nada) $Asp_{Incoativo(II)}$ > (de novo) $Asp_{Repetitivo(II)}$ > (frequentemente) $Asp_{Frequentativo(II)}$ > (completamente) $Asp_{SgCompletlve(II)}$. Tescari Neto (2022c) argumenta que, nas línguas românicas, a zona mais baixa corresponde à área em que há variação interlinguística quanto ao movimento obrigatório do verbo.

Em Cinque (2013), há um refinamento da proposta de Cinque (1999), referente à forma pela qual AdvPs são inseridos nas projeções funcionais. Para Cinque (2013), cada projeção do *Middlefield* seria dividida em duas projeções, uma mais alta, em que haveria a soldagem do AdvP em especificador, e outra mais baixa, em que poderia haver checagem do traço criterial a que o AdvP se relaciona, por meio de movimento do V(P) para seu núcleo (ou especificador, no caso de movimento sintagmático) ou por simples soldagem, nas línguas naturais. Dessa forma, adota-se um modelo binário de configuração das projeções funcionais, que pode ser observado na figura abaixo, extraída de Alves (2022, p. 66):

Figura 4 – **Estrutura Binária de $Asp_{Prospectivo}P$**

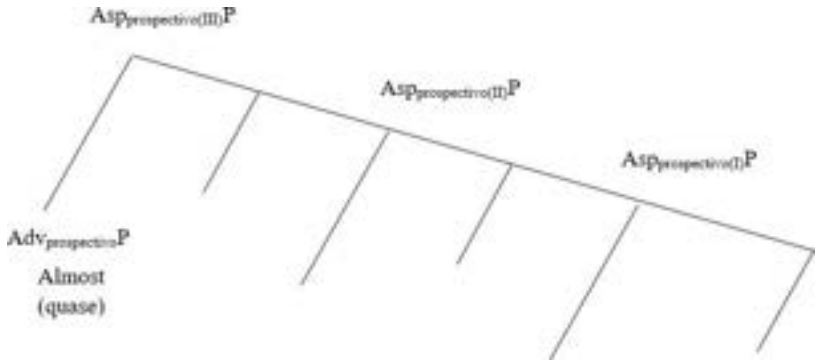


Fonte: Adaptado de Alves (2022, p. 66)

Em Cinque (2017), há um novo refinamento da proposta de Cinque (1999) e de Cinque (2013). Argumenta-se, na verdade, que cada categoria do *Middlefield* estaria relacionada até

três[63]projeções: uma mais alta, que hospeda um advérbio em sua posição de especificador, uma medial, que funcionaria como um local para verificar um traço criterial por meio do alçamento de partes da estrutura para sua posição de especificador, e uma mais baixa, que é alvo do movimento de V sem arrastar, por exemplo, o objeto. Dessa forma, haveria, na verdade, uma configuração ternária das projeções do *Middlefield*, como se observa na figura abaixo:

Figura 5 – **Estrutura ternária de $Asp_{prospectivo}P$**



Fonte: Elaboração própria

As principais críticas (Costa, 2020; Ernst, 2002) à proposta de que advérbios ocupariam a posição de especificadores de projeções são: 1) o emprego de testes de julgamento de gramaticalidade para aferir ordenamento em grupamentos adverbiais, 2) a existência de supostas falhas de precedência e de transitividade na hierarquia de Cinque (1999) e 3) a consideração de que tal abordagem é pouco econômica. Para todas essas críticas, há contra-argumentos sólidos e consideráveis. Com o objetivo de responder a primeira crítica, será apresentado o trabalho de Sant'Anna (2020). Para responder a segunda, serão apresentados os trabalhos de Cinque (1999), Tescari Neto (2013; 2022), Alves (2022) e Alves (2024). Para responder a terceira, será apresentado o trabalho de Tescari Neto (2013), Bergamini-Perez (2023) e Alves, Nespoli e Martins (2023).

Em Sant'Anna (2020), discutiu-se o correlato psicológico da hipótese do especificador. Aplicam-se três experimentos psicolinguísticos a falantes adultos, nativos e saudáveis do PB.

[63] Tal proposta é amplamente assumida em trabalhos como Tescari Neto (2022) e Bergamini-Perez (2023). Sabe-se que, após o estudo seminal de Pollock (1989), o inglês, por exemplo, é descrito como uma língua que não possui movimento do verbo. Por meio da proposta de Cinque (2017), é possível assumir o alçamento de partes da estrutura para checar certos traços sem violar a importante generalização de Pollock (1989). Essa aplicação ocorre também em trabalhos como de Alves e Martins (2024).

O primeiro experimento era de leitura automonitorada e tinha como objetivo verificar se as sentenças com dois advérbios em ordem de linearização cinqueniana, isto é, de acordo diretamente e categoricamente com a HU, eram mais aceitas do que sentenças com dois advérbios em ordem de linearização não cinqueniana. Esse experimento foi aplicado a 28 adultos, com idade média de 22 anos, oriundos do estado do Rio de Janeiro. Durante o experimento, os sujeitos liam sentenças com ordenamento adverbial de acordo com o previsto pela hierarquia de Cinque (1999) e apresentavam, posteriormente, seus julgamentos. Analisaram-se, como variáveis dependentes, o tempo de leitura e os julgamentos. Os resultados sustentam a hipótese do especificador de Cinque (1999) e a sua hierarquia do *Middlefield*, visto que sentenças com ordenamentos adverbiais na ordem proposta em Cinque (1999) eram lidas mais rapidamente. Argumenta-se, ainda, que, de forma mais ampla, tal estudo apresenta evidências experimentais para a hipótese do especificador, já que a existência de um ordenamento fixo de advérbios em *Narrow Syntax* não é compatível com a hipótese de adjunção livre. Dessa forma, Sant'Anna (2020, p. 129) afirma:

> "As restrições ao posicionamento dos advérbios e a realidade psicológica dos ordenamentos relativos fixos de advérbios oferecem sérias dificuldades à hipótese de que advérbios são inseridos na estrutura sentencial como adjuntos. A checagem de traços entre a posição de especificador ocupado pelo advérbio e o seu núcleo correspondente torna-se a explicação sintática mais plausível. A hierarquia de posições ocupadas pelos advérbios seria um reflexo da hierarquia de núcleos funcionais mapeada na estrutura sintática"

Sendo assim, contrariamente ao que se expõe na primeira crítica, há evidências experimentais, advindas de métodos que são distintas do clássico "*Hey, Sally*" (Julgamento de Gramaticalidade por introspecção), de que advérbios são inseridos como especificadores de projeções. Afirma-se, ainda, que, mesmo que houvesse um cenário em que tal proposta fosse identificada apenas por método de julgamentos de gramaticalidade, que, desde Chomsky (1957), é amplamente utilizado na pesquisa linguística, tal crítica não seria um argumento suficiente para invalidar a hipótese do especificador, visto que também se aplicaria a propostas de adjunção livre, como a de Ernst (2002). Na verdade, tal crítica aplicar-se-ia, de forma leviana, ao gerativismo.

Em Cinque (1999, p. 3-4), são apresentados alguns contextos em que a linearização de itens adverbiais alocados em especificadores de projeções HU pode ser afetada. Tais fatores, longe de invalidarem a hierarquia, refletem a existência de estruturas que aparentemente são tidas como contraexemplos, mas que podem ser explicadas, inclusive, pela própria GU. Há, assim, seis contextos de aparentes violações à ordem fixa de soldagem da HU: 1) modificação

direta, 2) checagem de traço criterial na periferia esquerda, 3) movimento Wh, 4) subespecificação adverbial, 5) foco não inerente e 6) uso parentético.

Quando um AdvP atua como modificador de outro AdvP, licencia-se um ordenamento que aparentemente seria distinto do previsto pela HU. Tal diferença é, contudo, aparente, visto que, como será argumentado neste trabalho, e como argumentado em Alves (2022) e Alves e Martins (2024), o traço de modificação neste caso é diferente.

Como já apresentado no capítulo 3, seção 2, Alves (2022) e Alves e Martins (2024), ao analisarem advérbios empilhados no inglês, mais especificamente "*usually still*" ("geralmente ainda"), "*still almost*" ("ainda quase"), "*briefly almost*" ("brevemente quase"), "*briefly suddenly*" ("brevemente repentinamente"), "*still usually*" ("ainda geralmente"), "*almost still*" ("quase ainda"), "*almost briefly*" ("quase brevemente") e "*suddenly briefly*" ("repentinamente brevemente"), argumentam que há duas posições do advérbio "*almost*" e possivelmente dos outros advérbios no espaço do IP, sendo uma em posição de especificador de um AdvP baixo e outra em posição de especificador de DegP, que modificaria um AdvP baixo. Os autores sustentam suas afirmações a partir dos seguintes argumentos: 1) advérbios empilhados formam um constituinte e são compatíveis com estruturas clivadas e pseudoclivadas em inglês, 2) linearizações "*almost still* + VP" são estruturas em que o advérbio "*almost*" não modifica o VP, mas sim o advérbio "*still*", já que uma sentença com "*almost still* + VP" ("*Peter almost still wins the race*") ("Pedro quase ainda ganha a corrida") não acarreta uma sentença com "*still + almost* VP" ("*Peter still almost wins the race*") ("Pedro ainda quase ganha a corrida") e 3) o traço associado a advérbios como "*almost*" em posição empilhada a advérbios como "*still*" não é o de prospecção, mas sim um traço de modificação/gradualidade. Por haver mais de um traço associado a advérbios como "*almost*" no léxico funcional das línguas naturais (prospecção e modificação/gradualidade) e por haver propriedades distintas em construções em que o "*almost*" ora veicula prospecção e ora veicula modificação/gradualidade, então esses dois "*almost*" seriam especificadores de projeções distintas, a saber: $Adv_{prospectivo}P$ e DegP.

Alguns advérbios podem checar traços de tópico, foco e até mesmo de modificação, se adotarmos a proposta de Rizzi e Bocci (2017) de existência de um ModP. Em alguns contextos, o movimento do AdvP para uma posição criterial no *Forefield* pode fazer emergir linearizações não diretamente previstas pela HU. Tal fenômeno é bastante comum com advérbios baixos, que, de acordo com Bellert (1977), Casteleiro (1982) e Muller de Oliveira (1993), são mais facilmente focalizados em português. Sendo assim, em uma sentença como "**Sempre** que ele rapidamente saía era visto". O AdvP continuativo "sempre", de acordo com a HU, é soldado em uma posição da sentença mais baixa do que a do AdvP celerativo "rapidamente". Contudo,

para checar o traço criterial de foco, realizado linguisticamente pela partícula de foco “que”, o AdvP continuativo é alçado até a posição de *Spec*, FocP, linearizando uma sentença em que aparentemente há um descompasso com a HU.

Alguns advérbios, especialmente os baixos, de acordo com Cinque (1999, p. 17), podem ser carregados, isto é, sofrer *pied-piping*, por sintagmas Wh. Um exemplo deste fenômeno seria a sentença “**Quão frequentemente** o Pedro já viajou?”, em que o AdvP “frequentemente”, um dos mais baixos da HU, é carregado pelo sintagma Wh encabeçado por “quão” até a posição de *Spec*, FocP, linearizando, assim, uma ordem aparentemente distinta à hierarquia.

Convém apontar que alguns advérbios podem ser subespecificados lexicalmente para mais de uma leitura e consequentemente posição. Por exemplo, seguindo a análise de Alves (2022) e Alves e Martins (2024), o advérbio “quase” pode ser um desses casos. Em uma sentença como “O livro caiu”, há a checagem do traço criterial de prospecção por meio da soldagem simples do AdvP prospectivo “quase”. Contudo, em uma sentença como “O quase livro que quase caiu”, parece ser o caso de haver dois AdvPs que compartilham informações fonológicas e algumas morfológicas, mas que são distintos em relação às informações morfossintáticas e semânticas. Em “O quase livro”, o AdvP sob análise se comporta como um modificador nominal, haja vista sua coocorrência com o outro “quase”. Em “que quase caiu”, o outro AdvP “quase” se comporta como um advérbio prospectivo, disparando a checagem do traço de prospecção. Parece ser possível considerar, portanto, que tal advérbio possa ser subespecificado lexicalmente para mais uma posição na sentença, principalmente em contextos de foco não inerente.

Por fim, alguns advérbios, a depender da curva entoacional dada implicitamente ou explicitamente a determinada sentença (Cinque, 1999; Sant’Anna, 2011), podem ser linearizados em posições distintas das previstas diretamente e categoricamente pela HU. Sendo assim, em uma sentença como “O Pedro <rapidamente> sempre saía de casa”, a depender da forma pela qual o trecho em que há emprego de advérbios empilhados é pronunciado, o AdvP mais baixo “rapidamente” pode ser linearizado mais à esquerda do que o AdvP “sempre”, criando a impressão de que a ordem de soldagem é distinta da prevista pela HU. Tal contexto, entretanto, reflete nada mais do que a ação de sucessivos movimentos em *Narrow Syntax*, especialmente para o *Forefield*, que possuem interface com a forma fonológica.

Tescari Neto (2013), seguindo a proposta de Cinque (1999), considera que, a depender das relações de escopo de um AdvP em determinada sentença, possa haver alguns movimentos que mascaram a ordem de soldagem prevista pela HU. Entende-se, assim, que diferentes ordenamentos adverbiais possam ser produto de distintas relações de escopo, estabelecidas na

própria concatenação sintática. Além disso, Tescari Neto (2019) demonstra que falhas de transitividade de sentenças com AdvPs da HU demonstram, na verdade, falhas de análise. Afirma-se que os aparentes contraexemplos à HU podem ser explicados pelos contextos previstos já em Cinque (1999), pelas relações de escopo desempenhadas em *Narrow Syntax*, pelos parâmetros de movimento previstos em Cinque (2005) e por movimento remanescente de partes da estrutura. Dessa forma, não apenas a Cartografia Sintática consegue prever a ordem universal de soldagem de AdvPs nas línguas naturais, como consegue apontar, diretamente e categoricamente, os contextos de aparentes diferenças na linearização. Do ponto de vista popperiano, tal empreendimento de pesquisa contribui com uma abordagem refutável e preocupada com o alcance de adequação explicativa. Além disso, tal proposta contribui diretamente para a economia derivacional, uma vez que, ao assumir distintas posições de soldagem para AdvPs de determinadas categorias, dispensa o emprego de princípios de adjunção.

Bergamini-Perez (2023), ao investigar a sintaxe e a semântica dos adjuntos temporais de medida "em x tempo", "por x tempo" e "durante x tempo" no PB, adota os pressupostos do Programa Cartográfico. Para explicar a forma pela qual há a valoração dos traços relacionados a esses adjuntos, argumenta-se que as categorias já existentes na HU seriam suficientes para explicar tal valoração em *Narrow Syntax*. De acordo com Bergamini-Perez (2023, p. 197), quando o PP "em x tempo" possui interpretação télica, são acionadas as projeções de TemporalP (Schweikert, 2005) e $Asp_{completivo\ (ii)}P$ (Cinque, 1999; 2004; 2006), ao passo que, em contexto de leitura atélica, aciona-se também a projeção $Asp_{inceptive\ (ii)}P$ (Cinque, 1999; 2004; 2006). Quando o PP "por x tempo" e o PP "durante x tempo" têm interpretação de duração de eventos, acionam-se as projeções TemporalP e $Asp_{durativo}P$ (Cinque, 1999; 2004; 2006), enquanto em contexto de leitura de detelicização de eventos télicos, há também o acionamento das projeções $AsP_{terminative}P$ e $Mood_{irrealis}P$ (Cinque, 1999; 2004; 2006). Dessa forma, Bergamini-Perez (2023) descreve rigorosamente a derivação desses três PPs circunstanciais de medida em sentenças do PB e promove uma grande contribuição para a descrição e explicação da sintaxe adverbial das línguas naturais. Interpreta-se que, da mesma forma que Tescari Neto (2013), tal proposta contribui para a manutenção da economia derivacional, ao dispensar a aplicação de princípios de adjunção.

Em Alves, Nespoli e Martins (2024), é investigada a derivação de sentenças com advérbios empilhados especificadores de $Asp_{habitual}P$, $Asp_{continuativo}P$, $Asp_{prospectivo}P$. É aplicado um Teste de Julgamento de Aceitabilidade a falantes nativos do inglês britânico. Como variável dependente, são adotados os julgamentos (positivos/negativos) e como variável independente

os ordenamentos (cinquenianos/não cinquenianos). A predição adotada neste estudo foi de que, na tarefa, os ordenamentos "*usually still*", "*still almost*" e "*usually almost*" receberiam mais julgamentos positivos do que os ordenamentos "*still usually*", "*almost still*" e "*almost usually*". Foi observado que o único contexto significativo em que a ordem parece influenciar os julgamentos atribuídos é o uso de "*still almost*" e "*almost still*" (p-valor = 0,002). Sugere-se que os julgamentos favoráveis aos arranjos "não cinquenianos" possam ser explicados por meio de estruturas de modificação direta, movimento remanescente e diversas relações de escopo. Argumentou-se que, como previsto diretamente e categoricamente por Cinque (1999), é possível explicar contextos de linearizações distintas das previstas em HU por meio de operações como movimento remanescente, modificação direta e checagem de traços informacionais. Tal estudo, além de contribuir para a teoria de Sintaxe Cartográfica, contribui também para a descrição e explicação de contextos de aparente violação da HU.

Neste capítulo, foram resenhadas propostas de análise distintas em relação aos advérbios no âmbito da gramática tradicional, descritiva, do estruturalismo e do gerativismo. Dentro da sintaxe gerativa, deu-se especial destaque ao tratamento conferido aos advérbios pelo Programa Cartográfico. Justificou-se, ao longo do capítulo, a motivação para se adotarem os pressupostos deste importante e crescente empreendimento de pesquisa. No próximo capítulo, será descrita e analisada a sintaxe de AdvPs altos em sentenças do PB com o objetivo de propor novos testes de identificação desses advérbios e de analisar possíveis casos de subespecificação lexical de itens adverbiais nesta língua.

4 A SINTAXE DOS ADVÉRBIOS ALTOS NO PB

Neste capítulo, serão apresentados detalhamentos acerca da natureza categorial dos advérbios altos, do seu comportamento sintático e das leituras possíveis de serem veiculadas por tais advérbios em sentenças do PB. Serão avaliados, ainda, candidatos a advérbios altos no PB e suas principais características sintáticas e semânticas.

4.1 DA NATUREZA DOS ADVÉRBIOS ALTOS

Sabe-se que, na hierarquia de Cinque (1999; 2004), em relação ao local de soldagem de advérbios altos no *Middlefield*, comumente se faz referência ao seguinte subconjunto de projeções: (francamente) $Modo_{Ato\ de\ fala}P$ > (surpreendentemente) $Modo_{Mirativo}P$ > (felizmente) $Modo_{Avaliativo}P$ > (supostamente) $Modo_{Evidenciall}P$ > (provavelmente) $Mod_{Epistêmica}P$ > (uma vez) $T_{Passado}P$ > (então) $T_{Futuro}P$ > (talvez) $Modo_{Irrealis}P$ > (necessariamente) $Mod_{Necessidade}P$ > (possivelmente) $Mod_{Possibilidade}P$. Tais advérbios seriam classificados como altos, na argumentação de Cinque (1999), pelo fato de que, em italiano, não poderiam ser linearizados à direita do particípio passado ativo.

No âmbito dessa proposta, advérbios como “francamente”, “honestamente” e “sinceramente” seriam alocados na posição de especificador de $\text{Modo}_{\text{Ato de fala}}$P, que teria como *default* o traço “declarativo” especificado em seu núcleo e como marcado o traço “-declarativo”. Apresenta-se, por meio dessa projeção, a força ilocucionária (declarativa, interrogativa, jussiva etc.) de uma sentença, como se pode observar em (1), (2) e (3).

(1) “**Francamente**, eu acho completamente implausível que...”[64]
(2) “**Honestamente**, penso que ele, seu companheiro, está sim debaixo de influências espirituais”[65]
(3) “**Sinceramente**, eu não gosto de ser de Peixe”[66]

Em (1), o predicador verbal epistêmico biargumental “achar” seleciona como argumento interno um CP encabeçado por “que”, o qual ocupa o núcleo de ForceP, e como argumento externo o DP pronominal forte “eu”, o qual é inicialmente soldado na posição de especificador de vP. O predicador nominal “implausível”, modificado diretamente pelo advérbio “completamente”, em sua grade argumental, seleciona um argumento externo (“algo implausível”). No espírito da clássica proposta de Mioto, Silva e Lopes (2013), há a seleção de uma categoria vazia coindexada ao CP argumental encabeçado por “que”, de forma que a SC “[ec] completamente implausível” é linearizada à esquerda do CP argumental encabeçado por “que”.

Pelo fato de o português do Brasil ser uma língua que possui movimento do verbo finito proibido para projeções acima de $\text{T}_{\text{anterior}}$P (Tescari Neto, 2022), o traço “declarativo”, alocado no núcleo de $\text{Modo}_{\text{Ato de fala}}$P, é checado por simples soldagem do advérbio “francamente”, veiculando, assim, informação de que existe uma declaração (não uma pergunta, por exemplo) feita por parte de um emissor acerca do que se acha.

A interpretação de que a presença desse advérbio corrobora a veiculação de uma sentença de força ilocucionária declarativa e não interrogativa ou jussiva pode ser sustentada frente à inaceitabilidade de emprego do “francamente” em contextos de pergunta ou de ordem. Em uma sentença como “*Francamente, o Pedro saiu?” e “*Francamente, saia daí”, a única

[64] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org), referente à linha de concordância 10. Acesso em fevereiro de 2024.
[65] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org), referente à linha de concordância 20. Acesso em fevereiro de 2024.
[66] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org), referente à linha de concordância 2. Acesso em fevereiro de 2024.

leitura autorizada parece ser a de orientação para o emissor ou de modo. Dessa forma, "?Francamente, o Pedro saiu?" só seria gramatical em uma interpretação de que existe um evento de sair, do qual Pedro é agente, que foi feito de modo franco ou ainda que se espera uma resposta franca. Da mesma maneira, "?Francamente, saia daí" só seria gramatical em uma interpretação de que existe a sugestão de feitura de um evento de sair de modo franco. A leitura de ato de fala, então, esvai-se neste contexto, dando lugar à de modo. Tal propriedade também se aplica aos outros advérbios de ato de fala apontados por Cinque (1999) em dados do PB.

Em (2), o predicador verbal biargumental "pensar" seleciona como argumento interno um CP encabeçado pela conjunção integrante "que", o qual ocupa o núcleo de ForceP, e como argumento externo uma categoria vazia "pro". Da mesma forma que no exemplo anterior, o traço declarativo é valorado pela soldagem simples do advérbio "honestamente" na posição de especificador de $\text{Modo}_{\text{Ato de falat}}\text{P}$. Há, assim, a veiculação de uma leitura de que existe uma declaração feita por parte de um emissor acerca do que se pensa. Em (3), o predicador verbal "gostar" seleciona como argumento interno o PP oblíquo "de ser de peixes", e como argumento externo o DP pronominal forte "eu", inicialmente soldado em posição de especificador de vP. Por meio da soldagem simples do advérbio "sinceramente", há a valoração do traço de declaração, veiculando, assim, a leitura de que existe uma declaração feita por parte de um emissor acerca dos seus gostos.

Convém salientar, ainda, que dois testes podem ser empregados para se investigar a felicidade da categorização dos advérbios sob análise como de $\text{Modo}_{\text{Ato de fala}}\text{P}$ e de sua leitura como produto da *Narrow Syntax* (ou sintaxe em estrito senso), a saber: 1) o Teste de Cancelamento e 2) o Teste de Coocorrência. Enquanto por meio deste se analisa a aceitabilidade de uma estrutura em que um advérbio coocorre com outro de suposta mesma categoria, por meio daquele se intenciona cancelar a leitura referente ao traço do AdvP por meio de uma estrutura de coordenação sem formar uma anomalia ou agramaticalidade. Dessa forma, têm-se os seguintes resultados:

(1') "#Francamente, eu acho completamente implausível (...), mas não estou declarando isso"
(1") "*Francamente, sinceramente, eu acho completamente implausível"
(2') "#Honestamente, penso que ele, seu companheiro, está sim debaixo de influências espirituais, mas não estou declarando isso"
(2") "*Honestamente, francamente, penso que ele, seu companheiro, está sim debaixo de influências espirituais"
(3') "#Sinceramente, eu não gosto de ser de Peixe, mas não estou declarando isso"

(3”) “*Sinceramente, honestamente, eu não gosto de ser de Peixe.”

Perceba que, em (1’), (2’) e (3’), não é possível cancelar o traço declarativo, o que aponta que este é veiculado gramaticalmente pelo AdvP na oração coordenada assindética imediatamente à esquerda. Uma possível crítica a essa interpretação seria o entendimento de que o verbo *dicendi*, no caso, seria o único responsável pela leitura declarativa. Se tal assunção estivesse correta, não haveria semelhante leitura em (3’) e tal traço seria cancelável. Além disso, em (1”), (2”) e (3”), os AdvPs não podem coocorrer com outros AdvPs que compartilham o traço declarativo, o que aponta para a felicidade de alocação de tais advérbios como de $\text{Modo}_{\text{Ato de fala}}\text{P}$.

No que concerne à hierarquia da sentença, em Rizzi (1997), há a proposição da projeção ForceP, que especificaria em seu núcleo a força ilocucionária de uma oração. Frente a tal característica, um questionamento plausível a ser feito seria o referente à diferença morfossintática e semântica entre os constituintes que podem ser alocados em ForceP e os constituintes presentes em $\text{Modo}_{\text{Ato de fala}}\text{P}$. É sabido que Cinque (1999) argumenta que esta projeção não pode ser confundida com a projeção ForceP, presente no *Forefield* (ou espaço do CP). Por meio de testes de precedência e transitividade, é apontado que, enquanto os advérbios diretamente soldados em especificador de $\text{Modo}_{\text{Ato de fala}}\text{P}$ podem apenas suceder constituintes topicalizados e focalizados (cf. (4) a (9) a seguir), os elementos alocados em ForceP podem apenas anteceder constituintes topicalizados e focalizados.

(4) O José, francamente/ honestamente/ sinceramente, eu vi.
(5) *Francamente/ honestamente/ sinceramente o José, eu vi.
(6) Crianças, francamente/ honestamente/ sinceramente, eu quero dois filhos.
(7) *Francamente/ honestamente/ sinceramente crianças, eu quero dois filhos.
(8) O JOSÉ que francamente/ honestamente/ sinceramente eu vi (não o Pedro).
(9) *Francamente/ honestamente/ sinceramente O JOSÉ que eu vi (não o Pedro).

Em (4), há uma estrutura de topicalização simples (Berlinck; Duarte; Oliveira, 2015), em que o DP acusativo selecionado como argumento interno pelo predicador verbal “ver” é alçado até a posição de especificador de TopP, na periferia esquerda, deixando uma cópia não pronunciada no local em que foi inicialmente soldado. Os advérbios “francamente”, “honestamente” e “sinceramente”, soldados diretamente em posição de especificador de $\text{Modo}_{\text{Ato de falat}}\text{P}$, podem apenas seguir o DP topicalizado “o José”, sendo agramatical a

possibilidade de o anteceder sem uma pausa ou entonação específica em PB, como se constata em (5).

Em (6), há uma estrutura de anacoluto ou de tópico pendente (Berlinck; Duarte; Oliveira, 2015), em que o predicador verbal "querer" seleciona como argumento interno o DP acusativo "dois filhos" e como argumento externo o DP pronominal forte "eu". O DP "crianças", embora se conecte semanticamente com o resto da oração, não possui ligação sintática robusta com o predicador ou com qualquer outro constituinte oracional. Dessa forma, o DP "crianças" é soldado diretamente em posição de especificador de TopP. Os advérbios "francamente", "honestamente" e "sinceramente", soldados diretamente em posição de especificador de Modo$_{\text{Ato de fala}}$P, podem apenas seguir o DP topicalizado "crianças", sendo agramatical a possibilidade de o anteceder sem uma pausa ou entonação específica em PB, como se constata em (7).

Em (8), há uma estrutura de focalização em que o DP acusativo "O José", selecionado como argumento interno pelo predicador verbal "ver", é alçado até a posição de especificador de FocP, na periferia esquerda, deixando uma cópia não pronunciada no local em que foi inicialmente soldado e, no núcleo de FocP, há a soldagem da partícula de foco "que". Nesse contexto de foco contrastivo, os advérbios sob análise podem apenas seguir o DP focalizado "O José" e a partícula de foco "que", mas nunca os preceder, como se observa em (9).

Além disso, em um contexto de realização aberta do núcleo de ForceP, como nos contextos de predicação de CPs, os advérbios sob análise não podem preceder o núcleo de ForceP sem alterar suas propriedades de escopo e sua leitura de ato de fala. Em uma sentença como "Pedro acha francamente/sinceramente/honestamente que José viu Ana" (*versus* "*Pedro acha que francamente/sinceramente/honestamente José viu Ana"), o predicador verbal epistêmico "achar" seleciona como argumento interno o CP "que José viu Ana", de função de objeto. Tradicionalmente, analisa-se que a conjunção integrante "que" ocupa o núcleo de ForceP. Os advérbios sob análise, ao serem linearizados em adjacência a essa conjunção, corroboram para a veiculação de uma leitura de modo, não de ato de fala. Convém ainda afirmar que é inviabilizada a leitura de que Pedro acha que há uma declaração de que José viu Ana, sendo possível apenas a leitura de que existe um evento de achar de forma franca que José viu Ana.

Advérbios como “surpreendentemente” seriam alocados na posição de especificador de $Modo_{Mirativo}P$[67], que teria como *default* o traço “miratividade” especificado em seu núcleo e como marcado o traço “-miratividade”. Há especificado nesta projeção a noção de admiração, espavento ou surpresa frente a um evento inesperado, como se pode observar em (10):

(10) “**Surpreendentemente**, o grupo dirigido recordou um pouco mais”[68]

Em (10), o predicador verbal “recordou” seleciona como argumento externo o DP “o grupo dirigido” e é modificado pelo AdvP “um pouco mais”. O AdvP “surpreendentemente” é soldado diretamente na posição de especificador de $Modo_{Mirativo}P$. Por ser uma projeção alocada na zona alta do *Middlefield* em um campo de movimento proibido do verbo em PB, há checagem do traço de “surpresa” por soldagem simples do advérbio mirativo em questão. Veicula-se, assim, a leitura de que existe um evento de recordar, desempenhado pelo grupo dirigido, que inesperadamente ocorre e que causa surpresa no emissor.

(10’) “#Surpreendentemente, o grupo dirigido recordou um pouco mais, mas não sinto qualquer admiração, espavento ou surpresa com isso.”
(10”) “*Surpreendentemente, espantosamente, o grupo dirigido recordou um pouco mais.”

Em (10’), observa-se que não é possível cancelar, por meio de uma estrutura coordenada, o traço de miratividade ativado pela soldagem do AdvP “surpreendentemente” na oração adjacente. Em (10”), nota-se que a leitura de surpresa fica ainda mais evidente quando se adiciona à sentença um outro advérbio com valor mirativo, como “espantosamente”. Sendo assim, uma sentença em que os advérbios “surpreendentemente” e “espantosamente” coocorrem é agramatical, pelo fato de ambos os advérbios disputarem o mesmo local de soldagem. O traço de “surpresa” já é checado pela soldagem direta do advérbio “surpreendentemente”. O advérbio “espantosamente” concorre com “surpreendentemente” pela posição de especificador de $Modo_{Mirativo}P$. A agramaticalidade da sentença provém não só desta concorrência como também da impossibilidade de se checar o mesmo traço de “surpresa” mais de uma vez na sentença.

---

[67] Cinque (1999, p. 201) resenha alguns trabalhos que apontam a existência de realizações morfossintáticas dessa noção nas línguas naturais. Argumenta-se que, em línguas como o albanês, Arawakan brasileiro, Akha e Piro, há partículas que veiculam a noção de miratividade, em contextos de avaliações positivas inesperadas de um evento.
[68] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org), referente à linha de concordância 47. Acesso em fevereiro de 2024.

Advérbios como "(in)felizmente", "lamentavelmente", "estranhamente" e "inesperadamente" seriam alocados na posição de especificador de Modo$_{Avaliativo}$P, que teria como *default* o traço "-[-afortunado][69]" e como marcado o traço "-afortunado". Há, assim, especificada nesta projeção a noção de avaliação ou de apreciação em relação à felicidade de ocorrência de uma eventualidade, como se constata em (11):

(11) "**Felizmente** conseguimos uma exceção"[70]

Em (11), o predicador verbal "conseguir" seleciona como argumento interno o DP "uma exceção" e como argumento externo a categoria vazia "*pro*". O AdvP "felizmente" é soldado diretamente na posição de especificador de Modo$_{Avaliativo}$P. Sendo uma projeção localizada na zona alta do IP, frente às restrições de movimento do PB, há a checagem do traço "-[-afortunado]" por meio de soldagem simples. Dessa forma, é veiculada a leitura de que existe um evento de "conseguir uma exceção", do qual um grupo de pessoas integrado pelo enunciador é agente, que é avaliado como feliz ou afortunado por esse mesmo grupo ou pelo enunciador. Conforme se observa em (11') e (11"), o traço afortunado não pode cancelado, tampouco pode seu AdvP coocorrer com outros advérbios da mesma categoria:

(11') "#Felizmente conseguimos uma exceção, mas não tenho uma posição sobre isso."
(11") "*Felizmente, lamentavelmente[71], conseguimos uma exceção."

A leitura de avaliação fica mais evidente quando colocamos os advérbios apresentados em um contexto de coocorrência, empregando, assim, o critério de Jackendoff (1972) e construindo uma sentença agramatical: "*Felizmente lamentavelmente conseguimos uma exceção". Os AdvPs "felizmente" e "lamentavelmente" não podem coocorrer, caracterizando-se, assim, como termos de uma mesma categoria de avaliação e, por conseguinte, competindo pelo mesmo local de soldagem na posição de especificador de Modo$_{Avaliativo}$P.

Um questionamento interessante que pode haver por parte do analista (ou do linguista) seria referente à diferença entre o traço de "-[-afortunado]", alocado no núcleo de

[69] Optou-se neste trabalho por seguir a nomenclatura de Cinque (1999) para os traços apresentados. Quaisquer diferenças na forma de redação dos valores dos traços criteriais têm sua origem em Cinque (1999).
[70] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org), referente à linha de concordância 13. Acesso em fevereiro de 2024.
[71] Convém salientar que a má formação desta sentença não pode ser tomada como uma consequência do fato de "felizmente" ser supostamente antônimo de "lamentavelmente". Perceba que haveria má formação em um cenário de emprego de "afortunadamente".

Modo$_{Avaliativo}$P, do traço de "miratividade", alocado no núcleo de Modo$_{Mirativo}$P. Por quais razões tais categorias seriam distintas? A resposta a essa questão parece se dividir em duas grandes observações: 1) as realizações morfossintáticas do traço de "-[-afortunado]" e do traço de "miratividade" não são idênticas nas línguas naturais (Cinque, 1999) e 2) os advérbios de valor avaliativo e os de valor mirativo podem coocorrer (Cinque, 1999; Jackendoff, 1972). Em relação a 1), Cinque (1999) apresenta um conjunto substancial de evidências translinguísticas que mostram as distintas realizações morfossintáticas de tais categorias. Em relação a 2), por meio de testes de coocorrência, em dados do próprio PB, constata-se que tais categorias são diferentes:

(12) Surpreendentemente (felizmente) nós (felizmente) conseguimos (felizmente) uma exceção (felizmente)

Em (12), há uma eventualidade de conseguir uma exceção, da qual "nós" é agente, que é avaliada como positiva e que é inesperada. Há, assim, a coocorrência de advérbio mirativo ("surpreendentemente") com advérbio avaliativo ("felizmente"), o que aponta para a felicidade da classificação de tais itens como relacionados a duas categorias distintas.

Advérbios como "supostamente", "alegadamente", "aparentemente", "obviamente", "claramente" e "evidentemente" são alocados na posição de especificador de Modo$_{Evidencial}$P, que teria como *default* o traço de "evidência direta" e como marcado o traço de "-evidência direta". Há especificada nesta projeção a noção de grau de evidencialidade avaliado pelo falante em relação a uma eventualidade, isto é, a partir de quais evidências seria possível se afirmar que determinada eventualidade ocorreu, ocorre ou ocorrerá, como se constata em (13).

(13) "E **supostamente** viu que cada paróquia católica tem calabouços"[72]

Em (13), o predicador verbal "ver" seleciona como argumenta interno o CP "que cada paróquia católica tem calabouços" e como argumento externo a categoria vazia "*pro*". O AdvP "supostamente" é soldado diretamente no especificador da projeção Modo$_{Evidencial}$P, levando à checagem do traço "-evidência direta". Veicula-se, assim, a leitura de que existe um evento de ver que alegadamente ocorreu, mas que o emissor não tem evidências diretas de seu desenrolar.

[72] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org), referente à linha de concordância 275. Acesso em fevereiro de 2024.

Em (13') e (13"), constata-se, respectivamente, que o traço de evidencialidade não pode ser cancelado, tampouco é licenciado que seu AdvP coocorra com outro advérbio de mesma categoria.

(13') "#E supostamente viu que cada paróquia católica tem calabouços, mas não se sabe se é possível inferir isso."
(13") "*E supostamente, alegadamente, viu que cada paróquia católica tem calabouços."

Advérbios como "provavelmente" e "presumivelmente" são alocados na posição de especificador de $Mod_{Epistêmico}P$, que teria como *default* o traço de "comprometimento" e como marcado o traço de "-comprometimento". Há especificada nesta projeção a noção de que um emissor, a partir de um conjunto considerável de informações, consegue presumir a plausibilidade de uma eventualidade ocorrer, como se constata em (14).

(14) "**Provavelmente**, ele pensava que conhecia o Senhor"[73]

Em (14), o predicador verbal "pensar" seleciona como argumento interno o CP "que conhecia o Senhor" e como argumento externo o DP pronominal forte "ele". O AdvP "provavelmente" é inserido diretamente na posição de especificador de $Mod_{Epistêmico}P$, o que leva à valoração do traço de "comprometimento". Ocorre, então, a leitura de que existe um evento de pensar, desempenhado por uma outra pessoa do discurso, que o emissor imagina ter ocorrido, a partir de um conjunto de evidências analisadas previamente. O traço de comprometimento não pode ser cancelado (cf. (14')), tampouco pode haver coocorrência de AdvPs epistêmicos entre si (cf. (14")).

(14') "#Provavelmente, ele pensava que conhecia o Senhor, mas não tenho qualquer evidência disso."
(14") "*Provavelmente, presumivelmente, ele pensava que conhecia o Senhor."

Um questionamento possível seria referente à natureza da diferença entre o traço criterial de "evidência direta" e o de "comprometimento". Entende-se que, em princípio, ter ou

[73] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org), referente à linha de concordância 24. Acesso em março de 2024.

não evidência direta de um acontecimento não significa que há um grau de comprometimento, por parte de um emissor, no processo de o reportar. Além disso, advérbios de natureza evidencial podem coocorrer com advérbios epistêmicos, sem prejuízo à gramaticalidade da sentença, apontando, assim, para a interpretação de que são categorias distintas:

(15) Supostamente (provavelmente) ele (provavelmente) pensava (provavelmente) que conhecia o Senhor (provavelmente).

Em (15), os AdvPs "supostamente" e "provavelmente" podem coocorrer sem prejuízo à gramaticalidade da sentença. Presume-se, simultaneamente, que a eventualidade de "pensar" ocorreu e, a partir de um determinado grau de evidencialidade, o emissor reporta tal acontecimento a alguém.

Advérbios como "uma vez" são alocados na posição de especificador da projeção $T_{Passado}P$, que teria como *default* o traço "R_1,S", momento de referência 1 simultâneo ao momento de fala, e, como traço marcado, "R_1_S", momento de referência 1 anterior ao momento de fala. Há, assim, a localização de uma eventualidade em um momento anterior ao momento de fala, o que pode corresponder, por exemplo, ao tempo passado, ou de uma eventualidade em um momento simultâneo ao momento de fala, o que pode corresponder, por exemplo, ao tempo presente. Não há, dessa forma, uma projeção apenas para o tempo presente na hierarquia de Cinque (1999), visto que o traço que instanciaria o presente (R_1,S) seria a especificação negativa do traço que instanciaria o passado (R_1_S)[74].

(16) "**Uma vez** ele me perguntou se eu ainda gostava dele"[75]

Em (16), o predicador verbal "perguntar" seleciona como argumentos internos o CP "se eu ainda gostava dele" e o DP "me", de função dativa, além de selecionar como argumento externo o DP pronominal forte "ele". O AdvP "uma vez" é inserido diretamente no especificador da projeção $T_{Passado}P$, ocasionando a checagem do traço "R_1_S". Dessa forma, existe uma eventualidade de perguntar, da qual "ele" é agente, que culminou em algum momento anterior ao presente (Parsons, 1990). Evidencia-se, ainda, o fato de que não é possível

[74] Adota-se, aqui, um sistema inspirado no sistema de Reichenbach (1947), aproximando-se de Hornstein (1993) e Giorgi e Pianesi (1997).
[75] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org), referente à linha de concordância 9. Acesso em março de 2024.

cancelar tal traço (cf. (16')), tampouco pode haver coocorrência entre advérbios anteriores (cf. (16")).

(16') "#Uma vez ele me perguntou se eu ainda gostava dele, mas isso ocorrerá amanhã."
(16") "*Uma vez alguma vez ele me perguntou se eu ainda gostava dele."

Em Cinque (1999), tal projeção alocaria em seu especificador advérbios puramente dêiticos, como "uma vez" e "alguma vez" . Advérbios circunstanciais de valor temporal, para Cinque (1999), como "ontem" e "dois meses atrás", são interpretados como advérbios de enquadramento a serem geralmente linearizados em posição inicial e final da oração. Cinque (1999) sustenta sua argumentação à luz do fato de que tais advérbios não podem aparecer entre advérbios epistêmicos e de irrealis, o que se observa em advérbios como "uma vez".

Em Cinque (1999, p. 202), analisam-se os AdvPs circunstanciais como uma espécie de PPs sem núcleo produzido, o que leva à assunção de que tais constituintes seriam impedidos de serem soldados no *Middlefield*. Em trabalhos como os Schweikert (2004), entretanto, PPs circunstanciais com núcleo realizado ou não (no caso dos AdvPs circunstanciais) são alocados na zona baixa do *Middlefield* nas seguintes projeções: EvidencialP > TemporalP > LocativoP > ComitativoP > BenefectivoP > RazãoP > FonteP > ObjetivoP > Instrumental/MeioP > MatériaP > ManeiraP[76].

Advérbios como "então" seriam alocados na posição de especificador da projeção $T_{Futuro}P$, que teria como marcado o traço "R_1_R_2" (um momento de referência 1 anterior a outro momento de referência 2) e como *default* o traço "R_1,R_2" (um momento de referência simultâneo a outro momento de referência[77]). Há, dessa forma, a localização de um momento de referência após a outro.

(17) "Marina **então** começou a pensar em mudar de atividade"[78]

Em (17), o predicador verbal "pensar" seleciona como argumento interno o PP "em mudar de atividade" e como argumento externo o DP "Marina". O verbo auxiliar "começar"

[76] Tal proposta é adotada em trabalhos como Tescari Neto (2013), Souza de Paula (2022) e Bergamini-Perez (2023). Um amadurecimento dessa proposta de Schweikert (2004) é apresentado em Schweikert (2005).
[77] Em Vikner (1985), diferencia-se o momento de referência 1 do momento de referência 2. Por meio de R1 e R2, é possível fazer com que um evento "E" e o momento de fala "S" estejam relacionados a um momento de referência sem que E e S estejam relacionados entre si. S só se relaciona com R1 e E só se relaciona com R2.
[78] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org), referente à linha de concordância 50. Acesso em março de 2024.

carrega, incorporado a si, a marcação morfológica da flexão de tempo, de número e de pessoa e não participa da subcategorização dos argumentos, sendo soldado, assim, fora da zona temática (cf. Cinque, 2004). O AdvP "então" é soldado diretamente em especificador de $T_{Futuro}P$, o que leva à checagem do traço marcado "R_1_R_2". Dessa forma, o momento de referência 2, em que houve a eventualidade de "começar a pensar em mudar de atividade", é localizado como posterior ao momento de referência 1, que se localiza em algum instante anterior ao presente. Não parece ser possível cancelar o traço R_1,R_2,, tampouco se licencia a coocorrência de AdvPs de futuro.

(17') "#Marina então começou a pensar em mudar de atividade, mas ela não cogitou isso depois de um momento."
(17") "*Marina então em seguida começou a pensar em mudar de atividade"

Advérbios como "talvez" seriam alocados na posição de especificador da projeção $Modo_{Irrealis}P$, que teria como *default* o traço "*irrealis*" e como marcado o traço "*realis*". Por meio da valoração do traço de "*realis*", faz-se referência a uma eventualidade que existiu, existe ou existirá em todos os universos possíveis, ao passo que, por meio da valoração do traço de "*irrealis*", faz-se referência a uma eventualidade que não existiu, não existe ou não existirá em pelo menos um único universo (Sanchez-Mendes; Quadros Gomes, 2018).

(18) "**Talvez** eu volte a escrever"[79]

Em (18), o predicador verbal "escrever" seleciona como argumento externo o DP "eu". O verbo auxiliar "voltar" carrega, incorporado a si, a marcação morfológica da flexão de tempo, de número e de pessoa e não participa da seleção dos argumentos, sendo soldado, assim, fora da zona temática. O AdvP "talvez" é soldado diretamente no especificador de $Modo_{Irrealis}P$, levando à checagem do traço de "*irrealis*". Dessa forma, em pelo menos um universo possível, será falso que "eu volte a escrever", ao passo que em todos os outros isso será verdade. Observe que o traço "*realis*" não pode ser cancelado (cf. (18')), tampouco é licenciada a coocorrência entre AdvPs desta mesma categoria (cf. (18")).

[79] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org), referente à linha de concordância 11. Acesso em março de 2024.

(18’) “#Talvez eu volte a escrever, mas eu certamente voltarei a escrever.”
(18”) “*Talvez quiçá[80] eu volte a escrever.”

Advérbios como “(não) necessariamente” seriam alocados na posição de especificador da projeção $Mod_{Necessidade}P$, que teria como *default* o traço “-[-necessário]” e como marcado o traço “-necessário”. Por meio da valoração do traço “-[-necessário]”, faz-se referência a uma eventualidade que ontologicamente precisa existir na perspectiva do falante, ao passo que, por meio da valoração do traço “[-necessário]”, referencia-se uma eventualidade que ontologicamente não precisaria existir.

(19) “**Necessariamente** os políticos não são ruins.”[81]

Em (19), o predicador adjetival “ruins” seleciona como argumento externo o DP “os políticos”. Após a inserção do verbo cópula “ser” e a atribuição de caso nominativo ao DP “os políticos”, o AdvP “necessariamente” é soldado diretamente no especificador de $Mod_{Necessidade}P$, propiciando a checagem do traço *default* “-[-necessário]”. Dessa forma, existe uma eventualidade de não ser ruim, experienciada por parte de “os políticos”, que, na perspectiva do falante, não necessariamente existe[82]. Salienta-se, ainda, que o traço de

[80] Este advérbio já é arrolado pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa - VOLP. Seu enquadramento como advérbio integrante do léxico da língua portuguesa é, consequentemente, sustentado.
[81] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org), referente à linha de concordância 106. Acesso em março de 2024.
[82] Em Silva (2024; 2025), coorientador pelo autor desta tese, defende-se que o traço de obrigação não deve ser confundido com o traço de necessidade, contrariamente ao que se propõe em Lunguinho (2014). Dessa forma, para Silva (2024; 2025), a modalidade obrigação corresponde à modalidade em que há a obrigação de que determinada eventualidade aconteça, sendo sua realização verbal, em PB, “tem que/tem de” (Quadros Gomes; Sanchez Mendes, 2018) e sua realização adverbial “obrigatoriamente” (Cinque, 1999). Em contrapartida, para a autora, a modalidade necessidade corresponde à modalidade em que há a necessidade de que determinada eventualidade aconteça, sendo sua realização verbal “precisar”/ “dever” (Quadros Gomes; Sanchez Mendes, 2018) e sua realização adverbial “necessariamente” (Cinque, 1999; Lunguinho, 2014). Dentre os testes usados para diferenciar modalidade obrigação de modalidade necessidade, é apontado o Teste de Cancelamento. Dessa forma, se ao se tentar cancelar o traço de obrigação com uma estrutura coordenada, o resultado for uma agramaticalidade, então é possível apontar que tal traço é acessado na derivação da oração. Perceba que, em (a), há uma agramaticalidade, pelo fato de o traço de obrigação ser acessado na derivação da sentença e não poder ser cancelado.

(a) *A gente tem que lembrar disso, mas não é obrigado.
(b) A gente precisava lembrar disso, mas não era obrigado.

Para além dos resultados deste teste, que apontam para a dissociação dos traços de obrigação e de necessidade, em Silva (2024), observou-se, por meio de dados de aquisição, que tais traços têm realizações morfossintáticas distintas e são realizados em momentos diferentes do desenvolvimento linguístico infantil. Convém salientar que o Teste de Cancelamento foi pensado como diagnóstico de veiculação de um traço de um advérbio pelo autor desta tese, que, ao coorientar o trabalho de Silva (2024, 2025), aplicou-o ao trabalho em questão.

necessidade não pode ser cancelado (cf. (19')), tampouco pode haver coocorrência de AdvPs de mesmo valor (cf. (19")).

(19') "#Necessariamente os políticos não são ruins, mas isso não é necessário."
(19") "*Necessariamente, não necessariamente, os políticos não são ruins."

Advérbios como "possivelmente" seriam alocados na posição de especificador de $Mod_{Possibilidade}P$, que teria como *default* o traço "-[-possível]" e como marcado o traço "-possível". Por meio da valoração do traço "-[-possível]", faz-se referência à possibilidade de existência de determinada eventualidade, ao passo que, por meio da valoração do traço "-possível", faz-se referência à impossibilidade de sua existência.

(20) "**Possivelmente** os Estados Unidos tenham armas PEM no seu arsenal"[83]

Em (20), o predicador verbal "ter" seleciona como argumento interno o DP acusativo nu "armas PEM" e como argumento externo o DP nominativo "os Estados Unidos". O AdvP "possivelmente" é inserido diretamente no especificador de $Mod_{Possibilidade}P$, propiciando a valoração do traço *default* "-[-possível]". Existe, assim, a assunção da possibilidade de existência de uma eventualidade de "possuir armas". Afirma-se, ainda, que o traço de possibilidade não pode ser cancelado (cf. (20')), tampouco pode haver coocorrência entre advérbios de mesmo valor (cf. (20")).

(20') "#Possivelmente os Estados Unidos tenham armas PEM no seu arsenal, mas isso não é possível".
(20") "*Possivelmente potencialmente os Estados Unidos tenham armas PEM no seu arsenal".

Como mencionado na última seção do capítulo anterior, a proposta de classificação e de análise de Cinque (1999) foi refinada em outros trabalhos, como em Cinque (2004; 2006; 2013; 2017). Em Cinque (2013), por exemplo, afirma-se que cada projeção do *Middlefield* estaria relacionada, na verdade, a duas distintas projeções: uma projeção mais baixa, em que haveria checagem do traço criterial, e uma projeção mais alta, em que se alocaria um advérbio em seu

[83] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org), referente à linha de concordância 56. Acesso em março de 2024.

especificador. Dessa forma, considera-se a existência de uma estrutura binária entre advérbio e traço: $Adv_{Ato\ de\ fala}P$(francamente) > $Modo_{Ato\ de\ fala}P$ > $AdvModo_{Mirativo}P$ (surpreendentemente) > $Modo_{Mirativo}P$ > $AdvModo_{Avaliativo}P$ (felizmente) > $Modo_{Avaliativo}P$ > $AdvModo_{Evidencial}P$ (supostamente) > $Modo_{Evidencial}P$ > $AdvMod_{Epistêmico}P$ (provavelmente) > $Mod_{Epistêmico}P$ > Adv $T_{Passado}P$ (uma vez) > $T_{Passado}P$ > $AdvT_{Futuro}P$ (então) > $T_{Futuro}P$ > $AdvModo_{Irrealis}P$ (talvez) > $Modo_{Irrealis}P$ > Adv $Mod_{Necessidade}P$ (necessariamente) > $Mod_{Necessidade}P$ > $AdvMod_{Possibilidade}P$ > (possivelmente) $Mod_{Possibilidade}P$. Em Cinque (2017), em contrapartida, adota-se um modelo ternário, de forma que cada projeção do *Middlefield* estaria relacionada a outras duas projeções, havendo, assim, três projeções: uma mais alta que hospeda um advérbio em sua posição de especificador, uma intermediária que funciona como um lugar para verificar um traço criterial por meio do movimento de partes da estrutura da sentença para sua posição de especificador, e uma mais baixa que é o alvo do movimento do V sem fazer *pied-piping* do objeto.

Nesta seção, foi resenhada a análise de Cinque (1999) referente aos tipos de advérbios classificados como altos, seu comportamento sintático e seus traços. Na próxima seção, serão discutidos os diagnósticos presentes na literatura linguística de base gerativa referentes ao reconhecimento de advérbios altos e serão propostos novos testes sintáticos.

4.2 DIAGNÓSTICOS PARA RECONHECIMENTO DE ADVÉRBIOS ALTOS

Nesta seção, serão resenhados um conjunto de trabalhos que apresentaram importantes testes de classificação de tais advérbios, a saber: Bellert (1977), Casteleiro (1982), Muller de Oliveira (1993), Cinque (1999) e Tescari Neto (2013; 2022c). Os testes propostos serão apresentados e sua felicidade de aplicação a sentenças do PB será avaliada. Além disso, objetiva-se propor novos testes de classificação de advérbios altos.

Tradicionalmente, advérbios altos são tomados como sinônimos de advérbios sentenciais. De acordo com Tescari Neto (2022c), entretanto, advérbios sentenciais na verdade não existem nas línguas naturais, uma vez que são epifenômenos de advérbios altos e de advérbios que foram alçados até uma posição mais à esquerda da sentença. Muitos testes a serem apresentados aqui foram inicialmente pensados para a categoria de advérbios sentenciais,

que modifica o conteúdo de uma sentença, adicionando, por exemplo, proposições atitudinais e avaliativas do falante em relação a uma proposição.

(21) a. Provavelmente Maria bebeu o vinho.
b. Maria provavelmente bebeu o vinho.
c. ?Maria bebeu provavelmente o vinho[84].
d. ?Maria bebeu o vinho, provavelmente[85].

Em (21a), o AdvP "provavelmente" modifica o conteúdo proposicional da sentença, contribuindo para a veiculação de uma leitura epistêmica do evento de "beber o vinho". Como argumentado no capítulo anterior, tais advérbios funcionam como uma espécie de operador, tomando como referência a eventualidade descrita na sentença. Nesse sentido, veicula-se uma leitura de que o falante julga, a partir de um conjunto de evidências, existir um evento de "beber o vinho", do qual Maria é agente, que se localiza em um momento anterior ao presente. Nessa posição, o "provavelmente" indica que, em mais de 50%, por exemplo, dos mundos compatíveis com as crenças do falante, é verdade que Maria bebeu vinho antes do momento em que a frase é dita. Reconhece-se que, dependendo da curva entoacional da sentença e, possivelmente, de fatores como prosódia implícita (Sant'Anna, 2020), pode haver uma leitura mais marcada de focalização do constituinte "Maria".

Em (21b), há, contudo, ambiguidade. A depender da forma pela qual tal sentença é lida ou enunciada em determinados contextos, pode haver duas leituras, a saber: 1) leitura de modificação do conteúdo proposicional, semelhante a (21a), ou 2) leitura de modificação de um constituinte apenas. No caso de 1), descreve-se uma leitura epistêmica em que o falante também julga, a partir de um conjunto de evidências, que exista a referenciada proposta. No caso de 2), descreve-se, ademais, uma leitura em que o AdvP "provavelmente" parece ser orientado ao sujeito, modificando o constituinte "Maria" e engendrando a interpretação de que existe um evento de beber o vinho, do qual Maria provavelmente foi agente, que ocorreu em um momento anterior ao presente. A existência dessa ambiguidade fica evidente quando se observa que não há acarretamento entre a leitura descrita em 1) a partir da leitura descrita em 2). Se é verdade que "existe um evento de beber o vinho, do qual Maria provavelmente foi agente, que ocorreu em um momento anterior ao presente", não necessariamente é verdade que

[84] Possível com entoação marcada.
[85] Possível com entoação marcada.

"o falante julga, a partir de um conjunto de evidências, existir provavelmente um evento de beber o vinho, do qual Maria foi agente, que se localiza em um momento anterior ao presente".

Em (21c), o AdvP "provavelmente" pode atuar como modificador do DP "o vinho", de forma que se veicula a leitura de que foi provavelmente o vinho e não outro líquido que Maria bebeu. Ao descrever o comportamento deste AdvP, Tescari Neto (2022c) identifica a possibilidade de haver modificação do conteúdo proposicional da sentença como um todo. Embora se concorde com tal proposta, argumenta-se que tal leitura de modificação de todo conteúdo proposicional parece ser mais marcada neste contexto de linearização. Convém salientar que, em virtude da extensão do movimento do verbo em PB (cf. Tescari Neto, 2019), a linearização pós-verbal de AdvPs classificados como altos parece ser bem marcada. Argumenta-se, neste trabalho, que, quando esses AdvPs figuram em posição pós-verbal ou de margem direita (final absoluto da oração), há ou modificação em sua leitura (possivelmente uma leitura de modo) ou movimento da oração para a periferia esquerda (cf. (21d)).

Dessa forma, constata-se que AdvPs altos parecem atuar como modificadores do conteúdo proposicional e, a depender da posição em que são linearizados, modificadores diretos de alguns constituintes, inclusive DPs. É necessário, contudo, apontar as principais propriedades destes AdvPs.

No que concerne às propriedades morfossintáticas dos AdvPs altos, inicialmente, são apresentados os testes propostos por Bellert (1977) e por Casteleiro (1982). Posteriormente, são pormenorizados os testes de Muller de Oliveira (1993). Em seguida, são descritos os testes de Cinque (1999) e Tescari Neto (2013; 2022c). Por fim, a felicidade desses testes para a classificação dos AdvPs listados como altos na HU é aferida a partir de dados de sentenças do PB.

Em Bellert (1977) e Casteleiro (1982), como pormenorizado também em Tescari Neto (2022c), são empregados alguns diagnósticos, a saber: 1) AdvPs altos possuem mobilidade na sentença, 2) AdvPs altos servem de resposta para perguntas polares, 3) AdvPs altos não podem ser focalizados em construções com "é que" e 4) AdvPs altos não podem ser focalizados em construções negativas com "senão" e "exceto". Em relação ao primeiro teste, AdvPs altos possuem tal mobilidade, ao passo que AdvPs baixos ou mudam seu significado ou promovem sentenças malformadas, como se observa, respectivamente, em (22) e (23):

(22) (Supostamente), a Ana (supostamente) saiu (supostamente) de sua casa (supostamente).

(23) (*Quase), a Ana (quase) saiu (?quase) de sua casa (*quase).

Em (22), o AdvP evidencial alto “supostamente” pode ser linearizado em posição de margem esquerda, em posição pré-verbal, em posição pós-verbal e em posição de margem direita[86]. Em (23), o AdvP prospectivo baixo “quase” é linearizado prototipicamente em posição pré-verbal. Quando linearizado em posição pós-verbal, veicula-se uma leitura marginal de parte, em oposição a de completividade, em relação ao PP “de sua casa”, de forma que existe um evento de sair de parte da casa de alguém, performado por Ana.

Sobre o segundo teste, considera-se que AdvPs altos servem de resposta a perguntas polares (*contra* Rocha; Lopes, 2015), isto é, de “sim” e “não”, ao passo que AdvPs baixos não podem configurar como resposta única a essas perguntas. Tal teste pode ser observado nos exemplos (24) e (25) abaixo:

(24) A Ana bebeu o vinho?
Resposta: Talvez.

(25) A Ana bebeu o vinho?
Resposta: *Rapidamente.

Em (24), o AdvP alto de modo *irrealis* “talvez” pode ser usado sem qualquer material adjacente foneticamente realizado como resposta de pergunta polar. Em (25), o AdvP celerativo “rapidamente” não pode ser usado em contexto de ausência de material linguístico a essa pergunta. Dessa forma, observa-se um comportamento distinto entre esses AdvPs, que é atribuído às suas respectivas alturas.

Sobre o terceiro teste, afirma-se que AdvPs altos não são compatíveis com construções de foco formadas por “é que”, ao passo que AdvPs baixos são mais compatíveis. Observa-se tal comportamento em (26) e (27) abaixo:

(26) *Francamente é que Pedro foi ao mercado[87].

(27) Rapidamente é que Pedro foi ao mercado.

[86] Identificam-se essas possibilidades de linearização em virtude dos fatores apresentados anteriormente: entonação marcada, modificação direta de apenas um constituinte e modificação da leitura.

[87] Tal sentença pode ser aceitável em um contexto em que “Francamente” é interpretado como “de forma/maneira franca”, isto é, com uma leitura de modo, que é referente a AdvPs baixos, como os de VozP.

Em (26), o AdvP alto de ato de fala “francamente” não pode ser focalizado, isto é, ser alçado para a posição de *Spec*, FocP matricial. Em (27), o AdvP baixo celerativo “rapidamente” pode ser focalizado, licenciando, assim, seu alçamento até a posição criterial de *Spec*, FocP matricial.

Em relação ao quarto teste, assume-se que AdvPs altos, em oposição a AdvPs baixos, não podem ser focalizados em construções negativas com “exceto”, “senão” ou “a não ser”. A aplicação deste teste pode ser observada em (28) e (29) abaixo:

(28) *O José não escondeu o seu amigo em casa senão surpreendentemente.

(29) O José não escondeu o seu amigo em casa senão imediatamente.

Em (28), o AdvP alto mirativo “surpreendentemente” é incompatível com a construção de foco em contexto de negação evidenciada pelo emprego de “senão”. Em (29), o AdvP “imediatamente” é compatível com tal tipo de construção, o que aponta para um comportamento sintático distinto desses advérbios.

Em Muller de Oliveira (1993), são adotados os seguintes testes para diferenciar AdvPs altos de baixos, a saber: 1) um AdvP alto não pode ser foco de uma sentença clivada[88] (vide exemplos (30) e (31)), 2) um AdvP alto não pode ser negado (vide exemplos (32) e (33)), 3) AdvPs altos não podem ser usados em algumas construções coordenadas (vide exemplos (34) e (35)), 4) AdvPs altos não podem ser usados como resposta a perguntas iniciadas por “onde”, “como” e “quando” (vide exemplos (36) e (37)), 5) AdvPs altos não são compatíveis com sentenças imperativas (vide exemplos (38) e (39)), e 6) AdvPs altos não podem figurar como foco de uma pergunta (vide exemplos (40) e (41))[89].

(30) *Foi felizmente que o rapaz ganhou a maratona.

(31) Foi em vão que o rapaz ganhou a maratona.

(32) *O Marcelo não provavelmente falou com seu filho.

---

[88] Embora, em Muller de Oliveira (1993, p. 109), haja o título “um AS (Advérbio Sentencial) pode ocorrer ante uma *Cleft-Sentence*”, o autor, em sua argumentação, chega à conclusão de que “tal critério não poderia ser usado para diferenciar AC (Advérbio de Constituinte) de AS” (Muller de Oliveira, 1993, p. 110). Tescari Neto (2022c, p. 156, tradução minha) reinterpreta o título deste teste, contemplando a argumentação final de Muller de Oliveira (1993) sobre a aplicação deste, e diz “um advérbio sentencial não pode ser foco de uma sentença clivada”. Adota-se assim a redação de Tescari Neto (2022c), que descreve rigorosamente o pensamento de Muller de Oliveira (1993).

[89] Três critérios, da proposta de Muller de Oliveira (1993), não foram contemplados neste trabalho. Justifica-se que tais critérios apresentam poucas evidências diretas, são questionados pelo próprio autor e não contemplados em trabalhos como os de Tescari Neto (2022c).

(33) O Marcelo não em vão falou com seu filho.

(34) *A Ana saltou e supostamente.

(35) A Ana saltou e brevemente.

(36) Como a Fernanda chegou a sua casa?
Resposta: *Francamente.

(37) Como a Fernanda chegou a sua casa?
Resposta: Vagarosamente.

(38) ?Talvez pegue a bolsa!

(39) Novamente pegue a bolsa!

(40) *Foi possivelmente que o Marcos fugiu de casa?

(41) Foi em vão que o Marcos fugiu de casa?

Em (30), o AdvP alto avaliativo “felizmente” não pode ser o constituinte focalizado em uma construção clivada, ao passo que, em (31), o AdvP baixo frustrativo “em vão” pode ser focalizado nessa construção. Em (32), o AdvP alto epistêmico “provavelmente” não pode ser diretamente negado por “não”, ao passo que o AdvP baixo frustrativo “em vão”, em (33), pode ser negado. Em (34), o AdvP alto evidencial “supostamente” não pode ser coordenado, enquanto, em (35), o AdvP baixo durativo “brevemente” pode ser coordenado. Em (36), o AdvP alto de ato de fala “francamente” não pode ser resposta à pergunta aberta iniciada por “como”, enquanto, em (37), o AdvP baixo celerativo “vagarosamente” pode figurar como resposta a essa pergunta. Em (38), o AdvP alto de modo *irrealis* “talvez” não é compatível, em um contexto de ordem direta, com sentenças imperativas, ao passo que, em (39), o AdvP baixo repetitivo “novamente” é plenamente compatível com tais sentenças nesse contexto. Finalmente, em (40), o AdvP alto de possibilidade “possivelmente” não pode figurar como foco de uma sentença interrogativa, ao passo que, em (41), o AdvP baixo frustrativo “em vão” é licenciado.

Em Cinque (1999), pelo menos dois testes são propostos para diferenciar AdvPs altos de AdvPs baixos, a saber: 1) o teste do particípio e 2) o teste de interrogativas Wh. Enquanto o primeiro teste se refere ao fato de que, em italiano, o particípio passado ativo não pode se mover à esquerda de AdvPs altos, o segundo teste se refere ao fato de que, em interrogativas Wh, AdvPs altos resistem a serem carregados com o constituinte Wh (Cinque, 1999, p.17). De certa forma, esses testes foram contemplados no capítulo anterior, mais precisamente na seção 3.2, “O tratamento dos advérbios na Cartografia Sintática”. Por conveniência, alguns exemplos destes testes são reapresentados abaixo:

(42) *Mi ero francamente purtroppo evidentemente formato una pessima opinione*
Me – tinha – **francamente** – **infelizmente** – **evidentemente** – formado – uma péssima opinião

(43) **Mi ero formato* ***francamente purtroppo evidentemente*** *una pessima opinione*
Me – tinha – **formado** – francamente – infelizmente – evidentemente – uma péssima opinião

(44) *Quão **infelizmente** o Pedro chegou?

(45) Quão **rapidamente** o Pedro chegou?

Em (42), o particípio passado ativo "*formato*" ("formado"), em oposição ao seu auxiliar "*ero*" ("tinha"), não pode ser linearizado à esquerda de AdvPs altos. Em (43), há agramaticalidade pelo fato de que tal particípio é linearizado à esquerda de um campo de AdvPs altos. Em (44), o AdvP alto avaliativo "infelizmente" não pode ser carregado, isto é, não pode sofrer *pied-piping* pelo constituinte Wh em questão. Em (45), o AdvP baixo celerativo "rapidamente" é carregado pelo constituinte Wh até a posição de *Spec*, FocP. Há, assim, uma evidente diferença de comportamento sintático de advérbios altos e baixos.

Em Tescari Neto (2013; 2022c), é proposto o teste de elipse verbal para o PB. De acordo com o autor, AdvPs altos, em oposição aos baixos, não podem ser recuperados por uma lacuna e a única interpretação possível para essa lacuna é a de objeto nulo. Argumenta-se ainda que há evidências de que advérbios alocados em projeções abaixo de $T_{anterior}P$ ("já"), da HU, podem ser recuperados pela lacuna em contexto de elipse, o que aponta para a assunção de que o PB teria como limite de movimento do verbo tal projeção. Tal teste pode ser observado em (46) abaixo, retirado de Tescari Neto (2022c, p.163):

(46) "O Eduardo limpa ADVERB a casa e a Mara também limpa".

Argumenta-se que em "ADVERB" qualquer AdvP alto pode ser inserido, de forma que o constituinte retomado a partir da lacuna formada pela elipse é "a casa", mas não esse AdvP. De acordo com o autor, quando em "ADVERB" é inserido o AdvP medial ou baixo, há retomada do objeto e do AdvP em questão.

Ao se ajuntarem todos os testes apresentados neste trabalho, têm-se: i) AdvPs altos possuem mobilidade na sentença, ii) AdvPs altos servem de resposta para perguntas polares, iii) AdvPs altos não podem ser focalizados em construções com "é que", iv) AdvPs altos não podem ser focalizados em construções negativas com "senão" e "exceto", v) AdvPs altos não

podem ocorrer como foco de uma sentença clivada, vi) AdvPs altos não podem ser negados, vii) AdvPs altos não podem ser usados em algumas construções coordenadas, viii) AdvPs altos não podem ser usados como resposta a perguntas iniciadas por "onde", "como" e "quando", ix) AdvPs altos não são compatíveis com sentenças imperativas, x) AdvPs altos não podem figurar como foco de uma pergunta, xi) AdvPs altos não podem estar, em italiano, à direita de particípios ativos, xii) AdvPs altos não podem ser carregados com o constituinte Wh em interrogativas Wh e xiii) AdvPs altos não podem ser recuperados em contextos de elipse verbal.

A aplicabilidade de tais testes a sentenças do PB com AdvPs altos será avaliada nesta seção. Por imperativos de organização textual, nos próximos capítulos, aplicar-se-ão tais testes separadamente a AdvPs mediais e baixos. Após a avaliação desses, são propostos outros testes.

Antes de aplicar tais testes aos AdvPs altos, é necessário tecer algumas considerações metodológicas. A natureza metodológica desta seção é de caráter qualitativo e interpretativo, a partir do método individual-manipulado, conforme descrito em Chafe (1994). Empregam-se, assim, julgamentos de gramaticalidade (doravante TJGs). No âmbito teórico-conceitual, há múltiplas evidências psicolinguísticas que validam o emprego de julgamentos de aceitabilidade (Cowart, 1997; Grégis, 2007; 2013; Sprouse; Almeida, 2017; Linzen; Oseki, 2018). TJGs permitem, assim, aferir, por meio de dados comportamentais, o conhecimento interno, de língua-I, de falantes. Os procedimentos analíticos são: 1) aplicação dos testes, 2) análise qualitativa e interpretativa dos resultados dos testes e 3) exclusão de dados de acordo com dois critérios. Adotam-se os seguintes critérios de exclusão de dados: 1) sentenças em que AdvPs podem figurar em determinado contexto apenas por entonação marcada ou pausas, 2) sentenças em que AdvPs figuram em determinado contexto apenas com modificação do seu traço. Acredita-se que, por meio de tais procedimentos, será possível lograr o objetivo específico deste estudo de avaliar e propor diagnósticos sintáticos para a identificação de advérbios altos. Convém salientar que, ao longo dos testes, a morfologia verbal foi modificada a depender da compatibilidade com o traço sob análise.

Em relação ao primeiro teste, AdvPs altos possuem mobilidade mantendo seu significado, ao passo que AdvPs baixos ou mudam seu significado ou promovem sentenças malformadas. No quadro abaixo, há o emprego do primeiro teste nos AdvPs apresentados neste capítulo, intitulado a partir de agora de Teste de Mobilidade:

Quadro 2 – **Aplicação do Teste de Mobilidade a AdvPs altos**

AdvPs	**Teste de Mobilidade**

Francamente, honestamente e sinceramente	a. (Francamente) o João (francamente) perdeu (*francamente) a chave de casa (*francamente). b. (Honestamente) o João (honestamente) perdeu (*honestamente) a chave de casa (*honestamente). c. (Sinceramente) o João (sinceramente) perdeu (*sinceramente) a chave de casa (*sinceramente).
Surpreendente-mente	(Surpreendentemente) o João (surpreendentemente) perdeu (*surpreendentemente) a chave de casa (*surpreendentemente).
(In)Felizmente, lamentavelmente, estranhamente, inesperadamente	a. (Felizmente) o João (felizmente) perdeu (*felizmente) a chave de casa (*felizmente). b. (Lamentavelmente) o João (lamentavelmente) perdeu (*lamentavelmente) a chave de casa (*lamentavelmente). c. (Estranhamente) o João (estranhamente) perdeu (*estranhamente) a chave de casa (*estranhamente). d. (Inesperadamente) o João (inesperadamente) perdeu (*inesperadamente) a chave de casa (*inesperadamente).
Supostamente, alegadamente, aparentemente, obviamente, claramente, evidentemente	a. (Supostamente) o João (supostamente) perdeu (*supostamente) a chave de casa (*supostamente). b. (Alegadamente) o João (alegadamente) perdeu (*alegadamente) a chave de casa (*alegadamente). c. (Aparentemente) o João (aparentemente) perdeu (*aparentemente) a chave de casa (*aparentemente). d. (Obviamente) o João (obviamente) perdeu (*obviamente) a chave de casa (*obviamente). e. (Claramente) o João (claramente) perdeu (*claramente) a chave de casa (*claramente). f. (Evidentemente) o João (evidentemente) perdeu (*evidentemente) a chave de casa (*evidentemente).
Provavelmente e presumivelmente	a. (Provavelmente) o João (provavelmente) perdeu (*provavelmente) a chave de casa (*provavelmente). b. (Presumivelmente) o João (presumivelmente) perdeu (*presumivelmente) a chave de casa (*presumivelmente).
Uma vez	(Uma vez) o João (uma vez) perdeu (*uma vez) a chave de casa (*uma vez).
Então	(Então) o João (então) perderá (*então) a chave de casa (*então).
Talvez	(Talvez) o João (talvez) perdeu (*talvez) a chave de casa (*talvez).
(Não) Necessariamente	(Necessariamente) o João (necessariamente) perdeu (*necessariamente) a chave de casa (*necessariamente).
Possivelmente	(Possivelmente) o João (possivelmente) perdeu (*possivelmente) a chave de casa (*possivelmente).

Fonte: elaboração própria

Como se constata no Quadro 2, todos os AdvPs altos possuem certa mobilidade na sentença, podendo figurar, sem modificação em seu traço criterial, em posição de margem esquerda e pré-verbal. Quando linearizados em posição de margem direita e pós-verbal, há marginal aceitabilidade desde que haja marcação entonacional ou pausa (cf. Tescari Neto, 2013; 2020) ou emprego parentético/focalizador (cf. Cinque, 1999) ou modificação de seu traço. Observa-se, contudo, que certas categorias de AdvPs altos, como, por exemplo, os AdvPs altos classicamente entendidos como de ato de fala ("francamente", "honestamente" e "sinceramente"), de tempo passado ("uma vez") e de tempo futuro ("então"), ao serem linearizados em posição distinta à de margem esquerda (início absoluto da oração), parecem colaborar para a checagem de outros traços. Embora não seja a função desta seção especificamente apontar todas as linearizações e leituras possíveis de AdvPs altos, ao aplicar o teste de mobilidade, algumas considerações sobre tais aspectos precisam ser feitas.

Os AdvPs "francamente", "honestamente" e "sinceramente", quando linearizados em posição pós-verbal e de margem direita, em "o João perdeu (ADVÉRBIO) a chave de casa (ADVÉRBIO)", parecem colaborar para a veiculação de uma leitura de modo, em que existe um evento de perder a chave de casa que ocorreu de forma franca/honesta/sincera. Em contrapartida, o AdvP "uma vez", quando linearizado em posição pós-verbal e de margem direita, na mesma sentença em "o João perdeu (ADVÉRBIO) a chave de casa (ADVÉRBIO)", parece colaborar para uma leitura de quantificação/repetição, em que o evento de perder a chave de casa não é apenas descrito como anterior a outro ponto de referência, mas é também quantificado cardinalmente. O AdvP "então", nesta sentença, quando linearizado em posição pré-verbal, pós-verbal e de margem direita, parece contribuir também para uma leitura de evidência, de forma que existe um evento de perder a chave cuja ocorrência é julgada como evidente pelo falante. Os argumentos para se assumirem tais leituras, como explicitado desde a introdução deste trabalho, serão desenvolvidos na próxima seção. Contudo, por conveniência, pontua-se aqui que não parece proceder a proposição de que todos os AdvPs altos mantêm a sua leitura principal, prevista pela HU, em qualquer posição da sentença. Interpreta-se, porém, que o fato de nem todos os AdvPs altos manterem suas leituras em qualquer posição de linearização não anula a ideia central deste teste, já que AdvPs baixos, na maioria das vezes, ao serem linearizados em posições distintas, podem construir sentenças agramaticais.

Dessa forma, a partir dos resultados desse primeiro teste, observa-se que os AdvPs altos, malgrado possam figurar em mais de uma posição na sentença, possuem mobilidade um tanto restrita. No quadro 3 abaixo, há a aplicação do Teste de Perguntas Polares, identificado, nesta

seção, como Teste 2, em que figuram como respostas AdvPs altos sem qualquer outro material linguístico seguinte.

Quadro 3 – **Aplicação do Teste de Perguntas Polares a AdvPs altos**

Teste de Perguntas Polares
O Renato deu colo para a Alicinha?
Respostas **possíveis**: surpreendentemente, (in)felizmente, lamentavelmente, estranhamente, inesperadamente, supostamente, alegadamente, aparentemente, obviamente, claramente, evidentemente, provavelmente, presumivelmente, uma vez, talvez, (não) necessariamente e possivelmente
Respostas **impossíveis**: Francamente, honestamente, sinceramente, então

Fonte: elaboração própria

Observa-se que, como resposta à "O Renato deu colo para a Alicinha?", os AdvPs "francamente", "honestamente", "sinceramente" e "então"[90] não podem ser empregados como réplica a essa pergunta, ao passo que outros AdvPs altos, mesmo que alguns marginalmente, podem figurar como respostas a tal pergunta. Constata-se, assim, que, nos dois testes apresentados, os AdvPs "francamente", "honestamente", "sinceramente" e "então" possuem um comportamento diferente dos outros AdvPs altos. Argumenta-se que tal comportamento dissonante seja uma consequência do fato de tais AdvPs serem compatíveis com mais de um traço funcional, especificamente: 1) francamente (+ declarativo/ + modo), 2) honestamente (+ declarativo/ + modo), 3) sinceramente (+ declarativo/ + modo) e 4) então (+ posterior/ +evidencial/ +frame).

Em Benincà e Munaro (2004), no âmbito da proposta do CP estendido (cf. Rizzi, 1997), propõe-se a existência da projeção FrameP, em que se alocam constituintes que carregam o

[90] Convém explicar o porquê de tais AdvPs serem agramaticais em contexto de respostas a perguntas polares. Em relação à agramaticalidade dos advérbios "francamente", "honestamente" e "sinceramente", especificadores de Modo$_{\text{Ato de Fala}}$P, no referido contexto, entende-se haver uma incompatibilidade entre o traço *default* que nucleia tal projeção e o tipo de construção elíptica. Se, como considera Cinque (1999), por meio de atos de fala se veicula a força ilocucionária de uma proposição, não seria possível veicular tal força na ausência de uma proposição. Tais advérbios não afetam as condições de verdade de uma proposição, mas, necessariamente, a tomam como referência. Não havendo qualquer afirmação para se tomar como referência (no referido caso a proposição de ser verdade ou não que o Renato deu colinho para a Alicinha), constrói-se a agramaticalidade. No que concerne à impossibilidade de "então" figurar sozinho em contexto de resposta a perguntas polares, argumenta-se que: 1) há uma idiossincrasia do PB em relação à impossibilidade do "então" figurar neste contexto que não é compartilhada por línguas como o inglês, que o licenciam ("Você vai à feira?" R: "*Então/Depois" vs. "*Are you going to the fair?*" R: "*Then*") e 2) Tal idiossincrasia força uma leitura de "então" enquanto marcador discursivo, não como advérbio temporal dêitico.

traço de enquadramento discursivo ("*frame*"). Nessa proposta, FrameP é a projeção mais do *Forefield* (ou espaço do CP), dominando as projeções de FocP e de TopP, por exemplo. Como o "então" em seu uso de encadeamento parece partir de um domínio temático-discursivo para outro, estabelecendo uma "conexão" entre proposições, há razões para se conjecturar a aproximação deste AdvP com o traço de "*frame*".

Ainda sobre o uso de "então" como advérbio de encadeamento discursivo, duas análises concorrentes se afirmam: 1) "então" enquanto advérbio de encadeamento discursivo é subespecificado para o traço de "*frame*", o que implica seu alçamento criterial para a posição de FrameP, na periferia esquerda (cf. Benincà; Munaro, 2004) e 2) a leitura de "então" enquanto advérbio de encadeamento discursivo é uma implicatura derivada do traço de tempo futuro em LF. Embora ambas análises possam explicar a razão de se empregar "então" em contextos em que não se veicula leitura de futuro ou leitura evidencial, é necessário explicar o motivo de se adotar a primeira e não a segunda.

Sobre a primeira proposta, o "então" de encadeamento discursivo parece sempre preceder constituintes focalizados, constituintes topicalizados, bem como constituintes Wh deslocados: 1) "**Então**, o Pedro, ele chegou tarde?" ("*O Pedro, **então**, ele chegou tarde?), 2) "**Então** (foi) o Pedro que chegou tarde?" ("?(Foi), **então**, o Pedro que chegou tarde?"[91]) e 3) "**Então** quem chegou tarde?" ("*Quem **então** chegou tarde?"[92]). Ao se tomar a dominância de FrameP na hierarquia em relação a TopP e FocP como diagnóstico inicial para essa análise, tem-se o seguinte silogismo: 1) se "então" carrega um traço de enquadramento discursivo, como os constituintes alocados em FrameP, 2) se "então" de encadeamento discursivo antecede tópico e foco, como os constituintes alocados em FrameP; logo, 3) "então" é um constituinte alocado em FrameP. Para além desse argumento sintático, é possível observar outras propriedades definidoras (cf. Benincà; Munaro, 2004) de constituintes alocados em FrameP no "então" de encadeamento/enquadramento discursivo: a) função de *setting the scene*, b) escopo sentencial, c) distinção estrutural de foco e tópico e d) não recursividade. Em uma sentença como "Então, eu peguei as chaves do carro e saí", o AdvP "então" estabelece uma conexão direta entre o que foi dito anteriormente e o que será dito, de forma que funciona como um elemento de *setting the scene*, contextualizando a ligação discursiva entre partes do discurso. Além disso, "então" estabelece escopo sentencial total, o que explica, por exemplo, a sua linearização *default* em

[91] Tal emprego do "então" é marginal com uma leitura de encadeamento discursivo, mas plenamente aceitável em uma leitura evidencial, o que sugere, na verdade, a soldagem de "então" em posição de especificador de $Mod_{Evidencial}P$ e seu alçamento para uma posição de TopP para se explicar essa sentença.
[92] Nesta sentença, "então" também pode ser interpretado como evidencial.

margem esquerda. Além disso, não se emprega nesta sentença uma entonação de tópico ou foco, tampouco parece ser possível figurar o "então" discursivo na lacuna da clivagem[93] ("?Foi então que eu peguei as chaves do carro e saí") ou retomá-lo por uma proforma ("Então, eu peguei as chaves do carro e saí *disso"). Finalmente, o "então" de encadeamento discursivo não é recursivo, de forma que outro elemento conectivo do discurso com o mesmo escopo oracional ("?Então, depois eu peguei a chave do carro e saí") não pode ser referenciado. A partir dessas evidências, defende-se o entendimento de que "então" discursivo seja gerado em posição de especificador de FrameP, no espírito da proposta de Li e Thompson (1976) e Berlinck, Duarte e Oliveira (2015) acerca da possibilidade de constituintes serem *base-merged* na periferia esquerda[94].

Em relação à segunda proposta analítica, segundo a qual o "então" discursivo é uma implicatura derivada do traço de tempo futuro em LF, faz-se necessário apresentar evidências diretas para essa assunção que sejam visíveis na sincronia da língua, não em sua diacronia. De acordo com essa proposta, o "então" carregaria de forma *default* um traço de futuro e, por meio de tal traço, estabeleceria operações na sintaxe. Em interface com a Forma Lógica, ou com o Sistema Conceitual-Intencional, poderia haver uma operação de extensão da dêixis de futuro para uma dêixis discursiva. Tal proposta se opõe categoricamente ao Princípio da Decomposicionalidade (cf. Kayne, 2005) e à assunção de isomorfia entre Forma Lógica e Sintaxe (cf. Kayne, 1988). Questiona-se, assim, se tal proposta poderia ser concebida como cartográfica e se tal proposta dispõe de evidências linguísticas para se firmar. Portanto, em virtude do caráter plenamente especulativo, *ad hoc* e teoricamente questionável desta proposta, descarta-se tal entendimento.

Em relação ao Teste de Focalização de AdvPs altos antecedendo "é que", o cenário é bastante interessante: alguns AdvPs classificados como altos são marginais em contextos de modificação do seu traço, conforme se observa no emprego de (?). No quadro 4 abaixo, tem-se a aplicação desse teste.

Quadro 4 – **Aplicação do Teste de Focalização com AdvP alto antecedendo "é que"**

AdvPs	**Teste de Focalização com AdvPs altos antecedendo "é que"**

[93] Não se fala aqui de sua possibilidade de anteceder "é que".

[94] Convém salientar que, na argumentação das referidas autoras, é possível que sintagmas topicalizados em construções de deslocamento à esquerda ("A Ana, ela é bonita"), e de anacoluto ou tópico pendente ("Crianças, eu tenho dois filhos") seja inseridos diretamente na periferia esquerda. Não se intenciona, entretanto, discutir a forma pela qual tais sintagmas receberiam caso.

Francamente, honestamente e sinceramente	?Francamente/?honestamente/?sinceramente é que André encontrou a resposta.
Surpreendentemente	*Surpreendentemente é que André encontrou a resposta.
(In)Felizmente, lamentavelmente, estranhamente, inesperadamente	*(In)Felizmente, *lamentavelmente, *estranhamente, *inesperadamente é que André encontrou a resposta.
Supostamente, alegadamente, aparentemente, obviamente, claramente, evidentemente	*Supostamente/*alegadamente/ *aparentemente/ *obviamente/ *claramente/*evidentemente é que André encontrou a resposta.
Provavelmente e presumivelmente	*Provavelmente/ presumivelmente é que André encontrou a resposta[95].
Uma vez	?Uma vez é que André encontrou a resposta.
Então	?Então é que André encontrou a resposta.
Talvez	*Talvez é que André encontrou a resposta.
(Não) Necessariamente	*(Não) Necessariamente é que André encontrou a resposta.
Possivelmente	*Possivelmente é que André encontrou a resposta.

Fonte: elaboração própria

Percebe-se que os AdvPs "francamente", "honestamente", "sinceramente", "uma vez" e "então", ao serem empregados em contexto de focalização antecedendo "é que", formam sentenças um pouco mais aceitáveis em contexto de modificação do traço, respectivamente "modo", "repetição" e "*frame*". Em contrapartida, todos os outros AdvPs altos, formam, no referido contexto, sentenças agramaticais[96]. Entende-se que, semelhante ao teste 1 (Teste de Mobilidade), de mobilidade na sentença e conservação de leitura, tais AdvPs licenciados nesta posição parecem contribuir também com outras leituras, o que será interpretado neste trabalho, na próxima subseção, como evidência para uma possível subespecificação de traços. No quadro 5 abaixo, é aplicado o Teste de Focalização Negativa com "senão".

[95] Embora tal sentença possa ser possível em algumas gramáticas particulares, em minha gramática, tal sentença não só é incomum como agramatical. Salienta-se, ainda, que, em uma rápida consulta ao Corpus do Português, um dos maiores *corpora* de língua portuguesa, são encontradas **apenas três ocorrências** de uma estrutura parecida no PB (Acesso em 08 mar. 2024). Todas essas ocorrências são em contextos de linearização díspares dos apresentados aqui e podem ser facilmente explicadas por imperativos de c-comando e dominância.

[96] Considera-se que os AdvPs "francamente", "honestamente" e "sinceramente" só são compatíveis nesta construção em contexto de leitura de modo. Perceba que em "Francamente/honestamente/sinceramente é que André encontrou a resposta", há a leitura de que existe um evento de "encontrar", do qual André é agente, e "a resposta" é tema, que ocorreu de forma "franca/honesta/sincera". Portanto, justifica-se que, pelo fato de tais AdvPs serem subespecificados no léxico funcional para mais um traço (ato de fala e modo), eles são compatíveis com a focalização em contexto de leitura de modo, que é veiculado pelo traço homônimo, da projeção baixa do *Middlefield* VozP. Observa-se, assim, mais uma evidência de que, enquanto AdvPs altos não são compatíveis com focalização, AdvPs baixos, mesmo que homônimos, o são. Em relação à gramaticalidade do AdvP "uma vez" em contexto de focalização, argumenta-se, da mesma forma, que, neste caso, lida-se com um AdvP homônimo, de natureza baixa, que gramaticaliza o traço de repetição.

Quadro 5 – **Aplicação do Teste de Focalização Negativa com "senão"**

AdvPs	**Teste de Focalização Negativa com "senão"**
Francamente, honestamente e sinceramente	André não encontrou a resposta senão ?francamente/?honestamente/?sinceramente.
Surpreendentemente	*André não encontrou a resposta senão surpreendentemente.
(In)Felizmente, lamentavelmente, estranhamente, inesperadamente	*André não encontrou a resposta senão (in)felizmente/lamentavelmente/ estranhamente/ inesperadamente.
Supostamente, alegadamente, aparentemente, obviamente, claramente, evidentemente	*André não encontrou a resposta senão supostamente/ alegadamente/ aparentemente/ obviamente/ claramente/ evidentemente.
Provavelmente e presumivelmente	*André não encontrou a resposta senão provavelmente/ presumivelmente.
Uma vez	?André não encontrou a resposta senão uma vez.
Então	*André não encontrou a resposta senão então.
Talvez	*André não encontrou a resposta senão talvez.
(Não) Necessariamente	*André não encontrou a resposta senão (não) necessariamente.
Possivelmente	*André não encontrou a resposta senão possivelmente.

Fonte: elaboração própria

Entende-se, a partir do quadro 5, que os AdvPs "francamente", "honestamente", "sinceramente" e "uma vez", em contexto de emprego do "senão", formam sentenças um pouco mais aceitáveis. Argumenta-se, semelhantemente aos resultados dos testes anteriores, que tais AdvPs só formam sentenças gramaticais por contribuírem com a veiculação de outra leitura, díspar de sua leitura diretamente e categoricamente prevista pela HU. Os AdvPs "francamente", "honestamente" e "sinceramente" neste caso também parecem ser aceitáveis quando veiculam leitura de modo, ao passo que o AdvP "uma vez" é aceitável por veicular uma leitura de quantificação/repetição de um evento[97]. No quadro 6 abaixo, há a aplicação do Teste de Focalização[98] com AdvP em clivadas.

Quadro 6 – **Aplicação do Teste de Focalização com AdvP em clivadas**

AdvPs	**Teste de Focalização com AdvP em clivadas**

[97] Testes para identificação da leitura de modo e de outras leituras serão apresentados nas próximas seções e nos próximos capítulos, especificamente nas seções 5.1, 5.2, 6.1 e 6.2.

[98] De acordo com Medeiros (2026, c.p.), é possível que em focalização contrastiva essas clivagens sejam marginais.

Francamente, honestamente e sinceramente	?Foi francamente/honestamente/sinceramente que André encontrou a resposta.
Surpreendentemente	*Foi surpreendentemente que André encontrou a resposta.
(In)Felizmente, lamentavelmente, estranhamente, inesperadamente	*Foi (in)felizmente/lamentavelmente/estranhamente/inesperadamente que André encontrou a resposta.
Supostamente, alegadamente, aparentemente, obviamente, claramente, evidentemente	*Foi supostamente/ alegadamente/ aparentemente/ obviamente/ claramente/ evidentemente que André encontrou a resposta.
Provavelmente e presumivelmente	*Foi provavelmente/ presumivelmente que André encontrou a resposta.
Uma vez	?Foi uma vez que André encontrou a resposta.
Então	*Foi então que André encontrou a resposta[99].
Talvez	*Foi talvez que André encontrou a resposta.
(Não) Necessariamente	*Foi (não) necessariamente que André encontrou a resposta.
Possivelmente	*Foi possivelmente que André encontrou a resposta.

Fonte: elaboração própria

Constata-se que os AdvPs "francamente", "honestamente", "sinceramente" e "uma vez", diferentemente de outros AdvPs altos, são gramaticais e felizes quando objeto de focalização entre o VP "ser" e a partícula de foco "que". Da mesma maneira que nos testes anteriores, tais AdvPs parecem colaborar com outros tipos de leitura. "Francamente", "honestamente" e "sinceramente" são aceitáveis neste contexto quando veiculam uma leitura de modo, "uma vez" quando veicula leitura de quantificação/repetição. No quadro 7 abaixo, há a aplicação do Teste de Negação:

Quadro 7 – **Aplicação do Teste de Negação**

AdvPs	**Teste de Negação**
Francamente, honestamente e sinceramente	?A Juliana não francamente/honestamente/sinceramente apreciou o carnaval carioca.
Surpreendentemente	*A Juliana não surpreendentemente apreciou o carnaval carioca.[100]

[99] De acordo com Martins (2026, c.p.), também pode ser o caso de o "então", na referida sentença, ser um exemplo de circunstância temporal, sem necessariamente valor de futuro. Neste caso, aventa-se a hipótese que o referido AdvP seja soldado em posição de especificador de TemporalP, na zona baixa do *Middlefield*, no espírito da proposta de Schweikert (2004).

[100] Poder-se-ia argumentar que tal sentença seria aceitável em uma leitura de "surpreendentemente" como modo "(de modo surpreendente".)

(In)Felizmente, lamentavelmente, estranhamente, inesperadamente	*A Juliana não (in)felizmente/lamentavelmente/?estranhamente/ inesperadamente apreciou o carnaval carioca.
Supostamente, alegadamente, aparentemente, obviamente, claramente, evidentemente	*A Juliana não supostamente/ alegadamente/ aparentemente/ obviamente/ claramente/ evidentemente curtiu o carnaval carioca.
Provavelmente e presumivelmente	*A Juliana não provavelmente/ presumivelmente apreciou o carnaval carioca.
Uma vez	?A Juliana não uma vez apreciou o carnaval carioca.
Então	*A Juliana não então apreciou o carnaval carioca.
Talvez	*A Juliana não talvez apreciou o carnaval carioca.
(Não) Necessariamente	*A Juliana não (não) necessariamente apreciou o carnaval carioca.
Possivelmente	*A Juliana não possivelmente apreciou o carnaval carioca.

Fonte: elaboração própria

Considera-se que os AdvPs "francamente", "honestamente", "sinceramente" e "uma vez" são um pouco mais aceitáveis em contexto de negação direta. A aceitabilidade dos AdvPs "francamente", "honestamente" e "sinceramente" é restrita a contextos em que há, novamente, veiculação de uma leitura de modo ("de modo franco"). A aceitabilidade do advérbio "uma vez" também é restrita à leitura de quantificação/repetição. No quadro 8 abaixo, é aplicado o Teste de Coordenação[101].

Quadro 8 – **Aplicação do Teste de Coordenação**

AdvPs	**Teste de Coordenação**
Francamente, honestamente e sinceramente	*O cachorrinho latiu e francamente/ honestamente/ sinceramente.
Surpreendentemente	*O cachorrinho latiu e surpreendentemente.
(In)Felizmente, lamentavelmente,	*O cachorrinho latiu e (in)felizmente/ lamentavelmente/ estranhamente/ inesperadamente.

[101] Convém apontar algumas notas acerca do que se entende por coordenação. Baseado nas propostas de Aixiu e Abeillé (2021), Demonte e Perez-Jimenez (2012), Willer e Gold (2017) e Alves (2025), a coordenação é um subproduto de um núcleo CoordP que relaciona duas categorias simétricas (no sentido de Tescari Neto, 2013) dentro de uma estrutura assimétrica. Assim, uma frase como "meninos e meninas" seria uma CoordP, encabeçada pela conjunção "e", que relaciona o primeiro NP ("meninos") ao segundo NP ("meninas") (cf. Alves, 2025).

estranhamente, inesperadamente	
Supostamente, alegadamente, aparentemente, obviamente, claramente, evidentemente	*O cachorrinho latiu e supostamente/ alegadamente/ aparentemente/ obviamente/ claramente/ evidentemente.
Provavelmente e presumivelmente	*O cachorrinho latiu e provavelmente/ presumivelmente.
Uma vez	?O cachorrinho latiu e uma vez.
Então	*O cachorrinho latiu e então.
Talvez	*O cachorrinho latiu e talvez.
(Não) Necessariamente	*O cachorrinho latiu e (não) necessariamente.
Possivelmente	*O cachorrinho latiu e possivelmente.

Fonte: elaboração própria

Observa-se imediatamente que a maioria das sentenças formadas com AdvPs altos em contexto de coordenação em final de frase são agramaticais ou, pelo menos, incomuns. Uma possível exceção a essa observação é a maior aceitabilidade de coordenação de "uma vez", que parece ser restrita à leitura de repetição. Em geral, entretanto, AdvPs altos não podem ser usados nessas estruturas, o que aponta para uma importante generalização de seu comportamento. Nos capítulos 5 e 6 desta tese, será avaliado se tal impossibilidade é exclusiva de AdvPs altos ou se, na verdade, ela se estende a outros AdvPs de alturas distintas na hierarquia. No quadro 9 abaixo, há a aplicação do Teste de Perguntas Abertas.

Quadro 9 – **Aplicação do Teste de Perguntas Abertas**

Teste de Perguntas Abertas
Onde/Quando/Por que/ Como ele descobriu a verdade?
Respostas **possíveis**: Francamente, honestamente, sinceramente, uma vez
Respostas **impossíveis**: *Surpreendentemente, (in)felizmente, lamentavelmente, estranhamente, inesperadamente, supostamente, alegadamente, aparentemente, obviamente, claramente, evidentemente, provavelmente, presumivelmente, então, talvez, (não) necessariamente e possivelmente

Fonte: elaboração própria

Entende-se que, em contexto de resposta a perguntas abertas encabeçadas por um constituinte Wh, os AdvPs "francamente", "honestamente", "sinceramente" e "uma vez" são

gramaticais. Novamente, interpreta-se que a gramaticalidade de emprego desses advérbios está condicionada ao tipo de leitura veiculada. Como resposta a uma pergunta "Como ele descobriu a verdade?", os AdvPs "francamente", "honestamente" e "sinceramente" são aceitáveis, por veicularem uma leitura de modo/maneira, que é condizente com a semântica interna do sintagma Wh que encabeça a pergunta. Como resposta a uma pergunta "Quando ele descobriu a verdade?", o AdvP "uma vez" parece ser ambíguo no tipo de leitura veiculada, podendo ser aceitável tanto em uma interpretação de passado quanto de repetição. No quadro 10 abaixo, há a aplicação do Teste de Sentenças Imperativas.

Quadro 10 – **Aplicação do Teste de Sentenças Imperativas**

AdvPs	**Teste de Sentenças Imperativas**
Francamente, honestamente e sinceramente	?Francamente/ honestamente/ sinceramente explique o que ocorreu.
Surpreendemente	*Surpreendentemente explique o que ocorreu.
(In)Felizmente, lamentavelmente, estranhamente, inesperadamente	*(In)Felizmente/ lamentavelmente/ estranhamente/ inesperadamente explique o que ocorreu.
Supostamente, alegadamente, aparentemente, obviamente, claramente, evidentemente	*Supostamente/ alegadamente/ aparentemente/ obviamente/ claramente/ evidentemente explique o que ocorreu.
Provavelmente e presumivelmente	*Provavelmente/ presumivelmente explique o que ocorreu.
Uma vez	?Uma vez explique o que ocorreu.
Então	?Então explique o que ocorreu.
Talvez	*Talvez explique o que ocorreu.
(Não) Necessariamente	*(Não) Necessariamente explique o que ocorreu.
Possivelmente	*Possivelmente explique o que ocorreu.

Fonte: elaboração própria

Constata-se, a partir do quadro 10, que, com exceção dos AdvPs "francamente", "honestamente", "sinceramente", "uma vez" e "então", os AdvPs altos não são compatíveis com sentenças imperativas. Da mesma forma que nos testes anteriores, os AdvPs "francamente", "honestamente" e "sinceramente" são aceitáveis neste contexto por contribuírem para a veiculação de uma leitura de modo, enquanto os AdvPs "uma vez" e "então" contribuem, respectivamente, para a veiculação de uma leitura de repetição e de

enquadramento discursivo. No quadro 11 abaixo, há a aplicação do Teste de Focalização com AdvP em clivadas interrogativas.

Quadro 11 – **Aplicação do Teste de Focalização com AdvP em clivadas interrogativas**

AdvPs	**Teste de Focalização com AdvP em clivadas interrogativas**
Francamente, honestamente e sinceramente	?Foi francamente/ honestamente/ sinceramente que André encontrou a resposta?
Surpreendentemente	*Foi surpreendentemente que André encontrou a resposta?
(In)Felizmente, lamentavelmente, estranhamente, inesperadamente	*Foi (in)felizmente/ lamentavelmente/ estranhamente/ inesperadamente que André encontrou a resposta?
Supostamente, alegadamente, aparentemente, obviamente, claramente, evidentemente	*Foi supostamente/ alegadamente/ aparentemente/ obviamente/ claramente/ evidentemente que André encontrou a resposta?
Provavelmente e presumivelmente	*Foi provavelmente/ presumivelmente que André encontrou a resposta?
Uma vez	?Foi uma vez que André encontrou a resposta?
Então	*Foi então que André encontrou a resposta?
Talvez	*Foi talvez que André encontrou a resposta?
(Não) Necessariamente	*Foi (não) necessariamente que André encontrou a resposta?
Possivelmente	*Foi possivelmente que André encontrou a resposta?

Fonte: elaboração própria

Considera-se que, em exceção dos AdvPs "francamente", "honestamente", "sinceramente" e "uma vez", os AdvPs altos não são compatíveis com estruturas de focalização em clivadas interrogativas também. A aceitabilidade de "francamente", "honestamente" e "sinceramente" está condicionada à veiculação da leitura de modo, ao passo que a aceitabilidade de "uma vez" está condicionada à leitura de repetição. No quadro 12 abaixo, há a aplicação do clássico Teste do Particípio, adotado categoricamente por Cinque (1999) como justificativa para diferenciar AdvPs altos de AdvPs baixos.

Quadro 12 – **Aplicação do Teste do Particípio**

AdvPs	**Teste do Particípio**	
	AdvP > Particípio	**Particípio > AdvP**
Francamente, honestamente e sinceramente	Ele tinha francamente/ honestamente/ sinceramente **encontrado** as chaves.	*Ele tinha **encontrado** francamente/ honestamente/ sinceramente as chaves.

Surpreendentemente	Ele tinha surpreendentemente **encontrado** as chaves.	*Ele tinha **encontrado** surpreendentemente as chaves.
(In)Felizmente, lamentavelmente, estranhamente, inesperadamente	Ele tinha (in)felizmente/ lamentavelmente/ estranhamente/ inesperadamente **encontrado** as chaves.	*Ele tinha **encontrado** (in)felizmente/ lamentavelmente/ estranhamente/ inesperadamente as chaves.
Supostamente, alegadamente, aparentemente, obviamente, claramente, evidentemente	Ele tinha supostamente/ alegadamente/ aparentemente/ obviamente/ claramente/ evidentemente **encontrado** as chaves.	*Ele tinha **encontrado** supostamente/ alegadamente/ aparentemente/ obviamente/ claramente/ evidentemente as chaves.
Provavelmente e presumivelmente	Ele tinha provavelmente/ presumivelmente **encontrado** as chaves.	*Ele tinha **encontrado** provavelmente/ presumivelmente as chaves.
Uma vez	Ele tinha uma vez **encontrado** as chaves.	?Ele tinha **encontrado** uma vez as chaves.
Então	Ele tinha então **encontrado** as chaves.	*Ele tinha **encontrado** então as chaves.
Talvez	Ele tinha talvez **encontrado** as chaves.	*Ele tinha **encontrado** talvez as chaves.
(Não) Necessariamente	Ele tinha (não) necessariamente **encontrado** as chaves.	*Ele tinha **encontrado** (não) necessariamente as chaves.
Possivelmente	Ele tinha possivelmente **encontrado** as chaves.	*Ele tinha **encontrado** possivelmente as chaves.

Fonte: elaboração própria

Entende-se, a partir do quadro 12, que, em geral, o particípio não pode ser linearizado à esquerda de AdvPs altos em uma sentença proferida em entoação não marcada. Em contextos mais marcados, é possível a interpretação de o AdvP formar uma espécie de constituinte com o sintagma imediatamente adjacente, como será argumentado ainda neste capítulo. Da mesma forma que nos testes anteriores, o AdvP "uma vez" possui um comportamento diferente: "uma vez" é possível neste contexto em uma leitura de repetição. No quadro 13 abaixo, há a aplicação do Teste de Interrogativas Wh, igualmente empregado em Cinque (1999).

Quadro 13 – **Aplicação do Teste de Interrogativas Wh**

AdvPs	**Teste de Interrogativas Wh**
Francamente, honestamente e sinceramente	?Quão francamente/honestamente/sinceramente Vitor falou com o João?
Surpreendemente	*Quão surpreendentemente Vitor falou com o João?
(In)Felizmente, lamentavelmente,	*Quão (in)felizmente/ lamentavelmente/ estranhamente/inesperadamente Vitor falou com o João?

estranhamente, inesperadamente	
Supostamente, alegadamente, aparentemente, obviamente, claramente, evidentemente	*Quão supostamente/ alegadamente/ aparentemente/ obviamente/ claramente/ evidentemente Vitor falou com o João?
Provavelmente e presumivelmente	*Quão provavelmente/ presumivelmente Vitor falou com o João?
Uma vez	*Quão uma vez Vitor falou com o João?
Então	*Quão então Vitor falou com o João?
Talvez	*Quão talvez Vitor falou com o João?
(Não) Necessariamente	*Quão necessariamente Vitor falou com o João?
Possivelmente	*Quão possivelmente Vitor falou com o João?

Fonte: elaboração própria

Observa-se que, no quadro 13, a maioria dos AdvPs altos resistem, de fato, em PB a aceitarem *pied-piping* do sintagma Wh para o início da oração. Excetua-se, neste caso, os AdvPs "francamente", "honestamente", "sinceramente", "provavelmente", que são mais aceitos neste contexto. Interpreta-se que o constituinte Wh "quão" atribui um tipo de modificação de grau, que parece ser mais compatível com a leitura de modo que é veiculada por esses AdvPs, formando, assim, um constituinte com tais advérbios (no espírito da proposta de um DegP na projeção estendida de certos advérbios). No quadro 14 abaixo, há a aplicação do Teste de Elipse Verbal, adotado em Tescari Neto (2013; 2022c).

Quadro 14 – **Aplicação do Teste de Elipse Verbal**

AdvPs	**Teste de Elipse Verbal**
Francamente, honestamente e sinceramente	Francamente/ honestamente/ sinceramente Lucas comprou uma casa e Guilherme também comprou ?ADVERBIO
Surpreendemente	Lucas surpreendentemente comprou uma casa e Guilherme também comprou *ADVERBIO
(In)Felizmente, lamentavelmente, estranhamente, inesperadamente	Lucas (in)felizmente/ lamentavelmente/ estranhamente/ inesperadamente comprou uma casa e Guilherme também comprou *ADVERBIO
Supostamente, alegadamente, aparentemente, obviamente, claramente, evidentemente	Lucas supostamente/ alegadamente/ aparentemente/ obviamente/ claramente/ evidentemente comprou uma casa e Guilherme também comprou *ADVERBIO

Provavelmente e presumivelmente	Lucas provavelmente/ presumivelmente comprou uma casa e Guilherme também comprou *ADVERBIO
Uma vez	Lucas uma vez comprou uma casa e Guilherme também comprou ?ADVERBIO
Então	Lucas então comprou uma casa e Guilherme também comprou *ADVERBIO
Talvez	Lucas talvez comprou uma casa e Guilherme também comprou *ADVERBIO
(Não) Necessariamente	Lucas necessariamente comprou uma casa e Guilherme também comprou *ADVERBIO
Possivelmente	Lucas possivelmente comprou uma casa e Guilherme também comprou *ADVERBIO

Fonte: elaboração própria

Constata-se, a partir dos resultados de aplicação do Teste de Elipse Verbal, que, com exceção dos AdvPs "francamente", "honestamente", "sinceramente" e "uma vez", o AdvP não pode ser recuperado pela lacuna elíptica. Neste caso, de forma semelhante ao que se diz a outros testes, a retomada dos AdvPs "francamente", "honestamente", "sinceramente" parece estar condicionada à veiculação da leitura de modo. A retomada de "uma vez" parece similarmente estar relacionada à veiculação da leitura de repetição. No quadro 15 abaixo, há um breve resumo do comportamento dos advérbios utilizados em todos os testes utilizados. Marca-se (✓) em contextos em que o AdvP se comporta de acordo com as previsões do teste, (?) em contextos em que o comportamento do AdvP em relação ao teste varia conforme a leitura e, finalmente, (*) em contextos em que o AdvP não se comporta como o esperado:

Quadro 15 – **Resumo da aplicação dos testes a AdvPs altos**

AdvPs	**T1**	**T2**	**T3**	**T4**	**T5**	**T6**	**T7**	**T8**	**T9**	**T 10**	**T 11**	**T 12**	**T 13**
Francamente, honestamente e sinceramente	✓	*	? *	?	?	?	✓	?	?	?	✓	?	?
Surpreendemente	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
(In)Felizmente, lamentavelmente, estranhamente, inesperadamente	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Supostamente, alegadamente, aparentemente, obviamente, claramente, evidentemente	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Provavelmente e presumivelmente	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Uma vez	✓	✓	?	?	?	?	?	?	?	?	?	✓	?
Então	✓	*	?	✓	✓	✓	✓	✓	?	✓	✓	✓	✓
Talvez	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
(Não) Necessariamente	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Possivelmente	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓

Fonte: elaboração própria

Frente a isso, três grupos de AdvPs, em geral, parecem desempenhar um comportamento sintático distinto de outros, os AdvPs classificados como de ato de fala (“francamente”, “honestamente” e “sinceramente”), de tempo anterior (“uma vez”) e de tempo futuro (“então”). Na maioria dos testes, tais AdvPs eram licenciados em contextos em que outros AdvPs altos não eram licenciados. Na verdade, uma parte desses AdvPs, especificamente “francamente”, “honestamente”, “sinceramente” e “uma vez”, apresentava comportamento sintático muito similar ao que na literatura é chamado de AdvPs baixos. Além disso, veiculava leituras que estão também associadas a traços especificados no núcleo de algumas projeções baixas do *Middlefield*, como de modo (VoiceP) e de repetição ($Asp_{Repetitive}P$). Na próxima seção, além dos testes apresentados na literatura, são tecidos argumentos que buscam explicar tal fenômeno à luz de uma proposta de subespecificação adverbial. Antes, contudo, de se prosseguir, são

propostos, neste capítulo especificamente, alguns testes para descrever o comportamento de AdvPs altos que não são explicitados na literatura.

Além dos testes expostos na literatura e testados nesta seção, são propostos mais três testes de adjacência direta, a saber: 1) de AdvPs baixos, 2) de DPs focalizados e 3) de APs graduáveis. De acordo com o primeiro teste, AdvPs altos podem atuar como modificadores diretos de AdvPs baixos em contexto de resposta elíptica a perguntas polares:

(47) Pergunta: A Ana saía de casa?

Resposta com AdvPs altos em posição de modificação:

a) *__Francamente__ frequentemente.
b) **Surpreendentemente** frequentemente.
c) **Felizmente** frequentemente.
d) **Provavelmente** frequentemente.
e) **Supostamente** frequentemente.
f) ***Uma vez** frequentemente.
g) ***Então** frequentemente.
h) **Talvez** frequentemente.
i) **Necessariamente** frequentemente.
j) **Possivelmente** frequentemente.

Resposta com AdvPs mediais/baixos em posição de modificação:

k) ***Já/ *não mais/ *ainda/ *sempre/ *apenas/ *(dentro) em breve/ *brevemente/ *caracteristicamente/ quase/ *de repente/ *obrigatoriamente/ *em vão/ *completamente/ *tudo/ bem/ *rápido/ *do nada/ *de novo/ *com frequência** frequentemente.[102]

Como se observa de (47a) a (47j), AdvPs altos podem modificar diretamente o AdvP baixo "frequentemente", ao passo que os AdvPs classificados como baixo não o podem fazer com a mesma facilidade. Interessantemente, por meio desse teste, capturam-se os resultados atestados em testes anteriores acerca da especificidade dos AdvPs "francamente", "uma vez" e "então". Dessa forma, as estruturas apresentadas, ao figurarem como respostas de "a Ana saía

[102] De acordo com Martins (2026, c.p.), é possível que haja variação no julgamento de aceitabilidade desses advérbios quando figuram nesta construção. Entende-se que essa variação seja uma consequência da possibilidade de gramáticas internas parametrizarem, de forma diferenciada, a altura de alguns AdvPs. Além disso, assume-se que fatores de idiomatização, relacionados a questões de terceiro fator, podem propiciar essa variabilidade.

de casa?", podem ser explicadas a partir de, ao menos, duas interpretações possíveis: 1) de o AdvP alto de fato ser gerado em sua posição de soldagem prevista pela HU e, posteriormente, em contexto de elipse, parte da proposição que ele modifica é apagada ou 2) de o AdvP comumente classificado como alto ser gerado, na verdade, na projeção estendida de um outro AdvP, no caso o "frequentemente"[103].

De acordo com o segundo teste, AdvPs altos, em oposição a AdvPs baixos, podem formar um constituinte e modificar diretamente DPs focalizados. Como afirmado no capítulo anterior, assumir que AdvPs possam modificar outras classes que não sejam verbos, adjetivos e advérbios não é uma afirmação banal. Tal assunção se faz presente em algumas gramáticas tradicionais, como se observou no capítulo 3. Considera-se, face aos exemplos abaixo, que esta possibilidade analítica pode ser válida sobretudo para casos em que o AdvP não pode modificar o verbo, por uma questão de coocorrência, ou a sentença inteira[104].

(48) Foi **francamente/ surpreendentemente/ felizmente/ provavelmente/ supostamente/ uma vez/ então/ talvez/ necessariamente/ possivelmente** ela a Ana que ganhou o prêmio.

(49) **Francamente/ surpreendentemente/ felizmente/ provavelmente/ supostamente/ uma vez/ então/ talvez/ necessariamente/ possivelmente** a Ana é que ganhou o prêmio.

(50) **Francamente/ surpreendentemente/ felizmente/ provavelmente/ supostamente/ uma vez/ então/ talvez/ necessariamente/ possivelmente** a Ana é que <u>francamente/ surpreendentemente/ felizmente/ provavelmente/ supostamente/ uma vez/ então/ talvez/ necessariamente/ possivelmente</u> ganhou o prêmio.

(51) Foi ***já/ *não mais/ *ainda/ ?sempre /?apenas/ *(dentro) em breve/ *brevemente/ *caracteristicamente/ *quase/ *de repente/ *obrigatoriamente/ *em vão/ *completamente/ *tudo/ *bem/ *rápido/ *do nada/ *de novo/ *com frequência** a Ana que ganhou o prêmio.

(52) ***Já/ *não mais/ *ainda/ *sempre/ *apenas/ *(dentro) em breve/ *brevemente/ *caracteristicamente/ *quase/ *de repente/ *obrigatoriamente/**

[103] Ao se adotar, entretanto, a interpretação em 1), na verdade o AdvP modificaria a proposição elíptica, não figurando, assim, como um modificador direto de outro AdvP, como "frequentemente" no exemplo em (47). Haveria, portanto, uma diferença teórica clara entre a proposta em 1) e 2). Porém, em termos descritivos, não haveria essa diferença.

[104] Nos exemplos (51) e (52), foram empregados advérbios não altos.

***em vão/ *completamente/ *tudo/ *bem/ *rápido/ *do nada/ *de novo/ *com frequência** ela/ a Ana é que ganhou o prêmio.

Em (48), há uma estrutura de focalização, em que o DP focalizado é "a Ana". Nesta estrutura, tal DP é alçado de sua posição de sujeito até a posição de especificador de FocP, cujo núcleo é preenchido pela partícula de foco "que". Para explicar a gramaticalidade de (48), teria de se assumir ao menos uma das seguintes hipóteses: a) o AdvP alto, representado em negrito, é soldado na sua projeção de *merge* externo ou no *Middlefield* matricial ("foi") ou no *Forefield* encaixado ("ganhou"), diretamente prevista pela HU, e, posteriormente, por uma série de movimentos de parte da estrutura, é alçado a uma posição à esquerda de "a Ana", no *Forefield* matricial e b) o AdvP alto é soldado na projeção estendida do DP focalizado e, por formar um constituinte com este, sofre movimento A-barra até a posição criterial de especificador de FocP. Em (49), não parece ser o caso de o AdvP modificar o verbo que estaria no *Middlefield* matricial ("foi"), embora seja possível a argumentação de que este modifica o "ser" presente na clivada. Em (50), pelo critério de Jackendoff (1972), se os AdvPs em negrito estão nas duas posições modificando o mesmo constituinte e pertencem à mesma categoria, então deve haver agramaticalidade. Observa-se, contudo, que a sentença não é agramatical. A gramaticalidade dessa sentença é justificada pela assunção de que, neste caso, esses AdvPs estão modificando constituintes distintos. Nesse sentido, enquanto os AdvPs adjacentes a "a Ana" formariam um constituinte com tal DP, os outros AdvPs seriam soldados em sua posição prevista de *merge* externo e, consequentemente, atribuiriam escopo ao VP. Em (51) e (52), observa-se que tal propriedade parece ser mais comumente identificada em AdvPs classificados como altos, em oposição aos mediais e baixos.

De acordo com o terceiro teste, AdvPs altos, em oposição a baixos, parecem modificar com mais facilidade APs graduáveis. Nesse contexto, sustenta-se que APs intensificados por um advérbio como "muito" são mais facilmente modificados por AdvPs tradicionalmente classificados como altos, em oposição aos baixos, conforme demonstrado pelo contraste entre (53) e (54) a seguir.

(53) Uma imagem **francamente/ surpreendentemente/ felizmente/ provavelmente/ supostamente/ uma vez/ ?então/ talvez/ necessariamente/ possivelmente** muito bela[105]

(54) Uma imagem ***já/ ?não mais/ ainda/ sempre/ *apenas/ *em breve/ *brevemente/ ?caracteristicamente/ ?quase/ *de repente/ *obrigatoriamente/ *em vão/ *completamente/ *tudo/ *bem/ *rápido/ *do nada/ ?de novo/ ?com frequência** muito bela[106]

Em (53), os AdvPs destacados modificam o AP graduado "muito bela", ao passo que tal propriedade resiste em sua aplicação quando os AdvPs são os tradicionalmente classificados como baixos, como se observa em (54). Nesse contexto, parece ser o caso que, no domínio adjetival, AdvPs tradicionalmente classificados como altos formem constituintes com APs e, consequentemente, sejam soldados na projeção estendida destes. Em contrapartida, AdvPs tradicionalmente classificados como baixos não formariam, da mesma forma, constituintes com APs graduados.

Os testes apresentados, em maior ou menor extensão, contribuem para o apontamento entre as diferenças entre AdvPs altos e AdvPs baixos. Nesta subseção, foram aplicados os testes descritos na literatura a AdvPs descritos como altos do PB. Observou-se que, embora a maioria desses tenha um comportamento sintático similar ao previsto pelos testes, três categorias de AdvPs se apartam dessas previsões: os advérbios de ato de fala, de passado e de futuro. Em termos avaliativos, os testes adotados variaram em relação ao seu poder preditivo, de forma que a maior ou menor predição desses parece ser um produto da leitura atribuída ao AdvP do que propriamente ao teste em si. Na próxima seção, serão pormenorizadas as linearizações e leituras de AdvPs altos em PB, com o objetivo de observar se, de fato, nos contextos apresentados, tais AdvPs possuem apenas aqueles traços dos sintagmas com os quais se relacionam na HU e a partir dos quais são entendidos como altos.

---

[105] Inspirado no dado de produção espontânea "Como um narciso desencantado, nega que esse Outro seja constitutivo de si e o acusa de responsável pela deformação de sua imagem, antes supostamente bela", extraído do domínio https://sephatrad.wordpress.com/2022/11/08/o-brasil-sebastianista-virou-salomonico/, por meio da ferramenta *WebCorp*. Acesso em 02/10/2023.

[106] Os exemplos classificados como possivelmente aceitáveis em determinados contextos (ainda/sempre/caracteristicamente/quase) poderiam ser explicados a partir das seguintes propostas: (1) emprego de entoação marcada do advérbio, (2) (in)compatibilidade com o traço de quantificação do determinante, (3) atribuição de leitura de gradualidade ou de foco ao termo imediatamente dominado, (4) presença de um quantificador coberto, na projeção estendida do termo imediatamente dominado e (5) diferentes atribuições de escopo.

4.3 AS LINEARIZAÇÕES E AS LEITURAS DE ADVÉRBIOS ALTOS EM PB

Nesta seção, serão examinadas as linearizações possíveis e as leituras engatilhadas por AdvPs tradicionalmente classificados como altos no PB a partir de sentenças com predicadores verbais biargumentais, finitos e temáticos. Para isso, serão considerados os seguintes contextos de linearização: (1) margem esquerda (Advérbio + Sujeito + Verbo + Objeto), (2) margem direita (Sujeito + Verbo + Objeto + Advérbio), (3) pré-verbal (Sujeito + Advérbio + Verbo + Objeto) e (4) pós-verbal (Sujeito + Verbo + Advérbio + Objeto). Novamente, emprega-se (?) em contextos em que há modificação na leitura desencadeada. Em relação a essas posições de linearização de advérbios altos, têm-se:

Quadro 16 – **Linearizações possíveis nas sentenças de AdvPs altos no PB**

AdvPs	**Margem esquerda**	**Margem direita**	**Posição Pré-verbal**	**Posição Pós-verbal**
Francamente, honestamente e sinceramente	**Francamente/ honestamente/ sinceramente** o João falou a verdade.	?O João falou a verdade **francamente/ honestamente/ sinceramente**.	O João **francamente/ honestamente/ sinceramente** falou a verdade.	?O João falou **francamente/ honestamente/ sinceramente** a verdade.
Surpreendente-mente	**Surpreendentemente** o João falou a verdade.	*O João falou a verdade **surpreendentemente**.	O João **surpreendentemente** falou a verdade.	*O João falou **surpreendentemente** a verdade.
(In)Felizmente, lamentavelmente, estranhamente, inesperadamente	**(In)Felizmente/ lamentavelmente/ estranhamente/ inesperadamente** o João falou a verdade.	*O João falou a verdade **(in)felizmente/ lamentavelmente/ estranhamente/ inesperadamente**.	O João **(in)felizmente/ lamentavelmente/ estranhamente/ inesperadamente** falou a verdade.	*O João falou **(in)felizmente/ lamentavelmente/ estranhamente/ inesperadamente** a verdade.
Supostamente, alegadamente, aparentemente, obviamente, claramente, evidentemente	**Supostamente/ alegadamente/ aparentemente/ obviamente/ claramente/ evidentemente** o João falou a verdade.	*O João falou a verdade **supostamente/ alegadamente/ aparentemente/ obviamente/ claramente/ evidentemente**.	O João **supostamente/ alegadamente/ aparentemente/ obviamente/ claramente/ evidentemente** falou a verdade.	*O João falou **supostamente/ alegadamente/ aparentemente/ obviamente/ claramente/ evidentemente** a verdade.
Provavelmente e presumivelmente	**Provavelmente/ presumivelmente** o João falou a verdade.	*O João falou a verdade **provavelmente/ presumivelmente**.	O João **provavelmente/ presumivelmente** falou a verdade.	*O João falou **provavelmente/ presumivelmente** a verdade.
Uma vez	**Uma vez** o João falou a verdade.	?O João falou a verdade **uma vez**.	O João **uma vez** falou a verdade.	?O João falou **uma vez** a verdade.
Então	**Então** o João falará a verdade.	*O João falará a verdade **então**.	O João **então** falará a verdade.	*O João falará **então** a verdade.
Talvez	**Talvez** o João falou a verdade.	*O João falou a verdade **talvez**.	O João **talvez** falou a verdade.	*O João falou **talvez** a verdade.

(Não) Necessariamente	**(Não) Necessariamente** o João falou a verdade.	*O João falou a verdade **(não) necessariamente**.	O João **(não) necessariamente** falou a verdade.	*O João falou **(não) necessariamente** a verdade.
Possivelmente	**Possivelmente** o João falou a verdade.	*O João falou a verdade **possivelmente**.	O João **possivelmente** falou a verdade.	*O João falou **possivelmente** a verdade.

Fonte: elaboração própria

Como se pode observar no quadro 16, há relativa mobilidade de AdvPs altos na sentença, de forma que tais termos podem ocupar a posição de margem esquerda e pré-verbal. Observa-se, contudo, que, enquanto algumas categorias de advérbios ocupam essas posições sem relativa mudança em seu significado, outras categorias, a depender da posição em que são linearizadas, podem contribuir para uma leitura distinta a do seu significado ordinário. Destacam-se entre estas as referentes aos AdvPs "francamente", "honestamente", "sinceramente", "uma vez" e "então". No quadro abaixo, são apresentadas as leituras possíveis desencadeadas pelos AdvPs sob análise.

Quadro 17 – **Leituras possíveis nas sentenças de AdvPs altos em diferentes linearizações no PB**

AdvPs	**Margem esquerda**	**Margem direita**	**Posição Pré-verbal**	**Posição Pós-verbal**
Francamente, honestamente e sinceramente	Leitura de **ato de fala**	Leitura de **modo**	Leitura de **ato de fala**	Leitura de **modo**
Surpreendentemente	Leitura **mirativa**	*	Leitura **mirativa**	*
(In)Felizmente, lamentavelmente, estranhamente, inesperadamente	Leitura **avaliativa**	*	Leitura **avaliativa**	*
Supostamente, alegadamente, aparentemente, obviamente, claramente, evidentemente	Leitura **evidencial**	*	Leitura **evidencial**	*
Provavelmente e presumivelmente	Leitura **epistêmica**	*	Leitura **epistêmica**	*
Uma vez	Leitura de **passado**	Leitura de **repetição**	Leitura de **passado**/	Leitura de **repetição**

			Leitura de **repetição**	
Então	Leitura de **futuro**/ Leitura de **evidencialidade** / Leitura de ***frame***	*	Leitura de **futuro**/ Leitura de **evidencialidade**	*
Talvez	Leitura de **irrealis**	*	Leitura de **irrealis**	*
(Não) Necessariamente	Leitura de **necessidade**	*	Leitura de **necessidade**	*
Possivelmente	Leitura de **possibilidade**	*	Leitura de **possibilidade**	*

Fonte: Elaboração própria

É necessário justificar a razão de se apontar o disparo de outras leituras aparentemente não previstas para alguns AdvPs. Para isso, será utilizado como artifício metodológico o critério de Jackendoff (1972), segundo o qual termos da mesma categoria não podem coocorrer. Dessa forma, para observar se de fato há uma leitura "x", relacionada a um AdvP "y", será proposta uma sentença em que o AdvP candidato "z" deve não poder coocorrer com o "y". A partir de tal teste, pode-se concluir que "z" e "y" são AdvPs da mesma categoria, que disputam o mesmo local de soldagem.

Em relação à linearização de "francamente", aponta-se que há leitura de ato de fala em posição de margem esquerda e pré-verbal. Justifica-se a existência desta leitura nas referidas posições a partir do entendimento de que não se pode negar ou cancelar ilocucionalmente o traço de declaração em contextos em que "francamente" figura nas referidas posições: a) "#Francamente, o João falou a resposta, mas eu não declaro que João falou a resposta" e b) "#O João francamente falou a verdade, mas eu não declaro que João falou a resposta". Também não parece ser possível haver coocorrência entre "francamente" e outros AdvPs de ato de fala descritos na literatura: a) "*Francamente sinceramente, o João falou a resposta" e b) "*O João francamente sinceramente falou a resposta".

Ainda sobre "francamente", identifica-se leitura de modo em posição pós-verbal e de margem direita. Dessa forma, observa-se a impossibilidade de negar o traço de modo por meio de uma estrutura coordenada: a) "#João falou francamente a resposta, mas ele não falou a resposta de modo franco" e b) "#João falou a resposta francamente, mas ele não falou a resposta de modo franco". Além disso, não pode haver coocorrência entre "francamente" de modo ("de

modo franco") e "falaciosamente" de modo ("de modo falacioso"): a) "*João falou francamente falaciosamente a resposta" e b) "*João falou a resposta francamente falaciosamente".

Em relação à linearização de "(in)felizmente", nota-se a possibilidade de leitura avaliativa em posição de margem esquerda e pré-verbal. Identifica-se tal leitura nessas posições a partir da impossibilidade de negação ou cancelamento do traço de avaliação: a) "#Felizmente, João falou a resposta, mas eu não avalio isso" e b) "#João felizmente falou a resposta, mas eu não avalio isso". Além disso, não pode haver coocorrência entre "felizmente" e outros AdvPs avaliativos nas referidas posições: a) "*Felizmente afortunadamente o João falou a resposta" e b) "*O João felizmente afortunadamente falou a resposta"[107].

Concernente à linearização de "supostamente", aponta-se a possibilidade de leitura evidencial em posição de margem esquerda e pré-verbal. Defende-se a existência dessa leitura a partir da impossibilidade de negação do traço de evidencialidade ou de ausência de evidencialidade em contextos em que "supostamente" é empregado: a) "#Supostamente, a Ana saiu de casa, mas eu tenho certeza disso" e b) "#A Ana supostamente saiu de casa, mas eu tenho certeza disso". Impossibilita-se, ainda, a coocorrência entre "supostamente" e outros AdvPs avaliativos, conforme se observa em: a) "*Supostamente alegadamente a Ana saiu de casa" e b) "*A Ana supostamente alegadamente saiu de casa"[108].

Referente à linearização de "provavelmente", licencia-se a leitura epistêmica em contexto pré-verbal e de margem esquerda. Evidencia-se tal análise ao se aplicarem os testes diagnósticos adotados: a) "#Provavelmente, a carta vai chegar amanhã, mas eu não infiro que a carta vai chegar amanhã", b) "#A carta provavelmente vai chegar amanhã, mas eu não infiro que a carta vai chegar amanhã", c) "*Provavelmente, presumivelmente, a carta vai chegar amanhã" e d) "*A carta provavelmente presumivelmente vai chegar amanhã".

No que concerne à linearização de "uma vez", há leitura de passado em posição pré-verbal e de margem esquerda. Essa leitura de dêixis temporal, em que se localiza uma eventualidade em um momento anterior ao presente, se evidencia a partir dos critérios diagnósticos adotados: a) "#Uma vez Pedro viajou, mas isso não ocorreu no passado" e b) "#Pedro uma vez viajou, mas isso não ocorreu passado". Em virtude da aparente ausência de outros AdvPs verdadeiramente dêiticos de passado no PB (cf. (4.4)), não se aplicou o teste da coocorrência.

---

[107] Embora pareça bem marginal a possibilidade de leitura de modo com "(in)felizmente" em posição pós-verbal e de margem direita, deixa-se como conjectura futura a avaliação do licenciamento de leitura de modo em AdvPs formados por "mente".

[108] Não se intenciona aqui uma leitura de modificação direta de um AdvP em relação a outro, conforme se constata em Alves (2022).

Concernente à linearização de “uma vez” em posição pré-verbal, pós-verbal e de margem direita, identifica-se uma leitura de repetição do evento. Dessa forma, quantifica-se o número de ocorrências do evento em determinado intervalo de tempo. Nota-se essa leitura a partir dos testes diagnósticos adotados: a) “#João uma vez foi à praia, mas ele nunca foi à praia”, b) “#João foi uma vez à praia, mas ele nunca foi à praia”, c) “#João foi à praia uma vez, mas ele nunca foi à praia”, d) “*João uma vez duas vezes foi à praia”, e) “*João foi uma vez duas vezes à praia” e f) “João foi à praia uma vez duas vezes”.

No que tange à linearização de “então” em posição de margem esquerda e pré-verbal, observa-se a veiculação de uma leitura de futuro, de natureza dêitica, que localiza uma eventualidade em um momento posterior ao presente. Essa leitura dêitica se apresenta de forma mais evidente a partir das seguintes sentenças: a) “#Então, João irá à praia, mas ele fará isso agora” e b) “#João então irá à praia, mas ele fará isso agora”. Além disso, veicula-se, nessas posições, leitura de evidencialidade, a partir da qual o falante julga ter evidências para uma proposição: a) “#Então, João vai à praia, mas eu não tenho evidências disso”, b) “#João então vai à praia, mas eu não tenho evidências disso” e c) “*Supostamente então o João foi à praia”. Finalmente, em posição de margem esquerda, há possibilidade de veiculação de leitura de encadeamento/enquadramento discursivo (“*setting the scene*”), conforme se observa em: “#Então, João foi à praia, mas isso não decorre de nada do que foi dito antes”[109].

Em relação à linearização de “talvez” em posição pré-verbal e de margem esquerda, identifica-se a possibilidade de veiculação da leitura de *irrealis*. Evidencia-se tal leitura a partir dos seguintes testes diagnósticos: a) “#Talvez, Antônia encontre o Pedro, mas isso é uma certeza”, b) “#Antônia talvez encontre o Pedro, mas isso é uma certeza”, c) “*Talvez se pá[110] Antônia encontre o Pedro” e d) “*Antônia talvez se pá encontre o Pedro”.

Sobre a linearização de “necessariamente” em posição pré-verbal e de margem esquerda, nota-se a possibilidade de veiculação de leitura de modalidade necessidade (cf. Silva, 2024; 2025). Tal leitura se faz evidente a partir dos seguintes critérios: a) “#Necessariamente, o João toma seus remédios, mas ele não precisa tomar seus remédios”, b) “#O João necessariamente toma seus remédios, mas ele não precisa tomar seus remédios”, c) “*Necessariamente não necessariamente o João toma seus remédios” e d) “*O João necessariamente não necessariamente toma seus remédios”.

---

[109] Para os usos em que “então” é empregado como um operador discursivo que “aparentemente” introduz um assunto inteiramente novo em uma interação de fala, argumenta-se que, neste caso, o “então” se ancore sob o ato de fala, não apenas no tópico discursivo.

[110] Estrutura empregada por gerações mais novas, geralmente da Região Sudeste, para veicular que um evento talvez ocorra.

Finalmente, em relação à linearização de "possivelmente", identifica-se a veiculação da leitura de possibilidade nas posições pré-verbal e de margem esquerda. Essa leitura se evidencia a partir dos seguintes critérios: a) "#Possivelmente, o João toma seus remédios, mas é certo que ele os toma", b) "#O João possivelmente toma seus remédios, mas é certo que ele os toma", c) "*Possivelmente potencialmente o João toma seus remédios" e d) "*O João possivelmente potencialmente toma seus remédios".

No quadro 17, os AdvPs "francamente", "honestamente" e "sinceramente", ao serem linearizados em posição de margem direita e pós-verbal, contribuem para a veiculação de uma leitura de modo. O AdvP "uma vez", ao ser linearizado em posição de "margem direita", e "pós-verbal" pode contribuir para a veiculação de uma leitura de aspecto repetitivo. Finalmente, o AdvP "então", em contexto de linearização de margem esquerda e pré-verbal, pode contribuir para a veiculação de uma leitura de futuro, evidencialidade e de "*frame*". Justifica-se a existência de tais leituras a partir da impossibilidade de coocorrência entre esses AdvPs com outros AdvPs de semelhante categoria em sentenças apresentadas no quadro 18 abaixo:

Quadro 18 – **Leituras de "francamente", "honestamente", "sinceramente", "uma vez" e "então" com diferentes linearizações no PB**

AdvPs	**Margem esquerda**	**Margem direita**	**Posição Pré-verbal**	**Posição Pós-verbal**
Francamente, honestamente e sinceramente	*Francamente honestamente sinceramente o João falou a verdade – Leitura de ato de fala	*O João falou a verdade bem francamente/ honestamente/ sinceramente[111] – Leitura de modo	*O João francamente honestamente sinceramente falou a verdade – Leitura de ato de fala	*O João falou bem francamente/honestamente/sinceramente a verdade – Leitura de modo
Uma vez	Uma vez o João falou a verdade duas vezes – Leitura de passado	*O João falou a verdade uma vez [112]duas vezes – Leitura de repetição	*O João uma vez falou a verdade duas vezes – Leitura de repetição[113]	*O João falou uma vez a verdade duas vezes – Leitura de repetição

[111] Emprega-se como representante dos advérbios de modo o AdvP "bem", listado como especificador de VoiceP por Cinque (1999). É importante dizer que o único contexto em que as sentenças apresentadas na referida linha do quadro 18 são aceitáveis é o que "bem" modifica diretamente "francamente", "honestamente" e "sinceramente". Não é esse o contexto desejado, visto que, para o critério de Jackendoff (1972) valer, é necessário que se coloquem para coocorrer dois AdvPs de mesma categoria modificando o mesmo constituinte. Nesse sentido, é agramatical a leitura em que "bem" modifica o VP e "francamente", "honestamente" e "sinceramente" modificam o mesmo VP.
[112] Não se intenciona se comprometer aqui com o contexto de um AdvP modificar o evento e o outro o processo, como argumentado em Cinque (1999) e Tescari Neto (2013). A leitura desejada neste e nos exemplos seguintes é a de que ambos os AdvPs modifiquem a mesma categoria.
[113] Salienta-se que tal sentença é gramatical em uma leitura de passado.

			O João uma vez falou a verdade duas vezes - Leitura de passado	
Então[114]	*Então posteriormente o João falará a verdade – Leitura de futuro *Obviamente então o João falou a verdade – Leitura de evidencialidade		*João então posteriormente falará a verdade – Leitura de futuro *João obviamente então falou a verdade – Leitura de evidencialidade	

Fonte: elaboração própria

Se considerarmos que, de acordo com os testes de altura apresentados na seção anterior, os AdvPs "francamente", "honestamente", "sinceramente" e "uma vez" apresentaram um comportamento sintático inteiramente distinto de outros AdvPs altos, e que, em muitos contextos, semanticamente veiculam leituras relacionadas a AdvPs baixos, então há evidências para se propor que, na verdade, tais AdvPs sob análise sejam subsespecificados para mais de um traço. Isso significa dizer que, no léxico funcional do PB, "francamente", "honestamente", "sinceramente" possam carregar consigo o traço de ato de fala e o traço de modo, em uma configuração de possível homonímia. Já "uma vez" teria especificado no léxico o traço de tempo passado e de aspecto repetitivo, também em um caso de homonímia. Finalmente, "então" seria especificado para o traço de futuro, de evidencialidade e para o de *setting the scene*.

Em uma abordagem lexicalista, como se adota neste trabalho, duas alternativas para explicar esse comportamento concorrem: 1) há entradas lexicais discretas distintas de "francamente", "honestamente", "sinceramente" e "uma vez", que são especificadas para traços diferentes a serem checados em *Narrow Syntax* ou 2) há entradas lexicais de "francamente", "honestamente", "sinceramente", "uma vez" e "então" que compartilham certas informações

[114] Convém mencionar a aparente marginalidade da aplicação dos referidos testes com o emprego de "então" com a leitura de *frame*. Em uma sentença como "Então enfim o Pedro comeu o bolo", em que se intenciona que "então" e "enfim" coocorram com leitura de *setting the scene*, parece ser o caso de "enfim" ser interpretado como um tardivo (ou tardio) alçado para uma posição de modificação discursiva (ModP) e "então" ser soldado diretamente e FrameP. Ou seja, parece ser o caso de a sentença só ser aceitável, neste caso, com uma leitura de tardivo. Isso decorre da não recursividade de FrameP.

morfológicas e fonológicas, mas que são especificadas para traços diferentes a serem checados em *Narrow Syntax,* funcionando em uma espécie de rede. Independentemente da proposta que se adotar, argumenta-se que os advérbios "francamente", "honestamente", "sinceramente", "uma vez" e "então" parecem ser subsespecificados para mais de um local de soldagem, a saber: (1) "francamente" – *Spec*, $Modo_{Ato\ de\ fala}P$ (leitura de ato de fala) e *Spec*, VozP (leitura de modo) e (2) "uma vez" – *Spec*, $T_{passado}P$ e *Spec*, $Asp_{repetitivo}P$. No caso de "então", parece ser verdade que tal AdvP é subespecificado lexicalmente para mais de um local de soldagem, a saber: a) *Spec*, $T_{Futuro}P$, b) *Spec*, $Modo_{Evidencial}P$ e c) *Spec*, FrameP. Com isso, tem-se o panorama resumido no quadro 19:

Quadro 19 – **Locais de soldagem dos advérbios "francamente", "honestamente", "sinceramente", "uma vez" e "então"**

Francamente/ honestamente/ sinceramente	**Uma vez**	**Então**
Spec, $Modo_{Ato\ de\ Fala}P$	*Spec*, $T_{Passado}P$	*Spec*, $T_{Futuro}P$
Spec, VozP	*Spec*, $Asp_{repetitivo}P$	*Spec*, $Modo_{Evidencial}P$
NA	NA	*Spec*, FrameP

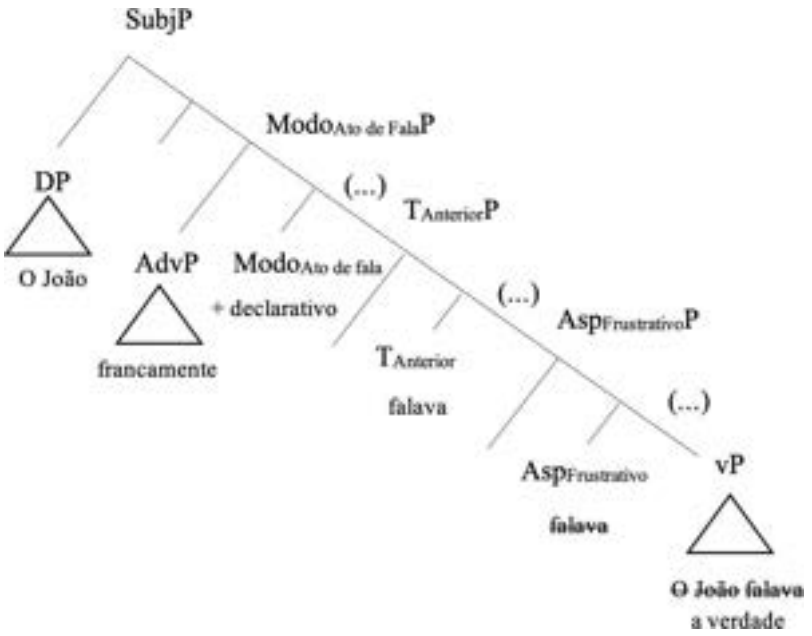
Fonte: Elaboração própria

Para se alcançar o nível de adequação explicitativa caro a qualquer teorização acerca da linguagem, derivam-se cada uma das leituras encontradas para os AdvPs sob análise. No espírito da proposta de Pollock (1989), Belletti (1990) e Cinque (1999), adota-se a conjectura de AdvPs como diagnósticos para o movimento do verbo. Embora, conforme adotado por Tescari Neto (2022), AdvPs altos não sejam os melhores diagnósticos para o movimento do verbo, adotam-se as seguintes hipóteses: a) para derivar a linearização pré-verbal de AdvPs, assume-se haver checagem do traço criterial por *simple merge*, isto é, o traço investigado é checado apenas pela soldagem do núcleo e do AdvP, sem movimento do verbo até o respectivo núcleo, b) para derivar a linearização de margem esquerda de AdvPs, assume-se haver checagem de traços criteriais na periferia esquerda, especificamente em ModP, já que os AdvPs que figuram nesta posição não dependem de uma prosódia de foco ou de tópico, c) para derivar a linearização pós-verbal de AdvPs, assume-se haver checagem do traço investigado por meio do movimento do verbo e d) para derivar a linearização de margem direita de AdvPs, assume-se haver atuação de movimento sintagmático de partes da oração.

Dessa forma, para derivar as leituras em análise em contextos em que o AdvP é linearizado em posição pré-verbal, assume-se a ausência de movimento do verbo por sobre o advérbio. Deriva-se a linearização pós-verbal por meio de movimento nuclear por sobre o AdvP. Deriva-se a linearização de margem esquerda por meio do alçamento do AdvP para a periferia esquerda. Finalmente, deriva-se a linearização de margem direita por meio de movimento sintagmático do VP. Por imperativos de espaço, serão derivadas, nesta seção, essas quatro linearizações em contexto de emprego de um dos AdvPs sob análise. A derivação de cada uma das leituras sistematizadas no quadro anterior está disponível, entretanto, ao cabo desta tese, na seção APÊNDICE A - DERIVAÇÃO DAS LEITURAS DE ADVÉRBIOS ALTOS EM PB.

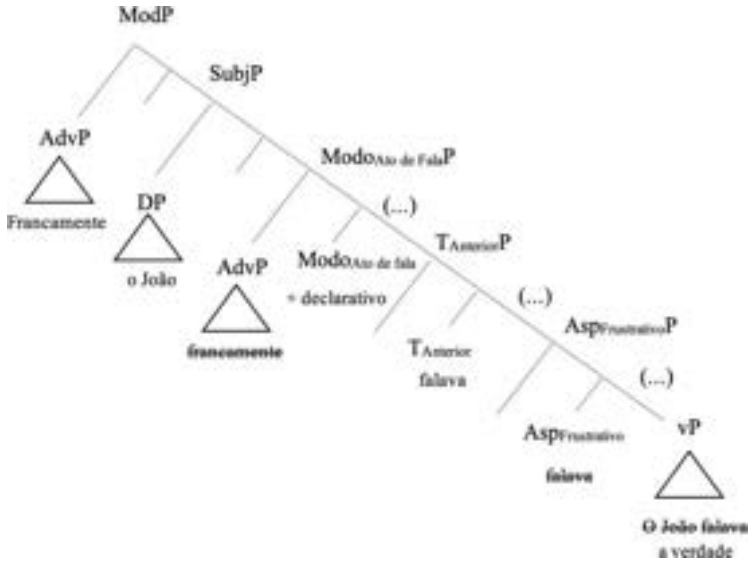
Deriva-se, inicialmente, a leitura de ato de fala de "francamente" tanto em posição pré-verbal quanto em posição de margem esquerda. Para derivar essa leitura na posição pré-verbal, assume-se que o verbo temático se move até, no máximo, $T_{Anterior}P$ e o traço declarativo é checado por soldagem simples. No caso da linearização em posição de margem esquerda, há alçamento de "francamente" de *Spec*, $Modo_{Ato\ de\ Fala}P$ até *Spec*, ModP.

Figura 6 – **Derivação da leitura de ato de fala com "francamente" em posição pré-verbal**



Fonte: Elaboração própria

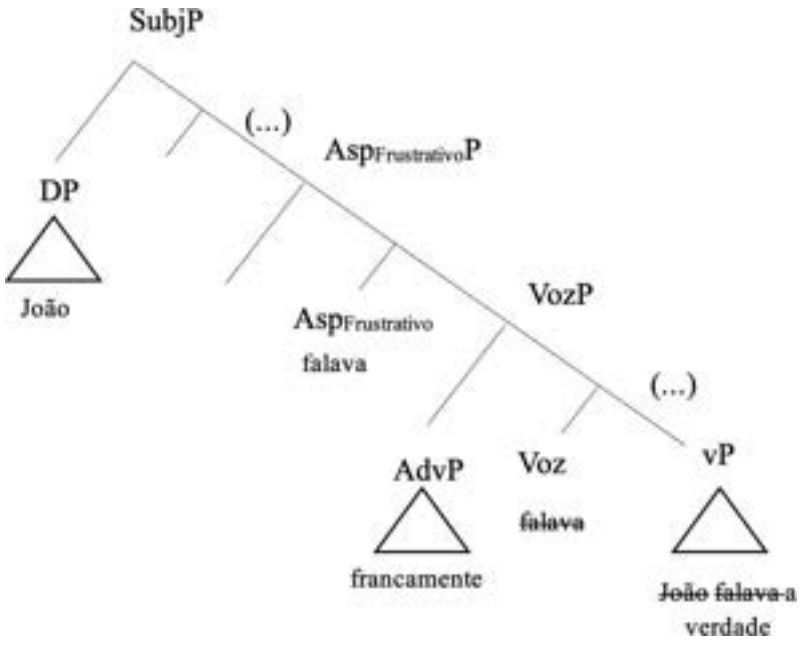
Figura 7 – **Derivação da leitura de ato de fala com "francamente" em posição de margem esquerda**



Fonte: elaboração própria

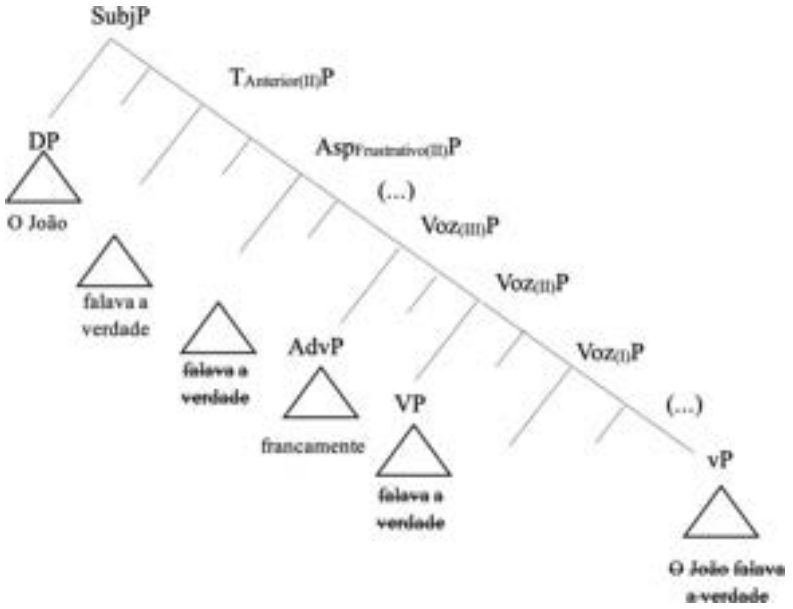
Em seguida, deriva-se a leitura de modo de "francamente" tanto em posição pós-verbal quanto em posição de margem direita. Para a derivação de linearização pós-verbal, há movimento do verbo. Para a derivação de linearização de margem direita, há movimento sintagmático.

Figura 8 – **Derivação da leitura de modo com "francamente" em posição pós-verbal**



Fonte: Elaboração própria

Figura 9 – **Derivação da leitura de modo com "francamente" em posição de margem direita**



Fonte: Elaboração própria

Nesta subseção, foram analisadas as linearizações e leituras possíveis de AdvPs classificados tradicionalmente como altos em PB. Observou-se, a partir de dados de sentenças do PB, que, para além dos locais de soldagem descritos em Cinque (1999), há outros locais possíveis. Argumentou-se que os advérbios "francamente", "uma vez" e "então" são subsespecificados para mais de um local de soldagem, a saber: (1) "francamente" – $Modo_{Ato\ de\ falat}P$ (leitura de ato de fala) e VozP (leitura de modo), (2) "uma vez" – $T_{pasado}P$ e $Asp_{repetitivo}P$ e (3) "então" – $T_{futuro}P$, $Modo_{Evidencial}P$ e FrameP. Além disso, constatou-se que os outros advérbios altos sob análise podem ser linearizados em posição pré-verbal e de margem esquerda sem modificações em suas leituras relacionadas aos sintagmas propostos por Cinque (1999; 2006). Foram apresentadas, ademais, as derivações das sentenças sob análise nesta seção. Na próxima seção, serão analisados alguns candidatos a AdvPs altos em PB, levando em consideração os testes apresentados e adotados até então.

4.4 CANDIDATOS A ADVÉRBIOS ALTOS

Nesta seção, serão analisados candidatos a AdvPs altos no PB. Objetivando avaliar a plausabilidade desta classificação, serão aplicados os testes sintáticos apresentados neste trabalho a pelo menos um candidato de cada categoria de AdvP alto relacionada a projeções do *Middlefield*. O critério empregado inicialmente para apontar esses candidatos é a relação semântica com os traços que nucleiam projeções altas do *Middlefield*.

Em relação à categoria de AdvPs de ato de fala, um possível candidato seria "verdadeiramente". Justifica-se tal escolha pela impossibilidade de "verdadeiramente" coocorrer com "francamente" em sentenças do PB, como "*Francamente verdadeiramente a moça se perdeu". A agramaticalidade desta sentença é explicada à luz do próprio critério de Jackendoff (1972), visto que AdvPs de semelhante categoria, neste contexto, coocorrem na modificação do mesmo constituinte. Além disso, "verdadeiramente" se comporta como um AdvP alto nos testes apresentados. No espírito da argumentação desenvolvida até aqui, as sentenças com julgamento (?) representam sentenças aceitáveis em contexto de alteração de traço criterial, como, por exemplo, para uma leitura de modo:

(55) (Verdadeiramente) a moça (verdadeiramente) perdeu (*verdadeiramente) seu brinco (*verdadeiramente).

(56) A moça (verdadeiramente) perdeu seu brinco?
Resposta: *Verdadeiramente.

(57) ?Verdadeiramente é que a moça perdeu seu brinco.

(58) ?A moça não perdeu seu brinco senão verdadeiramente.

(59) ?Foi verdadeiramente que a moça perdeu seu brinco.

(60) ?Não verdadeiramente a moça perdeu seu brinco.

(61) ?A moça perdeu seu brinco e verdadeiramente.

(62) Como/Onde/ quando/ por que a moça perdeu seu brinco?
Resposta: Verdadeiramente.

(63) ?Verdadeiramente perca seu brinco!

(64) ?Foi verdadeiramente que a moça perdeu seu brinco?

(65) A moça tinha verdadeiramente perdido seu brinco.

(65') ?A moça tinha perdido verdadeiramente seu brinco.

(66) ?Quão verdadeiramente a moça perdeu seu brinco?

(67) Verdadeiramente a moça perdeu brinco e o rapaz também (*verdadeiramente perdeu seu brinco)

Como se pode observar, o AdvP "verdadeiramente" se comporta como um AdvP alto nos testes apresentados: i) AdvPs altos possuem mobilidade na sentença, ii) AdvPs altos não podem ser focalizados em construções com "é que", iii) AdvPs altos não podem ser focalizados em construções negativas com "senão" e "exceto", iv) Um AdvP alto não pode ocorrer como foco de uma sentença clivada, v) um AdvP alto não pode ser negado, vi) AdvPs altos não podem ser usados em algumas construções coordenadas, vii) AdvPs altos não podem ser usados como resposta a perguntas iniciadas por "onde", "como" e "quando", viii) AdvPs altos não são compatíveis com sentenças imperativas, ix) AdvPs altos não podem figurar como foco de uma pergunta, x) AdvPs altos não podem figurar à direita de particípio, xi) AdvPs altos não podem ser carregados por elementos Wh e xii) AdvPs altos não podem ser retomados por uma lacuna em uma elipse. Em caso de alteração de leitura de "verdadeiramente" para uma leitura de modo, observa-se certa variação nos resultados dos referidos testes.

Com base no resultado dos testes sintáticos apresentados e da aplicação do critério de Jackendoff (1972), é possível afirmar que, em PB, "verdadeiramente" se enquadre na classe dos AdvPs de ato de fala. Isso significa dizer que, semelhantemente a esses AdvPs, "verdadeiramente" é soldado na posição de especificador de $\text{Modo}_{\text{Ato de fala}}\text{P}$. Além disso, nota-se que parece ser o caso de haver neste advérbio subespecificação também para o traço de modo e de modificação nominal, semelhantemente aos advérbios apontados de sua classe: 1) O rapaz abraçou seu amigo verdadeiramente, 2) O rapaz abraçou verdadeiramente seu amigo. Em 1), é possível a leitura de que o evento de abraçar o amigo ocorreu de modo verdadeiro, ao passo que, em 2), pelos motivos apresentados (clivagem, topicalização etc.), parece ser o caso de o AdvP "verdadeiramente" poder modificar o DP "seu amigo".

Em relação à categoria dos AdvPs mirativos, os advérbios "espantosamente", "formidavelmente" e "inacreditavelmente" parecem ser bons candidatos para tal categoria. Tais advérbios não podem coocorrer com "surpreendentemente", como se pode observar "*Surpreendentemente espantosamente/ formidavelmente/ inacreditavelmente a cantora fez um show em Copacabana". Além disso, tais advérbios se comportam como AdvPs altos nos testes apresentados:

(68) (Espantosamente/ formidavelmente/ inacreditavelmente) a moça (espantosamente/ formidavelmente/ inacreditavelmente) perdeu (*espantosamente/ *formidavelmente/*inacreditavelmente) seu brinco (*espantosamente/ *formidavelmente/*inacreditavelmente)

(69) A moça (espantosamente/ formidavelmente/ inacreditavelmente) perdeu seu brinco?

Resposta: Espantosamente/ formidavelmente/ inacreditavelmente.

(70) *Espantosamente/ formidavelmente/ inacreditavelmente é que a moça perdeu seu brinco.

(71) *A moça não perdeu seu brinco senão espantosamente/ formidavelmente/ inacreditavelmente.

(72) *Foi espantosamente/ formidavelmente/ inacreditavelmente que a moça se perdeu.

(73) *A moça não espantosamente/ formidavelmente/ inacreditavelmente perdeu seu brinco.[115]

(74) *A moça perdeu seu brinco e espantosamente/ formidavelmente/ inacreditavelmente

(75) Onde/ quando/ por que a moça perdeu seu brinco?

Resposta: *Espantosamente/*formidavelmente/*inacreditavelmente.

(76) *Espantosamente/ formidavelmente/ inacreditavelmente perca seu brinco!

(77) *Foi espantosamente/ formidavelmente/ inacreditavelmente que a moça perdeu seu brinco?

(78) A moça tinha espantosamente/ formidavelmente/ inacreditavelmente perdido seu brinco.

(78') A moça tinha perdido *espantosamente/*formidavelmente/*inacreditavelmente seu brinco.

(79) *Quão espantosamente/ formidavelmente/ inacreditavelmente a moça perdeu seu brinco?

(80) Espantosamente/ formidavelmente/ inacreditavelmente a moça perdeu seu brinco e o rapaz também (*espantosamente/ formidavelmente/ inacreditavelmente perdeu seu brinco).

Nota-se que os referidos advérbios possuem comportamento de AdvPs altos. Com base no resultado desses testes apresentados e da aplicação do critério de Jackendoff (1972), é possível afirmar que, em PB, "espantosamente", "formidavelmente" e "inacreditavelmente" se

[115] É questionável se, nesta sentença, poderia haver maior ou menor aceitabilidade a depender do tipo de leitura atribuída aos AdvPs sob análise. Dessa forma, deixa-se em aberto a interpretação de que esta sentença é mais aceita em contexto de leitura de modo.

enquadrem na classe dos AdvPs mirativos. Isso significa dizer que, semelhantemente a esses AdvPs, “espantosamente”, “formidavelmente” e “inacreditavelmente” podem ser soldados na posição de especificador de $Mood_{Mirative}P$.

No que concerne aos advérbios avaliativos, interessantes candidatos a essa categoria são os AdvPs “lastimavelmente” e “(des)afortunadamente”. Argumenta-se que os referidos advérbios não podem coocorrer com “(in)felizmente”, como se constata em “*(In)felizmente lastimavelmente/ desafortunadamente fiz meus exercícios”. Tais AdvPs também possuem comportamento de advérbios altos:

(81) (Lastimavelmente/ desafortunadamente) a moça (lastimavelmente/ desafortunadamente) perdeu (*lastimavelmente/*desafortunadamente) seu brinco (*lastimavelmente/*desafortunadamente).

(82) A moça (lastimavelmente/ desafortunadamente) perdeu seu brinco?
Resposta: Lastimavelmente/ desafortunadamente.

(83) *Lastimavelmente/ desafortunadamente é que a moça perdeu seu brinco.

(84) *A moça não perdeu seu brinco senão lastimavelmente/ desafortunadamente.

(85) *Foi lastimavelmente/ desafortunadamente que a moça perdeu seu brinco.

(86) *A moça não lastimavelmente desafortunadamente perdeu seu brinco.

(87) *A moça perdeu seu brinco e lastimavelmente/ desafortunadamente.

(88) Onde/ quando/ por que a moça perdeu seu brinco?
Resposta: *Lastimavelmente/ desafortunadamente.

(89) *Lastimavelmente/ desafortunadamente perca seu brinco!

(90) *Foi lastimavelmente/ desafortunadamente que a moça perdeu seu brinco?

(91) A moça tinha lastimavelmente/ desafortunadamente perdido seu brinco.

(91’) *A moça tinha perdido lastimavelmente/desafortunadamente seu brinco.

(92) *Quão lastimavelmente/ desafortunadamente a moça perdeu seu brinco?

(93) Lastimavelmente/ desafortunadamente a moça perdeu seu brinco e o rapaz também (*lastimavelmente/ desafortunadamente perdeu seu brinco).

Esses advérbios se comportam como advérbios altos. Dessa forma, com base na aplicação do critério de Jackendoff (1972) e dos testes sintáticos resenhados, parece ser o caso de que, em PB, “lastimavelmente” e “(de)safortunadamente” possam ser soldados nas posições de Spec, $Modo_{Avaliativo}P$ e, como os outros advérbios dessa categoria, na projeção estendida do DP.

Em relação aos advérbios evidenciais, são fortes candidatos a se enquadrarem como pertencentes a essa categoria os AdvPs “nitidamente”, “notoriamente”, “irrefutavelmente” e “visivelmente”. Nota-se que tais advérbios não parecem coocorrer com “supostamente”, como se observa em “*Supostamente nitidamente/ notoriamente/ irrefutavelmente/ visivelmente ele desapareceu”. Entende-se, ainda, a partir da aplicação dos testes sintáticos resenhados, que tais advérbios se comportam como advérbios altos:

(94) (Nitidamente/ notoriamente/ irrefutavelmente/ visivelmente) a moça (nitidamente/ notoriamente/ irrefutavelmente/ visivelmente) perdeu (*nitidamente/ *notoriamente/*irrefutavelmente/*visivelmente) seu brinco (*nitidamente/ *notoriamente/*irrefutavelmente/*visivelmente).

(95) A moça (nitidamente/ notoriamente/ irrefutavelmente/ visivelmente) perdeu seu brinco?

Resposta: Nitidamente/ notoriamente/ irrefutavelmente/ visivelmente.

(96) *Nitidamente/ notoriamente/ irrefutavelmente/ visivelmente é que a moça perdeu seu brinco.

(97) *A moça não perdeu seu brinco senão nitidamente/ notoriamente/ irrefutavelmente/ visivelmente.

(98) *Foi nitidamente/ notoriamente/ irrefutavelmente/ visivelmente que a moça perdeu seu brinco.

(99) *A moça não nitidamente/ notoriamente/ irrefutavelmente/ visivelmente perdeu seu brinco.

(100) *A moça perdeu seu brinco e nitidamente/ notoriamente/ irrefutavelmente/ visivelmente.

(101) Onde/ quando/ por que a moça perdeu seu brinco?

Resposta: *Nitidamente/*notoriamente/*irrefutavelmente/*visivelmente.

(102) *Nitidamente/ notoriamente/ irrefutavelmente/ visivelmente se perca!

(103) *Foi nitidamente/ notoriamente/ irrefutavelmente/ visivelmente que a moça perdeu seu brinco?

(104) A moça tinha nitidamente/ notoriamente/ irrefutavelmente/ visivelmente perdido seu brinco.

(104’) *A moça tinha perdido nitidamente/notoriamente/ irrefutavelmente/ visivelmente seu brinco

(105) *Quão nitidamente/ notoriamente/ irrefutavelmente/ visivelmente a moça perdeu seu brinco?

(106) Nitidamente/ notoriamente/ irrefutavelmente/ visivelmente a moça perdeu seu brinco e o rapaz também (*nitidamente/*notoriamente/*irrefutavelmente/ *visivelmente perdeu seu brinco).

Constatou-se que esses advérbios se comportam também como advérbios altos. Sendo assim, com base na aplicação do critério de Jackendoff (1972) e dos testes sintáticos resenhados, parece ser o caso de que, em PB, "nitidamente", "notoriamente", "irrefutavelmente" e "visivelmente" possam ser soldados nas posições de *Spec*, $\text{Modo}_{\text{Evidencial}}$P e, como os outros advérbios dessa categoria, na projeção estendida do DP.

Em relação aos AdvPs epistêmicos, são candidatos a essa classificação os advérbios "certamente" e "seguramente". Esses termos não podem coocorrer com o AdvP epistêmico "provavelmente" modificando o mesmo elemento, como se pode observar em "*Provavelmente certamente/ seguramente ela escorregou". Argumenta-se, ainda, que esses advérbios, enquadrando-se na classe dos epistêmicos, comportam-se como altos.

(107) (Certamente/ seguramente) a moça (certamente/ seguramente) perdeu (*certamente/ *seguramente) seu brinco (*certamente/*seguramente).

(108) A moça (certamente/ seguramente) perdeu seu brinco?
Resposta: Certamente/ seguramente.

(109) *Certamente/ seguramente é que a moça perdeu seu brinco.

(110) *A moça não perdeu seu brinco senão certamente/ seguramente.

(111) *Foi certamente/ seguramente que a moça perdeu seu brinco.

(112) A moça não *certamente/ *seguramente perdeu seu brinco.

(113) *A moça perdeu seu brinco e certamente/ seguramente.

(114) Onde/ quando/ por que a moça perdeu seu brinco?
Resposta: *Certamente/ *seguramente.

(115) *Certamente/ seguramente perca seu brinco!

(116) *Foi certamente/ seguramente que a moça perdeu seu brinco?

(117) A moça tinha certamente/ seguramente perdido seu brinco.

(117') *A moça tinha perdido certamente/seguramente seu brinco.

(118) *Quão certamente/ seguramente a moça perdeu seu brinco?

(119) Certamente/ seguramente a moça perdeu seu brinco e o rapaz também (*certamente/*seguramente perdeu seu brinco).

Evidenciou-se que esses advérbios se comportam também como advérbios altos. Sendo assim, com base na aplicação do critério de Jackendoff (1972) e dos testes sintáticos resenhados, parece ser o caso de que, em PB, "certamente" e "seguramente" possam ser soldados nas posições de Spec, $Mood_{Evidential}P$ e, como os outros advérbios dessa categoria, em Spec, DP.

Em relação à categoria de AdvP de passado, um possível candidato seria "agora", como comentado até em Cinque (1999, p. 87). Quando modificam a mesma eventualidade, "agora" não pode coocorrer com "uma vez", como se observa em "*Agora uma vez ela foi à Angra dos Reis"[116]. Contudo, esse advérbio possui um comportamento um tanto diferente de outros advérbios altos, passando em alguns testes que normalmente tais advérbios não passam e reprovando em testes que tais advérbios passariam:

(120) (Agora) a moça (agora) perdeu (agora) seu brinco (agora)/

(121) A moça (agora) perdeu seu brinco?
Resposta: *Agora.

(122) Agora é que a moça perdeu seu brinco.

(123) A moça não perdeu seu brinco senão agora.

(124) Foi agora que a moça perdeu seu brinco.

(125) A moça não agora perdeu seu brinco.

(126) *A moça perdeu seu brinco e agora.

(127) Onde/ quando/ por que a moça perdeu seu brinco?
Resposta: Agora.

(128) Agora perca seu brinco!

(129) Foi agora que a moça perdeu seu brinco?

(130) *A moça tinha agora perdido seu brinco.

(131') A moça tinha perdido agora seu brinco.

(131) *Quão agora a moça perdeu seu brinco?

(132) Agora a moça perdeu seu brinco e o rapaz também (agora perdeu seu brinco).

[116] Independentemente do fato de "agora" anteceder ou seguir "uma vez", este parece ser o caso. Além disso, em uma rápida pesquisa no Corpus do Português, nenhuma ocorrência desses dois advérbios em conjunto, no contexto sintático analisado, foi encontrada (Acesso em 10/03/2024).

Com base nos resultados inesperados de aplicação dos testes, é questionável se "agora" de fato se comporta como um AdvP "alto". Baseado especificamente no teste do particípio, observa-se que uma estrutura em que o verbo temático não se move por sobre a projeção supostamente relacionada a "agora" é agramatical. Se relacionarmos tal constatação à zona obrigatória de movimento do verbo em PB (até o núcleo de $Asp_{Frustrativo}P$), parece ser o caso que "agora", na verdade, seja candidato a especificador de uma projeção funcional temporal na zona baixa do *Middlefield* (TemporalP), como adotada em Schweikert (2004) e Bergamini-Perez (2023). Dessa forma, não se identifica, neste trabalho, um bom candidato alternativo a "uma vez".

Em relação aos advérbios de futuro, um possível candidato seria "depois". Ao coocorrer com "então", em um contexto de dêixis de uma eventualidade, há agramaticalidade, como se observa em "*Depois então[117] o Antônio desaparece". Da mesma forma que o "agora", entretanto, o "depois" possui um comportamento sintático bem peculiar, afastando-se dos advérbios altos[118].

(133) (Depois) a moça (depois) irá (depois) à feira (depois).
(134) A moça (depois) irá à feira?
Resposta: Depois.
(135) Depois é que a moça irá à feira.
(136) A moça não irá à feira senão depois.
(137) Será depois que a moça irá à feira.
(138) *A moça não depois irá à feira.
(139) *A moça irá à feira e depois. .
(140) Onde/ quando/ por que a moça irá à feira?
Resposta: Depois.
(141) Depois vá a feira!
(142) Será depois que a moça irá à feira?
(143) *A moça terá depois ido à feira.
(143') A moça terá ido depois à feira.
(144) Quão depois a moça irá à feira?

[117] Não se referencia aqui o uso do "então" como marcador discursivo, mas sim como um localizador de uma eventualidade em um momento posterior a um instante.
[118] De acordo com Martins (2026, c.p.), é possível aventar a hipótese de que um bom candidato para figurar no lugar do "então" temporal é o "aí". Deixa-se em aberto, entretanto, tal conjectura, a ser testada em trabalhos posteriores.

(145) Depois a moça irá à feira e o rapaz também (depois irá à feira).

Com base nos resultados inesperados de aplicação dos testes, é questionável se "depois" de fato se comporta como um AdvP "alto". Baseado especificamente no teste do particípio, observa-se que uma estrutura em que o verbo temático não se move por sobre a projeção supostamente relacionada a "depois" é igualmente agramatical. Se relacionarmos tal constatação à zona obrigatória de movimento do verbo em PB (até o núcleo de $Asp_{Frustrativo}P$), parece ser o caso que "depois", na verdade, seja candidato a especificador também de uma projeção funcional temporal na zona baixa do *Middlefield* (TemporalP), como adotada em Schweikert (2004) e Bergamini-Perez (2023). Isso fica ainda mais evidente quando se observa que "agora" e "depois", ambos advérbios entendidos como especificadores de TemporalP, também não podem coocorrer: "*Agora depois ela se casou".

Tal restrição em relação a candidatos a advérbios temporais é descrita propriamente em Cinque (1999) como uma consequência da assunção de que só AdvPs puramente dêiticos parecem se relacionar às projeções de tempo na zona alta do *Middlefield*. Em Cinque (1999), diferentemente de Schweikert (2004), tais advérbios com valor temporal que não se comportam como altos são chamados de advérbios de configuração ou circunstanciadores. Conclui-se que não se identificou, nesta tese, um bom candidato alternativo ao AdvP "então".

Em relação aos advérbios de *irrealis*, há dois candidatos a essa classificação, a saber: "quiçá" e "se pá"[119]. Em uma rápida aplicação do critério de Jackendoff (1972), observa-se que não é possível coocorrência com "talvez": "*Talvez quiçá/se pá a Juliana saiu de casa". Além disso, contrariamente aos candidatos a advérbios de tempo apresentados anteriormente, "quiçá" e "se pá" comportam-se como AdvPs altos, apresentando comportamento sintático previsível pelos testes empregados:

(146) (Quiçá/ se pá) a moça (quiçá/ se pá) perdeu (*quiçá/*se pá) seu brinco (*quiçá/*se pá).

(147) A moça perdeu seu brinco?
Resposta: Quiçá/ se pá.

[119] "Se pá" é comumente utilizado em regiões periféricas do Rio de Janeiro e de São Paulo para indicar uma eventualidade que talvez venha a ocorrer. Vide os trabalhos de Valadares (2021) e Agostini (2017) para maiores informações referentes a esse regionalismo. Diferentemente da proposta de Andrade e Casimiro (2021), não se analisa, neste trabalho, "se pá" como uma construção condicional. Justifica-se que, se fosse uma construção condicional, não teria o mesmo comportamento sintático que outros advérbios altos, tampouco haveria impossibilidade de coocorrência desta expressão com "talvez".

(148) *Quiçá/ se pá é que a moça perdeu seu brinco.

(149) A moça não perdeu seu brinco senão quiçá/ se pá.

(150) *Foi quiçá/ se pá que a moça perdeu seu brinco.

(151) *A moça não quiçá/ se pá perdeu seu brinco.

(152) *A moça perdeu seu brinco e quiçá/ se pá.

(153) Onde/ quando/ por que a moça perdeu seu brinco?
Resposta: *Quiçá/*se pá.

(154) *Quiçá/ se pá perca seu brinco!

(155) *Foi quiçá/ se pá que a moça perdeu seu brinco?

(156) A moça tinha quiçá/se pá perdido seu brinco.

(156') A moça tinha perdido quiçá/ se pá seu brinco.

(157) *Quão quiçá/ se pá a moça perdeu seu brinco?

(158) Quiçá/ se pá a moça perdeu seu brinco e o rapaz também (*perdeu seu brinco).

Com base nesses testes, notou-se que esses itens são advérbios altos. Sendo assim, com base também na aplicação do critério de Jackendoff (1972), parece ser o caso que, em PB, "oxalá", "quiçá" e "se pá" possam ser soldados nas posições de Spec, $Mood_{Irrealis}P$ e, como os outros advérbios dessa categoria, na projeção estendida do DP. Sobre o "se pá" especificamente, descarta-se uma análise que o aproxime de uma construção condicional truncada (cf. Andrade; Casimiro, 2021) ou até mesmo de outra classe de palavras que não seja a de advérbios, visto que, se tais análises se sustentassem, "se pá" não se comportaria sintaticamente como um advérbio alto em todos os testes resenhados.

Em relação aos advérbios de necessidade, candidatos possíveis seriam os AdvPs "impreterivelmente" e "indispensavelmente". Pela aplicação do critério de Jackendoff (1972), a coocorrência entre esses itens e "necessariamente" é agramatical, como se observa em "*Necessariamente impreterivelmente/ indispensavelmente o Antônio precisou se mudar". Observa-se também que tais AdvPs comportam-se como altos.

(159) (Impreterivelmente/ indispensavelmente) a moça (impreterivelmente/ indispensavelmente) perdeu (*impreterivelmente/*indispensavelmente) seu brinco (*impreterivelmente/*indispensavelmente).

(160) A moça perdeu seu brinco?
Resposta: Impreterivelmente/ indispensavelmente.

(161) *Impreterivelmente/ indispensavelmente é que a moça perdeu seu brinco.

(162) *A moça não perdeu seu brinco senão impreterivelmente/ indispensavelmente.

(163) *Foi impreterivelmente/ indispensavelmente que a moça perdeu seu brinco.

(164) *A moça não impreterivelmente/ indispensavelmente perdeu seu brinco.

(165) *A moça perdeu seu brinco e impreterivelmente/ indispensavelmente.

(166) Onde/ quando/ por que a moça se perdeu?
Resposta: *Impreterivelmente/ *indispensavelmente.

(167) *Impreterivelmente/ indispensavelmente perca seu brinco!

(168) *Foi impreterivelmente/ indispensavelmente que a moça perdeu seu brinco?

(169) A moça tinha impreterivelmente/ indispensavelmente perdido seu brinco.

(169') *A moça tinha perdido impreterivelmente/indispensavelmente seu brinco.

(170) *Quão impreterivelmente/ indispensavelmente a moça se perdeu?

(171) Impreterivelmente/ indispensavelmente a moça perdeu seu brinco e o rapaz também (*impreterivelmente/ indispensavelmente perdeu seu brinco).

Argumenta-se que esses itens são advérbios altos. Sendo assim, com base também na aplicação do critério de Jackendoff (1972), parece ser o caso que, em PB, "impreterivelmente" e "indispensavelmente" possam ser soldados nas posições de *Spec*, $\text{Mod}_{\text{Necessidade}}$P e, como os outros advérbios dessa categoria, na projeção estendida do DP. Dessa forma, mais dois itens adverbiais, em PB, podem ser entendidos como advérbios de necessidade.

Finalmente, em relação aos advérbios de possibilidade, um possível candidato seria o AdvP "potencialmente". Ao se aplicar o critério de Jackendoff (1972), observa-se que tal AdvP não pode coocorrer com "possivelmente", como se constata em "*Possivelmente potencialmente ela se perdeu". Constata-se ainda que esse advérbio se comporta como alto, desempenhando um comportamento sintático esperado nos testes resenhados:

(172) (Potencialmente) a moça (potencialmente) perdeu (*potencialmente) seu brinco (*potencialmente).

(173) A moça perdeu seu brinco?
Resposta: Potencialmente.

(174) *Potencialmente é que a moça perdeu seu brinco.

(175) *A moça não perdeu seu brinco senão potencialmente.

(176) *Foi potencialmente que a moça perdeu seu brinco.

(177) A moça não potencialmente perdeu seu brinco.

(178) *A moça perdeu seu brinco e potencialmente.

(179) Onde/ quando/ por que a moça perdeu seu brinco?
Resposta: *Potencialmente.

(180) *Potencialmente perca seu brinco!

(181) *Foi potencialmente que a moça perdeu seu brinco?

(182) A moça tinha potencialmente perdido seu brinco.

(182') *A moça tinha perdido potencialmente seu brinco.

(183) *Quão potencialmente a moça perdeu seu brinco?

(184) Potencialmente a moça perdeu seu brinco e o rapaz também (*potencialmente perdeu seu brinco).

É possível assumir, então, que "potencialmente" se comporta como um AdvP alto. Por meio da aplicação do teste de coocorrência, argumenta-se que "potencialmente" possa ser soldado na posição de especificador de $Mod_{Possibilidade}P$ e, como os outros advérbios apresentados, também em uma estrutura de constituência com um DP, ocupando projeção estendida de um DP.

Dessa forma, por meio do emprego dos testes de altura de advérbios apontados em Bellert (1977), Casteleiro (1982), Muller de Oliveira (1993), Cinque (1999) e Tescari Neto (2022), foram analisados itens adverbiais em PB que podem figurar como especificadores de projeções funcionais altas e, no caso dos temporais, baixas do *Middlefield*. Ao se ajuntarem todos os itens propostos e discutidos, tem-se o disposto no quadro 21.

Quadro 21 – **Locais de soldagem de candidatos a AdvPs altos**

AdvPs	**Locais de soldagem**
Verdadeiramente	*Spec*, $Modo_{Ato\ de\ Falat}P$; *Spec*, VozP
Espantosamente, formidavelmente, inacreditavelmente	*Spec*, $Modo_{Mirativo}P$
Lastimavelmente, (des)afortunadamente	*Spec*, $Modo_{Avaliativo}P$
Nitidamente, notoriamente, irrefutavelmente, visivelmente	*Spec*, $Modo_{Evidencial}P$
Certamente, seguramente	*Spec*, $Mod_{Epistêmica}P$
Quiçá, se pá	*Spec*, $Modo_{Irrealis}P$
Impreterivelmente, indispensavelmente	*Spec*, $Mod_{Necessidade}P$
Potencialmente	*Spec*, $Mod_{Possibilidade}P$

Fonte: Elaboração própria

Ao se ajuntarem os advérbios propostos com os diretamente previstos em Cinque (1999), há a formulação de diferentes locais de soldagem para as categorias de advérbios. Por conveniência e clareza, serão destacados os AdvPs que foram propostos neste trabalho como relacionados às projeções altas. Serão separados os advérbios temporais puramente dêiticos, alocados na zona alta do *Middlefield*, dos advérbios temporais alocados na zona baixa. Sendo assim, no quadro 22 abaixo, são apresentados os locais de soldagem de AdvPs altos e de AdvPs temporais não puramente dêiticos.

Quadro 22 – **Locais de soldagem de AdvPs altos e de AdvPs temporais não puramente dêiticos**

AdvPs	**Locais de soldagem**
Francamente, honestamente e sinceramente, **verdadeiramente**	*Spec*, $\text{Modo}_{\text{Ato de Falat}}\text{P}$; *Spec*, VozP
Surpreendentemente, **espantosamente, formidavelmente, inacreditavelmente**	*Spec*, $\text{Modo}_{\text{Mirativo}}\text{P}$
(In)Felizmente, lamentavelmente, estranhamente, inesperadamente, **lastimavelmente, (des)afortunadamente**	*Spec*, $\text{Modo}_{\text{Avaliativo}}\text{P}$
Supostamente, alegadamente, aparentemente, obviamente, claramente, evidentemente, **nitidamente, notoriamente, irrefutavelmente, visivelmente**	*Spec*, $\text{Modo}_{\text{Evidencial}}\text{P}$
Provavelmente, presumivelmente, **certamente, seguramente**	*Spec*, $\text{Mod}_{\text{Epistêmica}}\text{P}$
Uma vez	Spec, $\text{T}_{\text{Passado}}\text{P}$; Spec, $\text{Asp}_{\text{repetitivo}}\text{P}$
Então	Spec, $\text{T}_{\text{Futuro}}\text{P}$; Spec, $\text{Modo}_{\text{Evidencial}}\text{P}$; *Spec*, FrameP
Talvez**, quiçá, se pá**	*Spec*, $\text{Modo}_{\text{Irrealis}}\text{P}$
(Não) Necessariamente, **impreterivelmente, indispensavelmente**	*Spec*, $\text{Mod}_{\text{Necessidade}}\text{P}$
Possivelmente, **potencialmente**	*Spec*, $\text{Mod}_{\text{Possibilidade}}\text{P}$
Agora, depois	*Spec*, TemporalP (zona baixa do *Middlefield*)

Fonte: Elaboração própria

Nesta seção, foram descritas as principais categorias de AdvPs altos e suas linearizações e leituras. Além disso, foram avaliados e propostos testes de diagnóstico de altura desses advérbios. Por fim, foram investigados também candidatos a AdvPs altos em PB, levando em consideração esses testes e o critério de Jackendoff (1972). Com isso, foram propostos distintos

locais de soldagem a esses AdvPs, assumindo a possibilidade de homonímia por subespecificação.

5 A SINTAXE DOS ADVÉRBIOS MEDIAIS NO PB

Nesta seção, serão discutidas as propriedades morfossintáticas dos advérbios mediais da Hierarquia Universal. Inicialmente, será pormenorizada a natureza categorial de tais advérbios, bem como seus traços. Em seguida, serão apresentados diagnósticos para o reconhecimento dos advérbios mediais no PB. Posteriormente, serão evidenciadas as linearizações e as leituras dos advérbios mediais na sentença. Finalmente, serão discutidos novos candidatos a advérbios mediais do PB. Intenciona-se, assim, defender a pertinência da proposição de tal zona medial do *Middlefield* a partir de dados do PB.

5.1 DA NATUREZA DOS ADVÉRBIOS MEDIAIS

Sabe-se que, no que se refere a advérbios mediais, normalmente se faz referência ao seguinte subconjunto de projeções do *Middlefield*, a saber: (normalmente) $Asp_{Habitual}$ > (finalmente) $Asp_{Tardivo}$ > (tendencialmente) $Asp_{Predisposicional}$ > (novamente) $Asp_{Repetitivo(I)}$ > (frequentemente) $Asp_{Frequentativo(I)}$ > (com gosto) $Mod_{Volitiva}$ > (rapidamente) $Asp_{Acelerativo(I)}$ > (já)

$T_{Anterior}$ > (não ... mais) $Asp_{Terminativo}$ > (ainda) $Asp_{Continuativo}$ > (sempre) $Asp_{Contínuo}$. Não raro a pertinência desta zona do *Middlefield* é questionada frente a trabalhos que assumem apenas uma assimetria entre advérbios altos e baixos (cf. Ledgeway; Lombardi, 2005). Porém, com base na argumentação de Tescari Neto (2013; 2022) referente à extensão do movimento do verbo no português do Brasil, no português de Angola e no português de Moçambique, adota-se uma proposta tripartida do *Middlefield*. Convém salientar que se espera que tais advérbios mediais apresentem um comportamento sintático diferente dos advérbios altos e baixos da Hierarquia Universal. Sendo este o caso, haverá outra evidência a favor da divisão tripartida do *Middlefield* (cf. Tescari Neto, 2013; 2022).

No âmbito da proposta cartográfica adotada, advérbios como "normalmente", "geralmente", "habitualmente", "costumeiramente" e "regularmente" ocupam a posição de especificador de $Asp_{Habitual}P$, que aloca em seu núcleo o traço *default* -habitual e o traço marcado + habitual. Evidencia-se, por meio deste traço, "uma situação que é característica de um período estendido de tempo" (Comrie, 1976, p. 27, tradução minha). Cinque (1999), baseado na proposta de Dahl (1985, p. 97, tradução minha), assume que "os casos em que o aspecto habitual é tipicamente utilizado são aqueles em que o advérbio "*usually*" ("geralmente") pode ocorrer em inglês". Convém salientar que, ao analisar dados do inglês, Cinque (1999) considera que a forma "*used to*" ("costumava") é uma morfologia especializada[120] para a veiculação de habitualidade e, consequentemente, é inserida na posição de núcleo de $Asp_{Habitual}P$. Por extensão, adota-se, neste trabalho, o entendimento de que verbos como "costumar", em complexos verbais como "costumar + verbo lexical", são inseridos semelhantemente na posição

[120] De acordo com Cinque (1999, p. 91), em línguas como o italiano, é possível que haja leitura de habitualidade na ausência de uma morfologia especializada para a veicular e na ausência de um advérbio realizado foneticamente. No caso específico do italiano, para haver essa leitura, é suficiente que o verbo esteja na forma não perfectiva, como se observa nos dados abaixos, extraídos de Cinque (1999, p. 91):

(a) *L'anno scorso, mi alzavo alle 7.*
No ano passado, levantava-me às 7h.

(b) *Quest'anno, mi alzo alle 7.*
Neste ano, levanto-me às 7h.

Para explicar ocorrências como (a) e (b), neste trabalho, adota-se o Princípio do Silêncio, de Sigurdsson (2004), segundo o qual as línguas podem parametrizar a forma pela qual veiculam traços. No caso de línguas como o italiano e, aparentemente, como o português, o traço de habitualidade pode ser veiculado por um silêncio, isto é, por um morfema representado morfossintaticamente, mas nulo foneticamente. No âmbito desta proposta, aventa-se, ainda, a possibilidade de haver um advérbio "nulo" na posição de especificador de $Asp_{Habitual}P$. A justificativa para a proposição de um núcleo nulo e/ou de um advérbio nulo deriva do fato de que, em ambas as sentenças, é impossível cancelar a leitura de habitualidade sem construir uma sentença anômala: "#No ano passado, levantava-me às 7h, mas não tinha esse hábito" e "#Neste ano, levanto-me às 7h, mas não tenho esse hábito". Dessa forma, o traço de habitualidade é necessariamente representado e ativado e, dessa representação, decorre a postulação de haver um AdvP nulo para licenciar a concordância especificador-núcleo e construir uma derivação convergente em (a) e (b).

de núcleo de $Asp_{Habitual}P$. Para exemplificar o traço alocado por esta projeção, têm-se as seguintes ocorrências:

(185) A dor de cabeça da ressaca **normalmente** é latejante.[121]
(186) O próprio alcoólico **geralmente** complica o problema.[122]
(187) O Irmão Mário Martin Guia **habitualmente** utiliza um singelo (...) avental.[123]
(188) Eu **costumeiramente** ouço esse argumento.[124]
(189) Gore **regularmente** ataca muitas das facetas do nosso atual padrão de vida.[125]

Em (185), o predicador adjetival "latejante" seleciona como argumento externo o DP "A dor de cabeça da ressaca", formando uma *Small Clause*[126]. Tal *Small Clause* é selecionada pelo verbo de alçamento "ser", que, por definição, não possui um argumento externo, mas tem como argumento interno uma estrutura de predição, nomeadamente a *Small Clause*. Esse verbo, obedecendo a Restrição de Movimento do Núcleo (cf. Travis, 1984), mover-se-á, ao menos, até o núcleo de $Asp_{Frustrativo}P$, que finda a zona de movimento obrigatório do PB (cf. Tescari Neto, 2019), e, opcionalmente, até o núcleo de $T_{Anterior}P$, que é o limite do movimento do verbo no PB (cf. Tescari Neto, 2022).

Como o núcleo de $Asp_{Habitual}P$ é soldado posteriormente na sentença que o núcleo de $T_{Anterior}P$, ou seja $Asp_{Habitual}P$ está hierarquicamente em uma posição mais alta do que a projeção que limita o movimento do verbo no PB, é possível afirmar que o traço de habitualidade é checado por meio de soldagem simples e não por movimento do verbo nesta língua. O AdvP "normalmente", que toma, em seu escopo, o VP, é inserido na posição de especificador de $Asp_{Habitual}P$, estabelecendo uma relação de concordância de traços com o núcleo de tal projeção. Tal traço contribui para a veiculação da noção de que, em um intervalo

[121] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/), referente à linha de concordância 2. Acesso em junho de 2025.
[122] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/), referente à linha de concordância 89. Acesso em junho de 2025.
[123] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/), referente à linha de concordância 3. Acesso em junho de 2025.
[124] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/), referente à linha de concordância 37. Acesso em junho de 2025.
[125] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/), referente à linha de concordância 31. Acesso em junho de 2025.
[126] Conforme argumentado no capítulo 2, igualmente é possível a análise de Haegeman (1991), segundo a qual o traço de concordância, que nucleia um AgrP, seleciona como argumento interno o AP "latejante" e como argumento externo o DP "A dor de cabeça da ressaca". Para fins de padronização, os próximos dados correspondentes a essa estrutura serão analisados como *Small Clause*s.

de tempo “i”, o estado “e” de “a dor de cabeça da ressaca ser latejante” é característico ou ordinário a “i” (cf. Comrie, 1976). Especificamente em termos neodavidsonianos (cf. Parsons, 1990), seria possível dizer que, em “A dor de cabeça da ressaca **normalmente** é latejante”: normalmente, existe um estado de “a dor de cabeça da ressaca ser latejante” que se prolonga até o momento atual.

Em (186), o predicador verbal “complicar” seleciona como argumento interno o DP tema “o problema” e como argumento externo o DP agente “o próprio alcóolico”. Tal predicador verbal, conforme já explicado, move-se, ao menos, até o núcleo de $Asp_{Frustrativo}P$, que finda a zona de movimento obrigatório do PB (cf. Tescari Neto, 2019), e, opcionalmente, até núcleo de $T_{Anterior}P$, que é o limite do movimento do verbo no PB (cf. Tescari Neto, 2022). Pelo fato de o núcleo que carrega o traço de habitualidade ser soldado em uma posição hierarquicamente mais alta do que as referidas projeções, é possível afirmar que a checagem de tal traço se dá por soldagem simples. O AdvP “geralmente”, que toma, em seu escopo, o VP, é inserido na posição de especificador de $Asp_{Habitual}P$, estabelecendo uma relação de concordância de traços com o núcleo de tal projeção. Esse traço contribui para a veiculação da noção de que, em um intervalo “i”, o evento “e” de “o próprio alcoólico complicar o problema” é característico ou originário a esse intervalo. Dessa forma, nesta sentença, tem-se que: geralmente, existe um evento de “complicar”, do qual “o próprio alcoólico” é agente e “o problema” é tema, que culmina em um ponto de referência localizado no presente.

Em (187), o predicador verbal “utilizar” seleciona como argumento interno o DP “um singelo avental” e como argumento externo o DP agente “o Irmão Mário Martin Guia”. Esse predicador se move pelas projeções do *Middlefield,* pelo menos, até o núcleo de $Asp_{Frustrativo}P$ e, opcionalmente, até o núcleo de $T_{Anterior}P$. O traço de habitualidade, conforme já mencionado, é soldado em uma posição hierarquicamente mais alta do que as referidas projeções. Frente a isso, sua checagem se dá por soldagem simples. O AdvP “habitualmente”, que toma, em seu escopo, o VP, é inserido na posição de especificador de $Asp_{Habitual}P$, estabelecendo uma relação de concordância de traços com o núcleo de tal projeção. Semanticamente, tal traço veicula a ideia de que, em um intervalo “i”, o evento “e” de “o Irmão Mário Martin Guia habitualmente utilizar um singelo (...) avental” é característico ou ordinário a esse intervalo. Assim, nesta sentença, interpreta-se que: habitualmente, existe um evento de “utilizar”, do qual “o Irmão Mário Martin Guia” é agente e “um singelo avental” é tema, que culmina em um ponto de referência localizado no presente.

Em (188), o predicador verbal “ouvir” seleciona como argumento interno o DP tema “esse argumento” e como argumento externo o DP agente “eu”. Esse predicador verbal se move

pelas projeções do *Middlefield*, pelo menos, até o núcleo de $Asp_{Frustrativo}P$ e, opcionalmente, até o núcleo de $T_{Anterior}P$. O traço de habitualidade é soldado em uma posição hierarquicamente mais alta do que as referidas projeções. À vista disso, a sua checagem se dá por soldagem simples. O AdvP "costumeiramente", que toma, em seu escopo, o VP, é inserido na posição de especificador de $Asp_{Habitual}P$, estabelecendo uma relação de concordância de traços com o núcleo de tal projeção. Veicula-se, por meio dessa operação, a noção de que, em um intervalo "i", o evento "e" de "eu ouvir esse argumento" é característico desse intervalo. A partir desta sentença, interpreta-se que: costumeiramente, existe um evento de "ouvir", do qual "eu" é agente e "esse argumento" é tema, que culmina em um ponto de referência localizado no presente.

Em (189), o predicador verbal "atacar" seleciona como argumento interno o DP tema "muitas das facetas do nosso atual padrão de vida" e como argumento externo o DP agente "Gore". Tal verbo se move pelas projeções do *Middlefield*, pelo menos, até o núcleo de $Asp_{Frustrativo}P$ e, opcionalmente, até o núcleo de $T_{Anterior}P$. A checagem do traço de habitualidade se dá por soldagem simples, haja vista que $Asp_{Habitual}P$ é inserido em uma posição hierarquicamente mais alta do que o limite do movimento do verbo no PB. O AdvP "regularmente", que toma, em seu escopo, o VP, é inserido na posição de especificador de $Asp_{Habitual}P$, estabelecendo uma relação de concordância de traços com o núcleo de tal projeção. Tem-se, assim, que, em um intervalo "i", o evento "e" de "Gore regularmente atacar muitas das facetas do nosso atual padrão de vida" é característico de tal intervalo. Interpreta-se, dessa forma, que: regularmente existe um evento de "atacar", do qual "Gore" é agente e "muitas das facetas do nosso atual padrão de vida" é tema, que culmina em um ponto de referência localizado no presente.

A existência de uma leitura de hábito nas sentenças sob análise se evidencia a partir de dois critérios: 1) não é possível cancelá-la ilocucionalmente e 2) os advérbios descritos não podem coocorrer em uma mesma sentença, modificando o mesmo constituinte. Em relação ao primeiro diagnóstico, observa-se que, sem gerar uma anomalia semântica, é impossível enunciar:

(185') "#A dor de cabeça da ressaca normalmente é latejante, mas isso não é um hábito."
(186') "#O próprio alcoólico geralmente complica o problema, mas isso não é um hábito."
(187') "#O Irmão Mário Martin Guia habitualmente utiliza um singelo (...) avental, mas isso não é um hábito."
(188') "#Eu costumeiramente ouço esse argumento, mas isso não é um hábito."

(189') "#Gore regularmente ataca muitas das facetas do nosso atual padrão de vida, mas isso não é um hábito."

A partir dessas sentenças não só se assegura a existência de uma leitura de habitualidade como também se observa que tal leitura é um produto de operações sintático-semânticas, especificamente a checagem do traço de habitualidade em *Narrow Syntax* e o estabelecimento de relações de escopo do AdvP por sobre constituintes da sentença na Forma Lógica. Inviabiliza-se, assim, uma análise de habitualidade como uma implicatura nesses casos. Em relação ao segundo critério, nota-se que os AdvPs, por serem da mesma categoria, não podem coocorrer modificando o mesmo constituinte (cf. Jackendoff, 1972):

(185'') (*Geralmente) A dor de cabeça da ressaca (*geralmente) normalmente é latejante.
(186") (*Habitualmente) O próprio alcoólico (*habitualmente) geralmente complica o problema.
(187") (*Costumeiramente) O Irmão Mário Martin Guia (*costumeiramente) habitualmente utiliza um singelo avental.
(188") (*Regularmente) Eu (*regularmente) costumeiramente ouço esse argumento.
(189") (*Normalmente) Gore (*normalmente) regularmente ataca muitas das facetas do nosso atual padrão de vida.

Nas referidas sentenças, os AdvPs não podem coocorrer modificando o mesmo constituinte por estruturalmente disputarem o mesmo local de soldagem, especificamente a posição de especificador de $Asp_{Habitual}P$. Adota-se a explicação de Yoshio Endo (2004), segundo a qual há línguas que bloqueiam a concordância especificador-núcleo quando há mais de um advérbio de mesmo valor criterial, como é o caso do inglês e, presumivelmente, do português, e há línguas que não a bloqueiam, como é o caso do japonês. Sendo assim, a agramaticalidade das referidas sentenças advém do fato de que, ao disputarem pelo mesmo local de soldagem, bloqueiam a concordância entre especificador (AdvP) e núcleo (traço), fazendo com que a derivação não seja convergente.

Advérbios como "finalmente" são inseridos na posição de especificador de $Asp_{Tardivo}P$, em cujo núcleo é alocado o traço *default* -[+tardivo] e o traço marcado -[-tardivo]. Evidencia-se, por meio deste traço, uma eventualidade que se desenvolveu em um ponto de um intervalo de tempo percebido como não esperado ou tardio. Para exemplificar a ativação do traço que nucleia a projeção $Asp_{Tardivo}P$, apresenta-se a seguinte ocorrência:

(190) “A fé **finalmente** toca nossos corações.”[127]

Em (190), o predicador verbal “tocar” seleciona como argumento interno o DP tema “nossos corações” e como argumento externo o DP agente “a fé”. Tal predicador verbal, conforme já explicado, move-se, ao menos, até o núcleo de $Asp_{Frustrativo}P$, que finda a zona de movimento obrigatório do PB (cf. Tescari Neto, 2019), e, opcionalmente, até núcleo de $T_{Anterior}P$, que é o limite do movimento do verbo no PB (cf. Tescari Neto, 2022). O traço tardivo é, assim, checado por soldagem simples, sem haver movimento do verbo, haja visto que a projeção que nucleia tal traço é inserida em uma posição hierarquicamente mais alta do que $T_{Anterior}P$. O AdvP “finalmente” é inserido na posição de especificador de $Asp_{Tardivo}P$, estabelecendo, assim, concordância especificador-núcleo. No caso específico de (190), há a leitura de que o evento de “a fé tocar nossos corações” se desenrolou em um subintervalo considerado tardio em comparação com seus estágios iniciais. Dessa forma, existe um evento de “tocar”, do qual “a fé” é agente e “nossos corações” é tema, que se desenrolou tardiamente em comparação ao seu ponto inicial esperado.

Convém salientar que o mesmo critério utilizado para garantir a existência de uma leitura de “habitualidade” já descrita em (185), (186), (187), (188) e (189) pode ser aplicado para averiguar a veiculação de uma leitura de aspecto tardivo em (190): é igualmente impossível cancelar tal leitura por meio de uma estrutura de coordenação. Sendo assim, em (190’), constrói-se uma sentença anômala quando se intenciona cancelar tal leitura:

(190’) “#A fé finalmente toca nossos corações, mas não tardiamente.”

A partir dessa sentença não só se observa a existência de uma leitura de aspecto tardivo como também se constata que tal leitura é um produto de operações sintático-semânticas. No espírito da argumentação já apresentada, inviabiliza-se, assim, uma análise de habitualidade como uma implicatura nesses casos. Em relação ao segundo critério, nota-se que, ao se construir uma sentença em que o AdvP “finalmente” coocorre com um advérbio semanticamente relacionado, “tardiamente”, o resultado é uma agramaticalidade:

[127] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/), referente à linha de concordância 39. Acesso em junho de 2025.

(190”) (*Tardiamente) A fé (*tardiamente) finalmente toca nossos corações (*tardiamente).

Em (190”), os AdvPs não podem coocorrer modificando o mesmo constituinte por estruturalmente disputarem o mesmo local de soldagem, especificamente a posição de especificador de $Asp_{Tardivo}P$. No espírito da argumentação já apresentada, a agramaticalidade das referidas sentenças advém do fato de que, ao disputarem pelo mesmo local de soldagem, bloqueiam a concordância entre especificador (AdvP) e núcleo (traço), fazendo com que a derivação não seja convergente.

Advérbios como “tendencialmente” são inseridos na posição de especificador de $Asp_{Predisposicional}P$, em cujo núcleo é alocado o traço *default* -[+predisposição] e o traço marcado -[-predisposição]. Entende-se que tal traço é caracterizado por seu valor dispositivo, indicando uma inclinação para que uma eventualidade torne a ocorrer em um intervalo de tempo. Para exemplificar a ativação deste traço em PB, tem-se a seguinte ocorrência:

(191) “O sistema privado **tendencialmente** não pratica promoção automática.”[128]

Em (191), o predicador verbal “praticar” seleciona como argumento interno o DP tema “promoção automática” e como argumento externo o DP agente “o sistema privado”. Como já apontado, por conta das restrições da extensão da altura do movimento do verbo obrigatório e do opcional em PB, o traço de predisposição é checado por simples soldagem. No especificador de $Asp_{Predisposicional}P$, é inserido o AdvP “tendencialmente”, o qual estabelece uma concordância com o traço de predisposição, nucleado por $Asp_{Predisposicional}P$. No caso de (191), a eventualidade de “o sistema privado não praticar promoção automática” é caracterizada como dispositiva, ou seja, com uma inclinação a ocorrer. Há, assim, com certa tendência, uma eventualidade de “não praticar”, do qual “o sistema privado” é agente e “promoção automática” é tema. No espírito da argumentação já apresentada, a leitura de predisposição não pode ser cancelada (cf. (7’)), tampouco pode ser ancorada em mais de um advérbio de mesma categoria (cf. (7”)).

(191’) “#O sistema privado tendencialmente não pratica promoção automática, mas não propensamente não pratica promoção automática.”

[128] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/), referente à linha de concordância 81. Acesso em junho de 2025.

(191”) (*Propensamente) O sistema privado (*propensamente) tendencialmente não pratica promoção automática (*propensamente).

Em (191’), a leitura de predisposição não pode ser cancelada por uma estrutura de coordenação, o que assegura que tal leitura é fruto de propriedades gramaticais, não ilocucionais. Em (191”), a agramaticalidade da sentença deriva do fato de que os AdvPs “propensamente” e “tendencialmente”, por serem da mesma categoria, disputam pela inserção sintática na posição de especificador de $Asp_{Predisposicional}P$, o que bloqueia a concordância especificador-núcleo, proporcionando uma derivação não convergente.

Advérbios como “novamente” e “de novo” são inseridos na posição de especificador de $Asp_{Repetitivo(I)}P$, em cujo núcleo se aloca o traço *default* -[+repetitivo] e sua valoração marcada [+repetitivo]. Segundo Cinque (1999, p. 92-93), as línguas naturais diferenciam a repetição de um evento da repetição de um processo. Para facilitar a compreensão de tal diferenciação, Cinque (1999, p. 92) apresenta o seguinte exemplo.

(192) “*Gianni ha **di nuovo** battuto alla porta **di nuovo/ancora***”.
“João **de novo** bateu na porta **de novo**/**novamente**”.

Em (192), o predicador verbal “*battuto*” (“batido”) seleciona como argumento interno o PP “*alla porta*” (“na porta”) e como argumento externo o DP “*Gianni*”. Há, assim, a veiculação de uma eventualidade de “bater”, da qual “João” é a agente e “na porta” é tema. O AdvP “*di nuovo*” (“de novo”) que antecede o particípio passado ativo “*battuto*” (“batido”) efetua uma operação de quantificação de eventos, ou seja, contribui para a veiculação da leitura de que, em um dado intervalo, uma eventualidade se repetiu mais de uma vez. Especificamente no caso de (192), a eventualidade de “bater na porta” ocorreu mais de uma vez em um intervalo de tempo. É possível, assim, dizer que “João de novo bateu na porta, pois ele já tinha batido na porta ontem”. O AdvP “*di nuovo*” que está linearizado na margem direita da sentença, isto é, na posição final, não atribui a mesma leitura. Tal AdvP, que, por conveniência, será chamado de $AdvP_{(ii)}$[129], efetua uma operação de quantificação do processo em si, ou seja, naquele

[129] Cinque (1999) assume que tal fato das línguas naturais não precisa ser explicado pela consideração de que haveria, no léxico, duas entradas para “de novo”. Em oposição, o autor considera mais plausível assumir que haja apenas uma entrada que seja selecionada para mais de uma posição, modificando, assim, suas relações de escopo, ora no evento, ora no processo. Neste trabalho, não me comprometo necessariamente com a ideia de que seja mais plausível ou menos plausível haver mais entradas lexicais homônimas no léxico. A proposta que apresento nos próximos capítulos é compatível tanto com a postulação de mais entradas lexicais, quanto com a postulação de especificação das relações de escopo possíveis em uma entrada específica.

momento, o processo de “bater na porta” foi iterado ou repetido. É possível, assim, dizer que “João bateu na porta de novo, pois uma única batida não foi suficiente para ele ser ouvido (ou atendido)”.

Dessa forma, quando se fala do traço que nucleia a projeção $Asp_{Repetitivo(I)}P$, faz-se menção ao seu valor de quantificação de eventos ou eventualidades. Tal projeção, conforme argumenta Tescari Neto (2019), está em uma posição hierarquicamente mais alta do que o limite do movimento do verbo em PB. Por isso, em termos de linearização (cf. Kayne, 1994; Cinque, 2023), o AdvP “de novo”, que é inserido na posição de especificador de $Asp_{Repetitivo(I)}P$ quando contabiliza eventos, tem a posição pré-verbal como *default*. Para mais claramente exemplificar a ativação do referido traço em PB, apresenta-se a seguinte ocorrência:

(193) “Eles **de novo** decidiram cesariana.”[130]

Em (193), o predicador verbal “decidir” seleciona como argumento interno o DP tema “cesariana” e como argumento externo o DP agente “eles”. Respeitando a Restrição de Movimento Nuclear (cf. Travis, 1984), o verbo “decidir” se move, obrigatoriamente, até $Asp_{Frustrativo}P$ e, opcionalmente, até $T_{Anterior}P$. Sendo assim, a checagem do traço de repetição, que quantifica o evento descrito, ocorre por soldagem simples. O AdvP “de novo” é inserido na posição de especificador de $Asp_{Repetitivo(I)}P$, estabelecendo concordância com o núcleo de tal projeção. No caso de (193), veicula-se a leitura de que existe, ao menos, mais de um evento de “decidir”, do qual “eles” é agente e “cesariana” é tema. Simplificando ainda mais tal questão, seria possível inferir que “Eles de novo decidiram cesariana, pois já efetuaram cesarianas em momento anterior”, mas não seria possível inferir que “Eles de novo decidiram cesariana, pois estão realizando cesariana em uma mulher com dois fetos em seu ventre”. Convém salientar que, no espírito da argumentação desenvolvida neste trabalho, a leitura de quantificação sobre eventos não pode ser cancelada (cf. (193’)), tampouco pode haver coocorrência de mais de um advérbio que quantifique o evento (cf. (193”)).

(193’) “#Eles de novo decidiram cesariana, mas não haviam feito isso antes.”
(193”) (*Novamente) eles (*novamente) de novo decidiram cesariana.

[130] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/), referente à linha de concordância 352. Acesso em junho de 2025.

Em (193'), o advérbio "de novo" introduz uma pressuposição de existência de um evento de "decidir cesariana", de forma que, mesmo ao modificar a polaridade e a força ilocucionária da sentença, mantém-se tal pressuposição: a) Eles de novo não decidiram cesariana, b) Eles de novo decidiram cesariana? "De novo" é, assim, um gatilho de pressuposição de existência de um evento prévio de mesma natureza. Consequentemente, é impossível cancelar tal leitura quando há realização deste advérbio nessa posição.

Em (193"), o advérbio "de novo", que, como se argumentou, é um gatilho de pressuposição de eventos, não pode coocorrer com outro advérbio que realize a mesma operação. Sendo assim, "de novo" e "novamente" disputam pela inserção (*merge* externo) na posição de especificador de $Asp_{Repetitivo(I)}P$, o que cria uma derivação não convergente, pois não se possibilita a concordância especificador-núcleo.

Advérbios como "frequentemente" são inseridos na posição de especificador de $Asp_{Frequentativo(I)}P$, em cujo núcleo se aloca o traço *default* -[+frequentativo] e sua contraparte marcada [+frequentativo]. Por meio deste traço, há uma operação de quantificação de eventos, em que se descreve a frequência em que um evento ocorre em determinado intervalo[131]. Para exemplificar com maior clareza a ativação deste traço, tem-se a seguinte a ocorrência:

(194) "Ele **frequentemente** participava dos encontros."[132]

Em (194), o predicador verbal "participava" seleciona como argumento interno o PP "dos encontros" e como argumento externo o DP "ele". Por conta das restrições de movimento de verbo do PB, tal verbo se move pelos núcleos das projeções funcionais até, no máximo, $T_{Anterior}P$. A checagem do traço de frequência do evento se dá, assim, por soldagem simples. Por meio deste traço, quantifica-se a frequência em que o evento de "participar dos encontros"

---

[131] Conforme argumenta Cinque (1999, p. 92), o AdvP "frequentemente" é compatível tanto com uma leitura de quantificação da frequência de eventos, quanto com uma leitura de quantificação da frequência de processos. Sendo assim, assume-se que, quando este figura em posição pré-verbal, há quantificação da frequência do evento, haja vista que é especificador da projeção funcional medial $Asp_{Frequentativo(I)}P$; quando este advérbio figura em posição pós-verbal, há quantificação da frequência do processo, haja vista que é especificador da projeção funcional baixa $Asp_{Frequentativo(II)}P$. Para clarificação, observe o exemplo abaixo, de Cinque (1999, p. 92):

(a) *Gianni, saggiamente, **spesso** esce con la stessa persona **spesso**.*
João, sabiamente, **frequentemente** namora a mesma pessoa **frequentemente**.

Em (a), o AdvP "*spesso*" ("frequentemente"), em posição pré-verbal, quantifica o evento, isto é, aponta que o evento de "namorar a mesma pessoa" é frequente. O AdvP "*spesso*" ("frequentemente"), em posição pós-verbal, ou, no caso, margem direita (final da sentença), quantifica o processo, isto é, indica que o processo de "namorar a mesma pessoa" é frequente. Interpreta-se, assim, que João é sábio e que, ao frequentemente praticar a atividade de namorar a mesma pessoa, ele a faz com muito vigor, pois, em cada encontro, ele a faz com muita frequência.

[132] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/), referente à linha de concordância 301. Acesso em junho de 2025.

ocorre. O AdvP “frequentemente” é soldado em posição de especificador de $Asp_{Frequentativo(I)}P$, estabelecendo concordância com o traço frequentativo. Em (194), interpreta-se que existe, ao menos, mais de um evento de “participar”, do qual “dos encontros” é tema e “ele” é agente. Tal leitura de frequência não pode ser cancelada (cf. (194’)), tampouco pode ser veiculada por mais de um advérbio de mesma categoria modificando o mesmo constituinte (cf. (194”)).

(194’) “#Ele frequentemente participava dos encontros, mas nunca participou dos encontros.”
(194”) (*Constantemente) ele (*constantemente) frequentemente participava dos encontros.

Em (194’), o AdvP “frequentemente” introduz uma pressuposição de existência de um evento, contabilizando periodicidade em se participava de encontros. Tal pressuposição de existência é resistente à negação e à mudança de força ilocucionária: a) Ele não frequentemente participava dos encontros e b) Ele frequentemente participava dos encontros? Em ambas as sentenças, ainda se pressupõe que o evento em questão já ocorreu, ao menos, uma vez. Argumenta-se, assim, que “frequentemente” é um gatilho de pressuposição, que quantifica a frequência em que um evento ocorre. Por isso, (194’) é uma sentença anômala.

Em (194”), há a agramaticalidade pelo fato de os AdvPs “constantemente” e “frequentemente” competirem pela inserção lexical na posição de especificador de $Asp_{Frequentativo(I)}P$. Sendo um operador de quantificação da frequência de um evento, “frequentemente” não pode coocorrer com “constantemente”, que assume a mesma função. Por isso, neste caso, há agramaticalidade.

Advérbios como “com gosto” são inseridos na posição de especificador de $Mod_{Volitiva}P$, em cujo núcleo se aloca o traço *default* -[+volição] e sua contraparte marcada [+volição]. Por ser um traço de natureza modal, quando este é ativado, não se modificam as condições de verdade da proposição, mas se faz referência à atitude de um sujeito quanto à volição (ou vontade) de desencadear uma eventualidade. Para exemplificar a ativação de tal traço, é apresentada a seguinte ocorrência:

(195) “Os rebaixados **com gosto** olham os *posts* do Flamengo.”[133]

[133] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/), referente à linha de concordância 433. Acesso em junho de 2025.

Em (195), o predicador verbal “olhar” seleciona como argumento interno o DP tema “os *posts* do Flamengo” e como argumento externo o DP agente “os rebaixados”. Salienta-se que, em virtude das restrições de movimento nuclear do verbo em PB (cf. Tescari Neto, 2019), o verbo “olhar” se move obrigatoriamente até, no máximo, $Asp_{Frustrativo}P$. Pelo fato de o traço de volição, que nucleia $Mod_{Volitiva}P$, ser soldado em uma posição do *Middlefield* hierarquicamente mais alta, a checagem desse traço se dá por soldagem simples. Por meio deste traço, veicula-se a atitude de um sujeito em relação a sua vontade de desencadear um evento. No caso específico, em (195), faz-se referência a um evento de “olhar”, do qual “os rebaixados” é agente e “os *posts* do Flamengo” é tema, que é performado com vontade ou volição por parte do emissor. Frente a sua natureza modal, é possível argumentar que “com gosto” toma em seu escopo todo o evento de “olhar”, funcionando como um operador. Tal assunção se evidencia mais precisamente em (195’), à vista da impossibilidade de negar a volição do sujeito “os rebaixados”, em uma estrutura coordenada. Em (195”), observa-se ainda o fato de que o advérbio que ancora a leitura de volição não pode coocorrer com outro de mesmo valor.

(195’) “#Os rebaixados com gosto olham os *posts* do Flamengo, mas os rebaixados não de bom grado o fazem.”
(195”) (*De bom grado) Os rebaixados (*de bom grado) com gosto olham os *posts* do Flamengo.

Em (195’), é possível constatar que a volição por parte de “os rebaixados” para desencadear o evento de “olhar os *posts* do Flamengo” não pode ser cancelada, o que aponta não só para a natureza sintático-semântica de tal leitura, como também para as suas propriedades de modificação por sobre o VP. Em (195”), os AdvPs “de bom grado” e “com gosto” competem pela inserção lexical na posição de especificador de $Mod_{Volitiva}P$ e impossibilitam a convergência da derivação ao impedirem a concordância entre um núcleo e um especificador.

Advérbios como “rapidamente” são inseridos na posição de especificador da projeção funcional medial $Asp_{Acelerativo(I)}P$, em cujo núcleo se aloca o traço *default* -[+acelerativo] e sua contraparte marcada [+acelerativo]. Por meio deste traço, veicula-se a noção de que um evento ocorreu de forma rápida. Cinque (1999), baseado em Travis (1988), considera que um advérbio como “rapidamente” pode operar por sobre um evento (posição pré-verbal) e por sobre um processo (posição pós-verbal/margem direita). No caso específico do traço que nucleia a projeção $Asp_{Acelerativo(I)}P$, descreve-se a velocidade de um evento, não de um processo. Para

diferenciar tais operações, convém apresentar os exemplos de Travis (1988, p. 22 *apud* Cinque, 1999, p. 93, tradução minha):

(196) “João **rapidamente** levantou seu braço.”
(197) “João levantou seu braço **rapidamente**.”

Em (196), o predicador verbal “levantar” seleciona como argumento interno o DP tema “seu braço” e como argumento externo o DP agente “João”. O traço de aceleração, por meio do qual se descreve a velocidade do evento de “levantar seu braço”, é checado por simples soldagem, haja vistas as restrições de movimento do verbo do PB. Especificamente em (196), existe um evento de “levantar”, que, após um ponto de referência, ocorreu em uma alta velocidade, ou seja, em um espaço de tempo curtíssimo. Dessa forma, é possível imaginar que, após alguns instantes de um ponto de referência, “o João levantou seu braço”. Não se faz menção aqui à velocidade do processo físico-mecânico de se levantar um membro. Faz-se menção à velocidade em que um evento ocorreu após um ponto de referência. Este é o traço acelerativo que nucleia a projeção funcional medial $Asp_{Acelerativo(I)}P$.

Em (197), embora haja os mesmos participantes do evento de (196), a interpretação é distinta. No caso de (197), existe um evento de "levantar”, do qual “João” é agente e “seu braço” tema, em que o processo de “levantar seu braço” ocorreu de maneira rápida. Neste caso, faz-se menção ao processo físico-mecânico de levantar um membro, quantificado, por exemplo, desde o tempo em que houve sinal elétrico por parte do sistema nervoso até o momento em que o braço está completamente estendido e levantado. Este não é o traço de aceleração de $Asp_{Acelerativo(I)}P$, mas sim de $Asp_{Acelerativo(II)}P$, uma projeção funcional baixa, que será apresentada no próximo capítulo, juntamente com o mecanismo sintático (cf. Cinque, 2005) pelo qual se checa tal traço.

Convém salientar que tais traços nas línguas naturais podem ser realizados morfologicamente (cf. Arnott, 1970), o que inviabiliza uma análise que assuma tal fenômeno como apenas semântico-pragmático. No que concerne a (12), em que há checagem do traço de aceleração que recai sobre eventos, convém apontar que a leitura de aceleração do evento não pode ser negada (cf. (12’)) e o advérbio que a veicula não pode coocorrer com outro advérbio acelerativo modificando o mesmo constituinte oracional (cf. (12”)).

(196') "#João rapidamente levantou seu braço, mas ele não velozmente levantou seu braço."[134]
(196") (*Velozmente) João (*velozmente) rapidamente levantou seu braço.[135]

Em (196') a leitura de aceleração do evento de "levantar" não pode ser cancelada por uma estrutura coordenada. É importante reiterar, novamente, para se evitar qualquer erro analítico, que se observa aqui apenas a leitura de aceleração de evento. Obviamente, seria possível cancelar, neste caso, a leitura de aceleração de processo, já que é plenamente possível falar: "João rapidamente levantou seu braço, mas ele levantou seu braço vagarosamente/não rapidamente". Neste caso, seria possível dizer que, embora tenham passado rapidamente alguns instantes após um ponto de referência, o processo de levantar completamente o braço ocorreu lentamente.

Em (196"), os AdvPs "rapidamente" e "velozmente" não podem coocorrer, pois são de mesma categoria e modificariam o mesmo constituinte (cf. Jackendoff, 1972). Sendo assim, tais advérbios competem pela inserção lexical e, ao fazê-lo, impossibilitam a concordância especificador-núcleo, ocasionando a não convergência da derivação.

Advérbios como "já" são inseridos na posição de especificador de $T_{Anterior}P$, em cujo núcleo se aloca o traço *default* E,R (uma eventualidade é simultânea ao ponto de referência R2) e sua contraparte marcada E_R (uma eventualidade antecede o ponto de referência) R2. Conforme postula Fortescue (1984), tal traço indica que uma eventualidade ocorreu anteriormente a um ponto de referência. Dessa forma, tem-se a seguinte ocorrência:

(198) "O solitário **já** tem tudo"[136]

Em (198), o predicador verbal "ter" seleciona como argumento interno o DP "tudo" e como argumento externo o DP "o solitário". Em virtude de o núcleo de $T_{Anterior}P$ ser o limite do movimento do verbo no PB (cf. Tescari Neto, 2019), pode-se assumir que, para a checagem do traço de anterioridade, o verbo "ter" se mova do núcleo V pelos núcleos da projeções dominadas por $T_{Anterior}P$, tendo como alvo o núcleo da referida projeção. Checa-se, assim, tal traço por movimento simples. Dessa forma, o evento de "ter" é descrito com anterior a um

[134] Leitura de evento, não de processo.
[135] Novamente, faz-se menção aqui à leitura de evento, não de processo. Para Cinque (1999), é possível haver sentenças em que essas leituras podem coocorrer, mas nunca uma sentença em que dois advérbios aceleratívos de evento podem coocorrer.
[136] Dado extraído do *Corpus* do Português, disponível no domínio https://www.corpusdoportugues.org, referente à linha de concordância 31. Acesso em julho de 2025.

tempo de referência. Essa anterioridade não pode ser negada. Além disso, o AdvP "já" não pode coocorrer com outros advérbios veiculadores de anterioridade (cf. Nespoli, 2018).

(198') "#O solitário já tem tudo, mas nunca teve tudo".
(198") "O solitário já (*ainda não) tem tudo".

Em (198'), o traço de anterioridade veiculado pelo AdvP "já" não pode ser cancelado por uma estrutura de coordenação adjacente na qual haja um AdvP correspondente ao valor de anterioridade. Em (198"), "já" e "ainda não" competem pela inserção como especificadores de $T_{Anterior}P$ e, consequentemente, não podem coocorrer. Observa-se, assim, que não só a leitura de anterioridade é fruto de uma operação gramatical de checagem de traços, como também "já", de fato, contribui para a sua veiculação. Convém salientar que a escolha dos AdvPs "nunca" e "ainda não" como veiculadores de anterioridade é baseada em Nespoli (2018), que apresenta um conjunto de advérbios que compartilham o mesmo traço de "já".

Cinque (1999) aponta ainda que o significado básico de tal traço nas línguas naturais é o de "priorização temporal", o que aponta para seu caráter dêitico (*contra* Martins; Nespoli, no prelo; Nespoli, 2018; Rocha; Lopes, 2015). Para defender seu valor temporal e não aspectual, Cinque (1999, p. 94, tradução minha), baseado em Hornstein (1977), considera que o advérbio "já" força uma leitura de priorização temporal de um evento em um contexto que, em sua ausência, não a haveria. Por isso, sua operação enfatiza muito mais a localização de um evento a partir de um ponto de referência do que a sua temporalidade interna. Dessa forma, analisam-se as seguintes ocorrências, extraídas de Cinque (1999, p. 94, tradução minha):

(199) "João tinha ido surfar, quando Harry tinha ido nadar."
(200) "João **já** tinha ido surfar, quando Harry tinha ido nadar."
(201) "*João **já** tinha ido surfar, enquanto Harry tinha ido nadar."

Em (199), o predicador verbal "ir" seleciona como argumento interno o IP "surfar" e como argumento externo o DP agente "João". Assumindo a proposta de que circunstanciais são soldados na zona baixa do *Middlefield* (cf. Schweikert, 2004), é possível argumentar que o CP "quando Harry tinha ido nadar", encabeçado pela conjunção adverbial temporal "quando", seja inserido na posição de especificador de TempP ou TemporalP. Estabelece-se, assim, uma concordância entre o traço circunstancial-temporal de modificação representado no núcleo de TempP e tal traço é veiculado pelo CP circunstancial. Em termos semânticos, em (15),

veiculam-se dois eventos, a saber: 1) o evento de “surfar” (doravante E1) e 2) o evento de “nadar” (doravante E2). Observa-se que E1 pode ser simultâneo a E2 (cf. Cinque, 1999), haja vista a não realização do AdvP “já”, que demarca uma relação de anterioridade, e a realização da oração encabeçada por “quando”, que veicula uma interpretação de simultaneidade. Dessa forma, empregando os termos de Cinque (1999), não há “priorização temporal” de um evento específico.

Em (200), o E1 é necessariamente anterior ao E2. Tal “priorização temporal” é fruto da realização aberta do AdvP “já”. Convém salientar que não se evidencia claramente nenhuma relação de relevância para um ponto de referência do evento de “João ter ido surfar”. Argumenta-se, assim, no espírito da proposta de Cinque (1999), que a checagem do traço que nucleia $T_{Anterior}P$ e a soldagem do AdvP “já” forçam uma leitura de anterioridade ou de priorização temporal.

Em (201), a agramaticalidade da sentença provém do fato de que há uma incompatibilidade entre o traço de anterioridade, gramaticalizado pela realização de “já”, e o traço de simultaneidade, veiculado pela conjunção “enquanto”. Dessa forma, a operação de “priorização temporal” é inviabilizada em um contexto de simultaneidade temporal.

Autores como Nespoli (2018) assumem que o AdvP “já” é especificador de uma projeção de natureza aspectual, não temporal. Tal projeção seria EPerfP e, por meio de seu traço, haveria a descrição de uma eventualidade que ocorreu em um momento anterior e que tem resultado em um dado momento de referência. De certa forma, Rocha e Lopes (2015), embora assumam a proposta de adjunção, concordam com a análise de Martins e Nespoli (no prelo) e Nespoli (2018) segundo a qual “já” é um advérbio aspectual. Em seu teste para diferenciar advérbios temporais de aspectuais, Rocha e Lopes (2015) assumem que, enquanto estes podem figurar como resposta a perguntas polares, aqueles não podem figurar neste contexto (cf. seção 3.1.3.4). Por conveniência, repete-se o teste descrito abaixo:

(202) a. Você já foi ao zoológico?
- Já.
b. Ontem você foi ao zoológico?
- *Ontem.

Neste trabalho, defende-se a proposta de Cinque (1999), segundo a qual “já” é especificador de $T_{Anterior}P$, uma projeção de natureza temporal e não aspectual, por alguns argumentos: 1) o traço de anterioridade não parece descrever a estrutura temporal interna de

eventualidades, como o fazem categorias aspectuais (cf. Comrie, 1976) e 2) a leitura de "relevância" (ou até mesmo "efeito" ou "resultado") em um tempo de referência pode ser analisada como produto de uma implicatura conversacional, haja vista que pode ser cancelada sem prejuízo à gramaticalidade, da mesma forma que outras leituras, como experiência e recência. Cabe salientar que, como leitura de resultado, faz-se menção apenas a um evento que é resultado de outro evento. Não se faz referência, aqui, ao afetamento do argumento interno, uma vez que, havendo, em PB, argumentos internos com papel *theta* de tema – isto é, que são afetados pelo predicado –, obviamente há um resultado em questão. Em "Daniel lê o livro", o DP tema argumental "o livro" é afetado pelo predicado, implicando o entendimento de que o "o livro foi lido por Daniel". Novamente, não se faz referência a esse tipo de resultado aqui. Há, ainda, evidências morfológicas, nas línguas naturais, para se considerar o traço de anterioridade como de natureza temporal, não aspectual, como se observa em algumas variedades do alemão falado, em que a morfologia de *Perfekt* substitui a de *Präteritum*, veiculando valor dêitico (passado simples) (cf. Dahl, 1985).

Em relação à análise de Rocha e Lopes (2015), entende-se que, na verdade, o teste proposto pelas autoras não deveria ser interpretado como um diagnóstico para apartar advérbios temporais de advérbios aspectuais, tampouco deveria ser interpretado como um teste diagnóstico de altura. Interpreta-se, neste trabalho, que, quando aplicado exclusivamente aos AdvPs temporais, apartam-se, por meio de tal teste, AdvPs temporais dêiticos (cf. Cinque, 1999) de AdvPs temporais não dêiticos (ou circunstanciais) (cf. Schweikert, 2004). Dessa forma, têm-se as seguintes ocorrências:

(203) O Pedro (já/uma vez) comeu o bolo?[137]
Resposta: Já/ Uma vez.
(204) O Pedro comeu o bolo ontem?
Resposta: *Ontem.

Sustenta-se, assim, neste trabalho, a análise de "já" como AdvP de $T_{Anterior}P$. Advérbios como "não…mais" são inseridos como especificadores da projeção de $Asp_{Terminativo}P$, em cujo núcleo há o traço *default* - [+ terminativo] e sua contraparte marcada [+ terminativo].

[137] Uma possível crítica à análise proposta seria o fato de que o AdvP "então", considerado como de $T_{Futureo}P$, não pode figurar como uma boa resposta a essa pergunta, mesmo se formulada com o predicador verbal com a desinência modo-temporal de futuro do presente ("comerá"), sem estranhamento. Conforme se argumenta em Castilho (2022), advérbios como "então" podem ter valor discursivo de encadeamento de ideias, o que se aparta de sua função dêitica.

Conforme se argumenta em Cinque (1999), a partir dos trabalhos de Binnick (1991) e Frawley (1992), o aspecto terminativo caracteriza o alcance do ponto final de um evento, embora não necessariamente o natural. Tal traço também pode ser veiculado nas línguas naturais por meio de afixos, partículas ou verbos de reestruturação. Para exemplificar a ativação de tal traço, apresenta-se a seguinte ocorrência:

(205) "A água já **não mais** é potável em boa parte do país"[138]

Em (205), o predicador adjetival "potável" seleciona como argumento externo o DP "a água", formando uma estrutura de *Small Clause*. Tal estrutura é argumento interno do verbo de alçamento "é", que não possui argumento externo. A checagem do traço de terminação se dá, no caso sob análise, por meio de soldagem simples deste núcleo e de seu AdvP "não mais", em virtude das restrições de movimento do PB (cf. Tescari Neto, 2019). Veicula-se, assim, o estado de "ser potável" que se prolongou até um ponto final não natural. Salienta-se, ainda, que o traço de terminação não pode ser cancelado por uma estrutura de coordenação (cf. (205')), tampouco seu advérbio pode coocorrer com outro terminativo (cf. (205")).

(205') "#A água já não mais é potável em boa parte do país, mas ela ainda é potável em boa parte do país".
(205") "*A água (*já não) já não mais é potável em boa parte do país".

Em (205'), a terminação do estado de "ser potável" não pode ser cancelada por uma estrutura coordenada que veicule a continuatividade deste, o que aponta seu caráter gramatical e sua relação de interface com o traço de continuatividade. Em (205"), o AdvP "não mais" não pode coocorrer com o "já não", que se apresenta como um candidato para contribuir para a veiculação do traço de terminação.

Advérbios como "ainda" são inseridos como especificadores da projeção de $Asp_{Continuativo}P$, em cujo núcleo há o traço *default* - [+continuativo] e sua contraparte marcada [+ continuativo]. Tal traço descreve uma eventualidade que perdura em um intervalo de tempo, caracterizando-se pelo fato de não ter atingido seu ponto final ainda. Dessa forma, tem-se a seguinte ocorrência:

[138] Dado extraído do https://www.corpusdoportugues.org, referente à linha de concordância 4. Acesso em julho de 2025.

(206) “Você **ainda** o ama”[139]

Em (206), o predicador verbal “amar” seleciona como argumento interno o DP acusativo “o” e como argumento externo o DP “você”. Por integrar uma zona de movimento opcional do PB e por conta da linearização em análise (clítico + verbo), seria possível, em princípio, argumentar que a valoração do traço de continuatividade se dá pelas seguintes operações: 1) evacuação do VP, por meio do alçamento do clítico até a zona baixa do *Middlefield*, para checar caso acusativo (cf. Ciucivara, 2011), de forma a se ter “AcusativoP “o” > VP “você ama””, 2) soldagem do núcleo de continuatividade e de três projeções a ele relacionadas (cf. Cinque, 2017), de forma a se ter “$Asp_{Continuativo(III)}$P (AdvP “ainda”) > $Asp_{Continuativo(II)}$P (pouso de verbo + objeto) > $Asp_{Continuativo(I)}$P (pouso do verbo), 3) movimento do complexo (AcusativoP “o” + VP “ama”) para a posição de especificador da projeção II, de $Asp_{Continuativo}$P, em que se alocam verbos que efetuaram *pied-piping* do objeto. Convém ratificar, entretanto, que, por integrar uma zona de movimento opcional do PB, seria igualmente possível assumir que a checagem do traço de continuatividade se dá por soldagem simples e haveria apenas uma operação de cliticização. Independentemente da derivação assumida, em (25), veicula-se uma eventualidade de “amar” que ainda se prolonga, não tendo alcançado um ponto final. Tal traço não pode ser cancelado, tampouco pode haver coocorrência entre o AdvP “ainda” e outro advérbio continuativo, como se pode observar abaixo:

(206’) “#Você ainda o ama, mas você não o ama mais.”
(206”) “Você ainda (*continuamente) o ama.”

Em (206’), a continuatividade da eventualidade descrita não pode ser cancelada, de forma a se atribuir um ponto final não natural a esta na estrutura coordenada imediatamente adjacente. Em (206”), “ainda” não pode coocorrer com “continuamente”, o que aponta para o fato de que esses advérbios parecem participar da operação de concordância Spec-núcleo em $Asp_{Continuativo}$P, competindo pela inserção.

Como se pode constatar a partir da definição apresentada, o traço [+terminativo] e o traço [+continuativo], em princípio, parecem ocorrer em uma espécie de “distribuição

[139] Dado extraído do https://www.corpusdoportugues.org, referente à linha de concordância 50. Acesso em julho de 2025.

complementar", de forma que um parece ser a contraparte do outro. Este, porém, não é o caso. Os advérbios "não mais" e "ainda", que contribuem para a veiculação dos referidos traços, podem coocorrer na ordem (não mais > ainda), mas nunca na ordem (ainda > não mais), como se observa nos exemplos abaixo, em italiano, retirados de Cinque (1999, p. 95):

(207) ?*Spero che tu non sia più ancora arrabbiato con me*!
Espero que você não esteja mais ainda furioso comigo!
(208) **Spero che tu non sia ancora più arrabbiato con me*!
*Espero que você não esteja ainda mais furioso comigo!

Advérbios como "sempre[140]" são inseridos como especificadores da projeção de $Asp_{Contínuo}P$, em cujo núcleo há o traço *default* - [+ contínuo] e sua contraparte marcada [+ contínuo][141]. Tal traço descreve uma eventualidade que perdura em um intervalo de tempo, mas não possui uma duração ou continuidade limitada, ou seja, em princípio, não se concebe a existência de um ponto final (cf. Cinque, 1999, p. 96). Para fins de exemplificação, é apresentada a ocorrência a seguir:

(209) "Eu estarei **sempre** aqui"[142]

Em (209), veicula-se uma eventualidade de "estar aqui" a partir da qual não se concebe a existência de um ponto final. Por integrar uma zona de movimento opcional do PB, o verbo pode tanto se mover pelo núcleo de $Asp_{Contínuo}P$ até o núcleo de outras projeções, respeitando a Restrição de Movimento Nuclear (Travis, 1984), como pode se mover até $Asp_{Frustrativo}P$ e checar outros traços por soldagem simples. Finalmente, o traço de continuidade não pode ser cancelado (cf. (28')), tampouco pode haver coocorrência entre o AdvP "sempre" e o outro advérbio de contínuo (cf. (28")).

---

[140] Convém salientar que, em português europeu, o AdvP "sempre" contribui também para a veiculação de uma leitura de ato de fala e confirmação (cf. Tescari Neto, 2013; Silva, 2022), diferentemente do que ocorre no PB. Interpreta-se que a disponibilidade da leitura de ato de fala e de confirmação de tal AdvP advém da especificação dos traços de "sempre" no português europeu (PE). À vista disso, haveria um "sempre" com o traço contínuo, compartilhado por PB e PE, e um "sempre" com o traço declarativo e confirmativo, disponível em PE, mas não em PB. Consequentemente, em PE, o "sempre" seria especificado para mais de uma posição de soldagem, a depender do traço especificado.

[141] Especificamente em Cinque (1999), emprega-se o rótulo imperfeito para o traço *default* e o rótulo perfeito para o traço marcado.

[142] Dado extraído de https://www.corpusdoportugues.org, referente à linha de concordância 15. Acesso em julho de 2025.

(209') "#Eu estarei sempre aqui, **mas nunca estarei aqui**"
(209") "Eu estarei (*ininterruptamente) sempre aqui"

Convém salientar que, em princípio, o traço de continuatividade e de continuidade poderiam ser analisados como relacionados semanticamente de forma transparente, porém, conforme se argumenta em Cinque (1999), este não é o caso. O AdvP "sempre", que veicula o traço de continuidade, pode coocorrer com o AdvP "ainda", que veicula o traço de continuatividade. Tal possibilidade de coocorrência é limitada, entretanto, para a ordem (ainda > sempre), como se observa nos exemplos abaixo, em italiano, retirados de Cinque (1999, p. 96):

(210) *Gianni vince ancora sempre tutte le partite*.
"João vence ainda sempre todas as partidas".
(211) **Gianni vince sempre ancora tutte le partite*.
"*João vence sempre ainda todas as partidas".

Nesta seção, foi resenhada a análise de Cinque (1999; 2006) referente aos tipos de advérbios classificados como mediais, seu comportamento sintático e seus traços. Na próxima seção, serão discutidos os diagnósticos presentes na literatura linguística de base gerativa referentes ao reconhecimento de advérbios mediais e serão propostos novos testes sintáticos.

5.2 DIAGNÓSTICOS PARA RECONHECIMENTO DE ADVÉRBIOS MEDIAIS

Nesta seção, serão avaliados alguns diagnósticos para o reconhecimento de advérbios mediais quanto ao seu comportamento sintático, além de serem propostos novos testes para identificação de tais advérbios. Em virtude do fato de os diagnósticos conhecidos na literatura se concentrarem muito mais na dicotomia advérbios altos e baixos e do fato de não ser unânime o entendimento de que existem advérbios mediais (cf. Cinque, 1999; Ledgeway; Lombardi, 2005), os testes apresentados aqui serão semelhantes aos propostos no capítulo anterior. Espera-se, entretanto, que advérbios mediais comportem-se sintaticamente de forma diferente de advérbios altos e, prospectivamente, de advérbios baixos. Em outras palavras, é esperada heterogeneidade nos resultados, haja vista que, categorialmente, advérbios mediais, em princípio, possuem características de advérbios altos e de advérbios baixos.

Antes de se apresentarem os resultados dos testes, são necessárias algumas observações metodológicas. Da mesma forma que no capítulo anterior, em cada teste, serão desconsideradas curvas prosódicas marcadas que possam vir a comprometer os resultados. Dessa forma, cada teste será aplicado a sentenças com entonação neutra. Afirma-se, entretanto, que, em algumas sentenças, foi alterada a morfologia de aspecto (perfectivo vs. imperfectivo) do verbo com fins de possibilitar uma avaliação da aceitabilidade da posição do advérbio, evitando, assim, qualquer fator comprometedor de interação entre morfologia verbal e traço do AdvP. Em outras palavras, para AdvPs com traços compatíveis ao da imperfectividade, empregou-se morfologia imperfeita; para AdvPs com traços compatíveis com a perfectividade, empregou-se morfologia perfectiva. O foco deste trabalho é o efeito da posição do advérbio na sentença, não sua compatibilidade ou incompatibilidade com determinada morfologia. Além disso, serão desconsiderados dados incoerentes e que produzam anomalias semânticas. Quanto aos procedimentos analíticos, convém salientar os seguintes passos: 1) aplicação dos testes, 2) análise qualitativa e interpretativa dos resultados dos testes, 3) comparação dos resultados dos testes com advérbios mediais com o resultado dos testes com advérbios altos, descritos no capítulo anterior, e 4) identificação de advérbios mediais que, sintaticamente, comportam-se de forma mais semelhante a advérbios altos em PB. Acredita-se que, por meio de tais procedimentos, será possível lograr o objetivo específico deste estudo de avaliar e propor diagnósticos sintáticos para a identificação de advérbios mediais.

No capítulo 4, a partir das propostas de Bellert (1977), Casteleiro (1982), Muller de Oliveira (1993), Cinque (1999) e Tescari Neto (2013; 2022c), foram resenhados os seguintes testes para a identificação de advérbios altos: i) Teste da Mobilidade (AdvPs altos possuem mobilidade na sentença), ii) Teste de Perguntas Polares (AdvPs altos servem de resposta para perguntas polares), iii) Teste de Focalização antecedendo “é que” (AdvPs altos não podem ser focalizados em construções com “é que”), iv) Teste de Focalização Negativa antecedendo “senão” (AdvPs altos não podem ser focalizados em construções negativas com “senão” ou “exceto”), v) Teste de Focalização do AdvP em sentenças clivadas (AdvPs altos não podem ocorrer como foco de uma sentença clivada), vi) Teste de Negação (AdvPs altos não podem ser negados), vii) Teste de Coordenação (AdvPs altos não podem ser usados em algumas construções coordenadas), viii) Teste de Perguntas Abertas (AdvPs altos não podem ser usados como resposta a perguntas iniciadas por “onde”, “como” e “quando”), ix) Teste de Sentenças Imperativas (AdvPs altos não são compatíveis com sentenças imperativas), x) Teste de Focalização do AdvP em clivadas interrogativas (AdvPs altos não podem figurar como foco de uma pergunta), xi) Teste do Particípio (AdvPs altos não podem estar à direita de particípios

ativos), xii) Teste de Interrogativas Wh (AdvPs altos não podem ser carregados com o constituinte Wh em interrogativas Wh) e xiii) Teste de Elipse Verbal (AdvPs altos não podem ser recuperados em contextos de elipse verbal).

Por meio dos testes resenhados, será avaliado o comportamento sintático dos seguintes grupos de advérbios mediais: 1) os habituais ("normalmente", "geralmente", "habitualmente", "costumeiramente" e "regularmente"), 2) os tardivos ("finalmente"), 3) os predisposicionais ("tendencialmente"), 4) os repetitivos(i) ("novamente", "de novo"), 5) os frequentativos(i) ("frequentemente"), 6) os volitivos ("com gosto"), 7) os aceleravitos(i) ("rapidamente"), 8) os anteriores ("já"), 9) os terminativos ("não mais"), 10) os continuativos ("ainda") e 11) os contínuos ("sempre"). No final desta seção, uma intersecção dos resultados do comportamento sintático de cada categoria adverbial será apresentada, de forma que se consiga viabilizar o emprego de critérios objetivos para identificar AdvPs mediais com propriedades de advérbios altos e os com propriedades de baixos. No que concerne aos resultados do Teste de Mobilidade, identificado, nesta seção, como Teste 1 (Teste de Mobilidade), têm-se os seguintes resultados[143]:

Quadro 23 – **Aplicação do Teste de Mobilidade a AdvPs mediais**

AdvPs	**Teste de Mobilidade**
Normalmente, geralmente, habitualmente, costumeiramente e regularmente	a. (Normalmente) o João (normalmente) perdia (*normalmente) a chave de casa (*normalmente). b. (Geralmente) o João (geralmente) perdia (*geralmente) a chave de casa (*geralmente). c. (Habitualmente) o João (habitualmente) perdia (*habitualmente) a chave de casa (*habitualmente). d. (Costumeiramente) o João (costumeiramente) perdia (*costumeiramente) a chave de casa (*costumeiramente). e. (Regularmente) o João (regularmente) perdia (*regularmente) a chave de casa (*regularmente).
Finalmente	a. (Finalmente) o João (finalmente) perdeu (*finalmente) a chave de casa (*finalmente).
Tendencialmente	a. (Tendencialmente) o João (tendencialmente) perdia (*tendencialmente) a chave de casa (*tendencialmente).
Novamente, de novo	a. (Novamente) o João (novamente) perdeu (*novamente) a chave de casa (*novamente). b. (De novo) o João (de novo) perdeu (*de novo) a chave de casa (*de novo)

[143] Neste quadro, consideram-se as linearizações possíveis dos AdvPs medial **sem qualquer alteração em seu traço**. Na próxima seção, serão apresentadas as outras linearizações em que esses advérbios podem ocorrer com alteração no significado (cf. Quadro 37).

Frequentemente	a. (Frequentemente) o João (frequentemente) perdia (*frequentemente) a chave de casa (frequentemente).
Com gosto	a. (*Com gosto) o João (com gosto) perdeu (*com gosto) a chave de casa (*com gosto).
Rapidamente	a. (Rapidamente) o João (rapidamente) perdeu (*rapidamente) a chave de casa (*rapidamente).
Já	a. (*Já) o João (já) perdeu (*já) a chave de casa (*já).
Não mais	a. (*Não mais) o João (não mais) perdeu (?não mais) a chave de casa (*não mais).
Ainda	a. (*Ainda) o João (ainda) perdia (ainda) a chave de casa (ainda).
Sempre	a. (*Sempre) o João (sempre) perdia (sempre) a chave de casa (sempre).

Fonte: elaboração própria

No que concerne à mobilidade dos AdvPs habituais, observa-se que "normalmente", "geralmente", "habitualmente", "costumeiramente" e "regularmente" podem ser linearizados, sem mudança no significado, nas posições de margem esquerda e pré-verbal. Quando são linearizados em posição pós-verbal e de margem direita, evidencia-se a leitura de modo, relativa às paráfrases "de maneira normal", "de maneira geral", "de maneira habitual", "de maneira costumeira" e "de maneira regular". Sendo assim, a mobilidade dos advérbios habituais sob escrutínio, sem mudança no significado, é parcial.

Em relação aos tardivos, nota-se que "finalmente" pode ser linearizado, sem mudança no significado, nas posições de margem esquerda e pré-verbal. Sua ocorrência na posição pós-verbal e de margem direita é marginal e parece ocorrer em contextos de entonação marcada. Salienta-se, ainda, que não é o caso de "finalmente" ser compatível com uma leitura de modo nestas últimas posições, haja vista que a paráfrase "de modo/maneira final" não é aceitável nos contextos sob análise. Novamente, argumenta-se que a mobilidade de "finalmente" é parcial.

Quanto aos predisposicionais, verifica-se que "tendencialmente" pode ser linearizado, sem modificações semânticas, nas posições de margem esquerda e pré-verbal. Observa-se, contudo, que nas posições pós-verbal e de margem direita, malgrado sua marginalidade, é possível empregá-lo com leitura de modo, uma vez que as paráfrases "de modo/maneira tendencial" podem ser inseridas nestes contextos. Dessa forma, a linearização de "tendencialmente", sem modificações em seu traço, é parcial.

Referente aos repetitivos (i), percebe-se que "novamente" e "de novo", ao serem linearizados na posição de margem esquerda e na pré-verbal, são compatíveis com sua leitura de contabilização de eventos. Em contrapartida, na posição de margem direita e pré-verbal, são compatíveis apenas com uma leitura de contabilização de processos ou do próprio DP quando está em posição pós-verbal.. Frente a isso, conforme previsto em Cinque (1999), tais advérbios

podem efetuar essas operações a depender da posição em que são linearizados na oração. Assim, a linearização de “novamente” e “de novo”, estabelecendo apenas operação de contabilização de eventos, é parcial.

Concernente aos frequentativos (i), cenário similar ao que se observa nos repetitivos (i) se constata. O AdvP “frequentemente”, quando linearizado na margem esquerda e na posição pré-verbal, é compatível com uma leitura de frequência de um evento. Ao ser linearizado na margem direita e na posição pós-verbal, é compatível com uma leitura de frequência de um processo. Frente a isso, a linearização de “frequentemente”, estabelecendo frequência de eventos, é igualmente parcial.

No que respeita aos volitivos, o AdvP “com gosto”, em uma leitura de entonação neutra e sem pausas, é compatível com sua leitura *default* de volição para desencadear um evento quando linearizado em posição pré-verbal. Nas posições pós-verbal e de margem esquerda, pode ser marginalmente compatível com uma leitura de modo/maneira. Na posição de margem direita, é possível haver a linearização deste advérbio com pausas e marcações entoacionais. À vista disso, a linearização *default* do volitivo “com gosto” é ainda mais restritiva do que a dos outros advérbios até então analisados.

Sobre os aceleративos (i), o AdvP “rapidamente” pode ser linearizado em posição de margem esquerda e pré-verbal, desempenhando uma leitura de aceleração de eventos. Em posição de margem direita e pós-verbal, desencadeia-se uma leitura de aceleração de processos. Interpreta-se, assim, a parcialidade de linearização do AdvP “rapidamente” na construção de leitura de aceleração de eventos.

Em se tratando dos advérbios “anteriores”, o AdvP “já” desencadeia leitura de priorização temporal na posição pré-verbal. Sua ocorrência em posição de margem direita é marginal e possibilitada por marcas entonacionais, semelhantes à de atribuição de foco. Uma evidência desta afirmação consiste no fato de que uma sentença com “já” em posição de margem direita não pode figurar como resposta de uma pergunta como “O que X fez?” (cf. (214)) ao passo que essa sentença com “já” em posição pré-verbal pode (cf. (213)), conforme se observa abaixo:

(212) O que o João fez?

(213) O João já perdeu a chave.

(214) *O João perdeu a chave já.

Além disso, é agramatical a linearização de “já” em posição de margem esquerda e em posição pós-verbal, independentemente da atribuição de foco ou de entonação específica. Assim, a leitura de priorização temporal do AdvP “já” é específica da linearização pré-verbal. Frente a isso, interpreta-se que, semelhantemente ao comportamento do advérbio “com gosto”, a mobilidade do AdvP “já” é ainda mais restritiva.

No tocante aos advérbios terminativos, aponta-se que o AdvP “não mais” engendra leitura de terminação em posição pré-verbal e pós-verbal. Além disso, identifica-se que sua linearização na margem esquerda ou direita constrói uma sentença agramatical em PB. Salienta-se, ainda, a existência de uma preferência de linearização disjunta e interpolada de “não mais” com o verbo temático, como “O João não perdeu mais a chave de casa”, que parece ser a canônica do PB. A mobilidade de tal AdvP é, então, igualmente mais limitada, se compararmos com a de advérbios altos.

No que diz respeito aos advérbios continuativos, identifica-se que o AdvP “ainda” contribui para a veiculação de leitura de continuatividade quando linearizado em posição pré-verbal, pós-verbal e de margem direita. É agramatical, contudo, sua ocorrência em posição de margem esquerda. Há, assim, uma relativa limitação em face à sua mobilidade e à veiculação de seu traço de continuatividade.

Finalmente, relativo aos advérbios contínuos, reconhece-se que o AdvP “sempre”, semelhantemente ao continuativo “ainda”, pode ser linearizado em posição pré-verbal, pós-verbal e de margem direita. Há, contudo, a impossibilidade de “sempre” ser linearizado em posição de margem esquerda. Portanto, argumenta-se pela existência de uma relativa limitação em sua mobilidade.

Segundo este teste, os AdvPs mediais, quanto à sua mobilidade e à ausência de alternância de seu traço, distribuem-se da seguinte forma: 1) AdvPs que podem ser linearizados em apenas três posições sem alternância de significado (continuativos, contínuos), 2) AdvPs que podem ser linearizados em apenas duas posições sem alternância de significado (habituais, tardivos, predisposicionais, repetitivos(i), frequentativos(i), aceleratívos(i), terminativos) e 3) AdvPs que podem ser linearizados em apenas uma posição sem alternância de significado (volitivos e anteriores). Tomando como critério que AdvPs “altos” possuem mobilidade e AdvPs “baixos” não a possuem, seria possível argumentar, exclusivamente a partir deste teste, que os advérbios das categorias em 1) e em 2) possuem características dos “altos” e que os advérbios das categorias representadas em 3) possuem características dos “baixos”. Seguramente, uma afirmação deste nível precisa ser colocada à prova a partir dos resultados dos outros testes, o que evidencia a pertinência deste trabalho. No que concerne aos resultados

do Teste de Perguntas Polares, identificado, nesta seção, como Teste 2, têm-se os seguintes resultados.

Quadro 24 – **Aplicação do Teste de Perguntas Polares a AdvPs mediais**

Teste de Perguntas Polares
O Renato deu/ dava colo para a Alicinha?
Respostas **possíveis**: Normalmente, geralmente, habitualmente, costumeiramente, regularmente/ frequentemente/ rapidamente/ com gosto/ já/ sempre.
Respostas **impossíveis**: Tendencialmente/ novamente, de novo/ finalmente/ não mais/ ainda[144].

Fonte: elaboração própria

A partir de tal quadro, observa-se que como respostas possíveis a perguntas polares podem figurar AdvPs habituais, frequentativos, aceleratívos, volitivos, anteriores e contínuos. Como respostas impossíveis, figuram os AdvPs predisposicionais, repetitivos, tardivos, terminativos e continuativos. Dessa forma, levando em consideração exclusivamente tal teste, poder-se-ia argumentar que os AdvPs habituais, frequentativos, aceleratívos, volitivos, anteriores e contínuos sob análise comportam-se como advérbios altos, ao passo que os demais AdvPs comportam-se como advérbios baixos. Observe que o resultado deste teste se opõe drasticamente ao resultado do Teste de Mobilidade, o que aponta a necessidade de se empregarem múltiplos diagnósticos na identificação da altura de um AdvP no *Middlefield*. No que concerne aos resultados do Teste de Focalização antecedendo "é que", identificado, nesta seção, como Teste 3, tem-se o seguinte:

Quadro 25 – **Aplicação do Teste de Focalização com AdvPs mediais antecedendo "é que"**

AdvPs	**Teste de Focalização com AdvPs mediais antecedendo "é que"**
Normalmente, geralmente, habitualmente, costumeiramente e regularmente	a. *Normalmente foi/ era que André encontrou/ encontrava a resposta. b. *Geralmente foi/ era que André encontrou/ encontrava a resposta. c. *Habitualmente foi/ era que André encontrou/ encontrava a resposta. d. *Costumeiramente foi/ era que André encontrou/ encontrava a resposta.

[144] De acordo com Martins (2026, c.p.), pode ser o caso de haver variação quanto à inaceitabilidade de "novamente", "de novo", "finalmente" e "não mais".

	e. *Regularmente foi/ era que André encontrou/ encontrava a resposta.
Finalmente	a. *Finalmente foi/ era que André encontrou/ encontrava a resposta.
Tendencialmente	a. *Tendencialmente foi/ era que André encontrou/ encontrava a resposta.
Novamente, de novo	a. *Novamente foi/ era que André encontrou/ encontrava a resposta. b. *De novo foi/ era que André encontrou/ encontrava a resposta.
Frequentemente	a. *Frequentemente foi/ era que André encontrou/ encontrava a resposta.
Com gosto	a. ?Com gosto foi/ era que André encontrou/ encontrava a resposta.
Rapidamente	a. *Rapidamente foi/ era que André encontrou/ encontrava a resposta.
Já	a. *Já foi/ era que André encontrou/ encontrava a resposta.
Não mais	a. *Não mais foi/ era que André encontrou/ encontrava a resposta.
Ainda	a. *Ainda foi/ era que André encontrou/ encontrava a resposta.
Sempre	a. *Sempre foi/ era que André encontrou/ encontrava a resposta.

Fonte: elaboração própria

Levando em consideração os resultados do Teste de Focalização de AdvPs mediais antecedendo "é que", nota-se que, excetuando-se os volitivos ("com gosto"), todos os AdvPs mediais sob análise resistem à focalização antecedendo "é que". De certa forma, tais advérbios parecem se comportar mais como "altos", ao resistirem a tal processo, do que propriamente como "baixos". Sobre a aceitabilidade de "com gosto" neste contexto, argumenta-se que este é licenciado na referida posição por engendrar uma leitura de modo/maneira, não propriamente de vontade ou volição. Perceba que, em "Com gosto foi que André encontrou a resposta", é licenciada a leitura de que existe um evento de "encontrar", do qual "André" é agente e "a resposta" é tema, que ocorreu "com gosto", ou seja, que se desenrolou de forma a atribuir uma circunstância "prazerosa" ao evento de "encontrar". Como o traço de modo/maneira nucleia a projeção baixa de VozP, seria esperado que "com gosto", ao figurar como especificador de tal projeção baixa, não resista à focalização. Referente aos resultados do Teste de Focalização Negativa antecedendo "senão", identificado, nesta seção, como Teste 4, há o seguinte comportamento:

Quadro 26 – **Aplicação do Teste de Focalização Negativa com "senão"**

AdvPs	**Teste de Focalização Negativa com "senão"**

Normalmente, geralmente, habitualmente, costumeiramente e regularmente	a. ?André não encontrou/ encontrava a resposta senão normalmente. b. *André não encontrou/ encontrava a resposta senão geralmente. c. *André não encontrou/ encontrava a resposta senão habitualmente. d. *André não encontrou/ encontrava a resposta senão costumeiramente. e. *André não encontrou/ encontrava a resposta senão regularmente.
Finalmente	a. ?André não encontrou/ encontrava a resposta senão finalmente.
Tendencialmente	a. *André não encontrou/ encontrava a resposta senão tendencialmente.
Novamente, de novo	a. André não encontrou/ encontrava a resposta senão novamente. b. André não encontrou/ encontrava a resposta senão de novo.
Frequentemente	a. *André não encontrou/ encontrava a resposta senão frequentemente.
Com gosto	a. André não encontrou/ encontrava a resposta senão com gosto.
Rapidamente	a. André não encontrou/ encontrava a resposta senão rapidamente.
Já	a. *André não encontrou/ encontrava a resposta senão já.
Não mais	a. *André não encontrou/ encontrava a resposta senão não mais.
Ainda	a. *André não encontrou/ encontrava a resposta senão ainda.
Sempre	a. *André não encontrou/ encontrava a resposta senão sempre.

Fonte: elaboração própria

A partir dos resultados obtidos no Teste de Focalização Negativa, constata-se que os AdvPs habituais, tardivos, predisposicionais, frequentativos, anteriores, terminativos, continuativos e contínuos resistem à focalização com "senão". Em contrapartida, os AdvPs repetitivos, volitivos e celerativos não resistem à focalização com "senão". Convém salientar que o AdvP "normalmente" é marginalmente aceito com "senão" em contexto de veiculação de leitura de modo/maneira, haja vista a possibilidade de comutação pela expressão "de modo normal" sem modificação da interpretação em "André não encontrou/encontrava a resposta senão normalmente (de modo normal)". Argumenta-se que os AdvPs sob análise licenciados nesta posição, seja com alteração em seu traço ou não, comportam-se como "baixos", ao passo que os AdvPs que resistem à focalização, comportam-se como "altos". Em se tratando dos

resultados do Teste de Focalização do AdvP com sentenças clivadas, identificado como Teste 5, aponta-se o seguinte comportamento:

Quadro 27 – **Aplicação do Teste de Focalização com AdvP em clivadas**

AdvPs	**Teste de Focalização com AdvP em clivadas**
Normalmente, geralmente, habitualmente, costumeiramente e regularmente	a. *Foi/ Era normalmente que André encontrou/ encontrava a resposta. b. *Foi/ Era geralmente que André encontrou/ encontrava a resposta. c. *Foi/ Era habitualmente que André encontrou/ encontrava a resposta. d. *Foi/ Era costumeiramente que André encontrou/ encontrava a resposta. e. *Foi/ Era regularmente que André encontrou/ encontrava a resposta.
Finalmente	a. *Foi/ Era finalmente que André encontrou/ encontrava a resposta.
Tendencialmente	a. *Foi/ Era tendencialmente que André encontrou/ encontrava a resposta.
Novamente, de novo	a. *Foi/ Era novamente que André encontrou/ encontrava a resposta. b. *Foi/ Era de novo que André encontrou/ encontrava a resposta.
Frequentemente	a. *Foi/ Era frequentemente que André encontrou/ encontrava a resposta.
Com gosto	a. ?Foi/ Era com gosto que André encontrou/ encontrava a resposta.
Rapidamente	a. *Foi/ Era rapidamente que André encontrou/ encontrava a resposta.
Já	a. *Foi/ Era já que André encontrou/ encontrava a resposta.
Não mais	a. *Foi/ Era não mais que André encontrou/ encontrava a resposta.
Ainda	a. *Foi/ Era ainda que André encontrou/ encontrava a resposta.
Sempre	a. *Foi/ Era sempre que André encontrou/ encontrava a resposta.

Fonte: elaboração própria

Como se pode observar a partir dos resultados do Teste de Focalização com AdvP em clivadas, AdvPs habituais não são compatíveis com estruturas de focalização de clivagem. Salienta-se, entretanto, que o AdvP "normalmente", quando veicula leitura de modo, parece ser compatível com tal estrutura, haja vista sua possibilidade de comutabilidade pela paráfrase "de modo normal" neste contexto, sem prejuízo à gramaticalidade da sentença.

AdvPs tardivos, como o “finalmente”, não são compatíveis com clivagem. Os advérbios predisposicionais igualmente não são compatíveis com clivagem, da mesma forma que os repetitivos e os frequentativos. No caso específico dos repetitivos(ii) e dos frequentativos(ii), marginalmente, tais advérbios, quando veiculam leitura sob o processo, podem figurar como lacuna de uma sentença clivada. Sustenta-se tal afirmação a partir dos seguintes exemplos: 1) Foi de novo$_i$ que o André de novo encontrou t_i a resposta e 2) Era frequentemente$_j$ que André frequentemente encontrava t_j a resposta. Em outras palavras, é possível haver coocorrência de “de novo” repetitivo(i) com o “de novo” repetitivo (ii) em contexto de clivagem, da mesma forma que é possível haver coocorrência de “frequentemente” frequentativo(i) com o “frequentemente” frequentativo (ii).

AdvPs volitivos, como o “com gosto”, não são compatíveis com clivagem, excetuando-se a possibilidade de veiculação de leitura de modo. Em “Foi/Era com gosto que André encontrou/encontrava a resposta”, nota-se que apenas é possível haver leitura de “Foi de maneira voluntariosa que André encontrou a resposta”. Como já argumentado, a possibilidade de veiculação de uma leitura de modo/maneira é relacionada ao núcleo de VozP, uma projeção funcional baixa do *Middlefield*.

Em se tratando de AdvPs celerativos, como o “rapidamente”, de forma semelhante aos repetitivos(i) e frequentativos(i), há compatibilidade com estrutura clivada apenas quando veiculam leitura de aceleração sob o processo, não sobre o evento. À vista disso, em “Foi rapidamente$_k$ que André rapidamente encontrou t_k a resposta”, há a leitura de que o evento de “André encontrar a resposta” ocorreu rapidamente e de que o processo específico de encontrar a resposta ocorreu também rapidamente.

Por fim, no que concerne aos AdvPs anteriores (“já”), terminativos (“não mais”), continuativos (“ainda”) e contínuos (“sempre”), constata-se que estes são igualmente incompatíveis como lacuna da estrutura clivada. Assumindo que, enquanto AdvPs altos são incompatíveis com focalização de clivagem e AdvPs baixos são compatíveis com tal estruturas, poder-se-ia argumentar que todos os AdvPs mediais analisados se comportam como altos neste quesito, excetuando-se os casos de veiculação de traços criteriais de projeções funcionais baixas por subespecificação lexical. Referente aos resultados do Teste de Negação, identificado, nesta seção, como Teste 6, há o seguinte comportamento sintático dos AdvPs sob escrutínio:

Quadro 28 – **Aplicação do Teste de Negação com AdvPs mediais**

AdvPs	**Teste de Negação**

Normalmente, geralmente, habitualmente, costumeiramente e regularmente	a. *A Juliana não normalmente apreciou/ apreciava o carnaval carioca. b. *A Juliana não geralmente apreciou/ apreciava o carnaval carioca. c. *A Juliana não habitualmente apreciou/a preciava o carnaval carioca. d. *A Juliana não costumeiramente apreciou/ apreciava o carnaval carioca. e. *A Juliana não regularmente apreciou/ apreciava o carnaval carioca.
Finalmente	a. *A Juliana não finalmente apreciou/ apreciava o carnaval carioca.
Tendencialmente	a. *A Juliana não tendencialmente apreciou/ apreciava o carnaval carioca.
Novamente, de novo	a. *A Juliana não novamente apreciou/ apreciava o carnaval carioca. b. *A Juliana não de novo apreciou/ apreciava o carnaval carioca.
Frequentemente	a. *A Juliana não frequentemente apreciou/ apreciava o carnaval carioca.
Com gosto	a. *A Juliana não com gosto apreciou/ apreciava o carnaval carioca.
Rapidamente	a. *A Juliana não rapidamente apreciou/ apreciava o carnaval carioca.
Já	a. *A Juliana não já apreciou/ apreciava o carnaval carioca.
Não mais	a. *A Juliana não não mais apreciou/ apreciava o carnaval carioca.
Ainda	a. *A Juliana não ainda apreciou/ apreciava o carnaval carioca.
Sempre	a. A Juliana não (nem) sempre apreciou/ apreciava o carnaval carioca.

Fonte: elaboração própria

A partir de tais resultados, observa-se que, em geral, os AdvPs mediais descritos também não podem ser negados, isto é, não são passíveis de estarem sob escopo de uma partícula de negação sem alterar seus traços. Uma exceção a essa assunção é o caso do AdvP "sempre", que será discutido mais adiante. Além disso, convém salientar que, no âmbito dos advérbios habituais, "normalmente" aceita estar sob escopo da negação desde que haja veiculação de leitura de modo. Sendo assim, uma sentença como "A Juliana não normalmente apreciou/apreciava o carnaval carioca" seria gramatical se "normalmente" desencadear a paráfrase "de modo/maneira normal", conforme se observa em "A Juliana não de modo normal/de maneira normal apreciou/apreciava o carnaval carioca". Finalmente, o AdvP "com gosto" parece se comportar da mesma maneira: "A Juliana não de maneira voluntariosa apreciou/apreciava o carnaval carioca."

No que concerne aos AdvPs especificadores de projeções duplicadas, como "novamente", "de novo", "frequentemente" e "rapidamente", observa-se que a negação de tais advérbios está intrinsecamente relacionada ao tipo de modificação que exercem sobre elementos da oração. Argumenta-se que tais advérbios são passíveis de estar sob escopo da negação quando modificam o processo, não o evento em questão. Sendo assim, para que a sentença "A Juliana não novamente cortou o bolo" seja gramatical, "novamente" tomaria em seu escopo o processo de "cortar". Isso fica ainda mais evidente quando se observa que é possível uma sentença como "A Juliana não novamente cortou o bolo, pois ela efetuou um corte no bolo apenas". Semelhante argumentação se aplica aos outros AdvPs de projeções duplicadas, conforme se observa nos seguintes exemplos: 1) "A Juliana não de novo cortou o bolo, pois ela efetuou um corte no bolo apenas", 2) "A Juliana não frequentemente cortava o bolo, pois ela efetuava um corte no bolo apenas", 3) "A Juliana não rapidamente cortava o bolo, pois ela efetuava um corte lento no bolo".

Em relação aos AdvPs "já", "não mais" e "ainda", considera-se que tais AdvPs não podem estar sob escopo da negação sem modificação de seu traço. Considera-se que, com o "ja", malgrado a inaceitabilidade do "não" em posição pré-adverbial, um fenômeno interessante ocorre quando a partícula de negação aparece em posição pós-adverbial, como em "A Juliana já não curtia o carnaval carioca, mas o carnaval paulistano". Com o complexo "já + não", estabelece-se uma leitura terminativa, télica, de alcance de ponto final, que não parece estar disponível quando há a linearização "*A Juliana não já curtia o carnaval carioca". Em se tratando da linearização "ainda não" em uma sentença como em "A Juliana ainda não curtia o carnaval carioca, mas o carnaval paulistano", há o desencadeamento de uma leitura prospectiva[145], que enfatiza o ponto anterior ao início do evento em questão. Para ambos os casos, "já não" e "ainda não", defende-se uma proposta de que tais AdvPs são um constituinte a ser inserido, respectivamente, na posição de especificador de $Asp_{Terminativo}P$, uma projeção medial, e $Asp_{Prospectivo}P$, uma projeção baixa. Para sustentar tal análise, neste capítulo sobre AdvPs mediais, será avaliado o comportamento sintático de "já não", em comparação com "não mais" e, no próximo capítulo, sobre AdvPs baixos, será avaliado o comportamento de "ainda não".

Finalmente, no que respeita à aceitabilidade de negação de "sempre", considera-se que não apenas "sempre" é compatível com "não" como também é compatível, mais comumente,

[145] Na seção 5.1, argumentou-se que "ainda não" desencadeia leitura de anterioridade também. Possivelmente, tal fenômeno seja relacionado à interação entre o advérbio e o aspecto gramatical do verbo, haja vista que, na referida seção, foi empregado um exemplo no perfectivo e, nesta seção, foi empregado um exemplo no imperfectivo.

com “nem”. Interpreta-se que, em ambos os casos, estabelece-se uma negação escalar, a partir da qual se veicula a ideia de que “em algumas vezes o evento de curtir o carnaval carioca não ocorre”. Interpreta-se que tal licenciamento seja consequência não só do fato de “sempre” ser especificador de uma projeção funcional fronteiriça à zona baixa do *Middlefield*, como também do fato de tal advérbio ser escalar, no sentido de Kennedy e McNally (2005).

Portanto, observou-se que, excetuando-se o “sempre”, todos os AdvPs mediais descritos são resistentes à negação quando não modificam seu traço. Licencia-se a negação quando se veiculam leituras comumente associadas a projeções funcionais baixas, como as leituras de modo (“normalmente”, “finalmente” e “com gosto”), de repetição sobre o processo (“novamente” e “de novo”), de frequência sobre o processo (“frequentemente”) e de aceleração sobre o processo (“rapidamente”). Referente aos resultados do Teste de Coordenação, identificado, nesta seção, como Teste 7, há o seguinte comportamento sintático:

Quadro 29 – **Aplicação do Teste de Coordenação em AdvPs mediais**

AdvPs	**Teste de Coordenação**
Normalmente, geralmente, habitualmente, costumeiramente e regularmente	a. *O cachorrinho latiu/ latia e normalmente. b. *O cachorrinho latiu/ latia e geralmente. c. *O cachorrinho latiu/ latia e habitualmente. d. *O cachorrinho latiu/ latia e costumeiramente. e. *O cachorrinho latiu/ latia e regularmente.
Finalmente	a. *O cachorrinho latiu/ latia e finalmente.
Tendencialmente	a. *O cachorrinho latiu/ latia e tendencialmente.
Novamente, de novo	a. O cachorrinho latiu/ latia e novamente. b. O cachorrinho latiu/ latia e de novo.
Frequentemente	a. O cachorrinho latiu/ latia e frequentemente.
Com gosto	a. O cachorrinho latiu/ latia e com gosto.
Rapidamente	a. O cachorrinho latiu/ latia e rapidamente.
Já	a. *O cachorrinho latiu/ latia e já.
Não mais	a. *O cachorrinho latiu/ latia e não mais.
Ainda	a. *O cachorrinho latiu/ latia e ainda.
Sempre	a. O cachorrinho latiu/ latia e sempre.

Fonte: elaboração própria

A partir dos resultados obtidos no Teste 7, constata-se que AdvPs habituais são resistentes à coordenação, não sendo compatíveis com tal estrutura sem modificação em seu traço. De forma marginal, entretanto, o AdvP “normalmente” parece ser compatível com a referida estrutura em contexto de veiculação de leitura de modo/maneira, relacionada à projeção funcional VozP, conforme se observa na paráfrase “O cachorrinho latia e de maneira normal (normalmente)”. Em se tratando de advérbios tardivos, como o “finalmente”, nota-se que tal

AdvP não é compatível com tal estrutura sem modificação de seu traço criterial. Sobre os predisposicionais, observa-se que o AdvP "tendencialmente" não é compatível com tal estrutura de coordenação, tampouco em contexto de veiculação de leitura de modo ou maneira, haja vista a inaceitabilidade de "?O cachorrinho latiu/latia e de maneira tendencial".

Referente aos repetitivos (i), especificamente aos advérbios "novamente" e "de novo", evidencia-se que tais AdvPs são compatíveis com tal estrutura de coordenação sem modificação de seu traço de quantificação de eventos. Em "O cachorrinho latia e novamente/ de novo", há a veiculação da leitura de que o evento de "latir", desempenhado por "o cachorrinho", se iterou, ou seja, repetiu-se em um intervalo de tempo. Tal possibilidade de leitura se faz mais clara quando se nota que o traço de repetição não pode ser cancelado, como se intenciona em "#O cachorrinho latia e novamente/de novo, mas ele não fez isso outra vez".

Concernente aos frequentativos (i), especificamente ao advérbio "frequentemente", identifica-se que tal AdvP pode figurar em estruturas de coordenação sem alteração de seu traço de frequência de um evento. Em "O cachorrinho latiu/latia e frequentemente", veicula-se a leitura de que o evento em questão não só se iterou como também é julgado como recorrente em um intervalo de tempo, de forma mais ou menos ordenada. Convém apontar que, novamente, há impossibilidade de cancelamento da leitura de frequência.

Em relação aos volitivos, como o "com gosto", observa-se que há aceitabilidade de ocorrência de tal sintagma com a coordenação. Em "O cachorrinho latiu/latia e com gosto", veicula-se a leitura de que o evento de "latir" desencadeou-se com volição ou intenção por parte do agente "O cachorrinho". Tal assunção se evidencia no fato de que não é possível cancelar a intenção subjacente do agente em uma estrutura como "#O cachorrinho latiu/latia e com gosto, mas sem vontade."

Para os aceleratívos (i), especificamente para o AdvP "rapidamente", constata-se a aceitabilidade do emprego de tal advérbio em uma estrutura de coordenação. Em "O cachorrinho latiu/latia e rapidamente", veicula-se a leitura de que o evento de "latir", desencadeado por "O cachorrinho", ocorreu "rapidamente". Nota-se, assim, que o AdvP "rapidamente" tem escopo sobre o evento em si. A aceleração do evento não pode ser cancelada, sem construir uma anomalia: "#O cachorrinho latiu/latia e rapidamente, mas ele demorou a fazer isso".

No que respeita aos anteriores, em específico ao AdvP "já", identifica-se a inaceitabilidade do emprego deste advérbio em uma estrutura de coordenação. Em "*O cachorrinho latiu/latia e já", na ausência de qualquer enfoque prosódico, a anterioridade, ou "priorização temporal", do evento de "latir" não pode ser veiculada por "já". Há, dessa forma,

incompatibilidade do referido advérbio com essa estrutura. No que se refere aos terminativos, especificamente ao "não mais", há inaceitabilidade do emprego deste advérbio em uma estrutura de coordenação. Em "O cachorrinho latiu/latia e não mais", na ausência de qualquer enfoque prosódico, a terminação do evento de "latir" não pode ser veiculada por "não mais". Sobre os continuativos, como o AdvP "ainda", nota-se, semelhantemente, incompatibilidade com a estrutura de coordenação, em uma sentença como "O cachorrinho latiu/latia e ainda". Interpreta-se que, para todos esses casos, é impossível retomar o evento descrito anteriormente e modificá-lo.

Finalmente, no que diz respeito ao comportamento dos contínuos, especificamente do AdvP "sempre", aponta-se a aceitabilidade deste em uma estrutura de coordenação. Em "O cachorrinho latiu/latia e sempre", é possível recuperar o evento de "latir" e modificá-lo de forma a se apontar que, em um intervalo de tempo, tal evento foi contínuo. Note que a continuidade do evento não pode ser cancelada, o que sugere a sua veiculação gramatical, conforme se observa em "#O cachorrinho latiu/latia e sempre, mas raramente ele latia".

Dessa forma, se tomarmos como diagnóstico apenas o Teste da Coordenação, segundo o qual AdvPs altos não podem ser coordenados e AdvPs baixos podem ser coordenados, seria possível apontar que o seguintes AdvPs mediais parecem se comportar como altos: 1) normalmente, geralmente, habitualmente, costumeiramente e regularmente, 2) finalmente, 3) tendencialmente, 4) já, 5) não mais e 6) ainda. Em contrapartida, os seguintes AdvPs mediais parecem se comportar como baixos: 1) novamente e de novo, 2) frequentemente, 3) com gosto, 4) rapidamente e 5) sempre. Abaixo, observam-se os resultados do Teste de Perguntas Abertas, identificado, nesta seção, como Teste 8:

Quadro 30 – **Aplicação do Teste de Perguntas Abertas em AdvPs mediais**

Teste de Perguntas Abertas
Quando/ Como ele descobriu/descobria a verdade?
Respostas **possíveis**: Frequentemente/ com gosto/ rapidamente/ sempre
Respostas **impossíveis**: normalmente, geralmente, habitualmente, costumeiramente, regularmente/ finalmente/ tendencialmente/ novamente, de novo/ já/ não mais/ ainda.

Fonte: elaboração própria

Conforme se observa no quadro acima, podem figurar como resposta a perguntas abertas os seguintes AdvPs mediais: 1) "frequentemente", 2) "com gosto", 3) "rapidamente" e 4) "sempre". Em contrapartida, não podem figurar como resposta a perguntas abertas os seguintes

AdvPs mediais: 1) “normalmente”, “geralmente”, “habitualmente”, “costumeiramente” e “regularmente”, 2) “finalmente”, 3) “tendencialmente”, 4) “novamente”, “de novo”, 5) “já”, 6) “não mais” e 7) “ainda”. Antes de efetuar uma comparação com o Quadro 24, referente à aplicação do Teste de Perguntas Polares a AdvPs mediais (Teste 2), aponta-se que os AdvPs “normalmente” e “finalmente”, quando veiculam leitura de modo, como em “de modo/maneira normal” e “de modo/maneira final”, podem ser utilizados como resposta a perguntas abertas. Essa tendência foi observada em todos os testes até agora.

Ao se comparar o Quadro 24 (Teste 2) ao Quadro 30 (Teste 8), que são relacionados por natureza, observa-se que apenas duas categorias de AdvPs mediais ocorrem em distribuição complementar, a saber: 1) os habituais e 2) os anteriores. Dessa forma, entende-se que o emprego desses dois testes parece ser efetivo para diferenciar o comportamento sintático do par em questão. Em contrapartida, parece ser questionável o emprego desses dois testes apenas para diferenciar o comportamento sintático dos outros AdvPs mediais da HU. Observam-se os resultados do Teste de Sentenças Imperativas, identificado, nesta seção, como Teste 9, abaixo:

Quadro 31 – **Aplicação do Teste de Sentenças Imperativas**

AdvPs	**Teste de Sentenças Imperativas**
Normalmente, geralmente, habitualmente, costumeiramente e regularmente	a. *Normalmente explique o que ocorreu. b. *Geralmente explique o que ocorreu. c. *Habitualmente explique o que ocorreu. d. *Costumeiramente explique o que ocorreu. e. *Regularmente explique o que ocorreu.
Finalmente	a. Finalmente explique o que ocorreu.
Tendencialmente	a. *Tendencialmente explique o que ocorreu.
Novamente, de novo	a. Novamente explique o que ocorreu. b. De novo explique o que ocorreu.
Frequentemente	a. *Frequentemente explique o que ocorreu.
Com gosto	a. Com gosto explique o que ocorreu.
Rapidamente	a. Rapidamente explique o que ocorreu.
Já	a. *Já explique o que ocorreu.
Não mais	a. Não mais explique o que ocorreu.
Ainda	a. *Ainda explique o que ocorreu.
Sempre	a. *Sempre explique o que ocorreu.

Fonte: elaboração própria

Em se tratando dos resultados do Teste 9, nota-se que os AdvPs habituais (“normalmente”, “geralmente”, “habitualmente”, “costumeiramente” e “regularmente”), predisposicionais (“tendencialmente”), frequentativos (i) (“frequentemente”), anteriores (“já”), contínuos (“ainda”) e continuativos (“sempre”) não são compatíveis com sentenças

imperativas. Em contrapartida, os AdvPs tardivos (“finalmente”), repetitivos (i) (“novamente”, “de novo”), volitivos (“com gosto”), aceleravitos (“rapidamente”) e terminativos (“não mais”) são compatíveis com sentenças imperativas. É importante apontar que, face à evidente homofonia no sistema morfológico do PB entre a forma subjuntiva (“que ele/você explique”) e a forma imperativa (“explique”), foram desconsideradas sentenças aparentemente aceitáveis com a interpretação apenas de morfologia subjuntiva, conforme se observa em “Frequentemente explique o que ocorreu”. Ao se tomar tal teste como indicativo do comportamento sintático dos AdvPs na HU, constata-se que, enquanto os advérbios incompatíveis com sentenças imperativas se comportam como o que se espera dos altos, os advérbios compatíveis com tal estrutura se comporta como o que se espera dos baixos. Abaixo, podem ser encontrados os resultados da aplicação a advérbios mediais do Teste de Focalização com AdvP em clivadas interrogativas, identificado, nesta seção, como Teste 10:

Quadro 32 – **Aplicação do Teste de Focalização com AdvP mediais em clivadas interrogativas**

AdvPs	**Teste de Focalização com AdvP em clivadas interrogativas**
Normalmente, geralmente, habitualmente, costumeiramente e regularmente	a. *Foi/ Era normalmente que André encontrou/ encontrava a resposta? b. *Foi/ Era geralmente que André encontrou/ encontrava a resposta? c. *Foi/ Era habitualmente que André encontrou/ encontrava a resposta? d. *Foi/ Era costumeiramente que André encontrou/ encontrava a resposta? e. *Foi/ Era regularmente que André encontrou/ encontrava a resposta?
Finalmente	a. Foi/ Era finalmente que André encontrou/ encontrava a resposta?
Tendencialmente	a. *Foi/ Era tendencialmente que André encontrou/ encontrava a resposta?
Novamente, de novo	a. Foi/ Era novamente que André encontrou/ encontrava a resposta? b. Foi/ Era de novo que André encontrou/ encontrava a resposta?
Frequentemente	a. *Foi/ Era frequentemente que André encontrou/ encontrava a resposta?
Com gosto	a. Foi/ Era com gosto que André encontrou/ encontrava a resposta?
Rapidamente	a. Foi/ Era rapidamente que André encontrou/ encontrava a resposta?
Já	a. *Foi/ Era já que André encontrou/ encontrava a resposta?

Não mais	a. *Foi/ Era não mais que André encontrou/ encontrava a resposta?
Ainda	a. *Foi/ Era ainda que André encontrou/ encontrava a resposta?
Sempre	a. Foi/ Era sempre que André encontrou/ encontrava a resposta?

Fonte: elaboração própria

Em relação aos resultados obtidos no Teste 10, constata-se que, em clivadas interrogativas, os advérbios habituais, predisposicionais, frequentativos (i), anteriores, terminativos e continuativos não podem figurar como lacuna que antecede a partícula de foco "que". Em contrapartida, os tardivos, repetitivos (i), volitivos, aceleratívos (i) e contínuos podem figurar como lacuna neste contexto. Aponta-se, entretanto, que, quando desencadeia leitura de modo/maneira, o "normalmente" pode figurar como lacuna. Levando em consideração apenas este teste como diagnose para altura de advérbios, poder-se-ia argumentar que, enquanto os que não são licenciados a figurar em tal estrutura se comportam como "altos", os que são licenciados a figurar nesta estrutura comportam-se como "baixos". Encontram-se a seguir os resultados do Teste do Particípio, identificado como Teste 11:

Quadro 33 – **Aplicação do Teste do Particípio a AdvPs mediais**

AdvPs	**Teste do Particípio**	
	AdvP > Particípio	**Particípio > AdvP**
Normalmente, geralmente, habitualmente, costumeiramente e regularmente	a. ?Ele tinha normalmente **encontrado** as chaves. b. ?Ele tinha geralmente **encontrado** as chaves. c. ?Ele tinha habitualmente **encontrado** as chaves. d. ?Ele tinha costumeiramente **encontrado** as chaves. e. ?Ele tinha geralmente **encontrado** as chaves.	a. *Ele tinha **encontrado** normalmente as chaves. b. *Ele tinha **encontrado** geralmente as chaves. c. *Ele tinha **encontrado** habitualmente as chaves. d. *Ele tinha **encontrado** costumeiramente as chaves. e. *Ele tinha **encontrado** regularmente as chaves.
Finalmente	a. Ele tinha finalmente **encontrado** as chaves.	a. Ele tinha **encontrado** finalmente as chaves.
Tendencialmente	a. Ele tinha tendencialmente **encontrado** as chaves.	a. Ele tinha **encontrado** tendencialmente as chaves.
Novamente, de novo	a. Ele tinha novamente **encontrado** as chaves.	a. Ele tinha **encontrado** novamente as chaves.

	b. Ele tinha de novo **encontrado** as chaves.	b. Ele tinha **encontrado** de novo as chaves.
Frequentemente	a. Ele tinha frequentemente **encontrado** as chaves.	a. Ele tinha **encontrado** frequentemente as chaves.
Com gosto	a. Ele tinha com gosto **encontrado** as chaves.	a. Ele tinha **encontrado** com gosto as chaves.
Rapidamente	a. Ele tinha rapidamente **encontrado** as chaves.	a. Ele tinha **encontrado** rapidamente as chaves.
Já	a. *Ele tinha já **encontrado** as chaves.	a. *Ele tinha **encontrado** já as chaves.
Não mais	a. Ele (não) tinha mais **encontrado** as chaves.	a. Ele (não) tinha **encontrado** mais as chaves.
Ainda	a. Ele tinha ainda **encontrado** as chaves.	a. Ele tinha **encontrado** ainda as chaves.
Sempre	a. Ele tinha sempre **encontrado** as chaves.	a. Ele tinha **encontrado** sempre as chaves.

Fonte: elaboração própria

Em relação aos resultados do Teste 11, constata-se que, excetuando-se os AdvPs habituais e os anteriores, o particípio passado ativo "encontrado" pode anteceder ou seguir os advérbios mediais sob análise em PB. Seguindo a argumentação de Tescari Neto (2013, p. 282), ocorrências agramaticais como "*Ele tinha já encontrado as chaves" sugerem que o auxiliar "tinha" seja inicialmente inserido na posição de núcleo de TAnteriorP. De acordo com Tescari Neto (2013), licencia-se, ainda, que o advérbio "já" possa ser movido junto com a projeção que contém o auxiliar, por meio do parâmetro de movimento *pictures-of-whom* (cf. Cinque, 2005). Dessa forma, ocorrências como "*Ele tinha encontrado já as chaves" são explicadas à luz do entendimento de que, neste caso, não houve *pied-piping* do "já". Ainda, assumindo a proposta de Garzônio e Poletto (2011) *apud* Tescari Neto (2013), ocorrências como essas podem ser explicadas ou como consequência do movimento do verbo ou como consequência da (não) checagem de traços na periferia esquerda.

À luz dos resultados apresentados, encontram-se evidências a favor de uma análise de que o particípio passado ativo em PB tem como limite o núcleo da projeção de $Asp_{Habitual}P$. Assumindo a proposta de Tescari Neto (2013; 2019) de que o particípio passado ativo, em PB, se move obrigatoriamente até, pelo menos, AspPlCompletivoP e os resultados do Teste 11, observa-se que o particípio passado ativo em PB pode opcionalmente se mover pelas projeções dominadas por $Asp_{Habitual}P$ e que dominam AspPlCompletivoP. Abaixo podem ser encontrados os resultados do Teste de Interrogativas Wh, identificado, nesta seção, como Teste 12:

Quadro 34 – **Aplicação do Teste de Interrogativas Wh a AdvPs mediais**

AdvPs	**Teste de Interrogativas Wh**
Normalmente, geralmente, habitualmente, costumeiramente e regularmente	a. Quão normalmente Vitor falou/ falava com o João? b. Quão geralmente Vitor falou/ falava com o João? c. Quão habitualmente Vitor falou/ falava com o João? d. Quão costumeiramente Vitor falou/ falava com o João? e. Quão regularmente Vitor falou/ falava com o João?
Finalmente	a. *Quão finalmente Vitor falou/ falava com o João?
Tendencialmente	a. *Quão tendencialmente Vitor falou/ falava com o João?
Novamente, de novo	a. *Quão novamente Vitor falou/ falava com o João? b. *Quão de novo Vitor falou/ falava com o João?
Frequentemente	a. Quão frequentemente Vitor falou/ falava com o João?
Com gosto	a. *Quão com gosto Vitor falou/ falava com o João?
Rapidamente	a. Quão rapidamente Vitor falou/ falava com o João?
Já	a. *Quão já Vitor falou/ falava com o João?
Não mais	a. *Quão não mais Vitor falou/ falava com o João?
Ainda	a. *Quão ainda Vitor falou/ falava com o João?
Sempre	a. *Quão sempre Vitor falou/ falava com o João?

Fonte: elaboração própria

A partir dos resultados do referido teste, identifica-se que apenas os AdvPs habituais, frequentativos (i) e aceleratívos (i) sob análise podem sofrer *pied-piping* do sintagma Wh "Quão". Os AdvPs mediais remanescentes são resistentes a tal tipo de operação. Interpreta-se que o licenciamento dos habituais, dos frequentativos (i) e dos aceleratívos (i) seja uma consequência das seguintes considerações: 1) tais advérbios são naturalmente compatíveis com grau, o que pode ser observado pela aceitabilidade de sua ocorrência em outras estruturas gradativas, como "muito normalmente/ geralmente/ habitualmente/ costumeiramente/ regularmente", "muito frequentemente" e "muito rapidamente", 2) o operador Wh "Quão" carrega consigo um traço de graduação que, ao tomar sob seu escopo um AdvP adjacente, atribui-lhe uma leitura de escalas, haja vista a possibilidade de se responder a interrogativas como "Quão normalmente Vitor falou/falava com o João?", "Quão frequentemente Vitor falou/falava com o João?" e "Quão rapidamente Vitor falou/falava com o João?" apenas com o operador de grau "muito" ou "pouco", 3) em Heck (2008), propõe-se que a operação de movimento por *pied-piping* pode ser compreendida como um produto de uma concordância de traços entre o elemento atrator, no caso sob análise "Quão" ([+Q, +Grau]), e o elemento atraído, no caso sob análise os AdvPs graduáveis. A partir dessas considerações, entende-se que, pelo fato de "Quão" ser especificado para um traço de graduação e de os AdvPs habituais, frequentativos e aceleratívos serem graduáveis, é licenciada tal operação de movimento por

pied-piping. Abaixo, podem ser observados os resultados do Teste de Elipse Verbal, identificado, nesta seção, como Teste 13:

Quadro 35 – **Aplicação do Teste de Elipse Verbal a AdvPs mediais**

AdvPs	**Teste de Elipse Verbal**
Normalmente, geralmente, habitualmente, costumeiramente e regularmente	a. Lucas normalmente comprou/ comprava uma casa e Guilherme também *ADVÉRBIO. b. Lucas geralmente comprou/ comprava uma casa e Guilherme também *ADVÉRBIO. c. Lucas habitualmente comprou/ comprava uma casa e Guilherme também *ADVÉRBIO. d. Lucas costumeiramente comprou/ comprava uma casa e Guilherme também *ADVÉRBIO. e. Lucas regularmente comprou/ comprava uma casa e Guilherme também *ADVÉRBIO.
Finalmente	a. Lucas finalmente comprou/c omprava uma casa e Guilherme também *ADVÉRBIO.
Tendencialmente	a. Lucas tendencialmente comprou/ comprava uma casa e Guilherme também *ADVERBIO.
Novamente, de novo	a. Lucas novamente comprou/ comprava uma casa e Guilherme também *ADVÉRBIO. b. Lucas de novo comprou/ comprava uma casa e Guilherme também *ADVÉRBIO.
Frequentemente	a. Lucas frequentemente comprou/ comprava uma casa e Guilherme também *ADVÉRBIO.
Com gosto	a. Lucas com gosto comprou/ comprava uma casa e Guilherme também *ADVÉRBIO
Rapidamente	a. Lucas rapidamente comprou/ comprava uma casa e Guilherme também *ADVÉRBIO.
Já	a. Lucas já comprou uma casa e Guilherme também ADVÉRBIO
Não mais	a. Lucas não mais comprou/ comprava uma casa e Guilherme também ADVÉRBIO.
Ainda	a. Lucas ainda comprou/ comprava uma casa e Guilherme também ADVÉRBIO.
Sempre	a. Lucas sempre comprou/ comprava uma casa e Guilherme também ADVÉRBIO.

Fonte: elaboração própria

Em se tratando dos resultados do Teste 13, observa-se que os AdvPs habituais, tardivos, predisposicionais, repetitivos (i), frequentativos, volitivos e aceleratívos são resistentes à retomada por meio de uma estratégia de elipse verbal, sendo compatíveis apenas como uma

leitura de objeto nulo. Dessa forma, em uma sentença como “Lucas tendencialmente comprou/comprava uma casa e Guilherme também”, há a possibilidade de leitura de objeto nulo, em que “Guilherme também comprou uma coisa”, embora não haja a possibilidade de leitura de retomada elíptica do AdvP. Em comparação, os advérbios anteriores, terminativos, continuativos e contínuos podem ser retomados para uma leitura de elipse verbal. Neste contexto, em uma sentença como “Lucas sempre comprou/comprava uma casa e Guilherme também”, há tanto a possibilidade de leitura de objeto nulo (“Lucas sempre comprava uma casa e Guilherme também comprava uma casa”), quanto a possibilidade de leitura de AdvP nulo (“Lucas sempre comprava uma casa e Guilherme também sempre comprava uma casa”).

Nota-se, a partir dos resultados apontados, que a zona em que há ambiguidade na construção da leitura de objeto nulo e de retomada do AdvP corresponde à zona de movimento do verbo do PB. Sabe-se, desde Tescari Neto (2013; 2019), que, em PB, o verbo pode se mover, no máximo, até o núcleo de $T_{Anterior}P$. Interpreta-se, assim, que a possibilidade de leitura de retomada do AdvP seja uma consequência desta restrição.

Antes de estabelecer a comparação entre os resultados dos diagnósticos, convém recordar a natureza de cada teste. Foram realizados, assim, os seguintes testes:i) Teste da Mobilidade (AdvPs altos possuem mobilidade na sentença), ii) Teste de Perguntas Polares (AdvPs altos servem de resposta para perguntas polares), iii) Teste de Focalização antecedendo “é que” (AdvPs altos não podem ser focalizados em construções com “é que”), iv) Teste de Focalização Negativa antecedendo “senão” (AdvPs altos não podem ser focalizados em construções negativas com “senão” ou “exceto”), v) Teste de Focalização do AdvP em sentenças clivadas (AdvPs altos não podem ocorrer como foco de uma sentença clivada), vi) Teste de Negação (AdvPs altos não podem ser negados), vii) Teste de Coordenação (AdvPs altos não podem ser usados em algumas construções coordenadas), viii) Teste de Perguntas Abertas (AdvPs altos não podem ser usados como resposta a perguntas iniciadas por “onde”, “como” e “quando”), ix) Teste de Sentenças Imperativas (AdvPs altos não são

compatíveis com sentenças imperativas), x) Teste de Focalização do AdvP em clivadas interrogativas (AdvPs altos não podem figurar como foco de uma pergunta), xi) Teste do Particípio (AdvPs altos não podem estar à direita de particípios ativos), xii) Teste de Interrogativas Wh (AdvPs altos não podem ser carregados com o constituinte Wh em interrogativas Wh) e xiii) Teste de Elipse Verbal (AdvPs altos não podem ser recuperados em contextos de elipse verbal). Dessa forma, no quadro 36 a seguir, os AdvPs mediais marcados com "✓" se referem aos advérbios que se comportam sintaticamente como altos, de acordo com a literatura, ao passo que os AdvPs mediais marcados com "*" se referem aos advérbios que se comportam sintaticamente como baixos, de acordo com a literatura.

Quadro 36 – **Resumo da aplicação dos testes a AdvPs mediais**

AdvPs	**T1**	**T2**	**T3**	**T4**	**T5**	**T6**	**T7**	**T8**	**T9**	**T 10**	**T 11**	**T 12**	**T 13**
Normalmente, geralmente, habitualmente, costumeiramente e regularmente	✓	✓	✓ *	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	*	✓
Finalmente	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	*	✓	*	✓	✓
Tendencialmente	✓	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	*	✓	✓
Novamente, de novo	✓	*	✓	*	✓	✓	*	✓	*	*	*	✓	✓
Frequentemente	✓	✓	✓	✓	✓	✓	*	*	✓	✓	*	*	✓
Com gosto	*	✓	*	*	✓	✓	*	*	*	*	*	✓	✓
Rapidamente	✓	✓	✓	*	✓	✓	*	*	*	*	*	*	✓
Já	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	*	*	*
Não mais	✓	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓	*	✓	*	✓	*
Ainda	✓	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	*	*	✓	*
Sempre	✓	✓	✓	✓	✓	*	✓	*	✓	✓	*	✓	*

Fonte: elaboração própria

Conforme se pode observar na sistematização do quadro acima, há uma clara diferença, em termos de comportamento sintático, entre os AdvPs mediais. Enquanto os advérbios habituais, tardivos e predisposicionais se comportam mais categoricamente como altos, haja vista a aprovação em, respectivamente 12, 11 e 11 testes, os advérbios repetitivos, frequentativos, volitivos, aceleratívos, anteriores, terminativos, continuativos e contínuos não se comportam de forma tão prototípica como altos. Alguns deles, como o "com gosto" e "rapidamente, paracem se comportar mais propriamente como baixos, por conta do seu nível de aprovação nos testes considerados. Em face da diferença sintática entre os AdvPs analisados, é possível conjecturar uma diferença na zona medial do *Middlefield*, de forma que, enquanto os habituais, tardivos e predisposicionais integram a zona medial alta, os repetitivos, frequentativos, volitivos, aceleratívos, anteriores, terminativos, continuativos e contínuos integram a zona medial baixa, ao menos em PB. Aponta-se que, por meio dessa assunção, seria possível explicar o comportamento sintático distinto entre esses agrupamentos de advérbios.

Além dos testes supracitados, propuseram-se, no capítulo 4, os seguintes diagnósticos de adjacência direta: 1) de AdvPs baixos (AdvPs altos podem atuar como modificadores diretos de AdvPs baixos em contexto de resposta elíptica a perguntas polares) (cf. (215)), 2) de DPs focalizados (AdvPs altos podem atuar como modificadores diretos de DPs focalizados) (cf. (215) e (216)) e 3) de APs graduáveis (AdvPs altos podem atuar como modificadores diretos de APs graduáveis) (cf. (217)).

(215) A Ana saiu/ saía de casa?
Normalmente, geralmente, habitualmente, costumeiramente, regularmente/ ?Finalmente/ ?Tendencialmente/ *Novamente, *de novo/ *Frequentemente/ *Com gosto/ *Rapidamente/ *Já/ *Não mais/ *Ainda/ *Sempre frequentemente.

(216) Foi/ Era normalmente, geralmente, habitualmente, costumeiramente, regularmente/ finalmente/ tendencialmente/ novamente, de novo/ *frequentemente/ *com gosto/ *rapidamente/ *já/ *não mais/ *ainda/ *sempre a Ana que ganhou/ ganhava o prêmio.

(217) Normalmente, geralmente, habitualmente, costumeiramente, regularmente/ finalmente/ ?tendencialmente/ *novamente, *de novo/ *frequentemente/ *com gosto/ *rapidamente/ *já/ *não mais/ *ainda/ *sempre ela/ a Ana é que ganhou /ganhava o prêmio.

(218) Uma imagem normalmente, geralmente, habitualmente, costumeiramente, regularmente/ ?finalmente/ ?tendencialmente/ novamente, ?de novo/ frequentemente/ *com gosto/ *rapidamente/ *já/ não mais/ ainda/ sempre muito bela.

Em se tratando dos resultados do Teste de AdvPs mediais, observou-se que os advérbios habituais, tardivos e predisposicionais podem atuar como modificadores em adjacência direta de advérbios baixos em contexto de resposta elíptica a perguntas polares. Sobre o Teste de DPs focalizados, identifica-se que os habituais, tardivos, predisposicionais e repetitivos (i) igualmente também figuram como modificadores possíveis de DPs focalizados. Finalmente, no que concerne ao Teste de APs graduáveis, nota-se uma maior permissividade de figuração de AdvPs mediais como modificadores. Sendo assim, excetuando-se os advérbios volitivos, aceleravitos e anteriores, todos os outros advérbios podem figurar como modificadores de APs graduáveis.

Ajuntando-se os resultados dos testes propostos com os testes previstos na literatura (cf. Tescari Neto, 2022), assume-se que os AdvPs habituais, tardivos e predisposicionais, na maioria dos diagnósticos apresentados, comportam-se mais propriamente como advérbios altos do que como advérbios baixos. Sendo assim, conforme já mencionado, propõe-se que a zona medial do *Middlefield*, em PB, possa ser dividida em duas subpartes, a parte alta ((normalmente) $Asp_{Habitual}$ > (finalmente) $Asp_{Tardivo}$ > (tendencialmente) $Asp_{Predisposicional}$) e a parte baixa ((novamente) $Asp_{Repetitivo(I)}$ > (frequentemente) $Asp_{Frequentativo(I)}$ > (com gosto) $Mod_{Volitiva}$ > (rapidamente) $Asp_{Acelerativo(I)}$ > (já) $T_{Anterior}$ > (não ... mais) $Asp_{Terminativo}$ > (ainda) $Asp_{Continuativo}$ > (sempre) $Asp_{Contínuo}$). Tal proposição se sustenta a partir do comportamento sintático comum dos AdvPs da parte mais alta da zona medial, em oposição à relativa variabilidade comportamental dos AdvPs da parte mais baixa, conforme se observa nos testes considerados. Na próxima seção, são apresentadas e derivadas as leituras possíveis dos AdvPs mediais em contexto de diferentes linearizações.

5.3 AS LINEARIZAÇÕES E AS LEITURAS DE ADVÉRBIOS MEDIAIS DO PB

Nesta seção, serão examinadas as linearizações possíveis e as leituras engatilhadas por AdvPs tradicionalmente classificados como mediais no PB a partir de sentenças com predicadores verbais biargumentais temáticos e finitos. Para isso, serão considerados os seguintes contextos de linearização: (1) margem esquerda (Advérbio + Sujeito + Verbo + Objeto), (2) margem direita (Sujeito + Verbo + Objeto + Advérbio), (3) pré-verbal (Sujeito +

Advérbio + Verbo + Objeto) e (4) pós-verbal (Sujeito + Verbo + Advérbio + Objeto). Serão consideradas, neste teste, as linearizações nas quais os AdvPs sob análise podem figurar com ou sem modificação de traço. Justifica-se tal escolha metodológica pelo fato de que se objetiva, especificamente, investigar a inter-relação entre as linearizações possíveis e as leituras desencadeadas. Quando este for o caso, isto é, quando uma linearização é possível apenas com alteração do traço do AdvP, indica-se com um (?). Em relação a essas possíveis posições de linearização de advérbios mediais, com ou sem alternância de sentido, tem-se o disposto no Quadro 37 a seguir.

Quadro 37 – **Linearizações possíveis nas sentenças de AdvPs mediais no PB**

AdvPs	**Margem esquerda**	**Margem direita**	**Posição Pré-verbal**	**Posição Pós-verbal**
Normalmente, geralmente, habitualmente, costumeiramente, regularmente	**Normalmente/ Geralmente/ Habitualmente/ Costumeiramente/Regularmente** o João falou/falava a verdade.	?O João falou/falava a verdade **normalmente/ geralmente/ habitualmente/ costumeiramente /regularmente**.	O João **normalmente/ geralmente/ habitualmente/ costumeiramente /regularmente** falou/falava a verdade.	?O João falou/falava **normalmente/ geralmente/ habitualmente/ costumeiramente /regularmente** a verdade.
Finalmente	**Finalmente** o João falou/falava a verdade.	*O João falou/falava a verdade **finalmente**.	O João **finalmente** falou/falava a verdade.	*O João falou/falava **finalmente** a verdade.
Tendencialmente	**Tendencialmente** o João falou/falava a verdade.	?O João falou/falava a verdade **tendencialmente**.	O João **tendencialmente** falou/falava a verdade.	?O João falou/falava **tendencialmente** a verdade.
Novamente, de novo	**Novamente/ De novo** o João falou/falava a verdade.	?O João falou/falava a verdade **novamente/ de novo**.	O João **novamente/ de novo** falou/falava a verdade.	?O João falou/falava **novamente/ de novo** a verdade.
Frequentemente	**Frequentemente** o João falou/falava a verdade.	?O João falou/falava a verdade **frequentemente**.	O João **frequentemente** falou/falava a verdade.	?O João falou/falava **frequentemente** a verdade.
Com gosto	**Com gosto** o João falou/falava a verdade.	?O João falou/falava a verdade **com gosto**.	O João **com gosto** falou/falava a verdade.	?O João falou/falava **com gosto** a verdade.
Rapidamente	**Rapidamente** o João falou/falava a verdade.	?O João falou/falava a verdade **rapidamente**.	O João **rapidamente** falou/falava a verdade.	?O João falou/falava **rapidamente** a verdade.

Já	***Já** o João falou/falava a verdade.	*O João falou/falava a verdade **já**.	O João **já** falou/falava a verdade.	*O João falou/falava **já** verdade.
Não mais	***Não mais** o João falou/falava a verdade.	*O João falou/falava a verdade **não mais**.	O João **não mais** falou/falava a verdade.	O João falou/falava **não mais** a verdade.
Ainda	***Ainda** o João falou/falava a verdade.	O João falou/falava a verdade **ainda**.	O João **ainda** falou/falava a verdade.	O João falou/falava **ainda** a verdade.
Sempre	***Sempre** o João falou/falava a verdade.	O João falou/falava a verdade **sempre**.	O João **sempre** falou/falava a verdade.	o João falou/falava **sempre** a verdade.

Fonte: elaboração própria

Conforme apresentado, neste quadro, consideram-se tanto as linearizações em que os AdvPs veiculam seus traços *default*, isto é, previstos diretamente pela HU, como as que os AdvPs veiculam outros traços e, consequentemente, outras leituras. Nesse sentido, há diferenças observáveis entre os resultados do Quadro 23, referente ao Teste de Mobilidade em AdvPs sem alteração em seus traços, e os resultados do quadro acima, no qual se arrolam linearizações permitidas inclusive com mudança na leitura.

Em relação aos advérbios habituais, nota-se que, em posição de margem esquerda e pré-verbal, há leitura de habitualidade da eventualidade, isto é, há uma repetição mais ou menos ordenada desta (cf. Cinque, 1999). Não se pode cancelar tal traço tampouco se licencia a coorrência de advérbios habituais nesta posição, como se observa nas seguintes sentenças: a) "#Geralmente, o Paulo faz o jantar, mas ele não tem o hábito de fazer o jantar", b) "#O Paulo geralmente faz o jantar, mas ele não tem o hábito de fazer o jantar", c) "*Geralmente habitualmente o Paulo faz o jantar" e d) "*O Paulo geralmente habitualmente faz o jantar". Sustenta-se, assim, que, nas referidas linearizações, desencadeia-se a leitura de hábito, sem alteração no traço do advérbio.

No que concerne às posições de margem direita e pós-verbal, há a possibilidade de veiculação de leitura de modo ou maneira de uma eventualidade se desenrolar. Empregam-se dois critérios para diferenciar a leitura *default*[146] dos advérbios da leitura de modo, a saber: 1) a possibilidade de inserção da paráfrase "de modo X"/ "de maneira X", em que X é o adjetivo do qual se deriva o advérbio e 2) a coocorrência entre o advérbio com leitura *default* com o advérbio com leitura de modo, respeitando-se suas linearizações. Dessa forma, em relação ao

[146] Não se emprega aqui o termo *default* da forma com que Cinque (1999) o emprega, em oposição ao traço marcado. Emprega-se, neste caso, tal termo para se referir ao traço imediatamente previsto pela HU.

primeiro teste, têm-se as seguintes ocorrências: a) “O João falou/falava a verdade **de modo/maneira normal**”, b) “O João falou/falava **de modo/maneira normal** a verdade”, c) “O João falou/falava a verdade **de modo/maneira geral**”, d) “O João falou/falava **de modo/maneira geral** a verdade”, e) “O João falou/falava a verdade **de modo/maneira habitual**”, f) “O João falou/falava **de modo/maneira habitual** a verdade”, g) “O João falou/falava a verdade **de modo/maneira costumeira**”, h) “O João falou/falava **de modo/maneira costumeira** a verdade”, i) “O João falou/falava a verdade **de modo/maneira regular**” e j) “O João falou/falava **de modo/maneira regular** a verdade”. Perceba que, em todos os casos analisados, é possível substituir os AdvPs considerados pela expressão de modo “de modo/maneira X”, sem modificação em sua leitura.

É necessário, porém, apresentar um segundo argumento, já que se poderia questionar a validade e restritividade do referido primeiro argumento para as linearizações consideradas. Não só é possível, em posição de margem direita e pós-verbal, cambiar o AdvP pela expressão de modo “de modo/maneira X”, como também é possível fazer o AdvP verdadeiramente habitual (em posição pré-verbal) coocorrer com tal expressão de modo ou, até mesmo, com um AdvP homônimo de modo, em posição pós-verbal e de margem direita, embora marginalmente. Dessa forma. apresentam-se as seguintes ocorrências: a) “O João (**normalmente**) falou/falava a verdade **de maneira normal/normalmente**”, b) “O João (**normalmente**) falou/falava **de maneira normal/normalmente** a verdade”, c) “O João (**geralmente**) falou/falava a verdade **de maneira geral/geralmente**”, d) “O João (**geralmente**) falou/falava **de maneira geral/geralmente** a verdade”, e) “O João (**habitualmente**) falou/falava a verdade **de maneira habitual/habitualmente**”, f) “O João (**habitualmente**) falou/falava **de maneira habitual/habitualmente** a verdade”, g) “O João (**costumeiramente**) falou/falava a verdade **de maneira costumeira/costumeiramente**”, h) “O João (**costumeiramente**) falou/falava **de maneira costumeira/costumeiramente** a verdade”, i) “O João (**regularmente**) falou/falava a verdade **de maneira regular/regularmente**” e j) “O João (**regularmente**) falou/falava **de maneira regular/regularmente** a verdade”. Por meio dos resultados de ambos os testes, sustenta-se, com relativa segurança, a diferença entre a leitura de modo e a leitura de traço *default*.

No que respeita aos tardivos, aponta-se que “finalmente” pode figurar em posição de margem esquerda e em posição pré-verbal, ao veicular o seu traço *default* tardivo. Em outras posições, sua possibilidade de linearização parece ser garantida em contexto de marcação entonacional e/ou pausa. Ratifica-se, assim, que não parece ser o caso de haver uma leitura de modo especial para a posição de margem direita e posição pós-verbal, haja vista a

inaceitabilidade da paráfrase “de modo/maneira final” e da coocorrência desta com “finalmente”: a) “*O João falava a verdade **de maneira/modo final**” e b) “*O João (**finalmente**) falava a verdade **de maneira final**/finalmente”.

Sobre os predisposicionais, identifica-se que “tendencialmente”, em posição de margem esquerda e pré-verbal, é compatível com uma leitura de predisposição, haja vista a impossibilidade de se cancelar tal traço e de haver coocorrência de outros AdvPs de valor predisposicional: a) “#Tendencialmente o João falou/falava a verdade, mas ele não tinha qualquer tendência a isso”, b) “#O João tendencialmente falou/falava a verdade, mas ele não tinha qualquer tendência isso”, c) “*Tendencialmente propensamente o João falou/falava a verdade” e d) “*O João tendencialmente propensamente falou/falava a verdade”.

Em posição de margem direita e pós-verbal, embora de maneira marginal, “tendencialmente” pode assumir uma leitura de modo. Conforme já mencionado, a partir dos critérios de inserção da paráfrase “de modo X”/ “de maneira X” e de coocorrência entre o advérbio com leitura *default* e o advérbio com leitura de modo, respeitando-se suas linearizações, sustenta-se tal análise. Em relação ao primeiro critério de inserção, têm-se as seguintes ocorrências: a) “O João falou/falava a verdade **de modo/maneira tendencial**” e b) “O João falou/falava **de modo/maneira tendencial** a verdade”. Em relação ao critério de coocorrências, observam-se as seguintes ocorrências: a) “O João (**tendencialmente**) falou/falava a verdade **de maneira tendencial/tendencialmente**”, b) “O João (**tendencialmente**) falou/falava **de maneira tendencial/tendencial** a verdade”.

Em se tratando dos repetitivos (i), aponta-se que “novamente” e “de novo”, em posição de margem esquerda e pré-verbal, quantificam sob o evento, ao passo que, em posição de margem direita e pós-verbal, quantificam sob o processo. Em posição de margem esquerda e pré-verbal, é impossível cancelar a repetição do evento, bem como não se licencia a coocorrência entre “novamente” e “de novo”: a) “#Novamente o João falou/falava a verdade, mas ele só falou a verdade uma vez”, b) “#O João novamente falou/falava a verdade, mas ele só falou a verdade uma vez”, c) “*Novamente de novo o João falou/falava a verdade” e d) “*O João novamente de novo falou/falava a verdade”. Observa-se, porém, que quando “novamente” e “de novo” figuram em posição de margem direita e pós-verbal é possível efetuar tais operações: a) “o João falou/falava a verdade novamente, mas é a primeira vez em que ele fala a verdade na sua vida”, b) “O João falou/falava novamente a verdade, mas é a primeira vez em que ele fala a verdade na sua vida”, c) “O João (novamente/de novo) falou/falava a verdade novamente/de novo” e d) “O João (novamente/de novo) falou/falava (novamente/de novo) a verdade”.

No que diz respeito aos frequentativos (i), semelhante observação se coloca: em posição de margem esquerda e pré-verbal, indicam a frequência do evento; em posição de margem direita e pós-verbal, indicam a frequência do processo[147]. Em posição de margem esquerda e pré-verbal, é impossível cancelar a frequência do evento, bem como não se licencia a coocorrência entre advérbios frequentativos: a) "#Frequentemente o João falou/falava a verdade, mas ele não constantemente/frequentemente/correntemente falava a verdade", b) "#O João frequentemente falou/falava a verdade, mas ele não frequentemente falava a verdade", c) "*Frequentemente constantemente o João falou/falava a verdade" e d) "*O João frequentemente constantemente falou/falava a verdade". Nota-se, contudo, que, quando "frequentemente" figura em posição de margem direita e pós-verbal, é possível efetuar tais operações: a) "o João falou/falava a verdade frequentemente, mas o evento de João falar a verdade não é frequente", b) "O João falou/falava frequentemente a verdade, mas o evento de João falar a verdade não é frequente", c) O João (frequentemente) falou/falava a verdade frequentemente" e d) "O João (frequentemente) falou/falava frequentemente a verdade".

Concernente aos volitivos, constata-se que "com gosto" pode figurar em posição de margem esquerda e pré-verbal sem alteração em seu traço de volição. Marginalmente, "com gosto" pode figurar em posição pós-verbal e de margem direita contribuindo para uma leitura de modo/maneira. Seguindo a argumentação apresentada até então, em posição de margem esquerda e pré-verbal, é impossível cancelar a volição do evento, bem como não se licencia a coocorrência entre advérbios/PPs adverbiais volitivos: a) "#Com gosto o João falou/falava a verdade, mas sem vontade ele falava a verdade", b) "#O João com gosto falou/falava a verdade, mas ele sem vontade falava a verdade", c) "*Com gosto de bom grado o João falou/falava a verdade" e d) "*O João com gosto de bom grado falou/falava a verdade". Em posição pós-verbal, "com gosto" parece assumir uma leitura de modo/maneira pela possibilidade de inserção da paráfrase "de modo X" e de coocorrência. Em relação ao primeiro critério, têm-se as

[147] Conforme sugerido em Tescari Neto (2025, c.p.), malgrado seja válida a diferenciação entre as leituras de evento e de processo a depender do traço checado e da linearização e da soldagem do advérbio "frequentemente", é questionável se, em posição pós-verbal e de margem direita, não seria possível uma leitura de "modo", como em "João comia (frequentemente) o bolo (frequentemente)". Ao se adotar a conjectura de que tal advérbio na referida posição pode ser substituído pela paráfrase "de modo/maneira frequente", têm-se, sem alterar o sentido, os seguintes exemplos: "João comia de modo/maneira frequente o bolo" e "João comia o bolo de modo/maneira frequente". Por esse primeiro teste, parece ser possível falar de uma leitura de modo do "frequentemente" em posição pós-verbal e de margem direita. Ao se adotar, contudo, o teste de coocorrência (cf. Jackendoff, 1972), os resultados são menos reveladores: 1) *João comia <u>frequentemente</u> o bolo <u>frequentemente</u>, 2) *João comia <u>de modo frequente</u> o bolo <u>de modo frequente</u> e 3) João frequentemente comia (frequentemente) o bolo (frequentemente). Ao se adotar, ainda, um teste de acarretamento, observa-se que, se é verdade que "João comia frequentemente o bolo", automaticamente é verdade que "João comia o bolo frequentemente". Sendo assim, fica em aberto a possibilidade de "frequentemente" também contribuir para uma leitura de modo. Tal leitura há de ser diferenciada em trabalhos futuros a partir de testes especializados para a verificar.

seguintes ocorrências: a) “O João falou/falava a verdade **de modo/maneira gostosa**” e b) “O João falou/falava **de modo/maneira gostosa** a verdade”. Em relação ao segundo critério, observam-se as seguintes ocorrências: a) “O João (**com gosto**) falou/falava a verdade **de maneira gostosa/com gosto**”, b) “O João (**com gosto**) falou/falava **de maneira gostosa/com gosto** a verdade”.

Referente aos aceleralivos (i), aponta-se que “rapidamente”, em posição de margem esquerda e pré-verbal, desencadeia leitura de aceleração do evento, ao passo que, em posição de margem direita e pós-verbal, engendra leitura de aceleração do processo. No espírito da argumentação proposta, em posição de margem esquerda e pré-verbal, é impossível cancelar a leitura de aceleração do evento, bem como não se licencia a coocorrência entre advérbios aceleralivos que têm escopo sobre o evento: a) “#Rapidamente o João falou/falava a verdade, mas demorava a começar a falar a verdade”, b) “#O João rapidamente falou/falava a verdade, mas ele vagarosamente falava a verdade”, c) “*Rapidamente vagarosamente o João falou/falava a verdade” e d) “*O João rapidamente vagarosamente falou/falava a verdade”.

Identifica-se, entretanto, que, quando “rapidamente” figura em posição de margem direita e pós-verbal, é possível efetuar tais operações: a) “o João falou/falava a verdade rapidamente, mas o início do evento de João falar a verdade não era rápido”, b) “O João falou/falava rapidamente a verdade, mas o início do evento de João falar a verdade não era rápido”, c) O João (rapidamente) falou/falava a verdade rapidamente” e d) “O João (rapidamente) falou/falava rapidamente a verdade”.

Quanto aos anteriores, “já” apenas pode figurar em posição pré-verbal em contexto de prosódia não marcada. Convém salientar que não se confunde o “já” em posição de margem direita e esquerda com o seu uso textual, arrolado em Castilho (2022). Quando veicula anterioridade, a posição pré-verbal é a *default* para o “já”, haja vista que tal AdvP integra uma projeção que é o limite de movimento permitido do verbo em PB (cf. Tescari Neto, 2019). Em posição pré-verbal, é impossível cancelar a anterioridade do evento: “#Pedro já foi a Paris, mas ele não foi a Paris antes de agora”. Em Nespoli (2018), aponta-se que um advérbio de mesma categoria do “já” seria o “ainda não”. Ao se adotar tal proposta, observa-se que é impossível a coocorrência entre esses dois AdvPs, a saber: “*Pedro já ainda não foi a Paris”.

No que tange aos terminativos, nota-se que “ainda não”, ao veicular leitura de terminação, figura restritivamente na posição pré-verbalTal aceitabilidade posicional é um subproduto do fato de que tal AdvP é especificador de uma projeção que integra a zona de movimento opcional do verbo no PB. Nessas posições, não é possível cancelar ou negar a terminação do evento: a) “João não mais falava a verdade, mas ele ainda continuava a falar a

verdade" e b) "João não falava mais a verdade, mas ele ainda continuava a falar a verdade". Também se observa que é impossível a coocorrência de AdvPs que supostamente veiculam o mesmo traço, como o "já não": "*João já não não mais falava a verdade".

Referente aos continuativos, nota-se que, quando figura em posição de margem direita, pré-verbal e pós-verbal, "ainda" desencadeia leitura de continuatividade. Além de não ser possível cancelar/negar tal traço, também não se licencia a coocorrência entre AdvPs continuativos. Sobre a impossibilidade de cancelar ou negar o traço de continuatividade, observam-se as seguintes ocorrências: a) "#O João ainda falou/falava a verdade, mas ele não falava mais a verdade", b) "#O João falou/falava ainda a verdade, mas ele não falava mais a verdade" e c) #O João falou/falava a verdade ainda, mas ele não falava mais a verdade". Sobre a impossibilidade de coocorrência de AdvPs continuativos, têm-se as seguintes ocorrências: a) "*O João ainda até agora falou/falava a verdade", b) "*O João falou/falava a verdade ainda até agora" e c) "*O João falou/falava ainda até agora a verdade"

Finalmente, no que concerne aos contínuos, constata-se que, quando figura em posição de margem direita, pré-verbal e pós-verbal, "sempre" desencadeia leitura de continuidade. À luz da argumentação considerada, não se pode cancelar a continuidade, tampouco pode haver coocorrência entre advérbios supostamente contínuos. Em relação à impossibilidade de cancelamento ou negação de tal traço, têm-se: a) "#O João sempre falou/falava a verdade, mas ele nunca falava a verdade", b) "#O João falou/falava sempre a verdade, mas ele nunca falava verdade" e c) "#O João falou/falava a verdade sempre, mas ele nunca falava a verdade". Em relação à impossibilidade de coocorrência de AdvPs continuativos, têm-se as seguintes ocorrências: a) "*O João constantemente sempre falou/falava a verdade", b) "*O João falou/falava a verdade constantemente sempre" e c) "*O João falou/falava continuamente sempre a verdade".

A partir dessa grande caracterização, apresenta-se a seguinte sistematização de leituras dos advérbios sob análise em cada uma das linearizações consideradas. Por meio de tal sistematização, não apenas é possível conjecturar a derivação sintática de cada uma dessas leituras, como também é possível investigar o local de *merge* externo de cada um dos AdvPs sob escrutínio.

Quadro 38 – **Leituras possíveis nas sentenças de AdvPs mediais em diferentes linearizações no PB**

AdvPs	**Margem esquerda**	**Margem direita**	**Posição Pré-verbal**	**Posição Pós-verbal**
Normalmente, geralmente, habitualmente, costumeiramente, regularmente.	Leitura de hábito	Leitura de modo	Leitura de hábito	Leitura de modo
Finalmente	Leitura de tardivo	*	Leitura de tardivo	*
Tendencialmente	Leitura de predisposição	Leitura de modo	Leitura de predisposição	Leitura de modo
Novamente, de novo	Leitura de repetição do evento	Leitura de repetição do processo	Leitura de repetição do evento	Leitura de repetição do processo
Frequentemente	Leitura de frequência do evento	Leitura de frequência do processo	Leitura de frequência do evento	Leitura de frequência do processo
Com gosto	Leitura de volição	Leitura de modo	Leitura de volição	Leitura de modo
Rapidamente	Leitura de aceleração do evento	Leitura de aceleração do processo	Leitura de aceleração do evento	Leitura de aceleração do processo
Já	*	*	Leitura de anterioridade	*
Não mais	*	*	Leitura de terminação	Leitura de terminação
Ainda	*	Leitura de continuatividade	Leitura de continuatividade	Leitura de continuatividade
Sempre	*	Leitura de continuação	Leitura de continuação	Leitura de continuação

Fonte: elaboração própria

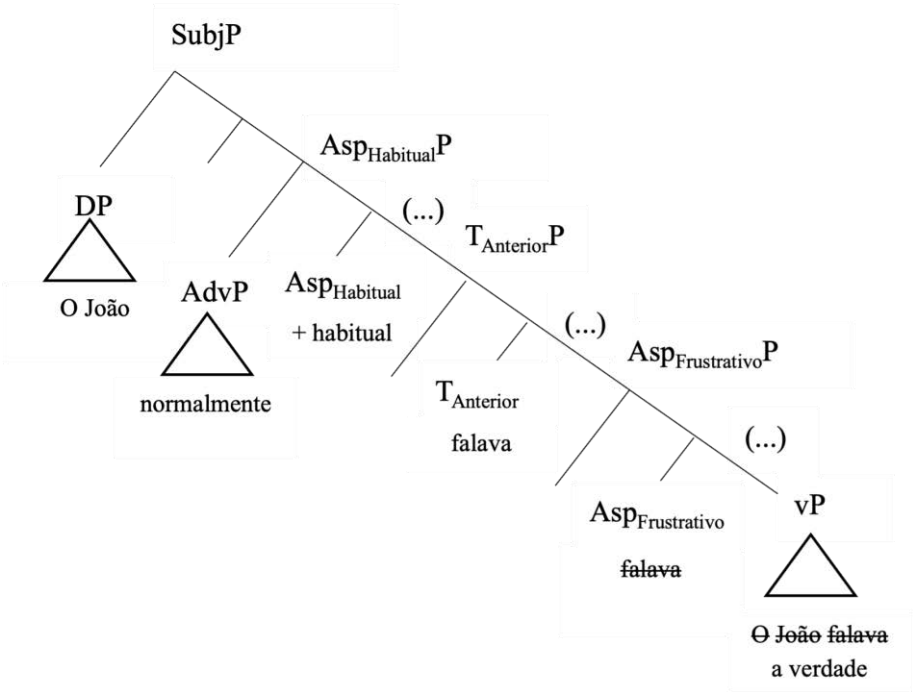
Frente a tal generalização, é necessário derivar as leituras possíveis em cada tipo de linearização. Semelhantemente ao que se argumenta em Kayne (1988), não se considera a existência de operações de movimento que derivam leituras na passagem para a Forma Lógica. O movimento é uma operação da *Narrow Syntax*. Dessa forma, para derivar essas leituras, não se faz uso de movimentos cobertos, haja vista que, para Kayne (1988), eles não existem.

Dessa forma, para derivar as leituras em análise em contextos em que o AdvP é linearizado em posição pré-verbal, assume-se a ausência de movimento do verbo por sobre o advérbio. Deriva-se a linearização pós-verbal por meio de movimento nuclear por sobre o AdvP. Deriva-se a linearização de margem esquerda por meio do alçamento do AdvP para a periferia esquerda. Finalmente, deriva-se a linearização de margem direita por meio de

movimento sintagmático do VP. Por imperativos de espaço, serão derivadas. nesta seção, essas quatro linearizações em contexto de emprego de um dos AdvPs sob análise. A derivação de cada uma das leituras sistematizadas no quadro anterior está disponível, entretanto, ao cabo desta tese, na seção APÊNDICE B.

Em uma sentença como "O João normalmente falava a verdade", o predicador verbal biargumental "falar" seleciona como argumento interno o DP tema "a verdade", que exerce função acusativa, e, como argumento externo, o DP agente "O João". Indica-se, neste sentença, que existe um evento de "falar", do qual "João" é agente e "a verdade" é tema que culminou em um intervalo (i) anterior ao presente e, durante este intervalo, repetiu-se de forma mais ou menos ordenada. Tal leitura de hábito pode ser derivado a partir dos seguintes passos: 1) alçamento de "falava" de V para o núcleo da projeção $Asp_{Frustrativo}P$, a fronteira de movimento obrigatório do verbo em PB (cf. Tescari Neto, 2019), respeitando a Restrição de Movimento do Núcleo (cf. Travis, 1984) (doravante RMN), formando [$Asp_{Frustrativo}P$ $falava_{(i)}$ [...[VP [DP João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]], 2) alçamento de "falava" de $Asp_{Frustrativo}$ ao núcleo de $T_{Anterior}P$, fronteira de movimento opcional do verbo em PB (cf. Tescari Neto, 2019), respeitando a RMN, formando [$T_{Anterior}P$ $falava_{(i)}$ [... [$AsP_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP o João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]], 3) soldagem do núcleo de $Asp_{Habitual}P$, em que se especifica o traço de habitualidade, e checagem de tal traço por ausência de movimento (cf. Cinque, 2005), ou simples soldagem, formando [$Asp_{Habitual}P$ [+ habitual] [$T_{Anterior}P$ $falava_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP o João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]], 4) soldagem do AdvP habitual "normalmente" na posição de especificador de $Asp_{Habitual}P$, estabelecendo uma concordância de traços com seu núcleo, formando [$Asp_{Habitual}P$ [AdvP normalmente] [+ habitual] [$T_{Anterior}P$ $falava_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP o João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]], 5) extração do sujeito em SubjP, para checagem de traço de sujeito oracional, formando [SubjP DP [o $João_{(k)}$] $Asp_{Habitual}P$ [AdvP normalmente] [+ habitual] [$T_{Anterior}P$ $falava_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP $t_{(k)}$] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]]]. A árvore sintática desta derivação pode ser observada abaixo:

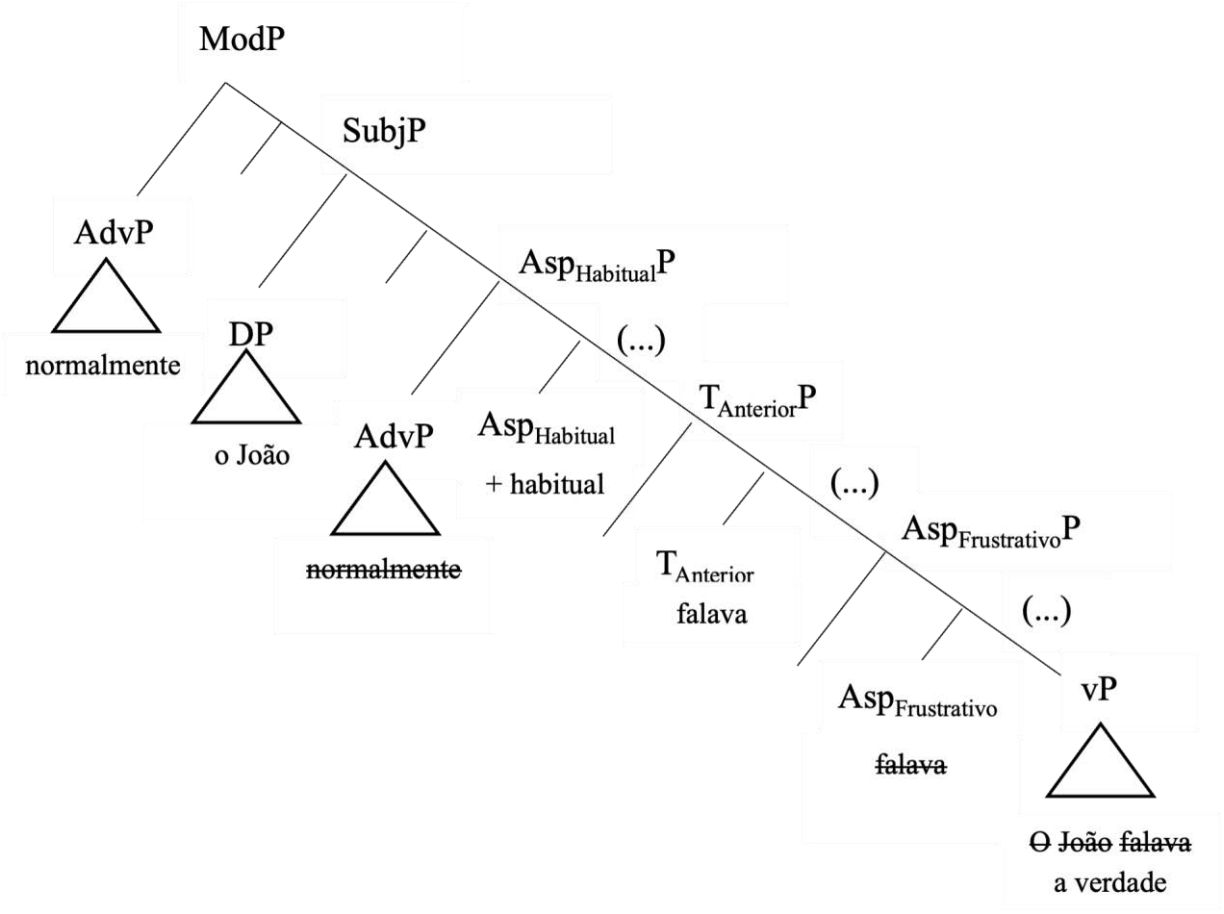
Figura 10 – **Derivação da leitura de hábito em "O João normalmente falava a verdade"**



Fonte: elaboração própria

Em uma sentença como “Normalmente, o João falava a verdade”, além dos passos detalhados no parágrafo anterior e na árvore sintática de “João geralmente falava a verdade”, há os seguintes procedimentos: 1) soldagem do núcleo de ModP (cf. Rizzi; Bocci, 2017), na periferia esquerda, 2) movimento do AdvP habitual “normalmente”, da posição de Spec, Asp$_{Habitual}$P a Spec, ModP, checando, criterialmente, o traço de modalização discursiva, formando [ModP [AdvP normalmente$_{(m)}$] [SubjP DP [o João$_{(k)}$] Asp$_{Habitual}$P [t$_{(m)}$] [+ habitual] [T$_{Anterior}$P falava$_{(i)}$ [... [Asp$_{Frustrativo}$P t$_{(i)}$ [...[VP [DP t$_{(k)}$] t$_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]]]]]. A árvore sintática desta derivação pode ser observada abaixo:

Figura 11 – **Derivação da leitura de hábito em “Normalmente o João falava a verdade”**



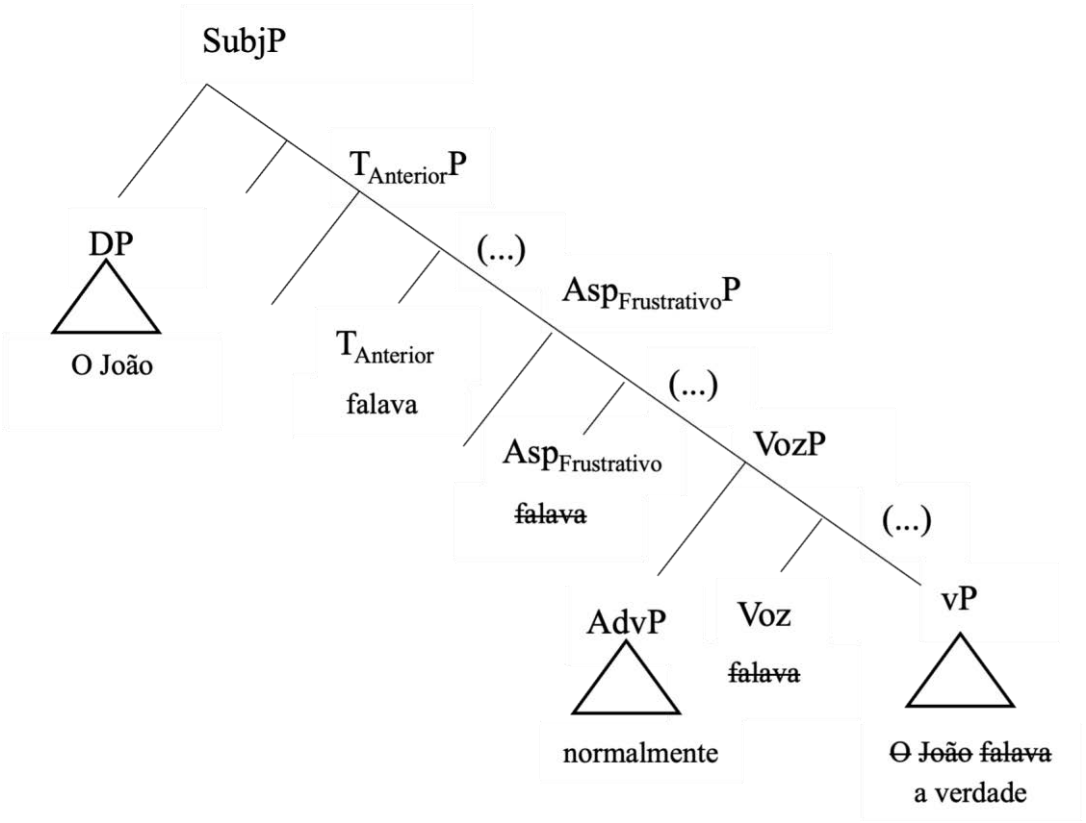
Fonte: elaboração própria

Para derivar a leitura de modo desencadeada por "normalmente" em uma sentença como "O João falava normalmente a verdade", há os seguintes passos: 1) soldagem do núcleo de VozP, em que se especifica o traço de modificação, 2) alçamento de "falava" de V para o núcleo da projeção VozP para checar tal traço de modificação, 3) soldagem do advérbio "normalmente" em posição de Spec, VozP, formando [VozP [AdvP normalmente] falava (i) [...[VP [DP João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]], 4) alçamento de "falava" de Voz para o núcleo da projeção Asp$_{Frustrativo}$P, a fronteira de movimento obrigatório do verbo em PB[148] (cf. Tescari Neto, 2019; 2022; 2025), respeitando a RMN (cf. Travis, 1984), formando [Asp$_{Frustrativo}$P falava$_{(i)}$ [...[VozP [AdvP normalmente] $t_{(i)}$ [...[VP [DP João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]], 5) alçamento de "falava" de Asp$_{Frustrativo}$ ao núcleo de T$_{Anterior}$P, fronteira de movimento opcional do verbo em PB (cf. Tescari Neto, 2019), respeitando a RMN, formando [T$_{Anterior}$P falava$_{(i)}$ [Asp$_{Frustrativo}$P $t_{(i)}$ [...[VozP [AdvP normalmente] $t_{(i)}$ [...[VP [DP João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]], 6) extração do sujeito em SubjP, para checagem de traço de sujeito oracional, formando [SubjP

[148] Conforme mencionado, adota-se a proposta descrita em Tescari Neto (2019; 2022; 2025) de que o verbo temático finito se move obrigatoriamente até a esquerda de "em vão", especificador de Asp$_{Frustrativo}$P.

DP [o João$_{(k)}$] [T$_{Anterior}$P falava$_{(i)}$ [Asp$_{Frustrativo}$P t$_{(i)}$ [...[VozP [AdvP normalmente] t$_{(i)}$ [...[VP [DP João] t$_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]. A árvore sintática desta derivação pode ser observada abaixo:

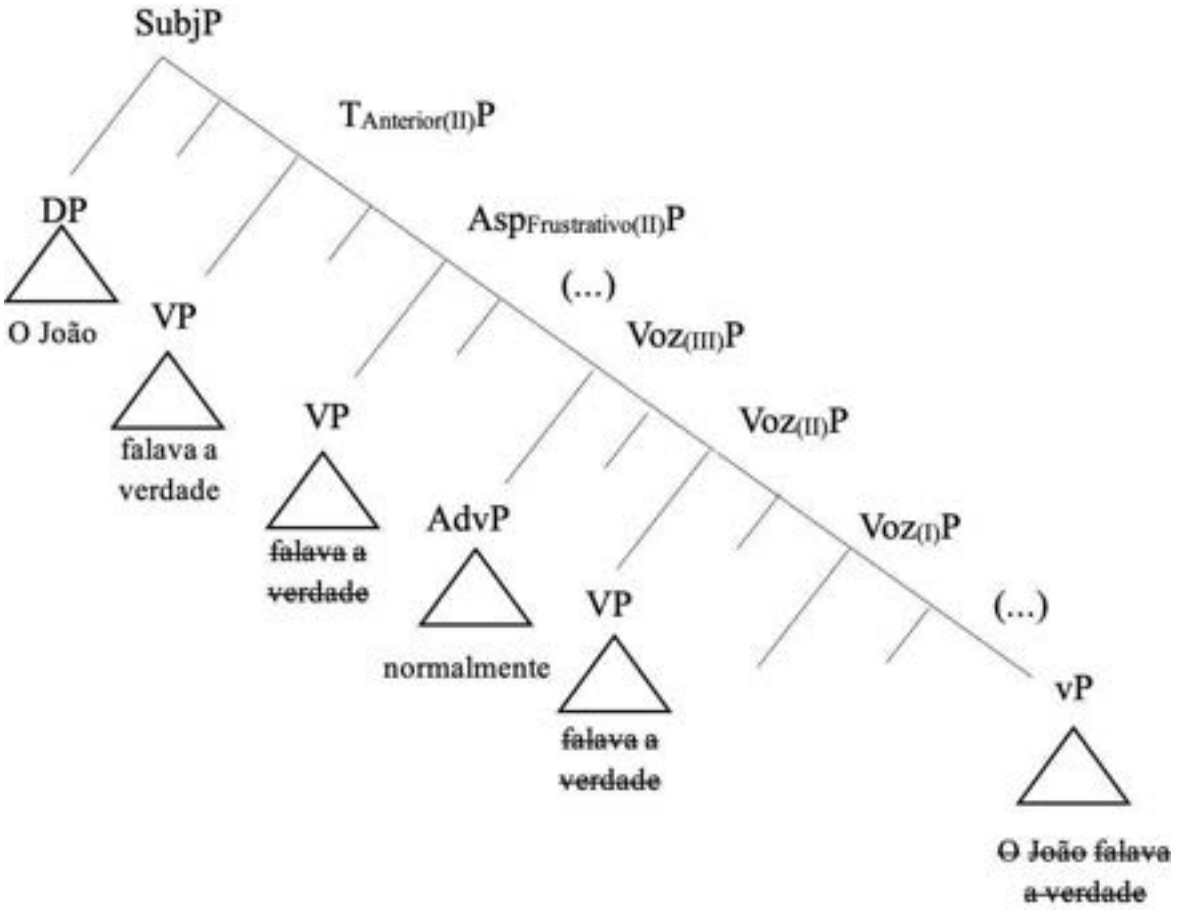
Figura 12 – **Derivação da leitura de modo em "O João falava normalmente a verdade"**



Fonte: elaboração própria

Em se tratando da derivação da leitura de modo desencadeada por "normalmente" em uma sentença como "O João falava a verdade normalmente", propõe-se a soldagem do núcleo de VozP e de três projeções a ele relacionadas (cf. Cinque, 2017), de forma a se ter "Voz$_{(III)}$P (AdvP normalmente) > Voz$_{(II)}$ (*pied-piping* do objeto) > Voz$_{(I)}$P (pouso do verbo)". Haveria, assim, movimento do complexo ("falava a verdade") para a posição de especificador da projeção II de VozP, em que se alocam verbos que efetuaram *pied-piping* do objeto. Em seguida, o complexo "falava a verdade" é alçado pelo especificador das projeções (II) até a fronteira de movimento opcional do PB, T$_{Anterior}$P. Por fim, extrai-se o sujeito em Spec, SubjP. Dessa forma, forma-se a seguinte derivação [SubjP DP [o João$_{(k)}$] [T$_{Anterior(ii)}$P falava a verdade$_{(i)}$ [...[Voz(III)P [AdvP normalmente] [Voz(II)P t$_{(i)}$ [...[VP [DP t$_{(k)}$] t$_{(i)}$ [vP [DP]]]]]. A árvore sintática desta derivação pode ser observada abaixo:

Figura 13 – **Derivação da leitura de modo em "O João falava a verdade normalmente"**



Fonte: elaboração própria

Em suma, nesta seção, observa-se que, para derivar as distintas linearizações e leituras possíveis de AdvPs mediais, podem ser empregados os seguintes parâmetros de movimento, previstos em Cinque (2005): 1) ausência de movimento, 2) movimento simples, 3) movimento com *pied-piping*. Nota-se que o parâmetro de ausência de movimento parece ser acessado para checagem de traços funcionais alocados em projeções hierarquicamente mais altas do que a fronteira de movimento do verbo em PB, TAnteriorP. Em contrapartida, há possibilidade de acessar o parâmetro de movimento simples para checagem de traços funcionais alocados em projeções "ensanduichadas" por TAnteriorP e AspFrustrativoP, fronteira de movimento obrigatório. Para a derivação de linearizações com AdvPs em posição de margem direita, quando estas são possíveis, há movimento com *pied-piping* do predicador verbal e do argumento interno.

Encontram-se, dessa forma, evidências de que os referidos parâmetros de movimento estão disponíveis e atuantes no PB. Para além disso, argumenta-se que: 1) se os parâmetros de

movimento apontados em Cinque (2005) são primitivos sintáticos, isto é, incluem a *Narrow Syntax* e 2) se esses parâmetros são capazes de prever as linearizações e leituras dos AdvPs sob análise, então 3) as linearizações e leituras dos AdvPs sob análise podem ser previstas por princípios exclusivamente sintáticos, da *Narrow Syntax*. Em outras palavras, a partir deste silogismo, encontram-se evidências para assumir que não só linearização é determinada pela sintaxe, como também as leituras possíveis dos AdvPs sob análise. Na próxima seção, serão apresentados e avaliados novos candidatos a advérbios mediais do PB.

5.4 CANDIDATOS A ADVÉRBIOS MEDIAIS DO PB

Nesta seção, serão analisados candidatos a AdvPs mediais no PB. Intencionando avaliar a plausibilidade da referida classificação, serão aplicados os testes sintáticos apresentados até agora a pelo menos um candidato de cada categoria de AdvP medial relacionada a projeções do *Middlefield*. O critério empregado inicialmente para apontar esses candidatos é a relação semântica com os traços que nucleiam projeções mediais do *Middlefield*.

Em relação à categoria de AdvPs habituais, um candidato possível seria o advérbio "comumente". A justificativa para a escolha de tal advérbio se afirma nos seguintes argumentos: 1) "comumente" não pode coocorrer com o advérbio habitual "geralmente" com a mesma leitura ("*O João comumente geralmente comia o bolo"), 2) "geralmente" pode ser substituído sem alterações semânticas por "comumente" ("O João geralmente comia o bolo" = "O João comumente comia o bolo") e 3) há uma relação de acarretamento biunívoco entre "O João geralmente comia o bolo" e "O João comumente comia o bolo". Sendo assim, se é verdadeira a proposição de que "O João geralmente comia o bolo" automaticamente é verdadeira a proposição de que "O João comumente comia o bolo". Além disso, perceba que é impossível cancelar o traço de habitualidade, por uma coordenada negativa, em "O João comumente comia o bolo": "#O João comumente comia o bolo, mas ele não tinha esse hábito". Afirma-se, assim, com relativa segurança, que tal advérbio é semanticamente compatível com "geralmente". Resta saber, contudo, se ele se comporta sintaticamente de forma similar. Para tanto, usar-se-ão como instrumento de avaliação os testes descritos até agora neste trabalho, aplicando-os a "comumente".

(219) (Comumente) a moça (comumente) perdia (*comumente) seu brinco (*comumente).

(220) A moça (comumente) perdia seu brinco?

Resposta: ?Comumente.

(221) *Comumente é que a moça perdia seu brinco.

(222) *A moça não perdia seu brinco senão comumente.

(223) *Era comumente que a moça perdia seu brinco.

(224) *Não comumente a moça perdia seu brinco.

(225) *A moça perdia seu brinco e comumente.

(226) Onde/ quando/ por que a moça perdia seu brinco?

Resposta: *Comumente.

(227) *Comumente perca seu brinco!

(228) *Era comumente que a moça perdia seu brinco?

(229) ?A moça tinha comumente perdido seu brinco.

(229') *A moça tinha perdido comumente seu brinco.

(230) Quão comumente a moça se perdia?

(231) A moça comumente encontrava o João e o rapaz também (*comumente encontrava o João).

Ao se compararem os resultados de tais testes referentes à aceitabilidade do "comumente" com os testes aplicados ao "geralmente" (vide seção 5.2), observa-se a similaridade quanto ao comportamento sintático desses. Dessa forma, para além de serem compatíveis semanticamente, sintaticamente também o são. Em face de tal questão, propõe-se que "comumente" seja um advérbio inserido na posição de *Spec*, $Asp_{Habitual}P$, uma vez que, ao ser especificado lexicalmente para o traço de habitualidade, tal advérbio concorda com o referido traço alocado no núcleo dessa projeção.

Uma questão interessante acerca da aceitabilidade de "comumente" é a possibilidade de uma leitura marginal de modo, especialmente em contexto de linearização pós-verbal e de margem direita: "O João comeu comumente o bolo", "O João comeu o bolo comumente". No âmbito desta leitura marginal, interpreta-se que o evento de "comer o bolo" ocorreu de maneira ou forma comum em comparação a um referencial implícito, por exemplo "O João comeu o bolo comumente (da mesma forma que se comia naquele lugar)". Além disso, a possibilidade de tal leitura marginal parece se afirmar em face do teste do cancelamento e do teste de coocorrência: 1) "#O João comia o bolo comumente, mas ele não fazia isso de forma comum", 2) "*O João comia o bolo comumente de forma comum". Sendo assim, baseado em tais testes, aventa-se a possibilidade de "comumente" também ser subespecificado para o traço de "modo", sendo compatível com a posição de especificador de VozP.

Em se tratando dos AdvPs tardivos, candidatos possíveis seriam os advérbios “tardiamente” e “enfim”. Novamente, justifica-se a escolha de tais advérbios pelos mesmos argumentos apresentados acima: 1) “tardiamente” e “enfim” não podem coocorrer com o advérbio “finalmente” com a mesma leitura (“*O João enfim finalmente comeu o bolo”/“*O João tardiamente finalmente comeu o bolo”), 2) “finalmente” pode ser substituído sem alterações semânticas por “tardiamente” ou “enfim” (“O João finalmente comeu o bolo” = “O João tardiamente comeu o bolo”/ “O João enfim comeu o bolo”) e 3) há uma relação de acarretamento biunívoco entre “O João finalmente comia o bolo” e “O João tardiamente/enfim comia o bolo”. Além disso, não se pode cancelar o traço tardivo dos advérbios sob análise quando se modifica o evento: 1) “#O João enfim comeu o bolo, mas ele não tardou a comer o bolo” e 2) “#O João tardiamente comeu o bolo, mas ele não tardou a comer o bolo”. Assim, semanticamente “finalmente”, “tardiamente” e “enfim”, quanto ao traço tardivo, parecem ser compatíveis. Quanto ao comportamento sintático dos advérbios sob análise, tem-se o seguinte cenário:

(232) (Enfim/ ?tardiamente) a moça (enfim/ ?tardiamente) perdeu (*enfim/ *tardiamente) seu brinco (*enfim/ *tardiamente).

(233) A moça (enfim/ tardiamente) perdeu seu brinco?

Resposta: *Enfim/ *Tardiamente.

(234) *Enfim/ Tardiamente é que a moça perdeu seu brinco.

(235) A moça não perdeu seu brinco senão *enfim/ tardiamente.

(236) Foi ?enfim/ *tardiamente que a moça perdeu seu brinco.

(237) A moça não tardiamente/ *enfim perdeu seu brinco.

(238) A moça perdeu seu brinco e *enfim/ *tardiamente.

(239) Onde/ quando/ por que/ como a moça perdeu seu brinco?

Resposta: *Enfim/ ?Tardiamente.

(240) *Enfim/ *Tardiamente perca seu brinco!

(241) Foi ?enfim/ *tardiamente que a moça perdeu seu brinco?

(242) A moça tinha enfim/ tardiamente perdido seu brinco.

(242’) *A moça tinha perdido enfim/tardiamente seu brinco.

(243) Quão *enfim/ tardiamente a moça saiu?

(244) A moça enfim/ tardiamente encontrou João e o rapaz também (*enfim encontrou João/*tardiamente encontrou João).

Ao se compararem os resultados dos testes referentes à aceitabilidade de “enfim” e “tardiamente” com “finalmente” (vide seção 5.2), observa-se que, malgrado algumas assimetrias, sintaticamente os usos se assemelham. Tais assimetrias são um produto direto de dois fatos: 1) “enfim” parece funcionar como um marcador discursivo de encadeamento, no sentido proposto por Castilho (2022), de um “advérbio textual”, como o “então”, o que justifica sua marginal aceitabilidade em estruturas clivadas, 2) “tardiamente” parece ser compatível com uma interpretação de modo, possibilitando a atuação de um operador de grau escalar como “Quão” e de focalizadores como “senão”. Sendo assim, propõe-se que “enfim”, “tardiamente” e “finalmente”, embora compartilhem o mesmo traço tardivo, são discretamente compatíveis com outros traços também. No caso de “enfim”, este parece ser compatível com o traço de *setting the scene*, relacionado ao encadeamento discursivo e alocado em FrameP (cf. Benincà; Poletto, 2004). No caso de “tardiamente”, este parece ser compatível também com um traço de modo ou maneira, conforme se observa em “#O Pedro chegou na festa tardiamente, mas ele não chegou na festa de maneira tardia”. Em contrapartida, o advérbio “enfim” não parece ser compatível com modo, mas apenas com um traço tardivo e com um uso de encadeamento textual discursivo, supostamente nucleado pelo traço de *setting the scene*, em FrameP.

Sobre os AdvPs predisposicionais, candidatos possíveis seriam os advérbios “propensamente” e “inclinadamente”. Para além da simples semelhança entre seus significados, argumenta-se que: 1) “propensamente” e “inclinadamente” não podem coocorrer com o advérbio predisposicional “tendencialmente” com a mesma leitura (“*O João propensamente tendencialmente comeu o bolo”/ “*O João inclinadamente tendencialmente comeu o bolo”), 2) “tendencialmente” pode ser substituído sem alterações semânticas por “propensamente” ou “inclinadamente” (“O João tendencialmente comeu o bolo” = “O João propensamente comeu o bolo”/ “O João inclinadamente comeu o bolo”) e 3) há uma relação de acarretamento biunívoco entre “O João tendencialmente comeu o bolo” e “O João propensamente/ inclinadamente comeu o bolo”. Além disso, não se pode cancelar o traço tardivo dos advérbios sob análise quando se modifica o evento: 1) “#O João propensamente comia o bolo, mas ele não tinha a tendência de comer bolo” e 2) “#O João inclinadamente comia o bolo, mas ele não tinha a tendência de comer bolo”. Dessa forma, semanticamente “tendencialmente”, “propensamente” e “inclinadamente”, quanto ao traço predisposicional, parecem ser compatíveis. Quanto ao comportamento sintático dos advérbios sob análise, tem-se o seguinte cenário:

(245) (*Propensamente/ *Inclinadamente) a moça (propensamente/ inclinadamente) perdia (*propensamente/ *inclinadamente) seu brinco (*propensamente/ *inclinadamente).

(246) A moça (propensamente/ inclinadamente) perdia seu brinco?

Resposta: *Propensamente/ *Inclinadamente.

(247) *Propensamente/ *Inclinadamente era que a moça perdia seu brinco.

(248) A moça não perdia seu brinco senão *propensamente/ *inclinadamente.

(249) Era *propensamente/ *inclinadamente que a moça perdia seu brinco.

(250) A moça não *propensamente/ *inclinadamente perdia seu brinco.

(251) A moça perdia seu brinco e *propensamente/ *inclinadamente.

(252)Onde/ quando/ por que/ como a moça perdia seu brinco?

Resposta: *Propensamente/ ?Inclinadamente.

(253) *Propensamente/ *Inclinadamente perca seu brinco!

(254) Era *propensamente/ *inclinadamente que a moça perdia seu brinco?

(255) A moça tinha propensamente/ inclinadamente perdido seu brinco.

(255') *A moça tinha perdido propensamente/inclinadamente seu brinco.

(256) Quão ?propensamente/ ?inclinadamente a moça perdia seu brinco?

(257) A moça propensamente/ inclinadamente encontrava João e o rapaz também (*propensamente encontrava o João/ *inclinadamente encontrava o João).

Excetuando-se a maior aceitabilidade dos resultados do Teste de Interrogativas Wh, observa-se que "tendencialmente", "propensamente" e "inclinadamente" comportam-se sintaticamente de maneira bem similar. A suposta maior aceitabilidade de "Quão ?propensamente/ ?inclinadamente a moça saia?" em comparação a "Quão *tendencialmente a moça saía?" poderia ser explicada pelo fato de "propensamente" e "inclinadamente" serem compatíveis, com relativa facilidade, com uma leitura de modo, como "de maneira propensa" ou "de maneira inclinada", ao passo que "tendencialmente" resiste a essa leitura de modo, conforme se observa em "?de maneira/ modo tendencial". Sendo assim, seria possível, à luz de tal observação, argumentar que, malgrado "tendencialmente", "propensamente" e "inclinadamente" compartilhem a especificação do traço predisposicional, "propensamente" e "inclinadamente" compartilham o traço de modo ou maneira, que nucleia a projeção de VozP.

No que tange aos AdvPs repetitivos que modificam o evento, um candidato possível seria o "(em) outra vez". No espírito da argumentação apresentada até então, tem-se que: 1) "(em) outra vez" não pode coocorrer com o advérbio repetitivo "novamente" com a mesma leitura de modificação do evento ("*O João (em) outra vez novamente comeu o bolo"/ "*O João novamente (em) outra vez comeu o bolo"), 2) "novamente" pode ser substituído sem alterações semânticas por "(em) outra vez" ("O João novamente comeu o bolo" = "O João (em)

outra vez comeu o bolo") e 3) há uma relação de acarretamento biunívoco entre "O João novamente comeu o bolo" e "O João (em) outra vez comeu o bolo". Além disso, não se pode cancelar o traço repetitivo do advérbio candidato sob análise quando se modifica o evento: "#O João (em) outra vez comeu o bolo, mas ele só comeu o bolo uma vez". Nesse sentido, observa-se que "(em) outra vez" e "novamente" são compatíveis semanticamente, em uma leitura de modificação do evento. Sintaticamente, notam-se as seguintes propriedades:

(258) (Outra vez) a moça (outra vez) perdeu (*outra vez[149]) seu brinco.

(259) A moça (outra vez) perdeu seu brinco?

Resposta: ?Outra vez.

(260) *Outra vez foi que a moça perdeu seu brinco.

(261) A moça não perdeu seu brinco senão ?outra vez.

(262) Foi *outra vez que a moça perdeu seu brinco.

(263) A moça não *outra vez perdeu seu brinco.

(264) A moça perdeu seu brinco e *outra vez.

(265) Onde/ quando/ por que/ como a moça perdeu seu brinco?

Resposta: *Outra vez.

(266) ?Outra vez perca seu brinco!

(267) Foi *outra vez que a moça perdeu seu brinco?

(268) A moça tinha outra vez perdido seu brinco.

(268') ?A moça tinha perdido outra vez seu brinco.

(269) Quão *outra vez a moça perdeu seu brinco?

(270) A moça outra vez encontrou o João e o rapaz também (*outra vez encontrou o João).

Em relação ao comportamento sintático de "(em) outra vez", constata-se que, malgrado a suposta maior aceitabilidade com construções jussivas e de resposta a perguntas polares, tal advérbio parece se assemelhar aos contextos sintáticos de uso de "novamente". Além disso, observa-se que, em posição pós-verbal, da mesma forma que em "novamente", é agramatical a leitura de modificação do evento e apenas é possível a leitura de modificação do processo com

[149] Convém salientar que se considera aqui apenas a leitura eventiva, não a processual. Por isso a agramaticalidade de "A moça saiu outra vez".

"(em) outra vez". Poder-se-ia argumentar, assim, que ambos itens compartilham o traço [+ repetição] do evento, que nucleia a projeção de $Asp_{Repetitivo(I)}P$.

Em se tratando dos AdvPs frequentativos de eventos, possíveis candidatos seriam o "excepcionalmente" e o "raramente". Baseado nos argumentos apresentados, observa-se que: 1) "excepcionalmente" e "raramente" não podem coocorrer com o advérbio frequentativo "frequentemente", bem como "excepcionalmente" não pode coocorrer com "raramente", com a mesma leitura de modificação do evento ("*O João excepcionalmente/ raramente frequentemente viaja"/ "*O João excepcionalmente raramente viaja"), 2) "raramente", contraparte negativa de "frequentemente", pode ser substituído sem alterações semânticas por "excepcionalmente" ("O João raramente viaja" = "O João excepcionalmente viaja") e 3) há uma relação de acarretamento biunívoco entre "O João raramente viaja" e "O João excepcionalmente viaja". Em relação ao terceiro argumento, faz-se necessária clarificação. Se é verdade que, em um mundo W, o evento de "viajar" desempenhado por "João" ocorre raramente, automaticamente é verdade que, neste mesmo mundo W, o evento de "viajar" desempenhado por "João" ocorre excepcionalmente. Em outras palavras, se a frequência de um evento é "rara", tal frequência é excepcional. Além disso, não se pode cancelar o traço frequentativo do advérbio candidato sob análise quando se modifica o evento: "#O João excepcionalmente/ raramente viaja, mas ele viaja com frequência. Nesse sentido, observa-se que "excepcionalmente" e "raramente" são compatíveis semanticamente com "frequentemente", em uma leitura de modificação do evento. Sintaticamente, notam-se as seguintes propriedades:

(271) (Excepcionalmente) a moça (excepcionalmente) perdia (*excepcionalmente[150]) seu brinco (*excepcionalmente).

(272) A moça (excepcionalmente) perdia seu brinco?

Resposta: ?Excepcionalmente.

(273) *Excepcionalmente é que a moça perdia seu brinco.

(274) A moça não perdia seu brinco senão excepcionalmente.

(275) É *excepcionalmente que a moça perdia seu brinco.

(276) Não *excepcionalmente a moça perdia seu brinco.

(277) A moça perdia seu brinco e excepcionalmente.

[150] Considera-se aqui apenas a leitura eventiva, não a processual. Por isso a agramaticalidade de "A moça sai excepcionalmente".

(278) Onde/ quando/ por que/ como a moça perdia seu brinco?

Resposta: Excepcionalmente.

(279) *Excepcionalmente perca seu brinco!

(280) É *excepcionalmente que a moça perdia seu brinco?

(281) A moça tinha excepcionalmente perdido seu brinco.

(281') ?A moça tinha perdido excepcionalmente seu brinco[151].

(282) Quão excepcionalmente a moça perdia seu brinco?

(283) A moça excepcionalmente encontrava o João e o rapaz também (*excepcionalmente encontrava o João).

A partir dos testes apresentados, constata-se que, em comparação com os resultados sistematizados na seção 5.2 para o "frequentemente", os AdvPs "excepcionalmente" e "raramente" apresentam o mesmo comportamento sintático. Convém salientar que, quando linearizados em posição pós verbal ou de margem direita, da mesma forma que o "frequentemente", há modificação do processo, como se pode observar em: a) A moça encontrava excepcionalmente / raramente o João (mas, quando o achava, eles sempre saíam juntos), b) A moça encontrava o João excepcionalmente / raramente (mas, quando o achava, eles sempre saíam juntos). Argumenta-se, assim, que "excepcionalmente", "raramente" e "frequentemente" são especificados para o traço de frequência, disputando, na inserção lexical, a posição de especificador de $Asp_{Frequentativo(I)}P$, para a leitura de evento, e $Asp_{Frequentativo(II)}P$, para a leitura de processo.

No que concerne aos AdvPs volitivos, considera-se que "relutantemente" (ou "com relutância"[152]) e "intencionalmente" (ou "com intenção") sejam possíveis candidatos a esta categoria. Para além da simples relação de significado com "com gosto" (ou "de bom/mau grado"), constatam-se alguns fatos no espírito da argumentação desenvolvida até aqui: 1) "relutantemente" (ou "com relutância") e "intencionalmente" (ou "com intenção) não podem coocorrer com "com gosto" (ou "de bom grado") ("*O João relutantemente com gosto viaja"/ "*O João com relutância com gosto viaja"/ "?O João intencionalmente com gosto viaja"/ "*O João com intenção com gosto viaja"), 2) "com gosto" pode ser substituído sem alterações

[151] Possível em uma leitura de "excepcionalmente" modificando o constituinte "seu brinco".

[152] Sabe-se que, de acordo com a proposta de Jackendoff (1972), dois itens de mesma classe são da mesma categoria se não puderem coocorrer modificando o mesmo termo com a mesma leitura. Embora já se tenha mencionado neste trabalho que se adota a conjectura de AdvPs como *headless PPs*, incluíram-se exemplos que também se iniciam com preposições, como "com relutância/intenção", para se descartar qualquer alegação de que a aparente inaceitabilidade seja um produto da estrutura interna do sintagma.

semânticas por “intencionalmente” (“O João com gosto viaja” = “O João intencionalmente viaja”), além de que “de mau grado” pode ser substituído sem alterações semânticas por “relutantemente” (“O João de mau grado viaja” = “O João relutantemente viaja”) e 3) há uma relação de acarretamento biunívoco entre “O João de bom grado viaja” e “O João intencionalmente viaja”, da mesma forma que a há entre “O João de mau grado viaja” e “O João relutantemente viaja”. Em última instância, é impossível negar a especificação (negativa ou positiva) do traço de volição de sentenças com “relutantemente” e de sentenças com “intencionalmente”, conforme se pode observar em: a) “#O João relutantemente viaja, mas ele tem vontade de viajar” e b) “#O João intencionalmente viaja, mas ele não tem vontade de viajar”. Há, assim, uma relação semântica entre os itens “relutantemente” e “de mau grado” e “intencionalmente” e “com gosto” , a partir da especificação (negativa e positiva, respectivamente) do traço de volição. Sintaticamente, observa-se o seguinte cenário:

(284) (*Relutantemente/ *Intencionalmente) a moça (relutantemente/ intencionalmente) perdia (relutantemente/ intencionalmente[153]) seu brinco (relutantemente/intencionalmente).

(285) A moça (relutantemente/ intencionalmente) perdia seu brinco?

Resposta: *Relutantemente/ Intencionalmente.

(286) *Relutantemente/ Intencionalmente é que a moça perdia seu brinco.

(287) A moça não perdia seu brinco senão relutantemente/ intencionalmente.

(288) É *relutantemente/ intencionalmente que a moça perdia seu brinco.

(289) A moça não relutantemente/ intencionalmente perdia seu brinco.

(290) A moça perdia seu brinco e relutantemente/intencionalmente .

(291) Onde/ quando/ por que/ como a moça perdia seu brinco?

Resposta: Relutantemente/ Intencionalmente[154]

(292) *Relutantemente/ Intencionalmente perca seu brinco!

(293) É *relutantemente/ *intencionalmente que a moça perdia seu brinco?

(294) A moça tinha relutantemente/ intencionalmente perdido seu brinco.

(294’) ?A moça tinha perdido relutantemente/intencionalmente seu brinco.

(295) Quão relutantemente/ intencionalmente a moça perdia seu brinco?

[153] Possível com leitura de modo.

[154] Possível com leitura de modo.

(296) A moça relutantemente/intencionalmente encontrava o João e o rapaz também (*relutantemente/ *intencionalmente encontrava o João).

Sobre as propriedades sintáticas de "relutantemente" e "intencionalmente", identificaram-se algumas diferenças com o comportamento descrito de "com gosto". Argumenta-se que tais diferenças possam ser explicadas à luz do tipo de leitura conferida a tais advérbios (uma leitura de volição vs. uma leitura de modo). Aventa-se a possibilidade de que, com "relutantemente" e "intencionalmente", a interpretação de modo seja menos marcada do que com "com gosto". Em todos os testes em que houve diferença com os resultados de "com gosto", recaiu-se em uma leitura de modo, conforme se observa em: a) A moça sai relutantemente/ intencionalmente (de maneira relutante/ de maneira intencional), b) A moça não relutantemente/ intencionalmente (de maneira relutante/ de maneira intencional) sai, c) Quão relutantemente/ intencionalmente (de maneira relutante/ de maneira intencional) a moça sai? Aponta-se, assim, que, embora "com gosto" também seja um item subespecificado para o traço de modo, possivelmente por imperativos de terceiro fator tal leitura seja menos marcada com "relutantemente" e "intencionalmente". [155]

Para os fins da análise deste trabalho, a prototipicidade de leitura de AdvPs não será avaliada, mas sim sua aceitabilidade. Em termos puramente descritivos, parece ser factual que "com gosto", "relutantemente" e "intencionalmente" compartilham o traço de volição e o de modo, comportando-se, assim, como AdvPs que competem pela inserção lexical na posição de especificador de $\text{Modo}_{\text{Volitivo}}$P, concordando com o traço de volição, e de especificador de VozP, concordando com o traço de modo.

No que se refere aos AdvPs aceleralivos, considera-se, inicialmente, que o advérbio "vagarosamente" seja um possível candidato a tal categoria. Conforme argumentado, não apenas parece ser o caso de haver proximidade semântica entre "vagarosamente" e o AdvP "rapidamente", como também é o caso de: 1) "vagarosamente" não pode coocorrer com "rapidamente" ("*O João vagarosamente rapidamente viaja") e 2) "vagarosamente" pode ser substituído por "rapidamente", indicando um nível distinto da escala de aceleração ("O João rapidamente viaja"/ "O João vagarosamente viaja"). Não parece ser possível falar de uma

[155] Outra análise concorrente, de viés não lexicalista, seria a de que o sufixo adverbializador "-mente" enseja uma leitura de modo já no processo de categorização do radical secundário, por exemplo: *intencion*(raiz) -al(adjetivador) -mente (adverbializador). Talvez, ao se adjungir a um adjetivo, o adverbializador contribua inicialmente para a veiculação de uma leitura de modo, em detrimento de uma leitura apenas de volição. Embora não descrito dessa forma, esse dado poderia ser mais facilmente explicado por abordagens como a de Lyons (1968) e Quirk *et al*. (1985), que sugerem os advérbios de modo (consequentemente a leitura de modo) como centrais ou prototípicos da classe dos advérbios.

relação de acarretamento biunívoco entre “O João rapidamente viaja” e o “João vagarosamente viaja”[156] pelo fato de “rapidamente” e “vagarosamente” engendrar níveis distintos em uma escala de aceleração. Sendo assim, malgrado ambos compartilhem o traço de aceleração, a especificação deste traço não parece ser a mesma. Em última instância, é impossível negar ou cancelar a especificação (negativa) do traço de aceleração de sentenças com “vagarosamente”, conforme se pode observar em: “#O João vagarosamente viaja, mas ele rapidamente o faz ”. Sintaticamente, observa-se o seguinte cenário:

(297) (?Vagarosamente) a moça (vagarosamente) perdeu (*vagarosamente[157]) seu brinco (*vagarosamente).

(298) A moça (vagarosamente) perdeu seu brinco?

Resposta: Vagarosamente.

(299) *Vagarosamente foi que a moça perdeu seu brinco.

(300) A moça não perdeu seu brinco senão vagarosamente.

(301) Foi *vagarosamente que a moça perdeu seu brinco.

(302) A moça não vagarosamente perdeu seu brinco.

(303) A moça perdeu seu brinco e vagarosamente.

(304) Onde/ quando/ por que/ como a moça perdeu seu brinco?

Resposta: Vagarosamente[158].

(305) (?Vagarosamente) perca seu brinco (vagarosamente[159])!

(306) Foi ?vagarosamente que a moça perdeu seu brinco?

(307) A moça tinha ?vagarosamente perdido seu brinco.

(307’) A moça tinha perdido seu brinco vagarosamente

(308) Quão vagarosamente a moça perdeu seu brinco?

(309) A moça vagarosamente encontrou o João e o rapaz também (*vagarosamente encontrou o João).

A partir da discriminação das propriedades sintáticas apresentadas, nota-se que, malgrado a relativa aceitabilidade de “vagarosamente” em contextos de uso de advérbios baixos, parece ser o caso de “vagarosamente” se comportar sintaticamente como um AdvP

[156] Mas seria possível com “velozmente”.

[157] Possível com leitura de modo.

[158] Possível com leitura de modo.

[159] Possível com leitura de modo ou de modificação de processo.

acelerativo do tipo que modifica o evento:“A moça vagarosamente comeu o bolo”). Em contextos de linearização pós-verbal (ou, até mesmo, de margem direita), “vagarosamente” pode modificar o processo (“A moça comeu vagarosamente o bolo” e “A moça comeu o bolo vagarosamente”) ou desencadear uma leitura de modo (“A moça comeu de modo vagaroso o bolo” e “A moça comeu o bolo de modo vagaroso”). Semelhantemente ao “rapidamente”, “vagarosamente” é um AdvP escalar, que permite a atribuição de graus de intensidade de uma “aceleração” a partir de uma divisão em níveis de uma proporção. Tal assunção pode ser evidenciada a partir da aceitabilidade de “rapidamente” e “vagarosamente” com o intensificador “Quão”, que atribui uma leitura de escalas: 1) “Quão rapidamente você comeu?” e 2) “Quão vagarosamente você comeu?” Sendo assim, a partir de todos os testes considerados, defende-se que “vagarosamente” seja um advérbio da mesma categoria de “rapidamente”.

No que diz respeito aos AdvPs anteriores, considera-se, inicialmente, que “outrora” seja um possível candidato a advérbio dessa categoria. Sabe-se, desde Cinque (1999) ao menos, que advérbios temporais relacionados a essa categoria devem necessariamente ser dêiticos, isto é, capazes de localizar uma eventualidade em um intervalo de tempo[160]. Em certo nível “outrora” é dêitico da mesma forma que “já”, haja vista ser capaz de localizar uma eventualidade em um momento anterior (“Pedro outrora viajou”). Observa-se, ademais, que: 1) “outrora” não pode coocorrer com “já” (“O João já (*outrora) viajou (?outrora)”), 2) “já” pode ser substituído sem alterações semânticas por “outrora” (“O João já viajou” = “O João outrora viajou”) e 3) há uma relação de acarretamento biunívoco entre “O João já viajou” e “O João outrora viajou”. Em última instância, é impossível negar ou cancelar o traço de anterioridade de uma sentença com outrora: “#O João outrora viajou, mas ele nunca viajou”. Sintaticamente, observa-se o seguinte cenário.

(310) (?Outrora) a moça (outrora) perdeu (?outrora) seu brinco (?outrora).

(311) A moça (outrora) perdeu seu brinco?

Resposta: Outrora.

(312) *Outrora foi que a moça perdeu seu brinco.

(313) A moça não perdeu seu brinco senão *outrora.

[160] Em trabalhos como os de Nespoli (2018), malgrado seu entendimento do advérbio “já” como aspectual, propõe-se que sintagmas como “ainda não” compartilham a mesma possibilidade de “já” de referenciar uma eventualidade ocorrida em uma momento anterior com suposta relação com um momento de referência, identificado, em Nespoli (2018), como *perfect* existencial (“Pedro já comeu o bolo”/ “Pedro ainda não comeu o bolo”/ “Pedro nunca comeu o bolo”). De forma geral, por razões hermenêuticas, entende-se que o fato de tais AdvPs compartilharem simplesmente a mesma possibilidade de veiculação dessa leitura não acarreta necessariamente a classificação dos referidos AdvPs como advérbios de mesma categoria de “já”.

(314) Foi *outrora que a moça perdeu seu brinco.

(315) *Não outrora a moça perdeu seu brinco.

(316) *A moça perdeu seu brinco e outrora.

(317) Onde/ quando/ por que/ como a moça perdeu seu brinco?

Resposta: *Outrora.

(318) (*Outrora) perca seu brinco (*outrora)!

(319) Foi *outrora que a moça perdeu seu brinco?

(320) A moça (outrora) tinha (?outrora) perdido (*outrora) seu brinco.

(321) Quão *outrora a moça saiu?

(322) A moça outrora encontrou o João e o rapaz também (*outrora encontrou o João).

Em face de tais propriedades sintáticas, assume-se que "outrora" se comporta sintaticamente de forma similar a "já", especialmente no que concerne a suas restrições de linearização na sentença. Mais especificamente, como o "já", "outrora" resiste à linearização na posição de margem esquerda, pós-verbal e de margem direita. A partir dos testes apresentados, considera-se "outrora" como um advérbio de anterioridade, que disputa pela inserção na posição de especificador de $T_{Anterior}P$, comportando-se, assim, como um AdvP da mesma categoria de "já".

Em relação aos AdvPs terminativos, como, por exemplo, o "não mais", considera-se que o AdvP "já não"[161] seja um bom candidato para advérbio de mesma categoria. De forma geral, conceitualmente, se uma eventualidade não mais ocorre em determinado intervalo tal eventualidade já não ocorre em determinado intervalo de tempo. Perceba que, ao dizer "Pedro não come mais bolos", há uma pressuposição de que "Pedro", em algum momento, "comia bolos". De forma semelhante, ao se dizer "Pedro já não come bolos" (leitura não contrastiva), há também a pressuposição de que "Pedro", em algum momento, "comia bolos". Tal assunção fica ainda mais evidente a partir do teste clássico de pressuposição, adotado em Heim e Kratzer (1998) e em Chierchia e McConnell-Ginet (2000): o teste de "famílias" de sentença. Independentemente da força sentencial, a interpretação pressuposta de que "Pedro comeu/comia bolos" se mantém: 1) "É verdade que Pedro não come mais bolos?", 2) "É verdade que Pedro já não come bolos?", 3) "Eu quero saber se Pedro não come mais bolos", 4) "Eu quero saber se Pedro já não come bolos", 5) "Não é verdade que Pedro não come mais

[161] De acordo com Martins (2026, c.p.), é possível a análise de que "já não mais", "já não" e "não mais" sejam formas alomórficas.

bolos", 6) "Não é verdade que Pedro já não come bolos". Infere-se, assim, que a pressuposição de que a eventualidade descrita em algum momento ocorreu, de forma que "não mais" e "já não" operam também como gatilhos pressuposicionais. É nesse sentido que em sentenças com "já não" engendra-se uma leitura de terminação, segundo a qual a eventualidade descrita em algum momento "X" terminou.

Para além dessa diagnose inicial, observa-se que: 1) "já não" não pode coocorrer com "não mais" ("*O João já não não mais viaja"), 2) "não mais" pode ser substituído sem alterações semânticas por "já não" ("O João não mais viaja" = "O João já não viaja") e 3) da mesma forma que há uma relação de pressuposição descrita anteriormente, há uma relação de acarretamento biunívoco entre "O João não mais viaja" e "O João já não viaja". Em última instância, é impossível negar ou cancelar o traço de terminação de uma sentença com "já não": "#O João já não viaja, mas ele nunca viajou"[162]. Há, assim, em termos semânticos, razões para aproximar categorialmente o AdvP "já não" do AdvP "não mais"[163]. Resta observar o cenário em termos de propriedades sintáticas de "já não".

(323) (?Já não) a moça (já não) perde (*já não) seu brinco.

(324) A moça (já não) perde seu brinco?

Resposta: *Já não.

(325) *Já não é que a moça perde seu brinco.

(326) A moça não perde seu brinco senão *já não.

---

[162] É importante ratificar que se considera aqui uma leitura não marcada do "já não", sem uma interpretação de foco contrastivo como em "Pedro come bolos; O JOÃO já não os come".

[163] Um questionamento possível seria o de como o AdvP "já não" colabora para desencadear a leitura de terminação na sentença em termos de operações semânticas. Em outras palavras, será que a leitura de terminação advinda de "já não" é um subproduto das propriedades de escopo de "não" por sobre "já", sendo, assim, puramente composicional? Ou haveria uma leitura não composicional? Para se discutirem essas possibilidades analíticas, tomam-se, como exemplo, as seguintes sentenças:

a) Pedro já não vai à sua academia.
b) Pedro não já vai à sua academia.

A partir das sentenças observadas, nota-se que a leitura de terminação se esvai em um contexto em que "não" é localmente adjacente à esquerda de "já", dando luz a uma leitura de "não agora". Se é verdade que, pelo Critério da Negação, "não", em *Narrow Syntax* (cf. Kayne, 1998), é alçado para uma posição mais alta de "já", modificando tal AdvP em uma configuração *Spec*-Núcleo, por que é bloqueada a leitura de terminação na linearização "Pedro não já vai à sua academia"? Uma resposta inicial seria assumir uma espécie de movimento coberto de "não" tomando escopo sobre "já" em LF, não impactando a linearização da sentença. Contudo, conforme argumenta Kayne (1998), há razões para se assumir a completa inexistência de qualquer movimento pós-*Spell Out* na GU. Uma outra interpretação aparentemente possível seria a de assumir que a leitura de terminação de "já não" seja um produto de um operação de quantificação existencial de um eventualidade desencadeada pela interação entre o valor dêitico de "já" e a negação da leitura de persistência até um momento de referência, que pode ser o de fala. Se estamos falando, contudo, de uma operação que ocorre no nível sintático, como por meio de uma configuração *Spec*-Núcleo do "já" e do "não" seguida por ou não movimento remanescente, ou pré-sintático, como se em um léxico gerativo, não se intenciona se comprometer.

(327) É *já não que a moça perde seu brinco.

(328) *Não já não a moça perdeu seu brinco.

(329) *A moça sai e já não .

(330) Onde/ quando/ por que/ como a moça perde seu brinco?

Resposta: *Já não.

(331) (*Já não) perca seu brinco (*já não)!

(332) É *já não que a moça perde seu brinco?

(333) A moça (já não) tinha perdido seu brinco.

(333') *A moça tinha perdido (já não) seu brinco.

(334) Quão *já não a moça perde seu brinco?

(335) A moça já não encontrou o João e o rapaz também (*já não encontrou o João).

A partir das sentenças apresentadas, nota-se que "já não" se comporta de forma até mais restrita sintaticamente do que "não mais", haja vista suas possibilidades de linearização. Além disso, diferentemente de "não mais", é impossível para a leitura de terminação com o "já não" que "já" seja descontínuo ao "não" posição à esquerda. Malgrado tais diferenças, parece ser razoável sintaticamente e semanticamente, afirmar que "já não" e "não mais" sejam AdvPs da mesma categoria, uma vez que resistem à posição na periferia esquerda (cf. (144), (146), (151)), são linearizados em posição pré-verbal (cf. (142)), não podem ser negados (cf. (147)), bem como pelas outras propriedades apresentadas. Em face disso, considera-se que "já não" seja um AdvP a ser inserido na posição de especificador de $Asp_{Terminativo}P$, competindo pela inserção com "não mais".

Referente aos AdvPs continuativos, como, por exemplo, o "ainda", um candidato possível a ser arrolado a tal categoria seria a locução "até agora". Semanticamente, quando atrelados ao tempo presente, "ainda" e "até agora" são semelhantes por construírem um intervalo de tempo que se estende de um ponto até outro em um intervalo de tempo. Em Nepoli (2018), tal intervalo é caracterizado como PTS (*Perfect Time Span* – Intervalo de tempo do *perfect*) e é constituído por uma fronteira à esquerda, concernente ao início da eventualidade descrita, e um fronteira à direita, concernente ao momento de referência a que tal eventualidade se estende. Em uma sentença como "João até agora viaja", em um momento do passado começou a eventualidade de "viajar" e essa eventualidade se estende até o momento gramaticalizado como "até agora". Para além da aparente proximidade semântica entre "ainda" e "até agora" quando ancorados no tempo presente, observa-se que: 1) "até agora" não pode coocorrer com "ainda" ("*O João até agora ainda viaja"), 2) "até agora" pode ser substituído

sem alterações semânticas por “ainda” (“O João até agora viaja” = “O João ainda viaja”) e 3) há uma relação de acarretamento entre “O João até agora viaja” e “O João ainda viaja”. Em última instância, é impossível negar ou cancelar o traço de continuatividade de uma sentença com “até agora”, já que negar essa continuatividade significaria cancelar a fronteira à direita: “#O João até agora viaja, mas ele não viaja neste momento”. Há, assim, em termos semânticos, razões para aproximar categorialmente o AdvP “até agora” do AdvP “ainda”. Sintaticamente, observa-se o seguinte cenário:

(336) (?Até agora) a moça (até agora) perde (?até agora) seu brinco.
(337) A moça (até agora) perde seu brinco?
Resposta: *Até agora.
(338) *Até agora é que a moça perde seu brinco.
(339) A moça não perde seu brinco senão *até agora.
(340) É *até agora que a moça perde seu brinco.
(341) *Não até agora a moça perde seu brinco.
(342) *A moça perde seu brinco e até agora.
(343) Onde/ quando/ por que/ como a moça perde seu brinco?
Resposta: Até agora.
(344) (*Até agora) perca seu brinco (*até agora)!
(345) É *até agora que a moça perde seu brinco?
(346) A moça até agora tem perdido seu brinco.
(346’) ?A moça tem perdido até agora seu brinco.
(347) Quão *até agora a moça perde seu brinco?
(348) A moça até agora encontra o João e o rapaz também (*até agora encontra o João).

Em termos sintáticos, observa-se que “até agora” possui relativa maior aceitabilidade de mobilidade do que “ainda”, haja vista sua possibilidade marginal de fronteamento à margem esquerda. Contudo, de forma similar a “ainda”, “até agora” resiste à clivagem (, à focalização, à negação e a outras propriedades apresentadas. Sendo assim, entende-se que “até agora”, da mesma forma que “ainda”, pode ser soldado na posição especificador de $Asp_{Continuativo}P$. Uma possível questão que pode emergir é a infelicidade de “até agora” em contextos não ancorados no presente “?Pedro até agora comia o bolo”. Convém salientar que, a partir do teste apresentado e a depender da ancoragem temporal, “até X tempo” possa ser um melhor candidato, em que “X tempo” é uma variável a concordar com a temporalidade descrita.

Concernente aos AdvPs contínuos, como, por exemplo, o “sempre”, um candidato possível a ser arrolado a tal categoria seria o advérbio “constantemente”: 1) “constantemente” não pode coocorrer com “sempre” (“*O João constantemente sempre viaja”), 2) “constantemente” pode ser substituído sem alterações semânticas por “sempre” (“O João sempre viaja” = “O João constantemente viaja”) e 3) há uma relação de acarretamento entre “O João sempre viaja” e “O João constantemente viaja”. Ademais, é impossível negar ou cancelar o traço de continuidade de uma sentença com “constantemente”, já que negar essa continuidade significaria cancelar a fronteira à direita: “#O João constantemente viaja, mas ele não sempre viaja”. Há, assim, em termos semânticos, razões para aproximar categorialmente o AdvP “constantemente” do AdvP “sempre”. Sintaticamente, observa-se o seguinte cenário:

(349) (?Constantemente) a moça (constantemente) perde (constantemente) seu brinco (constantemente).

(350) A moça (constantemente) perde seu brinco?

Resposta: ?Constantemente.

(351) *Constantemente é que a moça perde seu brinco.

(352) A moça não perde seu brinco senão constantemente..

(353) É *constantemente que a moça perde seu brinco.

(354) Não constantemente a moça perde seu brinco.

(355) A moça perde seu brinco e constantemente.

(356) Onde/ quando/ por que/ como a moça perde seu brinco?

Resposta: Constantemente.

(357) (*Constantemente) perca seu brinco (*constantemente)!

(358) É *constantemente que a moça perde seu brinco?

(359) A moça tem constantemente perdido seu brinco.

(359’) ?A moça tem perdido constantemente seu brinco.

(360) Quão *constantemente a moça perde seu brinco?

(361) A moça constantemente encontra o João e o rapaz também (constantemente encontra o João).

Como se pode observar, “constantemente” resiste à clivagem, à linearização em posição de margem esquerda, a contextos de sentenças jussivas e à intensificação por escalas. Nota-se, assim, que, similarmente a “sempre”, “constantemente” é inserido na posição de especificador de $Asp_{Contínuo}P$, competindo pela inserção lexical.

Com base no argumentos apresentados até agora, é possível assumir a existência dos seguintes candidatos a advérbios mediais em PB: 1) comumente, 2) tardiamente, 3) enfim, 4) propensamente, 5) inclinadamente, 6) outra vez, 7) excepcionalmente, 8) relutantemente, 9) intencionalmente, 10) vagarosamente, 11) outrora, 12) já não, 13) até agora e 14) constantemente. Tais advérbios modais são soldados nas seguintes posições:

Quadro 39 – **Locais de soldagem dos candidatos a advérbios mediais**

AdvPs	**Locais de soldagem**
Comumente	*Spec*, $Asp_{Habitual}P$; *Spec*, VozP
Tardiamente	*Spec*, $Asp_{Tardivo}P$
Enfim	*Spec*, FrameP; *Spec*, $Asp_{Tardivo}P$
Propensamente, inclinadamente	*Spec*, $Asp_{Predisposicional}P$; *Spec*, VozP
Outra vez	*Spec*, $Asp_{Repetitivo(I)}P$, *Spec*, $Asp_{Repetitivo(II)}P$
Excepcionalmente	*Spec*, $Asp_{Frequentativo(I)}P$; *Spec*, $Asp_{Frequentativo(II)}P$
Relutantemente, intencionalmente	*Spec*, $Asp_{Volitivo}P$; *Spec*, VozP
Vagarosamente	*Spec*, $Asp_{Acelerativo(I)}P$; *Spec*, $Asp_{Acelerativo(II)}P$ *Spec*, VozP
Outrora	*Spec*, $T_{Anterior}P$
Já não	*Spec*, $Asp_{Terminativo}P$
Até agora	*Spec*, $Asp_{Continuativo}P$
Constantemente	*Spec*, $Asp_{Contínuo}P$; *Spec*, VozP

Fonte: elaboração própria

Constata-se, assim, que, a depender do valor dos seus respectivos traços criteriais, alguns advérbios podem ser subespecificados lexicalmente. Além disso, ao se ajuntarem, os advérbios candidatos propostos (em negrito) aos advérbios arrolados diretamente por Cinque (1999), tem-se o seguinte cenário:

Quadro 40 – **Locais de soldagem dos advérbios mediais**

AdvPs	**Locais de soldagem**
Normalmente, geralmente, habitualmente, costumeiramente, regularmente, **comumente**	Spec, $Asp_{Habitual}P$; Spec, VozP
Finalmente, **tardiamente**	Spec, $Asp_{Tardivo}P$
Enfim	Spec, FrameP; Spec, $Asp_{Tardivo}P$
Tendencialmente, **propensamente, inclinadamente**	Spec, $Asp_{Predisposicional}P$; Spec, VozP
Novamente, de novo, **outra vez**	Spec, $Asp_{Repetitivo(I)}P$, Spec, $Asp_{Repetitivo(II)}P$
Frequentemente, **excepcionalmente**	Spec, $Asp_{Frequentativo(I)}P$; Spec, $Asp_{Frequentativo(II)}P$
Com gosto, **relutantemente, intencionalmente**	Spec, $Asp_{Volitivo}P$; Spec, VozP

Rapidamente, **vagarosamente**	Spec, $Asp_{Acelerativo(I)}P$; Spec, $Asp_{Acelerativo(II)}P$ Spec, VozP
Já, **outrora**	Spec, $T_{Anterior}P$
Não mais, **já não**	$Asp_{Terminativo}P$
Ainda, **até agora**	$Asp_{Continuativo}P$
Sempre, **constantemente**	$Asp_{Contínuo}P$; Spec, VozP

Fonte: elaboração própria

Neste capítulo, foi avaliado o comportamento sintático de AdvPs mediais em PB. Ademais, foram apresentadas as suas linearizações e leituras em sentenças do PB. Finalmente, foram avaliados novos candidatos a figurarem como AdvPs mediais. No próximo capítulo, serão investigados os AdvPs baixos.

6 A SINTAXE DOS ADVÉRBIOS BAIXOS NO PB

Neste capítulo, será descrita e analisada a sintaxe dos advérbios baixos no português do Brasil. Para tanto, levaremos em consideração tanto dados de produção espontânea quanto dados de introspecção, conforme já argumentado em outras partes desta tese (cf. Capítulos 4 e

5). Na mesma linha de raciocínio dos capítulos anteriores, inicialmente será pormenorizada a natureza categorial dos advérbios baixos. Em seguida, alguns diagnósticos para o reconhecimento de advérbios baixos no PB serão avaliados e propostos. Além disso, as linearizações e leituras possíveis de advérbios baixos no PB serão apresentadas. Finalmente, investigam-se novos candidatos a advérbios baixos do PB.

6.1 DA NATUREZA DOS ADVÉRBIOS BAIXOS

No que concerne aos AdvPs baixos arrolados na hierarquia do Cinque (1999; 2006), pode-se fazer menção ao seguinte conjunto de projeções: (agora mesmo) $Asp_{Retrospectivo}$ > (dentro em breve) $Asp_{Aproximativo}$ > (brevemente) $Asp_{Durativo}$> (caracteristicamente) $Asp_{Genérico/Progressivo}$ > (quase) $Asp_{Prospectivo}$ > (de repente) $Asp_{Incoativo(I)}$ > (obrigatoriamente) $Mod_{Obrigação}$ > (à toa) $Asp_{Frustrativo}$ > (?) $Asp_{Conativo}$ > (completamente) $Asp_{SingCompletivo(I)}$ > (todo) $Asp_{PlurCompletivo}$ > (bem) Voz > (rápido) $Asp_{Acelerativo(II)}$ > (do nada) $Asp_{Incoativo(II)}$ > (de novo) $Asp_{Repetitivo(II)}$ > (frequentemente) $Asp_{Frequentativo(II)}$ > (completamente) $Asp_{SgCompletlve(II)}$ (adaptado de Forero Pataquiva, 2019, p. 30). Tais advérbios, em geral, teriam um comportamento sintático oposto ao dos advérbios altos nas línguas naturais. A zona dos advérbios baixos seria caracterizada pelo movimento obrigatório do verbo (até $Asp_{Frustrativo}$) e movimento opcional do verbo (de $Asp_{Frustrativo}$ a $T_{Anterior}$) no PB.

Em relação aos advérbios especificadores de $Asp_{Retrospectivo}$P, em Cinque (1999), propõe-se que AdvPs como "*just*" ocupariam tal posição. Convém salientar que, a partir de uma tradução direta do inglês, poder-se-ia argumentar que "apenas", em PB, seria um AdvP soldado na referida posição. Apresenta-se, entretanto, alguns argumentos contrários a essa análise preliminar: 1) "apenas" em PB funciona como um focalizador, não veiculando, assim, uma leitura de uma eventualidade recente que acaba de ocorrer ("Juliana **apenas** <u>comeu o bolo</u>, não quebrou o prato"/ "Juliana comeu **apenas** <u>o bolo</u>, não a maçã") e 2) em PB, parece ser evidente que a realização do traço de retrospecção ocorre por meio da perífrase "acabar de + verbo lexical" ("Juliana **acabou de** <u>comer</u> o bolo") (cf. Cinque, 1999, p. 109). Frente a isso, descarta-se a ideia de que a tradução direta do AdvP "*just*" em PB ocuparia a posição de especificador de $Asp_{Retrospectivo}$P.

Defende-se que o AdvP "agora mesmo[164]" contribua para a veiculação do traço de retrospectivo no PB. Justifica-se tal análise a partir dos seguintes argumentos: 1) quando o AdvP "agora mesmo" é empregado em uma sentença, é impossível cancelar a leitura de retrospecção sem gerar uma anomalia ("#Juliana agora mesmo comeu o bolo, mas ela não fez isso há pouco") e 2) em virtude dos limites do movimento obrigatório e do opcional do verbo, "agora mesmo" pode ser linearizado em posição pré-verbal e pós-verbal veiculando a leitura de retrospecção ("Juliana agora mesmo comeu o bolo"/ "Juliana comeu agora mesmo o bolo"). Por isso, adota-se "agora mesmo" como especificador de $Asp_{Retrospectivo}P$.

No que diz respeito à projeção $Asp_{Retrospectivo}P$, Cinque (1999) considera que o traço de retrospecção a nucleia. Define-se tal traço como a veiculação de uma "ocorrência de um evento imediatamente anterior a um ponto de referência" (Cinque, 1999, p. 109, tradução minha). O traço *default* desta projeção é -[+ retrospecção], ao passo que sua especificação marcada é [+retrospecção]. Para exemplificar tal traço, são apresentadas as seguintes ocorrências:

(362) "Vi **agora mesmo** o relógio."[165]
(363) "Eu **agora mesmo** recebi da receita uma multa de 2.600,00 reais."[166]

Em (362), o predicador verbal biargumental "vi" seleciona como argumento interno o DP tema "o relógio", que checa caso acusativo por soldagem simples com o verbo e, como argumento externo, uma categoria vazia *pro*. O AdvP "agora mesmo" é soldado diretamente na posição de especificador de $Asp_{Retrospectivo}P$, estabelecendo uma relação de concordância com o núcleo de retrospecção. O predicador verbal, obedecendo a Restrição de Movimento do Núcleo (cf. Travis, 1984), move-se até o núcleo de $Asp_{Frustrativo}P$, que finda a zona de movimento obrigatório do PB (cf. Tescari Neto, 2019), e, opcionalmente, até o núcleo de $T_{Anterior}P$, que é o limite do movimento do verbo no PB (cf. Tescari Neto, 2022). No caso da sentença sob análise, conjectura-se que o predicador verbal se mova, pelo menos, até o núcleo da primeira projeção que domina $Asp_{Retrospectivo}P$, isto é, a projeção de $Asp_{Contínuo}P$. Conforme argumentado em Cinque (1999) e Tescari Neto (2019; 2022), as línguas podem parametrizar a extensão das zonas de movimento do verbo. Em face da opcionalidade apontada em Tescari Neto (2013; 2019;

[164] Sobre a relação entre o tempo verbal, o emprego de "agora mesmo" e de suas possíveis leituras, falar-se-á nas próximas seções.
[165] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/), referente à linha de concordância 128. Acesso em setembro de 2025.
[166] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/), referente à linha de concordância 199. Acesso em setembro de 2025.

2022) acerca do movimento do verbo até $T_{Anterior}P$, parece ser possível conjecturar que, para dar conta da leitura de retrospecção em (362), o verbo ou se mova até a primeira projeção que domina $Asp_{Retrospectivo}P$ ou se mova até o núcleo de $T_{Anterior}P$, a depender da parametrização da altura do movimento do verbo em gramáticas individuais.

Em (363), o predicador verbal triargumental "recebi" seleciona como argumento interno o DP tema "uma multa de 2.600,00 reais", que checa caso acusativo por meio da soldagem simples como complemento do verbo. Tal predicador também seleciona como argumento interno o PP fonte "da receita", que recebe caso oblíquo da preposição que o introduz. Finalmente, seleciona-se como argumento externo o DP "eu", que estabelece função sintática de sujeito ao checar traço de sujeito da oração em Spec, SubjP. Conforme argumentado, o AdvP "agora mesmo" é inserido na posição de Spec, $Asp_{Retrospectivo}P$, estabelecendo uma relação de concordância de traços com o traço marcado no núcleo desta projeção. Para derivar (363), argumenta-se que o predicador verbal "recebi" é alçado da zona temática até, pelo menos, o núcleo de $Asp_{Frustrativo}P$. Se o verbo se move apenas até este núcleo ou se o verbo se move até, no máximo, o primeiro núcleo dominado por $Asp_{Retrospectivo}P$, especificamente o núcleo de $Asp_{Aproximativo}$, é uma questão em aberto. Em virtude de integrar uma zona de opcionalidade do movimento do verbo, ambas as propostas analíticas parecem ter o mesmo nível de adequação descritiva e explicativa para uma sentença como (2).

Curiosamente, ao se levar em consideração a possibilidade de o verbo se linearizar tanto em posição anteposta ao "agora mesmo" ("Juliana comeu agora mesmo o bolo" quanto em posição posposta a este ("Juliana agora mesmo comeu o bolo") sem alteração semântica, possivelmente se lida com uma variação licenciada no sistema da própria língua, em que essas duas possibilidades se constituem como variantes. Aponta-se que uma consequência razoável de tal proposição seria assumir a hipótese de que a zona de opcionalidade do movimento do verbo nas línguas naturais possa engendrar tal processo de variação linguística a curto prazo e, possivelmente, a longo prazo, um processo de mudança, por meio da exposição de um *input* em que apenas uma das linearizações é atestada.

É necessário, ainda, pormenorizar os contextos em que a leitura de retrospecção se faz presente nas sentenças apresentadas, por meio do emprego de critérios objetivos. Para tanto, empregam-se dois destes: 1) o teste de cancelamento e 2) o teste de coocorrência. Conforme se pode observar abaixo, a leitura de retrospecção não pode ser cancelada em nenhuma das duas sentenças em que o AdvP "agora mesmo" é realizado, seja em posição pré-verbal, seja em posição pós-verbal (cf. (362') e (363')). Além disso, "agora mesmo" não pode coocorrer com outros advérbios que indicam recência, como o "recentemente" (cf. Cinque, 1999, p. 109) (cf.

(362”) e (363”)). A partir de tais critérios, parece ser seguro afirmar que “agora mesmo” pode contribuir para a veiculação da leitura de retrospecção nos referidos contextos.

(362’) “#Vi agora mesmo o relógio, mas não o vi recentemente.”
(362”) “*Vi agora mesmo o relógio recentemente.”
(363’) “#Eu agora mesmo recebi da receita uma multa de 2.600,00 reais, mas não a recebi recentemente.”
(363”) “*Eu agora mesmo recebi da receita uma multa de 2.600,00 reais recentemente.”

A partir das sentenças apresentadas, constata-se que, independentemente da linearização do AdvP “agora mesmo”, licencia-se a possibilidade de veiculação de uma leitura de retrospecção. Em (362’) e (363’), nota-se que o traço de retrospecção não pode ser cancelado por meio de uma oração coordenada quando o “agora mesmo” é realizado, ao passo que, em (362”) e (363”), não é licenciada a coocorrência de “agora mesmo” com “recentemente”, advérbio apontado em Cinque (1999, p. 109) como um possível veiculador de retrospecção.

Advérbios como “(dentro) em breve” são inseridos na posição de especificador de $Asp_{Aproximativo}P$, concordando, assim, com o traço *default* de - [+aproximativo] ou com sua contraparte marcada [+aproximativo]. Em relação à natureza deste traço, Cinque (1999) aponta que, por meio deste, faz-se referência a uma eventualidade que ocorre em um ponto posterior a determinado momento de referência. Enquanto, em línguas como italiano, licenciam-se advérbios como “*subito*” (“imediatamente”) e “*presto*” (“em breve”) como especificadores que concordam com o referido traço, em línguas como o PB, não parece ser tão evidente o subconjunto de AdvPs que carregam semelhante noção. Conforme apresentado, parece ser o caso de “(dentro) em breve” funcionar como especificador de tal projeção, possibilitando uma leitura de aproximação, como se observa em uma sentença como “Marcos (dentro) em breve come/comerá o bolo”. Nota-se, contudo, que, em uma sentença como “Marcos imediatamente come o bolo”, mais saliente do que uma ideia de sequenciamento súbito, é a noção de *zero-delay* (“pronto início”), em que uma eventualidade ocorre prontamente no mesmo instante em que outra ação ocorre. Essa aparente assimetria entre “(dentro) em breve” e “imediatamente” fica evidente a partir de um teste simples de acarretamento, que parece instanciar a distinção entre o início de uma eventualidade logo após um ponto de referência e início imediato dessa eventualidade: Se X (início logo após um ponto de referência) for verdadeiro, Y (início imediato) também o será; Se Y) for verdadeiro, X também o será. Dessa forma, observa-se que,

se X “Marcos dentro em breve come o bolo” for uma proposição verdadeira, não é necessariamente verdadeira a proposição Y “Marcos imediatamente come o bolo”.

De forma ainda mais clara, é possível haver um mundo W, no qual haja um intervalo i, demarcado por um ponto inicial i_0, por um ponto de referência i_1 e por um ponto i_2. Neste mundo W, existe um evento (e) de “comer”, do qual “Marcos” é agente e “o bolo” é tema. Tal evento (e) é localizado no ponto i_2, que é posterior a i_0, embora não seja imediatamente posterior a i_0. Sendo assim, dizer “Marcos dentro em breve come o bolo” não significa que “Marcos imediatamente come o bolo”, haja vista que, nesta segunda oração, ou o AdvP “imediatamente” é dêitico, localizando o evento em um ponto simultâneo a um momento de referência – que pode ser o presente – ou descreve um ponto imediatamente posterior a um outro momento ($i_0 > i_1$). Na primeira oração, “Marcos dentro em breve come o bolo”, não parece haver dúvidas que o referido evento ocorre posteriormente a i_0, embora não seja necessariamente imediatamente posterior a um determinado ponto.

Além disso, é possível cancelar a leitura de “imediatividade” em um contexto de leitura de proximidade sem prejuízo à gramaticalidade ou à interpretação de uma sentença. Perceba que é plenamente possível afirmar que “Marcos dentro em breve come o bolo, mas ele não come o bolo imediatamente” ou, então, “Marcos dentro em breve comerá o bolo, mas ele não comerá o bolo imediatamente”. Em face de todos os argumentos apresentados, não parece haver evidências categóricas de que, em PB ao menos, “imediatamente” seja da mesma categoria de “(dentro) em breve”.

Em relação à categoria de “imediatamente”, aventa-se a possibilidade de esta ser referente ao traço de incoatividade, especificamente $Asp_{Incoativo(I)}P$, haja vista que, para além de compartilharem similares semânticas, não parece ser possível a coocorrência entre “imediatamente” e “repentinamente” ou “de repente” (“*Marcos imediatamente repentinamente come o bolo/ “*Marcos imediatamente de repente come o bolo”), tampouco posso negar a incoação por meio de uma estrutura coordenada (“#Marcos imediatamente come o bolo, mas ele não come o bolo repentinamente/ de repente”). Mais argumentos serão apresentados para essa análise neste capítulo. Por ora, convém ratificar que, em face de todos esses argumentos, considera-se que “(dentro) em breve” seja o candidato mais representativo de especificador de $Asp_{Aproximativo}P$. Para exemplificar a contribuição de “(dentro) em breve” para a veiculação do traço de aproximação, têm-se os seguintes exemplos:

(364) “**Dentro em breve** este mosteiro já fica pequeno.”[167]

(365) “**Em breve** (...) chega (...) o filme “Amazônia, Planeta Verde”.”[168]

Em (364), os traços de concordância de “pequeno”, que encabeçam um AgrP – no espírito da análise de Haegeman (1994) – selecionam como argumento interno o AP “pequeno” e como argumento externo o DP “este mosteiro”. Dessa forma, enquanto tais traços nucleiam o AgrP, o AP “pequeno” é inserido em posição de complemento do núcleo Agr e o DP “este mosteiro” em posição de especificador de AgrP. Este AgrP é complemento do vP encabeçado por “fica”, que, por conta de sua natureza inergativa, não seleciona argumento externo. Como de praxe em estruturas de alçamento, é necessário que um DP se mova para posição de sujeito com fins de receber caso e respeitar o Princípio de Projeção Estendido. Neste caso, o DP “este mosteiro” é alçado da posição em que foi inicialmente inserido para a posição de *Spec*, SubjP.

Em (364), a eventualidade de “ficar pequeno” é descrita de forma que seu início está próximo a um momento de referência. A leitura de aproximação constatada nesta sentença é um produto da soldagem de “dentro em breve” na posição de *Spec*, $Asp_{Aproximativo}P$, concordando com o traço de aproximação que nucleia tal projeção. Conforme argumentado em Tescari Neto (2019), há opcionalidade de movimento do verbo para projeções entre $Asp_{Frustrativo}P$ e $T_{Anterior}P$, o que abrange a projeção baixa $Asp_{Aproximativo}P$. Sendo assim, a partir do que se observa em (364), com o AdvP “já” antecedendo o verbo, argumenta-se em favor do entendimento de que o verbo se move até o núcleo de $Asp_{Aproximativo}P$, checando traço de aproximação por *merge* interno (cf. Chomsky, 1995). Após a checagem de tal traço e da extração do sujeito, considera-se haver movimento de “dentro em breve” para ModP, na periferia esquerda, por conta de ser uma sentença com deslocamento adverbial simples, sem qualquer marca indexicalizadora – prosódia, clítico resumptivo, etc – que acarrete uma interpretação de foco ou tópico para o constituinte deslocado.

Em (365), o predicador verbal inacusativo “chegar” seleciona como argumento interno o DP “o filme “Amazônia, Planeta Verde”” e não seleciona argumento externo. Veicula-se, nesta sentença, uma leitura de aproximação referente à chegada do filme em questão. O verbo “chegar” para checar o traço de aproximação é alçado da zona temática até o núcleo $Asp_{Aproximativo}P$, projeção em que “Em breve” é inserido como especificador. Pelos motivos já

[167] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/), referente à linha de concordância 67. Acesso em setembro de 2025.

[168] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/), referente à linha de concordância 16. Acesso em setembro de 2025.

apresentados, “em breve” precisa checar um traço de modificação e é alçado até a posição de *Spec*, ModP.

Observa-se, assim, que, tanto em (364) quanto em (365), veicula-se uma leitura de aproximação, em que o início da eventualidade é descrito como próximo a determinado ponto de referência. Para se averiguar a felicidade de tal interpretação, cabe o emprego dos testes diagnósticos utilizados até agora: a) o Teste de Cancelamento e b) o Teste de Coocorrência.

(364’) “#Dentro em breve este mosteiro já fica pequeno, mas ele não ficará pequeno daqui a pouco”.
(364”) “*Dentro em breve, este mosteiro já fica pequeno daqui a pouco.”
(365’) “#Em breve, chega o filme “Amazônia, Planeta Verde”, mas ele não chega daqui a pouco.”
(365”) “*Em breve, chega o filme “Amazônia, Planeta Verde” daqui a pouco”.

Em (364’), o resultado do cancelamento da leitura de aproximação é uma sentença anômala semanticamente. De forma mais categórica para nosso estudo, em (364”), constata-se que “Dentro em breve” não pode coocorrer com “daqui a pouco”, expressão que veicula a noção de aproximação. Semelhante resultado se observa em (365’), em que a tentativa de cancelamento da leitura de aproximação por meio de uma estrutura coordenada faz emergir uma sentença anômala. Em (365”), “em breve” não coocorre com “daqui a pouco”. Dessa forma, assume-se que a leitura de aproximação é de fato propiciada pelo emprego de “(dentro) em breve”, que é soldado em posição de especificador de $Asp_{Aproximativo}P$.

Advérbios como “brevemente” são inseridos na posição de especificador de $Asp_{Durativo}P$, concordando, dessa forma, com o traço *default* de - [+ durativo] e com o traço marcado de [+ durativo]. No que respeita à natureza do traço de duração, Cinque (1999) considera que este veicula uma situação que perdura em determinado período de tempo. Para além do “brevemente”, Cinque (1999) considera o “longamente” nas línguas naturais como advérbio durativo. Para exemplificar tal leitura de duração, tomam-se como exemplo as sentenças abaixo:

> (366) “O atleta produz **brevemente** de 0,037 a 0,061 segundos, uma tensão muscular.”[169]

[169] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/), referente à linha de concordância 24. Acesso em setembro de 2025.

(367) “Eles contam **longamente** uma idéia curta.”[170]

Em (366), o predicador verbal biargumental “produz” seleciona como argumento interno o DP tema “uma tensão muscular”, de caso acusativo, e, como argumento externo, o DP “o atleta”, de caso nominativo. A eventualidade em questão é descrita como pertencente a um intervalo de tempo, em que esta se faz constante. Tal leitura de duração é possibilitada pelo emprego do AdvP “brevemente”, soldado na posição de especificador de $Asp_{Durativo}P$. O traço de duração é checado por movimento simples do predicador verbal até, pelo menos, a primeira projeção que domina $Asp_{Durativo}P$, isto é, $Asp_{Aproximativo}P$. Em outras palavras, se advérbios são indicadores de movimento do verbo – no espírito da proposta de Pollock (1989) – e se o AdvP “brevemente” é especificador de uma zona de movimento opcional do verbo em PB (cf. Tescari Neto, 2019), então, em um cenário em que tal AdvP segue linearmente o verbo, é esperado que haja movimento do verbo até pelo menos o primeiro núcleo que domina o núcleo de $Asp_{Durativo}P$, respeitando a Restrição de Movimento Nuclear.

Em (367), o predicador verbal biargumental “contam” seleciona como argumento interno o DP tema “uma ideia curta”, de caso acusativo, e, como argumento externo, o DP “Eles”, de caso nominativo. A eventualidade sob análise é descrita como integrante de um intervalo de tempo. Essa leitura de duração é possibilitada pelo emprego do AdvP “brevemente”, inserido na posição de especificador de $Asp_{Durativo}P$. Nesta sentença, o traço de duração parece ser checado por movimento simples e cíclico do predicador verbal até, ao menos, o primeiro núcleo que domina $Asp_{Durativo}P$, o que explica a linearização atestada.

Malgrado a clareza dos dados, é necessário explicitar a extensão em que a leitura de duração pode se fazer presente com “brevemente”. Conforme será argumentado neste capítulo, não parece tal leitura ser a única possível de ser desempenhada pelo AdvP “brevemente”. Por isso, é relevante aplicar os testes adotados neste trabalho como diagnósticos de determinada leitura: 1) Teste de Cancelamento e 2) Teste de Coocorrência.

(366’) “#O atleta produz brevemente uma tensão muscular, mas essa produção não é breve”.
(366”) “*O atleta produz brevemente longamente uma tensão muscular”.
(367’) “#Eles contam longamente uma ideia curta, mas relataram a ideia brevemente”.
(367”) “*Eles contam longamente brevemente uma ideia curta”.

[170] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/), referente à linha de concordância 87. Acesso em setembro de 2025.

Em (366'), não é possível cancelar a leitura de "duração breve" ilocucionalmente por meio de uma estrutura coordenada, o que aponta o caráter sintático-semântico da leitura de duração no exemplo original. Em (366"), não se licencia a coocorrência dos AdvPs "brevemente" e "longamente", o que aponta que estes pertencem não só a mesma classe, mas também a uma mesma categoria. Em (367'), observa-se similarmente que não é possível cancelar ilocucionalmente a leitura de "longa duração" por meio de uma estrutura coordenada. Finalmente, em (367"), é agramatical a coocorrência de "longamente" e "brevemente" modificando o mesmo termo em semelhante contexto. Dessa forma, pode-se assegurar, com relativa segurança, que tais AdvPs são veiculadores de duração nas sentenças sob análise.

Advérbios como "caracteristicamente" são especificadores de $Asp_{Genérico/Progressivo}P$, concordando, assim, com o traço *default* de "genérico" e o traço marcado de progressivo. No que respeita à natureza categorial do traço, Cinque (1999) compreende a progressividade como a especificação negativa da genericidade. Enquanto, por meio do aspecto genérico, expressa-se uma declaração com força universal e ontológica sobre determinado ente (cf. "A Terra é redonda"), por meio do aspecto progressivo, expressa-se uma declaração com força particular, contingente e episódica (cf. "O João está falando"/ "*A Terra está sendo redonda"). É neste sentido que se entendem genericidade e progressivo como especificações opositivas para o traço que nucleia $Asp_{Genérico/Progressivo}P$. Cinque (1999, p. 99) diferencia o traço de genericidade do traço de habitualidade a partir do entendimento de Dahl (1985, p. 97, tradução minha) de que "sentenças habituais se diferenciam de sentenças genéricas por sua ausência de sua força de lei (*lawlikeness*)". Enquanto sentenças habituais descrevem uma situação que é específica de um determinado intervalo (cf. "João geralmente come bolos"), sentenças genéricas descrevem propriedades inerentes e características de um ser (cf. "Sócrates é mortal"). Há, ainda, incompatibilidade entre o emprego de AdvPs habituais – como o "geralmente" – com sentenças genéricas *individual-level* (cf. "*Sócrates geralmente é mortal"). Dessa forma, Cinque (1999) propõe que, na posição de especificador de $Asp_{Genérico/Progressivo}P$, haja um operador genérico/episódico responsável por desencadear a leitura de genericidade/progressividade ao tomar o evento em seu escopo. Malgrado a ausência de uma afirmação categórica referente aos advérbios veiculadores de tais traços, em Cinque (1999) apresenta-se o AdvP "caracteristicamente" como um advérbio de $Asp_{Genérico/Progressivo}P$. Para exemplificar, assim, a ativação do traço sob análise quando o referido AdvP é empregado, toma-se como exemplo a seguinte sentença:

(368) “Os alcoólatras **caracteristicamente** apresentam o rosto avermelhado.”[171]

Em (368), o predicador verbal “apresentam” seleciona como argumento interno o DP “o rosto avermelhado”, de caso acusativo, e, como argumento externo, o DP “Os alcoólatras”, de caso nominativo. Por meio dessa sentença, veicula-se a interpretação de que existe uma eventualidade de “apresentar o rosto avermelhado”, experienciada por “Os alcoólatras”, que é inerente a qualquer ser que pertence ao conjunto referenciado por “Os alcoólatras”. Em outras palavras, descreve-se que todo indivíduo que é “alcoólatra” possui ontologicamente a propriedade de “apresentar o rosto avermelhado”. Essa leitura genérica, de força de lei (*lawlikeness*), é propiciada por meio da soldagem do núcleo de $Asp_{Genérico/Progressivo}P$, soldagem do AdvP “caracteristicamente” como especificador de tal núcleo e, por fim, checagem do traço de genericidade por meio de movimento simples do predicador verbal até, pelo menos, o núcleo de $Asp_{Genérico/Progressivo}P$, respeitando a Restrição de Movimento Nuclear. Descarrega-se, assim, essa leitura por meio da operação de *merge* externo e *merge* interno, especificamente pela atuação do parâmetro de movimento simples (cf. Cinque, 2005).

A referida leitura de genericidade da sentença (368) faz-se mais evidente quando se empregam os testes diagnósticos de leitura adotados neste trabalho: a) Teste de Cancelamento e b) Teste de Coocorrência. Conforme se observa abaixo, em (368’), não se cancela o traço de genericidade por meio de uma estrutura coordenada. Em (368”), é agramatical a coocorrência do AdvP genérico “caracteristicamente” com o AdvP “tipicamente”, apresentado, por Cinque (1999, p. 99), como um outro possível candidato a especificador de $Asp_{Genérico/Progressivo}P$.

(368’) “#Os alcoólatras caracteristicamente apresentam o rosto avermelhado, mas eles não tipicamente apresentam o rosto avermelhado”.
(368”) “*Os alcoólatras caracteristicamente tipicamente apresentam o rosto avermelhado”.

Advérbios como “quase” são inseridos na posição de especificador de $Asp_{Prospectivo}P$, concordando, assim, com o traço *default* - [+prospectivo] e com o traço marcado de [+prospectivo]. Em relação à natureza do referido traço, Cinque (1999) aponta que este instancia um ponto imediatamente anterior ao início de um evento. Tal traço pode ser exemplificado por meio da seguinte sentença:

[171] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/), referente à linha de concordância 78. Acesso em setembro de 2025.

(369) “E eu **quase** morri, de tanto chorar minha perda!”[172]

Em (369), o predicador verbal “morri” seleciona como argumento interno o DP “Eu”, que estabelece função sintática de sujeito da oração. Por meio dessa sentença, veicula-se uma eventualidade de “morrer”, experienciada por “Eu”, que ainda não atingiu seu *télos* (ou zenite), de forma que se enfatiza o momento imediatamente anterior à “morte” propriamente dita. A leitura de iminência (ou de prospecção) é propiciada pela soldagem do núcleo de $Asp_{Prospectivo}P$, do AdvP “quase” na posição de especificador de tal projeção e na checagem do referido traço por meio de movimento nuclear do verbo até, ao menos, o núcleo de $Asp_{Prospectivo}P$. Dessa forma, veicula-se a leitura de prospecção, instanciada nos exemplos abaixo:

(369’) “#E eu quase morri de tanto chorar minha perda, mas eu não iminentemente morri.”
(369”) “*E eu iminentemente quase morri de tanto chorar minha perda.”

Em (369’), não é possível cancelar a leitura escalar e prospectiva de “quase” por meio de uma estrutura coordenada que apresente o evento em sua completude. Em (369”), a coocorrência entre “quase” e “iminentemente” – um dos AdvPs sugeridos por Cinque (1999, p. 99-100) para ocupar a posição de especificador de $Asp_{Prospectivo}P$ – não é possível. Dessa forma, nota-se a veiculação da leitura de prospecção por meio do AdvP “quase”.

Embora não seja o objetivo desta seção apresentar de maneira categórica as leituras e linearizações dos advérbios baixos (cf. 6.3), algumas notas são necessárias acerca das possibilidades de leituras em determinados empregos do AdvP “quase”. De forma geral, observa-se que, em posição pré-verbal, o AdvP “quase” parece contribuir para a veiculação de uma leitura de prospecção, conforme se pode notar no exemplo em (369) e na sentença télica “Pedro quase comeu os cinco biscoitos”. Nota-se, contudo, que, ao figurar em posição pós-verbal com predicados télicos – como em “Pedro comeu quase os cinco biscoitos” – há uma ambiguidade quanto ao tipo de leitura desencadeada: 1) leitura prospectiva – “Foram os cinco biscoitos que o Pedro comeu quase”, 2) leitura completiva – “Foram quase os cinco biscoitos que o Pedro comeu”. Explica-se essa ambiguidade por imperativos de movimento do verbo: 1) como, em PB, o verbo obrigatoriamente deve se mover até o núcleo de $Asp_{Frustrativo}P$ – projeção

[172] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/), referente à linha de concordância 353. Acesso em setembro de 2025.

que domina $Asp_{SingCompletivo(I)}P$ – quando o AdvP "quase" está em posição pós-verbal e veicula leitura de incompletude, tal leitura é um produto da soldagem de "quase" na posição de especificador de $Asp_{SingCompletivo(I)}P$ e do movimento do verbo, engendrando a ordem (Verbo-AdvP "quase" – leitura completiva), 2) como, em PB, o verbo opcionalmente se move até o núcleo de $T_{Anterior}P$, projeção que domina tanto $Asp_{Prospectivo}P$ (relacionada à leitura prospectiva) quanto $Asp_{SingCompletivo(I)}P$ (relacionada à leitura de completude), a leitura de prospecção em posição pós-verbal é um produto da soldagem do "quase" na posição de especificador de $Asp_{Prospectivo}P$ e do movimento do verbo pela zona de movimento opcional, licenciado a ordem (Verbo-AdvP "quase" – leitura prospectiva). No caso de linearização pré-verbal, identifica-se apenas leitura prospectiva, derivada a partir da soldagem de "quase" em posição de especificador de $Asp_{Prospectivo}P$ e movimento obrigatório do verbo até o núcleo de $Asp_{Frustrativo}P$, checando o traço de prospecção por *Simple Merge*. Vai sem dizer que uma hipótese concorrente a esta é a possibilidade de movimento opcional do verbo até, no máximo, o núcleo de $Asp_{Prospectivo}P$, engendrando a ordem (AdvP "quase" – Verbo).

Advérbios como "repentinamente" (ou "de repente") são inseridos na posição de especificador de $Asp_{Incoativo(I)}P$, concordando com o traço *default* de - [+ incoação] e com o traço marcado [+ incoação]. Embora, em Cinque (1999, p. 105), apenas se avente a possibilidade de existência de tal projeção na HU, referente ao início de um evento, é em Cinque (2006) que tal projeção é de fato incorporada à referida hierarquia. O núcleo de $Asp_{Incoativo(I)}P$ aloca o traço de incepção de uma eventualidade, enfatizando, assim, o ponto inicial de uma eventualidade. Para exemplificar a ativação deste traço, tomam-se como exemplo as sentenças abaixo:

(370) "**De repente** Milton teve um estremeção (sic)."[173]

(371) "Ela morre **repentinamente**."[174]

Em (370), o predicador verbal biargumental "teve" seleciona como argumento interno o DP tema "uma estremeção", de caso acusativo, e seleciona como argumento externo o DP agente "Milton", de caso nominativo. O constituinte "de repente" colabora para o desencadeamento de uma leitura de incoação do evento de "ter uma estremeção". Essa leitura

[173] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/), referente à linha de concordância 179. Acesso em setembro de 2025.

[174] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/), referente à linha de concordância 3. Acesso em setembro de 2025.

de incoação é um produto da soldagem do núcleo de $Asp_{Incoativo(I)}P$, soldagem do constituinte "de repente" na posição de especificador da referida projeção e da atuação dos parâmetros do movimento do verbo em PB. Além disso, "de repente" carrega consigo um traço de modificação discursiva, a ser checado por meio de movimento para a periferia esquerda, especificamente para ModP, haja vista a ausência de marcas indexicalizadoras de tópico ou foco. Dessa forma, veicula-se uma eventualidade de "ter", da qual "um estremeção" é tema, e "Milton" é experienciador, que iniciou em um momento anterior ao presente.

Em (371), o predicador verbal "morre" seleciona como argumento interno o DP "Ela", que estabelece função sintática de sujeito oracional. O AdvP "repentinamente" colabora para a veiculação de uma leitura de incepção do evento de "morrer", experienciado por "Ela". Essa leitura é um produto da soldagem do núcleo de $Asp_{Incoativo(I)}P$, soldagem do constituinte "repentinamente" na posição de especificador da referida projeção e da atuação dos parâmetros do movimento do verbo em PB. O predicador verbal "morrer" checa o traço de incoação por meio de movimento simples, estendendendo-se até, ao menos, o primeiro núcleo que domina a projeção $Asp_{Incoativo(I)}P$, engendrando a ordem (Verbo-AdvP "repentinamente"). No espírito da argumentação desenvolvida até agora, utilizam-se, como diagnóstico de veiculação da leitura de incepção em determinada oração, os testes de cancelamento e de coocorrência, nas seguintes sentenças:

(370') **"#**De repente Milton teve um estremeção, mas ele não a teve repentinamente."
(370") "?De repente Milton de súbito teve um estremeção (sic)."
(371') "#Ela morre repentinamente, mas ela não morre de repente."
(371") "*Ela morre repentinamente subitamente."

Em (370'), não se pode cancelar ou negar ilocucionalmente o traço de incoação por meio de uma estrutura coordenada. Em (370"), a coocorrência entre "de repente" e "de súbito" não é licenciada em uma interpretação em que ambos sintagmas veiculam a mesma leitura modificando o mesmo elemento. Em (371'), também não se pode cancelar ou negar o traço de incoação por meio de uma estrutura coordenada. Finalmente, em (371"), é agramatical a coocorrência de "repentinamente" com "subitamente".

Advérbios como "obrigatoriamente" são concebidos como especificadores de $Modalidade_{Obrigação}P$, concordando, assim, com o traço *default* de - [- obrigação] e com o traço marcado de [- obrigação]. Em relação à natureza de tal traço, Cinque (1999, p. 81) argumenta

que este expressa uma obrigação por parte de um sujeito referenciado. Para exemplificar a ativação de tal traço, toma-se como exemplo a seguinte sentença:

(372) "A reforma **obrigatoriamente** passa, também, por logística e educação."[175]

Em (372), o predicador verbal "passar" seleciona, como argumento interno, o DP "A reforma" e o PP "por logística e educação". Neste sentença, veicula-se a leitura de que a inclusão por parte da reforma de "logística e educação" é uma propriedade obrigatória. Neste sentido, veicula-se o caráter deôntico da declaração. Essa leitura de obrigação é um produto da ativação do núcleo de Modalidade$_{\text{Obrigação}}$P, da soldagem do AdvP "obrigatoriamente" e da atuação dos parâmetros de movimento do verbo em PB. Neste caso, o verbo não ultrapassa o AdvP "obrigatoriamente", podendo: 1) mover-se, respeitando a Restrição de Movimento Nuclear, até o núcleo de Asp$_{\text{Frustrativo}}$P (fronteira do movimento obrigatório do verbo) ou 2) mover-se, respeitando a Restrição de Movimento Nuclear, até o núcleo de Modalidade$_{\text{Obrigação}}$P, que integra, em PB, uma zona de movimento opcional. As duas propostas analíticas parecem, entretanto, dar conta da explicação da veiculação da leitura de obrigação na sentença (372), instanciada a partir dos testes diagnósticos adotados neste trabalho:

(372') "#A reforma obrigatoriamente passa por logística e educação, mas não deve passar por logística e educação."
(372") "*A reforma obrigatoriamente forçosamente passa por logística e educação."

Em (372'), não é possível cancelar ou negar a leitura de obrigação da eventualidade descrita por meio de uma estrutura coordenada. Em (372"), não parece ser possível haver coocorrência entre o AdvP "obrigatoriamente" e o AdvP deôntico "forçosamente". Neste sentido, entende-se que o AdvP "obrigatoriamente" concorda com o traço de obrigação, que nucleia a projeção Modalidade$_{\text{Obrigação}}$P.

Advérbios como "à toa" e "em vão" integram a posição de especificador da projeção de Asp$_{\text{Frustrativo}}$P, estabelecendo, assim, uma relação de concordância com o traço *default* - [+ frustração] e com o traço marcado [frustração]. Em relação à natureza desse traço, Cinque

[175] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/), referente à linha de concordância 14. Acesso em setembro de 2025.

(1999, p. 105) aponta que ele instancia uma situação sem sucesso. Para exemplificar a ativação desse traço, analisam-se os exemplos abaixo:

(373) “A regulamentação rígida não existe **à toa**.”[176]

(374) “O Internacional (...), tentou **em vão** a contratação de Júlio Baptista.”[177]

Em (373), o predicador verbal inacusativo “existe” seleciona como argumento interno o DP tema “A regulamentação rígida”, que, ao ser alçado à posição de sujeito, recebe caso nominativo. Por meio dessa sentença, veicula-se que a existência de uma “regulamentação” não é “à toa”, isto é, não é “sem sucesso”. Essa leitura de “frustração” – ou de ausência de frustração, no caso do exemplo analisado – ancora-se no emprego de “à toa”. Dessa forma, tal leitura é um produto da ativação do núcleo de $Asp_{Frustrativo}P$, soldagem de “à toa” como especificador desta projeção e do movimento obrigatório do verbo até o núcleo da referida projeção. Como se observa em (373), entretanto, o verbo parece se mover até, ao menos, o primeiro núcleo que domina $Asp_{Frustrativo}P$, especificamente o núcleo de $Modalidade_{Obrigação}P$, integrante da zona de movimento opcional do verbo.

Em (374), o predicador verbal “tentar” seleciona como argumento interno o DP “a contratação de Júlio Baptista”, que recebe caso acusativo, e seleciona como argumento externo o DP “O Internacional” – que, ao ser alçado à posição de sujeito, recebe caso nominativo. Entende-se que, nessa sentença, a tentativa de contratar “Júlio Baptista” foi sem sucesso. Essa leitura de frustração é possibilitada pelo emprego de “em vão”. Assume-se, dessa forma, que tal leitura é um produto da ativação do núcleo de $Asp_{Frustrativo}P$, soldagem de “em vão” como especificador desta projeção e do movimento obrigatório do verbo até o núcleo da referida projeção. No espírito da argumentação apresentada no parágrafo anterior, o verbo parece se mover até, ao menos, o primeiro núcleo que domina $Asp_{Frustrativo}P$, especificamente o núcleo de $Modalidade_{Obrigação}P$.

Embora seja mais ou menos evidente que, em (373) e (374), há ativação ou do traço *default* ou do traço marcado de “frustração”, empregam-se os critérios diagnósticos adotados até agora neste trabalho. Dessa forma, com relativa segurança, pode-se afirmar que “à toa” e “em vão” contribuem para a veiculação da leitura de “frustração”.

---

[176] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/), referente à linha de concordância 122. Acesso em setembro de 2025.

[177] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/), referente à linha de concordância 101. Acesso em setembro de 2025.

(373’) “#A regulamentação rígida não existe à toa, mas ela existe em vão.”
(373”) “*A regulamentação rígida não existe à toa em vão.”
(374’) “#O Internacional tentou em vão a contratação de Júlio Baptista, mas conseguiu contratar Júlio Baptista.”
(374”) “*O Internacional tentou em vão à toa a contratação de Júlio Baptista.”

Em (373’), não se pode cancelar a leitura de “à toa” por meio de uma estrutura coordenada que veicula a leitura de “sem sucesso”. Em (373”), a coocorrência entre “à toa” e “em vão” não é gramatical, haja vista que ambos competem pela inserção na posição de especificador de $Asp_{Frustrativo}P$. Em (374’), não se pode cancelar a leitura de “sem sucesso” por meio de uma estrutura coordenada que veicule a leitura de “com sucesso”. Finalmente, em (374”), também não há coocorrência possível entre “à toa” e “em vão”. Dessa forma, tanto “em vão” quanto “à toa” são expressões inseridas na posição de especificador de $Asp_{Frustrativo}P$, estabelecendo uma relação de concordância com o traço de frustração.

Em Cinque (1999, p. 105), aventa-se a possibilidade de integração à HU de uma projeção que codifica o caráter tentativo de uma situação, sem necessariamente alcançar sucesso. A essa projeção, arrola-se, em Cinque (2006), o rótulo de $Asp_{Conativo}P$. Em línguas como o PB, tal noção costuma ser veiculada por verbos como “tentar” e “intencionar”, que indicam tal caráter tentativo de uma situação. Cinque (1999; 2006) não se compromete ao apontar um AdvP capaz de veicular tal noção. Por imperativos de organização textual, a sugestão de que AdvPs como “propositadamente” e “intencionalmente” possam ser especificadores de $Asp_{Conativo}P$ será desenvolvida na seção 6.4. Por ora, toma-se como exemplo a seguinte sentença com o verbo de reestruturação (cf. Cinque, 2006) “tentar”, sem se comprometer com um AdvP que possa concordar com o traço de intenção.

(375) “O novo líder **tentou** realizar reformas econômicas.”[178]

Em (375), o predicador verbal “realizar”[179] seleciona como argumento interno o DP “reformas econômicas”, de caso acusativo, e seleciona como argumento externo o DP agentivo

[178] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/), referente à linha de concordância 12. Acesso em setembro de 2025.
[179] Vai sem dizer que, de acordo com o Princípio da Projeção Estendido, toda oração tem sujeito. Nesse sentido, não se comentou acerca do PRO controlado por “o novo líder” em função de sujeito de “realizar” pelo fato de se escapar do escopo de análise deste trabalho.

“O novo líder”, que receberá caso nominativo ao ser alçado para a posição de sujeito, por meio da flexão de “tentou”. Conforme adotado em Cinque (1999; 2006), auxiliares, modais e verbos de reestruturação são inseridos diretamente no núcleo das projeções funcionais a que se relacionam semanticamente. No caso de (375), uma análise possível seria assumir que “tentou” é inserido diretamente no núcleo de $Asp_{Conativo}P$, checando o traço de intento por soldagem simples. Perceba que essa leitura não pode ser cancelada ilocucionalmente (cf. 375’), tampouco pode haver coocorrência de “tentar” com “intencionar” (cf. 375”).

(375’) “#O novo líder tentou realizar reformas econômicas, mas não houve intento de realizar reformas econômicas.”
(375”) “*O novo líder tentou intencionou realizar reformas econômicas.”

Ratifica-se, novamente, que Cinque (1999; 2006) não se compromete com um AdvP que possa veicular a referida noção nas línguas naturais. Em virtude do caráter descritivo desta seção, propor-se-á o conjunto de AdvPs que podem funcionar como advérbios conativos em 6.4. Por ora, é conveniente apenas compreender a natureza do traço que nucleia $Asp_{Conativo}P$ e sua realização verbal no PB.

Em Cinque (1999), são diferenciadas duas noções de completude, referente à forma como se relacionam com o termo modificado. Dessa forma, conforme argumenta Cinque (1999, p. 101, tradução minha), enquanto, em uma primeira noção de completude, faz-se referência a um conjunto de elementos que foi afetado – de forma que cada membro do conjunto é afetado mesmo que parcialmente –, em outra, veicula-se que cada membro integrante do conjunto foi completamente afetado. Sendo assim, em “Ana comeu todos seus três sanduíches”, veicula-se a ideia de que o conjunto de sanduíches foi afetado, de forma que cada sanduíche foi comido por Ana, mesmo que ela tenha deixado um pequeno pedaço de cada um para mais tarde. Perceba que, nesta sentença, não se diz necessariamente que todos “os três sanduíches” foram devorados de forma integral; diz-se apenas que todos “seus três sanduíches” foram comidos. Em “Ana comeu completamente seus três sanduíches”, veicula-se a ideia de que cada integrante do conjunto de “sanduíches” foi afetado completamente, de forma que não há qualquer resíduo de “sanduíches”. Essas duas noções, completude de afetamento do conjunto (completivo plural) e completude de afetamento de cada integrante (completivo singular), são relacionadas,

respectivamente, às projeções: $Asp_{PlurCompletivo}P$ (“tudo”) e $Asp_{SingCompletivo(I)}P$ (“completamente”)[180].

Note que é possível haver coocorrência entre “completamente” e “tudo” sem qualquer modificação na gramaticalidade da sentença. É plenamente possível dizer “Ana colocou completamente tudo no liquidificador” ou, então, “Ana colocou completamente todos os ingredientes no liquidificador”. Nestas sentenças, não se faz necessariamente referência a uma leitura escalar, gradativa ou enfática de “completamente” em relação a “tudo/todos”; faz-se referência a uma leitura de que todos os ingredientes foram ajuntados ao liquidificador e, também, foram colocados integralmente no liquidificador. A possibilidade de coocorrência de “completamente” com “tudo/ todos” corrobora o entendimento de que se lida com categorias distintas (cf. Jackendoff, 1972).

De acordo com Cinque (1999), há a seguinte ordem de dominância entre as projeções referenciadas: $Asp_{SingCompletivo(I)}P$ (“completamente”) > $Asp_{PlurCompletivo}P$ (“tudo”). Sendo assim, Cinque (1999) compreende que o traço *default* dessas projeções é - [+ completivo] e o traço marcado é [+completivo]. Nota-se, assim, que a diferença entre essas projeções reside no tipo de operação de completude desencadeada, seja a nível individual (“completamente”), seja a nível coletivo (“tudo”). Para exemplificar a atuação de tais traços, tomam-se os seguintes exemplos:

(376) “Meu hábito de beber havia mudado **completamente** suas características.”[181]

(377) “Coloque **todos** os ingredientes no liquidificador.”[182]

Em (376), o predicador verbal “mudado” seleciona como argumento os DPs “meu hábito de beber” e “suas características”. Nessa sentença, veicula-se a leitura de que as “suas características” foram integralmente alteradas, de forma que a modificação de cada uma das características foi completa, não havendo, assim, qualquer possibilidade de o interlocutor se comportar da mesma forma que se comportava anteriormente. Essa leitura de completude no nível singular é propiciada pelo emprego do AdvP “completamente” em posição pós-verbal. Afirma-se, assim, que tal leitura é um produto da ativação do núcleo de $Asp_{SingCompletivo(I)}P$,

[180] Convém salientar que, em Cinque (2006), tais diferenças entre as referidas projeções parece não ser considerada. Por razões de coerência interna, mantenho a diferenciação entre essas projeções neste trabalho.
[181] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/), referente à linha de concordância 96. Acesso em setembro de 2025.
[182] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/), referente à linha de concordância 17. Acesso em setembro de 2025.

soldagem do AdvP “completamente” em posição de especificador de tal projeção e movimento do particípio “mudado”, respeitando a Restrição de Movimento Núcleo, pelo núcleo de $Asp_{SingCompletivo(I)}P$. Checa-se, assim, o traço de completude por movimento simples.

Em (377), o predicador verbal “coloque” seleciona como argumentos internos o DP tema “os ingredientes” e o PP locativo oblíquo “no liquidificador”. Nessa sentença, veicula-se a leitura de que todos os ingredientes foram ajuntados no liquidificador, sem se expor, contudo, se cada ingrediente foi adicionado integralmente ao liquidificador. Essa leitura de completude no nível plural, do conjunto de “ingredientes”, é propiciada pelo emprego do AdvP “todos” em posição pós verbal. Assume-se que tal leitura é um produto da ativação do núcleo de $Asp_{PlurCompletivo}P$, soldagem do AdvP “todos” em posição de especificador de tal projeção e movimento do particípio “mudado”, respeitando a Restrição de Movimento Núcleo, pelo núcleo de $Asp_{PlurCompletivo}P$ Checa-se, da mesma forma, o traço de completude por movimento simples[183].

Convém ressaltar que, por meio dos testes diagnósticos adotados neste trabalho, é possível observar que não se pode negar ou cancelar ilocucionalmente os traços descritos, tampouco pode haver coocorrência entre AdvPs do mesmo tipo. Dessa forma, em (376’), nota-se que o traço de completude no nível individual não pode ser negado ou cancelado por meio de uma estrutura coordenada. Em (376”), é agramatical a coorrência entre os AdvPs “completamente” e “integralmente”. Em (377’), não se nega o traço de completude no nível coletivo por meio de uma estrutura coordenada. Finalmente, em (377”), é agramatical a coocorrência entre “cada” e “todos”, que agem sob a completude do evento a nível coletivo.

(376’) “#Meu hábito de beber havia mudado completamente suas características, mas elas ainda continuaram as mesmas.”
(376”) “*Meu hábito de beber havia mudado completamente suas características integralmente.”
(377’) “#Coloque todos os ingredientes no liquidificador, mas não coloque cada um dos ingredientes.”
(377”) “*Coloque cada todos os ingredientes no liquidificador.”

[183] Salienta-se que não se adota uma análise de movimento – alçamento de quantificador – pós-*Spell Out*, na Forma Lógica, como, por exemplo, adotada em Heim e Kratzer (1998). No espírito da proposta de Kayne (1998), assume-se que a GU não possibilita a existência de movimento coberto.

Antes de descrever o comportamento sintático da próxima categoria de advérbio assumida em Cinque (1999), são necessárias algumas breves notas acerca do fenômeno de passivização. Sabe-se que, em Cinque (1999), propõe-se uma assimetria no comportamento sintático de formas participiais passadas ativas (doravante PPA) e de formas participiais passadas passivas (doravante PPP). Entende-se, como PPA, a forma nominal regular (em "-ado" ou "-ido", no PB) ou irregular em que o verbo lexical apresenta em sentenças ativas com veiculação do aspecto *perfect*, como em "Pedro tem **comido** o bolo". Em PB, tal particípio nesse contexto é especificado para o traço de [+resultatividade] e [+continuatividade] (cf. Nespoli, 2018), não sendo compatível com uma interpretação [+ resultativa] e [-continuativa], como pode sê-lo, por exemplo, em outras línguas, como no inglês "*John has eaten the cake*" ("João tem comido o bolo"/ "João comeu o bolo"). Entende-se, como PPP, a forma nominal regular (em "-ado" ou "-ido", no PB) ou irregular que o verbo lexical apresenta em sentenças passivas, como em "O bolo foi **comido**". Em PB, conforme argumenta Sanchez-Mendes e Quadros Gomes (2018), tal sentença pode ser passivizada por haver, na grade temática do predicado, um argumento especificado para o papel de "agente". Em Collins (2005), ao se aventar uma proposta de análise derivacional do fenômeno de passivização, defende-se que PPAs e PPPs são formas equivalentes.

Embora a proposta de Collins (2005) seja uma encantadora forma de derivar sentenças passivas a partir de sentenças ativas (*contra* Chomsky, 1995), questiona-se a procedência da proposição de que não há diferença entre PPAs e PPPs. Se essa proposição procedesse, não seria possível explicar os dados de Cinque (1999, p. 102) transcritos abaixo:

(378) a. "*Hanno **accolto** <u>bene</u> il suo spettacolo solo loro*".
Tem - recebido - bem - o - seu - espetáculo - apenas - eles
"Eles têm recebido bem apenas o seu espetáculo"

b. "**Hanno <u>bene</u> **accolto** il suo spettacolo solo loro*".
Tem - bem - recebido - o - seu - espetáculo - apenas - eles
"*Eles têm bem recebido o seu espetáculo apenas"

(379) a. "*Questo genere di spettacoli è sempre stato **accolto** <u>bene</u> da tutti*".
Esse - tipo - de espetáculo - tem - sempre - sido - recebido - bem - por todos
"Esse tipo de espetáculo tem sempre sido recebido bem por todos"

b. "*Questo genere di spettacoli è sempre stato <u>bene</u> **accolto** da tutti*".

Esse - tipo - de espetáculo - tem - sempre - sido - bem - recebido - por todos
"Esse tipo de espetáculo tem sempre sido bem recebido por todos"

Como se pode observar em (378a), o PPA "*accolto*" ("recebido") pode figurar em posição anteposta ao AdvP de modo "*bene*" ("bem") em italiano. Em PB, este também parece ser o caso no caso de veiculação de uma leitura de modo por parte de "bem". Em (378b), contudo, nota-se que o PPP "*accolto*" ("recebido") não pode figurar posposto ao AdvP "*bene*". Como se mostrará na seção 6.3, em PB, o AdvP "bem", quando se apresenta anteposto ao verbo, é agramatical para uma leitura de modo, embora seja gramatical para uma leitura de avaliação. Sendo assim, se, em (378) e (379), lida-se, respectivamente, com os contextos de PPA e PPP; se, nessas sentenças, o PPA e o PPP possuem comportamentos sintáticos distintos em relação ao parâmetro de movimento acessado, logo há diferenças sintáticas entre PPA e PPP. Dessa forma, a proposição de um único PartP, por parte de Collins (2005), não parece ser motivada sintaticamente nas línguas naturais. Parece, entretanto, ser motivada por uma questão de veiculação morfológica.

Em face de tal assimetria, Cinque (1999) propõe que AdvPs de modo, como o "bem" sejam inseridos na posição de especificador de VozP. Tais advérbios concordam com o traço *default* de "voz ativa" e com o traço marcado de "voz passiva". No caso de derivação de sentenças com PPAs, o particípio passado obrigatoriamente deve se mover por sobre "bem", figurando, na ordem linear, em posição anteposta a "bem". Por isso que (378a) é gramatical, mas (378b) não o é. Em (378b), estaciona-se o PPA no núcleo de VozP, possibilitando a checagem dos traços para os quais o PPA é especificado no léxico. Em (378a), o PPA, respeitando a Restrição de Movimento Nuclear, checa todos os seus traços previamente especificados lexicalmente. Convém salientar que, conforme argumentado em Cinque (1999) e, até mesmo, em Nespoli (2018), o PPA, nas línguas naturais, é especificado para traços hierarquicamente arrolados em núcleos mais altos da hierarquia. No caso de Cinque (1999), se, na sentença em que o PPA figura, há leitura de *perfect* universal, como em "*John has eaten the cake*" ("João tem comido o bolo"), checa-se o traço de [+ continuidade], no núcleo da projeção medial $Asp_{Continuativo}P$. Se, na sentença em que o PPA figura, há leitura de *perfect* existencial, como em "*John has (already) eaten the cake*" ("João já comeu o bolo"), checa-se o traço de anterioridade, no núcleo da projeção medial $T_{Anterior}P$.

Em relação ao PPP, Cinque (1999) aponta que, em contextos menos marcados, este se move até o núcleo de VozP, figurando, na ordem linear, em posição posposta a AdvPs de modo, como o "bem". Quando, entretanto, veicula-se uma sentença passiva com uma referência

temporal específica, há movimento do PPP para checagem do traço de [-genericidade] ou [+ progressivo], no núcleo de $Asp_{Genérico/Progressivo}P$. Por isso, por exemplo, que tanto (379a) quanto (379b) são gramaticais. Em (379a), o PPP se move à esquerda de "bem" para checar o traço de [-genericidade] em $Asp_{Genérico/Progressivo}P$. Em (379b), o PPP se move até, no máximo, o núcleo de VozP, pois a sentença tem valor *default* de genericidade. De acordo com Cinque (1999, p. 103, tradução minha), "somente quando o núcleo funcional mais alto apresenta traço *default* ("genérico") — de modo que nenhuma checagem precisa ser realizada — é que o particípio passado passivo pode deixar de mover-se e permanecer em Voz". .

Com base no exposto, há razões para assumir que PPAs e PPPs se diferenciam sintaticamente em relação à extensão de seus movimentos nas línguas naturais. Há, também, razões para entender que o modelo de Collins (2005) pode ser remediado pela análise assimétrica de Cinque (1999), de forma que estes se movem para locais distintos na derivação sintática. Finalmente, há razões para considerar que AdvPs de modo, como o "bem", de forma mais ou menos transparente nas línguas naturais, possuem um importante papel no fenômeno de passivização. É nesse sentido que Cinque (1999) os arrola como especificadores de VozP. Com o objetivo de explicitar a leitura de modo engendrada por "bem", toma-se o seguinte exemplo:

(380) "O planejamento do Tite foi **bem** feito."[184]

Em (380), o predicador "feito" seleciona como argumento o DP "o planejamento do Tite". Após operações apresentadas em (a), (b), (c), (d) e (e), na proposta de Collins (2005), para a derivação das passivas, há a soldagem do núcleo de VozP. Seguindo a conjectura adotada em Cinque (2017), assume-se haver três projeções relacionadas a este núcleo: uma alta, em que se insere o AdvP "bem" (Voz(III)P); uma medial, em que se alocam partes da oração para checar o traço criterial (Voz(II)P) e uma baixa, em que há o traço de voz propriamente dito. No caso de (380), parece ser o caso de o particípio "feito" se mover, no máximo, até o núcleo de Voz(I)P, engendrando a ordem "AdvP "bem" > particípio"". Após essa operação, a derivação poderia seguir conforme a proposta de Collins (2005). Para substanciar a análise de que o AdvP "bem", alocado em *Spec*, VozP, veicula leitura de modo na sentença, serão aplicados os dois

[184] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/), referente à linha de concordância 12. Acesso em setembro de 2025.

teses assumidos neste trabalho como diagnósticos: 1) o Teste de Cancelamento e 2) o Teste de Coocorrência.

(380') "#O planejamento do Tite foi bem feito, mas ele não foi feito de modo bom."
(380") "*O planejamento do Tite foi mal bem feito."

Em (380'), não se pode negar ou cancelar ilocucionalmente o modo pela qual a eventualidade descrita se desenrolou, seja por uma estrutura coordenada com "de + modo + bom", como "mas ele não foi feito de modo bom", seja por uma estrutura como o AdvP "mal" "mas ele foi mal feito". Em (380"), é agramatical a coocorrência dos AdvPs "bem" e "mal", salvo os casos de uma estrutura em que estes formam um constituinte gradativo ("bem mal"). Dessa forma, por meio desses dois testes, é possível assumir que "bem" é um AdvP que contribui para a veiculação de leitura de modo. Sugere-se, suplementarmente, a adoção de outros dois testes para a identificação de AdvPs de modo em PB: 1) o Teste da Paráfrase e 2) o Teste da Linearização.

De acordo com o Teste de Paráfrase, um AdvP configura-se como um advérbio de modo se, ao ser substituído pelas expressões "de modo + Adjetivo base" ou "de maneira + Adjetivo base", haja uma relação de acarretamento biunívoco entre a sentença original e a sentença nova. Dessa forma, adotando tal teste à sentença em (380), tem-se:

(380a) "O planejamento do Tite foi bem feito".
(380b) "O planejamento do Tite foi feito de bom modo".
(380c) "O planejamento do Tite foi feito de boa maneira".

Perceba que há uma relação de acarretamento biunívoco entre (380a) e (380b) e (380a) e (380c). Tal relação pode ser evidenciada de forma que, quando se nega (380a), como em "O planejamento do Tite não foi bem feito", nega-se obrigatoriamente (380b), "O planejamento do Tite não foi feito de bom modo", e (380c), "O planejamento do Tite não foi feito de boa maneira". Além disso, ao se negar (380b) e (380c), nega-se automaticamente (380a). Nesse sentido, há acarretamento biunívoco.

De acordo com o Teste da Linearização, um AdvP configura-se como um AdvP de modo se, ao figurar em sentenças passivas genéricas (cf. Cinque, 1999), puder ser linearizado em posição imediatamente à esquerda do PPP. Entretanto, isso não significa que AdvPs de modo não possam figurar em outras posições em contextos sintaticamente mais marcados,

como, por exemplo, os de checagem de traço informacional por parte de algum constituinte na periferia esquerda. Significa apenas que: 1) se o PPP se move apenas até o núcleo de VozP em contexto de passivas genéricas e 2) se em especificador de VozP há advérbios de modo, logo 3) o PPP, ao se mover até o núcleo de VozP, é linearizado em posição posposta ao AdvP de modo. Esse teste é baseado diretamente na afirmação de Cinque (1999, p. 103, tradução minha, grifo meu) de que: "somente quando o núcleo funcional mais alto apresenta traço *default* ("**genérico**") — de modo que nenhuma checagem precisa ser realizada — é que o particípio passado passivo pode deixar de mover-se e permanecer em Voz". Para viabilizar a testagem da sentença, atribui-se a ela um valor [+genérico] e [-episódico], por meio da alteração do tempo verbal. Entende-se que essa alteração não afeta a análise aqui proposta, haja vista que o foco do teste assumidamente recai na identificação de AdvPs de modo em contexto de sentenças genéricas. Dessa forma, tem-se:

(380d) "O planejamento do Tite é **bem** feito"
(380e) "*O planejamento do Tite é **provavelmente** feito"[185]
(380f) "O planejamento do Tite é **cuidadosamente** feito"

O contraste entre (380d), (380e) e (380f) recai no fato de que AdvPs altos em "-mente", como "provavelmente", não podem figurar à esquerda do PPP, ao passo que AdvPs baixos em "-mente", como "cuidadosamente", podem figurar à esquerda do PPP. Ao se pegar, por exemplo, o AdvP "francamente", este só pode figurar à esquerda do PPP em contexto de veiculação de leitura de modo "verdadeiro" ou "franco" (cf. "O planejamento do Tite é francamente feito"). Caso não haja essa possibilidade de leitura, a sentença torna-se agramatical. Esse resultado vai ao encontro da análise apresentada no capítulo 4 deste trabalho, em que se propõe que "francamente" também pode ser um AdvP baixo de modo em PB. Portanto, se um AdvP passar simultaneamente no Teste de Paráfrase e no Teste de Linearização propostos neste trabalho, este AdvP é de modo e é alocado em *Spec*, VozP.

Advérbios como "rápido" são alocados na posição de especificador de $Asp_{Acelerativo(II)}P$, concordando, assim, com o traço *default* - [+aceleração] e com o traço marcado [+aceleração]. Cinque (1999) afirma que, enquanto, em línguas como o inglês e italiano, AdvPs como "rapidamente" podem ocorrer tanto em posição de especificador de $Asp_{Acelerativo(I)}P$ – quando com escopo sob o evento – quanto em posição de especificador de $Asp_{Acelerativo(II)}P$ – quando

[185] Agramatical com leitura epistêmica.

com escopo sob o processo –, AdvPs como “rápido” só podem figurar como especificador de $Asp_{Acelerativo(II)}P$. Isso significa que “rápido” contribui, apenas, com a veiculação de uma leitura de aceleração em relação ao processo. Em PB, este parece também ser o caso, ainda mais se tomarmos como diagnóstico disso a extensão do movimento do verbo (cf. Tescari Neto, 2019) nesta língua:

(381) *João **rápido** comeu a lasanha.
(382) João comeu **rápido** a lasanha.
(383) João **rapidamente** comeu a lasanha.
(384) João comeu **rapidamente** a lasanha.

Em (381), o AdvP “rápido” não pode figurar em posição pré-verbal. É necessário, para a convergência da derivação, que o verbo se mova por sob “rápido”, até, ao menos, $Asp_{Frustrativo}P$. Como a projeção $Asp_{Acelerativo(I)}P$, em que se especifica o traço de aceleração do evento, é medial e, consequentemente, mais alta hierarquicamente do que $Asp_{Frustrativo}P$, a única projeção acelerativa acessada, neste caso, é $Asp_{Acelerativo(II)}P$ (“rápido”), que é dominada por $Asp_{Frustrativo}P$. Logo, pela Restrição de Movimento Nuclear, o verbo, em PB, precisa passar pelo núcleo de $Asp_{Acelerativo(II)}P$ e continuar sua cadeia até, ao menos, $Asp_{Frustrativo}P$, engendrando apenas a ordem “comeu > rápido”. Por isso (381) é agramatical e (382) é gramatical. É possível, assim, estender a generalização de Cinque (1999) ao PB e, possivelmente, empregá-la como diagnose para o tipo de traço criterial a ser checado na sentença (aceleração do evento vs. aceleração do processo).

Em relação a (383) e (384), o item “rapidamente” é compatível tanto com uma leitura de aceleração do evento (“O João rapidamente comeu a lasanha devagar” – o evento foi rápido para vir a ocorrer, mas a comilança foi lenta), quanto com uma leitura de aceleração do processo (“O João lentamente comeu a lasanha rapidamente” – o evento foi lento para vir a ocorrer, mas a comilança foi rápida). Em (383), este AdvP contribui com a veiculação de uma leitura de aceleração do evento, sendo, assim, soldado em posição de especificador de $Asp_{Acelerativo(I)}P$. Em (384), este AdvP contribui com a veiculação de uma leitura de aceleração do processo, sendo, assim, soldado em posição de especificador de $Asp_{Acelerativo(II)}P$.

Frente a isso, para pormenorizar as propriedades semânticas do AdvP “rápido” em PB, toma-se como exemplo uma sentença retirada do *Corpus do Português* (cf. (385)). Em seguida, é descrita a maneira pela qual há checagem do traço de aceleração do processo. Finalmente, aplicam-se os testes tomados como diagnósticos de leitura neste trabalho.

(385) “O Polícia agiu **rápido**.”[186]

Em (385), o predicador verbal “agiu” seleciona como argumento externo o DP agentivo “O Polícia”, que recebe caso nominativo ao ser movido para a posição de sujeito oracional. Nessa sentença, veicula-se a leitura de que existe um evento de “agir”, do qual “o polícia” é agente e o desenrolar do processo envolvido na “ação do Polícia” foi rápido, de forma que a ação foi “rápida”. Essa leitura de aceleração do processo de “agir” é um produto da soldagem do AdvP “rápido” na posição de especificador de $Asp_{Acelerativo(II)}P$ e da checagem do traço de aceleração por meio de movimento simples do verbo por sob o núcleo da referida projeção. Nesse contexto, é ainda mais evidente a leitura de aceleração do processo a partir dos testes assumidos neste trabalho:

(385’) “#O Polícia agiu rápido, mas ele agiu devagar.”
(385”) “*O Polícia agiu rapidamente rápido.”

Em (385’), não se pode negar ou cancelar o traço de aceleração do processo em questão por meio de uma estrutura coordenada que caracterize o processo como “devagar” ou leniente. Em (385”), é agramatical a coocorrência entre os AdvPs “rapidamente” e “rápido”. Convém salientar que, em caso de alguma incerteza quanto à classificação de “rápido” como um AdvP, também seria a agramatical a coocorrência entre “rápido” e “devagar”. Sendo assim, parece ser o caso de “rápido” se comportar como “rapidamente” em posição pós-verbal, contribuindo para a veiculação de uma leitura de aceleração do processo.

Advérbios como “do nada” são inseridos como especificadores de $Asp_{Incoativo(II)}P$, concordando, assim, com o traço *default* -[+incepção] e o traço marcado [+incepção]. Em relação à natureza desse traço, Cinque (1999) compreende que esse enfatiza o começo não natural de um processo. Para exemplificar tal sentença, tem-se:

(386) “Me jogaram **do nada** aos leões.”[187]

---

[186] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/), referente à linha de concordância 23. Acesso em outubro de 2025.
[187] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/), referente à linha de concordância 66. Acesso em outubro de 2025.

Em (386), o predicador verbal “jogaram” seleciona como argumento interno o clítico “me”, de função acusativa, e o PP “aos leões”, de função dativa. Nesta sentença, veicula-se a leitura de que o processo de “jogar aos leões” iniciou-se de maneira não explorada. Essa leitura de incoação do processo pode ser mais claramente observada em:

(386’) “#Me jogaram do nada aos leões, mas isso só ocorreu quando era esperado.”
(386”) “*Me jogaram de supetão do nada aos leões.”[188]

Em (386’), não é possível negar a incoação não natural do processo por meio de uma estrutura coordenada em que se aponte que se esperava o início do processo. Em (25”), não é possível a coocorrência de “do nada” e “de supetão” em posição pós-verbal. Perceba que seria plenamente possível dizer “De supetão me jogaram do nada aos leões”, justamente pelo fato de que, nesta sentença, “de supetão” enfatiza a incoação do evento, ao passo que “do nada” enfatiza a incoação do processo. Como se observa em (386”), quando “do nada” e “de repente” enfatizam a incoação do processo em posição pós-verbal, há agramaticalidade.

Advérbios como “de novo” são inseridos como especificadores de $Asp_{Repetitivo(II)}P$, concordando, assim, com o traço *default* - [+repetitivo] e com a contraparte marcada [+repetitivo]. Em relação à natureza desse traço, aponta-se que esse enfatiza a repetição de um processo. Para exemplificar essa noção, toma-se como exemplo a seguinte sentença:

(387) “E minha mestruação desceu **de novo**.”[189]

Em (387), o predicador verbal “desceu” seleciona como argumento interno o DP “minha menstruação”, que, impossibilitado de receber caso acusativo devido à natureza inacusativa do verbo, é alçado até a posição de sujeito da oração para receber caso nominativo. Nessa sentença, veicula-se a ideia de que o processo de “descida da menstruação” se repetiu, de forma que é possível pensar em diferentes e sucessivos fluxos em que de um mesmo evento mensal. Essa leitura de repetição do processo é um produto da soldagem de “de novo” em posição de especificador de $Asp_{Repetitivo(II)}P$ e da checagem do traço de repetição por movimento do verbo por sob o núcleo dessa projeção. Para fins de pormenorização da referida leitura, tem-se:

---

[188] Nesta tese, empregam-se, ademais, os seguintes AdvPs como veiculadores de tal aspecto: “de supetão”, “de súbito”.
[189] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/), referente à linha de concordância 10. Acesso em outubro de 2025.

(387') "#E minha menstruação desceu de novo, mas é a primeira vez em que ela desce este mês.[190]"

(387") "*E minha menstruação desceu de novo novamente."[191]

Em (387'), tem-se uma anomalia em um contexto em que o processo de descida da menstruação se repete, de forma que é impossível cancelar a repetição desse processo, embora seja possível negar a repetição do evento. Em (387"), há agramaticalidade em um contexto em que tanto "de novo" quanto "novamente" atuam como quantificadores do processo, enfatizando que esse processo se repetiu. Perceba que é plenamente possível dizer "E minha menstruação novamente desceu de novo", uma vez que, nesta sentença, "novamente" funciona como um operador de repetição de um evento, ao passo que "de novo" como um operador de repetição de um processo.

Em relação a AdvPs como "frequentemente", Cinque (1999) os arrola como especificadores de $Asp_{Frequentativo(II)}P$, concordando, assim, com o traço *default* - [+frequentativo] e com a contraparte marcada [+frequentativo]. Aponta-se que tal traço enfatiza a frequência de ocorrência de um processo. Para exemplificar essa leitura, tem-se:

(388) "Tenho me questionado **frequentemente** sobre os segredos da Maçonaria."[192]

Em (388), o predicador "questionado" seleciona como argumento interno o clítico "me", de caso acusativo, e o PP "sobre os segredos da Maçonaria", de caso oblíquo. Nessa sentença, veicula-se a leitura de que o processo de "se questionar" é frequente em determinado intervalo de tempo, de forma que esse pode ser tomado, até, como mais ou menos característico do referido intervalo. Essa leitura de frequência do processo é um produto da soldagem de "frequentemente" na posição de especificador de $Asp_{Frequentativo(II)}P$ e da checagem do traço frequentativo por movimento do PPA. No espírito da argumentação apontada por Cinque (1999), o PPA se move para núcleos mais altos do que o de VozP e, consequentemente, do que o de $Asp_{Frequentativo(II)}P$, haja vista a necessidade de checagem do traço de anterioridade na

[190] Argumenta-se que casos de eventual aceitabilidade desta sentença podem ser analisados pelo entendimento de que "de novo" seja soldado em $Asp_{Repetitivo(I)}P$ e, por uma série de movimentos, tem-se a linearização com o "de novo" de repetição de evento na margem direita da sentença.

[191] Nesta tese, emprega-se, ademais, o AdvP "outra vez" para veicular tal noção.

[192] Dado extraído do Corpus do Português (https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/), referente à linha de concordância 8. Acesso em outubro de 2025.

camada medial do *Middlefield*. Por isso, o PPA figura, nesse caso, à esquerda de "frequentemente". Para explicitar ainda mais essa leitura de frequência do processo, aplicam-se os testes adotados neste trabalho:

(388') "#Tenho me questionado frequentemente sobre os segredos da Maçonaria, mas meu questionamento é esporádico."
(388") "*Tenho me questionado frequentemente constantemente sobre os segredos da Maçonaria."[193]

Em (388'), não se pode negar a frequência do processo de "se questionar" por meio de uma estrutura coordenada que o apresenta como esporádico. Em (388"), é agramatical a coocorrência de "frequentemente" e "constantemente" em um contexto em que ambos modificam o processo, atribuindo-lhe um grau de frequência. Dessa forma, sustenta-se que, quando o AdvP "frequentemente" figura em posição pós-verbal, engendra-se leitura de atribuição de grau de frequência ao processo. Perceba que seria plenamente possível dizer, em PB, "Frequentemente tenho me questionado frequentemente sobre os segredos da Maçonaria", justamente pelo fato de que, nessas diferentes posições, tais AdvPs não são sinônimos.

Finalmente, em Cinque (1999), arrolam-se AdvPs como "completamente" como especificadores de $Asp_{SgCompletIvo(II)}P$, de forma que esses concordam com o traço *default* - [+ completivo] e com a contraparte marcada [+ completivo]. Em relação à natureza desse traço, Cinque (1999) aponta que ele enfatiza a forma com que as entidades afetadas por um processo são completamente afetadas, ou seja, afetadas em sua integralidade. A partir da leitura de Cinque (1999, p. 104), é possível inferir que o autor parece justificar a existência dessa projeção mais em termo de ordenamento possível encontrado nas línguas do que propriamente em termos de um tipo específico de traço. Defende-se essa interpretação a partir do seguinte excerto extraído de Cinque (1999, p. 104, tradução minha):

> "Em termos de ordenação, esse elemento parece corresponder à posição de especificador do núcleo aspectual Completivo no fula/fulfulde, realizado pelo sufixo (derivacional) -(i)d. Assim como a ordem dos sufixos em fula/fulfulde é (V)-COMPLETIVO-CELERATIVO-VOZ, a ordem dos especificadores, em italiano, aparece invertida (em conformidade com o Princípio do Espelho): *bem* > *rápido* > *completamente*."

[193] Nesta tese, assumiu-se que o AdvP "correntemente" veicula semelhante noção. Além disso, convém ratificar que "constantemente" também pode contribuir para uma leitura de continuidade. Não se entende que tal subespecificação seja problemática analiticamente, haja vista que tal fenômeno é comum em AdvPs.

Assume-se, assim, que a existência dessa projeção é justificada pelos ordenamentos possíveis nas línguas naturais. No caso do italiano, parece ser possível que o AdvP "completamente", ao enfatizar a integralidade de afetamento de cada participante do processo, seja linearizado em uma posição posposta ao AdvP "rápido", alocado em posição de especificador de $Asp_{Acelerativo(II)}P$. Se tal interpretação é correta, este também parece ser o caso do PB, conforme se observa na sentença abaixo:

(389) "O técnico reparou rápido **completamente** os sistemas."

Em (389), o predicador verbal "reparou" seleciona, como argumento interno, o DP tema "os sistemas", de caso acusativo, e, como argumento externo, o DP agentivo "O técnico", que recebe caso nominativo ao ser alçado à posição de sujeito oracional. Nessa sentença, é possível a leitura de que os seres referenciados por "os sistemas" foram afetados ou reparados em sua integralidade, de forma que houve uma mudança completa em cada um dos sistemas referenciados. Perceba que é plenamente possível dizer que o processo de "reparação" ocorreu de forma rápida também. Assim, nessa sentença, o AdvP completivo "completamente" figura à direita de "rápido", da mesma forma que previsto por Cinque (1999). Para evidenciar mais essa leitura de integralidade, aplicam-se os testes adotados:

(389') "#O técnico reparou rápido completamente os sistemas, mas os sistemas não foram modificados integralmente."
(389") "*O técnico reparou rápido completamente integralmente os sistemas."[194]

Em (389'), é estranho negar o traço de completude integral dos termos afetados pela eventualidade descrita por meio de uma estrutura coordenada que aponta a ausência de afetamento integral. Em (389"), é agramatical a coocorrência entre "completamente" e "integralmente" em posição pós-verbal, de forma que ambos competem pela inserção como especificadores de $Asp_{SgCompletlvo(II)}P$. Há, assim, uma leitura de afetamento integral dos termos afetados pelo processo. À vista disso, fica mais evidente a motivação de Cinque (1999) para postular essa projeção. Convém salientar que, se tomarmos a conjectura de Chomsky (1995)

[194] Em virtude das limitações de se adotar, de forma suplementar, uma metodologia que prioriza apenas dados positivos, não foram encontradas ocorrências dessa estrutura no *Corpus* do Português. Conforme argumentado na *Introdução*, o uso de dados de *corpora* é suplementar neste trabalho. Portanto, assume-se que não haja comprometimento dos objetivos específicos em relação ao emprego de dados que extrapolem aqueles verificados em *corpus*.

referente à justificativa para a postulação de projeções funcionais, parece ser o caso que, em relação à proposição de $Asp_{SgCompletlvo(II)}P$, tal proposição é baseada em aspectos internos da teoria.

Nesta seção, foram descritos os advérbios classificados como "baixos" na hierarquia de Cinque (1999). Apresentaram-se, também, alguns testes para a identificação das leituras desses advérbios, de forma que fosse possível argumentar que, em PB, tais AdvPs também seriam especificados para as mesmas leituras previstas. Na próxima subseção, serão discutidos e propostos diagnósticos para o reconhecimentos de advérbios baixos no PB.

6.2 DIAGNÓSTICOS PARA RECONHECIMENTO DE ADVÉRBIOS BAIXOS

Nesta seção, serão investigados alguns diagnósticos propostos na literatura para o reconhecimento de advérbios baixos no PB. Conforme apontado nos capítulos 4 e 5 deste trabalho, há, na literatura especializada, um conhecido conjunto de testes diagnósticos referente ao reconhecimento de advérbios sentenciais, isto é, advérbios que tomam o escopo sob o conteúdo proposicional. No capítulo 4, aplicam-se tais testes a advérbios altos e empregam-se advérbios baixos apenas como fator comparativo. Neste capítulo, observa-se, com maior detalhamento, o comportamento dos advérbios baixos ao serem empregados nos contextos dos testes. Espera-se, assim, que os advérbios baixos se comportem de forma distinta dos advérbios altos.

Antes de apresentar os resultados obtidos, é preciso mencionar alguns pontos metodológicos. Assim como nos capítulos 4 e 5, cada teste foi aplicado apenas a sentenças produzidas com entonação neutra, excluindo-se leituras prosódicas marcadas que pudessem afetar a interpretação dos dados. Em certos casos, a morfologia aspectual do verbo (perfectiva ou imperfectiva) foi ajustada para possibilitar uma avaliação mais clara da aceitabilidade da posição do advérbio, evitando interferências decorrentes da interação entre o traço aspectual do verbo e o traço semântico do AdvP. Em termos gerais, utilizou-se morfologia imperfectiva quando o advérbio selecionava traços compatíveis com a imperfectividade, e morfologia perfectiva quando o advérbio exigia traços ligados à perfectividade. O interesse central deste estudo recai sobre os efeitos derivados da posição do advérbio na sentença, e não sobre a sua compatibilidade aspectual.

Além disso, dados que resultem em incoerências interpretativas ou anomalias semânticas são desconsiderados. No que diz respeito aos procedimentos analíticos, adotam-se as seguintes etapas: (1) aplicação dos testes; (2) análise qualitativa e interpretativa dos

resultados; (3) comparação entre os resultados dos advérbios baixos e aqueles relativos aos advérbios mediais e altos discutidos nos capítulos anteriores; e (4) identificação de advérbios baixos que apresentem comportamento sintático mais próximo ao dos advérbios mediais no PB. A expectativa é que essa metodologia permita cumprir o objetivo específico de propor e aplicar diagnósticos sintáticos capazes de distinguir advérbios baixos.

Com base nas contribuições clássicas e recentes de Bellert (1977), Casteleiro (1982), Muller de Oliveira (1993), Cinque (1999) e Tescari Neto (2013; 2022c), é possível conjecturar alguns diagnósticos empregados para distinguir advérbios altos de baixos. A partir dessas obras, reuniu-se um conjunto relativamente amplo de testes, cada qual explorando um traço característico desses advérbios. Dessa forma, prevê-se que: 1) AdvPs baixos não possuam tanta mobilidade na sentença (Teste da Mobilidade), 2) AdvPs baixos não figurem como resposta a perguntas polares (Teste de Perguntas Polares), 3) AdvPs baixos possam ser focalizados com "é que" (Teste de Focalização antecedendo "é que"), 4) AdvPs baixos possam ser focalizados por "senão" (Teste de Focalização com "senão"), 5) AdvPs baixos possam ser clivados (Teste de Focalização do AdvP por clivagem), 6) AdvPs baixos possam ser negados (Teste de Negação), 7) AdvPs baixos possam ser coordenados (Teste da Coordenação), 8) AdvPs baixos possam figurar como resposta a perguntas abertas (Teste de perguntas abertas), 9) AdvPs baixos sejam compatíveis com sentenças imperativas (Teste de Sentenças Imperativas), 10) AdvPs baixos possam ser clivados em interrogativas (Teste de Clivagem em Interrogativas), 11) AdvPs baixos não figurem à esquerda do PPA (Teste do Particípio), 12) AdvPs baixos possam ser carregados pelo constituinte Wh em interrogativas (Teste da Interrogativa Wh) e 13) AdvPs baixos possam ser recuperados pela elipse verbal (Teste da Elipse).

A partir dos referidos diagnósticos, será avaliado o comportamento sintático do seguinte grupo de advérbios: 1) os retrospectivos ("agora mesmo"), 2) os aproximativos ("dentro em breve"), 3) os durativos ("brevemente"), 4) os genéricos/progressivos ("caracteristicamente"), 5) os prospectivos ("quase"), 6) os incoativos do tipo (i) ("de repente"), 7) os obrigatórios ("obrigatoriamente"), 8) os frustrativos ("à toa" e "em vão"), 9) os completivos singulares do tipo (i) ("completamente"), 10) os completivos plurais do tipo (i) ("todo"), 11) os de modo ("bem"), 12), os aceleratívos do tipo (ii) ("rápido"), 13) os incoativos do tipo (ii) ("do nada"), 14) os repetitivos do tipo (ii) ("de novo"), 15) os frequentativos do tipo (ii) ("frequentemente") e 16) os completivos singulares do tipo (ii) ("completamente"). Ao cabo da seção, será apresentada uma breve sistematização dos resultados dos testes aplicados a esses grupos, possibilitando, assim, a comparação entre eles.

Em relação aos resultados do primeiro teste diagnóstico – o Teste da Mobilidade –, observa-se um comportamento bastante heterogêneo. Em geral, AdvPs alocados acima de $Asp_{Frustrativo}P$ parecem dispor de maior grau de mobilidade do que AdvPs mais baixos. Isso fica evidente quando se considera o quadro abaixo:

Quadro 41 – **Aplicação de Teste de Mobilidade em AdvPs baixos**

AdvPs	**Teste de Mobilidade**
Agora mesmo	a. (Agora mesmo) João (agora mesmo) comeu (agora mesmo) o bolo (agora mesmo).
Dentro em breve	a. (Dentro em breve) João (dentro em breve) come (dentro em breve) o bolo (dentro em breve).
Brevemente	a. (Brevemente) João (brevemente) comeu (brevemente) o bolo (brevemente).
Caracteristicamente	a. (Caracteristicamente) João (caracteristicamente) come (caracteristicamente) bolo (caracteristicamente).
Quase	a. (*Quase) João (quase) come (quase) o bolo (*quase).
De repente	a. (De repente) João (de repente) comeu (de repente) o bolo (de repente).
Obrigatoriamente	a. (Obrigatoriamente) João (obrigatoriamente) comeu (obrigatoriamente) o bolo (obrigatoriamente).
À toa, em vão	a. (*À toa) João (?à toa) comeu (à toa) o bolo (à toa). b. (*Em vão) João (?em vão) comeu (em vão) o bolo (em vão).
Completamente	a. (*Completamente) João (*completamente) comeu (completamente) o bolo (completamente).
Todo	a. (*Todo) João (*todo) comeu (todo) o bolo (todo).
Bem	a. (*Bem) João (bem) comeu (bem) o bolo (bem).
Rápido	a. (*Rápido) João (*rápido) comeu (rápido) o bolo (rápido).
Do nada	a. (*Do nada) João (?do nada) comeu (do nada) o bolo (do nada).
De novo	a. (?De novo) João (*de novo) comeu (de novo) o bolo (de novo).
Frequentemente	a. (?Frequentemente) João (?frequentemente) comeu (frequentemente) o bolo (frequentemente).
Completamente	a. (*Completamente) João (*completamente) comeu (completamente) o bolo (completamente).

Fonte: elaboração própria

Em relação à mobilidade dos retrospectivos, observou-se que esses podem figurar nas quadros posições sob análise (margem esquerda, pré-verbal, pós-verbal e margem direita). Sobre os aproximativos, semelhante cenário se observa: tais AdvPs podem figurar nas quatro posições investigadas. Referente aos durativos, nota-se que esses advérbios também podem figurar em quatro posições. Concernente aos genéricos/progressivos, semelhante observação se constata. Sobre os prospectivos, aprecia-se que o AdvP "quase" não figura em posição de

margem esquerda e de margem direita, figurando-se, assim, em apenas duas posições (pré-verbal e pós-verbal). Referente aos incoativos, nota-se que o AdvP "de repente" pode figurar nas quatro posições investigadas. Concernente aos obrigatórios, também se observa que estes podem figurar nas quatro posições investigadas. Finalmente, em relação aos frustrativos, uma maior restrição se observa: "à toa" e "em vão" figuram em posição pós-verbal e de margem direita. Claramente, há assim, uma diferença entre os frustrativos, os prospectivos e os outros grupos de advérbios.

No que diz respeito aos completivos singulares, completivos plurais, aceleratívos do tipo (ii), incoativos do tipo (ii), repetitivos do tipo (ii), frequentativos do tipo (ii) e completivos singulares do tipo (ii), parece ser o caso de haver uma menor capacidade de mobilidade na sentença. Uma exceção a essa zona é o AdvP "bem", que, ao figurar em posição pré-verbal em PB, não parece contribuir para a veiculação de uma leitura de modo, mas sim de avaliação[195].

Entende-se que os resultados encontrados podem ser explicados pela extensão do movimento do verbo no PB e por subespecificação lexical. Em relação aos AdvPs que podem figurar na margem esquerda, parece ser o caso de os AdvPs alocados acima do que se parametriza em PB como limite para o movimento obrigatório do verbo (AspFrustrativoP) não resistirem ao movimento à periferia esquerda, engendrando a ordem Adv-Suj-V-Obj. Em relação aos AdvPs que figuram em posição pré-verbal, assume-se que, em virtude do limite do movimento obrigatório do verbo finito em PB para $Asp_{Frustrativo}P$, são agramaticais as linearizações dos advérbios dominados por $Asp_{Frustrativo}P$ antecedendo o verbo. Sobre os AdvPs que figuram em posição pós-verbal, argumenta-se que, em face do limite do movimento opcional do verbo em PB ($T_{Anterior}$), são possivelmente gramaticais as linearizações de alguns advérbios baixos após o verbo. Concernente aos AdvPs que figuram em posição de margem direita, entende-se que haja a atuação de um "limite" em $T_{Anterior}P$ para o movimento sintagmático – responsável por engendrar a ordem Suj-V-O-Adv por meio do acionamento da projeção (II) da tripartição dos sintagmas (cf. Cinque, 2017). Como $T_{Anterior}P$ é uma projeção hierarquicamente mais alta do que a zona dos advérbios baixos, explica-se a aceitabilidade aferida dos AdvPs em posição de margem direita.

Restam, ainda, dois grandes problemas para a análise apresentada no parágrafo anterior: 1) Como explicar a opacidade das previsões em relação ao AdvP "quase", que se lineariza apenas em posição pré-verbal e pós-verbal? e 2) Como explicar a aceitabilidade de "bem" em

[195] Essa leitura será mais propriamente descrita na seção 6.3, por meio dos testes arrolados neste trabalho como identificadores de leituras.

posição pré-verbal se o verbo deve se mover até, ao menos, $Asp_{Frustrativo}P$? Sobre a primeira pergunta, se tomássemos rigorosamente a análise do parágrafo anterior sem qualquer idiossincrasia, seria de se esperar que o AdvP "quase" fosse linearizado em todas as posições, haja vista que integra uma zona de movimento opcional do verbo e também "sintagmático". Sendo soldado em uma projeção mais alta do que $Asp_{Frustrativo}P$, esperar-se-ia que ele se movesse à periferia esquerda com facilidade e à margem direita por conta de movimento do VP até $T_{Anterior}P$. Isso, porém, não ocorre. Para explicar essa aparente contradição e opacidade das previsões, analisa-se que, pelo fato de ser um AdvP escalar, que toma uma entidade graduada sob seu escopo, é necessário que ele esteja em posição direta de atribuição de escopo, não admitindo, assim, movimento do termo escopado para projeções que não são dominadas pelo "quase", o que explica a inaceitabilidade de sua linearização em margem esquerda e em margem direita.

Sobre a aceitabilidade do "bem" em posição pré-verbal, assume-se que esse AdvP só é possível nessa posição quando especificado para um traço de avaliação ("Eu bem creio que João falou a mentira"), compatível, assim, com a projeção alta de $Modo_{Avaliativo}P$. Argumenta-se, então, pela existência de, ao menos, dois AdvPs "bem" – um mais alto, responsável pela avaliação do evento, e outro mais baixo, responsável pela leitura de modo. Dessa forma, como o verbo só pode se mover até $T_{Anterior}P$, haveria a ordem "bem avaliativo > verbo", de forma que "bem" é soldado em posição de especificador de $Modo_{Avaliativo}P$, que é hierarquicamente mais alto do que o limite de movimento do verbo $T_{Anterior}P$ em PB.

Referente aos resultados do segundo teste diagnóstico – o Teste de Perguntas Polares – , nota-se um comportamento pouco heterogêneo por parte dos advérbios baixos. Em geral, parece ser o caso que AdvPs baixos não figuram, realmente, como resposta de perguntas polares, salvo em casos marginais e marcados, como os que envolvem a resposta com "de novo" e "frequentemente".

Quadro 42 – **Aplicação de Teste de Perguntas Polares em AdvPs baixos**

Teste de Perguntas Polares
O Renato deu/dava colo para a Alicinha?
Respostas **possíveis**: ?de novo, frequentemente
Respostas **impossíveis**: Agora mesmo, (dentro) em breve, brevemente, caracteristicamente, quase, de repente, obrigatoriamente, à toa, em vão, completamente, todo, bem, rápido, do nada, completamente

Fonte: elaboração própria

Observa-se que, excetuando-se a marginalidade do emprego de "de novo" e "frequentemente", os advérbios sob análise não parecem figurar como respostas possíveis a perguntas de "sim" e "não". Entende-se que, por não modificarem o conteúdo proposicional da declaração, mas sim o evento ou o processo (no caso dos mais baixos), espera-se que haja tal comportamento. Sobre a marginalidade de "de novo" e "frequentemente", talvez seja o caso de esses advérbios, neste caso, serem interpretados como AdvPs repetitivos do tipo (i) e frequentativos do tipo (i) – modificadores do evento –, que são mediais.

No que diz respeito aos resultados do terceiro teste diagnóstico adotado – Teste de Focalização antecedendo "é que" –, identifica-se, novamente, um comportamento heterogêneo em relação aos AdvPs baixos. A maioria dos advérbios alocados acima de $Asp_{Frustrativo}P$ pode, mesmo que marginalmente, anteceder "é que". Em contrapartida, a maioria dos advérbios alocados abaixo de $Asp_{Frustrativo}P$ não pode anteceder "é que" sem ocasionar prejuízos à gramaticalidade da sentença. Os AdvPs mais baixos comportam-se, assim, de forma oposta ao esperado no teste. Logo, tem-se:

Quadro 43 – **Aplicação de Teste de Focalização com AdvPs baixos antecedendo "é que"**

AdvPs	**Teste de Focalização com AdvPs baixos antecedendo "é que"**
Agora mesmo	a. Agora mesmo é que João come o bolo.
Dentro em breve	a. ?(Dentro) em breve é que João come o bolo.
Brevemente	a. ?Brevemente é que João come o bolo.
Caracteristicamente	a. ?Caracteristicamente é que João come o bolo.
Quase	a. *Quase é que João come o bolo.
De repente	a. De repente é que João come o bolo.
Obrigatoriamente	a. Obrigatoriamente é que João come o bolo.
À toa, em vão	a. *À toa é que João come o bolo. b. *Em vão é que João come o bolo.
Completamente	a. *Completamente é que João come o bolo.
Todo	a. *Todo é que João come o bolo.
Bem	a. *Bem é que João come o bolo.
Rápido	a. *Rápido é que João come o bolo.
Do nada	a. ?Do nada é que João come o bolo.
De novo	a. *De novo é que João come o bolo.
Frequentemente	a. *Frequentemente é que João come o bolo.
Completamente	a. *Completamente é que João come o bolo.

Fonte: elaboração própria

Argumenta-se que há uma diferença evidente entre o comportamento sintático dos advérbios à esquerda de $Asp_{Frustrativo}P$ em relação aos advérbios à direita dessa projeção. Enquanto AdvPs como "agora mesmo", "(dentro) em breve", "brevemente", "caracteristicamente", "de repente" e "obrigatoriamente" podem, mesmo que de maneira marcada, anteceder "é que", AdvPs como "à toa", "em vão", "completamente", "todo", "bem", "rápido", "do nada", "de novo", "frequentemente" e "completamente" não podem anteceder "é que". Sobre os resultados envolvendo o "quase", adota-se a mesma argumentação apresentada anteriormente: em virtude de sua natureza escalar e gradativo, este precisa se relacionar mais diretamente com o predicado, inviabilizando, assim, sua extração para posições periféricas.

Os resultados foram, assim, o oposto do esperado – AdvPs mais baixos resistem à posição de antecedência de "é que". Nesse quesito, é questionável até que ponto a antecedência do AdvP em relação ao "é que" é reveladora. Para tanto, serão contrastados os resultados desse teste com todos os outros testes que envolvam diretamente a estrutura de clivagem.

No que tange aos resultados do quarto teste diagnóstico – Teste de Focalização com "senão" – observa-se um resultado bem diferente: excetuando-se o AdvP "quase", todos os AdvPs baixos sob análise são compatíveis com a focalização estabelecida por "senão" (ou "a não ser")(cf. Tescari Neto, 2024; Alves, 2025). Os resultados podem ser consultados no quadro abaixo:

Quadro 44 – **Aplicação de Teste de Focalização com AdvPs baixos com "senão"**

AdvPs	**Teste de Focalização com "senão"**
Agora mesmo	a. João não comeu os doces senão agora mesmo.
Dentro em breve	a. João não come os doces senão (dentro) em breve.
Brevemente	a. João não comeu os doces senão brevemente.
Caracteristicamente	a. João não come doces senão caracteristicamente.[196]
Quase	a. *João não comeu os doces senão quase.
De repente	a. João não comeu os doces senão de repente.
Obrigatoriamente	a. João não comeu os doces senão obrigatoriamente.
À toa, em vão	a. João não comeu os doces senão à toa. b. João não comeu os doces senão em vão.
Completamente	a. João não comeu os doces senão completamente.
Todo	a. João não comeu os doces senão todos.
Bem	a. João não comeu os doces senão bem.
Rápido	a. João não comeu os doces senão rápido.
Do nada	a. João não comeu os doces senão do nada.
De novo	a. João não comeu os doces senão de novo.
Frequentemente	a. João não comeu os doces senão frequentemente.

[196] Nesta sentença, optou-se por colocar um argumento interno nu, para que se viabilizasse a leitura genérica.

Completamente	a. João não comeu os doces senão completamente.

Fonte: elaboração própria

A partir dos resultados obtidos, interpreta-se que parece ser o caso de AdvPs baixos serem compatíveis com estruturas de focalização "supostamente" *in situ*, em que, a partir da ordem linear, não se identifica tão claramente movimento para a periferia esquerda. Em relação à opacidade dos resultados com "quase", pode ser o caso de, ao figurar como um operador de escalas, ser necessário haver algum constituinte adjacente para que se possa atribuir grau. "Senão", ao se comportar como um operador de foco, necessita atribuir escopo sob um constituinte que possa ser focalizado. Como no caso de "quase" não há um termo modificado para se atribuir a leitura de escala, "senão" não pode atribuir escopo por "quase".

No que concerne aos resultados obtidos no quinto teste diagnóstico – Teste de Focalização de AdvP por clivagem –, identifica-se um aparente paradoxo: de forma geral, os AdvPs baixos podem ser clivados. Excetuam-se a esta regra apenas os AdvPs "quase", "completamente", "todo" e "bem". Tais resultados são contraditórios com os resultados do Teste de Focalização antecedendo "é que", de forma que se questiona se o referido teste é tão revelador quanto se assume ser. Abaixo podem ser observados os resultados do Teste de Focalização de AdvP por clivagem:

Quadro 45 – **Aplicação de Teste de Focalização com AdvPs baixos por clivagem**

AdvPs	**Teste de Focalização de AdvPs por Clivagem**
Agora mesmo	a. Foi agora mesmo que o João comeu os doces.
Dentro em breve	a. É (dentro) em breve que o João come os doces.
Brevemente	a. Foi brevemente que o João comeu os doces.
Caracteristicamente	a. É caracteristicamente que o João come doces.
Quase	a. *Foi quase que o João comeu os doces.
De repente	a. Foi de repente que o João comeu os doces.
Obrigatoriamente	a. Foi obrigatoriamente que o João comeu os doces.
À toa, em vão	a. Foi à toa que o João comeu os doces. b. Foi em vão que o João comeu os doces.
Completamente	a. *Foi completamente que o João comeu os doces.
Todo	a. *Foi todo que o João comeu os doces.
Bem	a. *Foi bem que o João comeu os doces.
Rápido	a. Foi rápido que o João comeu os doces.
Do nada	a. Foi do nada que o João comeu os doces.
De novo	a. Foi de novo que o João comeu os doces.
Frequentemente	a. Era frequentemente que o João comia os doces.
Completamente	a. *Foi completamente que o João comeu os doces.

Fonte: elaboração própria

Frente a esses resultados, nota-se que AdvPs baixos não resistem à operação de clivagem quando figuram na posição de lacuna entre o cópula "ser" e a partícula de foco "que". Para os casos desviantes, como as clivagens que envolvem os AdvPs "quase", "completamente", "todo" e "bem", analisa-se que estes sejam dotados de traços de natureza escalar. Em relação ao "quase", sabe-se que, quando este é empregado com um termo graduável, engendra-se uma leitura escalar. Essa leitura escalar possibilita a identificação do nível em que o termo escopado se encontra em uma escala, conforme se observa em uma sentença como "A tese está quase pronta" – em que o AdvP "quase" possibilita a identificação de um estágio mais ou menos aproximado de feitura da "tese". Traços como de "completivo" e, possivelmente, "modo" podem se comportar da mesma forma. Quando se usa "completamente" em uma sentença, também se possibilita a identificação do nível em que o constituinte escopado ou o evento se encontra em uma escala de completude. Isso fica evidente em sentenças como "A sala está completamente cheia" ou, como no contexto analisado, "João comeu completamente os doces". Em ambos os casos, identifica-se o nível em que a eventualidade se encontra – seja o nível de saturação da sala, seja o nível de saturação da comilança. Finalmente, quando se usa especificamente o AdvP "bem" em uma sentença, também se possibilita a identificação do nível em que a eventualidade descrita se desenrolou. Ao se dizer "João comeu bem os doces", por exemplo, veicula-se uma leitura de modo que enfatiza que a eventualidade de "comer os doces" ocorreu em um nível alto, "intenso". É razoável conjecturar, assim, que a inaceitabilidade dos referidos advérbios em contexto de clivagem é um produto do fato de que estes integram uma classe natural de AdvPs escalares, que possuem relação mais estreita com o VP.

No que concerne ao sexto teste diagnóstico – o Teste da Negação –, constata-se que os AdvPs baixos sob análise parecem se comportar de maneira heterogênea. Enquanto grande parte desses advérbios admite atuação da partícula de negação "não" – seja em uma interpretação de modificação direta (Partícula de Negação - AdvP), seja em uma interpretação de foco contrastivo –, outra parte não admite emprego com tal partícula, especificamente os AdvPs "agora mesmo", "dentro em breve", "brevemente", "caracteristicamente" e "quase". Nesse sentido, tem-se[197]:

Quadro 46 – **Aplicação de Teste de Negação com AdvPs baixos**

[197] Emprega-se o verbo em alguns exemplos ora antes a "não-AdvP" por conta do limite do movimento do verbo em PB.

AdvPs	Teste de Negação de AdvPs
Agora mesmo	a. *João não agora mesmo comeu os doces.
Dentro em breve	a. *João não (dentro) em breve come os doces.
Brevemente	a. *João não brevemente come os doces.
Caracteristicamente	a. *João não caracteristicamente come doces.
Quase	a. *João não quase come doces.
De repente	a. João não de repente come doces.
Obrigatoriamente	a. João não obrigatoriamente come doces.
À toa, em vão	a. João não à toa come doces. b. João não em vão come doces.
Completamente	a. João come não completamente os doces.
Todo	a. João comeu não todos os doces.
Bem	a. João comeu não bem os doces.
Rápido	a. João comeu não rápido os doces.
Do nada	a. João comeu não do nada os doces.
De novo	a. João comeu não de novo os doces.
Frequentemente	a. João comeu não frequentemente os doces.
Completamente	a. João comeu não completamente os doces.

Fonte: elaboração própria

Em face dos resultados obtidos, entende-se que, em geral, AdvPs baixos são compatíveis com a partícula de negação "não", mesmo em contexto de leitura contrastiva ("não X, mas "Y"). As exceções a essa tendência são os cinco advérbios mais altos da zona dos advérbios baixos. Questiona-se, assim, se, nesse contexto, tais advérbios não se comportam mais como mediais do que propriamente como baixos.

No que tange aos resultados do sétimo teste diagnóstico – Teste da Coordenação –, observa-se um cenário bastante heterogêneo. Enquanto AdvPs que indicam grau, frequência, repetição ou uma nuance de contraste costumam ser mais aceitáveis na coordenação, os outros AdvPs baixos são mais resistentes à coordenação. Nesse sentido, tem-se o resultado:

Quadro 47 – **Aplicação de Teste de Coordenação com AdvPs baixos**

AdvPs	Teste de Coordenação de AdvPs
Agora mesmo	a. *João comeu os doces e agora mesmo.
Dentro em breve	a. *João come os doces e (dentro) em breve.
Brevemente	a. *João comeu os doces e brevemente.
Caracteristicamente	a. *João come doces e caracteristicamente.
Quase	a. *João comeu os doces e quase.
De repente	a. *João comeu os doces e de repente.
Obrigatoriamente	a. ?João comeu os doces e obrigatoriamente.
À toa, em vão	a. João comeu os doces e à toa. b. João comeu os doces e em vão.

Completamente	a. João comeu os doces e completamente.
Todo	a. João comeu os doces e todos.
Bem	a. João comeu os doces e bem.
Rápido	a. João comeu os doces e rápido.
Do nada	a. João comeu os doces e do nada.
De novo	a. João comeu os doces e de novo.
Frequentemente	a. *João comia os doces e frequentemente.
Completamente	a. João comeu os doces e completamente.

Fonte: elaboração própria

Constata-se, assim, que AdvPs com traços de natureza escalar, excetuando-se o "quase", de quantificação e de ênfase no processo tendem a se coadunar mais facilmente com a coordenação. Além disso, AdvPs frustrativos, ao serem coordenados, parecem atuar de forma que indicam a frustração na feitura do evento por parte do interlocutor, de forma que o julgamento do interlocutor acerca do fim último do evento é de "frustração". Perceba que não necessariamente esse julgamento é orientado para o argumento externo: é plenamente possível dizer "João comeu os doces e à toa, mas ele não achou isso". A partir dos resultados encontrados, parece ser o caso de que este teste funciona de forma mais eficiente com AdvPs que possam ser interpretados/ reinterpretados como de "modo" ou "maneira", empregando-se os critérios de identificação de leitura de modo já apresentados. Esse resultado pode ser explicado pelo fato de que AdvPs desse tipo possuem maior integração com o VP, modificando diretamente a forma como se desenrolou a eventualidade.

Concernente aos resultados do oitavo teste diagnóstico – o Teste de Perguntas abertas – , nota-se que AdvPs de modo, como o "bem", além de advérbios que podem ser interpretados como circunstanciais dêiticos e não dêiticos, como o "agora mesmo" e "rápido", podem figurar com mais facilidade neste contexto. Outros AdvPs que resistem a referida interpretação parecem não se coadunar muito bem com esse contexto. Sendo assim, observam-se os seguintes resultados:

Quadro 48 – **Aplicação de Teste de Perguntas Abertas com AdvPs baixos**

Teste de Perguntas Abertas
Quando/ Como ele descobriu/ descobria/ descobre a verdade?
Respostas **possíveis**: Agora mesmo, (Dentro) em breve, Brevemente, Completamente, Bem, Rápido, Do nada, Completamente.
Respostas **impossíveis**: Caracteristicamente, Quase, De repente, Obrigatoriamente, À toa, Em vão, Todo, De novo, Frequentemente.

Fonte: elaboração própria

Em geral, AdvPs que possam ser interpretados como de modo e ou circunstanciais cabem nessa estrutura. “Caracteristicamente”, “de repente”, “obrigatoriamente” entre outros advérbios, por não admitirem leitura de modo ou de circunstância, são mais resistentes ao teste. Além disso, o “quase” não pode figurar como resposta aberta por sua natureza de indefinição referente à escala em que a eventualidade se encontra. Perguntas abertas tendem a demandar uma resposta mais definida, o que pressupõe a apresentação precisa da escala em que se encontra a eventualidade, preferencialmente em sua completude.

Referente aos resultados do nono teste diagnóstico – o Teste de Sentenças Imperativas –, identifica-se que, excetuando-se os AdvPs “caracteristicamente”, “quase” e “do nada”, todos os outros AdvPs baixos são compatíveis com tal estrutura. Tal teste apresenta-se, assim, como um bom diagnóstico para identificação de AdvPs baixos. À vista disso, têm-se os seguintes resultados:

Quadro 49 – **Aplicação de Teste de Sentenças Imperativas com AdvPs baixos**

AdvPs	**Teste de Sentenças Imperativas**
Agora mesmo	a. Agora mesmo me explique o que ocorreu!
Dentro em breve	a. (Dentro) em breve me explique o que ocorreu!
Brevemente	a. Brevemente me explique o que ocorreu!
Caracteristicamente	a. *Caracteristicamente me explique o que ocorreu!
Quase	a. *Quase me explique o que ocorreu!
De repente	a. De repente me explique o que ocorreu!
Obrigatoriamente	a. Obrigatoriamente me explique o que ocorreu!
À toa, em vão	a. Me explique à toa o que ocorreu! b. Me explique em vão o que ocorreu!
Completamente	a. Me explique completamente o que ocorreu!
Todo	a. Me explique tudo o que ocorreu!
Bem	a. Me explique bem o que ocorreu!
Rápido	a. Me explique rápido o que ocorreu!
Do nada	a. *Me explique do nada o que ocorreu!
De novo	a. Me explique de novo o que ocorreu!
Frequentemente	a. Me explique frequentemente o que ocorreu!
Completamente	a. Me explique completamente o que ocorreu!

Fonte: elaboração própria

Uma breve análise da razão dos AdvPs “caracteristicamente”, “quase” e “do nada” não serem compatíveis com a referida estrutura se faz necessária. “Caracteristicamente” é um AdvP genérico, relacionado a uma proposição que possui “força de lei” (“*Lawlikeness*”). Ao se empregar uma sentença imperativa, não há uma proposição, tampouco há “força de lei”. Nesse caso, o caráter jussivo dessas estruturas não possui estatuto de uma verdade universal

axiomática. “Quase” é um atribuidor de escalas que pode engendrar ou uma leitura de prospecção (escala em relação ao início do evento) ou uma leitura de incompletude (escala em relação ao nível de completude do termo escopado). Ao se empregar uma sentença imperativa, o caráter jussivo da estrutura demanda que tudo o que venha ser demandado seja feito em sua integridade, não se admitindo, portanto, escalas. “Do nada” é um advérbio inceptivo que veicula o início não natural de um processo. Novamente, ao se empregar uma sentença imperativa, o início do evento é esperado e, até, controlado pelo interlocutor, por meio da força de ordem veiculada. Não há, assim, espaço para um início não natural ou não programado.

Sobre os resultados do décimo teste diagnóstico adotado neste trabalho – o Teste de Clivagem em Interrogativas –, o resultado é semelhante ao que se encontra no Teste de Clivagem. Por conveniência, são apresentados os resultados abaixo do teste em contexto de interrogativas, mas as explicações desses resultados não serão repetidas:

Quadro 50 – **Aplicação de Teste de Focalização de AdvPs por Clivagem em Interrogativas**

AdvPs	**Teste de Focalização de AdvPs por Clivagem em Interrogativas**
Agora mesmo	a. Foi agora mesmo que o João comeu os doces?
Dentro em breve	a. É dentro em breve que o João come os doces?
Brevemente	a. Foi brevemente que o João comeu os doces?
Caracteristicamente	a. É caracteristicamente que o João come doces?
Quase	a. *Foi quase que o João comeu os doces?
De repente	a. Foi de repente que o João comeu os doces?
Obrigatoriamente	a. Foi obrigatoriamente que o João comeu os doces?
À toa, em vão	a. Foi à toa que o João comeu os doces? b. Foi em vão que o João comeu os doces?
Completamente	a. *Foi completamente que o João comeu os doces?
Todo	a. *Foi todo que o João comeu os doces?
Bem	a. *Foi bem que o João comeu os doces?
Rápido	a. Foi rápido que o João comeu os doces?
Do nada	a. Foi do nada que o João comeu os doces?.
De novo	a. Foi de novo que o João comeu os doces?
Frequentemente	a. Era frequentemente que o João comia os doces?
Completamente	a. *Foi completamente que o João comeu os doces?

Fonte: elaboração própria

Em relação aos resultados obtidos no décimo primeiro teste – Teste do Particípio –, os resultados são bem categóricos: AdvPs baixos não figuram à esquerda do PPA. Conforme argumentado em Cinque (1999), o PPA se move para projeções mediais, como $T_{Anterior}P$, para checar seu traço de anterioridade. Portanto, todos os advérbios especificadores de projeções dominadas por $T_{Anterior}P$ figuram à direita do PPA, salvo casos de checagem de traços na

periferia esquerda, de subespecificação lexical ou movimento remanescente. Seguem, então, os resultados:

Quadro 51 – **Aplicação de Teste do Particípio com AdvPs baixos**

AdvPs	**Teste do Particípio**	
	AdvP > Particípio	**Particípio > AdvP**
Agora mesmo	a. ?Ele tinha agora mesmo **encontrado** as chaves.	a. Ele tinha **encontrado** agora mesmo as chaves.
Dentro em breve	a. *Ele terá (dentro) em breve **encontrado** as chaves.	a. Ele terá **encontrado** (dentro) em breve as chaves.
Brevemente	a. ?Ele tinha brevemente **encontrado** as chaves.	a. Ele tinha **encontrado** brevemente as chaves.
Caracteristicamente	a. ?Ele tinha caracteristicamente **encontrado** as chaves.	a. Ele tinha **encontrado** caracteristicamente as chaves.
Quase	a. Ele tinha quase **encontrado** as chaves.	a. Ele tinha **encontrado** quase as chaves.
De repente	a. ?Ele tinha de repente **encontrado** as chaves.	a. Ele tinha **encontrado** de repente as chaves.
Obrigatoriamente	a. ?Ele tinha obrigatoriamente **encontrado** as chaves.	a. Ele tinha **encontrado** obrigatoriamente as chaves.
À toa, em vão	a. *Ele tinha à toa **encontrado** as chaves. b. *Ele tinha em vão **encontrado** as chaves.	a. Ele tinha **encontrado** à toa as chaves. b. Ele tinha **encontrado** em vão as chaves.
Completamente	a. ?Ele tinha completamente **encontrado** as chaves.	a. Ele tinha **encontrado** completamente as chaves.
Todo	a. *Ele tinha todas **encontrado** as chaves.	a. Ele tinha **encontrado** todas as chaves.
Bem	a. ?Ele tinha bem **encontrado** as chaves.	a. Ele tinha **encontrado** bem as chaves.
Rápido	a. *Ele tinha rápido **encontrado** as chaves.	a. Ele tinha **encontrado** rápido as chaves.
Do nada	a. *Ele tinha do nada **encontrado** as chaves.	a. Ele tinha **encontrado** do nada as chaves.
De novo	a. ?Ele tinha de novo **encontrado** as chaves.	a. Ele tinha **encontrado** de novo as chaves.
Frequentemente	a. ?Ele tinha frequentemente **encontrado** as chaves.	a. Ele tinha **encontrado** frequentemente as chaves.
Completamente	a. ?Ele tinha completamente **encontrado** as chaves.	a. Ele tinha **encontrado** completamente as chaves.

Fonte: elaboração própria

Em geral, os resultados apontam que AdvPs baixos não podem figurar à esquerda do PPA. No caso de "bem", a aparente aceitabilidade de sua posição à esquerda do particípio é devido ao fato de que este funciona como um AdvP "alto" de avaliação, sendo, portanto, um caso de subespecificação lexical. Ao se empregar, por exemplo, uma entonação marcada na maioria dos casos marcados com "?", a sentença torna-se gramatical em virtude da checagem de traços na periferia esquerda da oração. Avalia-se, assim, que tal diagnóstico é bastante produtivo para identificar AdvPs baixos no PB.

Em referências aos resultados do décimo segundo teste diagnóstico – o Teste de Interrogativas Wh –, nota-se que, semelhantemente aos resultados de outros testes, AdvPs que possam ser reinterpretados como circunstanciais ou de modo tendem a figurar com maior facilidade nessa estrutura. Em contrapartida, AdvPs que resistem a essa reinterpretação e que, especificamente, resistem à gradação em escalas, não figuram nessa estrutura. Em virtude do seu caráter mais idiossincrático, tal teste não parece capturar com tanta clareza o comportamento dos AdvPs baixos. Frente a isso, têm-se os resultados:

Quadro 52 – **Aplicação de Teste de Interrogativas Wh em AdvPs baixos**

AdvPs	**Teste de Interrogativas Wh**
Agora mesmo	a. ?Quão agora mesmo o João comeu os doces?
Dentro em breve	a. ?Quão dentro em breve o João come os doces?
Brevemente	a. Quão brevemente o João comeu os doces?
Caracteristicamente	a. Quão caracteristicamente o João come doces?
Quase	a. *Quão quase o João comeu os doces?
De repente	a. Quão de repente o João comeu os doces?
Obrigatoriamente	a. Quão obrigatoriamente o João comeu os doces?
À toa, em vão	a. ?Quão à toa o João comeu os doces? b. ?Quão em vão o João comeu os doces?
Completamente	a. Quão completamente o João comeu os doces?
Todo	a. *Quão todo o João comeu os doces?
Bem	a. Quão bem o João comeu os doces?
Rápido	a. Quão rápido o João comeu os doces?
Do nada	a. ?Quão do nada o João comeu os doces?
De novo	a. ?Quão de novo o João comeu os doces?
Frequentemente	a. Quão frequentemente o João comia os doces?
Completamente	a. Quão completamente o João comeu os doces?

Fonte: elaboração própria

Em virtude dos resultados obtidos e da análise apresentada, sugere-se que esse teste seja tido como um diagnóstico para AdvPs que possam ser reinterpretados como circunstanciais ou de modo. Perceba que, ao se aplicarem os critérios propostos para identificação da leitura de modo, a maioria dos AdvPs que passa nesses critérios também passa no Teste de Interrogativas Wh.

Finalmente, em relação ao último teste – o Teste da Elipse Verbal –, nota-se que, categoricamente, todos os AdvPs baixos podem ser retomados por uma lacuna. Justifica-se essa generalização com base na apreciação de que, como, em PB, o verbo se move até, no máximo, $T_{Anterior}P$, é possível retomar por elipse verbal todos os núcleos e AdvPs dominados por essa projeção. Em última instância, isso explica a razão de ser possível retomar AdvPs baixos. Têm-se, então, os resultados:

Quadro 53 – **Aplicação de Teste de Elipse em AdvPs baixos**

AdvPs	**Teste de Elipse Verbal**
Agora mesmo	a. Lucas comprou agora mesmo uma casa e o Guilherme também ADVÉRBIO.
Dentro em breve	a. Lucas compra dentro em breve uma casa e o Guilherme também ADVÉRBIO.
Brevemente	a. Lucas comprou brevemente uma casa e o Guilherme também ADVÉRBIO.
Caracteristicamente	a. Lucas compra caracteristicamente casas e o Guilherme também ADVÉRBIO.
Quase	a. Lucas comprou quase uma casa e o Guilherme também ADVÉRBIO.
De repente	a. Lucas comprou de repente uma casa e o Guilherme também ADVÉRBIO.
Obrigatoriamente	a. Lucas comprou obrigatoriamente uma casa e o Guilherme também ADVÉRBIO.
À toa, em vão	a. Lucas comprou à toa uma casa e o Guilherme também ADVÉRBIO. b. Lucas comprou em vão uma casa e o Guilherme também ADVÉRBIO.
Completamente	a. ?Lucas comprou completamente uma casa e o Guilherme também ADVÉRBIO.
Todo	a. Lucas comprou toda uma casa e o Guilherme também ADVÉRBIO.
Bem	a. Lucas comprou bem uma casa e o Guilherme também ADVÉRBIO.
Rápido	a. Lucas comprou rápido uma casa e o Guilherme também ADVÉRBIO.
Do nada	a. Lucas comprou do nada uma casa e o Guilherme também ADVÉRBIO.

De novo	a. Lucas comprou de novo uma casa e o Guilherme também ADVÉRBIO.
Frequentemente	a. Lucas comprava frequentemente casas e o Guilherme também ADVÉRBIO.
Completamente	a. ?Lucas comprou completamente uma casa e o Guilherme também ADVÉRBIO.

Fonte: elaboração própria)

A partir da aplicação de todos os testes designados, é possível avaliar quais deles parecem ser mais categóricos e produtivos na identificação de AdvPs baixos. Utiliza-se como critério para essa avaliação o índice de homogeneidade no comportamento dos advérbios sob análise em cada um dos testes. Frente a isso, argumenta-se que os testes mais produtivos, com menos exceções, para a identificação de AdvPs baixos são: Teste de Perguntas Polares, Teste de Focalização com "senão", Teste de Sentenças Imperativas, Teste do Particípio e Teste de Elipse Verbal.

Abaixo, são sumarizados os resultados encontrados para cada categoria de AdvPs. Por conveniência para a conferência das tabelas, repetem-se os rótulos e as previsões de cada teste. (T1) AdvPs baixos não possuem tanta mobilidade na sentença (Teste da Mobilidade), (T2) AdvPs baixos não figuram como resposta a perguntas polares (Teste de Perguntas Polares), (T3) AdvPs baixos podem ser focalizados com "é que" (Teste de Focalização antecedendo "é que"), (T4) AdvPs baixos podem ser focalizados por "senão" (Teste de Focalização com "senão"), (T5) AdvPs baixos podem ser clivados (Teste de Focalização do AdvP por clivagem), (T6) AdvPs baixos podem ser negados (Teste de Negação), (T7) AdvPs baixos podem ser coordenados (Teste da Coordenação), (T8) AdvPs baixos podem figurar como resposta a perguntas abertas (Teste de perguntas abertas), (T9) AdvPs baixos são compatíveis com sentenças imperativas (Teste de Sentenças Imperativas), (T10) AdvPs baixos podem ser clivados em interrogativas (Teste de Clivagem em Interrogativas), (T11) AdvPs baixos não figuram à esquerda do PPA (Teste do

Particípio), (T12) AdvPs baixos podem ser carregados pelo constituinte Wh em interrogativas (Teste da Interrogativa Wh), (T13) AdvPs baixos podem ser recuperados pela elipse verbal (Teste da Elipse). Marca-se com (✓) se houve comportamento de acordo com a previsão do teste. Marca-se com (*) se não houve comportamento de acordo com a previsão do teste, de forma que este não foi revelador o suficiente.

Quadro 54 – **Resumo da aplicação dos testes a AdvPs baixos**

AdvPs	**T1**	**T2**	**T3**	**T4**	**T5**	**T6**	**T7**	**T8**	**T9**	**T 10**	**T 11**	**T 12**	**T 13**
Agora mesmo	*	✓	✓	✓	✓	*	*	*	✓	✓	✓	*	✓
Dentro em breve	*	✓	*	✓	✓	*	*	*	✓	✓	✓	*	✓
Brevemente	*	✓	*	✓	✓	*	*	*	✓	✓	✓	✓	✓
Caracteristicamente	*	✓	*	✓	✓	*	*	✓	*	✓	✓	✓	✓
Quase	✓	✓	*	*	*	*	*	✓	*	*	✓	*	✓
De repente	*	✓	✓	✓	✓	✓	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Obrigatoriamente	*	✓	✓	✓	✓	✓	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓
À toa, em vão	✓	✓	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	*	✓
Completamente	✓	✓	*	✓	*	✓	✓	*	✓	*	✓	✓	✓
Todo	✓	✓	*	✓	*	✓	✓	✓	✓	*	✓	*	✓
Bem	✓	✓	*	✓	*	✓	✓	*	✓	*	✓	✓	✓
Rápido	✓	✓	*	✓	✓	✓	✓	*	✓	✓	✓	✓	✓
Do nada	✓	✓	*	✓	✓	✓	✓	*	*	✓	✓	*	✓

De novo	✓	*	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	*	✓
Frequentemente	✓	*	*	✓	✓	✓	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Completamente	✓	✓	*	✓	*	✓	✓	*	✓	*	✓	✓	✓

Fonte: elaboração própria

Ratifica-se que, para além dos testes resenhados, propuseram-se outros diagnósticos de adjacência direta: 1) de AdvPs baixos (AdvPs altos podem atuar como modificadores diretos de AdvPs baixos em contexto de resposta elíptica a perguntas polares), 2) de DPs focalizados (AdvPs altos podem atuar como modificadores diretos de DPs focalizados) e 3) de APs graduáveis (AdvPs altos podem atuar como modificadores diretos de APs graduáveis). Ao se interpretarem tais diagnósticos em relação ao comportamento dos advérbios descritos como baixos, espera-se que: 1) AdvPs baixos não possam atuar como modificadores diretos de outros AdvPs baixos em contexto de resposta elíptica a perguntas polares (cf. (390)), 2) AdvPs baixos não possam atuar como modificadores diretos de DPs focalizados (cf. (391)) e 3) AdvPs baixos não possam atuar como modificadores diretos de APs graduáveis (cf. (392)). Dessa forma, têm-se os seguintes resultados:

(390) A Ana saía de casa?

Resposta com AdvPs baixos em posição de modificação:

(a) *Agora mesmo frequentemente.
(b) *Dentro em breve frequentemente.
(c) *Brevemente frequentemente.
(d) *Caracteristicamente frequentemente.
(e) ?Quase frequentemente.
(f) *De repente frequentemente.
(g) ?Obrigatoriamente frequentemente.
(h) *À toa frequentemente.
(i) *Completamente frequentemente.
(j) *Todo frequentemente.
(k) Bem frequentemente.
(l) *Rápido frequentemente.
(m) *Do nada frequentemente.

(n) *De novo frequentemente.
(o) *Frequentemente frequentemente.
(p) *Completamente frequentemente.

A partir dos resultados obtidos em (390), observa-se que, em geral, são raros os AdvPs baixos que funcionam como resposta a perguntas polares, de forma que tal propriedade já é um efetivo teste para contrastar AdvPs altos e baixos. Além disso, mais raros ainda são os AdvPs baixos que podem modificar outros AdvPs em contexto de resposta de perguntas polares. Nota-se que apenas "bem", ao engendrar uma leitura de intensificador, pode figurar como modificador direto de "frequentemente", sem ocasionar agramaticalidade. Avalia-se, então, que o diagnóstico proposto é efetivo para caracterizar os AdvPs baixos.

(391) Era **AdvP a Ana** que ganhava o prêmio.
(a) *Era **agora mesmo a Ana** que ganhava o prêmio.
(b) *Era (**dentro**) **em breve a Ana** que ganhava o prêmio.
(c) *Era **brevemente a Ana** que ganhava o prêmio.
(d) *Era **caracteristicamente a Ana** que ganhava o prêmio.
(e) ?Era **quase a Ana** que ganhava o prêmio.
(f) *Era **de repente a Ana** que ganhava o prêmio.
(g) *Era **obrigatoriamente a Ana** que ganhava o prêmio.
(h) *Era **à toa a Ana** que ganhava o prêmio.
(i) *Era **completamente a Ana** que ganhava o prêmio.
(j) *Era **todo a Ana** que ganhava o prêmio.
(k) *Era **bem a Ana** que ganhava o prêmio.
(l) *Era **rápido a Ana** que ganhava o prêmio.
(m) *Era **do nada a Ana** que ganhava o prêmio.
(n) *Era **de novo a Ana** que ganhava o prêmio.
(o) ?Era **frequentemente a Ana** que ganhava o prêmio.
(p) ?Era **completamente a Ana** que ganhava o prêmio.

Em relação aos resultados obtidos em (391), é necessário ratificar que não se intenciona aqui uma leitura em que os AdvPs baixos modifiquem o cópula "era", haja vista que, em virtude da extensão do movimento do verbo em PB, seria plenamente possível haver tal modificação com a linearização de advérbios baixos à direita do cópula. Intenciona-se, na verdade, averiguar

se é possível que o AdvP baixo modifique diretamente o nome. Conforme salientado em uma ampla literatura resenhada no capítulo 3 desta tese, malgrado a preponderância de Propostas de Modificação Restritiva de AdvPs nos estudos gramaticais, Propostas de Modificação Expansiva já apontam que AdvPs podem, em geral, modificar itens nominais. Em face das análises minuciosamente descritas no âmbito das Propostas de Modificação Expansiva, esperar-se-ia que todos os AdvPs se comportassem dessa forma, o que, a partir dos resultados em (30), não parece ser verdade. Embora seja possível, em alguns casos, a interpretação marginal de contraste, cara a construções clivadas, na maioria das vezes não figuram AdvPs baixos como modificadores de DPs quando estes sofrem focalização. Para facilitar a análise e inviabilizar o contrargumento de que, nos casos, os AdvPs baixos analisados estejam sendo interpretados como modificadores do cópula, têm-se em (392):

(392) **AdvP a Ana** que ganhava o prêmio.
(a) *__Agora mesmo a Ana__ que ganhava o prêmio.
(b) *(__Dentro) em breve a Ana__ que ganhava o prêmio.
(c) *__Brevemente a Ana__ que ganhava o prêmio.
(d) *__Caracteristicamente a Ana__ que ganhava o prêmio.
(e) ?__Quase a Ana__ que ganhava o prêmio.
(f) *__De repente a Ana__ que ganhava o prêmio.
(g) ?__Obrigatoriamente a Ana__ que ganhava o prêmio.
(h) *À __toa a Ana__ que ganhava o prêmio.
(i) *__Completamente a Ana__ que ganhava o prêmio.
(j) *__Todo a Ana__ que ganhava o prêmio.
(k) *__Bem a Ana__ que ganhava o prêmio.
(l) *__Rápido a Ana__ que ganhava o prêmio.
(m) *__Do nada a Ana__ que ganhava o prêmio.
(n) *__De novo a Ana__ que ganhava o prêmio.
(o) ?__Frequentemente a Ana__ que ganhava o prêmio.
(p) ?__Completamente__ a Ana que ganhava o prêmio.

Em (392), são apresentadas sentenças com o apagamento do cópula. Os julgamentos apresentados em (390) parecem se manter nesses contextos, de forma que parece ser o caso de que, em geral, AdvPs baixos resistam à focalização de DPs em clivagem. Inviabiliza-se, assim, uma análise de que o AdvP marcado por (?) esteja focalizando um verbo. Em relação a esses

advérbios marginais na referida posição, entende-se que alguns advérbios que admitem a interpretação de escalas são menos marcadamente empregados com uma leitura de contraste ao serem empregados nessa estrutura. Tal uso, entretanto, afasta-se do natural e parece ser marcado interlocucionalmente.

(393) Uma imagem **AdvP** muito bela.

(a) *Uma imagem **agora mesmo** muito bela.
(b) ?Uma imagem (**dentro**) **em breve** muito bela.
(c) ?Uma imagem **brevemente** muito bela.
(d) Uma imagem **caracteristicamente** muito bela.
(e) Uma imagem **quase** muito bela.
(f) Uma imagem **de repente** muito bela.
(g) Uma imagem **obrigatoriamente** muito bela.
(h) *Uma imagem **à toa** muito bela.
(i) ?Uma imagem **completamente** muito bela.
(j) Uma imagem **toda** muito bela.
(k) *Uma imagem **bem** muito bela.
(l) *Uma imagem **rápido** muito bela.
(m) Uma imagem **do nada** muito bela.
(n) Uma imagem **de novo** muito bela.
(o) Uma imagem **frequentemente** muito bela.
(p) Uma imagem **completamente** muito bela.

A partir dos resultados obtidos em (393), nota-se que a previsão inicial adotada, segundo a qual AdvPs baixos – em oposição aos altos – resistiriam à posição de modificação direta de APs graduáveis, não se sustenta. Na verdade, parece ser o caso de haver até mais aceitabilidade do que inaceitabilidade desses AdvPs na referida posição. Questiona-se, assim, a previsibilidade de tal teste e sua felicidade para quando este é aplicado a AdvPs baixos.

Nesta seção, foram resenhados e propostos alguns diagnósticos para a identificação de AdvPs baixos. Os diagnósticos resenhados que mais possuem poder preditivo parecem ser: 1) Teste de Perguntas Polares, 2) Teste de Focalização com “senão”, 3) Teste de Sentenças Imperativas, 4) Teste do Particípio e 5) Teste de Elipse Verbal. Além disso, os diagnósticos propostos que mais possuem poder preditivo são: 1) Teste de Adjacência Direta a Advérbios Baixos em Perguntas Polares e 2) Teste de Adjacência direta a DPs focalizados por clivagem.

6.3 AS LINEARIZAÇÕES E AS LEITURAS DE ADVÉRBIOS BAIXOS EM PB

Nesta seção, serão investigadas as linearizações e as leituras possíveis de advérbios baixos no PB. Novamente, serão considerados os seguintes contextos de linearização: (1) margem esquerda (Advérbio + Sujeito + Verbo + Objeto), (2) margem direita (Sujeito + Verbo + Objeto + Advérbio), (3) pré-verbal (Sujeito + Advérbio + Verbo + Objeto) e (4) pós-verbal (Sujeito + Verbo + Advérbio + Objeto). Serão consideradas, neste teste, todas as linearizações nas quais os AdvPs sob análise podem figurar com ou sem modificação de traço. Em caso de leituras específicas para determinada linearização, explica-se a razão de haver tal idiossincrasia por princípios de *merge* externo (soldagem) e *merge* interno (movimento). À vista disso, apresenta-se o seguinte inventário de linearizações possíveis dos AdvPs sob análise:

Quadro 55 – **Linearizações de advérbios baixos em PB**

AdvPs	**Margem esquerda**	**Posição Pré-verbal**	**Posição Pós-verbal**	**Margem direita**
Exemplo	*ADV João comeu/come o bolo.*	*João ADV comeu/come o bolo.*	*João comeu/come ADV o bolo.*	*João comeu/come o bolo ADV.*
Agora mesmo	**Agora mesmo** João comeu/come o bolo.	João **agora mesmo** comeu/come o bolo.	João comeu/come **agora mesmo** o bolo.	João comeu/come o bolo **agora mesmo**.
(Dentro) em breve	**(Dentro) em breve** João comeu/come o bolo.	João **(dentro) em breve** comeu/come o bolo.	João comeu/come **(dentro) em breve** o bolo.	João comeu/come o bolo **(dentro) em breve**.
Brevemente	**Brevemente** João comeu/come o bolo.	João **brevemente** comeu/come o bolo.	João comeu/come **brevemente** o bolo.	João comeu/come o bolo **brevemente**.
Caracteristicamente	**Caracteristicamente** João comeu/come o bolo.	João **caracteristicamente** comeu/come o bolo.	João comeu/come **caracteristicamente** o bolo.	João comeu/come o bolo **caracteristicamente**.
Quase	*__Quase__ João comeu/come o bolo.	João **quase** comeu/come o bolo.	João comeu/come **quase** o bolo.	*João comeu/come o bolo **quase**.
De repente	**De repente** João comeu/come o bolo.	João **de repente** comeu/come o bolo.	João comeu/come **de repent**e o bolo.	João comeu/come o bolo **de repente**.
Obrigatoriamente	**Obrigatoriamente** João comeu/come o bolo.	João **obrigatoriamente** comeu/come o bolo.	João comeu/come **obrigatoriamente** o bolo.	João comeu/come o bolo **obrigatoriamente**.
À toa, Em vão	*__À toa/Em vão__ João comeu/come o bolo.	?João **à toa/em vão** comeu/come o bolo.	João comeu/come **à toa/em vão** o bolo.	João comeu/come o bolo **à toa/em vão**.
Completamente	*__Completamente__ João comeu/come o bolo.	*João **completamente** comeu/come o bolo.	João comeu/come **completamente** o bolo.	João comeu/come o bolo **completamente**.
Todo	*__Todo__ João comeu/come o bolo.	*João **todo** comeu/come o bolo.	João comeu/come **todo** o bolo.	João comeu/come o bolo **todo**.
Bem	*__Bem__ João comeu/come o bolo.	João **bem** comeu/come o bolo.	João comeu/come **bem** o bolo.	João comeu/come o bolo **bem**.
Rápido	*__Rápido__ João comeu/come o bolo.	*João **rápido** comeu/come o bolo.	João comeu/come **rápido** o bolo.	João comeu/come o bolo **rápido**.

Do nada	?**Do nada** João comeu/come o bolo.	?João **do nada** comeu/come o bolo.	João comeu/come **do nada** o bolo.	João comeu/come o bolo **do nada**.
De novo	?**De novo** João comeu/come o bolo.	*João **de novo** comeu/come o bolo.	João comeu/come **de novo** o bolo.	João comeu/come o bolo **de novo**.
Frequentemente	?**Frequentemente** João comeu/come o bolo.	?João **frequentemente** comeu/come o bolo.	João comeu/come **frequentemente** o bolo.	João comeu/come o bolo **frequentemente**.
Completamente	***Completamente** João comeu/come o bolo..	*João **completamente** comeu/come o bolo.	João comeu/come **completamente** o bolo.	João comeu/come o bolo **completamente**.

Fonte: elaboração própria

Em relação às linearizações de "Agora mesmo", observa-se que as quatros posições são igualmente licenciadas para a figuração deste advérbio na sentença. Em todos esses contextos, identifica-se uma leitura de retrospecção, enfatizando, assim, uma eventualidade que acabou de ocorrer. Sustenta-se essa análise a partir do entendimento de que, nas posições investigadas, não se pode cancelar/negar o traço de retrospecção, tampouco pode haver coocorrência entre AdvPs retrospectivos: a) "#Agora mesmo João comeu o bolo, mas ele não fez isso recentemente", b) "#João agora mesmo comeu o bolo, mas ele não fez isso recentemente", c) "#João comeu agora mesmo o bolo, mas ele não fez isso recentemente", d) "#João comeu o bolo agora mesmo, mas ele não fez isso recentemente", e) "*Agora mesmo recentemente João comeu o bolo", f) "*João agora mesmo recentemente comeu o bolo", g) "*João comeu agora mesmo recentemente o bolo" e h) "*João comeu o bolo agora mesmo recentemente".

Além disso, observa-se que, ao se cambiar o tempo da sentença para o presente, há veiculação de uma leitura de aproximação, enfatizando a proximidade do ponto de início da eventualidade. Empregam-se os testes referidos no parágrafo anterior como diagnósticos para essa leitura aproximativa: a) "#Agora mesmo João come o bolo, mas ele não fará isso em breve", b) "#João agora mesmo come o bolo, mas ele não fará isso em breve", c) "#João come agora mesmo o bolo, mas ele não fará isso em breve", d) "#João come o bolo agora mesmo, mas ele não fará isso em breve", e) "*Agora mesmo (dentro) em breve João come o bolo", f) "*João agora mesmo (dentro) em breve come o bolo", g) "*João come agora mesmo (dentro) em breve o bolo" e h) "*João come o bolo agora mesmo (dentro) em breve".

No que se refere às linearizações de "(dentro) em breve", as quatros posições parecem ser possíveis para este item. Sobre o valor de "(dentro) em breve" nessas linearizações, identificou-se a leitura de aproximação: a) "#(Dentro) em breve João come o bolo, mas ele não fará isso daqui a pouco", b) "#João (dentro) em breve come o bolo, mas ele não fará isso daqui a pouco", c) "#João come (dentro) em breve o bolo, mas ele não fará isso daqui a pouco", d) "#João come o bolo (dentro) em breve, mas ele não fará isso daqui a pouco", e) "*Daqui a

pouco (dentro) em breve João come o bolo", f) "*João daqui a pouco (dentro) em breve come o bolo", g) "*João come daqui a pouco (dentro) em breve o bolo" e h) "*João come o bolo daqui a pouco (dentro) em breve ". Perceba que "(dentro) em breve" não pode coocorrer com "daqui a pouco", tampouco pode-se cancelar a aproximação do evento por meio de uma estrutura coordenada. Há, portanto, veiculação de leitura aproximativa.

No que diz respeito à linearização de "brevemente", todas as linearizações examinadas são possíveis para esse advérbio. Identifica-se a possibilidade de veiculação de uma leitura de "duração", como se evidencia a partir dos testes adotados: a) "#Brevemente João comeu o bolo, mas ele demorou a comer o bolo", b) "#João brevemente comeu o bolo, mas ele demorou a comer o bolo", c) "#João comeu brevemente o bolo, mas ele demorou a comer o bolo", d) "#João comeu o bolo brevemente, mas ele demorou a comer o bolo", e) "*Brevemente longamente João comeu o bolo", f) "*João brevemente longamente comeu o bolo", g) "*João comeu brevemente longamente o bolo" e h) "*João comeu o bolo brevemente longamente ". Frente a tais testes, nota-se que não se pode cancelar a duração veiculada por "brevemente" por meio de uma estrutura coordenada com "demorar". Não é licenciada a coocorrência entre "brevemente", que veicula duração "curta", com "longamente", que veicula duração "longa". Por isso, defende-se a existência de leitura durativa.

Suplementarmente, identifica-se a possibilidade marcada de veiculação de uma leitura de aproximação, de forma menos marginal em contextos de emprego do presente simples. A partir dos testes assumidos neste trabalho, têm-se os seguintes dados: a) "#Brevemente João come o bolo, mas ele não fará isso daqui a pouco", b) "#João brevemente come o bolo, mas ele não fará isso daqui a pouco", c) "#João come brevemente o bolo, mas ele não fará isso daqui a pouco", d) "#João come o bolo brevemente, mas ele não fará isso daqui a pouco", e) "*Daqui a pouco brevemente João come o bolo", f) "*João daqui a pouco brevemente come o bolo", g) "*João come daqui a pouco brevemente o bolo" e h) "*João come o bolo daqui a pouco brevemente". Novamente, salienta-se que essa possibilidade é marginal. De forma alguma se afirma que há uma espécie de "distribuição complementar" entre a morfologia do presente simples/passado e a leitura durativa/aproximativa. Aponta-se apenas que o AdvP "brevemente" também pode ter uso aproximativo, evidenciando a aproximação do início de uma eventualidade.

Concernente às linearizações possíveis do AdvP "caracteristicamente", identifica-se que todas são possíveis para a figuração deste item. Nota-se, entretanto, que, em virtude do caráter de genericidade de tal AdvP, prefere-se o emprego da morfologia verbal de presente simples, que parece denotar o aspecto genérico de forma mais clara em PB. Defende-se a presença de

uma leitura de genericidade a partir dos resultados dos diagnósticos empregados: a) "#Caracteristicamente João come bolo, mas ele não faz isso inerentemente", b) "#João caracteristicamente come bolo, mas ele não faz isso inerentemente", c) "#João come caracteristicamente bolo", mas ele não faz isso inerentemente", d) "#João come bolo caracteristicamente, mas ele não faz isso inerentemente", e) "*Caracteristicamente inerentemente João come bolo", f) "*João caracteristicamente inerentemente come bolo", g) "*João come caracteristicamente inerentemente bolo" e h) "*João come bolo caracteristicamente inerentemente". Por conta da impossibilidade de negação da inerência do comportamento de "João" por meio de uma estrutura coordenada e da impossibilidade de coocorrência com "inerentemente" – que possui "força de lei" ("*lawlikeness*") –, há genericidade.

Sobre as linearizações de "quase", identificaram-se apenas duas posições em que este pode ocorrer: pré-verbal e pós-verbal. Em ambas as posições, tal AdvP contribui para a veiculação de uma leitura prospectiva, enfatizando o ponto anterior ao início do evento. Dessa forma, aplicam-se os diagnósticos adotados neste trabalho: a) "#João quase comeu o bolo, mas ele não comeu pouco o bolo", b) "#João comeu quase o bolo, mas ele comeu não por pouco o bolo", c) "*João por pouco quase comeu o bolo" e d) "*João comeu por pouco quase o bolo". Há, então, veiculação de leitura prospectiva nas duas posições.

Em posição pós-verbal, há, contudo, a possibilidade de veiculação de uma leitura de (in)completude télica, salientando que a eventualidade não alcançou o seu *télos*. Utilizam-se como diagnósticos os testes de cancelamento e de coocorrência com o completivo "completamente": a) "#João comeu quase o bolo, mas ele comeu o bolo completamente", b) "*João comeu completamente quase o bolo". Identifica-se, assim, a leitura de completude.

Em relação às linearizações constatadas com "de repente", identifica-se que todas as posições investigadas são possíveis para esse item. Nota-se que, em todas as linearizações investigadas, há a veiculação de leitura de incoação, enfatizando o início do evento. Para evidenciar tal leitura, recorre-se aos testes diagnósticos: a) "#De repente João comeu o bolo, mas ele não o comeu repentinamente", b) "#João de repente comeu o bolo, mas ele não o comeu repentinamente", c) "#João comeu de repente o bolo, mas ele não o comeu repentinamente", d) "#João comeu o bolo de repente, mas ele não o comeu repentinamente", e) "*De repente repentinamente João comeu o bolo", f) "*João de repente repentinamente comeu o bolo", g)

"*João comeu de repente repentinamente o bolo" e h) "*João comeu o bolo de repente repentinamente"[198].

Semelhante é o caso do "obrigatoriamente" – um AdvP que pode figurar nas quatro posições investigadas com a mesma leitura de obrigação. Sendo assim, têm-se os resultados dos testes diagnósticos: a) "#Obrigatoriamente João comeu o bolo, mas ele podia não comer o bolo", b) "#João obrigatoriamente comeu o bolo, mas ele podia não comer o bolo", c) "#João comeu obrigatoriamente o bolo, mas ele podia não comer o bolo", d) "#João comeu o bolo obrigatoriamente, mas ele podia não comer o bolo", e) "*Obrigatoriamente forçosamente João comeu o bolo", f) "*João obrigatoriamente forçosamente comeu o bolo", g) "*João comeu obrigatoriamente forçosamente o bolo" e h) "*João comeu o bolo obrigatoriamente forçosamente".

Nota-se que "em vão" figura em posição pós-verbal e de margem direita. Contudo, parece ser o caso de "em vão" figurar em posição pré-verbal marginalmente. Nessas posições, "em vão" veicula leitura de frustração, conforme se constata a partir das aplicações dos testes diagnósticos: a) "#João comeu em vão o bolo, mas ele comeu o bolo propositadamente", b) "#João comeu o bolo em vão, mas ele comeu o bolo propositadamente", c) "*João comeu em vão à toa o bolo" e d) "*João comeu o bolo em vão à toa".

Sobre os completivos singulares do tipo (i), considera-se que o AdvP "completamente" figura restritamente em posição pós-verbal e de margem direita. Veicula-se, nessas posições, uma leitura de completude télica, indicando que o termo afetado pela eventualidade foi integralmente modificado. Dessa forma, aplicam-se os testes diagnósticos: a) "#João comeu completamente o bolo, mas ele deixou um pedaço", b) "#João comeu o bolo completamente, mas ele deixou um pedaço", c) "*João comeu completamente integralmente o bolo" e d) "*João comeu o bolo completamente integralmente". Este também parece ser o caso do AdvP "completamente" mais baixo sob análise.

Em relação aos completivos plurais do tipo (i), entende-se que "todo" figura em posição pós-verbal e de margem direita. Nessas posições, veicula-se uma leitura de completude em relação ao conjunto, indicando que todos os constituintes de uma categoria foram afetados pela eventualidade, ainda que não "integralmente" cada um deles. Dessa forma, aplicam-se os testes pluralizando-se o argumento interno para fins de maior clareza: a) "#João comeu todos os bolos,

[198] Convém ratificar que, em virtude da conjectura sugerida em Cinque (1999) de AdvPs como *headless PP*s, não se considera que a inaceitabilidade de coocorrência entre um AdvP introduzido por uma preposição foneticamente realizada e um AdvP introduzido por uma preposição foneticamente não realizada seja comprometedora para este trabalho.

mas ele não comeu um dos bolos", b) "#João comeu os bolos todos, mas ele não comeu um dos bolos", c) "*João comeu todos inteiramente um dos bolos" e d) "*João comeu os bolos todos inteiramente um".

No que se refere ao "bem", entende-se que este é compatível com três posições: pré-verbal, pós-verbal e de margem direita. Quando figura em posição pré-verbal, há leitura de avaliação, conforme se pode observar: a) "João bem comeu o bolo, mas não foi exemplar", b) "*João felizmente bem comeu o bolo". Quando figura em posição pós-verbal e de margem direita, há leitura de modo, conforme se pode observar: a) "#João comeu bem o bolo, mas ele comeu mal", b) "#João comeu o bolo bem, mas ele comeu mal", c) "*João comeu furiosamente bem o bolo" e d) "*João comeu o bolo furiosamente bem".

Caso semelhante é o do AdvP "rápido", que só figura em posição pós-verbal e de margem direita. Nessas posições, veicula-se uma leitura de aceleração do processo referenciado, conforme se constata a partir dos testes: a) "#João comeu rápido o bolo, mas ele comeu devagar", b) "#João comeu o bolo rápido, mas ele comeu devagar", c) "*João comeu rápido devagar o bolo" e d) "*João comeu o bolo rápido devagar".

"Do nada" parece figurar mais naturalmente em posição pós-verbal e de margem direita. Reconhece-se, entretanto, a possibilidade de variação microparamétrica quanto às possibilidades de linearização deste item. Na gramática interna que fundamenta este trabalho, parece ser o caso de se linearizar "do nada" apenas nas referidas posições naturalmente. Nessas posições, evidencia-se a leitura de incoação, de forma que se enfatiza o início não natural de uma eventualidade. A partir dos testes considerados, tem-se: a) "#João comeu do nada o bolo, mas isso só ocorreu quando havia essa expectativa", b) "#João comeu o bolo do nada, mas isso só ocorreu quando havia essa expectativa", c) "*João comeu do nada de súbito o bolo" e d) "*João comeu o bolo do nada de súbito".

Em relação ao "de novo", identifica-se que esse item, figurando em posição pós-verbal e de margem direita, veicula leitura de repetição de um processo. Nesse sentido, têm-se os seguintes resultados: a) "#João comeu de novo o bolo, mas ele comeu o bolo uma vez", b) "#João comeu o bolo de novo, mas ele comeu o bolo uma vez", c) "*João comeu de novo outra vez o bolo" e d) "*João comeu o bolo de novo outra vez".

Finalmente, sobre o "frequentemente", esse AdvP em posição pós-verbal e de margem direita veicula leitura de frequência de uma processo. Assim, têm-se os seguintes resultados dos testes: a) "#João comia frequentemente o bolo, mas ele comia correntemente o bolo", b) "#João comia o bolo frequentemente, mas ele comia raramente o bolo", c) "*João comia frequentemente constantemente o bolo" e d) "*João comeu o bolo frequentemente

constantemente". À vista disso, sintetizam-se todas as leituras encontradas em cada linearização investigada no quadro a seguir. Após tal síntese, serão derivadas as sentenças em que há veiculação dessas leituras, de forma a se analisar por meio de quais fatores linguísticos cada leitura é viabilizada. Colocam-se em negrito leituras que se apartaram das predições iniciais.

Quadro 56 – **Leituras de advérbios baixos em PB**

AdvPs	**Margem esquerda**	**Posição Pré-verbal**	**Posição Pós-verbal**	**Margem direita**
Exemplo	*ADV João comeu/come o bolo.*	*João ADV comeu/come o bolo.*	*João comeu/come ADV o bolo.*	*João comeu/come o bolo ADV.*
Agora mesmo	Leitura retrospectiva/ **Leitura aproximativa**	Leitura retrospectiva/ **Leitura aproximativa**	Leitura retrospectiva/ **Leitura aproximativa**	Leitura retrospectiva/ **Leitura aproximativa**
(Dentro) em breve	Leitura aproximativa	Leitura aproximativa	Leitura aproximativa	Leitura aproximativa
Brevemente	Leitura durativa/ **Leitura aproximativa**	Leitura durativa/ **Leitura aproximativa**	Leitura durativa/ **Leitura aproximativa**	Leitura durativa/ **Leitura aproximativa**
Caracteristicamente	Leitura genérica	Leitura genérica	Leitura genérica	Leitura genérica
Quase	*	Leitura prospectiva	Leitura prospectiva/ Leitura de completude télica	*
De repente	Leitura incoativa	Leitura incoativa	Leitura incoativa	Leitura incoativa
Obrigatoriamente	Leitura de obrigação	Leitura de obrigação	Leitura de obrigação	Leitura de obrigação
Em vão	*	?	Leitura de frustração	Leitura de frustração
Completamente	*	*	Leitura de completude télica	Leitura de completude télica
Todo	*	*	Leitura de completivo	Leitura de completivo
Bem	*	**Leitura de avaliação**	Leitura de modo/ **Leitura de avaliação**	Leitura de modo
Rápido	*	*	Leitura de aceleração do processo	Leitura de aceleração do processo
Do nada	?	?	Leitura de incoação	Leitura de incoação
De novo	?	*	Leitura de repetição	Leitura de repetição
Frequentemente	?	?	Leitura de frequência	Leitura de frequência
Completamente	*	*	Leitura de completude télica	Leitura de completude télica

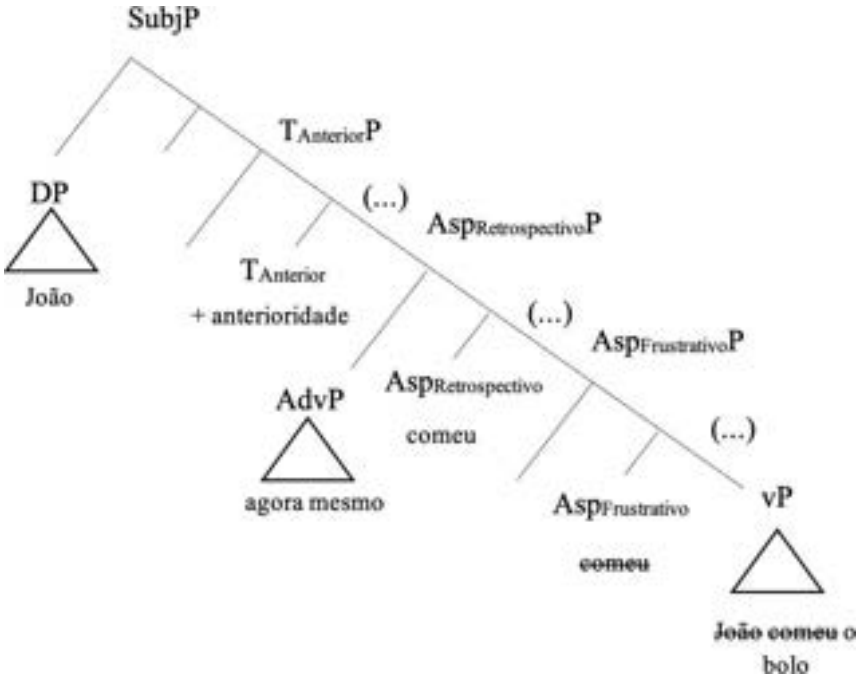
Fonte: elaboração própria

Conforme salientado anteriormente (cf. Capítulo 4 e Capítulo 5), para derivar as leituras em análise em contextos em que o AdvP é linearizado em posição pré-verbal, assume-se a

ausência de movimento do verbo por sobre o advérbio. Deriva-se a linearização pós-verbal por meio de movimento nuclear por sobre o AdvP. Deriva-se a linearização de margem esquerda por meio do alçamento do AdvP para a periferia esquerda. Finalmente, deriva-se a linearização de margem direita por meio de movimento sintagmático do VP. Por imperativos de espaço, serão derivadas, nesta seção, essas quatro linearizações em contexto de emprego de um dos AdvPs sob análise. A derivação de cada uma das leituras sistematizadas no quadro anterior está disponível, entretanto, ao cabo desta tese, na seção APÊNDICE C - DERIVAÇÃO DAS LEITURAS DE ADVÉRBIOS BAIXOS EM PB.

Para derivar a leitura retrospectiva de "agora mesmo" em posição pré-verbal, o verbo se move da zona temática até o núcleo de $Asp_{Frustrativo}P$, respeitando a Restrição de Movimento Nuclear. Em seguida, há a soldagem do referido AdvP em posição de especificador de $Asp_{Retrospectivo}P$. Posteriormente, há movimento do verbo de $Asp_{Frustrativo}P$ até $Asp_{Retrospectivo}P$, respeitando a Restrição de Movimento Nuclear. Em virtude dos limites e da opcionalidade do movimento do verbo, a checagem do traço de anterioridade ocorre por soldagem simples. Há, assim, a seguinte derivação:

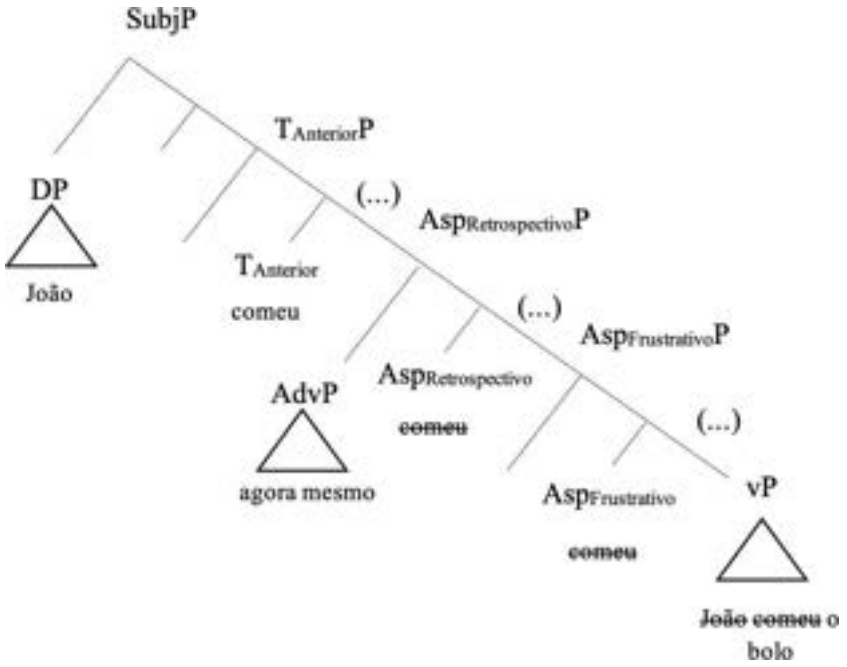
Figura 14 – **Derivação da leitura retrospectiva de "agora mesmo" em posição pré-verbal**



Fonte: elaboração própria

Para derivar a leitura retrospectiva em posição pós-verbal, para além dos passos estabelecidos anteriormente, há movimento nuclear do verbo até o primeiro núcleo que domina $Asp_{Retrospectivo}P$, ou, até mesmo, até o núcleo de $T_{Anterior}P$ (cf. Tescari Neto, 2019). Por se tratar de uma zona de movimento opcional, é possível conjecturar que, em derivações da leitura retrospectiva de "agora mesmo" em posição pré-verbal, o movimento do verbo se estenda até $Asp_{Retrospectivo}P$, ao passo que, em derivações da leitura retrospectiva de "agora mesmo" em posição pós-verbal, o movimento do núcleo se estenda até, no máximo, $T_{Anterior}P$, respeitando, obviamente, a Restrição de Movimento Nuclear. Há, assim, a seguinte derivação:

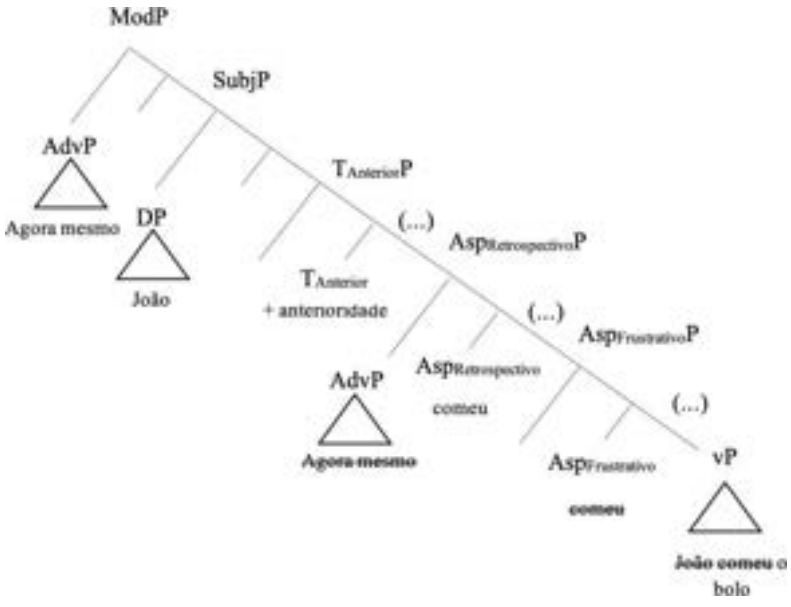
Figura 15 – **Derivação da leitura retrospectiva de "agora mesmo" em posição pós-verbal**



Fonte: elaboração própria

Para derivar a leitura retrospectiva em posição de margem esquerda, considera-se haver movimento do AdvP "agora mesmo" até a posição de *Spec*, ModP, em virtude da ausência de evidências linguísticas – como prosódia, recuperação por clítico – que possibilitem a identificação de um traço de focalização ou de topicalização. No espírito da argumentação de Rizzi e Bocci (2017), considera-se, assim, que "agora mesmo" seja especificado para um traço de modificação discursiva, a ser checado criterialmente por meio de alçamento até a posição de especificador de ModP, possibilitando a concordância *Spec*-Núcleo. Nesse sentido, a possibilidade de "agora mesmo" figurar em posição de margem esquerda é uma consequência da especificação deste AdvP para o referido traço e da satisfação de uma operação sintática de natureza criterial. Há, portanto, a seguinte derivação:

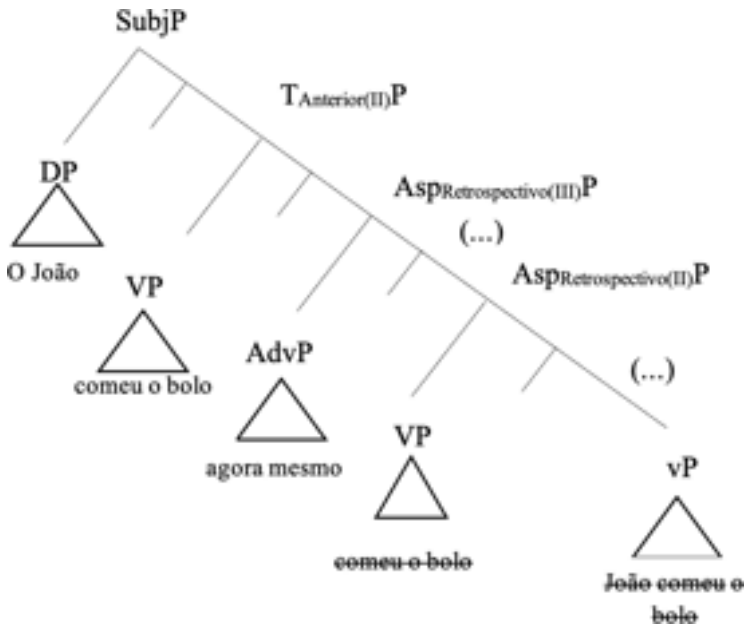
Figura 16 – **Derivação da leitura retrospectiva de "agora mesmo" em posição de margem esquerda**



Fonte: elaboração própria

Finalmente, para derivar a leitura retrospectiva de “agora mesmo” em posição de margem direita, propõe-se a atuação de movimento sintagmático. Nesse sentido, duas grandes alternativas derivacionais parecem ser possíveis: 1) o movimento do complexo “verbo+objeto” da zona temática até, no máximo, a projeção medial relacionada a $T_{Anterior}P$, no espírito da argumentação de Cinque (2017) ou 2) movimento do objeto para uma posição de caso (cf. Kayne, 1994; Ciucivara, 2011), como AccP (Obj-Verbo); movimento do VP (“verbo + vestígio do objeto) para a posição medial relacionada a $Asp_{Retrospectivo}P$ (Verbo-Obj) e soldagem de “agora mesmo” na posição alta relacionada a $Asp_{Retrospectivo}P$ (Adv-Verbo-Obj). Posteriormente, nesta segunda proposta derivacional, haveria movimento remanescente do complexo “Verbo-Obj” para o especificador de uma projeção que dominasse $Asp_{Retrospectivo}P$, linearizando a ordem “Verbo-Obj-Adv”. Embora não se intencione apresentar argumentos a favor ou contra essas duas alternativas derivações, de acordo com Tescari Neto (2025, c.p.), a segunda opção parece capturar, com maior detalhes, a maneira pela qual o sujeito “João” pode ser extraído para a posição de *Spec*, SubjP. Por razões de espaço, representa-se, apenas, a primeira opção, uma vez que se entende que ambas propostas parecem capturar o espírito da análise sustentada de movimento sintagmático. Há, então, a seguinte derivação:

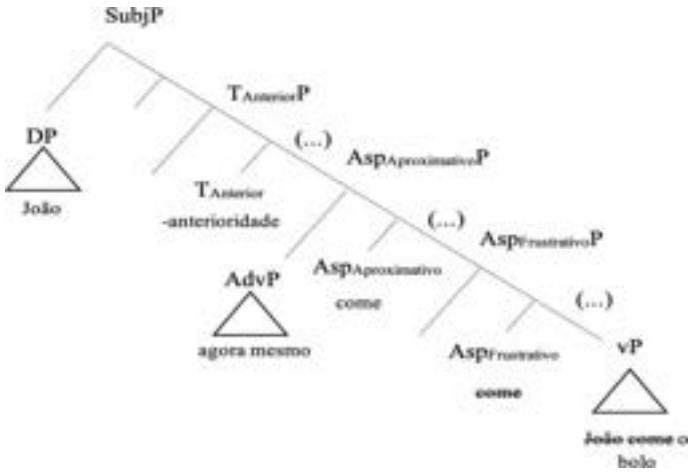
Figura 17 – **Derivação da leitura retrospectiva de “agora mesmo” em posição de margem direita**



Fonte: elaboração própria

Em relação à leitura aproximativa de “agora mesmo” em posição pré-verbal, considera-se que esta seja um produto da soldagem deste AdvP em posição de especificador de $Asp_{Aproximativo}P$. Advoga-se, assim, pela seguinte derivação:

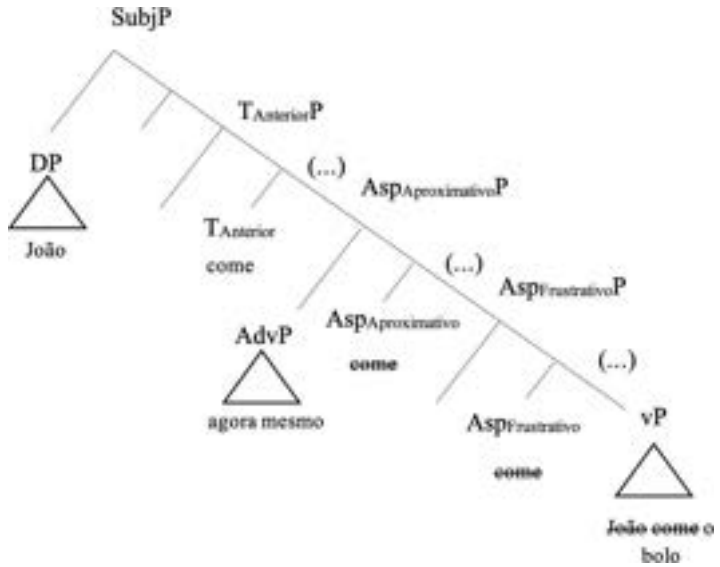
Figura 18 – **Derivação da leitura aproximativa de “agora mesmo” em posição pré-verbal**



Fonte: elaboração própria

Sobre a derivação da leitura aproximativa de “agora mesmo” em posição pós-verbal, argumenta-se que esta seja uma consequência direta da soldagem deste AdvP em posição de especificador de $Asp_{Aproximativo}P$. Dessa forma, há a seguinte derivação:

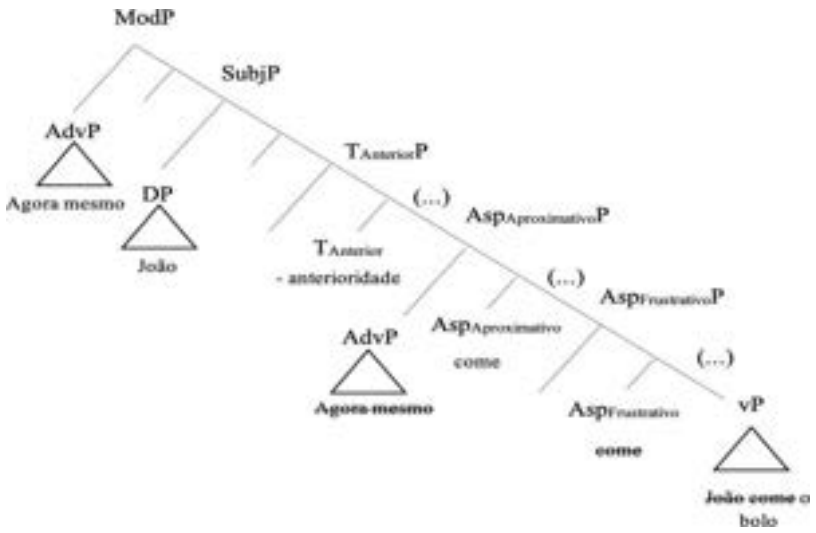
Figura 19 – **Derivação da leitura aproximativa de “agora mesmo” em posição pós-verbal**



Fonte: elaboração própria

Em relação à derivação da leitura aproximativa de "agora mesmo" em posição de margem esquerda, defende-se a existência de movimento do AdvP para a periferia esquerda, especificamente para a posição de especificador de ModP. Os motivos para essa assunção são os mesmos para os casos anteriores de AdvP em margem esquerda: 1) ausência de retomada por clíticos (no caso da topicalização) e de realização de partículas de foco e 2) possibilidade de produção da sentença com o AdvP fronteado sem uma entonação de foco e de tópico.

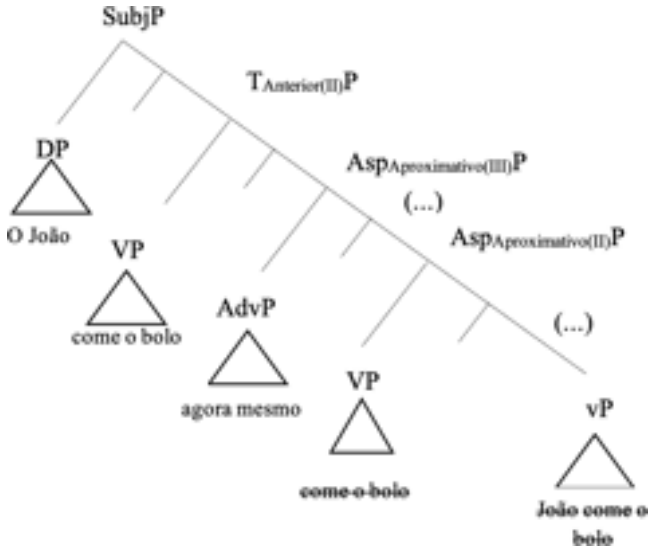
Figura 20 – **Derivação da leitura aproximativa de "agora mesmo" em posição de margem esquerda**



Fonte: elaboração própria

Sobre a derivação da leitura aproximativa de "agora mesmo" em posição de margem direita, assume-se a atuação de movimento sintagmático. As mesmas alternativas derivacionais apresentadas em páginas anteriores podem ser aplicadas para esta derivação. Representa-se, entretanto, a primeira alternativa derivacional destacada, em que o complexo "verbo+objeto" se move até, no máximo, $T_{Anterior}P$.

Figura 21 – **Derivação da leitura aproximativa de "agora mesmo" em posição de margem direita**



Fonte: elaboração própria

Nesta subseção, foram apresentadas as leituras e linearizações de AdvPs baixos em sentenças do PB. Apresentou-se, ainda, uma forma de derivar tais leituras em diferentes linearizações, a partir das operações de movimento nuclear e sintagmático. Na próxima subseção, são pormenorizados candidatos a AdvPs baixos em PB.

6.4 CANDIDATOS A ADVÉRBIOS BAIXOS DO PB

Nesta seção, serão analisados candidatos a AdvPs baixos no PB. Objetivando avaliar a plausibilidade da referida classificação, serão aplicados os testes sintáticos apresentados até agora a pelo menos um candidato de cada categoria de AdvP baixo relacionada a projeções do *Middlefield*. O critério empregado inicialmente para apontar esses candidatos é a relação semântica com os traços que nucleiam projeções baixas do *Middlefield*.

No que se refere aos advérbios retrospectivos, um possível candidato a esta categoria seria o AdvP "agorinha". Justifica-se tal escolha a partir dos seguintes critérios: 1) "agorinha" não pode coocorrer com o advérbio "agora mesmo" com a mesma leitura ("*O João agorinha agora mesmo comeu o bolo"), 2) "agora mesmo" pode ser substituído sem alterações semânticas por "agorinha" ("O João agora mesmo comeu o bolo" = "O João agorinha comeu o bolo") e 3) há uma relação de acarretamento biunívoco entre "O João agora mesmo comeu o bolo" e "O João agorinha comeu o bolo". Se é verdadeira a proposição de que "O João agora mesmo comeu o bolo" automaticamente é verdadeira a proposição de que "O João agorinha

comeu o bolo". Além disso, perceba que é impossível cancelar o traço de retrospecção, por uma coordenada negativa, em "O João agorinha comeu o bolo": "#O João agorinha comeu o bolo, mas ele não comeu o bolo recentemente". Afirma-se, assim, com relativa segurança que tal advérbio é semanticamente compatível com "agora mesmo". Resta saber, contudo, se ele se comporta sintaticamente de forma similar. Para tanto, usar-se-ão como instrumentos de avaliação os testes descritos até agora neste trabalho, aplicando-os a "agorinha".

(394) (Agorinha) a moça (agorinha) perdeu (agorinha) seu brinco (agorinha)

(395) A moça perdeu seu brinco?

Resposta: *Agorinha.

(396) Agorinha é que a moça perdeu seu brinco.

(397) A moça não perdeu seu brinco senão agorinha.

(398) Foi agorinha que a moça perdeu seu brinco.

(399) A moça perdeu *não agorinha seu brinco.

(400) *A moça perdeu seu brinco e agorinha.

(401) Onde/ quando/ por que a moça perdeu seu brinco?

Resposta: Agorinha.

(402) *Agorinha perca seu brinco!

(403) Foi agorinha que a moça perdeu seu brinco?

(404) A moça tinha perdido agorinha seu brinco.

(404') *A moça tinha agorinha perdido seu brinco.

(405) ?Quão agorinha a moça perdeu seu brinco?

(406) A moça agorinha encontrou o João e o rapaz também (agorinha encontrou o João).

Comparando-se os resultados de tais testes referentes à aceitabilidade do "agora mesmo" com os testes aplicados ao "agorinha" (vide seção 6.2), observa-se a similaridade quanto ao comportamento sintático desses. Excetuando-se a inaceitabilidade de "agorinha" em contextos imperativos, parece ser verdade que "agorinha" e "agora mesmo" comportam-se sintaticamente de maneira análoga. Possivelmente, a inaceitabilidade de "agorinha" seja um produto de uma incompatibilidade entre a informação de passado imediato, codificada por "agorinha", e a ancoragem no tempo futuro de sentenças imperativas. No caso do "agora mesmo", é possível haver aceitabilidade com sentenças imperativas em uma leitura em que este AdvP adquire valor dêitico ancorado no tempo de fala e não em um valor de passado imediato. Em face de tal conjectura, é possível inferir que o sufixo "inha", em "agorinha", possa contribuir

para a leitura de passado imediato ao se adjungir à raiz "agor-". Também se aventa a possibilidade analítica de "mesmo", em seu uso focalizador, enfatizar a leitura dêitica ancorada no momento de fala em "agora mesmo". Ou seja, talvez seja o caso de "agora mesmo" ser compatível com sentenças imperativas em uma leitura composicional apenas.

Dessa forma, para além de "agora mesmo" e "agorinha" serem compatíveis semanticamente, sintaticamente também o são. À vista disso, propõe-se que "agorinha" seja um advérbio inserido na posição de *Spec*, $\text{Asp}_{\text{Retrospectivo}}\text{P}$, já que, ao ser especificado lexicalmente para o traço de retrospecção, tal advérbio concorda com o referido traço alocado no núcleo dessa projeção.

Semelhantemente a "agora mesmo", "agorinha" parece ser subespecificado para o traço aproximativo em contextos de sentenças no tempo presente. Perceba que, em sentenças como "Agorinha o João come o bolo", "O João agorinha come o bolo", "O João come agorinha o bolo" e "O João come o bolo agorinha", é possível haver a leitura de que a eventualidade descrita se aproxima de determinado ponto de referência. Nesse sentido, deriva-se tal leitura no espírito do que se conjecturou na seção anterior para "agora mesmo". Em outras palavras, "agorinha", da mesma forma que "agora mesmo", pode ser inserido na posição de especificador de $\text{Asp}_{\text{Aproximativo}}\text{P}$.

Em se tratando dos aproximativos, propõe-se que "daqui a pouco" seja um bom candidato para integrar tal categoria. Notavelmente, há uma relação semântica entre "(dentro) em breve" e "daqui a pouco". Além disso, observa-se que: 1) "daqui a pouco" não pode coocorrer com "(dentro) em breve" com a mesma leitura ("*O João daqui a pouco (dentro) em breve come o bolo"), 2) "(dentro) em breve" pode ser substituído sem alterações semânticas por "daqui a pouco" ("O João (dentro) em breve come o bolo" = "O João daqui a pouco come o bolo") e 3) há uma relação de acarretamento biunívoco entre "O João (dentro) em breve come o bolo" e "O João daqui a pouco come o bolo". Nesse sentido, tais sentenças podem ser concebidas como paráfrases uma da outra. Por fim, quando "daqui a pouco" é empregado na sentença, não se pode cancelar/negar o traço de aproximação ilocucionalmente: "#João daqui a pouco come o bolo, mas ele não (dentro) em breve come o bolo". Aponta-se, assim, que semanticamente os itens sob análise são similares. Em relação às suas propriedades sintáticas, têm-se:

(407) (Daqui a pouco) a moça (daqui a pouco) perde (daqui a pouco) seu brinco (daqui a pouco).

(408) A moça perde seu brinco?

Resposta: *Daqui a pouco.

(409) ?Daqui a pouco é que a moça perde seu brinco.

(410) A moça não perderá seu brinco senão daqui a pouco.

(411) É daqui a pouco que a moça perde seu brinco.

(412) A moça *não daqui a pouco perderá seu brinco..

(413) ?A moça perderá seu brinco e daqui a pouco.

(414) Onde/ quando/ por que a moça perderá seu brinco?

Resposta: Daqui a pouco.

(415) Daqui a pouco perca seu brinco!

(416) É daqui a pouco que a moça perde seu brinco?

(417) A moça terá perdido seu brinco daqui a pouco[199].

(417') *A moça terá daqui a pouco perdido seu brinco.

(418) ?Quão daqui a pouco a moça perde seu brinco?

(419) A moça daqui a pouco encontra o João e o rapaz também (daqui a pouco encontra o João).

Ao se analisarem as propriedades sintáticas de "daqui a pouco", observa-se que tal item se comporta de forma muito similar a "(dentro) em breve". À vista disso, propõe-se que "daqui a pouco" seja inserido na posição de especificador de $Asp_{Aproximativo}P$, concordando com o traço de aproximação, alocado no núcleo de tal projeção.

No que concerne aos durativos, aventa-se a hipótese de que "longamente" seja um bom candidato a integrar tal categoria. Nota-se, contudo, que "longamente" é o oposto escalar de "brevemente", de forma que se identifica uma relação de antonímia. Por esse motivo, identifica-se que: 1) "longamente" não pode coocorrer com "brevemente" pode ser substituído com alterações semânticas por "brevemente" ("O João longamente come o bolo") e 2) há uma relação de contradição entre "O João longamente come o bolo" e "O João brevemente come o bolo". Adiciona-se, então, a essa conjectura a possibilidade da relação semântica de contradição entre AdvPs. Semanticamente, tais AdvPs parecem integrar a mesma categoria. Resta saber se sintaticamente eles compartilham as mesmas propriedades:

(420) (Longamente) a moça (longamente) perdia (longamente) seu brinco (longamente).

(421) A moça perdeu seu brinco?

[199] Empregou-se morfologia de futuro para garantir a felicidade da sentença em termos semânticos.

Resposta: *Longamente.

(422) ?Longamente foi que a moça perdeu seu brinco.

(423) A moça não perdeu seu brinco senão longamente.

(424) Foi longamente que a moça perdeu seu brinco.

(425) A moça perdeu *não longamente seu brinco..

(426) *A moça perdeu seu brinco e longamente.

(427) Onde/ quando/ por que a moça perdeu seu brinco?

Resposta: Longamente.

(428) ?Longamente perca seu brinco!

(429) Foi longamente que a moça perdeu seu brinco?

(430) A moça tem perdido seu brinco longamente.

(430') A moça tem longamente perdido seu brinco.

(431) Quão longamente a moça perdeu seu brinco?

(432) A moça longamente encontrou o João e o rapaz também (longamente encontrou o João).

Excetuando-se a marginalidade de emprego de "longamente" em sentenças imperativas – possivelmente idiossincrática ao referido exemplo (cf. "**Longamente** me explique o que ocorreu") "longamente" parece se comportar sintaticamente da mesma forma que "brevemente". Sugere-se, assim, que "longamente" seja inserido na posição de especificador de $Asp_{Durativo}P$, concordando com o traço de duração alocado no núcleo da referida projeção.

Referente aos advérbios genéricos/progressivos, assume-se que "inerentemente" seja um feliz candidato a integrar tal categoria. Não apenas há uma relação semântica entre "inerentemente" e "caracteristicamente", como também se observa que: 1) "inerentemente" não pode coocorrer com "caracteristicamente" ("*O João inerentemente caracteristicamente come bolo"), 2) "caracteristicamente" pode ser substituído sem alterações semânticas por "inerentemente" ("O João caracteristicamente come bolo" = "O João inerentemente come bolo") e 3) há uma relação de acarretamento biunívoco entre "O João caracteristicamente come bolo" e "O João inerentemente come bolo". Tais sentenças são, assim, paráfrases uma da outra. Não se nega, ademais, o traço de genericidade em um contexto em que se emprega "inerentemente", conforme se observa em "#João inerentemente é homem, mas ele não é homem agora". Sintaticamente, constata-se que:

(433) (Inerentemente) a moça (inerentemente) perde(inerentemente) seus brincos (inerentemente).

(434) A moça perde seus brincos?

Resposta: *Inerentemente.

(435) ?Inerentemente é que a moça perde seus brincos.

(436) A moça não perde seus brincos senão inerentemente.

(437) É inerentemente que a moça perde seus brincos.

(438) A moça *não inerentemente perde seus brincos.

(439) *A moça perde seus brincos e inerentemente.

(440) Onde/ quando/ por que a moça perde seus brincos?

Resposta: *Inerentemente.

(441) *Inerentemente perca seus brincos!

(442) É inerentemente que a moça perde seus brincos?

(443) A moça tem perdido inerentemente seus brincos.

(443') ?A moça tem inerentemente perdido seus brincos.

(444) Quão inerentemente a moça perde seus brincos?

(445) A moça inerentemente encontra o João e o rapaz também (inerentemente encontra o João).

Levando-se em consideração tais resultados, constata-se que, em termos sintáticos, "inerentemente" se comporta de forma semelhante a "caracteristicamente". Nesse sentido, em (434), Teste de Perguntas Polares, (435), Teste de Antecedência a "é que", (436). Teste da Negação, (439), Teste da Coordenação, (440), Teste de Perguntas Abertas, e (441), Teste de Imperativas, há construções marginais ou agramaticais com "inerentemente", da mesma forma que o há com "caracteristicamente". Analisa-se que a natureza genérica destes AdvPs (*lawlikeness*) acarreta a inaceitabilidade desses em construções de negação, de resposta e em construções imperativas. Sendo assim, a partir dos testes considerados, é possível conjecturar que "inerentemente" possa ser inserido na posição de especificador de $Asp_{Genérico/Progressivo}P$.

Concernente aos prospectivos, hipotetiza-se que "por pouco" seja um candidato possível a integrar tal categoria. Tanto "por pouco" quanto "quase" parecem enfatizar o momento anterior ao início de uma eventualidade. Além de tal relação, aponta-se que: 1) "por pouco" não pode coocorrer com "quase" ("*O João por pouco quase come o bolo"), 2) "quase" pode ser substituído sem alterações semânticas por "por pouco" ("O João quase come o bolo" = "O João por pouco come o bolo") e 3) há uma relação de acarretamento biunívoco entre "O João

quase come o bolo" e "O João por pouco come o bolo". Em suma, se é verdadeira a proposição de que uma eventualidade "quase ocorreu", automaticamente é verdadeira a proposição de uma eventualidade que "por pouco ocorreu". Ademais, nota-se que é impossível cancelar ou negar a leitura de prospecção desencadeada por "por pouco", conforme se observa em "#Pedro por pouco passou na prova, mas ele passou na prova". Em termos de comportamento sintático, nota-se que tanto "quase" quanto "por pouco" comportam-se de forma similar:

(446) (Por pouco) a moça (por pouco) perde (por pouco) seus brincos.
(447) A moça perde seus brincos?
Resposta: *Por pouco.
(448) Por pouco é que a moça perde brincos.
(449) A moça não perde seus brincos senão por pouco.
(450) É por pouco que a moça perde seus brincos.
(451) A moça *não por pouco perde seus brincos.
(452) A moça perde seus brincos e por pouco.
(453) Onde/ quando/ por que a moça perde seus brincos?
Resposta: *Por pouco.
(454) *Por pouco perca seus brincos!
(455) É por pouco que a moça perde seus brincos?
(456) A moça tem perdido por pouco seus brincos.
(456') A moça tem por pouco perdido seus brincos.
(457) *Quão por pouco a moça perde seus brincos?
(458) A moça por pouco encontra o João e o rapaz também (por pouco encontra o João).

A partir dos resultados apresentados, encontram-se algumas diferenças entre "por pouco" e "quase". "Por pouco" é dotado de maior mobilidade sintática do que "quase". Além disso, "por pouco" é menos marginal do que "quase" em contexto de clivagem. Frente a isso, hipotetiza-se que, malgrado ambos itens pareçam veicular uma leitura de prospecção, tais itens não são idênticos em relação à sua propriedade de veicular "escalas". Parece ser o caso de "quase" funcionar com um operador escalar de fato, ao passo que "por pouco" não funciona dessa forma tão categoricamente. Perceba que é plenamente possível e natural dizer "O balde está quase cheio", mas é marginal dizer "?O balde está por pouco cheio". A partir desse entendimento, assume-se que o traço/propriedade de "escalaridade" seja díspar ao traço de prospecção, codificando-o, portanto, em outra projeção que não seja $Asp_{Prospectivo}P$.

No que se refere aos incoativos, considera-se que “subitamente” e “de súbito” sejam candidatos possíveis de integrar tal categoria. Constata-se, assim, que: 1) “subitamente” e “de súbito” não podem coocorrer com “repentinamente” ou “de repente” (“*O João subitamente repentinamente comeu o bolo”/ “*João de súbito de repente comeu o bolo”), 2) “repentinamente” ou “de repente” podem ser substituídos sem alterações semânticas por “subitamente” e “de súbito” (“O João repentinamente comeu o bolo”/ “João de repente comeu o bolo” = “O João subitamente comeu o bolo”/ “João de súbito comeu o bolo”) e 3) há uma relação de acarretamento biunívoco entre “O João repentinamente/ de repente comeu o bolo” e “O João subitamente/ de súbito comeu o bolo”. Nesse sentido, analisam-se tais sentenças como paráfrases uma da outra. Em relação ao comportamento sintático de “subitamente” e “de súbito”, identifica-se o seguinte cenário:

(459) (Subitamente/ de súbito) a moça (subitamente/ de súbito) perdeu (subitamente/ de súbito) seus brincos.

(460) A moça perde seus brincos?

Resposta: *Subitamente/ *de súbito.

(461) ?Subitamente/ ?De súbito foi que a moça perdeu seus brincos.

(462) A moça não perdeu seus brincos senão subitamente/ de súbito.

(463) Foi subitamente/ de súbito que a moça perdeu seus brincos.

(464) A moça não subitamente/ ?de súbito a moça perdeu seus brincos.

(465) A moça perdeu seus brincos e ?subitamente/ ?de súbito.

(466) Onde/ quando/ por que a moça perdeu seus brincos?

Resposta: Subitamente/ De súbito.

(467) Subitamente/ de súbito perca seus brincos!

(468) Foi subitamente/ de súbito que a moça perdeu seus brincos?

(469) A moça tem perdido subitamente/ de súbito seus brincos.

(469’) A moça tem subitamente/de súbito perdido seus brincos.

(470) Quão subitamente/ de súbito a moça perdeu seus brincos?

(471) A moça subitamente/ de súbito encontrou o João e o rapaz também (subitamente/ de súbito encontrou o João).

Excetuando-se a maior aceitabilidade de “de repente” em contexto de anteposição a “ser que”, parece ser o caso “de repente”, “repentinamente”, “de súbito” e “subitamente” comportarem-se sintaticamente da mesma forma. Possivelmente, “de repente” é mais aceito em

posição de antecedência a "é que" pela possibilidade de ser lido como um operador de *irrealis*, sinônimo de "talvez", nesta posição, como em "De repente é que Maria saiu" (análogo a "Talvez Maria tenha saído"). Nesse sentido, assume-se que os referidos itens disputem pela inserção na posição de especificador de $Asp_{Incoativo(I)}P$.

Em se tratando dos AdvPs obrigatórios, admite-se que "forçosamente" seja um bom candidato para integrar tal categoria, em virtude de sua força modal ("João forçosamente disse a verdade"). Além disso, observa-se que: 1) "forçosamente" não pode coocorrer com "obrigatoriamente" ("*O João forçosamente obrigatoriamente comeu o bolo"), 2) "obrigatoriamente" pode ser substituído sem alterações semânticas por "forçosamente" ("O João obrigatoriamente comeu o bolo" = "O João forçosamente comeu o bolo") e 3) há uma relação de acarretamento biunívoco entre "O João obrigatoriamente comeu o bolo" e "O João forçosamente comeu o bolo". Ademais, nota-se que, ao se empregar "forçosamente" em uma sentença, não é possível negar ou cancelar o traço de obrigação ilocucionalmente: "#João forçosamente falou a verdade, mas ele não tinha a obrigação de falar a verdade". Em termos sintáticos, têm-se:

(472) (Forçosamente) a moça (forçosamente) perdeu (forçosamente) os brincos (forçosamente)

(473) A moça perdeu os brincos?

Resposta: *Forçosamente.

(474) ?Forçosamente foi que a moça perdeu os brincos.

(475) A moça não perdeu os brincos senão forçosamente.

(476) Foi forçosamente que a moça perdeu os brincos.

(477) Não forçosamente a moça perdeu os brincos.

(478) ?A moça perdeu os brincos e forçosamente.

(479) Onde/quando/por que a moça perdeu os brincos?

Resposta: *Forçosamente.

(480) ?Forçosamente perca seus brincos!

(481) Foi forçosamente que a moça perdeu seus brincos?

(482) A moça tem perdido forçosamente seus brincos.

(482') ?A moça tem forçosamente perdido seus brincos.

(483) Quão forçosamente a moça perdeu seus brincos?

(484) A moça forçosamente abraçou o João e o rapaz também (forçosamente abraçou o João).

Constata-se que a maior diferença entre as propriedades sintáticas de "obrigatoriamente" e "forçosamente" reside na possibilidade marginal de "forçosamente" integrar imperativas e anteceder "é que". O AdvP "obrigatoriamente" é bem mais aceito nos referidos contextos do que "forçosamente", possivelmente pela possibilidade de leitura de modo em "obrigatoriamente" ("de modo obrigatório") e sua marginalidade em "forçosamente" ("?de modo forçoso"). Concebe-se, assim, que "forçosamente" e "obrigatoriamente" compartilhem o traço de obrigação, embora pareçam não compartilhar, da mesma forma, o traço de modo.

Em relação aos frustrativos, considera-se que "inutilmente" e "sem sucesso" possam integrar tal categoria. Justifica-se tal hipótese a partir da relação semântica de frustração compartilhada por esses itens. Ademais, identifica-se que: 1) "inutilmente" e "sem sucesso" não podem coocorrer com "à toa" ou "em vão" ("*O João comeu inutilmente à toa/em vão o bolo"/ *O João comeu sem sucesso à toa/em vão o bolo"), 2) "à toa" e "em vão" podem ser substituídos sem alterações semânticas por "inutilmente" e "sem sucesso" ("O João comeu à toa o bolo"/ "O João comeu em vão o bolo" = "O João comeu inutilmente o bolo"/ "O João comeu sem sucesso o bolo") e 3) há uma relação de acarretamento biunívoco entre "O João comeu em vão/ à toa o bolo" e "O João comeu inutilmente/ sem sucesso o bolo". Ademais, nota-se que, ao se empregar "inutilmente" ou "sem sucesso" em uma sentença, não é possível negar ou cancelar o traço de frustração ilocucionalmente: "#João falou inutilmente/ sem sucesso a verdade, mas ele bem sucedidamente falou a verdade". Referente às propriedades sintáticas de tais itens, têm-se as seguintes sentenças:

(485) (*Inutilmente/ *sem sucesso) a moça (?inutilmente/ ?sem sucesso) perdeu (inutilmente/ sem sucesso) seu brinco (inutilmente/sem sucesso)

(486) A moça perdeu seu brinco?

Resposta: *Inutilmente/ *Sem sucesso.

(487) *Inutilmente/ *Sem sucesso foi que a moça perdeu seu brinco.

(488) A moça não perdeu seu brinco senão inutilmente/ sem sucesso.

(489) Foi inutilmente/ sem sucesso que a moça perdeu seu brinco.

(490) A moça não inutilmente/ sem sucesso perdeu seu brinco.

(491) A moça perdeu seu brinco e inutilmente/ sem sucesso.

(492) Onde/ quando/ por que a moça perdeu seu brinco?

Resposta: *Inutilmente/ Sem sucesso.

(493) ?Inutilmente/ Sem sucesso perca seu brinco!

(494) Foi forçosamente/ sem sucesso que a moça perdeu seu brinco?

(495) A moça tem perdido inutilmente/ sem sucesso seu brinco.

(495') ?A moça tem inutilmente/ sem sucesso perdido seu brinco.

(496) Quão inutilmente/ ?sem sucesso a moça perdeu seu brinco?

(497) A moça inutilmente/ sem sucesso abraçou o João e o rapaz também (inutilmente/ sem sucesso abraçou o João).

Levando-se em consideração tal comportamento, entende-se que, malgrado pontuais diferenças da maior ou menor aceitabilidade em determinados contextos e exemplos, parece ser o caso "inutilmente" e "sem sucesso" figurarem como advérbios frustrativos da mesma forma que "em vão" e "à toa". Nesse sentido, assume-se que "inutilmente" e "sem sucesso" sejam inseridos em posição de especificador de $Asp_{Frustrativo}P$, concordando, assim, com o traço de frustração.

No que tange aos completivos singulares, considera-se que o AdvP "integralmente" seja um candidato para integrar tal categoria. Para além da evidente relação semântica entre "completamente" e "integralmente", constata-se que: 1) "completamente" não pode coocorrer com "integralmente" modificando o mesmo elemento ("*O João comeu completamente integralmente o bolo"), 2) "completamente" pode ser substituído sem alterações semânticas por "integralmente" ("O João comeu completamente o bolo" = "O João comeu integralmente o bolo") e 3) há uma relação de acarretamento biunívoco entre "O João comeu completamente o bolo" e "O João comeu integralmente o bolo". Quando se emprega "integralmente" em uma sentença, não é possível cancelar o traço de completude: "#João comeu integralmente o bolo, mas deixou alguns pedaços". Sintaticamente, identificam-se os seguintes comportamentos:

(498) (*Integralmente) a moça (*integralmente) bebeu (integralmente) os *drinks* (integralmente).

(499) A moça bebeu os *drinks*?

Resposta: *Integralmente.

(500) *Integralmente foi que a moça bebeu os *drinks*.

(501) A moça não bebeu os *drinks* senão integralmente.

(502) *Foi integralmente que a moça bebeu os *drinks*.

(503) A moça bebeu não integralmente os *drinks*.

(504) A moça bebeu os *drinks* e integralmente.

(505) Onde/ quando/ por que/ como a moça bebeu os *drinks*?

Resposta: Integralmente.

(506) Beba integralmente os *drinks*!

(507) *Foi integralmente que a moça bebeu os *drinks*?

(508) A moça tem bebido integralmente os *drinks*.

(508') ?A moça tem integralmente bebido os drinks.

(509) Quão integralmente a moça bebeu os *drinks*?

(510) A moça integralmente bebeu os *drinks* e o rapaz também (integralmente bebeu os *drinks*).

Como se pôde observar, o AdvP "integralmente" comporta-se sintaticamente da mesma forma que "completamente" (cf. 6.2). Logo, por haver similaridade semântica e sintática, conjectura-se que "integralmente" seja um AdvP inserido em posição de especificador de $Asp_{SingCompletivo(I)}P$, concordando, assim, com o traço de completude singular.

Em se tratando dos plurais completivos, aponta-se que "inteiramente" seja um AdvP candidato a integrar tal categoria. Empregando os critérios diagnósticos adotados, identifica-se que: 1) "inteiramente" não pode coocorrer com "todo" modificando o mesmo elemento ("*O João comeu inteiramente todo o bolo"), 2) "todo" pode ser substituído sem alterações semânticas por "inteiramente" ("O João comeu todo o bolo" = "O João comeu inteiramente o bolo") e 3) há uma relação de acarretamento biunívoco entre "O João comeu todo o bolo" e "O João comeu inteiramente o bolo". Nesse sentido, quando se usa "inteiramente" em uma sentença não se pode negar o traço de completude ilocucionalmente: "#O João comeu inteiramente os bolos, mas deixou alguns bolos". Em relação ao comportamento sintático, têm-se:

(511) (*Inteiramente) a moça (*inteiramente) bebeu (inteiramente) os *drinks* (inteiramente).

(512) A moça bebeu os *drinks*?

Resposta: *Inteiramente.

(513) *Inteiramente foi que a moça bebeu os *drinks*.

(514) A moça não bebeu os *drinks* senão inteiramente.

(515) *Foi inteiramente que a moça bebeu os *drinks*.

(516) A moça bebeu não inteiramente os *drinks*.

(517) A moça bebeu os *drinks* e inteiramente.

(518) Onde/ quando/ por que/ como a moça bebeu os *drinks*?

Resposta: Inteiramente.

(519) Beba inteiramente os *drinks*!

(520) *Foi inteiramente que a moça bebeu os *drinks*?

(521) A moça tem bebido inteiramente os *drinks*.

(521') *A moça tem inteiramente bebido os drinks.

(522) Quão inteiramente a moça bebeu os *drinks*?

(523) A moça inteiramente bebeu os *drinks* e o rapaz também (inteiramente bebeu os *drinks*).

Dessa forma, "inteiramente" comporta-se sintaticamente de forma similar a "todo", veiculando uma leitura de completude plural. Advoga-se que "inteiramente" seja inserido da posição de especificador de $Asp_{PluralCompletivo(I)}P$, concordando com o traço de completude plural. Nesse sentido, "inteiramente" e "todo" competem pela inserção lexical na referida posição.

No que se refere aos advérbios de modo, considera-se que "corretamente" seja um ótimo candidato para integrar essa categoria. Nesse sentido, além de passar em todos os testes abordados na seção 6.2 para identificação da leitura de modo, observa-se que: 1) "corretamente" não pode coocorrer com "bem" modificando o mesmo elemento ("*O João comeu corretamente bem o bolo"[200]) e 2) "bem" pode ser substituído com leves alterações semânticas, mas sem comprometer a leitura de modo, por "corretamente" ("O João comeu bem o bolo" ≅ "O João comeu corretamente o bolo"). Convém salientar que não parece ser o caso de haver uma relação acarretamento biunívoco entre "O João comeu bem o bolo" e "O João comeu corretamente o bolo", a menos que se assuma que "de modo bom" e "de modo correto" sejam paráfrases possíveis. Provavelmente o que se identifica como "AdvP de modo" não seja uma categoria monolítica, mas sim uma categoria que se subdivide em diferentes tipos, que não se confundem com outros tipos da hierarquia do *Middlefield*. Talvez, essa seja a melhor explicação para essa questão. Contudo, deixa-se tal questão em aberto, enfatizando que um possível desenrolar desta pesquisa seja a testagem dos diagnósticos propostos para a leitura de modo em diferentes tipos de AdvPs. Malgrado tais diferenças, considera-se "corretamente" como um AdvP de modo, da mesma forma que "bem", uma vez que estes compartilham o traço de modo. Sintaticamente, observa-se que:

[200] Evitou-se aqui "bem corretamente" por se entender que, na referida estrutura, "bem" seria um intensificador que modifica diretamente "corretamente". Não é essa a leitura que se intenciona no exemplo.

(524) (?Corretamente) a moça (?corretamente) bebeu (corretamente) os *drinks* (corretamente).

(525) A moça bebeu os *drinks*?

Resposta: ?Corretamente.

(526) ?Corretamente foi que a moça bebeu os *drinks*.

(527) A moça não bebeu os *drinks* senão corretamente.

(528) ?Foi corretamente que a moça bebeu os *drinks*.

(529) A moça bebeu não corretamente os *drinks*.

(530) ?A moça bebeu os *drinks* e corretamente.

(531) Onde/ quando/ por que/ como a moça bebeu os *drinks*?

Resposta: Corretamente.

(532) Beba corretamente os *drinks*!

(533) ?Foi corretamente que a moça bebeu os *drinks*?

(534) A moça tem bebido corretamente os *drinks*.

(534') *A moça tem corretamente bebido os drinks.

(535) Quão corretamente a moça bebeu os *drinks*?

(536) A moça abraçou corretamente os meninos e o rapaz também (abraçou corretamente os meninos).

A partir dos resultados apresentados, é possível conjecturar que, da mesma forma que "bem", "corretamente" parece também veicular um traço de avaliação em posição pré-verbal, sendo, assim, compatível com a projeção $Mod_{Avaliativo}P$. Tal possibilidade explica boa parte das sentenças em que se marca "?" sinalizando que a aceitabilidade depende do tipo de leitura, mais especificamente da emergência ou não da leitura de avaliação. Em relação à leitura de modo, o comportamento sintático é semelhante ao "bem". Nesse sentido, assume-se que "corretamente" seja também inserido em posição de especificador de VozP.

Em relação aos aceleralivos de processo, aponta-se que "depressa" – e, possivelmente, boa parte de adjetivos adverbiais aceleralivos como "ligeiro", "pronto", "veloz", "devagar" entre outros – possa integrar tal categoria. Por razões de espaço e de objetivo deste trabalho, testa-se apenas o "depressa", deixando-se os outros adverbiais para trabalhos futuros. Inicialmente, observa-se uma relação semântica entre "depressa" e "rápido". Mais especificamente, identifica-se que: 1) "depressa" não pode coocorrer com "rápido" modificando o mesmo elemento ("*O João comeu depressa rápido o bolo") , 2) "rápido" pode ser substituído sem alterações semânticas por "depressa" ("O João comeu rápido o bolo" = "O

João comeu depressa o bolo") e 3) há uma relação de acarretamento biunívoco entre "O João comeu rápido o bolo" e "O João comeu depressa o bolo". Além disso, em relação à linearização de "depressa", semelhantemente ao "rápido", não se licencia tal sintagma em posição pré-verbal[201]. De forma mais categórica, no que concerne ao comportamento sintático de "depressa", há:

(537) (*Depressa) a moça (*depressa) bebeu (depressa) os *drinks* (depressa).

(538) A moça bebeu os *drinks*?

Resposta: *Depressa.

(539) *Depressa foi que a moça bebeu os *drinks*.

(540) A moça não bebeu os *drinks* senão depressa.

(541) Foi depressa que a moça bebeu os *drinks*.

(542) ?A moça bebeu não depressa os *drinks*.

(543) A moça bebeu os *drinks* e depressa.

(544) Onde/ quando/ por que/ como a moça bebeu os *drinks*?

Resposta: Depressa.

(545) Beba depressa os *drinks*!

(546) Foi depressa que a moça bebeu os *drinks*?

(547) A moça tem bebido depressa os *drinks*.

(547') *A moça tem depressa bebido os *drinks*.

(548) Quão depressa a moça bebeu os *drinks*?

(549) A moça abraçou depressa os meninos e o rapaz também (abraçou depressa os meninos).

Nota-se que "depressa" comporta-se sintaticamente de forma similar a "rápido", possuindo as mesmas características. Nesse sentido, assume-se que "depressa" seja inserido na posição de especificador de $Asp_{Acelerativo(II)}P$, concordando com o traço de aceleração do processo alocado no núcleo da referida projeção.

Concernente aos incoativos de processo, supõe-se que "de supetão" seja um bom candidato para integrar essa categoria. Não apenas "do nada" e "de supetão" compartilham o mesmo significado, como também se nota que: 1) "de supetão" não pode coocorrer com "do

[201] Conjectura-se que isso seja propriedade definidora dos adjetivos adverbiais citados neste parágrafo. Sugere-se como conjectura de pesquisa que se empreguem os diagnósticos abaixo na classe dos adjetivos adverbiais aceleratívos.

nada" modificando o mesmo elemento ("*O João comeu de supetão do nada o bolo"), 2) "do nada" pode ser substituído sem alterações semânticas por "de supetão" ("O João comeu do nada o bolo" = "O João comeu de supetão o bolo") e 3) há uma relação de acarretamento biunívoco entre "O João comeu do nada o bolo" e "O João comeu de supetão o bolo". Além disso, não se nega o traço de incoação do processo ao se empregar "de supetão": "#João comeu de supetão o bolo, mas ele comeu o bolo de forma gradual". Sobre as propriedades sintáticas de "de supetão", têm-se:

(550) (*De supetão) a moça (?de supetão) bebeu (de supetão) os *drinks* (de supetão).

(551) A moça bebeu os *drinks*?

Resposta: *De supetão.

(552) *De supetão foi que a moça bebeu os *drinks*.

(553) A moça não bebeu os *drinks* senão de supetão.

(554) Foi de supetão que a moça bebeu os *drinks*.

(555) ?A moça bebeu não de supetão os *drinks*.

(556) A moça bebeu os *drinks* e de supetão.

(557) Onde/ quando/ por que/ como a moça bebeu os *drinks*?

Resposta: De supetão.

(558) Beba de supetão os *drinks*!

(559) Foi de supetão que a moça bebeu os *drinks*?

(560) A moça tem bebido de supetão os *drinks*.

(560') *A moça tem de supetão bebido os *drinks*.

(561) Quão de supetão a moça bebeu os *drinks*?

(562) A moça abraçou de supetão os meninos e o rapaz também (abraçou de supetão os meninos).

Identifica-se que "de supetão" comporta-se sintaticamente da mesma forma que "do nada", estabelecendo o início não natural e abrupto de uma situação. Portanto, defende-se que "de supetão" seja inserido na posição de especificador de $Asp_{Incoativo(II)}P$, concordando com o referido traço alocado nessa projeção.

Referente aos repetitivos de processo, assume-se que "outra vez" seja um AdvP candidato a integrante de tal categoria. Observam-se, assim, as seguintes propriedades entre "outra vez" e "de novo": 1) "outra vez" não pode coocorrer com "de novo" modificando o mesmo elemento ("*O João comeu outra vez de novo o bolo"), 2) "de novo" pode ser

substituído sem alterações semânticas por “outra vez” (“O João comeu de novo o bolo” = “O João comeu outra vez o bolo”) e 3) há uma relação de acarretamento biunívoco entre “O João comeu de novo o bolo” e “O João comeu outra vez o bolo”. Não se pode negar, ademais, o traço de repetição do processo quando se emprega “outra vez” em posição pós-verbal: “#João comeu outra vez o bolo, mas ele comeu só uma vez o bolo”. Sintaticamente, identificam-se as seguintes propriedades:

(563) (?Outra vez) a moça (?outra vez) bebeu (outra vez) os *drinks* (outra vez).

(564) A moça bebeu os *drinks*?

Resposta: ?Outra vez.

(565) *Outra vez foi que a moça bebeu os *drinks*.

(566) A moça não bebeu os *drinks* senão outra vez.

(567) Foi outra vez que a moça bebeu os *drinks*.

(568) ?A moça bebeu não outra vez os *drinks*.

(569) A moça bebeu os *drinks* e outra vez.

(570) Onde/ quando/ por que/ como a moça bebeu os *drinks*?

Resposta: *Outra vez.

(571) Beba outra vez os *drinks*!

(572) Foi outra vez que a moça bebeu os *drinks*?

(573) A moça tem bebido outra vez os *drinks*.

(573’) *A moça tem outra vez bebido os *drinks*.

(574) *Quão outra vez a moça bebeu os *drinks*?

(575) A moça abraçou outra vez os meninos e o rapaz também (abraçou outra vez os meninos).

Novamente, em boa parte dos contextos em que se emprega “?”, a aceitabilidade de sentença parece depender do tipo de leitura (eventiva vs. processual). Como se intenciona avaliar a emergência da leitura de evento, utilizou-se o referido artifício para sinalizar sentenças possivelmente aceitáveis com outro tipo de leitura. Em geral, “outra vez” comporta-se sintaticamente de forma parecida com “de novo”. Dessa forma, conjectura-se que “outra vez” seja inserido na posição de especificador de $Asp_{Repetitivo(II)}P$.

Finalmente, em relação aos frequentativos de processo, aponta-se que “correntemente” possa também integrar tal classe. Justifica-se essa afirmação a partir das seguintes considerações: 1) “correntemente” não pode coocorrer com “frequentemente” modificando o

mesmo elemento ("*O João comeu correntemente frequentemente o bolo"), 2) "frequentemente" pode ser substituído sem alterações semânticas por "correntemente" em posição pós-verbal ("O João comeu frequentemente o bolo" = "O João comeu correntemente o bolo") e 3) há uma relação de acarretamento biunívoco entre "O João comeu frequentemente o bolo" e "O João comeu correntemente o bolo". Em relação ao comportamento sintático de "correntemente", têm-se:

(576) (?Correntemente) a moça (?correntemente) bebia (correntemente) os *drinks* (correntemente).

(577) A moça bebia os *drinks*?

Resposta: Correntemente.

(578) *Correntemente era que a moça bebia os *drinks.*

(579) A moça não bebia os *drinks* senão correntemente.

(580) Era correntemente que a moça bebia os *drinks.*

(581) ?A moça bebia não correntemente os *drinks*.

(582) A moça bebia os *drinks* e correntemente.

(583) Onde/ quando/ por que/ como a moça bebia os *drinks*?

Resposta: Correntemente.

(584) Beba correntemente os *drinks*!

(585) Foi correntemente que a moça bebeu os *drinks*?

(586) A moça tem bebido correntemente os *drinks*.

(586') *A moça tem correntemente bebido os *drinks*.

(587) Quão correntemente a moça bebia os *drinks*?

(588) A moça abraçava correntemente os meninos e o rapaz também (abraçava correntemente os meninos).

De forma semelhante a "frequentemente", "correntemente" parece veicular leitura de frequência do processo. Além disso, sintaticamente, tais AdvPs comportam-se de forma similar. Sendo assim, considera-se que "correntemente" possa ser inserido na posição de especificador de $Asp_{Frequentativo(II)}P$, concordando com o traço de frequência do processo alocado no núcleo da referida projeção.

Nesta seção, analisaram-se novos candidatos a AdvPs baixos no PB. Empregaram-se como diagnósticos testes de natureza semântica e de natureza sintática. Ao se ajuntarem os

novos candidatos com seus respectivos locais de soldagem no PB, propõe-se a generalização:

Quadro 57 – **Candidatos a AdvPs baixos no PB**

AdvPs	**Locais de soldagem**
Agorinha	*Spec*, $Asp_{Retrospectivol}P$; *Spec*, $Asp_{Aproximativo}P$
Daqui a pouco	*Spec*, $Asp_{Aproximativo}P$
Longamente	*Spec*, $Asp_{Durativo}P$
Inerentemente	*Spec*, $Asp_{Genérico/Progressivo}P$
Por pouco	*Spec*, $Asp_{Prospectivo}P$
Subitamente, de súbito	*Spec*, $Asp_{Incoativo(I)}P$
Forçosamente	*Spec*, $Mod_{Obrigação}P$
Inutilmente, sem sucesso	*Spec*, $Asp_{Frustrativo}P$
Integralmente	*Spec*, $Asp_{SingCompletivo(I)}P$; *Spec*, $Asp_{SingCompletivo(II)}P$
Inteiramente	*Spec*, $Asp_{PluralCompletivo(I)}P$
Corretamente	*Spec*, $Mod_{Avaliativo}P$; *Spec*, VozP
Depressa	*Spec*, $Asp_{Acelerativo(II)}P$
De supetão	*Spec*, $Asp_{Incoativo(II)}P$
Outra vez	*Spec*, $Asp_{Repetitivo(II)}P$
Correntemente	*Spec*, $Asp_{Frequentativo(II)}P$

Fonte: elaboração própria

Levando-se em consideração os AdvPs já descritos na literatura, é possível adicionar tal generalização às previsões da literatura especializada. Dessa forma, tem-se o seguinte quadro resumptivo:

Quadro 58 – **AdvPs baixos no PB**

AdvPs	**Locais de soldagem**
Agora mesmo, **Agorinha**	*Spec*, $Asp_{Retrospectivol}P$; *Spec*, $Asp_{Aproximativo}P$
(Dentro) em breve, **Daqui a pouco**	*Spec*, $Asp_{Aproximativo}P$
Brevemente, **Longamente**	*Spec*, $Asp_{Durativo}P$
Caracteristicamente, **Inerentemente**	*Spec*, $Asp_{Genérico/Progressivo}P$
Quase, **Por pouco**	*Spec*, $Asp_{Prospectivo}P$
De repente, **Subitamente**, **De súbito**	*Spec*, $Asp_{Incoativo(I)}P$
Obrigatoriamente, **Forçosamente**	*Spec*, $Mod_{Obrigação}P$
À toa, Em vão, **Inutilmente**, **Sem sucesso**	*Spec*, $Asp_{Frustrativo}P$
Completamente, **Integralmente**	*Spec*, $Asp_{SingCompletivo(I)}P$; *Spec*, $Asp_{SingCompletivo(II)}P$
Todo, **Inteiramente**	*Spec*, $Asp_{PluralCompletivo(I)}P$
Bem, **Corretamente**	*Spec*, $Mod_{Avaliativo}P$; *Spec*, VozP

Rápido, **Depressa**	*Spec*, $Asp_{Acelerativo(II)}P$
Do nada, **De supetão**	*Spec*, $Asp_{Incoativo(II)}P$
De novo, **Outra vez**	*Spec*, $Asp_{Repetitivo(II)}P$
Frequentemente, **Correntemente**	*Spec*, $Asp_{Frequentativo(II)}P$

Fonte: elaboração própria

Nesta seção, foram propostos e avaliados novos candidatos a AdvPs baixos no PB. Empregaram-se testes sintáticos e semânticos para defender sua sistematização enquanto AdvPs baixos. Dessa forma, defende-se a importância do emprego de diagnósticos sintáticos para além da aparente relação semântica entre advérbios arrolados na literatura como baixos e candidatos a tal categorização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, objetivou-se contribuir para a descrição da sintaxe adverbial das línguas naturais. Para tanto, adotaram-se como objetivos específicos os seguintes imperativos: 1) identificar restrições de modificação e linearização de advérbios altos, mediais e baixos da hierarquia de Cinque (1999) em sentenças do português do Brasil com verbos temáticos flexionados, 2) investigar as leituras desencadeadas por advérbios altos, mediais e baixos dessa hierarquia em distintas posições nessas sentenças, 3) propor/avaliar novos testes diagnósticos de advérbios altos, mediais e baixos nessas sentenças e 4) investigar itens candidatos a advérbios altos, mediais e baixos em sentenças do PB com verbos temáticos flexionados. Cada objetivo específico foi atingido inteiramente neste trabalho, de forma que se pôde contribuir, de fato, para a descrição e para a análise da sintaxe adverbial em PB.

Em relação ao primeiro e segundo objetivo específico, observou-se que AdvPs altos, em geral, figuram prototipicamente em posição pré-verbal e de margem esquerda. Quando figuram em posição pós-verbal ou em margem direita – para os casos mais marcados –, há ou mudança de leitura ou valoração de traços na periferia esquerda. Além disso, alguns AdvPs altos parecem ser subspecificados quanto ao seu traço: 1) "francamente" ([+declarativo], [+modo]), 2) "uma vez" ([+passado], [+repetição]), 3) "então" ([+futuro], [+evidencial], [+*frame*]). AdvPs mediais, em geral, dispõem de características de AdvPs altos e de AdvPs baixos, podendo figurar tanto em posição pré-verbal, pós-verbal, de margem esquerda e de margem direita. Identificaram-se, assim, que alguns AdvPs mediais são subespecificados lexicalmente: 1) "normalmente" ([+habitual], [+modo]), 2) "tendencialmente" ([+tendencial], [+modo]), 3) "novamente" ([+repetição do evento], [+repetição do processo]), 4) "frequentemente"

([+frequência do evento], [+frequência do processo]), 5) “com gosto” ([+volição], [+modo]), 6) rapidamente ([+aceleração do evento], [+aceleração do processo]). Finalmente, em relação a AdvPs baixos, observou-se que tais itens tendem a ser linearizados em posição pós-verbal e de margem direita. Observou-se que alguns AdvPs baixos podem ser subespecificados para os seguintes traços: 1) “agora mesmo” ([+retrospecção], [+aproximação]), 2) “brevemente” ([+duração], [+aproximação]), 3) “quase” ([+prospecção], [+completude]) e 4) “bem” ([+avaliação], [+modo]).

Ao se ajuntarem os resultados encontrados nesta tese acerca das propriedades de subespecificação, chega-se a uma interessante generalização: AdvPs classificados como altos são menos subespecificados do que AdvPs classificados como mediais e baixos, o que pode ser interpretado como uma evidência para a dissociação entre esses AdvPs. Abaixo, ilustra-se um quadro resumptivo em que figuram todos os AdvPs subespecificados encontrados, com seus respectivos locais de soldagem.

Quadro 59 – **Advérbios subespecificados para mais de um local de soldagem na HU**

AdvPs	**Locais de soldagem**
Francamente, honestamente, sinceramente	*Spec*, $Modo_{Ato\ de\ Fala}P$; *Spec*, VozP
Uma vez	*Spec*, $T_{Passado}P$; *Spec*, $Asp_{repetitivo}P$
Então	*Spec*, $T_{Futuro}P$; *Spec*, $Modo_{Evidencial}P$; *Spec*, FrameP
Normalmente, geralmente, habitualmente, costumeiramente, regularmente	*Spec*, $Asp_{Habitual}P$; *Spec*, VozP
Tendencialmente	*Spec*, $Asp_{Predisposicional}P$; *Spec*, VozP
Novamente, de novo	*Spec*, $Asp_{Repetitivo(I)}P$; *Spec*, $Asp_{Repetitivo(II)}P$
Frequentemente	*Spec*, $Asp_{Frequentativo(I)}P$; *Spec*, $Asp_{Frequentativo(II)}P$
Com gosto	*Spec*, $Mod_{Volitivo}P$; *Spec*, VozP
Rapidamente	*Spec*, $Asp_{Acelerativo(I)}P$; *Spec*, $Asp_{Acelerativo(II)}P$
Agora mesmo	*Spec*, $Asp_{Retrospectivo}P$; *Spec*, $Asp_{Aproximativo}P$
Brevemente	*Spec*, $Asp_{Durativo}P$; *Spec*, $Asp_{Aproximativo}P$

Bem	*Spec*, $Mod_{Avaliativa}P$; *Spec*, VozP

Fonte: elaboração própria

No que concerne ao terceiro objetivo específico, avaliaram-se diagnósticos na literatura especializada acerca das diferenças entre AdvPs altos, mediais e baixos. A partir dos resultados encontrados, identificaram-se evidências morfossintáticas acerca da assimetria entre tais classes de AdvPs, corroborando uma interpretação tripartida da HU. Abaixo, é apresentado o resumo dos resultados obtidos para cada teste e para cada AdvP. Convém recordar que se marca com (✓) se o AdvP se comportou de forma esperada, com (?) se o comportamento do AdvP varia conforme o tipo de leitura e com (*) se o AdvP se comportou de forma distinta ao que se espera na literatura especializada.

Quadro 60 – **Testes na literatura para identificação da altura dos AdvPs da HU**

AdvPs	**T1**	**T2**	**T3**	**T4**	**T5**	**T6**	**T7**	**T8**	**T9**	**T 10**	**T 11**	**T 12**	**T 13**
Francamente, honestamente e sinceramente	✓	*	? *	?	?	?	✓	?	?	?	✓	?	?
Surpreendemente	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
(In)Felizmente, lamentavelmente, estranhamente, inesperadamente	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Supostamente, alegadamente, aparentemente, obviamente, claramente, evidentemente	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Provavelmente e presumivelmente	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Uma vez	✓	✓	?	?	?	?	?	?	?	?	?	✓	?

Então	✓	*	?	✓	✓	✓	✓	✓	?	✓	✓	✓	✓
Talvez	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
(Não) Necessariamente	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Possivelmente	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Normalmente, geralmente, habitualmente, costumeiramente e regularmente	✓	✓	✓ *	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	*	✓
Finalmente	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	*	✓	*	✓	✓
Tendencialmente	✓	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	*	✓	✓
Novamente, de novo	✓	*	✓	*	✓	✓	*	✓	*	*	*	✓	✓
Frequentemente	✓	✓	✓	✓	✓	✓	*	*	✓	✓	*	*	✓
Com gosto	*	✓	*	*	✓	✓	*	*	*	*	*	✓	✓
Rapidamente	✓	✓	✓	*	✓	✓	*	*	*	*	*	*	✓
Já	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	*	*	*
Não mais	✓	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓	*	✓	*	✓	*
Ainda	✓	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	*	*	✓	*
Sempre	✓	*	✓	✓	✓	*	✓	*	✓	✓	*	✓	*
Agora mesmo	*	✓	✓	✓	✓	*	*	*	✓	✓	✓	*	✓
Dentro em breve	*	✓	*	✓	✓	*	*	*	✓	✓	✓	*	✓
Brevemente	*	✓	*	✓	✓	*	*	*	✓	✓	✓	✓	✓
Caracteristicamente	*	✓	*	✓	✓	*	*	✓	*	✓	✓	✓	✓
Quase	✓	✓	*	*	*	*	*	✓	*	*	✓	*	✓
De repente	*	✓	✓	✓	✓	✓	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Obrigatoriamente	*	✓	✓	✓	✓	✓	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓
À toa, em vão	✓	✓	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	*	✓
Completamente	✓	✓	*	✓	*	✓	✓	*	✓	*	✓	✓	✓
Todo	✓	✓	*	✓	*	✓	✓	✓	✓	*	✓	*	✓

Bem	✓	✓	*	✓	*	✓	✓	*	✓	*	✓	✓	✓
Rápido	✓	✓	*	✓	✓	✓	✓	*	✓	✓	✓	✓	✓
Do nada	✓	✓	*	✓	✓	✓	✓	*	*	✓	✓	*	✓
De novo	✓	*	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	*	✓
Frequentemente	✓	*	*	✓	✓	✓	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Completamente	✓	✓	*	✓	*	✓	✓	*	✓	*	✓	✓	✓

Fonte: elaboração própria

Ao se observarem os resultados da previsibilidade dos testes adotados na literatura especializada, nota-se que os diagnósticos mais exatos e preditivos, com menor chance de incongruência e opacidade, são: a) Teste da Mobilidade (Teste 1), b) Teste de Perguntas Polares, (Teste 2), c) Teste da Focalização com "senão" (Teste 4), d) Teste da Clivagem (Teste 5), e) Teste da Negação (Teste 6) e f) Teste da Elipse Verbal (Teste 13). Observou-se, ainda, que, dos testes propostos nesta tese (Teste da Resposta Elíptica, Teste da Modificação Direta com Nomes e Teste da Modificação Direta com APs graduáveis), o teste mais preditivo é o Teste da Resposta Elíptica, segundo o qual AdvPs altos modificam diretamente outros AdvPs em resposta a perguntas elípticas. Por fim, nota-se no quadro resumptivo uma escala contínua de opacidade entre AdvPs altos, mediais e baixos, o que parece, novamente, afirmar-se como evidência para a felicidade dessa análise tripartida.

Em relação ao quarto objetivo específico, foram propostos novos itens para compor a HU, a partir de testes semânticos e sintáticos. Uma das maiores implicações teóricas dessa análise é o entendimento de que a proposição de novos candidatos a AdvPs altos, mediais e baixos deve obedecer a critérios rígidos de natureza sintática e semântica, não se limitando, assim, a uma relação de sinonímia e antonímia. Foram propostos os seguintes diagnósticos para identificar se um AdvP pertence a determinada categoria: 1) Teste do Acarretamento Biunívoco, 2) Teste do Cancelamento/Negação de Traços, 3) Teste da Paráfrase, 4) Teste da Substituição e 5) Teste da Coocorrência. Além disso, considerou-se que um AdvP pertence a determinada categoria da HU se apresenta as mesmas propriedades sintáticas dos AdvPs que pertencem a essa categoria. Sendo assim, apresenta-se um breve resumo de todos os AdvPs considerados como novos candidatos a integrar a HU:

Quadro 61 – **Novos AdvPs da HU**

AdvPs	**Locais de soldagem**
Verdadeiramente	*Spec*, Modo$_{\text{Ato de Falat}}$P; *Spec*, VozP
Espantosamente, formidavelmente, inacreditavelmente	*Spec*, Modo$_{\text{Mirativo}}$P
Lastimavelmente, (des)afortunadamente	*Spec*, Modo$_{\text{Avaliativo}}$P
Nitidamente, notoriamente, irrefutavelmente, visivelmente	*Spec*, Modo$_{\text{Evidencial}}$P
Certamente, seguramente	*Spec*, Mod$_{\text{Epistêmica}}$P
Agora	*Spec*, TemporalP
Depois	*Spec*, TemporalP
Quiçá, se pá	*Spec*, Modo$_{\text{Irrealis}}$P
Impreterivelmente, indispensavelmente	*Spec*, Mod$_{\text{Necessidade}}$P
Potencialmente	*Spec*, Mod$_{\text{Possibilidade}}$P
Comumente	*Spec*, Asp$_{\text{Habitual}}$P; *Spec*, VozP
Tardiamente	*Spec*, Asp$_{\text{Tardivo}}$P
Enfim	*Spec*, FrameP; *Spec*, Asp$_{\text{Tardivo}}$P
Propensamente, inclinadamente	*Spec*, Asp$_{\text{Predisposicional}}$P; *Spec*, VozP
Outra vez	*Spec*, Asp$_{\text{Repetitivo(I)}}$P, *Spec*, Asp$_{\text{Repetitivo(II)}}$P
Excepcionalmente	*Spec*, Asp$_{\text{Frequentativo(I)}}$P; *Spec*, Asp$_{\text{Frequentativo(II)}}$P
Relutantemente, intencionalmente	*Spec*, Asp$_{\text{Volitivo}}$P; *Spec*, VozP
Vagarosamente	*Spec*, Asp$_{\text{Acelerativo(I)}}$P; *Spec*, Asp$_{\text{Acelerativo(II)}}$P *Spec*, VozP
Outrora	*Spec*, T$_{\text{Anterior}}$P
Já não	*Spec*, Asp$_{\text{Terminativo}}$P
Até agora	*Spec*, Asp$_{\text{Continuativo}}$P
Constantemente	*Spec*, Asp$_{\text{Contínuo}}$P; *Spec*, VozP
Agorinha	*Spec*, Asp$_{\text{Retrospectivol}}$P; *Spec*, Asp$_{\text{Aproximativo}}$P
Daqui a pouco	*Spec*, Asp$_{\text{Aproximativo}}$P
Longamente	*Spec*, Asp$_{\text{Durativo}}$P
Inerentemente	*Spec*, Asp$_{\text{Genérico/Progressivo}}$P
Por pouco	*Spec*, Asp$_{\text{Prospectivo}}$P
Subitamente, de súbito	*Spec*, Asp$_{\text{Incoativo(I)}}$P
Forçosamente	*Spec*, Mod$_{\text{Obrigação}}$P
Inutilmente, sem sucesso	*Spec*, Asp$_{\text{Frustrativo}}$P
Integralmente	*Spec*, Asp$_{\text{SingCompletivo(I)}}$P; *Spec*, Asp$_{\text{SingCompletivo(II)}}$P
Inteiramente	*Spec*, Asp$_{\text{PluralCompletivo(I)}}$P
Corretamente	*Spec*, Mod$_{\text{Avaliativo}}$P; *Spec*, VozP
Depressa	*Spec*, Asp$_{\text{Acelerativo(II)}}$P
De supetão	*Spec*, Asp$_{\text{Incoativo(II)}}$P
Outra vez	*Spec*, Asp$_{\text{Repetitivo(II)}}$P
Correntemente	*Spec*, Asp$_{\text{Frequentativo(II)}}$P

Fonte: elaboração própria

Em termos derivacionais, convém salientar que se propôs a seguinte conjectura: a) para derivar uma linearização pré-verbal de um AdvP, há checagem de um traço por soldagem simples, em contextos em que este AdvP seja especificador de uma projeção mais alta do que $T_{Anterior}P$, b) para derivar uma linearização pós-verbal de um AdvP, há checagem de um traço por movimento do verbo, c) para derivar uma linearização em margem esquerda de um AdvP, assume-se movimento para a periferia esquerda e d) para derivar uma linearização em margem direita de um AdvP, admite-se a atuação de movimento sintagmático. Nesse contexto, observa-se em PB a atuação dos seguintes parâmetros de movimento, estabelecidos em Cinque (2005): 1) ausência de movimento, 2) movimento simples e 3) movimento com *pied-piping*. Dessa forma, checam-se os traços das projeções da HU em uma língua com movimento do verbo até, no máximo, $T_{Anterior}P$. É possível conjecturar, ainda, que parte dos testes diagnósticos avaliados e propostos para separar AdvPs altos, mediais e baixos seja uma consequência da marcação do parâmetro do movimento do verbo em PB. Avalia-se, então, que as propriedades que individualizam as três zonas do *Middlefield* seja um epifenômeno de tal marcação, no espírito do que se propõe em Haegeman (1991) acerca das propriedades sintáticas de línguas de sujeito nulo.

Nesse sentido, adota-se um entendimento de que advérbios são uma classe derivada e heterogênea (cf. Mateus *et al.*, 2003). No âmbito dessa classe, existem diversas categorias que compartilham propriedades sintáticas e semânticas. À vista disso, aponta-se que anterior à proposição de distintas categorias de advérbios com base no traço previsto em Cinque (1999), é a proposição de advérbios altos, mediais e baixos. De forma ainda mais clara, o que está se propondo é uma classificação tripartida de AdvPs que propicia a existência de diferentes categorias de AdvPs que gramaticalizam certos traços semânticos de tempo, aspecto, modo, modalidade e voz. No âmbito dessa proposição, nota-se uma aproximação com os critérios empregados por Castilho (2022) e Mateus *et al.* (2003) para diferenciar as categorias adverbiais. Há, contudo, um distanciamento de propostas estruturalistas que parecem não sistematizar as categorias que, de fato, são sintatizadas nas línguas naturais.

Ademais, observou-se que AdvPs em geral podem modificar diferentes termos, como verbos, adjetivos, advérbios, nomes, orações, entre outros. Tal conclusão se aproxima ao que se prevê em Propostas de Modificação Expansiva, referentes às possibilidades de modificação de AdvPs, sistematizadas no capítulo 3 desta tese. Dessa forma, para além de encontrarem evidências favoráveis a tais proposições, encontraram-se evidências contrárias a Propostas de Modificação Restritiva.

Embora uma teoria acerca da natureza categorial de um advérbio esteja distante de ser formulada com completa adequação explicativa (cf. Mateus *et al*., 2003), sustenta-se, a partir dos resultados desta tese e dos estudos resenhados, que a classe dos advérbios deve ser definida por critérios sintáticos e semânticos. Dessa forma, sugerem-se algumas conjecturas de análise a serem mais proeminentemente desenvolvidas em pesquisas futuras no campo.

No que concerne ao critério morfológico, argumenta-se que um advérbio é um item que não é dotado de traços *phi*. Consequentemente, um advérbio é um item que não licencia o emprego de desinências de gênero, de número e de pessoa. Um possível contra-argumento a tal análise seria o fato de, especificamente na norma popular brasileira, advérbios intensificadores como "meio" supostamente poderiam ser flexionados, como em "Elas estão meias cansadas" (cf. Oliveira, 2014). Interpreta-se, contudo, que, na verdade, lida-se com um processo de reanálise e de mudança categorial. Neste caso, "meias" é um modificador adjetival, que compartilha traços *phi* com o termo sob seu escopo, no espírito da proposta de Haegeman (1991) para *Small Clauses* e de Alves (2025) para o fenômeno de *Closest Conjunct Agreement* (Concordância com o termo mais próximo).

Além disso, sustenta-se que advérbios são resistentes à marcação de caso. Nesse sentido, seguindo a argumentação de Castilho (2022), não são comutáveis por pronomes. Adotando a tipologia de Cardinaletti e Starke (1999), afirma-se, ainda, que não são comutáveis tanto por pronomes fortes, quanto por pronomes fracos e clíticos. A não comutabilidade de advérbios por pronomes, que conservam, em PB, reminiscências do sistema de caso morfológico latino, é interpretado como uma consequência de os advérbios não serem especificados para traços *phi*.

Advérbios, embora não sejam compatíveis com flexão, parecem ser compatíveis com a derivação, haja vista sua possibilidade de graduação. Ao se compreender que o processo de atribuição de grau é uma consequência de uma operação sintática de modificação, argumenta-se que a compatibilidade de advérbios com grau pode ser capturada pela postulação de um sintagma de grau (DegP) na projeção estendida de AdvPs. Entende-se que este DegP alocaria sintagmas modificadores de um AdvP, que poderiam ser adjungidos ao AdvP em análise. Sendo assim, em "muito provavelmente", tem-se: [DegP [muito] [(provavelmente) $Mod_{Epistêmico}P$]].

Nesse sentido, conforme argumentado no capítulo 3 desta tese, propõe-se que intensificadores sejam concebidos como morfemas de grau, haja vista sua natureza nuclear e sua propriedade de graduação em escalas. Entretanto, é necessário justificar, de forma bem parcimoniosa, a razão de se considerarem itens como "muito", "pouco", "bastante" como termos nucleares e não como especificadores, haja vista que tal proposição implica o entendimento de que esses termos não seriam AdvPs no sentido estrito – que figuram em

posição de especificador. Ao se aplicarem os testes de Cardinaletti e Starke (1999) – que são tomados como diagnóstico para diferenciar núcleos de especificadores – aos termos sob análise, observa-se que intensificadores **não**: 1) figuram em posições de tópico, seja em contexto de "modificação" do predicado ("*Muito/ *pouco/ *bastante, eu comi [ ]"), seja em contexto de modificação direta ("*Muito/ *pouco/ *bastante, eu comi [ ] bolo"), 2) podem ser clivados, seja modificando o predicado ("Foi *muito/ *pouco/ *bastante que eu comi [ ]"), seja modificando um constituinte sem o carregar ("Foi *muito/ *pouco/ *bastante que eu comi [ ] bolo"), 3) podem ser retomados por pro-formas ("*Muito$_{(i)}$ eu comi isso$_{(i)}$), 4) podem ocupar posição pré-verbal (*"Eu muito comi") e 5) podem ser coordenados ("*Eu comi muito e bastante"/ "*Eu comi muito e bastante bolo"). Poder-se-ia argumentar que boa parte dos resultados dos referidos testes seria esperado pelo fato de AdvPs resistirem à marcação de caso (retomada por pronomes ou pro-formas) e formarem um constituinte com o termo modificado (testes de tópico e de clivagem). Entretanto, este não parece ser puramente o caso, haja vista que os outros testes diagnósticos (teste da posição pré-verbal e teste da coordenação) são categóricos em relação ao comportamento desses itens. Além disso, ao se adotar o diagnóstico mais conhecido, desde o Estruturalismo (vide *seção 3.1.3*), para diferenciar formas livres de formas dependentes – o teste de comunicação suficiente –, parece ser questionável o estatuto de "muito", "pouco" e "bastante" como formas realmente livres. Ao se efetuarem perguntas como "O que você comeu?" e "Como você comeu o bolo?", parece ser questionável, em algumas gramáticas, a aceitabilidade de uma resposta como "muito", "bastante" e "pouco". Frente a essas observações, entende-se que intensificadores poderiam ser concebidos como termos nucleares de um DegP, a ser inserido na projeção estendida (Grimshaw, 2000) de um vP, de um NP, de um DP, de um AP e de um AdvP. Curiosamente, essa proposta analítica possui uma relação direta com a de gramáticos como Sacconi (1994).

No que concerne à natureza da classe dos advérbios, no espírito da proposta de Mateus *et al*. (2003), defende-se que esta é derivada das preposições e dos adjetivos. São apresentados alguns argumentos para adotar tal proposta: 1) muitos advérbios podem ser realizados ainda na forma de PPs no PB ("em breve" vs. "brevemente"), 2) da mesma forma que preposições, advérbios são resistentes à flexão ("*infelizmentes"), 3) há uma simetria entre advérbios "fortes" e "fracos" (cf. Costa, 2004) com preposições "fortes" e "fracas" (cf. Rocha Lima, 2021) (AdvPs altos vs. AdvPs baixos) e 4) da mesma forma que preposições, advérbios podem selecionar complementos ("Posteriormente <u>ao encontro</u>").

Finalmente, quanto ao critério sintático, assume-se que AdvPs sejam modificadores de nomes, adjetivos, verbos, orações, advérbios e outras classes gramaticais que admitem

modificação. Além disso, sugere-se a adoção dos critérios diagnósticos empregados para apartar AdvPs altos, mediais e baixos como critérios diagnósticos para definir a classe dos AdvPs. Além disso, a partir de uma nova versão do Princípio da Modificação apresentado, parece ser possível capturar o comportamento dos advérbios. Sugere-se, dessa forma, a seguinte redação para o Princípio da Modificação: "**um modificador adverbial deve estar dentro da projeção máxima da categoria que se modifica, figurando, necessariamente, em posição de especificador da projeção máxima que modifica**". Acredita-se que, por meio dessa formulação, seja possível capturar a realidade interlinguística de AdvPs enquanto especificadores de projeções funcionais (cf. Yoshio Endo, 2004).

Por meio desta tese, buscou-se contribuir para a Sintaxe Adverbial das línguas naturais, para os estudos descritivos da língua portuguesa e para os estudos de evolução do pensamento linguístico, mesmo que de forma singela. Salienta-se a necessidade de novas pesquisas para testarem as propostas apresentadas nesta tese em diferentes variedades do PB, bem como em línguas aparentadas ao PB. No mais, espera-se ter contribuído para a definição da classe dos advérbios, que, de fato, "mentem gramaticalmente" (Celso Novaes, 2024).

REFERÊNCIAS

ADGER, D., TSOULAS, G. Circumstantial adverbs and aspect. **The Syntax of Adverbials. John Benjamins**, 2004.ALVES, M. G. Realizações morfológicas e adverbiais da imperfectividade no inglês. Revista Linguística Rio, v 6 n 1. 2020.

ALEXIADOU, A. *The syntax of adverbs*. Tese de Doutorado. Universität Potsdam, 1994.

ALVES, Manuel dos Santos. *Prontuário da Língua Portuguesa: caminho fácil para a solução de problemas difíceis*. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, 1984

ALVES, M. G. Aquisição de interrogativas Wh in situ em português brasileiro: uma perspectiva cartográfica. **Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem**, v. 7, n. 1, p. 75-86, 2022.

ALVES, M. G. The mental representation of imperfectivity in English: a cartographic analysis. Rio de Janeiro, 2022. 134f. Master Thesis (Master in Linguistics) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022

ALVES, M. G.; MARTINS, A. L. Remarks on Progressivity and Imperfectivity. **Cadernos do IL**, n. 65, p. 273-295, 2022.

ALVES, M. G.; MARTINS, A. L. Uma análise cartográfica de advérbios imperfectivos empilhados em inglês. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 40, p. 202440161566, 2024.

ALVES, M.G.; NESPOLI, J. B.; MARTINS, A.L. Propriedades da ordenação de sintagmas adverbiais imperfectivos empilhados no inglês britânico. Revista do GEL. 2023.

ALVES, M. G.. NP closest conjunct agreement in Portuguese:a cartographic approach. CADERNO DE SQUIBS: TEMAS EM ESTUDOS FORMAIS DA LINGUAGEM, v. 10, p. 37, 2025.

AUSTIN, J. R.; ENGELBERG, S.; RAUH, G. Current issues in the syntax and semantics of adverbials. **Adverbials. The Interplay between Meaning, Context, and Syntactic Structure. Benjamnis**, 2004.

AZEREDO, J. C. de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BARBIERS, S. *The Syntax of Interpretation*. The Hague: Holland Academic Graphics, 1995.

BARBOSA, J. S. *Gramática filosófica da língua portuguesa*. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1822.

BARROS, J. Grammatica da língua portuguesa com os mandamentos da santa madre igreja. Lisboa: Luiz Rodriguez, c. 1540.

BECHARA, E.. **Moderna Gramática Portuguesa-39o edição**. Nova Fronteira, 2019.

BELLETTI, A. Aspects of the low IP area. In CINQUE, G. The structure of CP and IP. The cartography of syntactic structures, v. 2, p. 16-51, 2004.

BELLERT, I. On Semantic and Distributional Properties of Sentential Adverbs. Linguistic Inquiry 8(2). 337–351. 1977.

BERGAMINI-PEREZ, J. F. **Uma proposta de análise sintático-semântica dos adjuntos temporais de medida**. 2023. Tese de Doutorado. [sn].

BERLINCK, R. A.; DUARTE, M. E. L.; OLIVEIRA, M. Predicação. **Gramática do português culto falado no Brasil: a construção da sentença**, 2015.

BIANCHI, V. Focus fronting and the syntax-semantics interface. Beyond functional sequence, p. 60-72, 2015. 129.

BLOOMFIELD, L. Speech-Communities **The Routledge Language and Cultural Theory Reader**, p. 261, 1933

BRASIL. Anteprojeto de Simplificação e Unificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira. Rio de Janeiro: CADES, 1957.

BRASIL. Nomenclatura Gramatical Brasileira. Rio de Janeiro: CADES, 1958.

CÂMARA JR, M.. *Estrutura da Língua Portuguesa.* Petrópolis: Vozes. 1970

CANÇADO, M.; AMARAL, L. Introdução à Semântica Lexical: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados. Editora Vozes Limitada, 2016.

CARDINALETTI, A.;ROBERTS, I. Clause Structure and X-Second. To appear: Levels of Representation. 1991.

CARDINALETTI, A.; STARKE, M. The typology of structural deficiency: a case study of the three classes of pronouns. In: RIEMSDIJK, H. van (ed.). *Clitics in the Languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999. p. 145-233.

CASTELEIRO, J. M. Análise gramatical dos advérbios de frase [Grammatical analysis of sentence adverbs]. Coimbra: Biblos. 99–109. 1982.

CASTILHO, A. T. de. Nova gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2010 (2022).

CASTRO, A.; COSTA, J. Clitic placement and adverb placement. In: *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 2002. p. 159-172.

CHAVES DE MELO, G. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1978.

CHOMSKY, N. Syntactic Structures (Januar Linguarum, Series Minor 4). The Hague: Mouton. 1957.

CHOMSKY, N. Aspects of the Theory of Syntax. Cambridge, MA: MIT Press. 1965.

CHOMSKY, N. Questions of form and interpretation. **Scope of American linguistics**, p. 159-196, 1975.

CHOMSKY, N. On wh-movement. 1977, v. 65, 1977.

CHOMSKY, N. On binding. Linguistic inquiry, v. 11, n. 1, p. 1-46, 1980.1981

CHOMSKY, N. Barriers. MIT Press (MA), 1986.

CHOMSKY, N. Linguistics and Descartes. In: Historical foundations of cognitive science. Springer, Dordrecht, 1991. p. 71-79.

CHOMSKY, N. The Minimalist Program. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N. O programa Minimalista. Tradução de Eduardo Paiva Raposo. Lisboa: Caminho, 1999.

CHOMSKY, N. Derivation by Phase. In Ken Hale: A Life in Language, ed. by Michael Kenstowicz, 1–52, MIT Press, Cambridge, MA. 2001.

CHOMSKY, N.; GALLEGO, Á. J.; OTT, D. Generative grammar and the faculty of language: Insights, questions, and challenges. Catalan Journal of Linguistics, p. 229-261, 2019. 130

CINQUE, G. Ergative adjectives and the lexicalist hypothesis. Natural Language & Linguistic Theory, v. 8, n. 1, p. 1-39, 1990.

CINQUE, G. Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective. 1. ed. New York: Oxford University Press, 1999. 288 p.

CINQUE, G. Restructuring and functional structure. **Structures and beyond: The cartography of syntactic structures**, v. 3, p. 132-191, 2004.

CINQUE, G. Deriving Greenberg's Universal 20 and its exceptions. Linguistic inquiry, v. 36, n. 3, p. 315-332, 2005.

CINQUE, G. Restructuring and Functional Heads: The Cartography of Syntactic Structures. V. 4. New York: Oxford University Press, 2006. 232 p.

CINQUE, G. **The syntax of adjectives: A comparative study**. MIT Press, 2010.

CINQUE, G. Typological studies: Word order and relative clauses. Routledge, 2014.

CINQUE, G., RIZZI. L. The cartography of syntactic structures, ed. by V. Moscati, CISCL Working Papers on Language and Cognition 2. 43–59. 2008

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. LEXIKON Editora Digital ltda, 2016.

CINQUE, G. **On linearization: Toward a restrictive theory**. MIT Press, 2023.

DIESSEL, H. *The Grammar Network: How Linguistic Structure is Shaped by Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

ENDO, Y. *Locality and Information Structure: A Cartographic Approach to Japanese*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Genebra, Genebra, 2004.

ERNST, T. On the scope principle. Linguistic Inquiry, v. 22, n. 4, p. 750-756, 1991.

ERNST, T. On the role of semantics in a theory of adverb syntax. Lingua, Elsevier B.V; vol.117, no6, p.1008-1033, 2002

FREGE, G. Funktion und Begriff. Jena: Hermann Pohle, 1891

FREGE, G. Über Sinn und Bedeutung. Zeitschrift für Philosophie und philosophische Kritik, v. 100, p. 25-50, 1892

FORERO PATAQUIVA, F. P. Valência verbal e tempo verbal no espanhol colombiano: uma análise cartográfica da subida do verbo. Caderno De Squibs: Temas Em Estudos Formais Da Linguagem, 5(2), 28-38. 2019.

GIORGI, A.; PIANESI, F. Verb movement in Italian and syncretic categories. Probus, v. 8, n. 2, p. 137-160,1996.

HAEGEMAN, L. *Introduction to Government and Binding Theory*. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1994.

HOCKETT, C. F. *A Course in Modern Linguistics*. New York: Macmillan, 1958.

HUANG, C. T. J. Move wh in a language without wh-movement. The linguistic review, v. 1, n. 4, p. 369-416, 1982.

JACKENDOFF, R. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, MA: MIT Press, 1972.

JESPERSEN, O. The philosophy of grammar, Londres, G. Allen & Unwin. 1924.

JESPERSEN, O. *Essentials of English Grammar*. London: Allen & Unwin, 1933.

KATALIN, K. Remarks on semelfactive verbs in English and Hungarian. Argumentum, v. 7, p. 121-128, 2011.

KAYNE, R. S. Connectedness and Binary Branching. Dordrecht: Foris. 1984

KAYNE, R.S. The Antisymmetry of Syntax. Cambridge, MA: MIT, 1994.

KAYNE, R.S. Overt vs. covert movements. Syntax 1, no. 2 1998:128-191.

KAYNE, R.S. Movement and Silence. Oxford University Press; 2005a.

KENNEDY, C.; McNALLY, L. Scale structure and the semantic typology of gradable predicates. *Language*, v. 81, n. 2, p. 345-381, 2005.

KRATZER, A. Severing the external argument from its verb. In: Phrase structure and the lexicon. Springer, Dordrecht, 1996. p. 109-137.

LARSON, R. On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, v. 19, n. 3, p. 335-391, 1988.

LAKA,, M. I. **Negation in syntax--on the nature of functional categories and projections**. 1990. Tese de Doutorado. Massachusetts Institute of Technology.

LAENZLINGER, C. Adverb Syntax and Phrase Structure. In Anna-Maria Di Sciullo (ed.), Configurations: Essays on structure and interpretation, 99–127. Sommerville: Cascadilla Press. 1999.

LAENZLINGER, C.. A cartographic approach to the Romance mittelfeld. **Rivista di Grammatica Generativa, vol. 30 (2005), p. 17-69**, 2005.

LANGACKER, R. W. An Introduction to Cognitive Grammar. **Elsevier,** 2013.

LEDGEWAY, A.; LOMBARDI, A. Verb movement, adverbs and clitic positions in Romance. In: Romance Languages and Linguistic Theory 2005, Amsterdam: John Benjamins, 2005.

MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

MARTINS, A.; ALVES, M. G. Traço de pontualidade em verbos com morfologia progressiva no Inglês:(in) compatibilidades. Fórum Linguístico, v. 18, n. 3, p. 6622-6644, 2021. 10.5007/1984-8412.2021.e75669.

MENDES DE ALMEIDA, N. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Dom Bosco, 2024.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. **Novo manual de sintaxe**. Contexto, 2013.

MULLER DE OLIVEIRA, G. Os advérbios sentenciais e os testes sintáticos [Sentence Adverbs and the Syntactic Tests]. Letras (Santa Maria) 5. 101–120. 1993

MURRAY, L. *English Grammar*. London: Longman, 1860.

NEVES, M. H. Gramática na escola. São Paulo: Contexto, 2010 [1990].

OLIVEIRA, F. Gramática da linguagem portuguesa (1536).

PARSONS, T. Events in the semantics of English: A study in subatomic semantics. **MIT Press**. 1990.

POLLOCK, J. Y. Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. Linguistic inquiry, v. 20, n. 3, p. 365-424, 1989.

POPPER, K. R. A lógica da pesquisa científica. Editora Cultrix, 2004.

PORTUGAL. Nomenclatura = «Portaria n.º 22 664, de 28 de Abril», em: Diário do Governo, I Série, n.º 101, págs. 821-827. 1967.

RADFORD, A. *Minimalist Syntax: Exploring the Structure of English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

REICHENBACH, H. *Elements of Symbolic Logic*. New York: Macmillan, 1947.

RIZZI, L. Violations of the Wh island constraint in Italian and the subjacency condition. An Annotated Syntax Reader, p. 121, 1978.

RIZZI, L. Relativized minimality. The MIT Press, 1990.

RIZZI, L. Residual verb second and the Wh-Criterion. In Belletti, A. and Rizzi, L. (eds.). Parameters and functional heads, 2, 63-90. New York, Oxford University Press. 1996.

RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: Elements of grammar. Springer, Dordrecht, 1997. p. 281-337.

RIZZI, L. On the position "Int (errogative)" in the left periphery of the clause. Current studies in Italian syntax: Essays offered to Lorenzo Renzi, v. 59, p. 287-296, 2001.

RIZZI, L. Locality and left periphery. Structures and beyond: The cartography of syntactic structures, v. 3, p. 223-251, 2004.

RIZZI, L. On some properties of criterial freezing. Studies in linguistics, v. 1, p. 145-158, 2006.

RIZZI, L.; BOCCI, G. Left periphery of the clause: Primarily illustrated for Italian. The Wiley Blackwell Companion to Syntax, Second Edition, p. 1-30, 2017.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. J. Olympio, 2021.

ROCHA, M. A. F.; LOPES. R. E. V. Adjunção. In: KATO, M. A.; DO NASCIMENTO, M.; DE CASTILHO, A T. (Ed.). **Gramática do português culto falado no Brasil: a construção da sentença**. Editora Contexto, 2015.

ROSS, J. R. Constraints on variables in syntax. **Indiana University Linguistics Club**, 1967.

SACCONI, L. A. *Nossa gramática*. São Paulo: Atual, 1994

SANTOS, P. R. P. Os sintagmas adverbiais predicativos de constituintes no português brasileiro: uma perspectiva cartográfica do IP. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras/ UFBA. 2011.

SANT'ANA, Ma. S. Sintagmas adverbiais como especificadores de projeções funcionais. LinguíStica, 3(2), 189-202. 2007.

SANT'ANA, M. S. Sintaxe e Processamento de Advérbios no português brasileiro. Rio de Janeiro, Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) PhD Dissertation. 2010.

SECHEHAYE, A. *Essai sur la structure logique de la phrase*. Paris: Champion, 1926

SELL, F. S. . A aquisição das interrogativas WH “in situ” em PB. **Working papers em Linguística**, v. 6, n. 1, p. 55-76, 2002.

SI, Fuzhen; 司富珍. Two types of Chinese possessive structures. **Studies on syntactic cartography**, p. 197-217, 2017.

SCHWEIKERT, W. The order of prepositional phrases. **Univ. Venice Work. Pap. Linguist**, v. 14, p. 195-216, 2004.

SCHWEIKERT, W. The Order of Prepositional Phrases in the Structure of the Clause. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

SPORTICHE, D. **Partitions and atoms of clause structure**. Taylor & Francis, 1998.

TESCARI NETO, A. On verb movement in Brazilian Portuguese: A cartographic study. PhD Thesis,Universitá Ca’Foscari, Venice. 2013.

TESCARI NETO, A.. Falhas de transitividade são falhas de análise. **Revista linguística**, 2019.

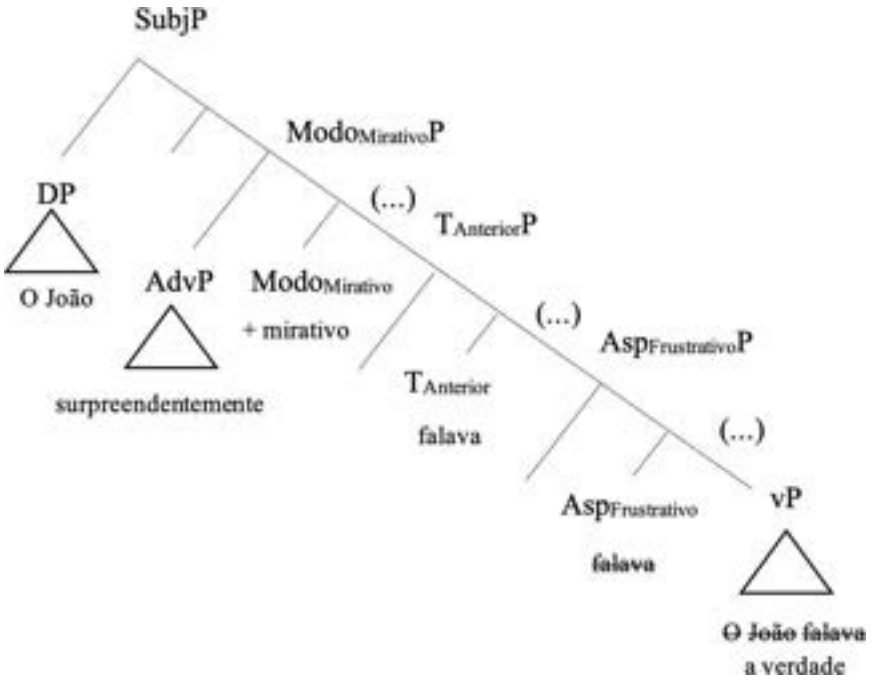
TESCARI NETO, A.;SOUZA DE PAULA, W. M. O lugar das normas gramaticais e das práticas de análise gramatical no ensino básico e na formação dos professores de língua portuguesa no Brasil. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**, n. 40, p. 93-117, 2021.

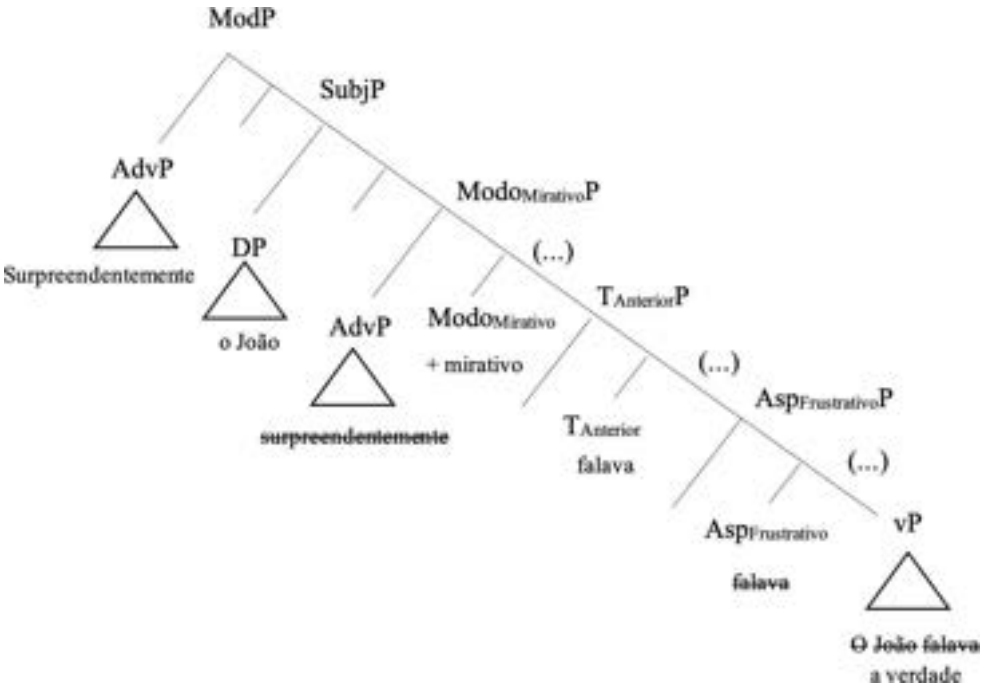
TESCARI NETO, A.. On the raising of the finite main verb in Angolan Portuguese and in Mozambican Portuguese: Cartographic hierarchies, microvariation and the use of adverbs as diagnostics for movement. **Probus**, v. 34, n. 1, p. 171-234, 2022.

TESCARI NETO, A. ‘Sentence adverbs’ don’t exist!. **Adverbs and Adverbials: Categorial Issues**, v. 371, p. 139, 2022.

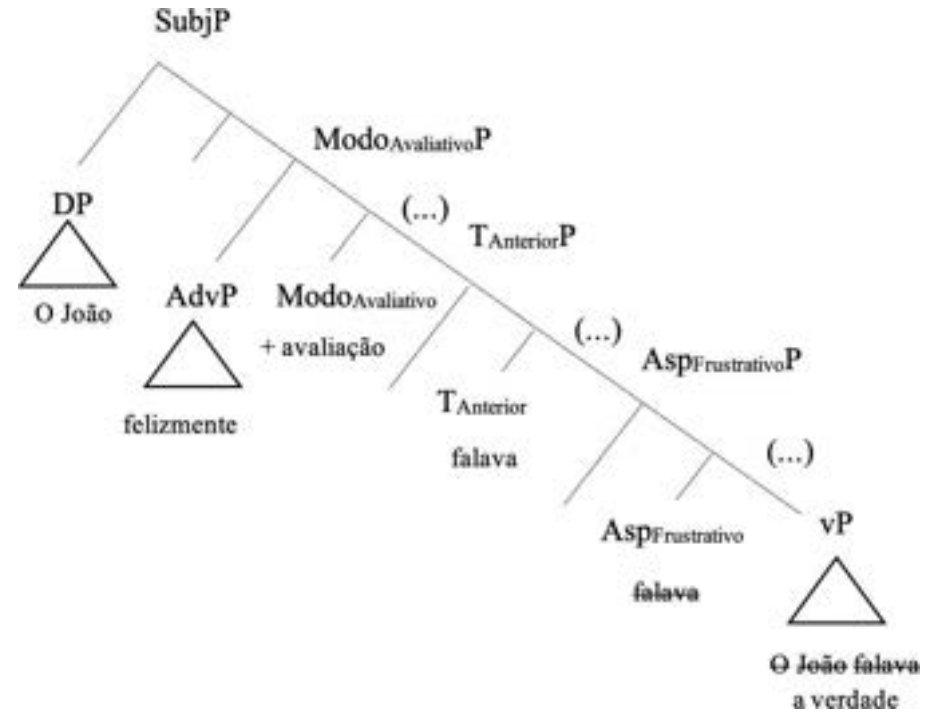
APÊNDICE A - DERIVAÇÃO DAS LEITURAS DE ADVÉRBIOS ALTOS EM PB

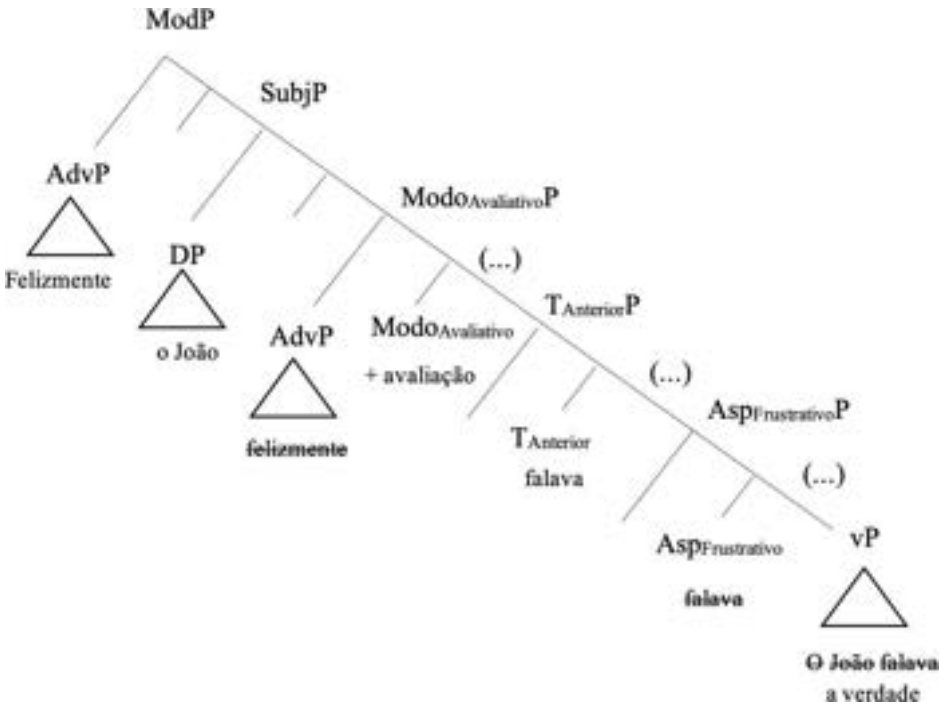
Para a leitura mirativa, possível na posição pré-verbal e de margem esquerda, deriva-se da mesma forma. Dessa forma, têm-se as seguintes derivações:



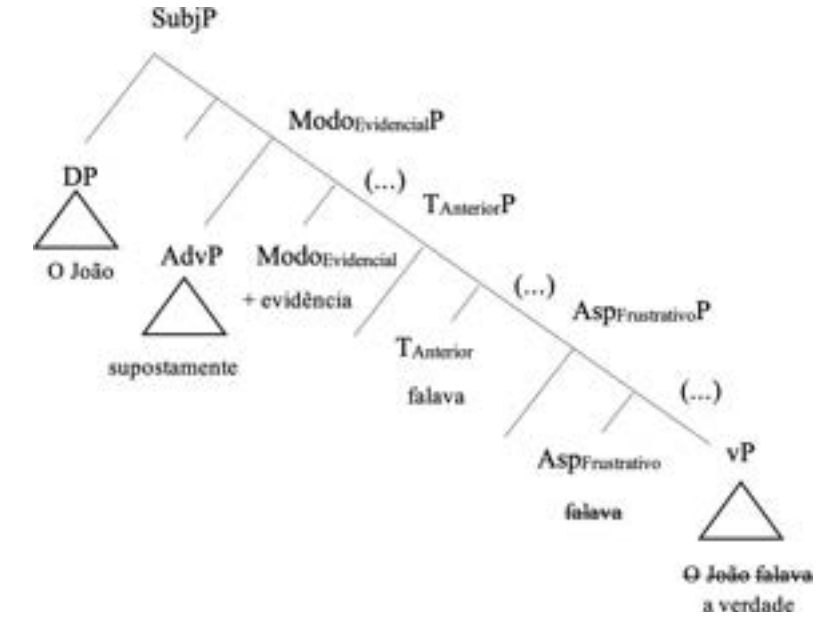


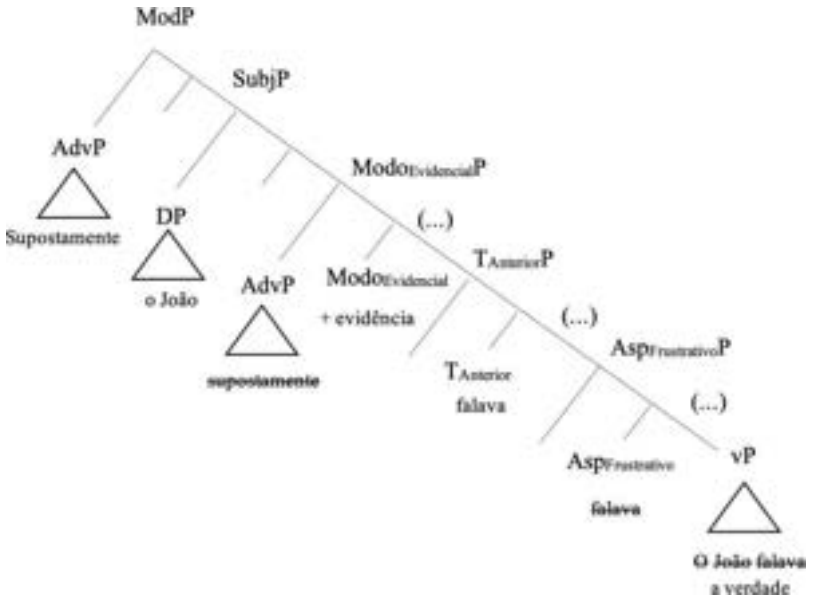
Para a leitura avaliativa, observada em posição pré-verbal e de margem esquerda, apresenta-se a derivação no âmbito da mesma proposta: soldagem simples para a posição pré-verbal e movimento para a periferia esquerda na margem direita. Assim, têm-se:



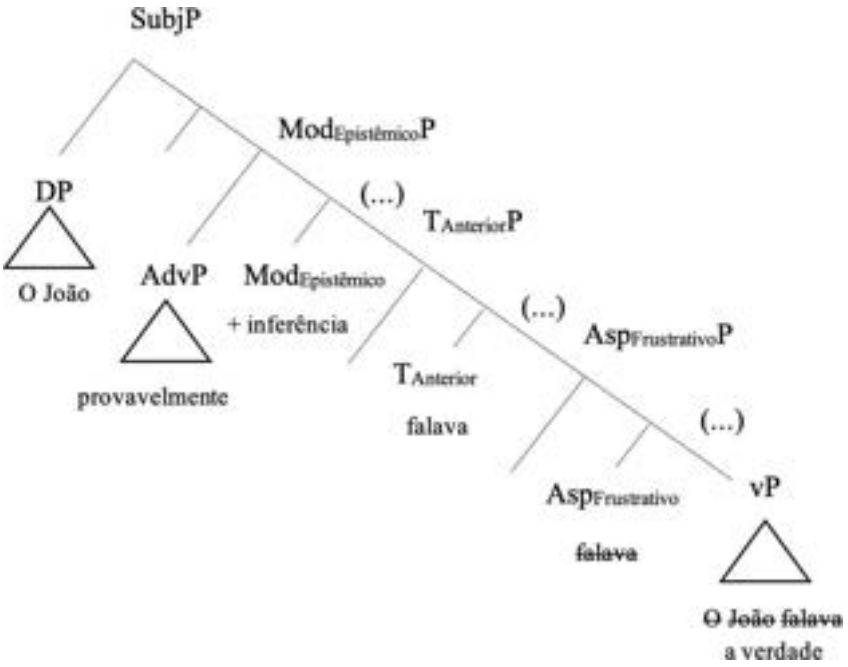


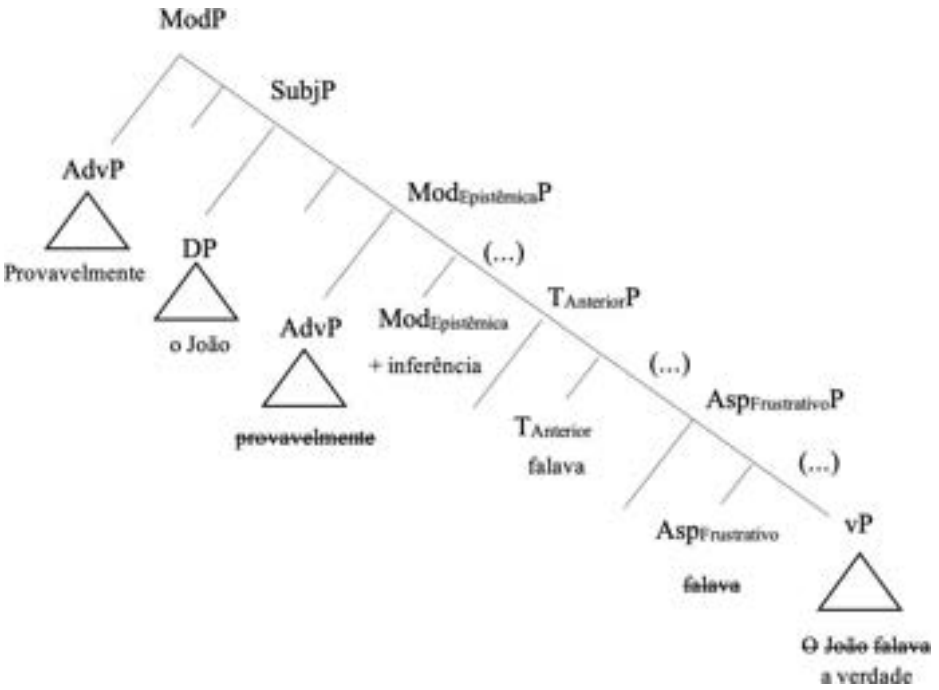
Em relação à leitura de evidencial, possível em posição pré-verbal e de margem esquerda, têm-se as seguintes propostas derivacionais:



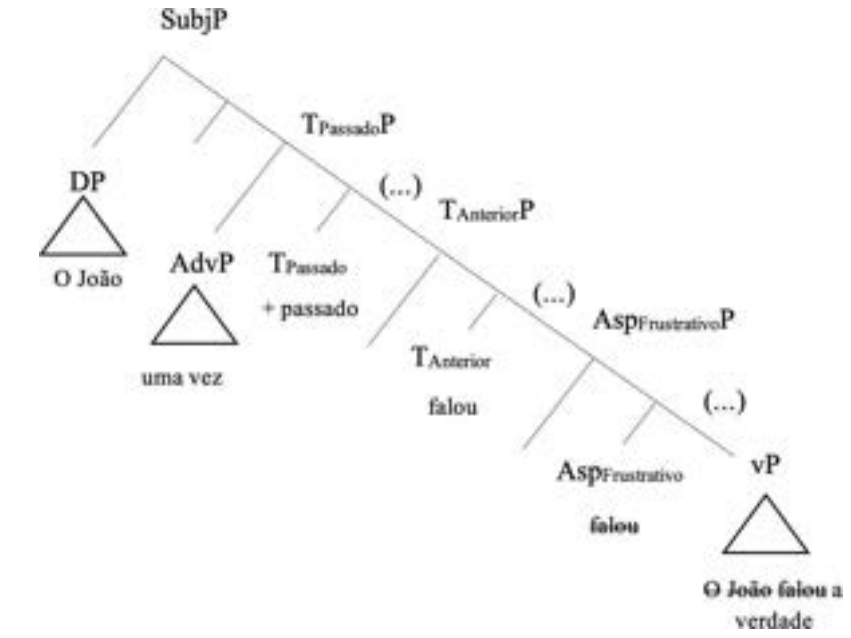


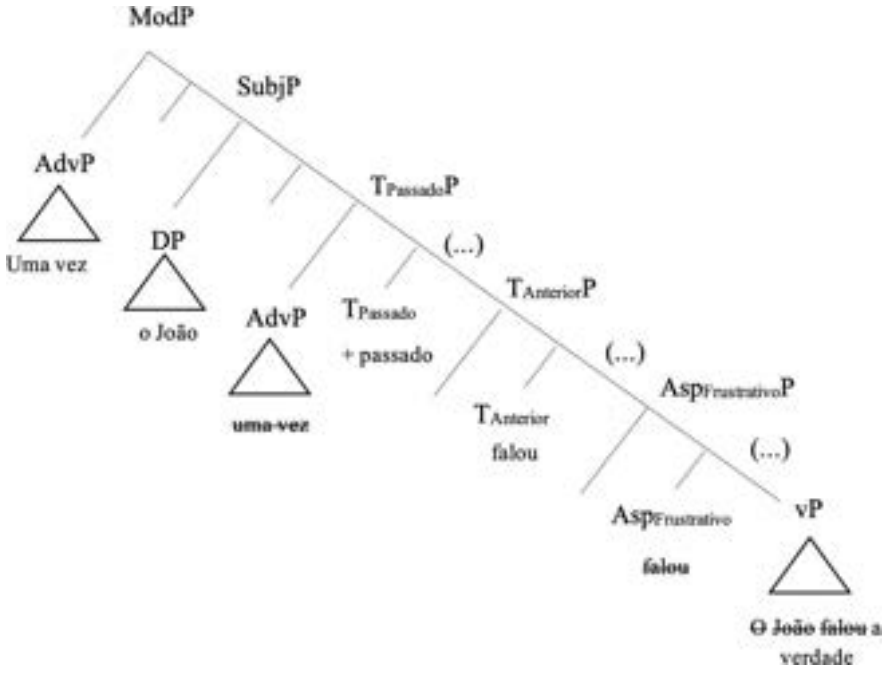
Sobre a leitura epistêmica de “provavelmente”, possível em posição pré-verbal e de margem esquerda, propõe-se:



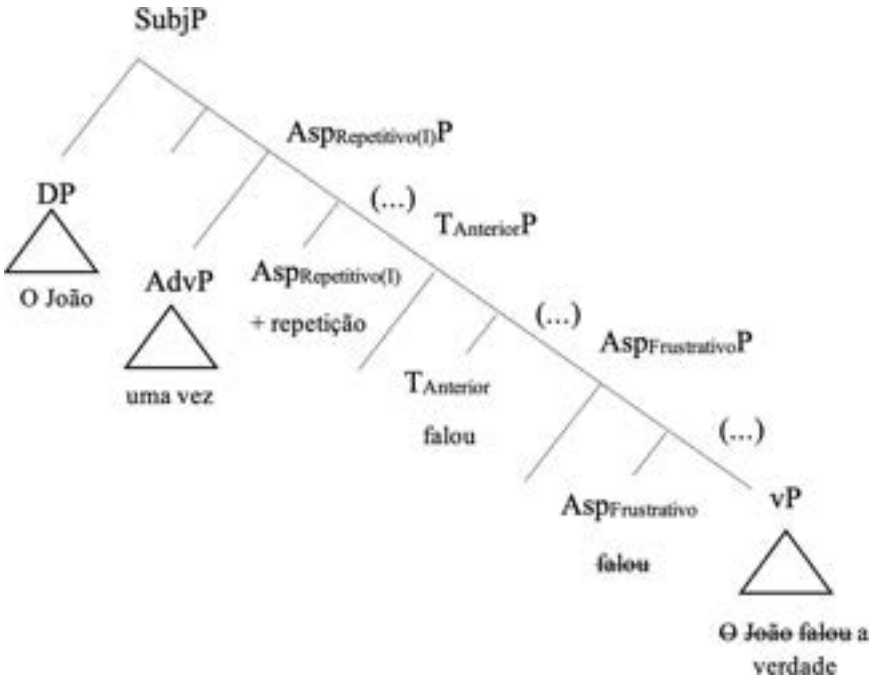


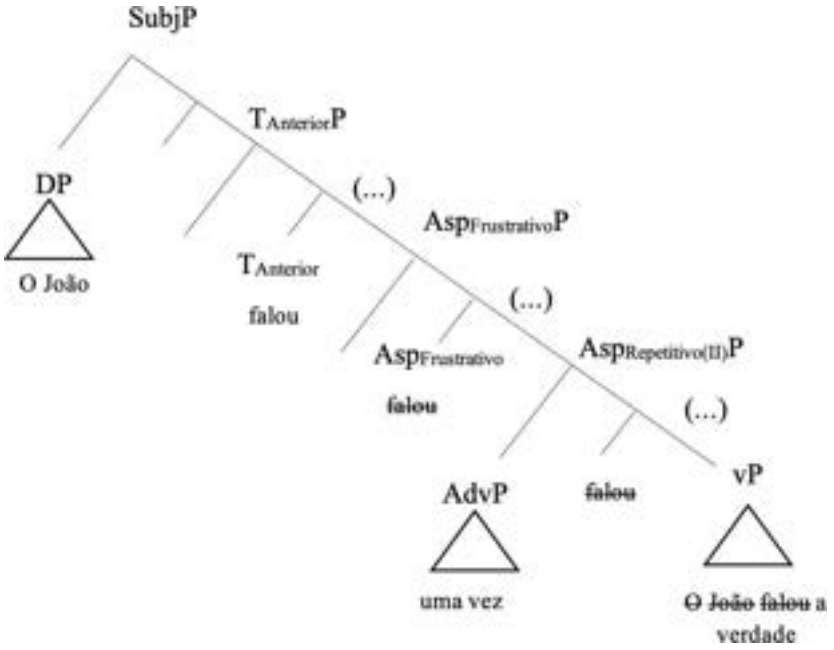
Em relação à leitura de passado de “uma vez”, possível em posição pré-verbal e de margem esquerda, propõem-se as seguintes propostas derivacionais:

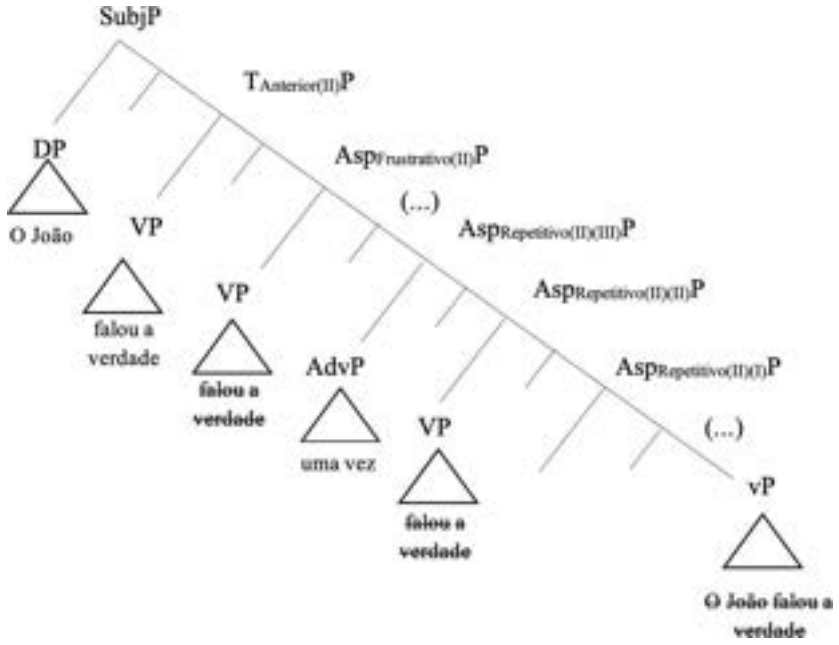




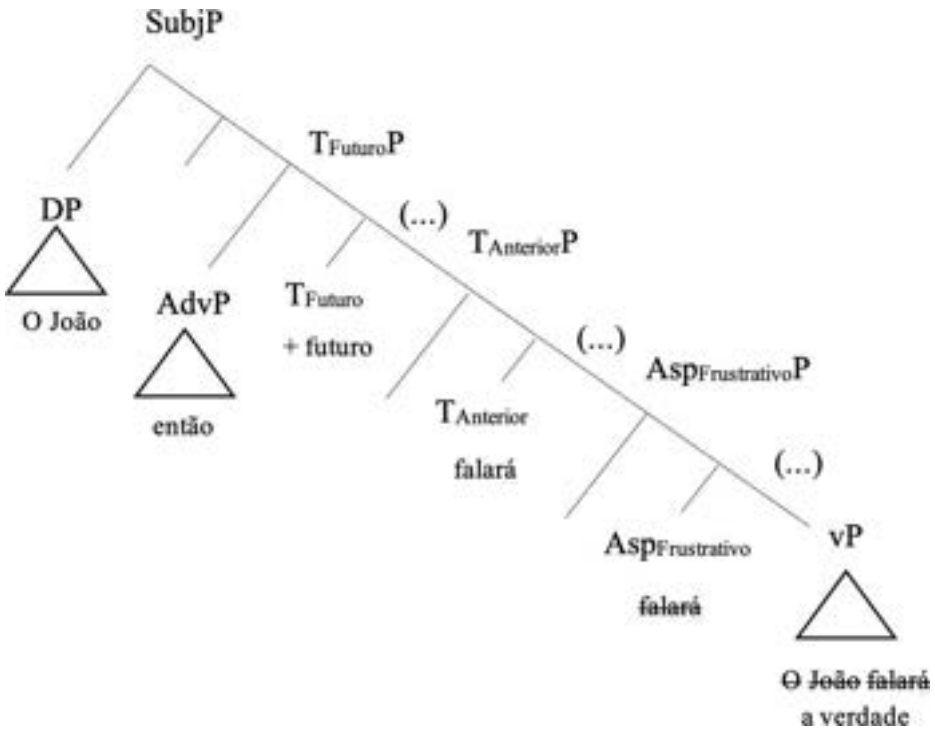
Em relação à leitura de repetição de “uma vez”, possível em posição pré-verbal, pós-verbal e de margem direita, propõem-se as seguintes propostas derivacionais:

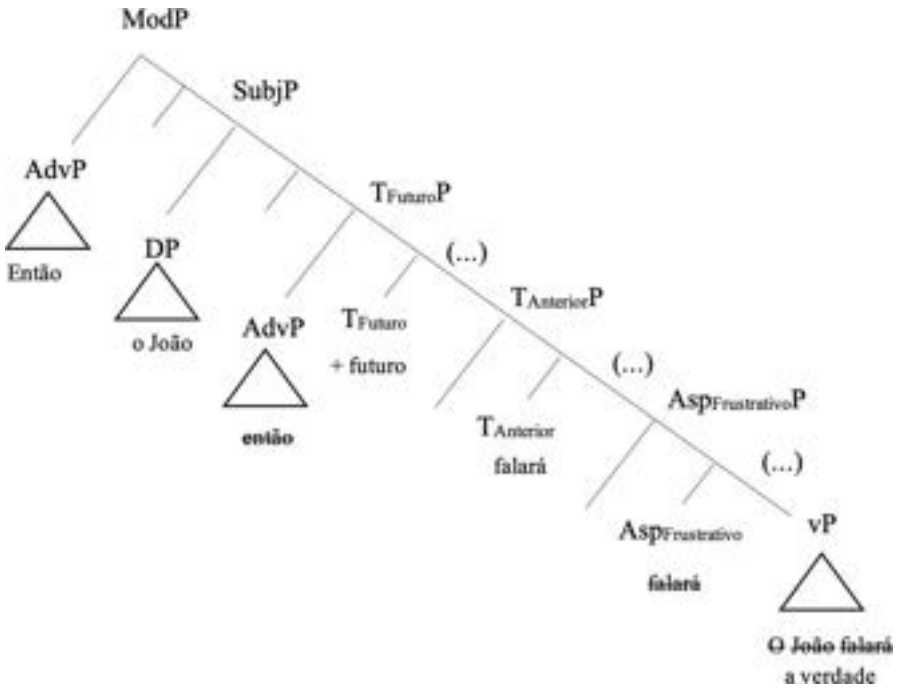

SubjP
DP
O João
AspRepetitivo(I)P
AdvP
uma vez
(…)
TAnteriorP
AspRepetitivo(I)
+ repetição
TAnterior
falou
(…)
AspFrustrativoP
AspFrustrativo
falou
(…)
vP
O João falou a verdade


SubjP
DP
O João
TAnteriorP
TAnterior
falou
(…)
AspFrustrativoP
AspFrustrativo
falou
(…)
AspRepetitivo(II)P
AdvP
uma vez
falou
(…)
vP
O João falou a verdade

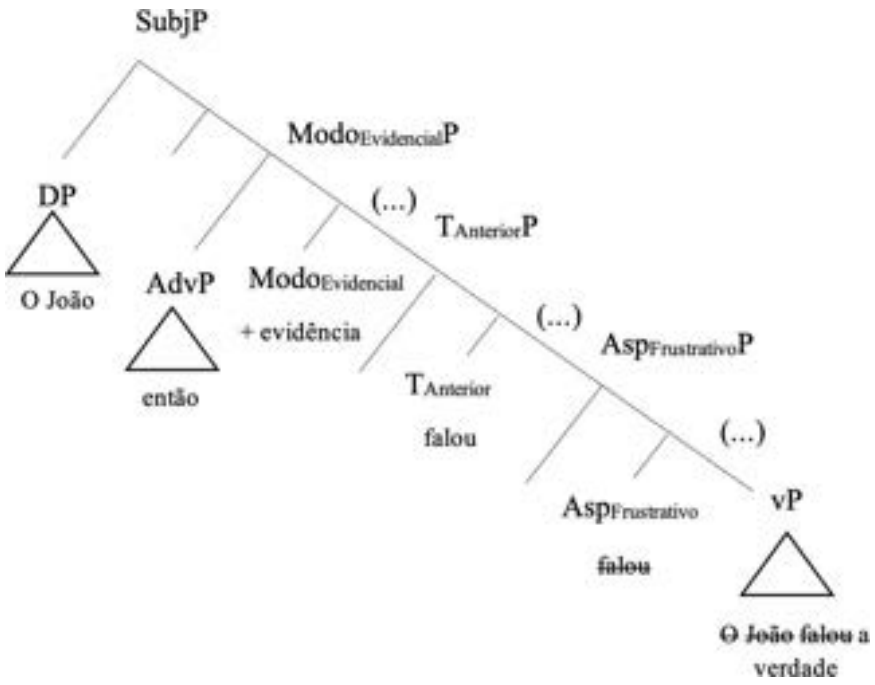


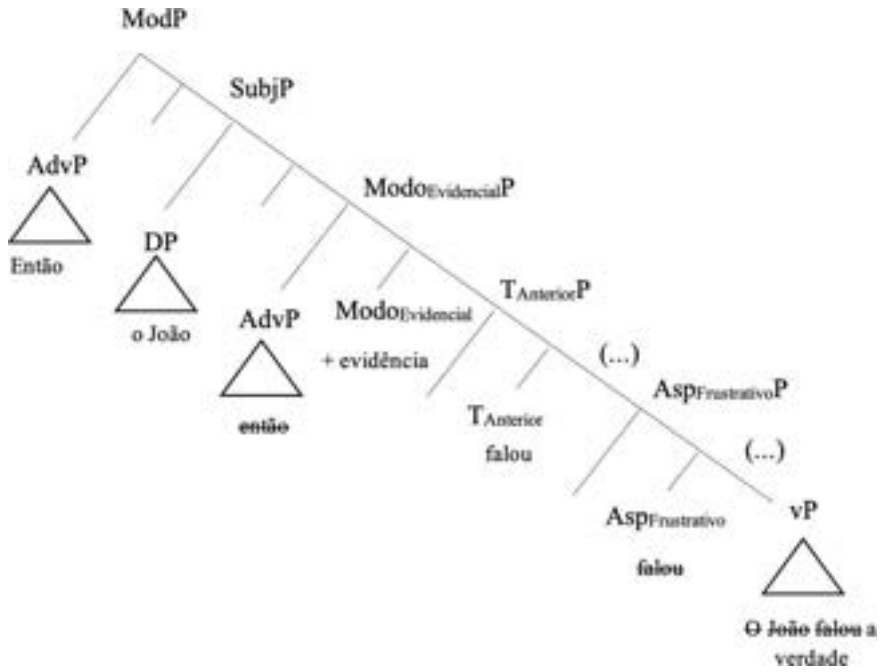
Concernente à leitura de futuro de “então”, possível na posição pré-verbal e de margem esquerda, têm-se as seguintes propostas derivacionais:



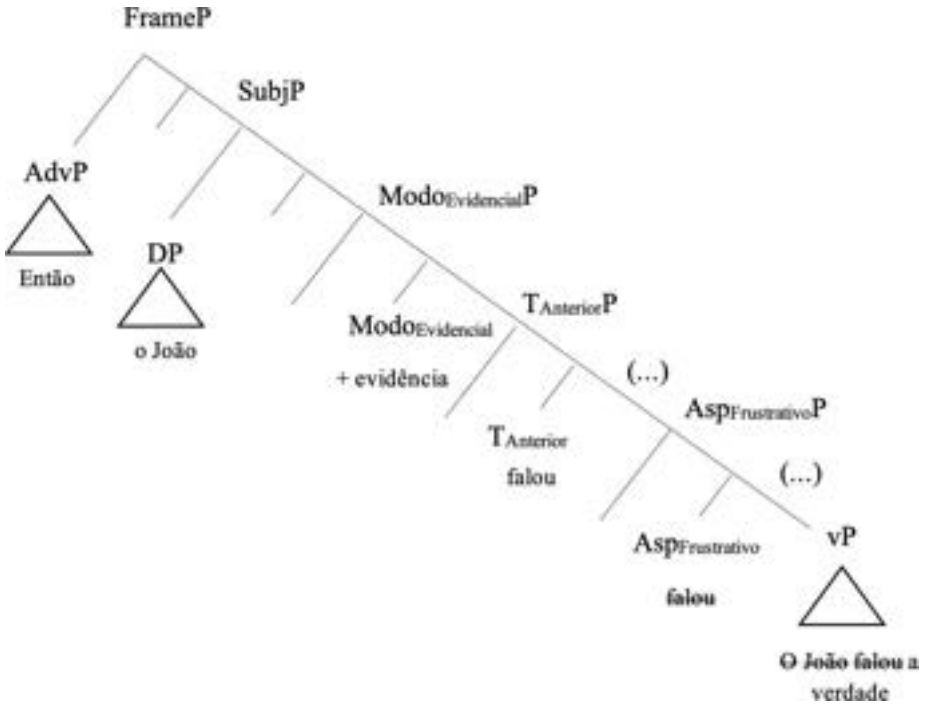


Referente à leitura de evidencialidade de “então”, possível na posição pré-verbal e de margem esquerda, têm-se as seguintes propostas derivacionais:

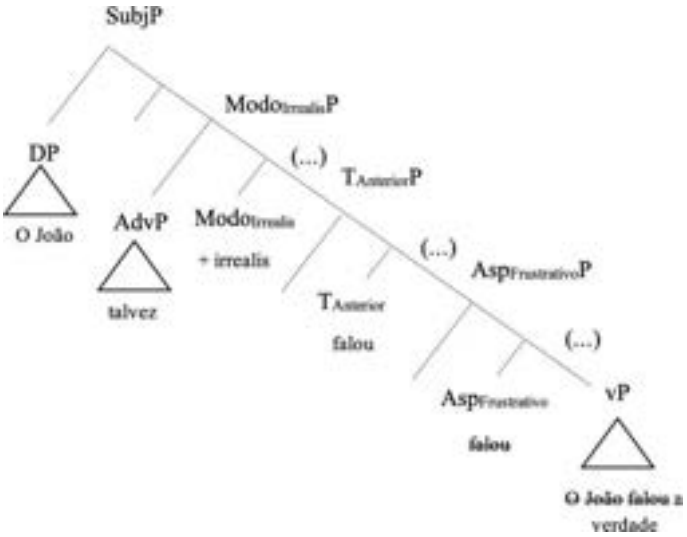


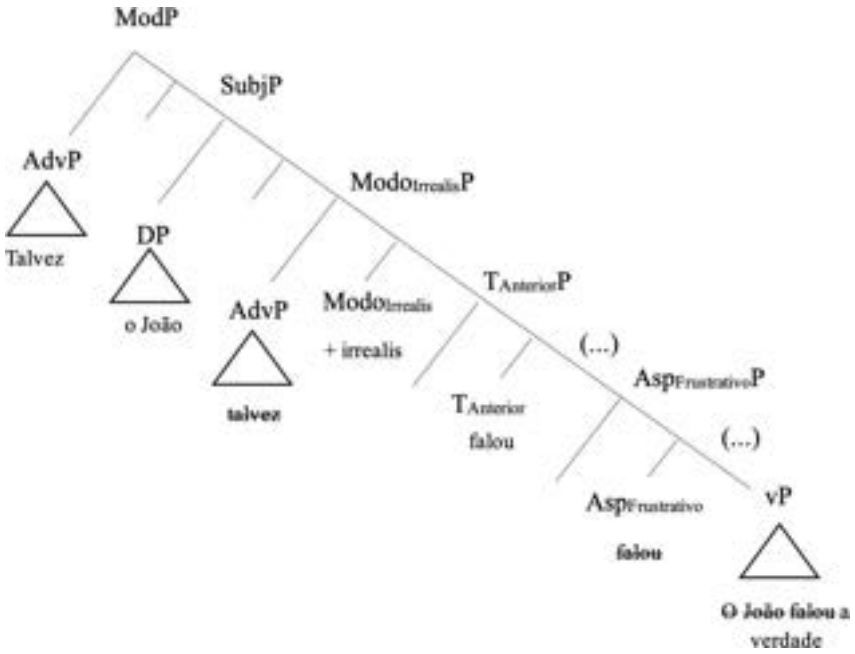


No que diz respeito à leitura de enquadramento discursivo de "então", possível na posição de margem esquerda, tem-se a seguinte proposta derivacional:

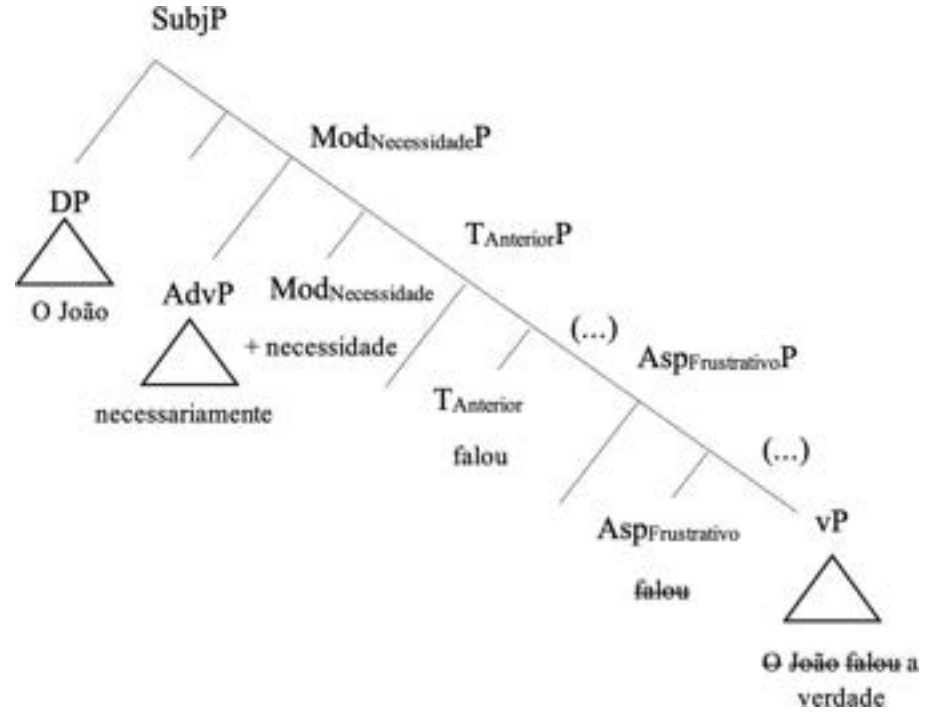


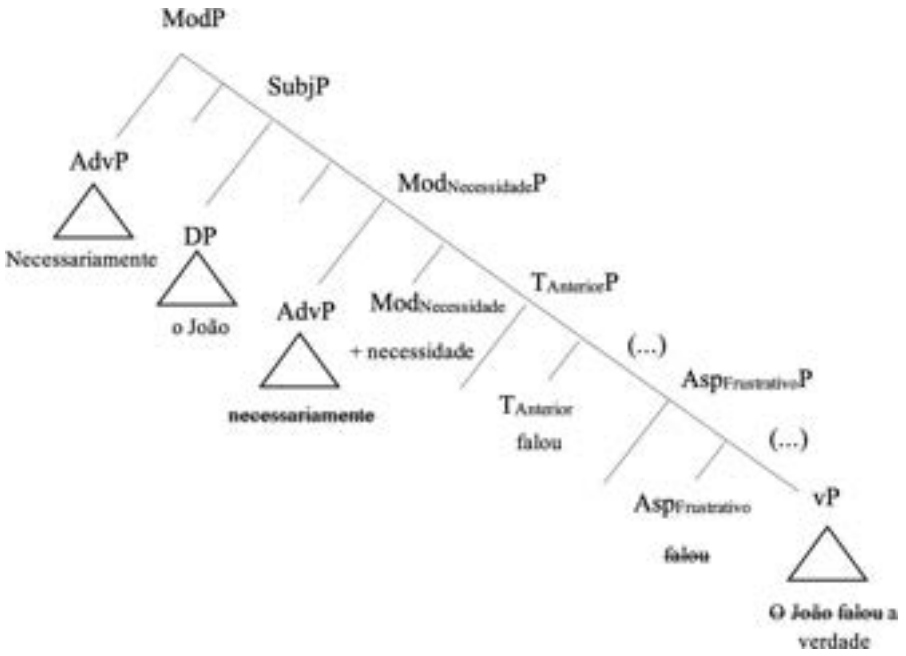
No que concerne à leitura de *irrealis* com "talvez", possível em posição pré-verbal e de margem esquerda, adota-se a seguinte proposta derivacional:



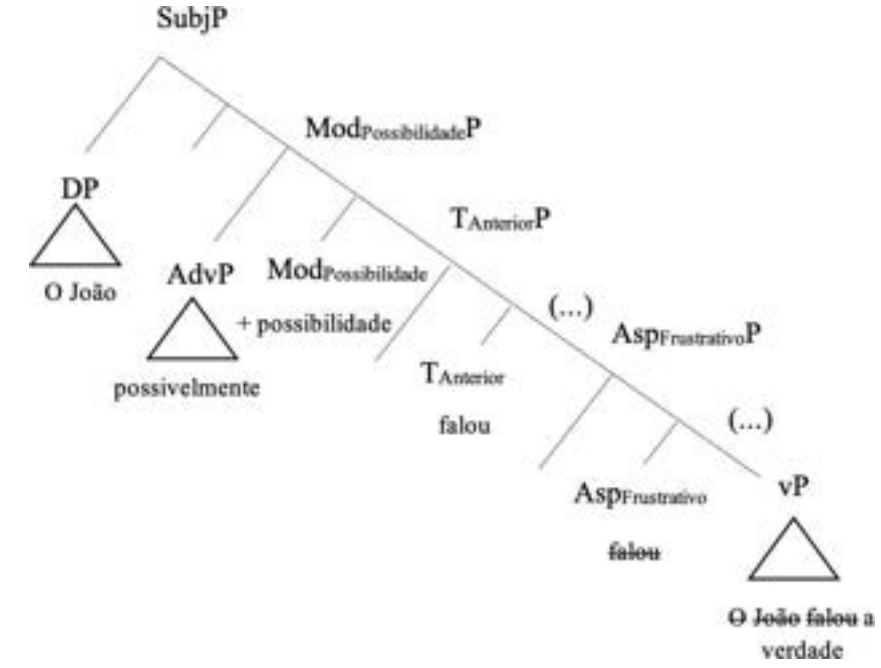


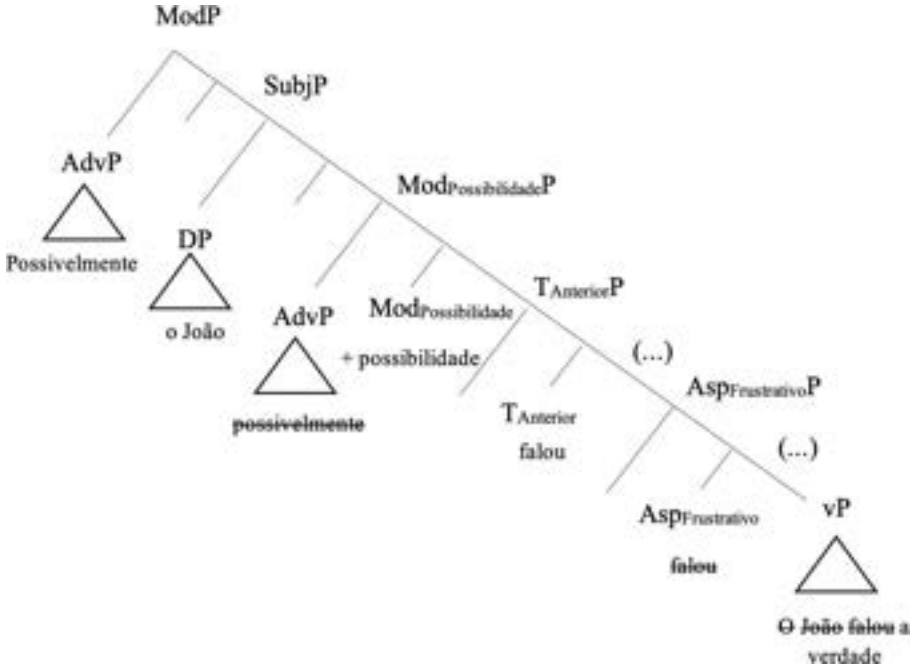
Em relação à leitura de necessidade com "necessariamente", possível em posição pré-verbal e de margem esquerda, consideram-se as seguintes propostas derivacionais:





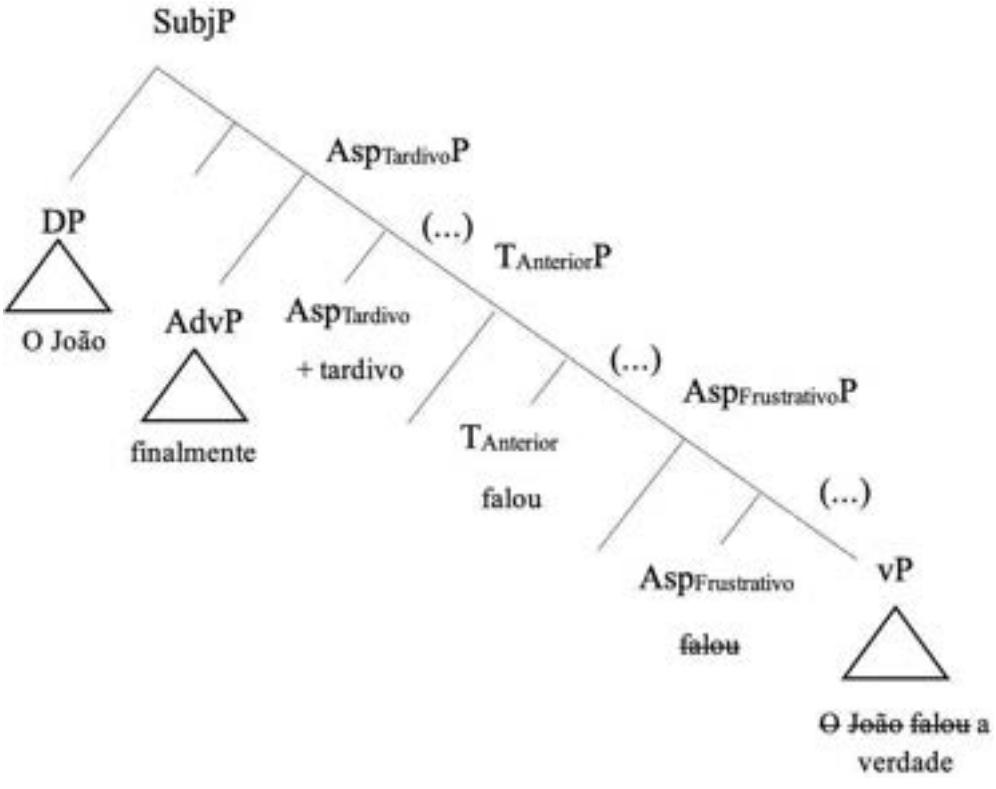
Finalmente, referente à leitura de possibilidade com “possivelmente”, disponível em posição pré-verbal e de margem esquerda, têm-se as seguintes propostas:


SubjP
DP
O João
Mod$_{Possibilidade}$P
AdvP
possivelmente
Mod$_{Possibilidade}$
+ possibilidade
T$_{Anterior}$P
T$_{Anterior}$
falou
(…)
Asp$_{Frustrativo}$P
Asp$_{Frustrativo}$
~~falou~~
(…)
vP
~~O João falou~~ a verdade

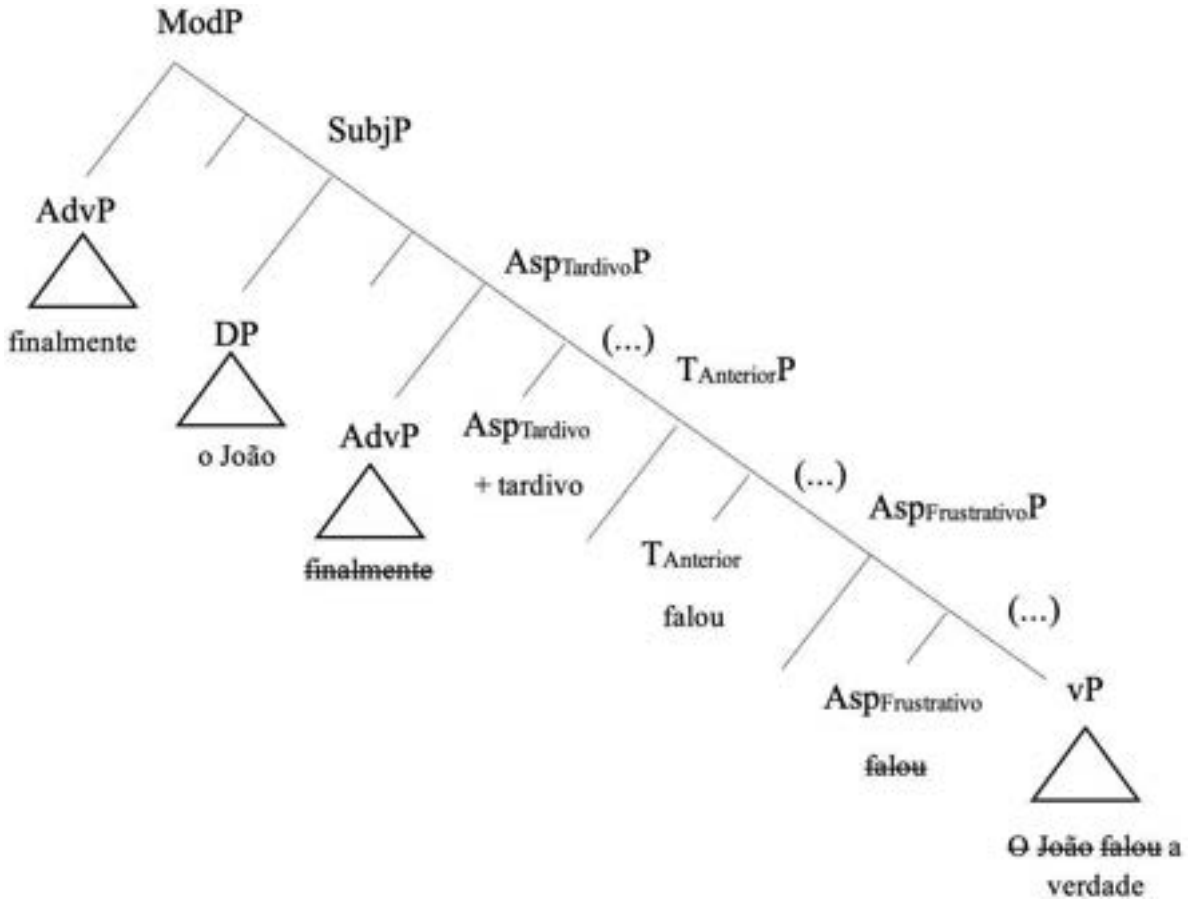

ModP
AdvP
Possivelmente
SubjP
DP
o João
Mod$_{Possibilidade}$P
AdvP
~~possivelmente~~
Mod$_{Possibilidade}$
+ possibilidade
T$_{Anterior}$P
T$_{Anterior}$
falou
(…)
Asp$_{Frustrativo}$P
Asp$_{Frustrativo}$
~~falou~~
(…)
vP
~~O João falou~~ a verdade

APÊNDICE B - DERIVAÇÃO DAS LEITURAS DE ADVÉRBIOS MEDIAIS EM PB

Em relação à derivação da leitura de tardivo em uma sentença como “O João finalmente falou a verdade”, propõem-se os seguintes passos: 1) alçamento de “falava” de V para o núcleo da projeção $Asp_{Frustrativo}P$, a fronteira de movimento obrigatório do verbo em PB (cf. Tescari Neto, 2019), respeitando a RMN (cf. Travis, 1984), formando [$Asp_{Frustrativo}P$ $falava_{(i)}$ [...[VP [DP João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]], 2) alçamento de “falava” de $Asp_{Frustrativo}$ ao núcleo de $T_{Anterior}P$, fronteira de movimento opcional do verbo em PB (cf. Tescari Neto, 2019), respeitando a RMN, formando [$T_{Anterior}P$ $falava_{(i)}$ [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VozP [AdvP normalmente] $t_{(i)}$ [...[VP [DP João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]], 3) soldagem do núcleo de $Asp_{Tardivo}P$, em que se especifica o traço tardivo, o qual é checado por *simple merge*, 4) soldagem do AdvP tardivo “finalmente” na posição de especificador de $Asp_{Tardivo}P$, formando [$Asp_{Tardivo}P$ [AdvP finalmente] … [$T_{Anterior}P$ $falava_{(i)}$ [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VozP [AdvP normalmente] $t_{(i)}$ [...[VP [DP João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]], 5) extração do sujeito em SubjP, para checagem de traço de sujeito oracional, formando [SubjP DP [o João$_{(k)}$] [$Asp_{Tardivo}P$ [AdvP finalmente] … [$T_{Anterior}P$ $falava_{(i)}$ [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP $t_{(k)}$] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]. Veja a representação desta derivação abaixo:

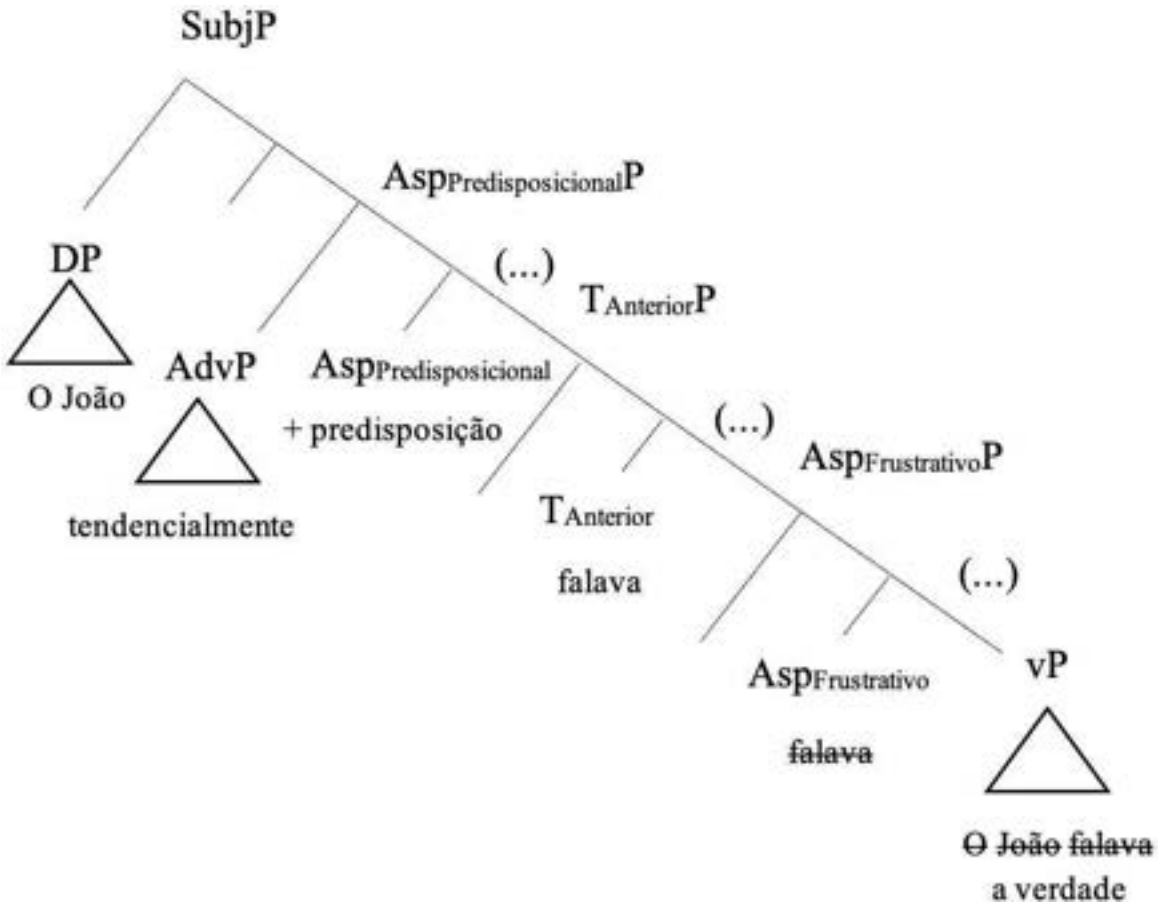


Sobre a derivação da leitura de tardivo em uma sentença como “Finalmente, o João falou a verdade”, além dos passos detalhados no parágrafo anterior e na árvore sintática de “João finalmente falou a verdade”, há os seguintes procedimentos: 1) soldagem do núcleo de ModP (cf. Rizzi; Bocci, 2017), na periferia esquerda, 2) movimento do AdvP tardivo “finalmente”, da posição de Spec, $Asp_{Tardivo}P$ a Spec, ModP, checando, criterialmente, o traço de modalização discursiva, formando [ModP [AdvP finalmente$_{(m)}$] [SubjP DP [o João$_{(k)}$] $Asp_{Tardivo}P$ [$t_{(m)}$] [+ tardivo] [$T_{Anterior}P$ falou$_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP $t_{(k)}$] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]]]]. A árvore sintática desta derivação pode ser observada abaixo:



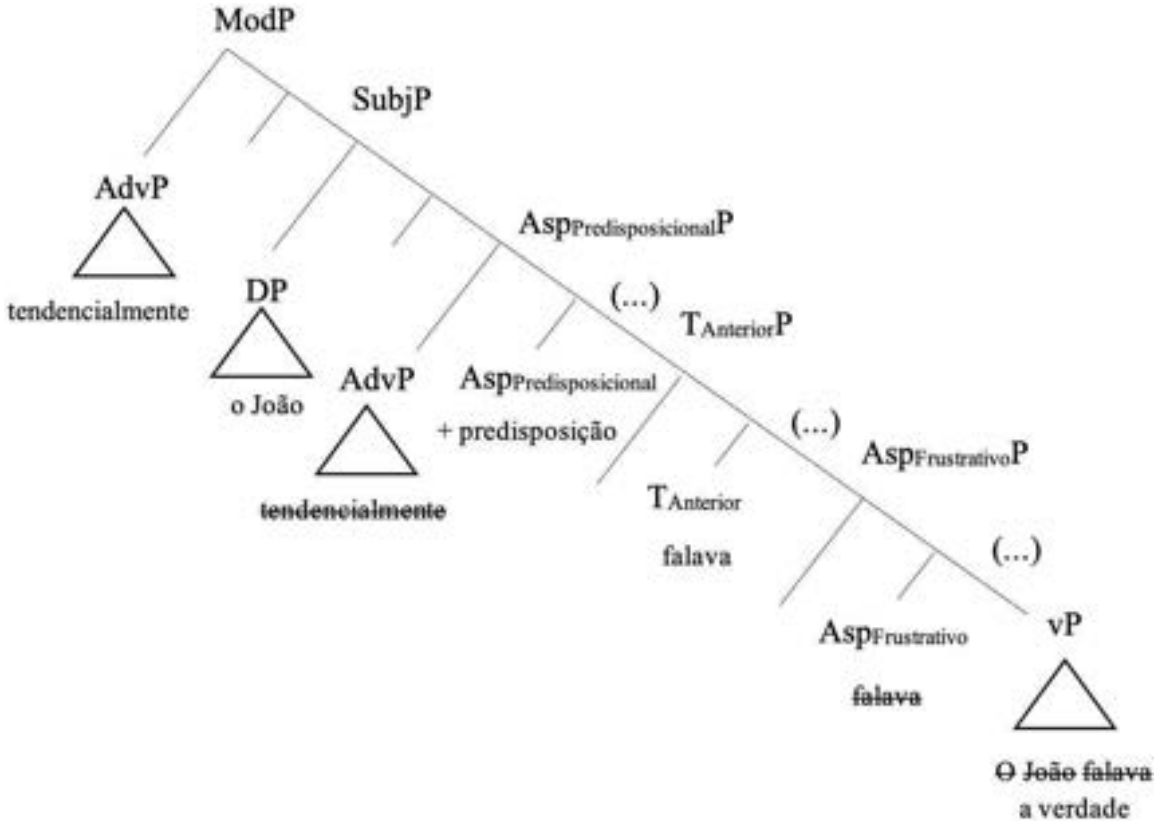
Para derivar a leitura de predisposição engendrada em “O João tendencialmente falava a verdade”, há os seguintes passos: 1) alçamento de “falava” de V para o núcleo da projeção $Asp_{Frustrativo}P$, a fronteira de movimento obrigatório do verbo em PB (cf. Tescari Neto, 2019), respeitando a RMN (cf. Travis, 1984), formando [$AsP_{Frustrativo}P$ falava$_{(i)}$ [...[VP [DP João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]], 2) alçamento de “falava” de $Asp_{Frustrativo}$ ao núcleo de $T_{Anterior}P$, fronteira de movimento opcional do verbo em PB (cf. Tescari Neto, 2019), respeitando a RMN,

formando [$T_{Anterior}$P falava$_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}$P $t_{(i)}$ [...[VP [DP o João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]], 3) soldagem do núcleo de predisposição, da projeção $Asp_{Predisposicional}$P, o qual é checado por *simple merge*, 4) soldagem do AdvP "tendencialmente" na posição de especificador de $Asp_{Predisposicional}$P, formando a estrutura [$Asp_{Predisposicional}$P [AdvP tendencialmente] [+ predisposição] [$T_{Anterior}$P falava$_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}$P $t_{(i)}$ [...[VP [DP o João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]], 5) extração do sujeito "João" em SubjP, como se observa em [SubjP O João$_{(k)}$ [$Asp_{Predisposicional}$P [AdvP tendencialmente] [+ predisposição] [$T_{Anterior}$P falava$_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}$P $t_{(i)}$ [...[VP [DP $t_{(k)}$] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]]. A árvore sintática desta derivação pode ser observada abaixo:



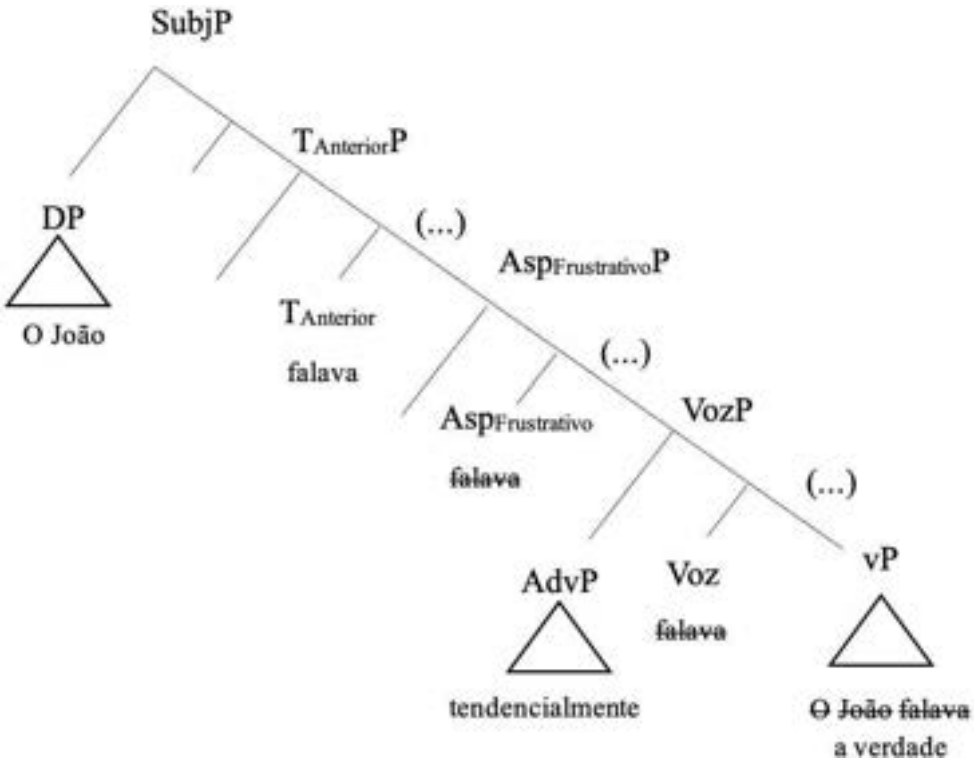
Sobre a leitura de predisposição em "Tendencialmente o João falava a verdade", para além dos passos apresentados no parágrafo anterior e na árvore de "O João tendencialmente falava a verdade", há os seguintes passos: 1) soldagem do núcleo de ModP (cf. Rizzi; Bocci, 2017), na periferia esquerda, 2) movimento do AdvP predisposicional "tendencialmente", da posição de *Spec*, $Asp_{Predisposicional}$P a *Spec*, ModP, checando, criterialmente, o traço de

modalização discursiva, formando [ModP [AdvP tendencialmente$_{(m)}$] [SubjP DP [o João$_{(k)}$] Asp$_{Predisposicional}$P [t$_{(m)}$] [+ predisposição] [T$_{Anterior}$P falava$_{(i)}$ [... [Asp$_{Frustrativo}$P t$_{(i)}$ [...[VP [DP t$_{(k)}$] t$_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]]]]. A árvore sintática desta derivação pode ser observada abaixo:

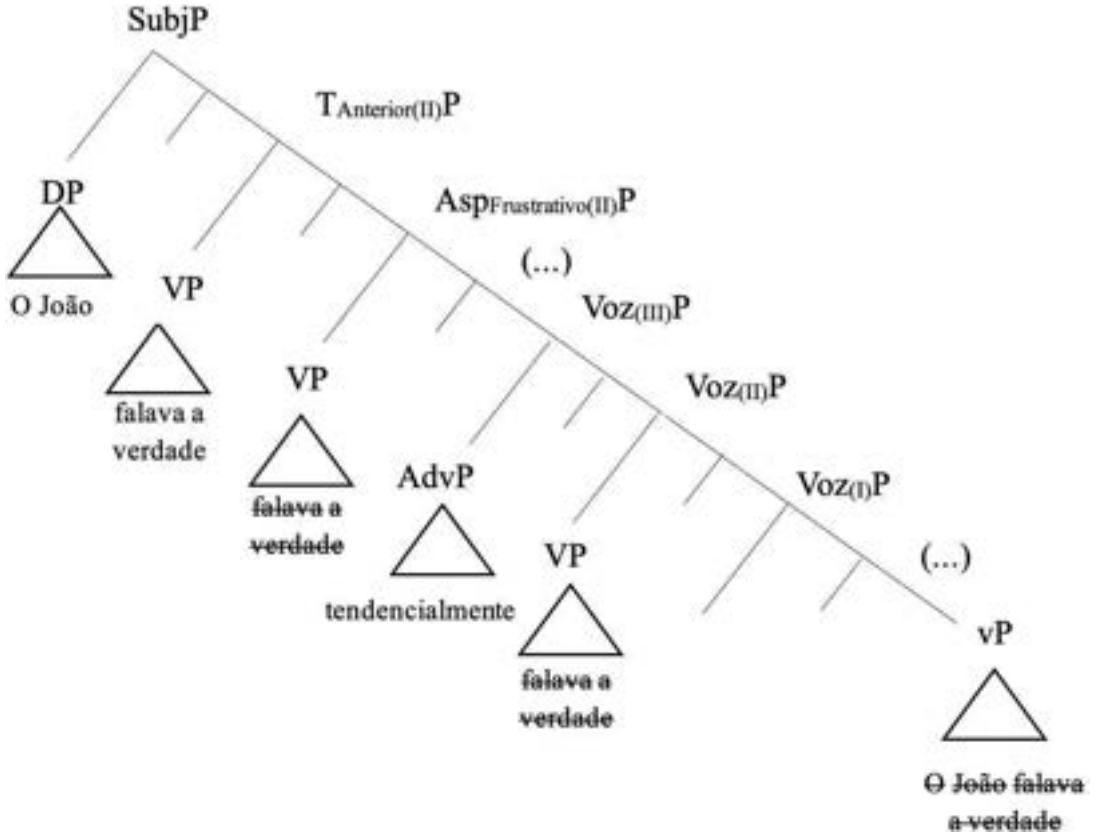


No que concerne à leitura de modo em "O João falava tendencialmente a verdade", propõem-se os seguintes procedimentos derivacionais: 1) soldagem do núcleo de VozP, em que se especifica o traço de modificação, 2) alçamento de "falava" de V para o núcleo da projeção VozP para checar tal traço de modificação, 3) soldagem do advérbio "tendencialmente" em posição de Spec, VozP, formando [VozP [AdvP tendencialmente] falava$_{(i)}$ [...[VP [DP João] t$_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]], 4) alçamento de "falava" de Voz para o núcleo da projeção Asp$_{Frustrativo}$P, a fronteira de movimento obrigatório do verbo em PB (cf. Tescari Neto, 2019), respeitando a RMN (cf. Travis, 1984), formando [As$_{pFrustrativo}$P falava$_{(i)}$ [...[VozP [AdvP tendencialmente] t$_{(i)}$ [...[VP [DP João] t$_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]], 5) alçamento de "falava" de Asp$_{Frustrativo}$ ao núcleo de T$_{Anterior}$P, fronteira de movimento opcional do verbo em PB (cf. Tescari Neto, 2019), respeitando a RMN, formando [T$_{Anterior}$P falava$_{(i)}$ [Asp$_{Frustrativo}$P falava$_{(i)}$ [...[VozP [AdvP tendencialmente] t$_{(i)}$ [...[VP [DP João] t$_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]], 6) extração do sujeito

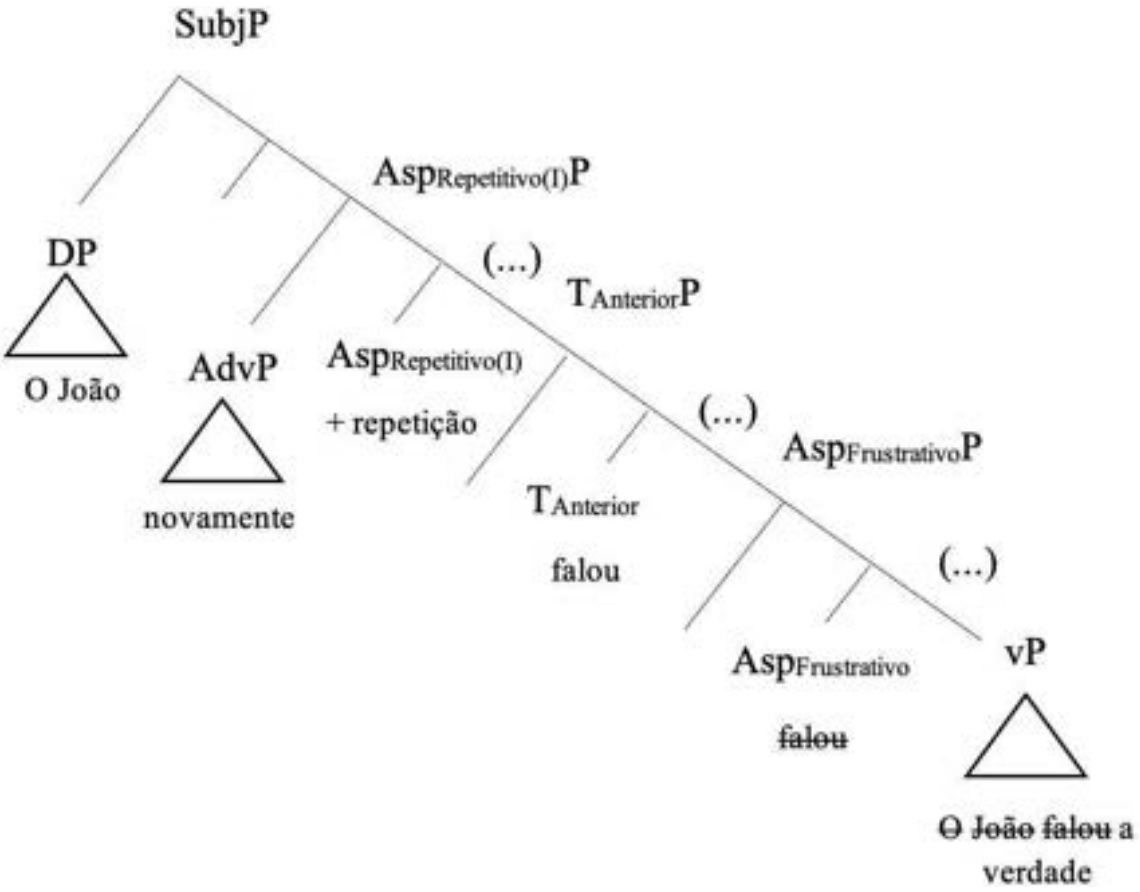
em SubjP, para checagem de traço de sujeito oracional, formando [SubjP DP [o João$_{(k)}$] [$T_{Anterior}$P falava$_{(i)}$ [$Asp_{Frustrativo}$P $t_{(i)}$ [...[VozP [AdvP tendencialmente] $t_{(i)}$ [...[VP [DP João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]. A árvore sintática desta derivação pode ser observada abaixo:



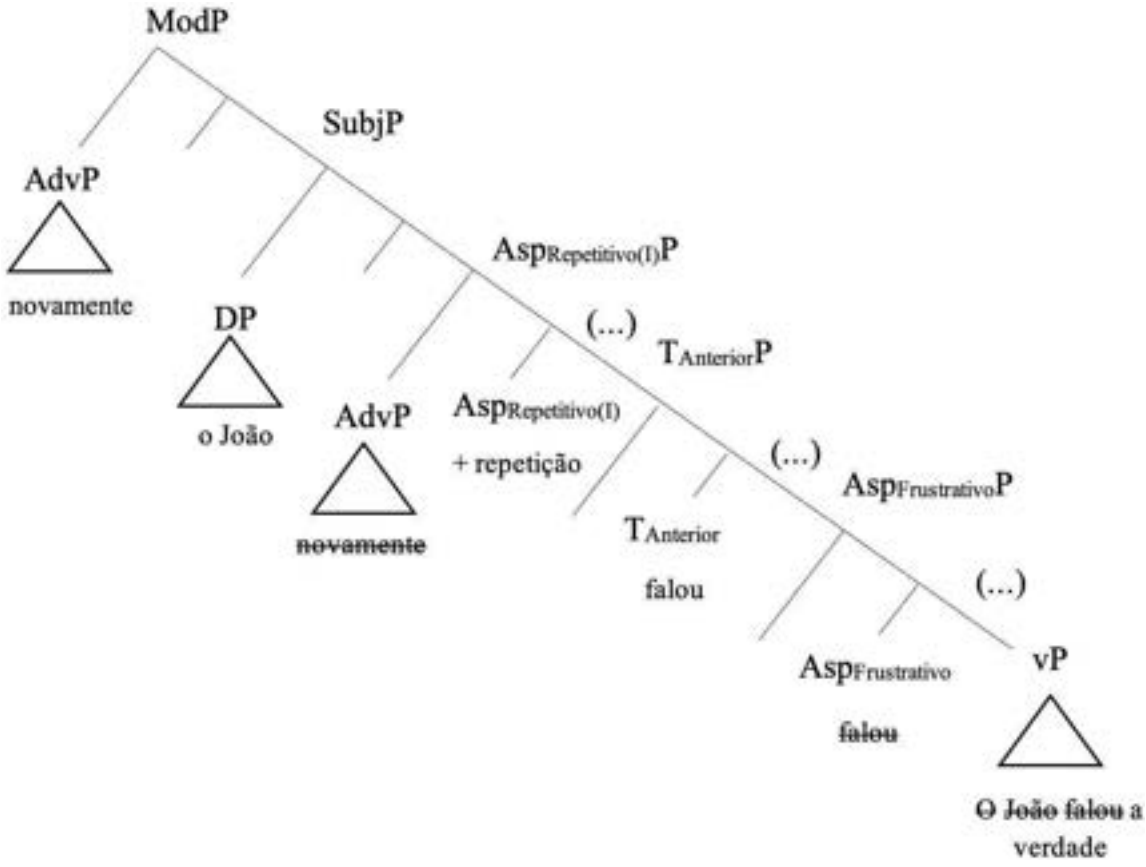
Referente à leitura de modo em "O João falava a verdade tendencialmente", propõe-se a soldagem do núcleo de VozP e de três projeções a ele relacionadas (cf. Cinque, 2017), de forma a se ter "Voz$_{(III)}$P (AdvP tendencialmente) > Voz$_{(II)}$ (*pied-piping* do objeto) > Voz$_{(I)}$P (pouso do verbo)". Haveria, assim, movimento do complexo ("falava a verdade") para a posição de especificador da projeção II de VozP, em que se alocam verbos que efetuaram *pied-piping* do objeto. Posteriormente, o complexo "falava a verdade" é alçado pelo especificador das projeções (II) até a fronteira de movimento opcional do PB, $T_{Anterior}$P. Finalmente, há a extração do sujeito em *Spec*, SubjP. Dessa forma, forma-se a seguinte derivação [SubjP DP [o João$_{(k)}$] [$T_{Anterior(ii)}$P falava a verdade$_{(i)}$ [...[Voz$_{(III)}$P [AdvP tendencialmente] [Voz$_{(II)}$P $t_{(i)}$ [...[VP [DP $t_{(k)}$] $t_{(i)}$ [vP [DP]]]]]. A árvore sintática desta derivação pode ser observada abaixo:



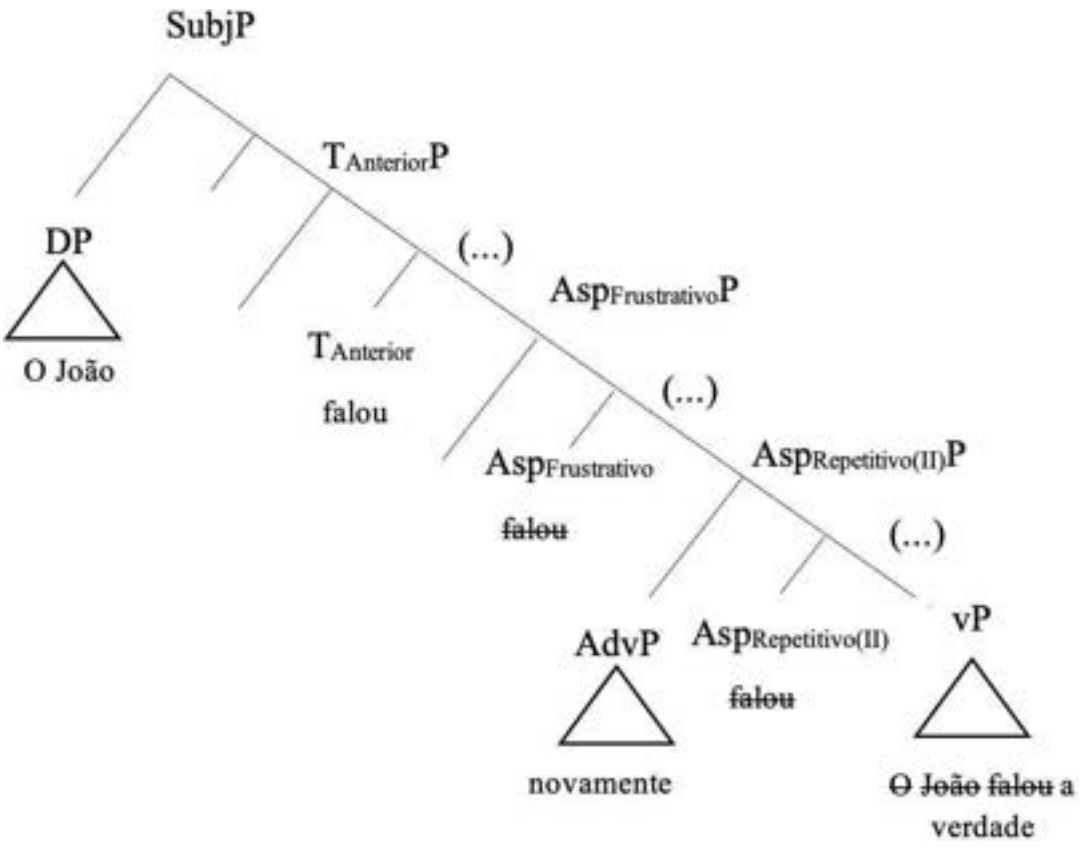
Concernente à leitura de quantificação do evento em "O João novamente falou a verdade", apontam-se os seguintes passos: 1) alçamento de "falou" de V para o núcleo da projeção $Asp_{Frustrativo}P$, a fronteira de movimento obrigatório do verbo em PB (cf. Tescari Neto, 2019), respeitando a RMN, formando [$Asp_{Frustrativo}P$ $falou_{(i)}$ [...[VP [DP João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]], 2) alçamento de "falou" de $Asp_{Frustrativo}$ ao núcleo de $T_{Anterior}P$, fronteira de movimento opcional do verbo em PB, respeitando a RMN, formando [$T_{Anterior}P$ $falou_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP o João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]], 3) soldagem do núcleo de $Asp_{Repetitivo(I)}$, a partir do qual se checa o traço de repetição do evento pelo parâmetro de ausência de movimento (cf. Cinque, 2005), formando [$Asp_{Repetitivo(I)}$ [+repetição] [… [$T_{Anterior}P$ $falou_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP o João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]], 4) inserção do AdvP "novamente" na posição de especificador de $Asp_{Repetitivo(I)}$, formando [$Asp_{Repetitivo(I)}$ [AdvP novamente] [+repetição] [… [$T_{Anterior}P$ $falou_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP o João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]], 5) extração de sujeito em SubjP, formando [SubjP DP [o $João_{(k)}$] [$Asp_{Repetitivo(I)}$ [AdvP novamente] [+repetição] [… [$T_{Anterior}P$ $falou_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP $t_{(k)}$] $t_{(i)}$ [VP [DP a verdade]]]]]]]]. A árvore sintática desta derivação pode ser observada abaixo:



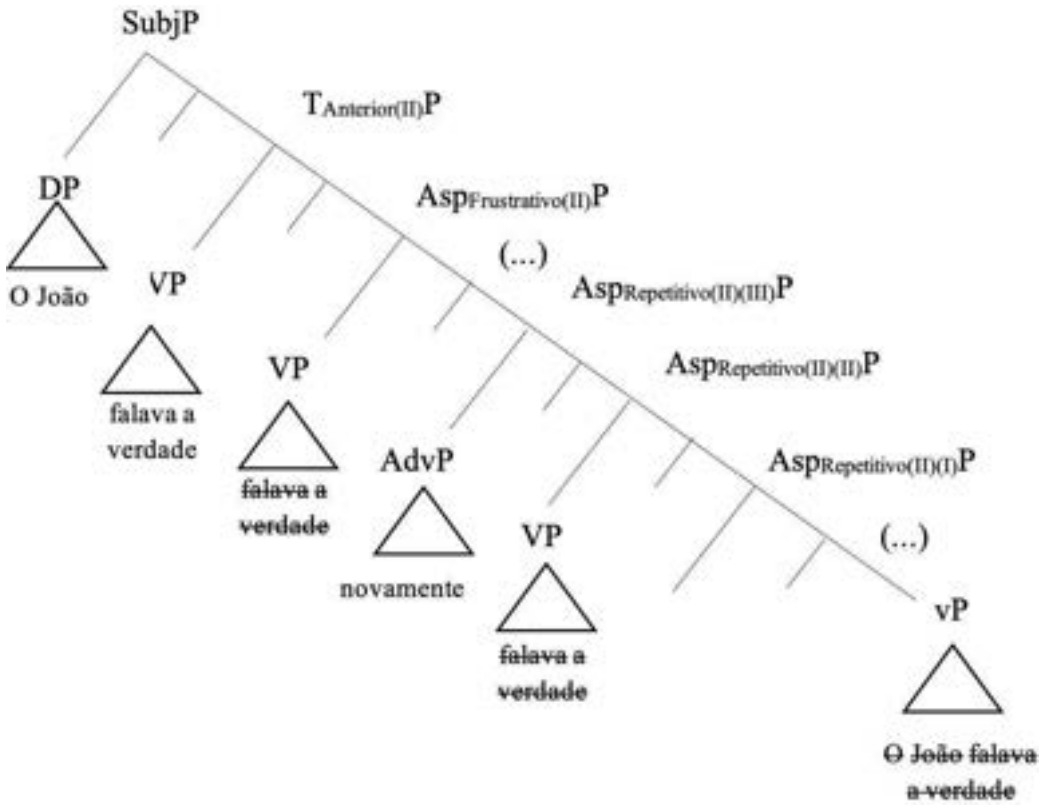
Para derivar a leitura de repetição de evento de “Novamente o João falou a verdade”, além dos passos apresentados no parágrafo anterior, apontam-se os seguintes processos: 1) soldagem do núcleo de ModP, na periferia esquerda, 2) movimento do AdvP repetitivo “novamente”, da posição de *Spec*, $Asp_{Repetitivo(I)}P$ a *Spec*, ModP, checando, criterialmente, o traço de modalização discursiva, formando [ModP [AdvP novamente$_{(m)}$] [SubjP DP [o João$_{(k)}$] $As_{pRepetitivo(I)}$ [$t_{(m)}$] [+ repetição] [$T_{Anterior}P$ falou$_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP $t_{(k)}$] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]]]]]. Tais processos podem ser observados na árvore sintática abaixo:



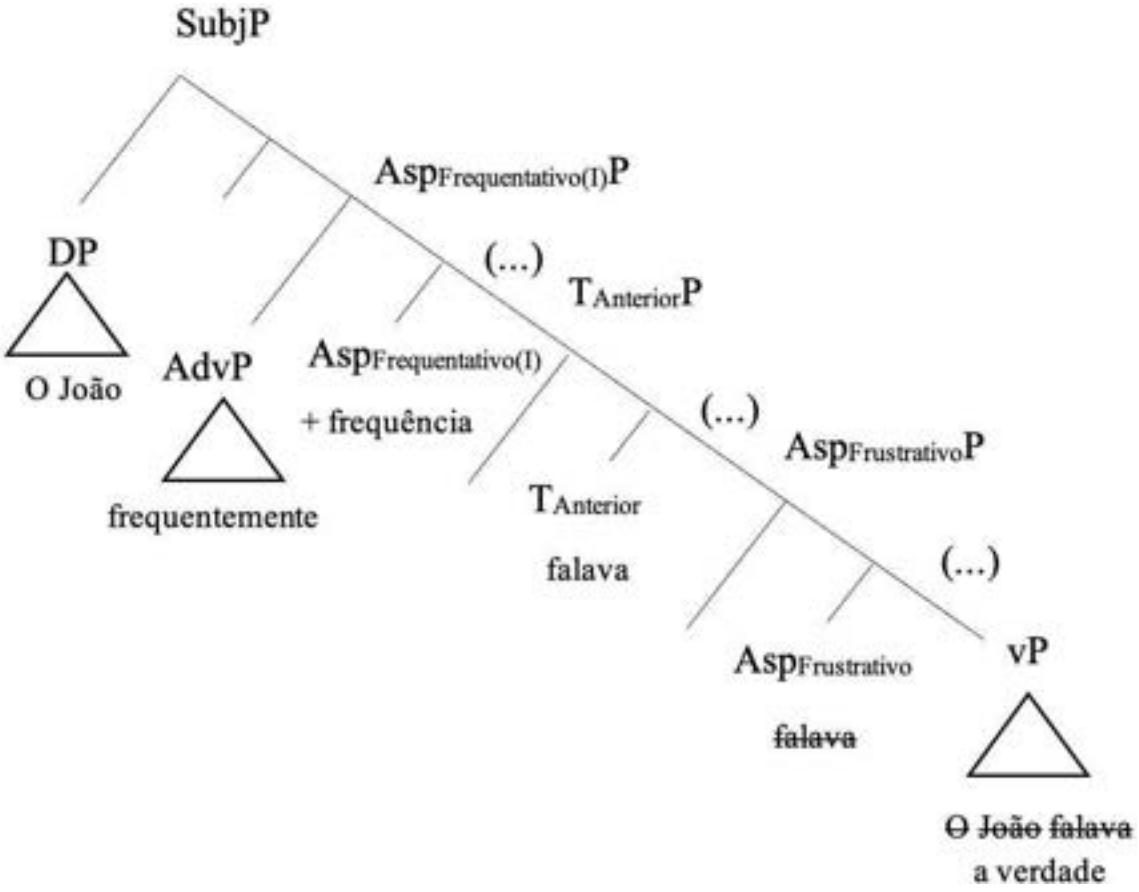
Em se tratando da leitura de quantificação do processo de “O João falou novamente a verdade”, há os seguintes passos: 1) soldagem do núcleo de $Asp_{Repetitivo(II)}$, a partir do qual se checa o traço de repetição do processo por movimento simples, 2) alçamento de “falou” de V para o núcleo de $Asp_{Repetitivo(II)}$, 3) inserção do AdvP “novamente” na posição de especificador de $Asp_{Repetitivo(II)}$, formando [$Asp_{Repetitivo(II)}$P [AdvP novamente] falou$_{(i)}$ [...[VP [DP o João] $t_{(i)}$ [VP [DP a verdade]]]], 4) soldagem do núcleo de $Asp_{Frustrativo}$P, 5) movimento simples de “falou” do núcleo de $Asp_{Repetitivo(II)}$ para o núcleo de $Asp_{Frustrativo}$P, respeitando a RMN, formando [$Asp_{Frustrativo}$P falou$_{(i)}$ [... [$Asp_{Repetitivo(II)}$P [AdvP novamente] $t_{(i)}$ [...[VP [DP o João] $t_{(i)}$ [VP [DP a verdade]]]]], 6) soldagem do núcleo de $T_{Anterior}$, 7) movimento simples de “falou” de $Asp_{Frustrativo}$P até $T_{Anterior}$, respeitando a RMN, formando [$T_{Anterior}$P falou$_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}$P $t_{(i)}$ [... [$Asp_{Repetitivo(II)}$P [AdvP novamente] $t_{(i)}$ [...[VP [DP o João] $t_{(i)}$ [VP [DP a verdade]]]]]]], 8) extração de sujeito em SubjP, formando [SubjP DP [o João$_{(k)}$] [$T_{Anterior}$P falou$_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}$P $t_{(i)}$ [... [$As_{pRepetitivo(II)}$P [AdvP novamente] $t_{(i)}$ [...[VP [DP $t_{(k)}$] $t_{(i)}$ [VP [DP a verdade]]]]]]]]]. Tais procedimentos podem ser observados abaixo:



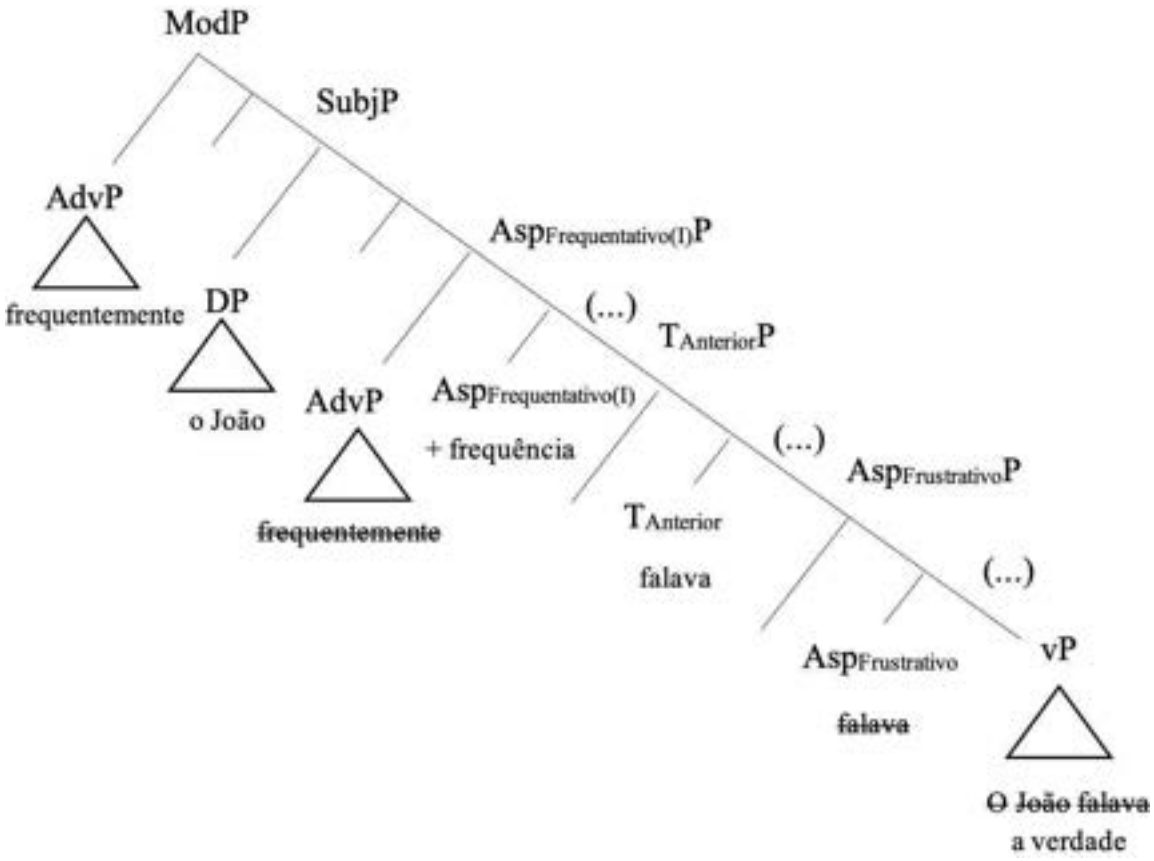
Sobre a derivação da leitura de processo em "O João falava a verdade novamente", propõe-se a soldagem do núcleo de $Asp_{Repetitivo(II)}$ e de três projeções a ele relacionadas (cf. Cinque, 2017), de forma a se ter "$Asp_{Repetitivo(II)(III)}P$ (AdvP novamente) > $Asp_{Repetitivo(II)(II)}P$ (*pied-piping* do objeto) > $Asp_{Repetitivo(II)(I)}P$ (pouso do verbo)". Haveria, assim, movimento do complexo ("falava a verdade") para a posição de especificador da projeção II de $Asp_{Repetitivo(II)}$, em que se alocam verbos que efetuaram *pied-piping* do objeto. Posteriormente, o complexo "falava a verdade" é alçado pelo especificador das projeções (II) até a fronteira de movimento opcional do PB, $T_{Anterior}P$. Finalmente, há a extração do sujeito em *Spec*, SubjP. Dessa forma, forma-se a seguinte derivação [SubjP DP [o João$_{(k)}$] [$T_{Anterior(II)}P$ falava a verdade$_{(i)}$ [...[$Asp_{Repetitivo(II)(III)}P$ [AdvP novamente] [$Asp_{Repetitivo(II)}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP $t_{(k)}$] $t_{(i)}$ [vP [DP]]]]]. A árvore sintática desta derivação pode ser observada abaixo:



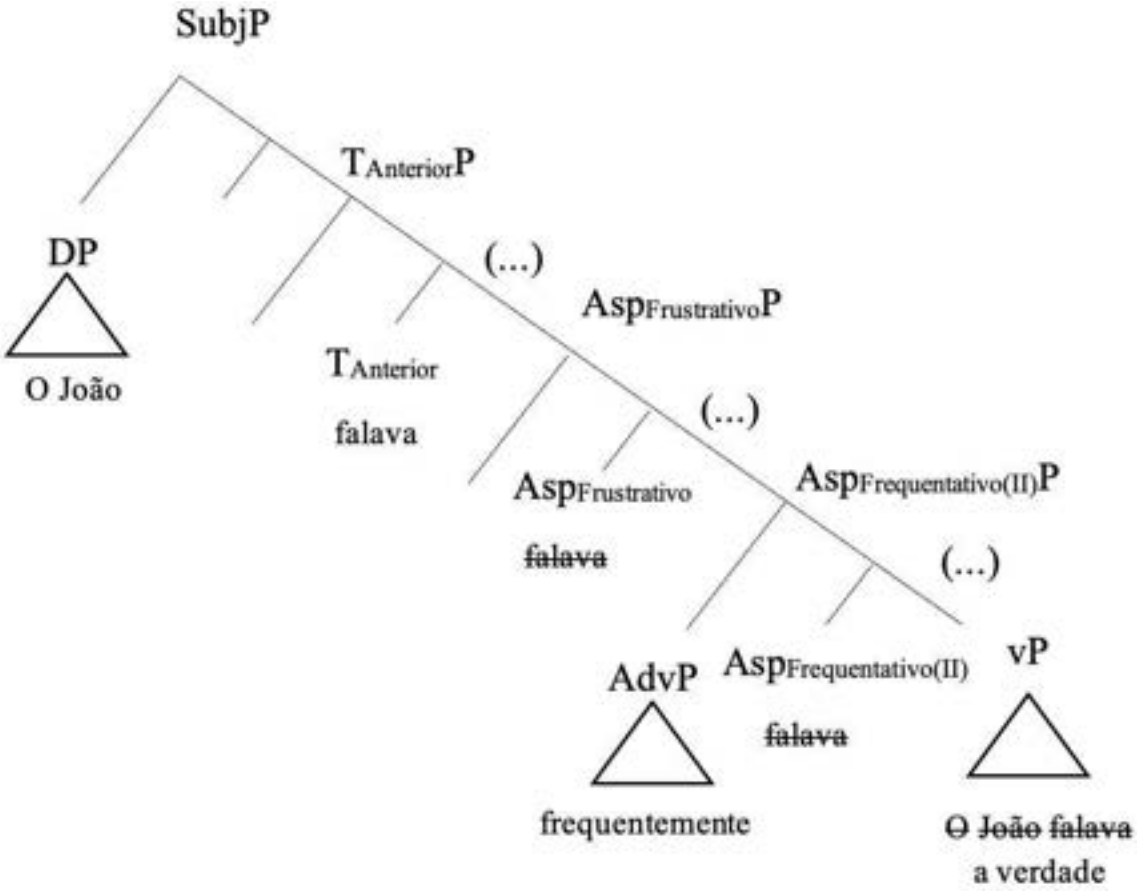
Para derivar a leitura de frequência de evento na sentença "O João frequentemente falava a verdade", propõem-se os seguintes procedimentos: 1) alçamento de "falava" de V para o núcleo da projeção $Asp_{Frustrativo}P$, a fronteira de movimento obrigatório do verbo em PB (cf. Tescari Neto, 2019), respeitando a RMN, formando [$Asp_{Frustrativo}P$ $falava_{(i)}$ [...[VP [DP João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]], 2) alçamento de "falava" de $Asp_{Frustrativo}$ ao núcleo de $T_{Anterior}P$, fronteira de movimento opcional do verbo em PB, respeitando a RMN, formando [$T_{Anterior}P$ $falava_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP o João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]], 3) soldagem do núcleo $Asp_{Frequentativo(I)}P$, a partir do qual se checa o traço de frequência do evento por soldagem simples, formando [$Asp_{Frequentativo(I)}$ [+frequência] [… [$T_{Anterior}P$ $falava_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP o João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]], 4) inserção do AdvP "frequentemente" na posição de especificador de $Asp_{Frequentativo(I)}P$, 5) extração do sujeito "O João", em SubjP, formando [SubjP O $João_{(k)}$ [$Asp_{Frequentativo(I)}P$ [AdvP frequentemente] [+ frequência] [$T_{Anterior}P$ $falava_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP $t_{(k)}$] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]]. A árvore sintática desta derivação pode ser observada abaixo:



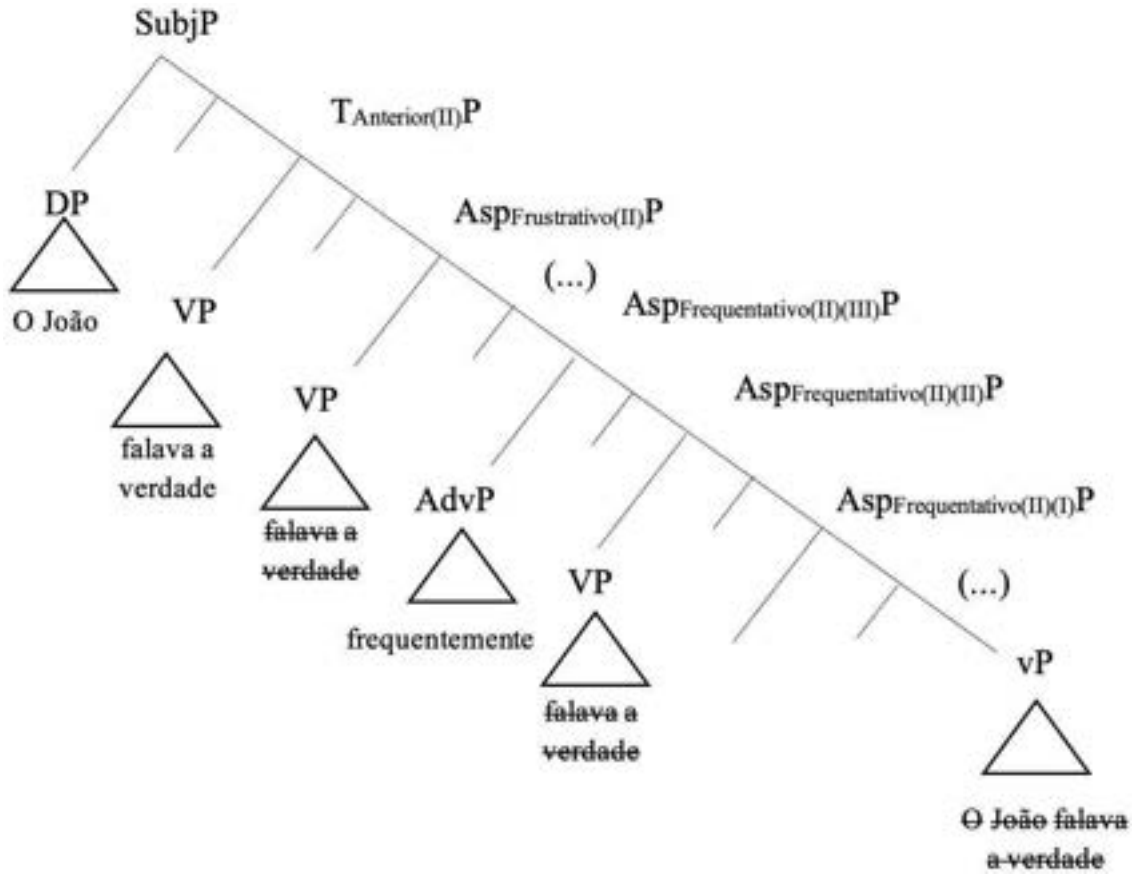
No que respeita à derivação da leitura de frequência do evento em "Frequentemente o João falava a verdade", para além dos passos apresentados, há: 1) soldagem do núcleo de ModP, na periferia esquerda, 2) movimento do AdvP frequentativo "frequentemente", da posição de *Spec*, $Asp_{Frequentativo(I)}P$ a *Spec*, ModP, checando, criterialmente, o traço de modalização discursiva, formando [ModP [AdvP frequentemente$_{(m)}$] [SubjP DP [o João$_{(k)}$] $Asp_{Frequentativo(I)}$ [$t_{(m)}$] [+ frequência] [$T_{Anterior}P$ falava$_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP $t_{(k)}$] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]]]]. Tais processos podem ser observados na árvore sintática abaixo:



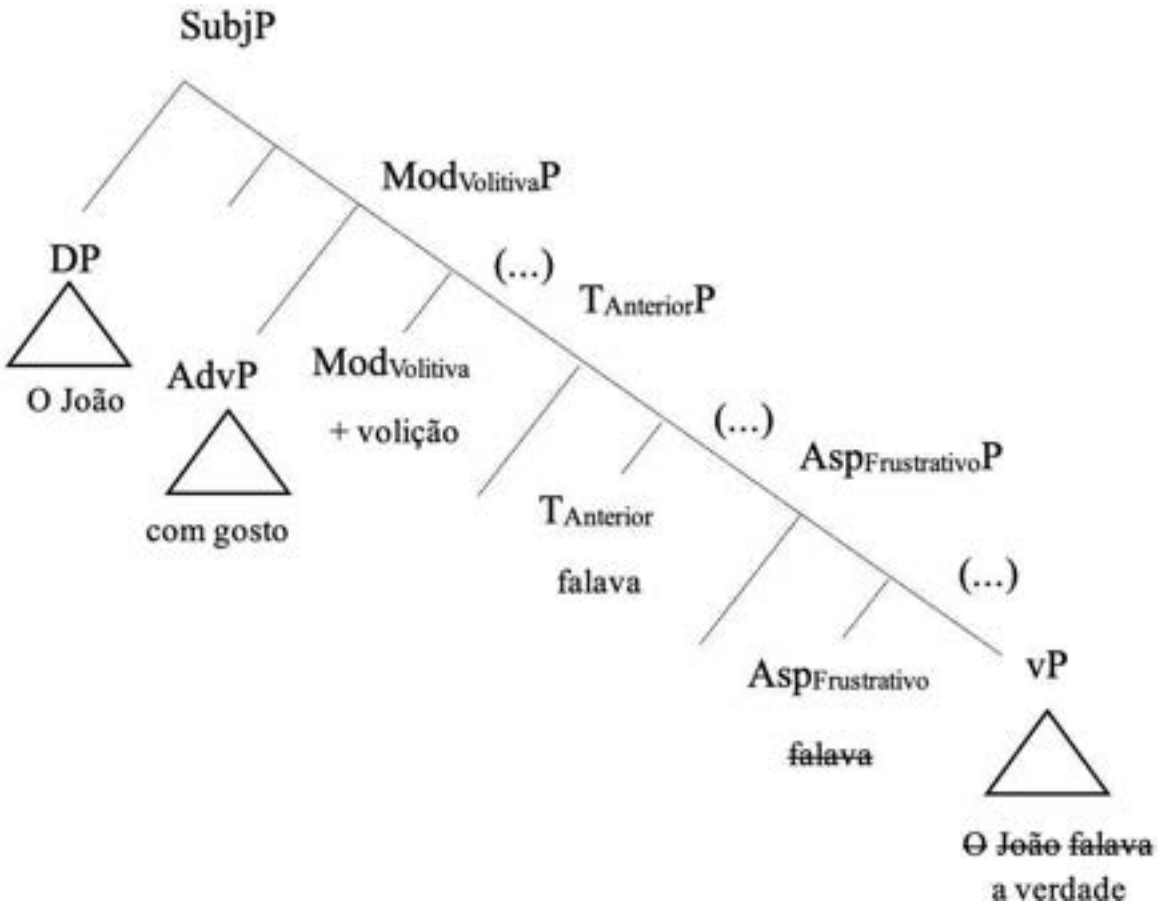
Em se tratando da leitura de frequência do processo de “O João falava frequentemente a verdade”, apontam-se os seguintes passos: 1) soldagem do núcleo de $Asp_{Frequentativo(II)}$, a partir do qual se checa o traço de frequência do processo, 2) movimento de “falava” de V para o núcleo de $Asp_{Frequentativo(II)}$, 3) inserção do AdvP “frequentemente” na posição de especificador de $Asp_{Frequentativo(II)}P$, 4) soldagem do núcleo de $Asp_{Frustrativo}P$, 5) alçamento de “falava” de $Asp_{Frequentativo(II)}$ para o núcleo da projeção $As_{pFrustrativo}P$, respeitando a RMN, 5) soldagem do núcleo de $T_{Anterior}P$, 6) alçamento de “falava” de $Asp_{Frustrativo}P$ para $T_{Anterior}P$, respeitando a RMN, formando [$T_{Anterior}P$ $falava_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [... [$Asp_{Frequentativo(II)}P$ [AdvP frequentemente] $t_{(i)}$ [...[VP [DP o João] $t_{(i)}$ [VP [DP a verdade]]]]]]]], 6) extração do sujeito “O João” em SubjP, formando [SubjP O $João_{(k)}$ [$T_{Anterior}P$ $falava_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [... [$Asp_{Frequentativo(II)}P$ [AdvP frequentemente] $t_{(i)}$ [...[VP [DP $t_{(k)}$] $t_{(i)}$ [VP [DP a verdade]]]]]]]]]. A árvore sintática desta derivação pode ser observada abaixo:



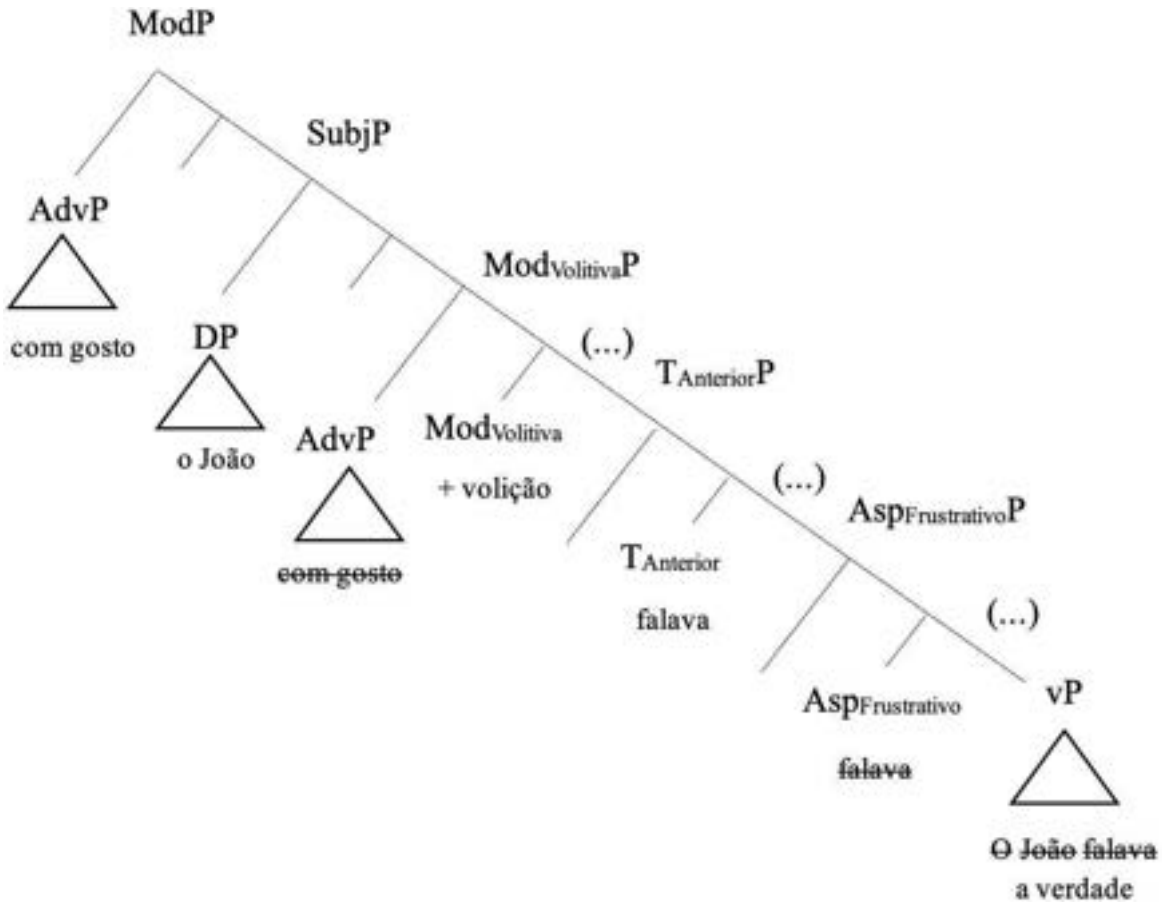
Concernente à derivação da leitura de frequência do processo em "O João falava a verdade frequentemente", no espírito da proposta apresentada até agora, adota-se a proposta de Cinque (2017). Dessa forma, assume-se que, à projeção de $Asp_{Frequentativo(II)}P$, relacionam-se três projeções, a saber: a) $Asp_{Frequentativo(II)(III)}P$ (AdvP frequentemente) > $Asp_{Frequentativo(II)(II)}P$ (*pied-piping* do objeto) > $Asp_{Frequentativo(II)(I)}P$ (pouso do verbo). Haveria, assim, movimento do complexo ("falava a verdade") para a posição de especificador da projeção II de $Asp_{Frequentativo(II)}$, em que se alocam verbos que efetuaram *pied-piping* do objeto. Posteriormente, o complexo "falava a verdade" seria alçado pelo especificador das projeções (II) até a fronteira de movimento opcional do PB, $T_{Anterior}P$. Finalmente, haveria a extração do sujeito em *Spec*, SubjP. Dessa forma, forma-se a seguinte derivação [SubjP DP [o João$_{(k)}$] [$T_{Anterior(II)}P$ falava a verdade$_{(i)}$ [...[$Asp_{Frequentativo(II)(III)}P$ [AdvP frequentemente] [$Asp_{Frequentativo(II)}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP $t_{(k)}$] $t_{(i)}$ [vP [DP]]]]]. A árvore sintática desta derivação pode ser observada abaixo:



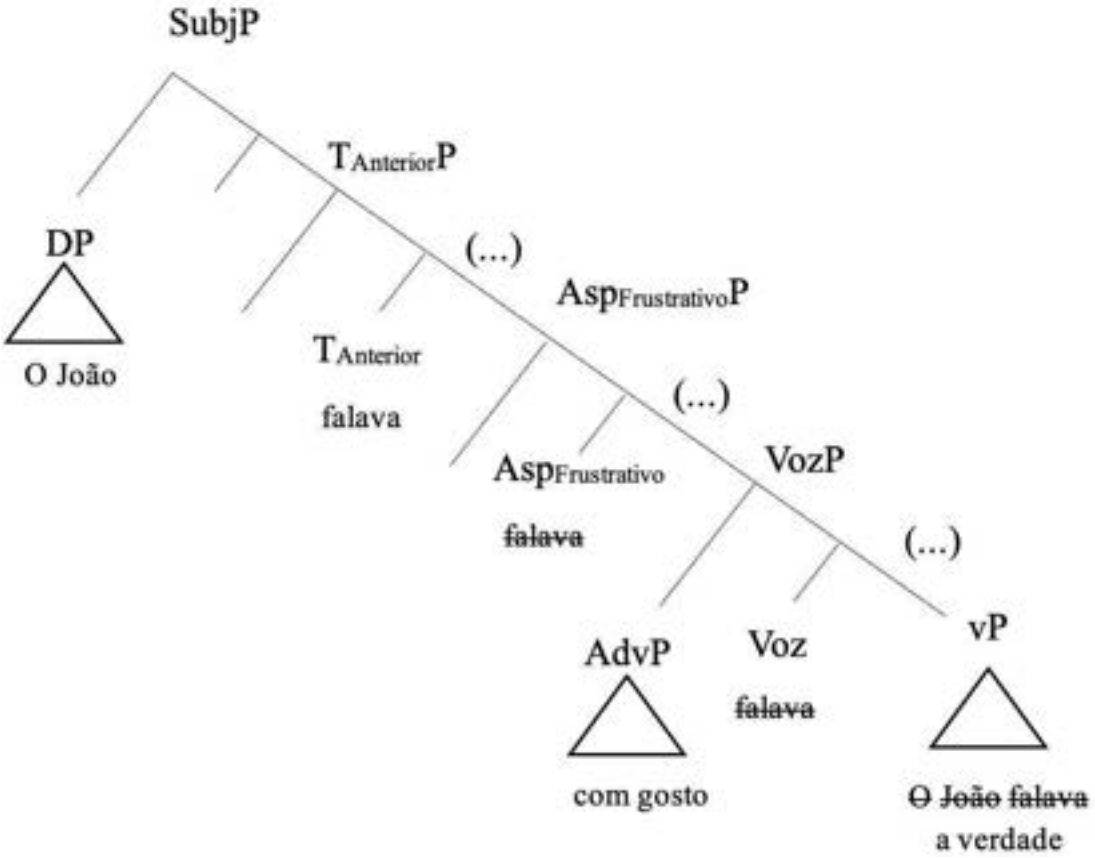
No que tange à derivação da leitura de volição de "O João com gosto falava a verdade", consideram-se os seguintes passos: 1) alçamento de "falava" de V para o núcleo da projeção $Asp_{Frustrativo}P$, 2) alçamento de "falava" de $Asp_{Frustrativo}P$ ao núcleo de $T_{Anterior}P$, 3) soldagem do núcleo $Mod_{Volitiva}P$, a partir do qual se checa o traço de volição do evento por soldagem simples, formando [$Mod_{Volitiva}$ [+volição] [… [$T_{Anterior}P$ falava$_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP o João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]]], 4) inserção de "com gosto" na posição de especificador de $Asp_{Volitivo}P$, 5) extração do sujeito "O João" em SubjP, formando [SubjP O João$_{(k)}$ [$Asp_{Volitivo}P$ [AdvP com gosto] [+ volição] [$T_{Anterior}P$ falava$_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP $t_{(k)}$] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]]]. A árvore sintática desta derivação pode ser observada abaixo:



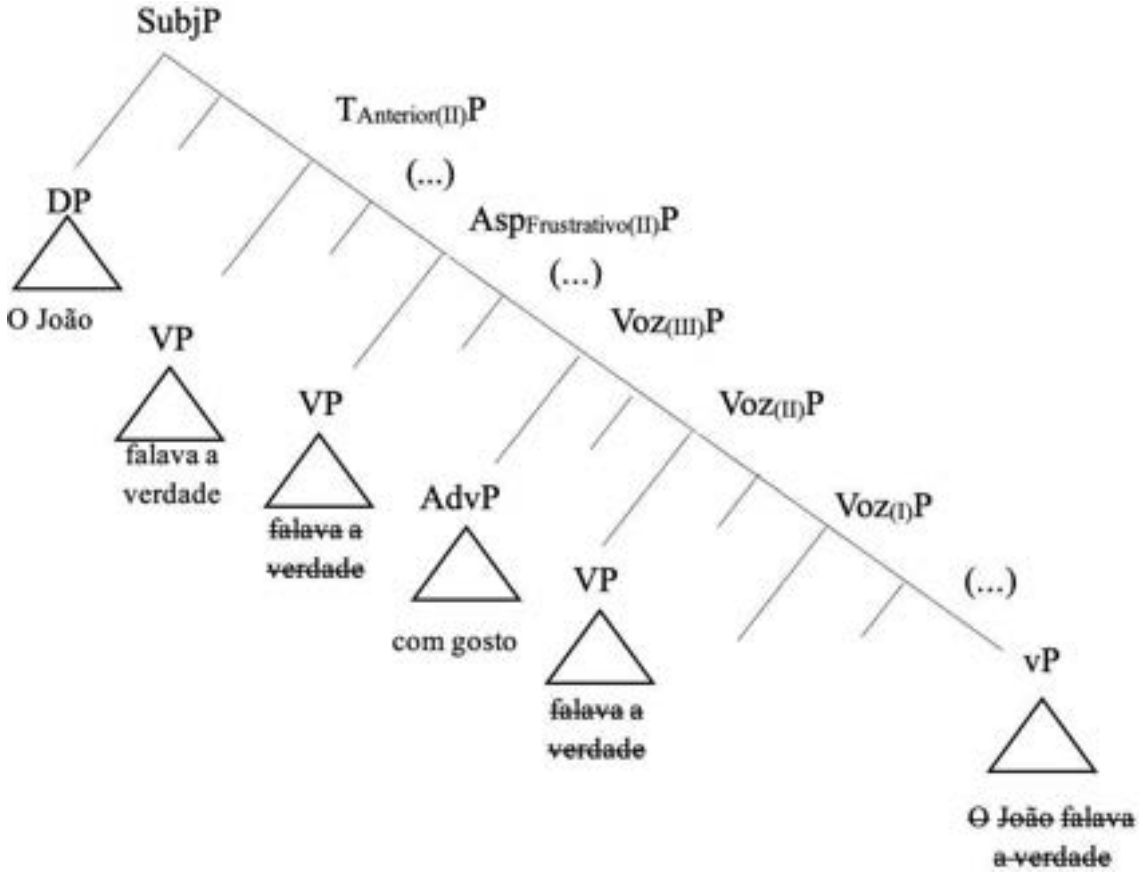
Em relação à derivação de “Com gosto o João falava a verdade”, no espírito das outras derivações apresentadas, há: 1) soldagem do núcleo de ModP, na periferia esquerda, 2) movimento do volitivo “com gosto”, da posição de *Spec*, $Asp_{Volitivo}P$ a *Spec*, ModP, checando, criterialmente, o traço de modalização discursiva, formando [ModP [AdvP com $gosto_{(m)}$] [SubjP DP [o $João_{(k)}$] $Asp_{Volitivo}P$ [$t_{(m)}$] [+ volição] [$T_{Anterior}P$ $falava_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP $t_{(k)}$] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]]]]]. Tais processos podem ser observados na árvore sintática abaixo:



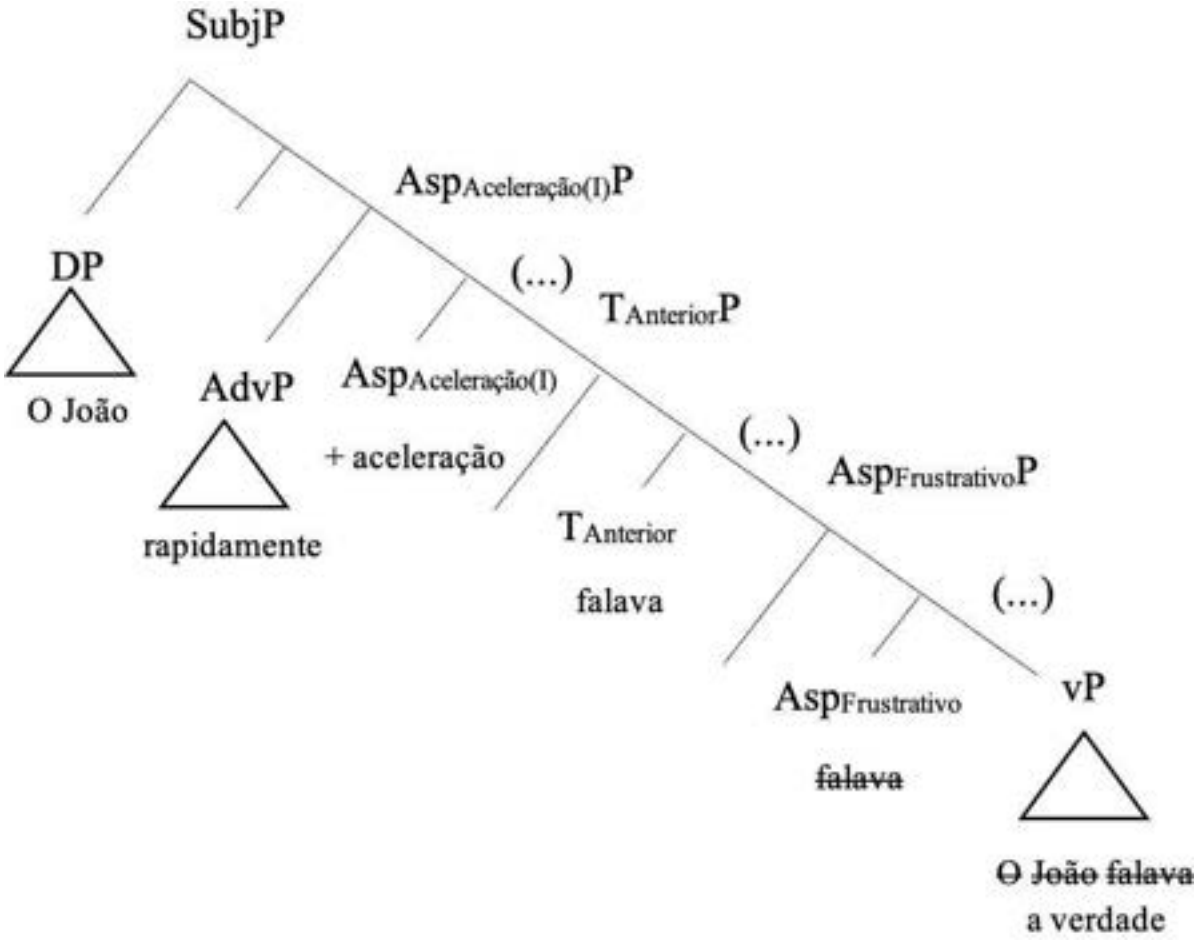
Acerca da derivação da leitura de modo de "O João falava com gosto a verdade", há: 1) soldagem do núcleo de VozP, a partir do qual se checa o traço de modo por movimento simples, 2) movimento de "falava" de V para o núcleo de VozP, 3) inserção do volitivo "com gosto" na posição de especificador de VozP, 4) soldagem do núcleo de $Asp_{Frustrativo}P$, a partir do qual se checa o traço de frustração por movimento simples, 5) alçamento de "falava" de Voz para $Asp_{Frustrativo}$, respeitando a RMN, 6) soldagem do núcleo de $T_{Anterior}P$, a partir do qual se checa o traço de anterioridade por movimento simples, 7) alçamento de "falava" de $Asp_{Frustrativo}$ a $T_{Anterior}$, 8) extração do sujeito "o João" em *Spec*, SubjP. Por meio de tais procedimentos, têm-se: [SubjP O João$_{(k)}$ [TAnteriorP falava$_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}$P $t_{(i)}$ [... [VozP [AdvP com gosto] $t_{(i)}$ [...[VP [DP $t_{(k)}$] $t_{(i)}$ [VP [DP a verdade]]]]]]]]].



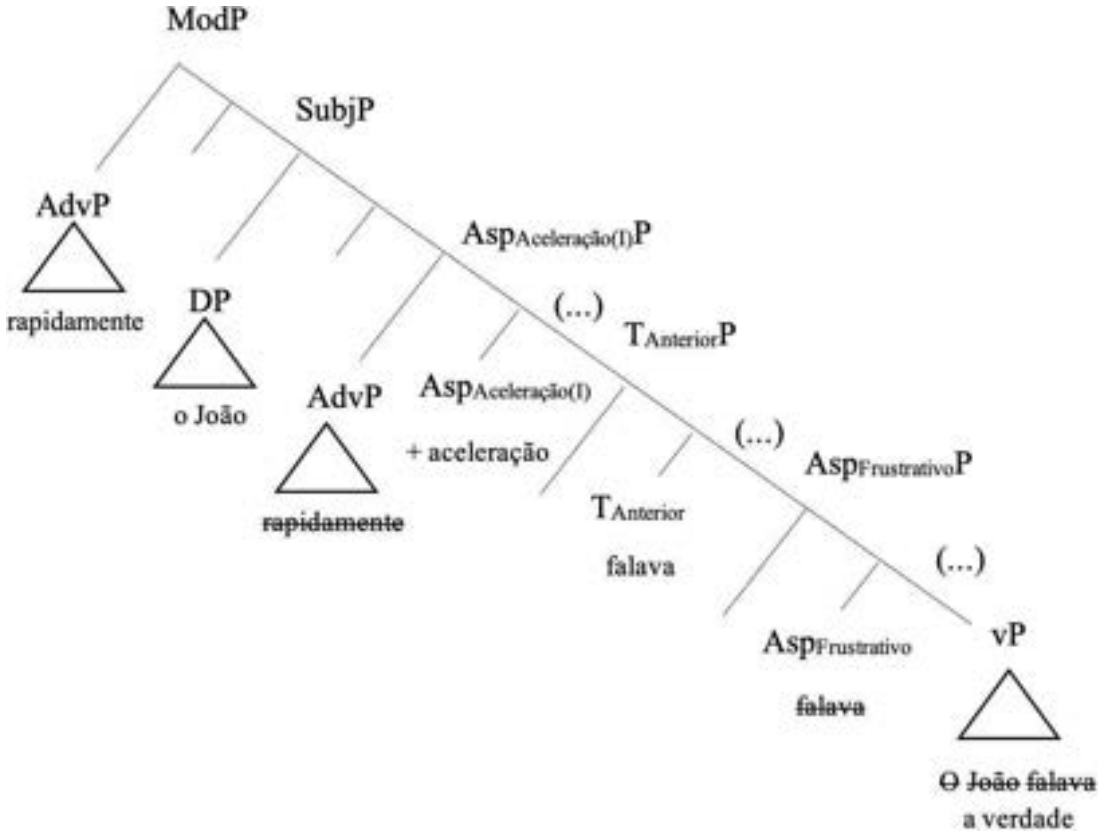
Referente à derivação da leitura de modo em “O João falava a verdade com gosto”, assumem-se os seguintes passos: 1) soldagem do núcleo de VozP e três projeções a ele relacionadas, especificamente $Voz_{(III)}P$ (AdvP com gosto), $Voz_{(II)}P$ (*pied-piping* do objeto) e $Voz_{(I)}P$ (traço de modo), 2) movimento do complexo VP “falava a verdade” para a posição de especificador de $Voz_{(II)}P$, 3) movimento ulterior de “falava a verdade” para a posição de especificador de $Asp_{Frustrativo(II)}P$, passando por todos os especificadores até tal projeção, 4) movimento de “falava a verdade” de *Spec*, $Asp_{Frustrativo(II)}P$ para *Spec*, $T_{Anterior(II)}P$ e 5) extração do sujeito “O João” em *Spec*, SubjP. A partir de tais passos, têm-se: [SubjP DP [o João$_{(k)}$] [$T_{Anterior(II)}P$ falava a verdade$_{(i)}$ [...[$Asp_{Frustrativo(II)}P$ $t_{(i)}$ [$Voz_{(III)}P$ [AdvP com gosto] [$Voz_{(II)}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP $t_{(k)}$] $t_{(i)}$ [vP [DP]]]]].



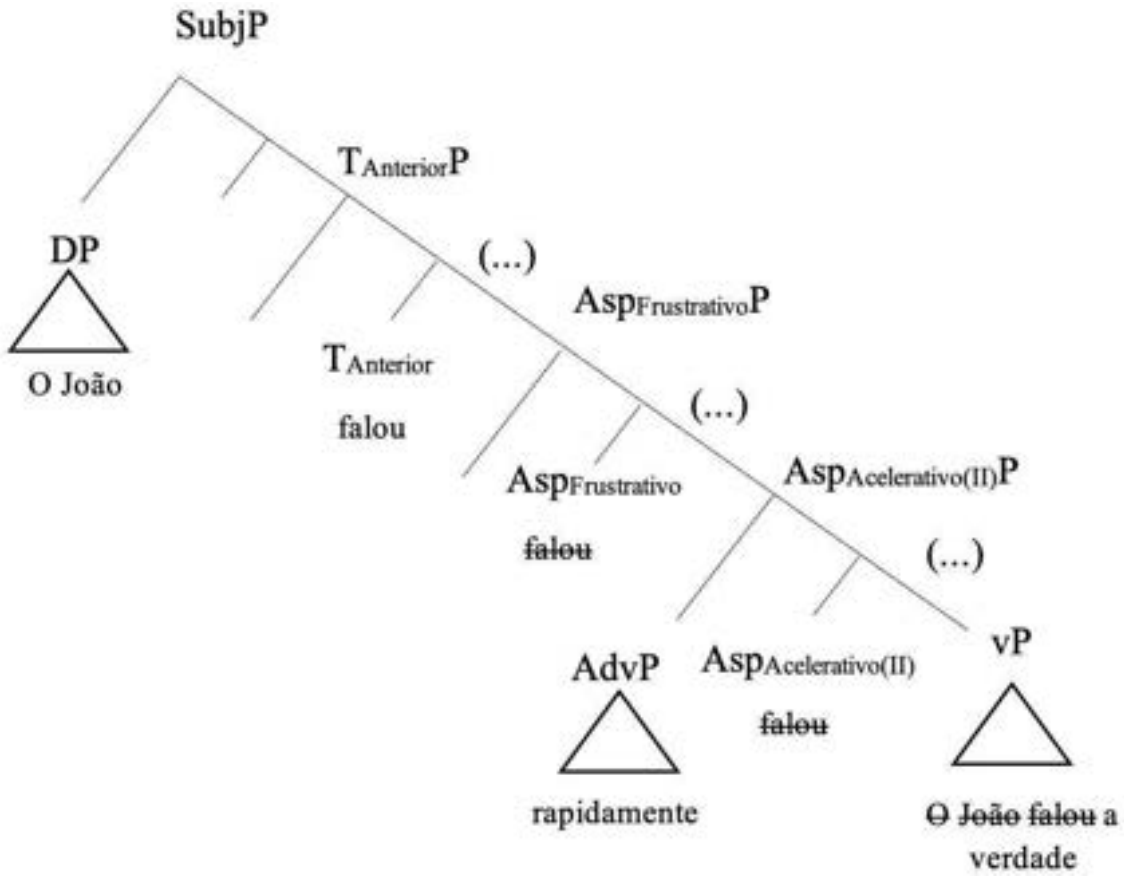
Para derivar a leitura de aceleração do evento veiculada em "O João rapidamente falava a verdade", são propostos os seguintes procedimentos: 1) alçamento de "falava" de V para o núcleo da projeção AspFrustrativoP, a fronteira de movimento obrigatório do verbo em PB (cf. Tescari Neto, 2019), respeitando a RMN, formando [$Asp_{Frustrativo}$P falava$_{(i)}$ [...[VP [DP João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]], 2) alçamento de "falava" de $Asp_{Frustrativo}$ ao núcleo de $T_{Anterior}$P, fronteira de movimento opcional do verbo em PB, respeitando a RMN, formando [$T_{Anterior}$P falava$_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}$P $t_{(i)}$ [...[VP [DP o João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]], 3) soldagem do núcleo $Asp_{Acelerativo(I)}$P, a partir do qual se checa o traço de aceleração do evento por soldagem simples, formando [$Asp_{Aceleração(I)}$ [+aceleração] [… [$T_{Anterior}$P falava$_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}$P $t_{(i)}$ [... [VP [DP o João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]]],, 4) inserção do AdvP "rapidamente" na posição de especificador de $Asp_{Acelerativo(I)}$P, 5) extração do sujeito "O João" em SubjP, formando [SubjP O João$_{(k)}$ [$Asp_{Acelerativo(I)}$P [AdvP rapidamente] [+ aceleração] [$T_{Anterior}$P falava$_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}$P $t_{(i)}$ [...[VP [DP $t_{(k)}$] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]]. A árvore sintática desta derivação pode ser observada abaixo:



Em se tratando da derivação da leitura de aceleração do evento disponível em "Rapidamente o João falava a verdade", para além dos passos apresentados no parágrafo anterior, há: 1) soldagem do núcleo de ModP, na periferia esquerda, 2) movimento do AdvP acelerativo "rapidamente", da posição de *Spec*, AspAcelerativo(I)P a *Spec*, ModP, checando, criterialmente, o traço de modalização discursiva, formando [ModP [AdvP rapidamente$_{(m)}$] [SubjP DP [o João$_{(k)}$] AspAcelerativo(I) [t$_{(m)}$] [+ aceleração] [TAnteriorP falava$_{(i)}$ [... [AspFrustrativoP t$_{(i)}$ [...[VP [DP t$_{(k)}$] t$_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]]]]]. Tais processos podem ser observados na árvore sintática abaixo:

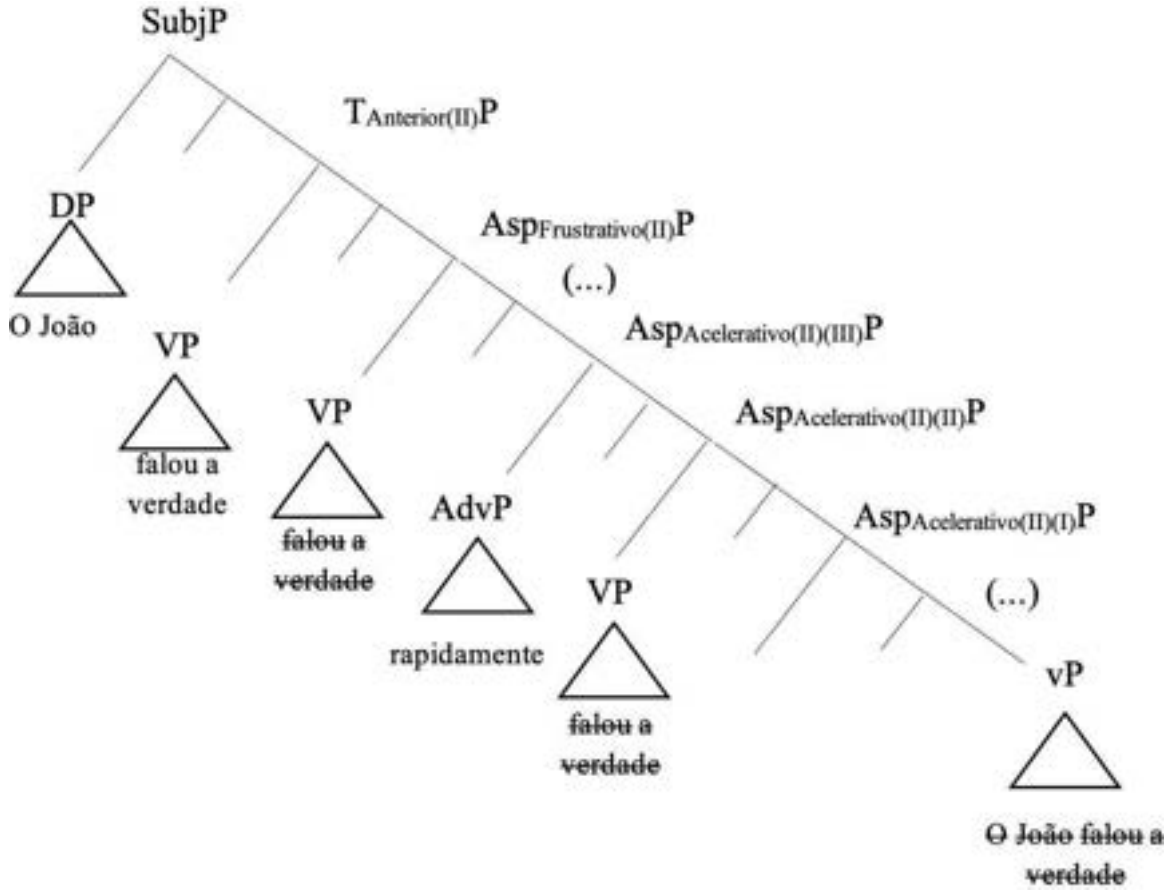


Em relação à derivação da leitura de aceleração do processo veiculada em "O João falou rapidamente a verdade", assumem-se os seguintes passos: 1) soldagem do núcleo de $Asp_{Acelerativo(II)}P$, em que se checa o traço de aceleração do processo, 2) soldagem do AdvP "rapidamente" em *Spec*, $Asp_{Acelerativo(II)}P$, 3) movimento de "falou" de V para o núcleo de $Asp_{Acelerativo(II)}P$, respeitando a RMN, 4) soldagem do núcleo de $As_{pFrustrativo}P$ e de todos os núcleos dominados por tal projeção, a partir dos quais "falou" é alçado ciclicamente até o núcleo de $Asp_{Frustrativo}P$, respeitando, assim, a RMN, 5) soldagem de $T_{Anterior}P$ e de todos os núcleos dominados por tal projeção a partir dos quais "falou" é alçado ciclicamente até o núcleo de $T_{Anterior}P$, respeitando a RMN, 6) extração do sujeito em *Spec*, SubjP, formando [SubjP O João$_{(k)}$ [$T_{Anterior}P$ falou$_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[$Asp_{Acelerativo(II)}P$ [AdvP rapidamente] [$t_{(i)}$]] [...[VP [DP $t_{(k)}$] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]]].

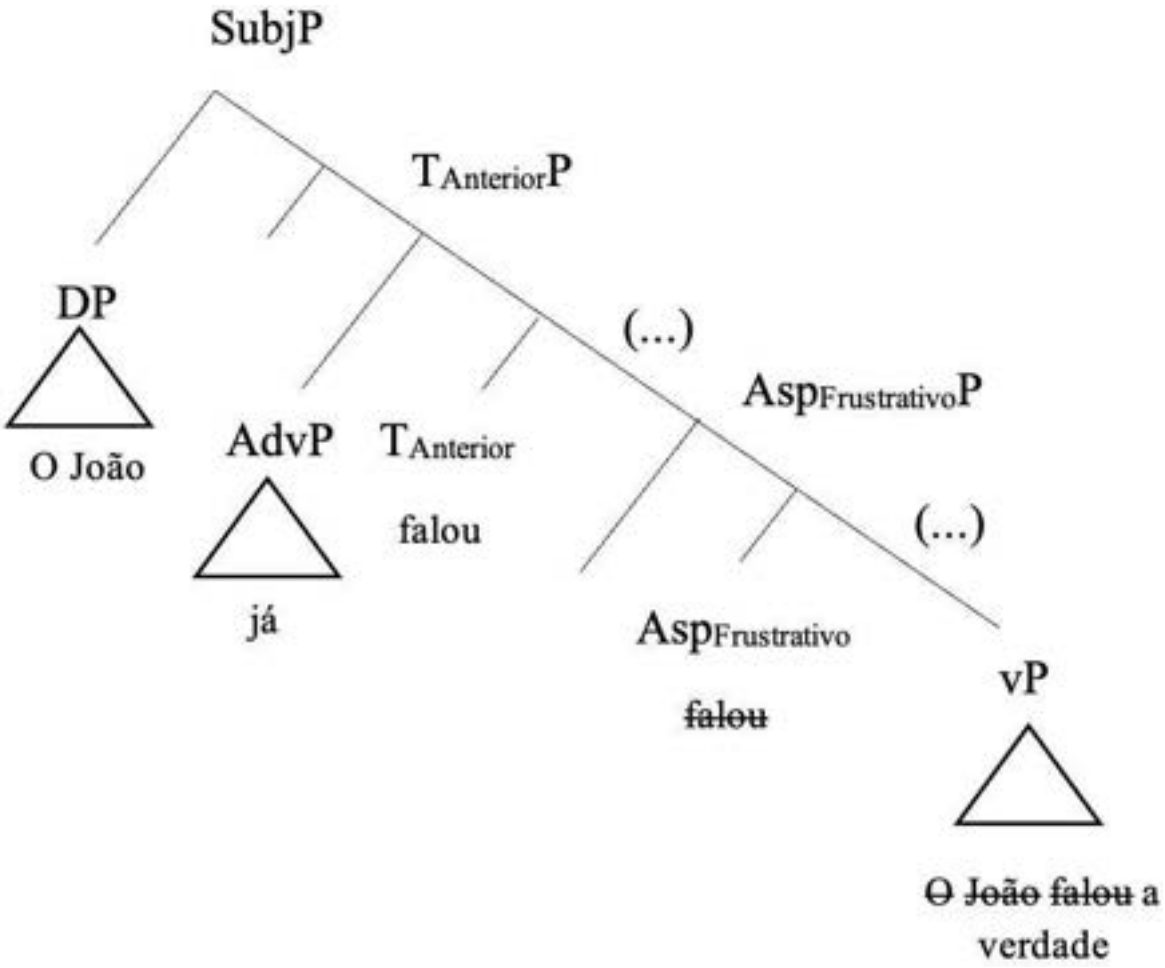


Na linha da argumentação já apresentada, para derivar a leitura de aceleração do processo disponível em "O João falou a verdade rapidamente", evoca-se a proposta de Cinque (2017) e assumem-se os seguintes procedimentos: 1) soldagem das projeções relacionadas a $Asp_{Acelerativo(II)}P$, especificamente $Asp_{Acelerativo(II)(III)}P$ (AdvP rapidamente) > $Asp_{Acelerativo(II)(II)}P$ (*pied-piping* do objeto) > $Asp_{Acelerativo(II)(I)}P$ (pouso do verbo), 2) movimento cíclico do predicador verbal "falou" carregando o objeto "a verdade" (VP "falou a verdade") para a posição de especificador de $Asp_{Acelerativo(II)(II)}P$, 3) soldagem do AdvP "rapidamente" na posição de especificador de $Asp_{Acelerativo(II)(III)}P$, 4) movimento cíclico do VP "falou a verdade" para, no máximo, a posição de *Spec*, $T_{Anterior(II)}P$[202]. A árvore sintática desta derivação pode ser observada abaixo:

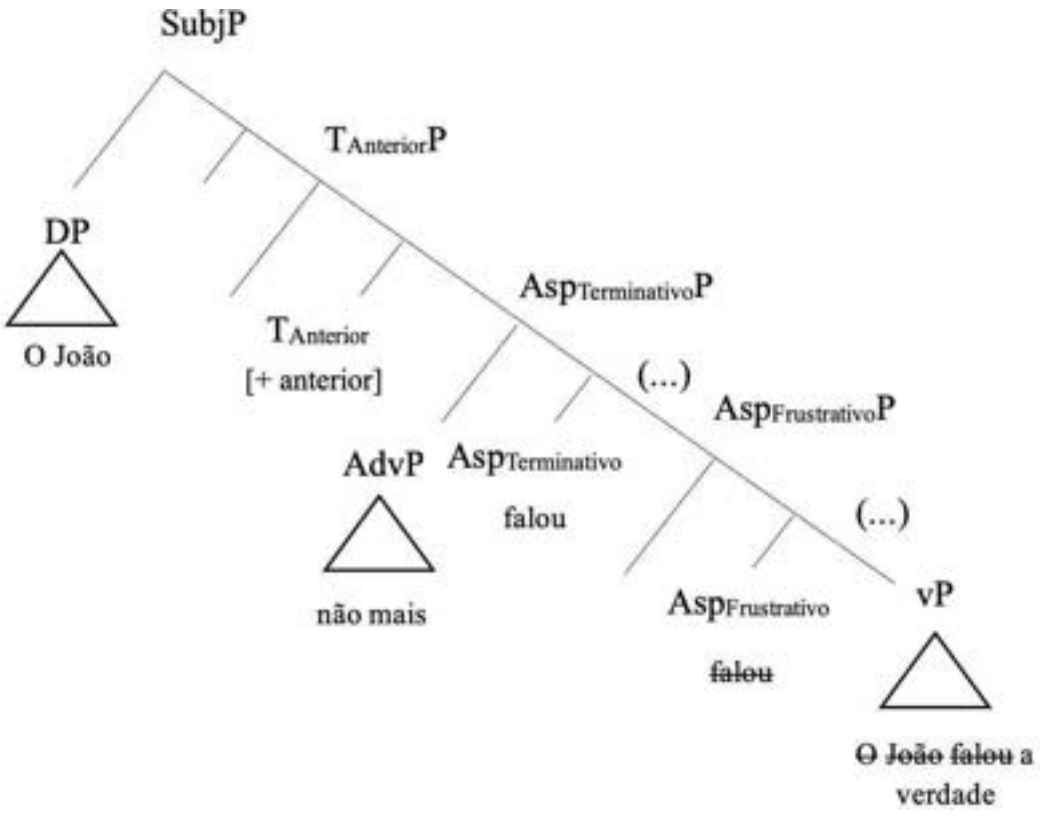
[202] O leitor pode se questionar acerca da motivação para estabelecer $T_{Anterior}P$ também como limite para a zona de movimento sintagmático, que claramente é de natureza distinta ao movimento nuclear, previsto em Tescari Neto (2019). Justifica-se tal entendimento pelo fato de que, em PB, é agramatical a posposição do AdvP "já" em relação ao VP sem proeminência acentual ou curva entoacional. Neste contexto, é agramatical uma linearização em *flat intonation* como "*João falou a verdade já", sem proeminência acentual em "já". Por esse motivo, assume-se que o complexo "falou a verdade" não pode se mover para uma projeção acima de $T_{Anterior}P$.



Concernente à leitura de anterioridade, ou de "priorização temporal", veiculada pelo AdvP "já" em posição pré-verbal, em "O João já falou a verdade", consideram-se os seguintes passos derivacionais: 1) alçamento de "falou" de V para o núcleo da projeção $Asp_{Frustrativo}P$, a fronteira de movimento obrigatório do verbo em PB (cf. Tescari Neto, 2019), respeitando a RMN, formando [$Asp_{Frustrativo}P$ $falou_{(i)}$ [...[VP [DP João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]], 2) alçamento de "falou" de $Asp_{Frustrativo}$ ao núcleo de $T_{Anterior}P$, fronteira de movimento opcional do verbo em PB, respeitando a RMN, formando [$T_{Anterior}P$ $falou_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP o João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]], 3) soldagem do AdvP "já" em posição de especificador de $T_{Anterior}P$, 4) extração do sujeito em Spec, SubjP. A árvore pode ser observada abaixo.

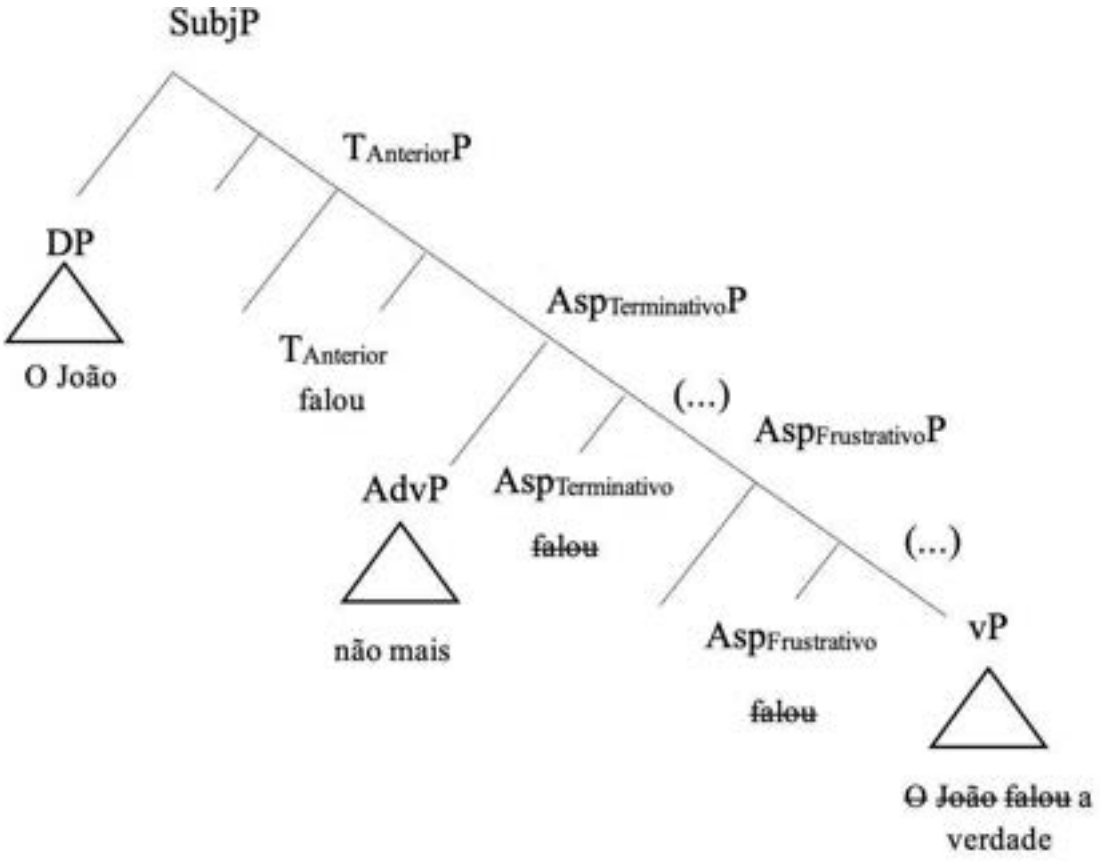


Sobre a leitura de terminação, veiculada por “não mais”, em “O João não mais falou a verdade”, convém apontar a seguinte proposta derivacional: 1) alçamento de “falou” de V para o núcleo da projeção Asp$_{Frustrativo}$P, a fronteira de movimento obrigatório do verbo em PB (cf. Tescari Neto, 2019), respeitando a RMN, formando [Asp$_{Frustrativo}$P falou$_{(i)}$ [...[VP [DP João] t$_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]], 2) alçamento de “falou” de Asp$_{Frustrativo}$ ao núcleo de Asp$_{Terminativo}$P, respeitando a RMN, formando [Asp$_{Terminativo}$P falou$_{(i)}$ [... [Asp$_{Frustrativo}$P t$_{(i)}$ [...[VP [DP o João] t$_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]], 3) extração do sujeito em Spec, SubjP. Veja a representação arbórea de tal derivação abaixo:

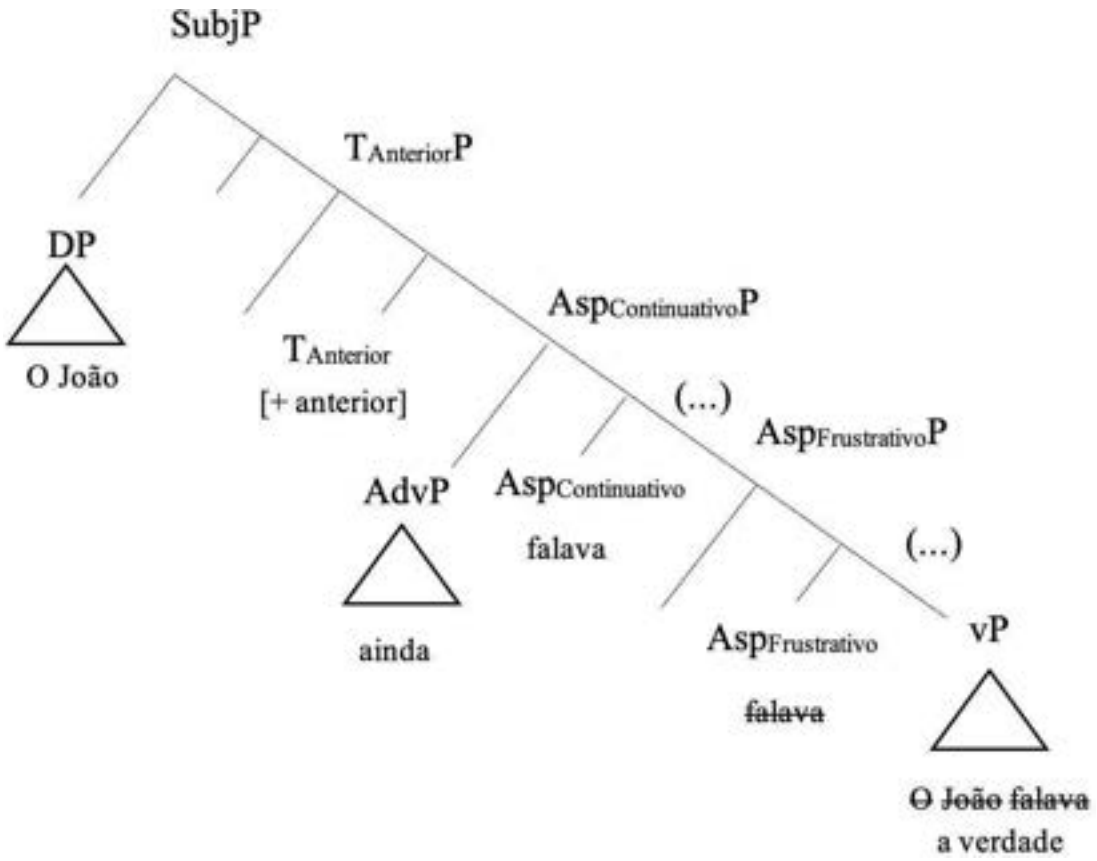


Em relação à leitura de terminação, veiculada por "não mais" em posição pós-verbal, especificamente "O João falou não mais a verdade", assume-se que, para além dos procedimentos detalhados no parágrafo anterior, haja movimento de "falou" do núcleo de $Asp_{Terminativo}P$ para o núcleo de $T_{Anterior}P$, formando a seguinte derivação [$T_{Anterior}P$ $falou_{(i)}$ [$Asp_{Terminativo}P$ $t_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP o João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]]. Posteriormente, haveria, assim, extração do sujeito em em *Spec*, SubjP[203].

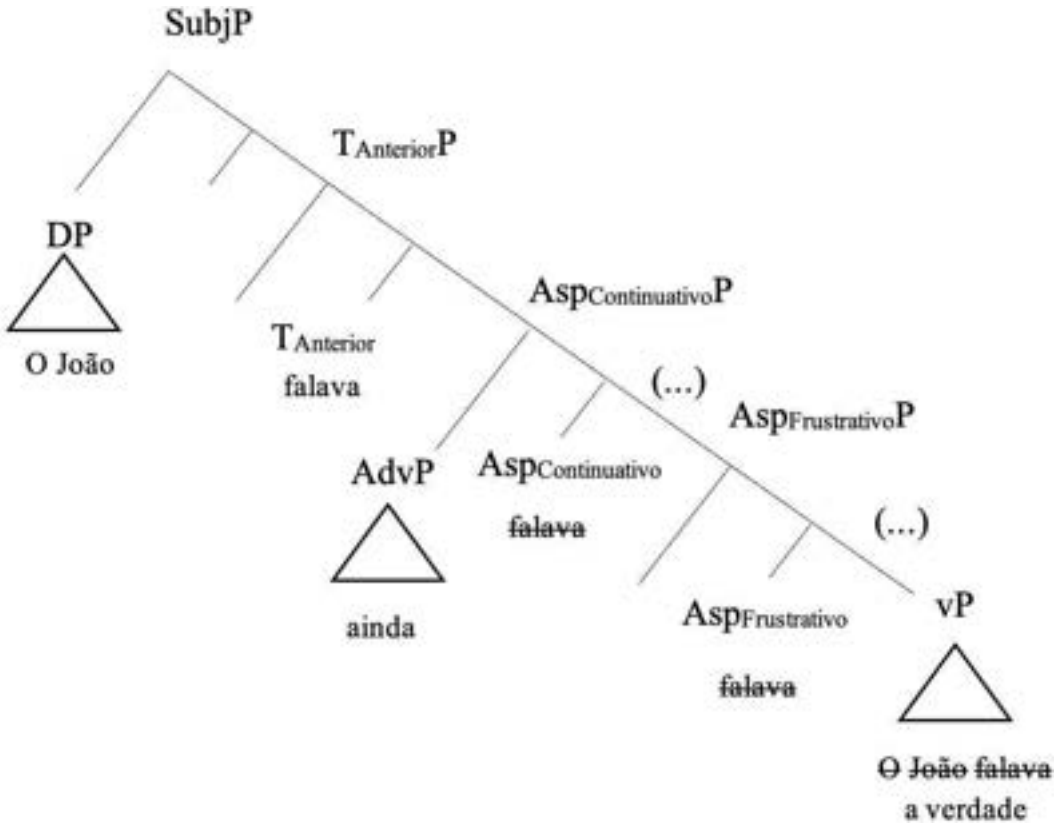
[203] O leitor poderia questionar a razão de não se contemplarem, neste parágrafo, ocorrências como "O João não falou mais a verdade", em que o AdvP, aparentemente, está disjunto. Emprega-se o termo "aparentemente" em virtude do caráter plenamente estipulativo dessa observação. Na verdade, parece ser o caso de que a partícula de negação "não", neste exemplo, satisfaça seu critério com o verbo, não propriamente com o AdvP "mais". Em outras palavras, não se advoga pela disjunção adverbial neste caso, mas pelo entendimento de que "(não) mais" seja um AdvP próprio especificador de AspTerminativoP. Sendo assim, assume-se que, em Spec, AspTerminativoP, possam ser inseridos AdvPs como "(não) mais", que não se confundem com a partícula de negação "não". Não se intenciona, entretanto, comprometer-se com tal análise.



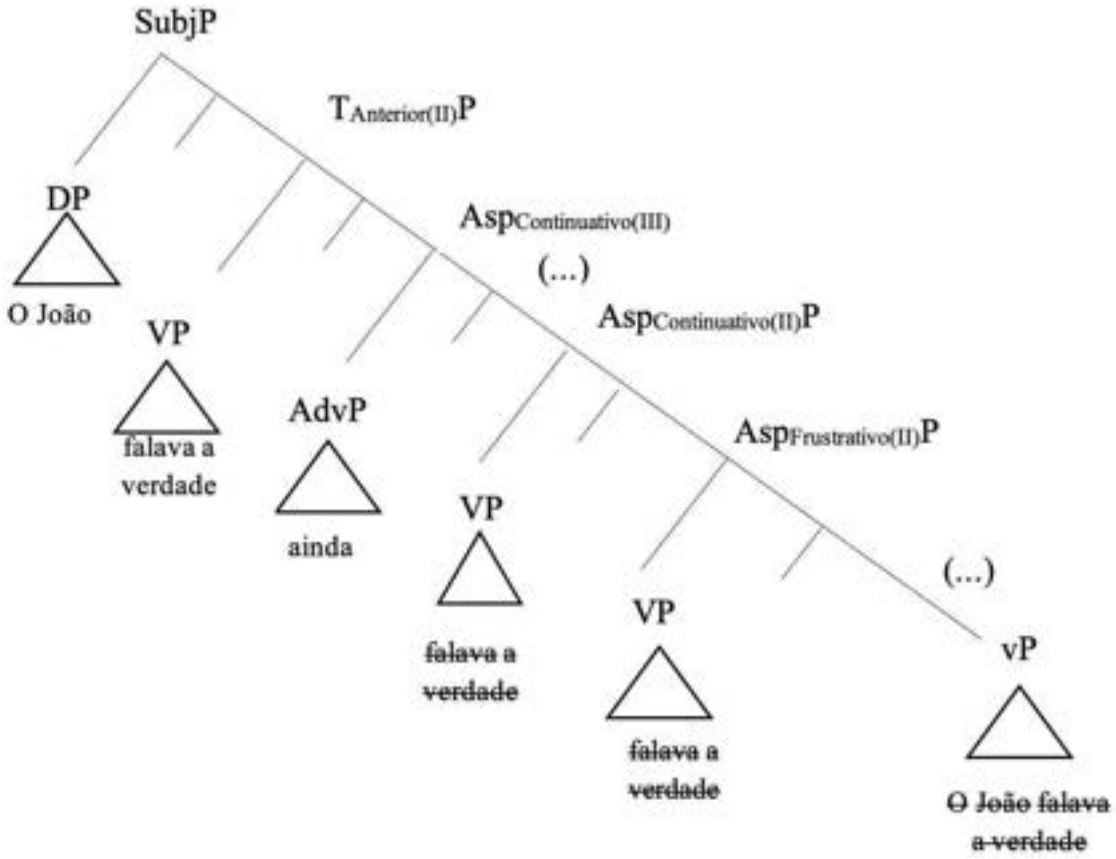
Em se tratando da leitura de continuatividade, veiculada por “ainda”, em “O João ainda falava a verdade”, são considerados os seguintes passos derivacionais: 1) alçamento de “falava” de V para o núcleo da projeção $Asp_{Frustrativo}P$, a fronteira de movimento obrigatório do verbo em PB (cf. Tescari Neto, 2019), respeitando a RMN, formando [$Asp_{Frustrativo}P$ $falou_{(i)}$ [...[VP [DP João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]], 2) alçamento de “falava” de $Asp_{Frustrativo}$ ao núcleo de $Asp_{Continuativo}P$, respeitando a RMN, formando [$Asp_{Continuativo}P$ $falava_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP o João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]], 3) soldagem do AdvP “ainda” em posição de especificador de $Asp_{Continuativo}P$, 4) extração do sujeito em *Spec*, SubjP. A árvore pode ser observada abaixo.



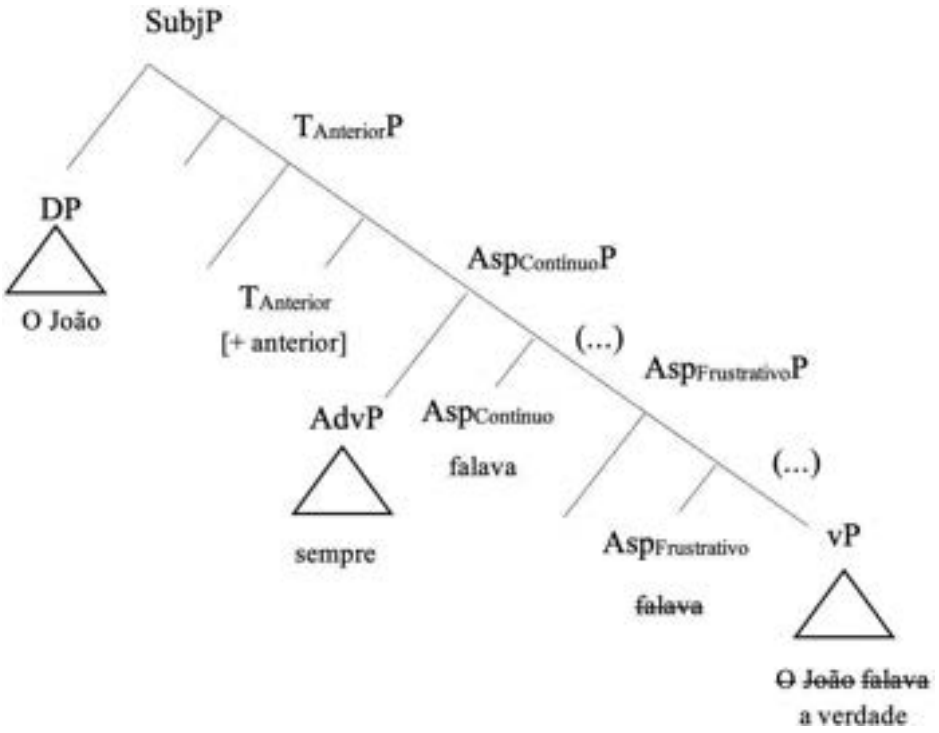
Em relação à leitura de continuatividade, veiculada por "ainda", em "O João falava ainda a verdade", considera-se que, para além dos passos detalhados no parágrafo anterior, haja alçamento de "falava" de $Asp_{Continuativo}P$ até o núcleo de $T_{Anterior}P$, formando a seguinte cadeia: [$T_{Anterior}P$ $falava_{(i)}$ [$Asp_{Continuativo}P$ $t_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP o João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]]. Posteriormente a esta operação, haveria, assim, extração do sujeito "o João", em *Spec*, SubjP.



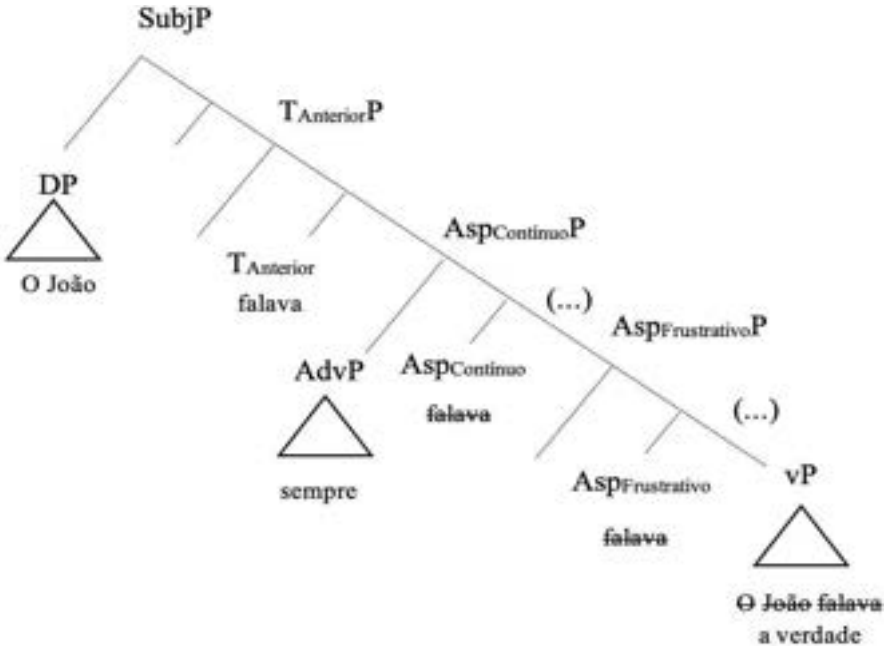
Sobre a derivação da leitura de continuatividade em "O João falava a verdade ainda", no espírito da argumentação apontada anteriormente, evocam-se três projeções (cf. Cinque, 2017) relacionadas a Asp$_{Continuativo}$P, especificamente Asp$_{Continuativo(III)}$P (AdvP "ainda") > Asp$_{Continuativo(II)}$P (*pied-piping* do objeto) > Asp$_{Continuativo(I)}$P (pouso do verbo). Entende-se que o complexo verbal "falava a verdade" se moveria ciclicamente por todas as projeções baixas do *Middlefield*, estendendo-se seu movimento até T$_{Anterior(II)}$P, fronteira do movimento do verbo em PB e, neste trabalho, assumida como fronteira do movimento sintagmático do PB. Dessa forma, "ainda" seria linearizado em posição de margem direita. Veja a árvore abaixo.



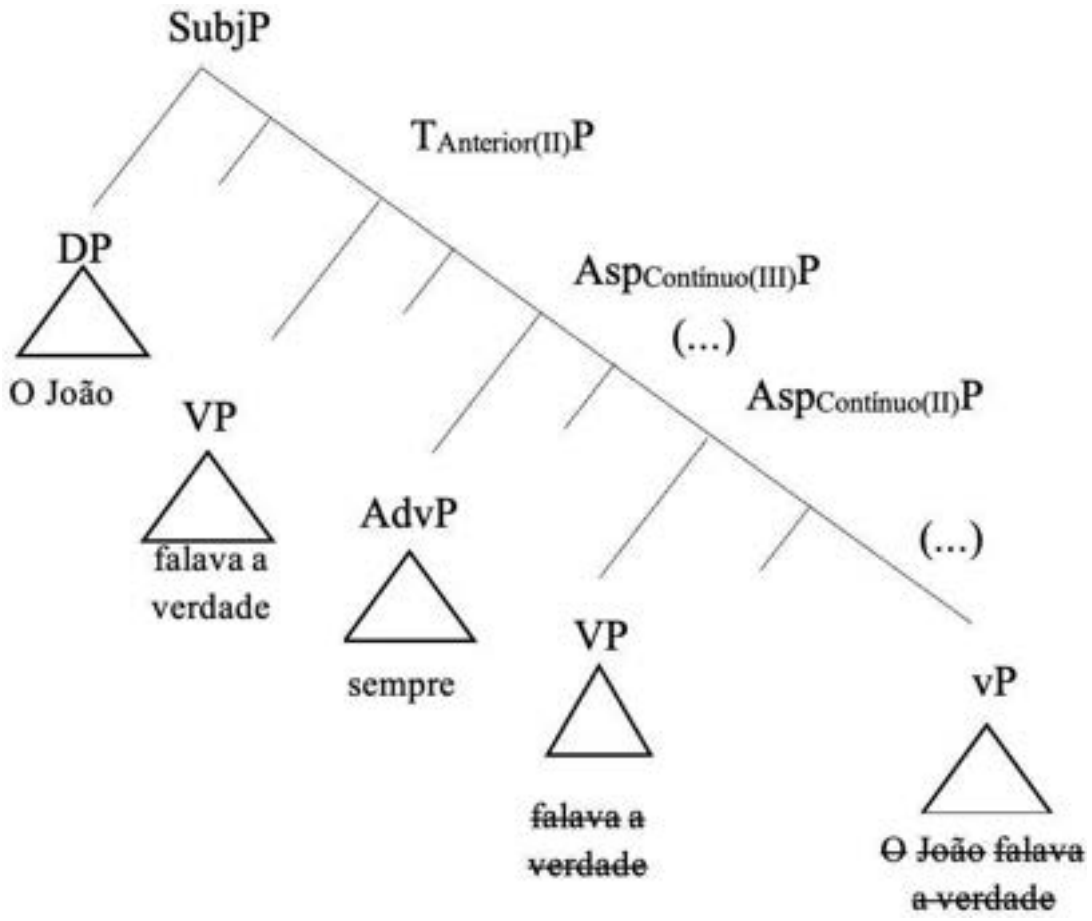
Finalmente, sobre a leitura de contínuo, veiculada por “sempre”, em “O João sempre falava a verdade”, assumem-se os seguintes passos: 1) alçamento de “falava” de V para o núcleo da projeção $Asp_{Frustrativo}P$, a fronteira de movimento obrigatório do verbo em PB (cf. Tescari Neto, 2019), respeitando a RMN, formando [$Asp_{Frustrativo}P$ $falava_{(i)}$ [...[VP [DP João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]], 2) alçamento de “falava” de $Asp_{Frustrativo}$ ao núcleo de $Asp_{Contínuo}P$, respeitando a RMN, formando [$Asp_{Contínuo}P$ $falava_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP o João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]], 3) soldagem do AdvP “sempre” em posição de especificador de $Asp_{Continuativo}P$, 4) extração do sujeito em Spec, SubjP. A árvore pode ser observada abaixo.



No que tange à leitura contínua em "O João falava sempre a verdade", para além dos passos apresentados, haveria movimento de "falava" para, no máximo, o núcleo de $T_{Anterior}P$, formando a seguinte cadeia: [$T_{Anterior}P$ falava$_{(i)}$ [$Asp_{Contínuo}P$ [sempre] $t_{(i)}$ [... [$Asp_{Frustrativo}P$ $t_{(i)}$ [...[VP [DP o João] $t_{(i)}$ [vP [DP a verdade]]]]]]]. Em seguida, haveria, assim, extração do sujeito "o João" em *Spec*, SubjP.

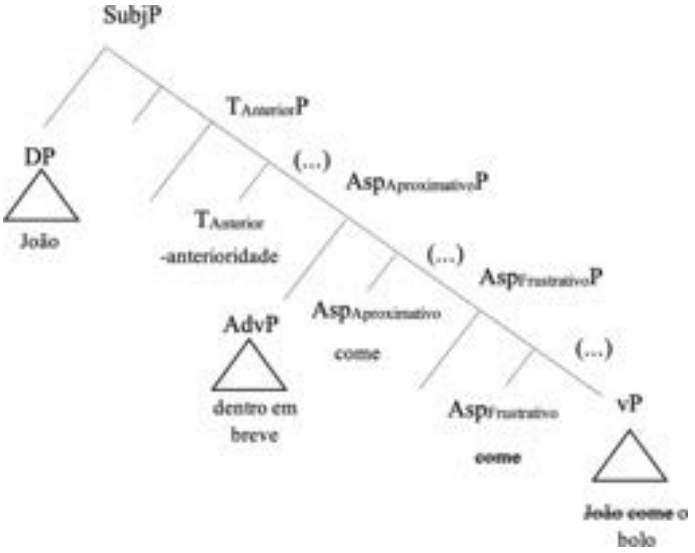


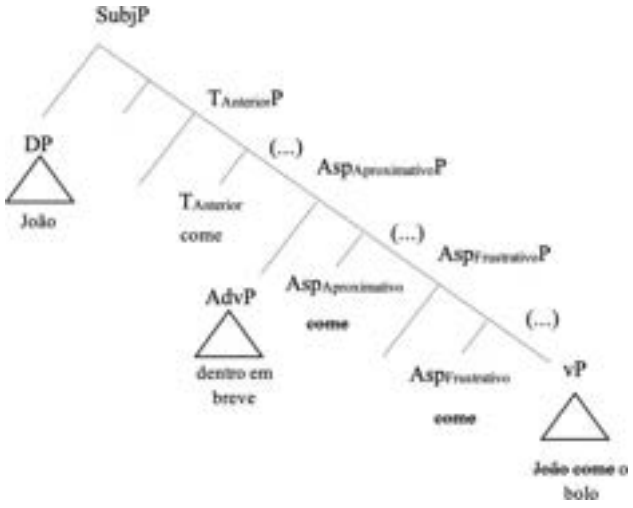
Sobre a leitura contínua possível na sentença “O João falava a verdade sempre”, na qual o AdvP “sempre” ocupa a posição de margem direita, são evocadas três projeções relacionadas a $Asp_{Contínuo}P$, especificamente: $Asp_{Contínuo(III)}P$ (AdvP “sempre”) > $Asp_{Contínuo(II)}P$ (*pied-piping* do objeto) > $Asp_{Contínuo(I)}P$ (pouso do verbo). Argumenta-se que o complexo verbal “falava a verdade” se move pelas projeções mediais relacionadas às projeções baixas do *Middlefield*, estendendo-se seu movimento para *Spec*, $Asp_{Continuativo(II)}P$. Como o AdvP “sempre” é soldado em *Spec*, $Asp_{Contínuo(III)}P$, para linearizar a frase sob escrutínio, há movimento de “falava a verdade” até, pelo menos, a projeção $T_{Anterior(II)}P$. Veja a seguinte árvore.

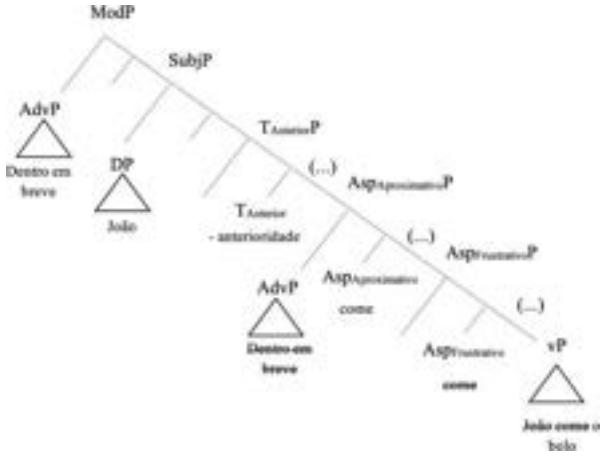


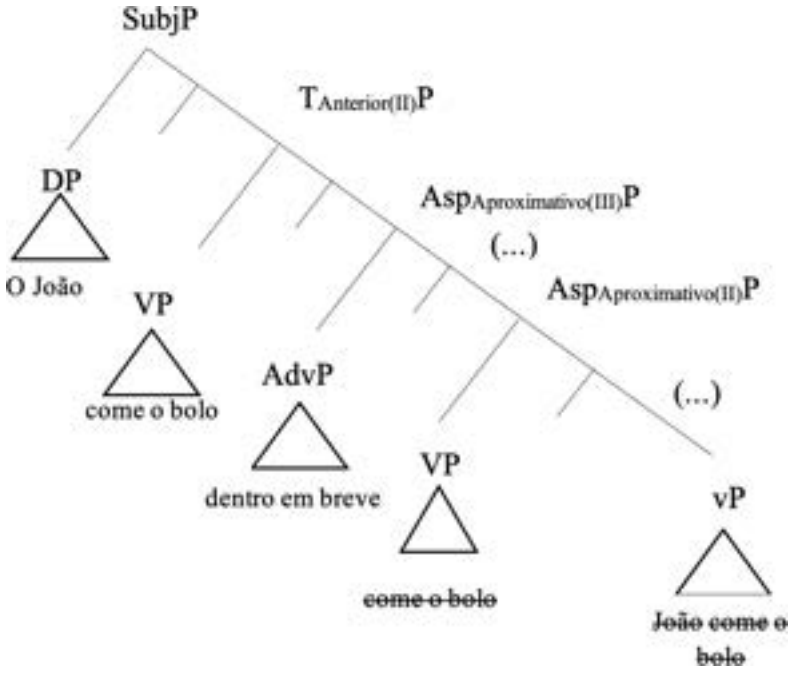
APÊNDICE C - DERIVAÇÃO DAS LEITURAS DE ADVÉRBIOS BAIXOS EM PB

Em relação à derivação da leitura aproximativa de “Dentro em breve”, esta seria um produto da soldagem deste AdvP em posição de especificador de $Asp_{Aproximativo}P$. Nesse sentido, quando este AdvP figura em posição pré-verbal, o verbo se move, no máximo, até o núcleo da referida projeção. Quando este AdvP figura em posição pós-verbal, o verbo se move pelo núcleo de $Asp_{Aproximativo}P$ até, no máximo, $T_{Anterior}P$. Quando o referido AdvP figura em posição de margem esquerda, há alçamento deste à posição de especificador de ModP. Finalmente, quando tal AdvP se lineariza em posição de margem direita, há movimento sintagmático do complexo “verbo+objeto” até, no máximo, $T_{Anterior(II)}P$. Para fins de padronização, representam-se as derivações de cada contexto abaixo:





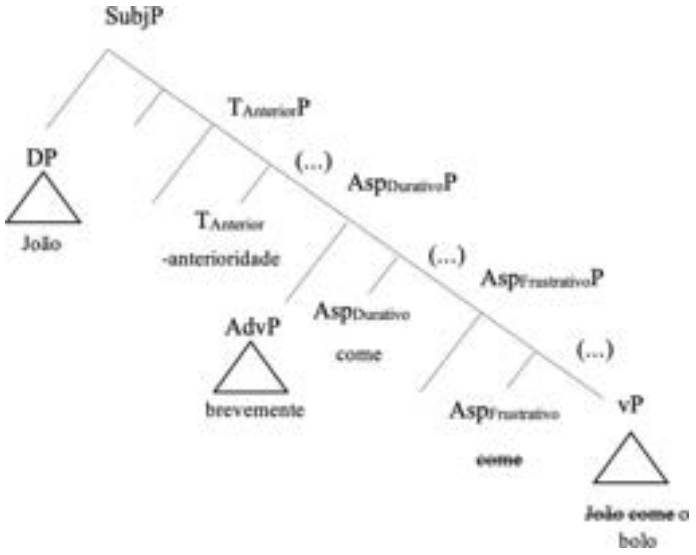


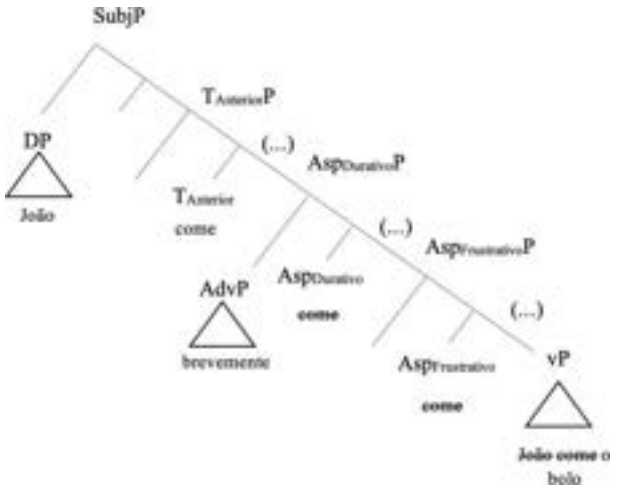


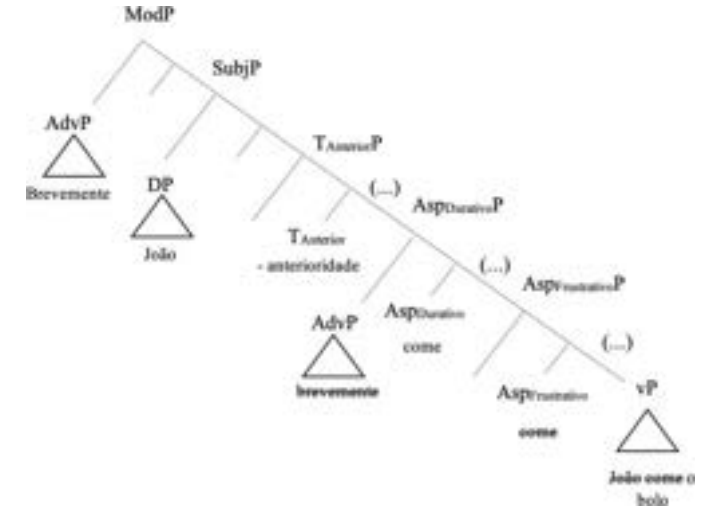
No que diz respeito à leitura durativa de "brevemente", defende-se que esta seria um produto da soldagem deste AdvP em posição de especificador de $Asp_{Durativo}P$. Novamente, quando "brevemente" figura em posição pré-verbal, há movimento do verbo até, no máximo, o núcleo $Asp_{Durativo}P$[204] (cf. figura 59). Quando "brevemente" figura em posição pós-verbal, há movimento do verbo pelo núcleo de $Asp_{Durativo}P$ até no máximo $T_{Anterior}P$[205] (cf. figura 60).

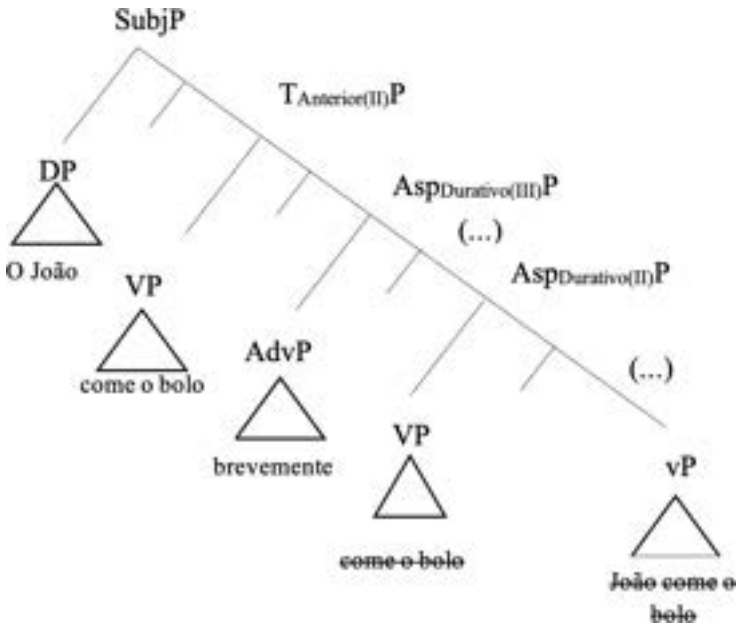
[204] Para ser mais preciso, no mínimo até $Asp_{Frustrativo}P$ e, no máximo, até $Asp_{Durativo}P$ para dar conta desta derivação.
[205] Novamente, não se exclui a possibilidade de o verbo se mover até o primeiro núcleo que domina $Asp_{Durativo}P$.

Quando “brevemente” figura em posição de margem esquerda, há alçamento do AdvP até a periferia esquerda, para *Spec*, ModP, em virtude do quadro de modificação a ser checado criterialmente (cf. figura 61). Quando “brevemente” figura em posição de margem direita, há movimento do VP até, no máximo, a projeção medial relacionada $T_{Anterior}P$ (cf. figura 62). Perceba, então, que, ao se assumir a conjectura sugerida por Cinque (2005) sobre a tipologia de movimentos disponíveis na GU, parece ser o caso de, no PB, haver a atuação dos parâmetros de movimento simples e movimento com *pied-piping*. Abaixo são representadas essas derivações:

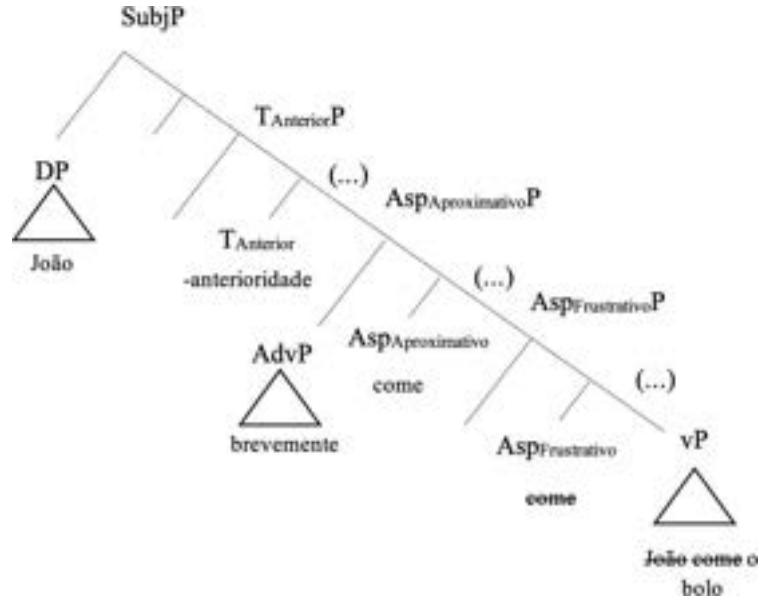


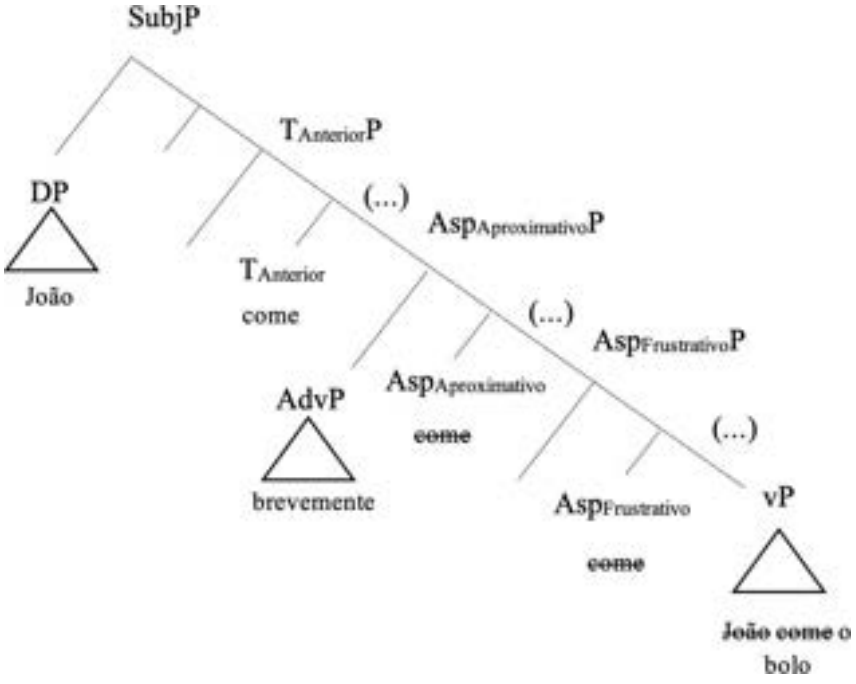


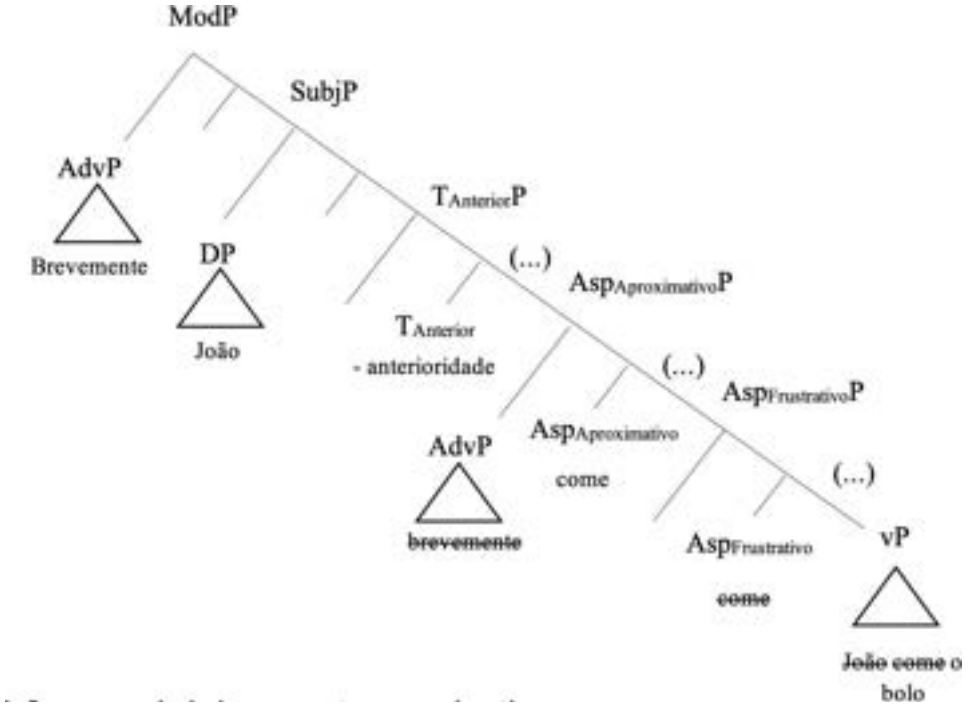


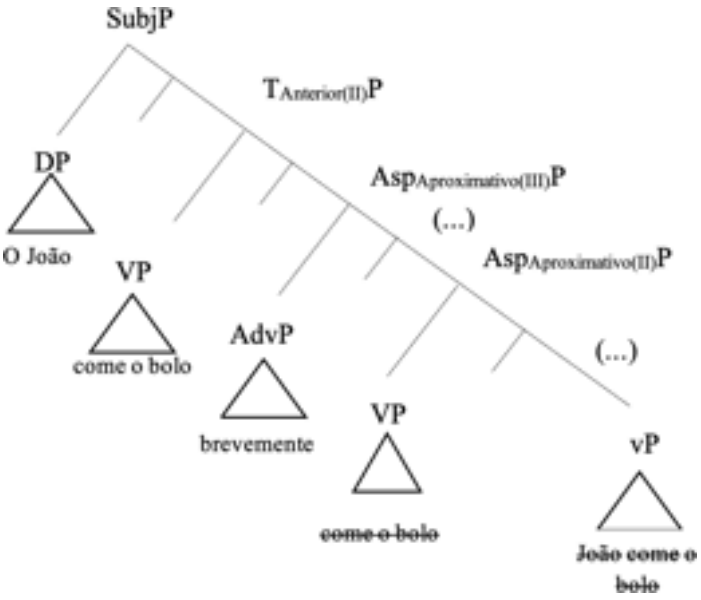


No que diz respeito à leitura aproximativa de “brevemente”, aponta-se que esta é uma consequência da soldagem deste AdvP em posição de especificador de $Asp_{Aproximativo}P$. No espírito das derivações anteriores, referentes à leitura aproximativa com outros AdvPs, conjectura-se a existência dos seguinte processos derivacionais:


SubjP
DP
João
TAnteriorP
(…)
AspAproximativoP
TAnterior
-anterioridade
(…)
AspFrustrativoP
AspAproximativo
come
AdvP
brevemente
(…)
AspFrustrativo
come
vP
João come o
bolo

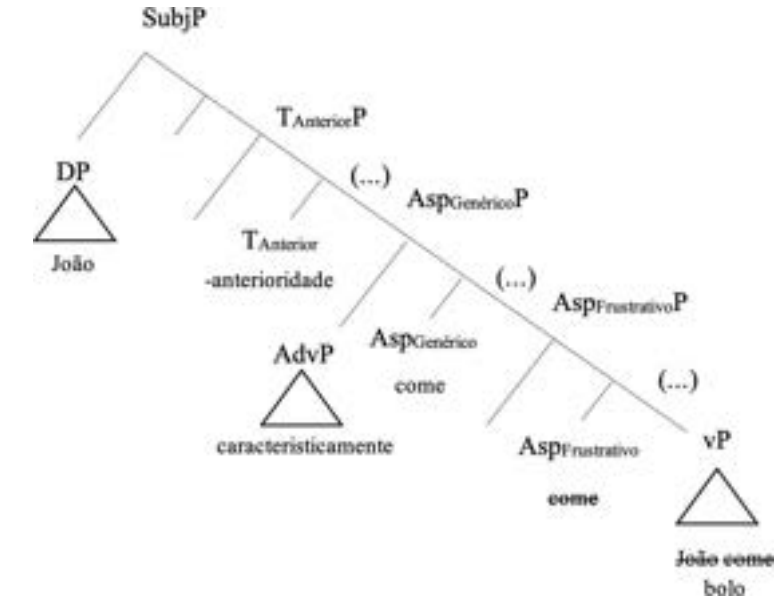

SubjP
DP
João
TAnteriorP
(…)
AspAproximativoP
TAnterior
come
(…)
AspFrustrativoP
AspAproximativo
come
AdvP
brevemente
(…)
AspFrustrativo
come
vP
João come o
bolo

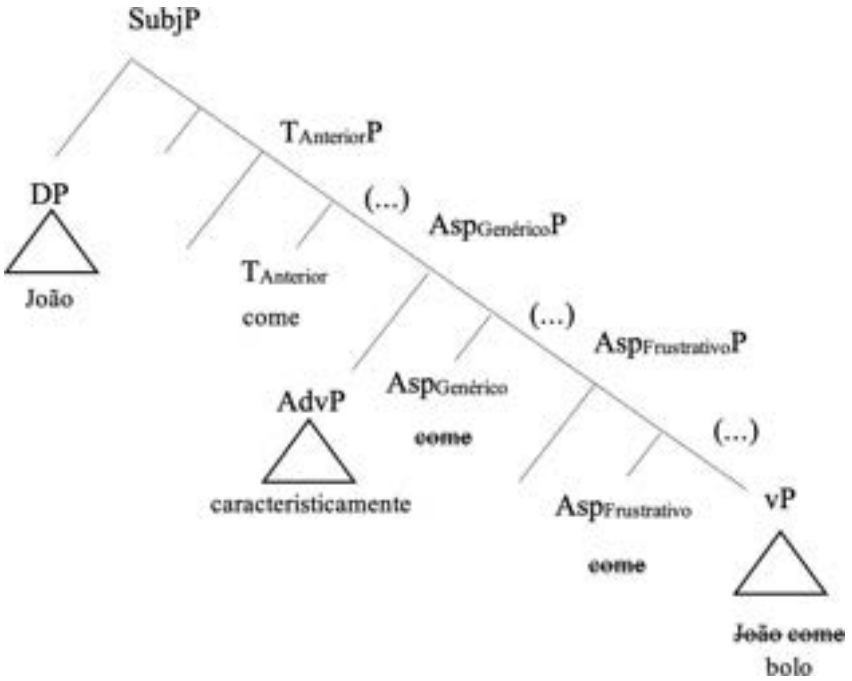


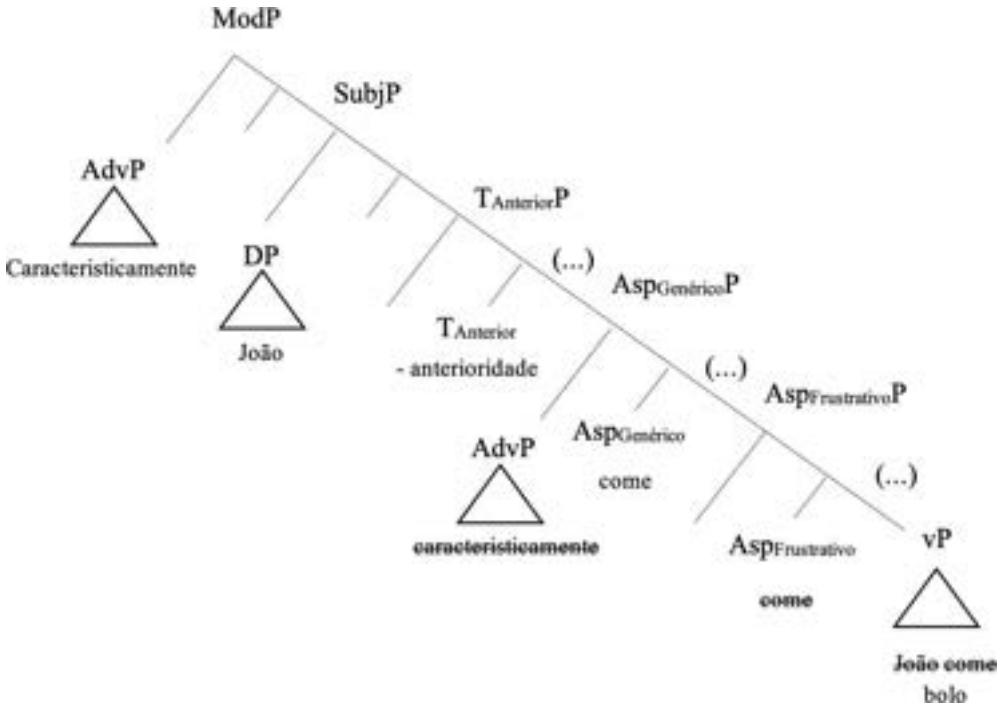


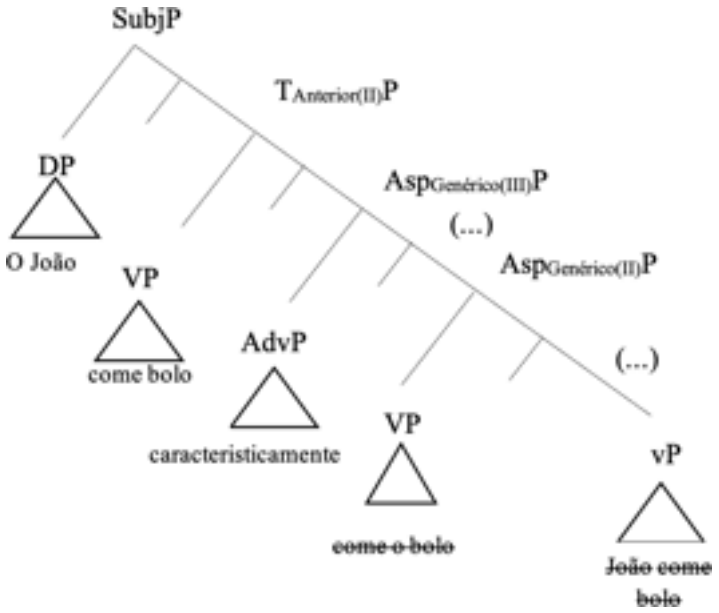
Em relação à leitura genérica de "caracteristicamente", argumenta-se que esta é um produto da soldagem do referido AdvP em posição de especificador de $Asp_{Genérico/Progressivo}P$. Nesse sentido, ao figurar tal AdvP em posição pré-verbal, o verbo se move até, no máximo, o núcleo de $Asp_{Genérico/Progressivo}P$. Ao figurar tal AdvP em posição pós-verbal, o verbo se move pelo núcleo de $Asp_{Genérico/Progressivo}P$ até, no máximo, o núcleo de $T_{Anterior}P$. Ao figurar tal AdvP

em posição de margem esquerda, há alçamento deste até a posição de especificador de ModP. Finalmente, ao figurar tal AdvP em posição de margem direita, há movimento sintagmático do complexo “verbo + objeto” até, no máximo, a projeção medial relacionada a $T_{Anterior}P$.



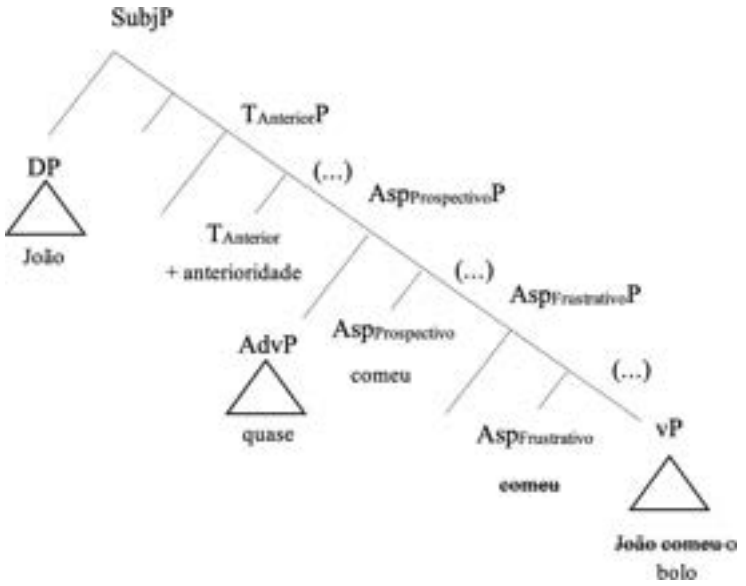


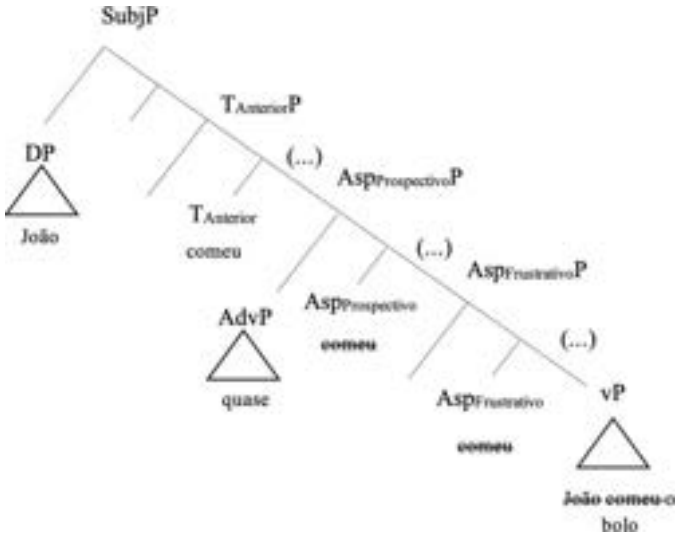




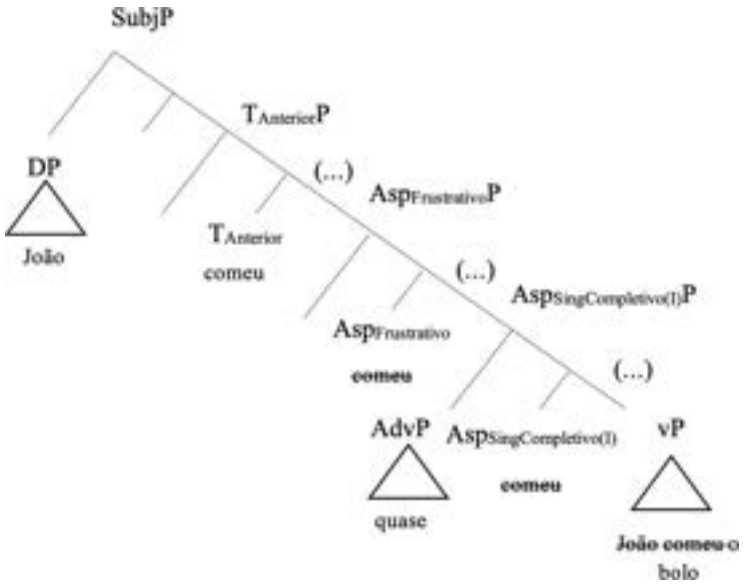
No que concerne à leitura de prospecção de "quase", assume-se que esta seja um produto da soldagem do referido AdvP em posição de especificador de $Asp_{Prospectivo}P$. À vista disso, quando este AdvP figura em posição pré-verbal, o verbo se move até, no máximo, o núcleo de

$Asp_{Prospectivo}P$. Quando este AdvP figura em posição pós-verbal, o verbo se move pelo núcleo de $Asp_{Prospectivo}P$ até, no máximo, o núcleo de $T_{Anterior}P$. Há, assim, tais derivações:

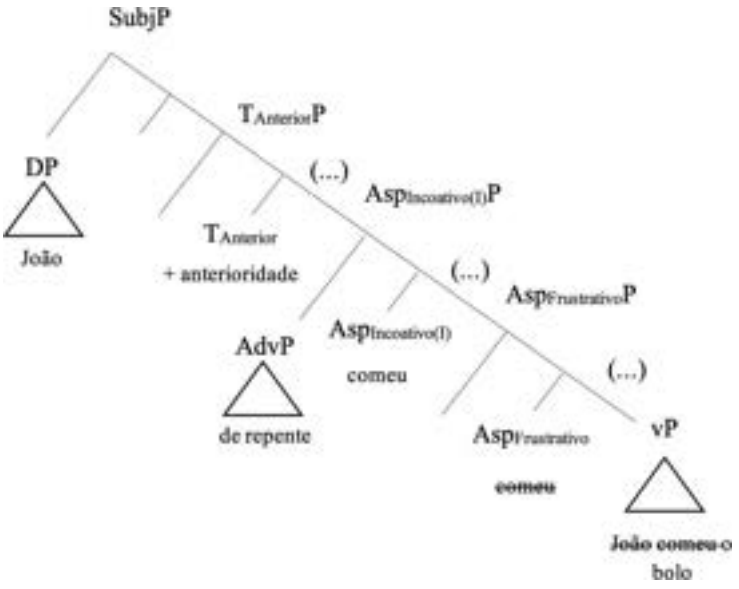


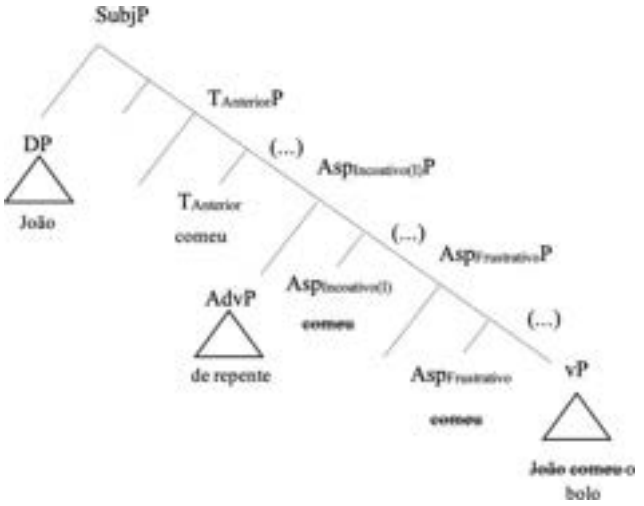


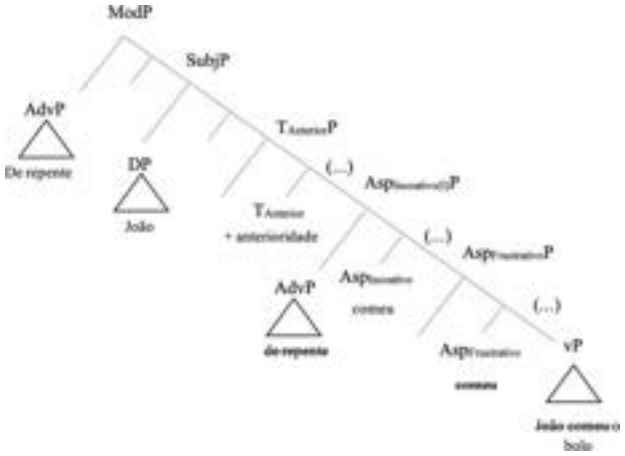
Em relação à leitura completiva de "quase" em posição pós-verbal, assume-se que esta seja um produto da soldagem de "quase" em $Asp_{SingCompletivo(I)}P$. Por ser uma projeção dominada pela fronteira de movimento obrigatório do verbo no PB, essa leitura completiva só ocorre quando "quase" figura em posição pós-verbal. Propõe-se, assim, a seguinte derivação:

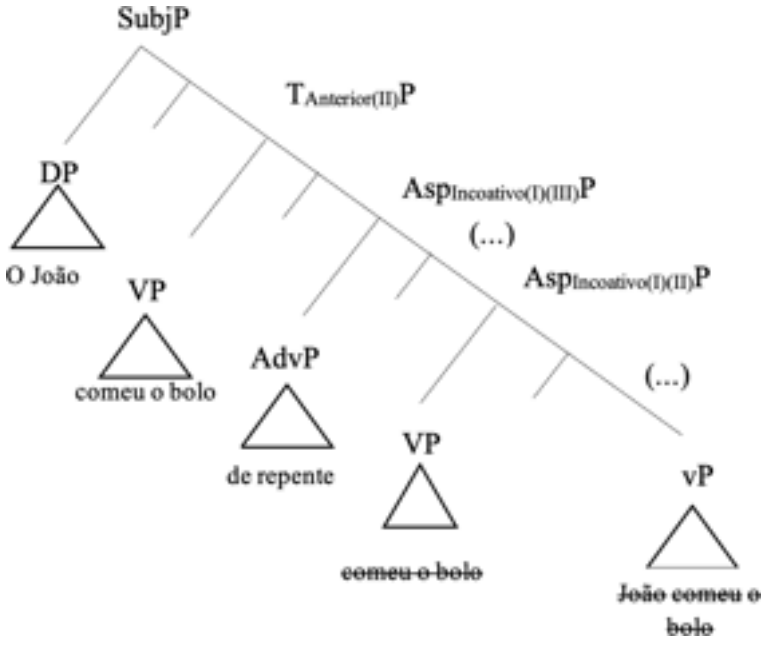


Para derivar a leitura incoativa de “de repente”, há a soldagem de tal sintagma na posição de especificador de $Asp_{Incoativo(I)}P$. Quando esse sintagma se lineariza em posição pré-verbal, assume-se que o movimento do verbo ocorra até, no máximo, o núcleo da referida posição. Quando este se lineariza em posição pós-verbal, entende-se que o movimento do verbo se estendeu pelo núcleo de $Asp_{Incoativo(I)}P$ até o primeiro núcleo que domina tal projeção ou até, no máximo, $T_{Anterior}P$. Quando tal sintagma se lineariza em posição de margem esquerda, assume-se haver alçamento deste para a posição de especificador de ModP, em virtude de “de repente” ser especificado para um traço de modificação discursiva a ser checado criterialmente. Finalmente, quando tal sintagma se linearizar em posição de margem direita, entende-se que houve movimento sintagmático cíclico do complexo “verbo + objeto” até, no máximo, a projeção medial de $T_{Anterior}P$. Dessa forma, adotam-se as derivações:


SubjP
T Anterior P
DP
João
(...)
Asp Incoativo(I) P
T Anterior
+ anterioridade
(...)
Asp Frustrativo P
AdvP
de repente
Asp Incoativo(I)
comeu
(...)
Asp Frustrativo
comeu
vP
João comeu o bolo

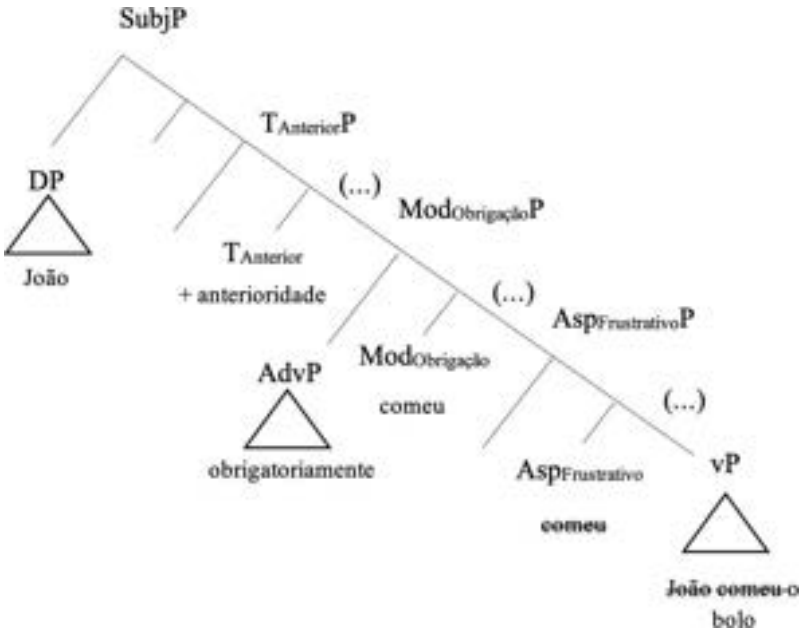

SubjP
T Anterior P
DP
João
(...)
Asp Incoativo(I) P
T Anterior
comeu
(...)
Asp Frustrativo P
AdvP
de repente
Asp Incoativo(I)
comeu
(...)
Asp Frustrativo
comeu
vP
João comeu o bolo

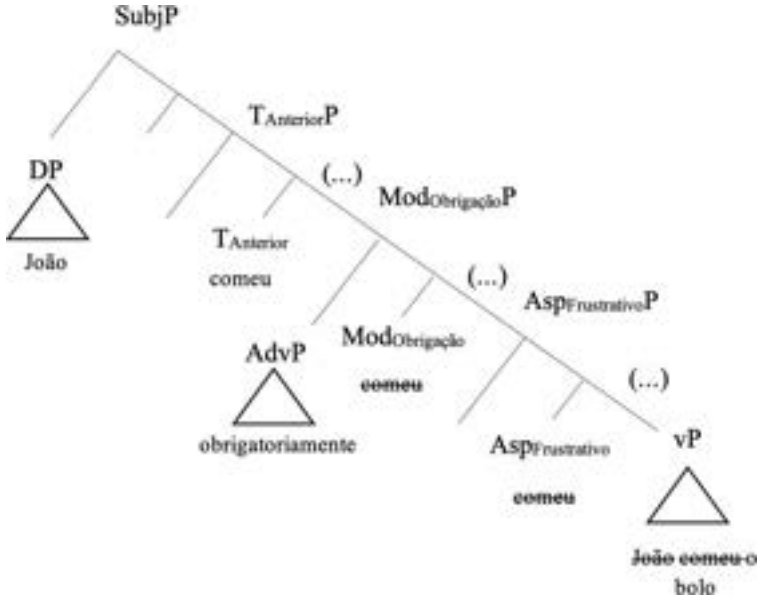


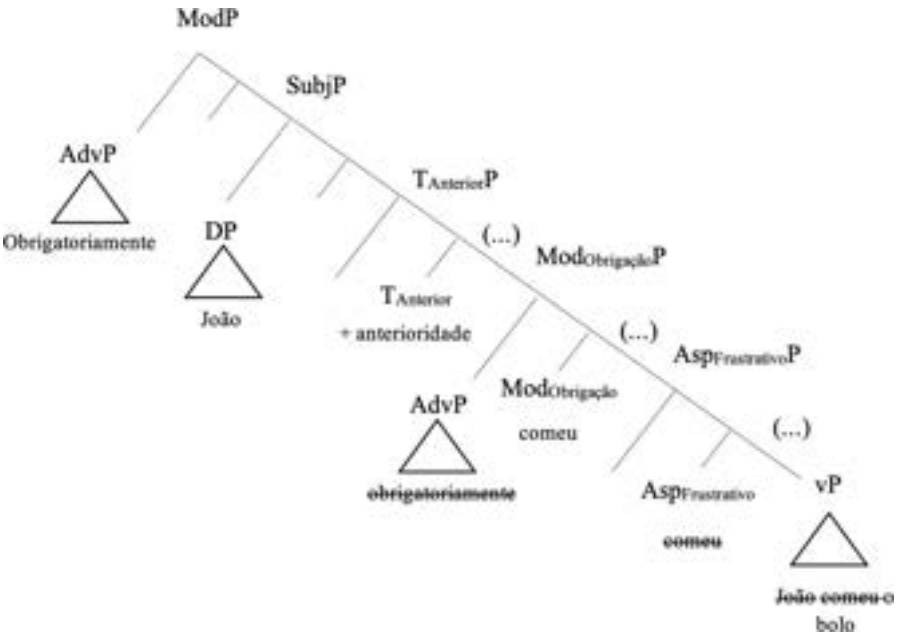


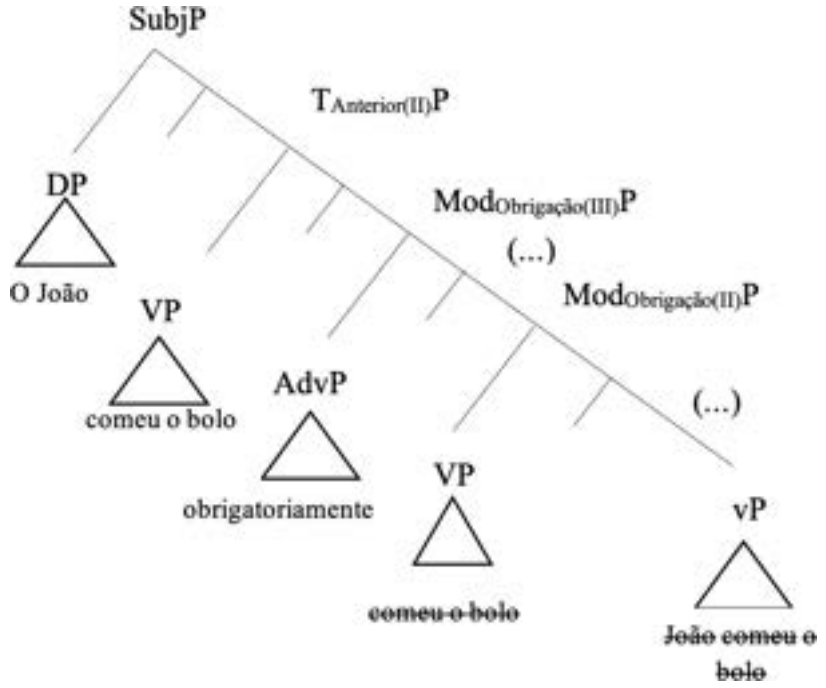
No que concerne à derivação da leitura de obrigação de “obrigatoriamente”, argumenta-se que esta seja uma consequência direta da soldagem deste AdvP em posição de especificador de $Mod_{Obrigação}P$. No espírito da argumentação desenvolvida, propõe-se que, quando tal AdvP figura em posição pré-verbal, o movimento do verbo se estende até $Mod_{Obrigação}P$. Ao figurar em posição pós-verbal, o movimento se estende pelo referido núcleo até, no máximo, o núcleo de $T_{Anterior}P$. Em posição de margem esquerda, há o alçamento do AdvP até a periferia esquerda. Em posição de margem direita, há a atuação de movimento do complexo “verbo + objeto” até,

no máximo, a projeção medial relacionada a $T_{Anterior}P$. Observam-se, assim, as seguintes derivações:



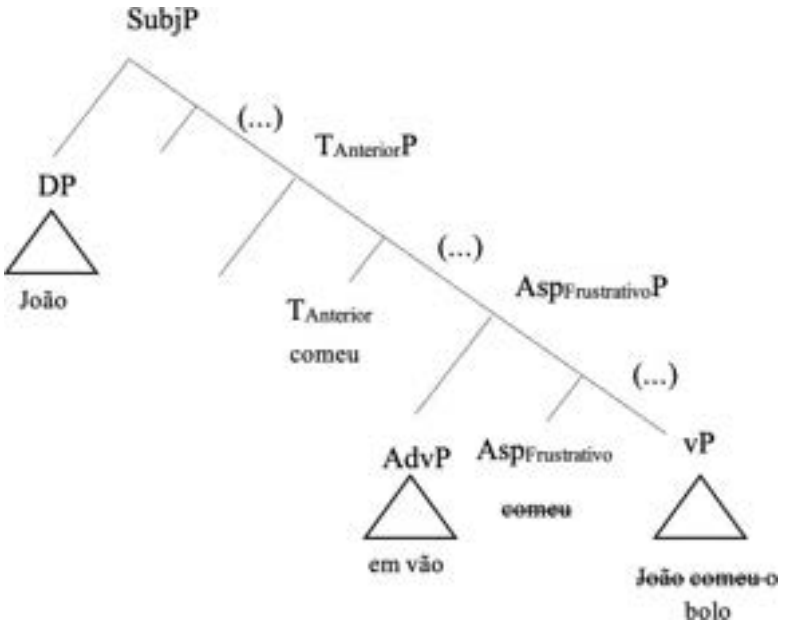


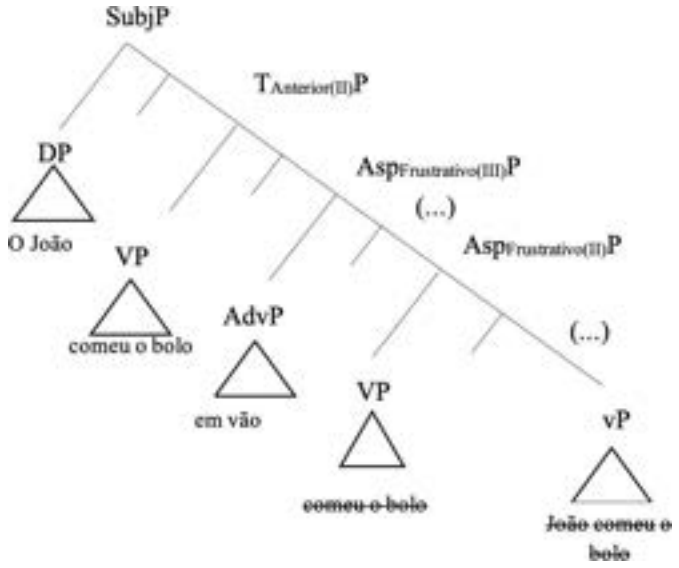




Em relação à leitura frustrativa de “em vão”, observa-se que o verbo se move por sobre “em vão”, figurando à esquerda de tal sintagma no PB. Dessa forma, quando figura em posição pós-verbal, o movimento do verbo se estende até $Mod_{Obrigação}P$, figurando à esquerda do AdvP “em vão” (cf. Tescari Neto, 2019). Por razões didáticas, optou-se em representar este

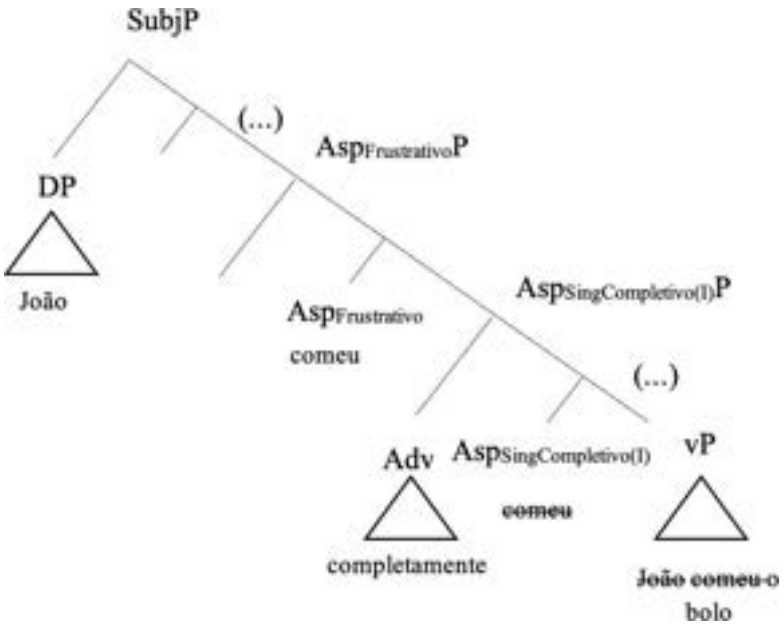
movimento até, no máximo, $T_{Anterior}P$. Quando figura em posição de margem direita, assume-se haver movimento sintagmático, no espírito da argumentação apresentada. Dessa, forma, há as seguintes derivações:

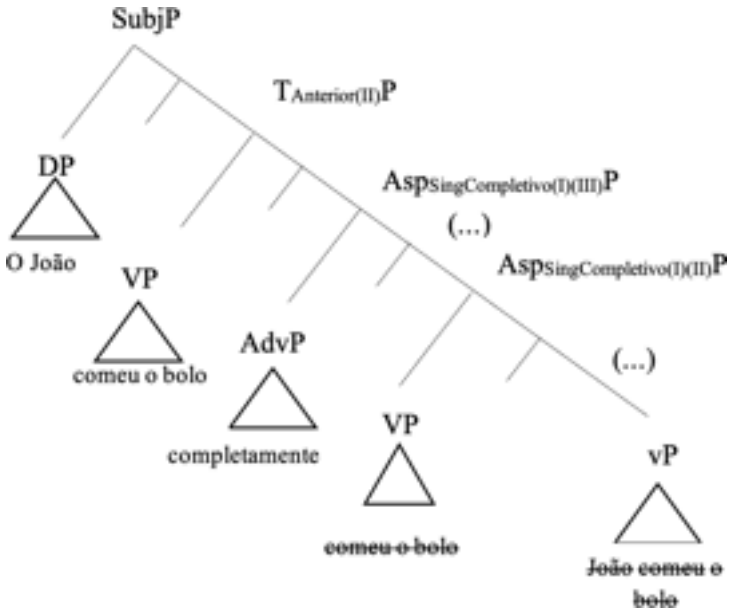




Semelhante análise se aplica para os casos em que o AdvP "completamente" é empregado para veicular leitura de completude singular em sentenças. Essa leitura é, assim, um produto da soldagem de "completamente" em posição de especificador de $Asp_{SingCompletivo(I)}P$. Ao figurar em posição pós-verbal, há movimento obrigatório do verbo até, ao menos, à esquerda de "em vão" e, consequentemente, de "completamente". Ao figurar em posição de margem

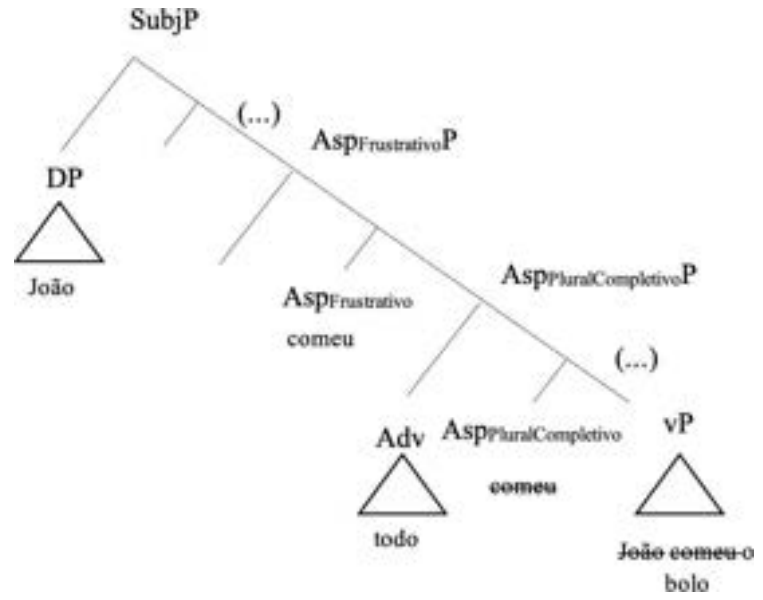
direita, há movimento sintagmático do complexo "verbo + objeto" por sobre "completamente". Há, nesse contexto, as seguintes derivações:

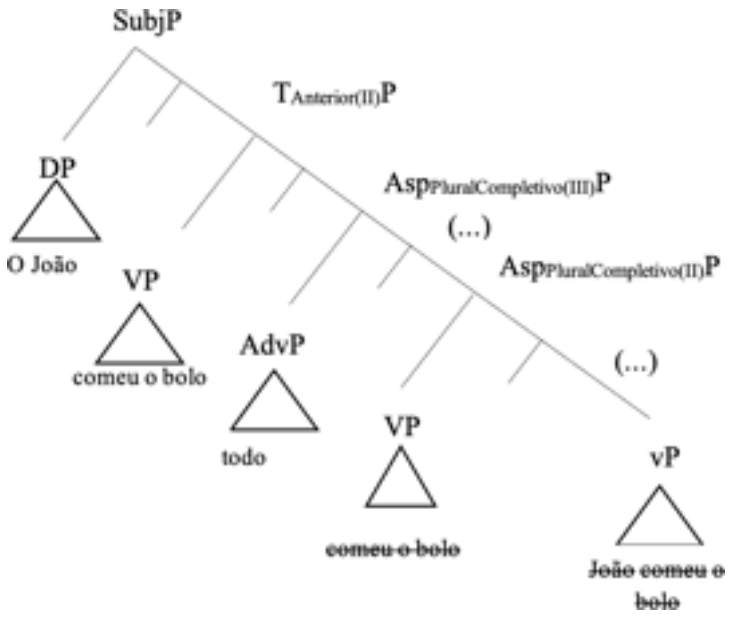




Sobre a leitura de completude desencadeada por "todo", assume-se que esta seja um produto da soldagem do referido AdvP em posição de especificador de Asp$_{PluralCompletivo}$P. Esse AdvP, em PB, parece figurar de forma mais categórica em posição pós-verbal e de margem direita. Sua linearização pós-verbal é uma consequência da atuação do parâmetro de movimento

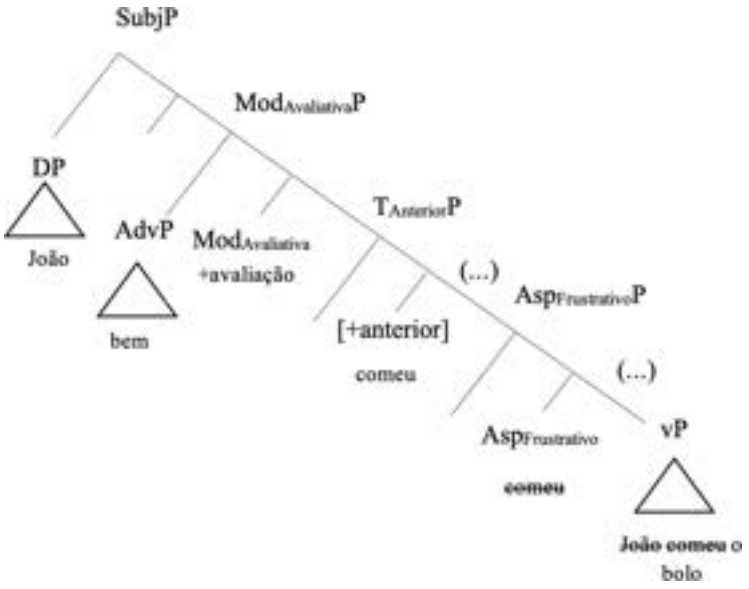
obrigatório do verbo em PB, ao passo que sua posição de margem direita parece ser uma consequência da atuação de movimento sintagmático. Há, portanto, tais derivações:



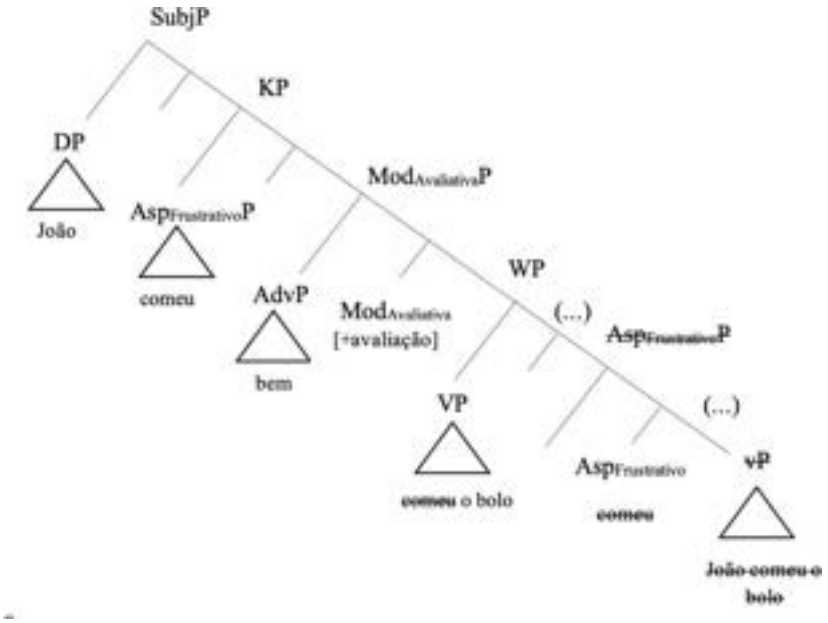


Em se tratando da leitura avaliativa de “bem”, possível em posição pré-verbal e pós-verbal, assume-se que esta é uma consequência da soldagem desse AdvP em posição de especificador de $Mod_{Avaliativa}P$, uma projeção alta. Para explicar o contexto pré-verbal, assume-se que o movimento ocorra, no máximo, até $T_{Anterior}P$, uma projeção medial. Para explicar o contexto pós-verbal, assume-se a conjectura de movimento remanescente. Dessa forma, haveria

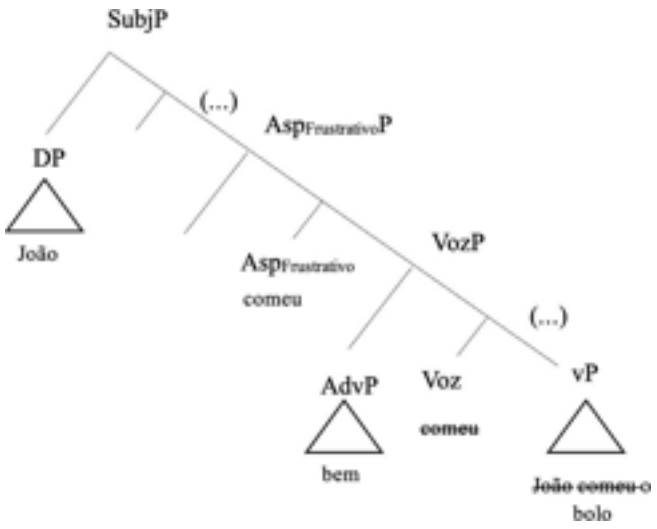
os seguintes passos para derivar a leitura de avaliação em posição pós-verbal de "João comeu bem o bolo": 1) movimento de "comeu" até o núcleo de $Asp_{Frustrativo}P$, 2) movimento do VP para a posição de especificador de uma projeção funcional[206], intitulada, para fins didáticos, de WP, que domina $Asp_{Frustrativo}P$, 3) soldagem do núcleo de $Mod_{Avaliativa}P$ e do AdvP "bem" em seu especificador, 4) extração do sujeito "João" em SubjP e 5) movimento remanescente de $Asp_{Frustrativo}P$, linearizando-se "João comeu bem o bolo". Observam-se, dessa forma, as seguintes propostas de derivação:

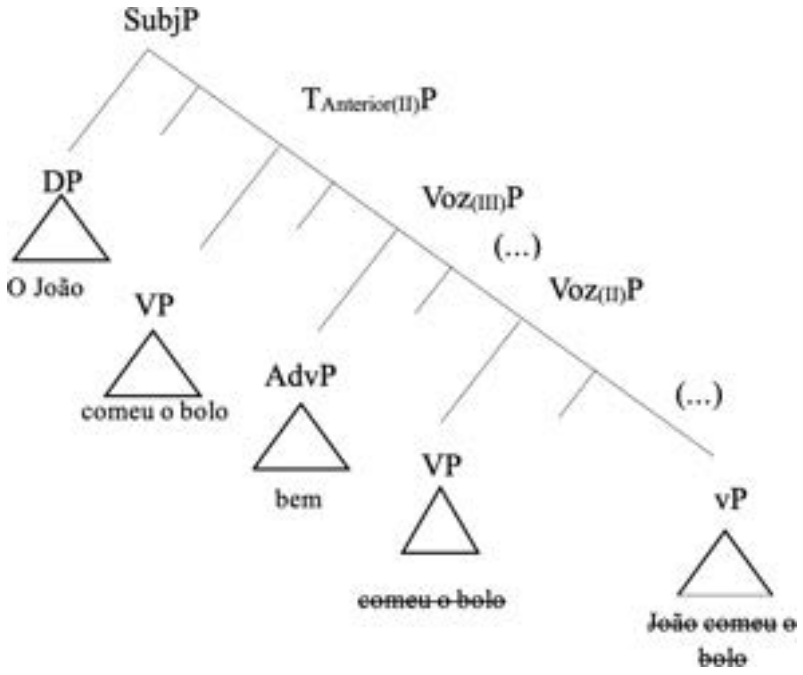


[206] Adotando-se a conjectura sugerida em Kayne (1994) e Ciucivara (2011), WP possivelmente é uma projeção de Caso. É possível, ainda, conjecturar que esse WP tenha a natureza semelhante a de um AgrOP (Chomsky, 1991).

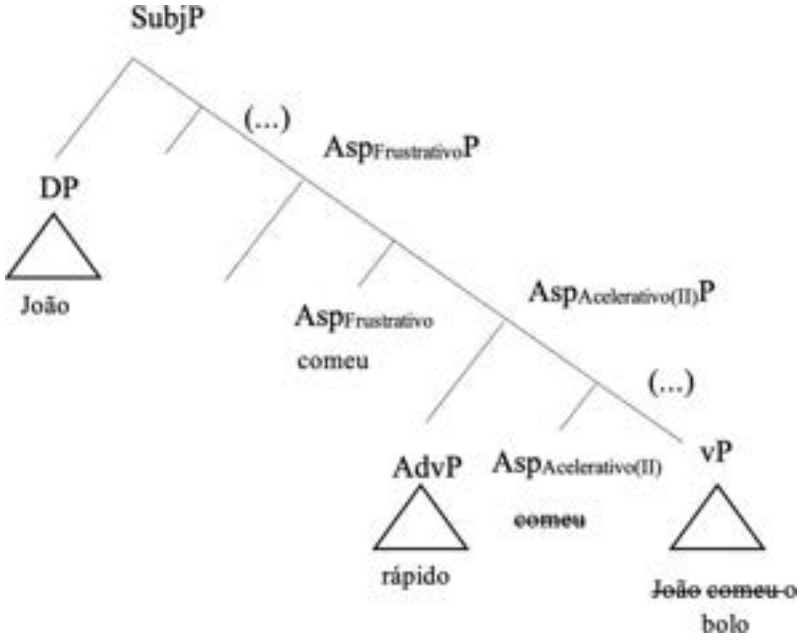


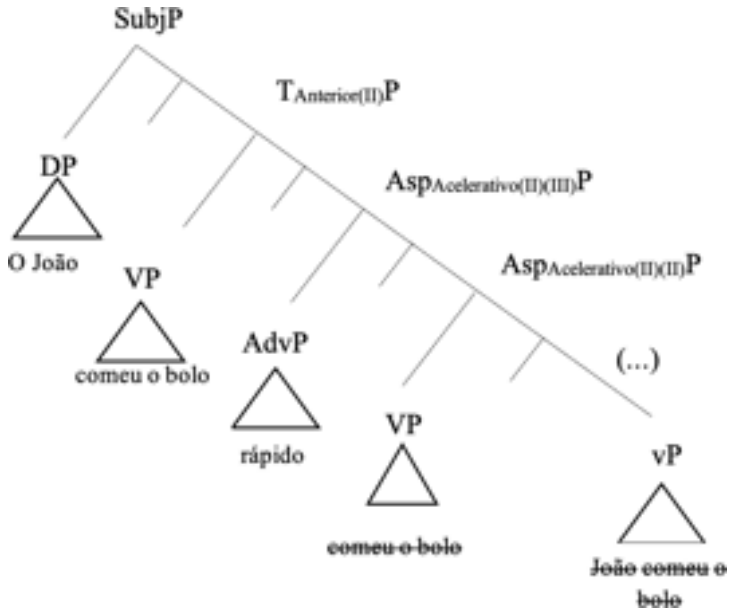
No caso da leitura de modo de “bem”, que ocorre em contexto pós-verbal e de margem direita, assume-se a mesma proposta analítica para outros AdvPs baixos nessas posições. Em contexto pós-verbal de linearização de “bem”, há movimento do verbo por sobre “bem” (cf. figura 90). Em contexto de margem direita de linearização desse AdvP, há movimento sintagmático do complexo “verbo + objeto” por sobre “bem” (cf. figura 91). Propõem-se, assim, as seguintes propostas derivacionais:



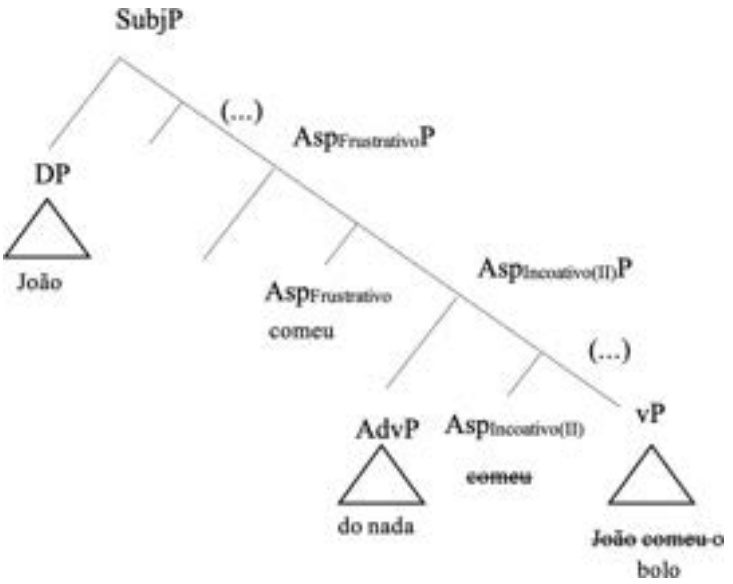


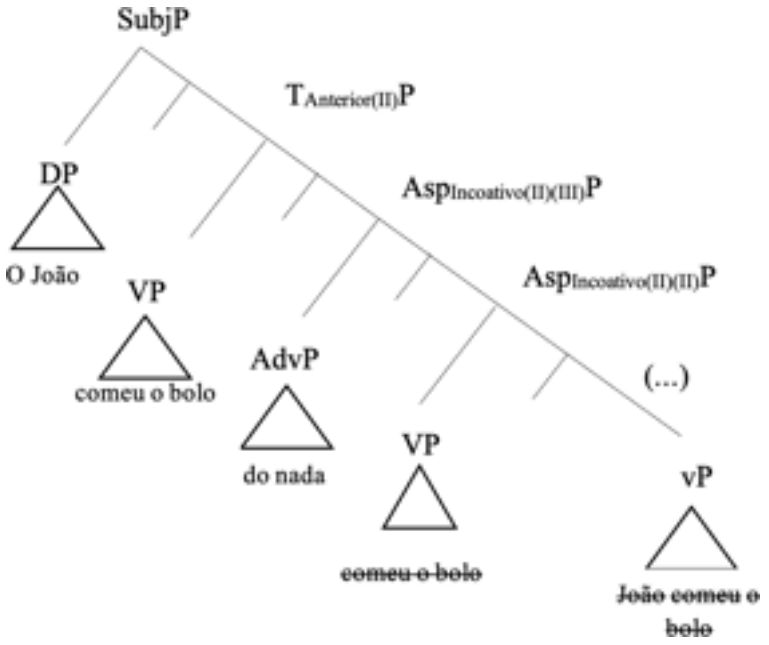
Sobre a derivação da leitura de aceleração de processo de "rápido", possível em posição pós-verbal e de margem direita, assume-se semelhante análise: em posição pós-verbal, há movimento do verbo por sobre "rápido"; em posição de margem direita, há movimento sintagmático por sobre "rápido". Adota-se, para ambos os casos, que "rápido" seja soldado em posição de especificador de $Asp_{Acelerativo(II)}P$. Têm-se as seguintes derivações:



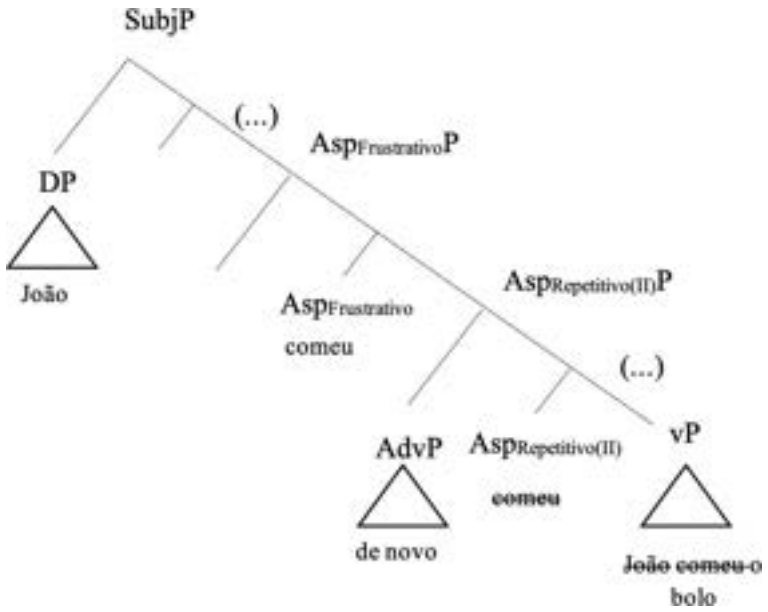


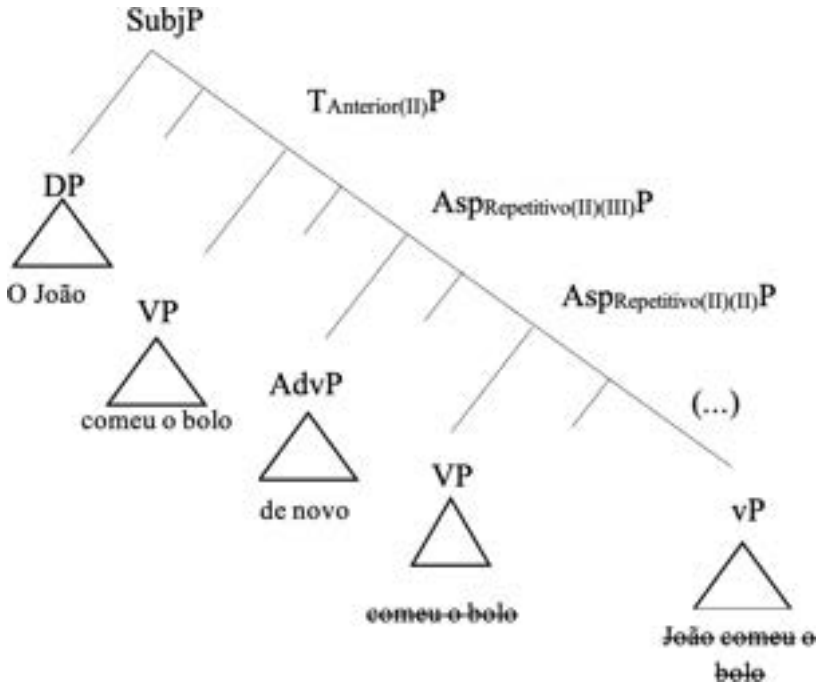
Sobre a leitura de incoação do processo, enfatizando-se seu início não natural, assume-se que esta seja um produto da soldagem de "do nada" em posição de especificador de $Asp_{Incoativo(II)}P$. Tal leitura parece ser específica para a posição pós-verbal e de margem direita . No espírito da argumentação apresentada até agora, têm-se, assim, as seguintes derivações:



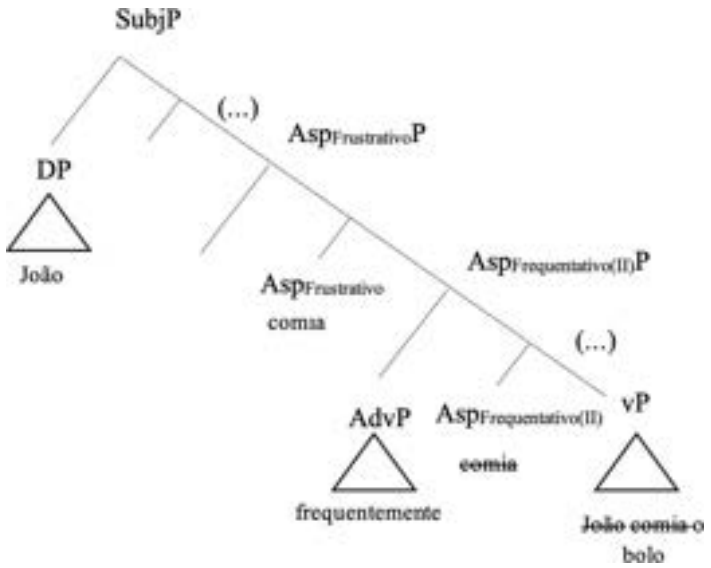


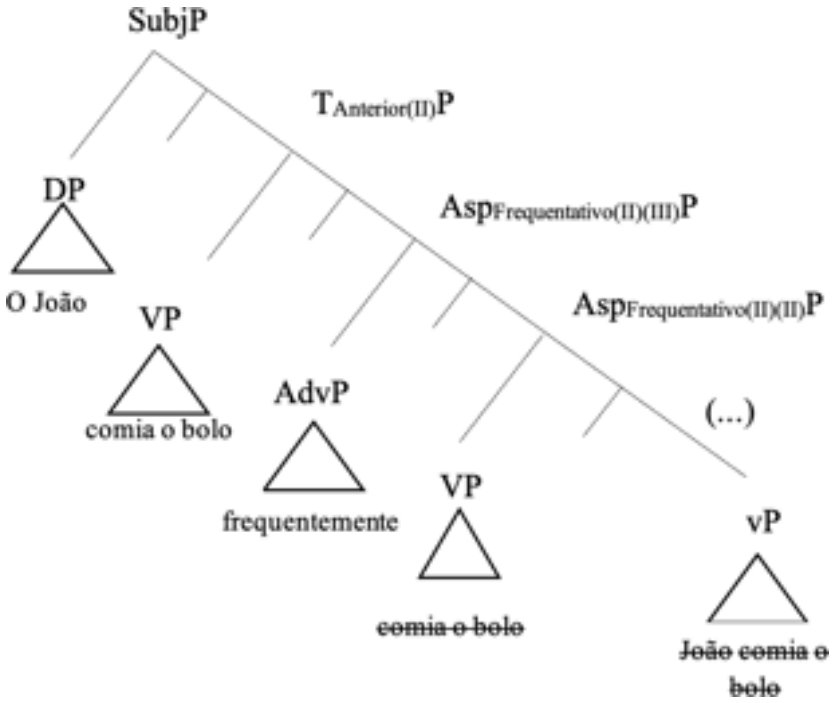
No que concerne à leitura de repetição do processo de "de novo", em posição pós-verbal e de margem direita , entende-se que esta seja um produto da soldagem de "de novo" em posição de especificador de $Asp_{Repetitivo(II)}P$. No âmbito da argumentação considerada, têm-se, assim, as seguintes propostas de derivação:



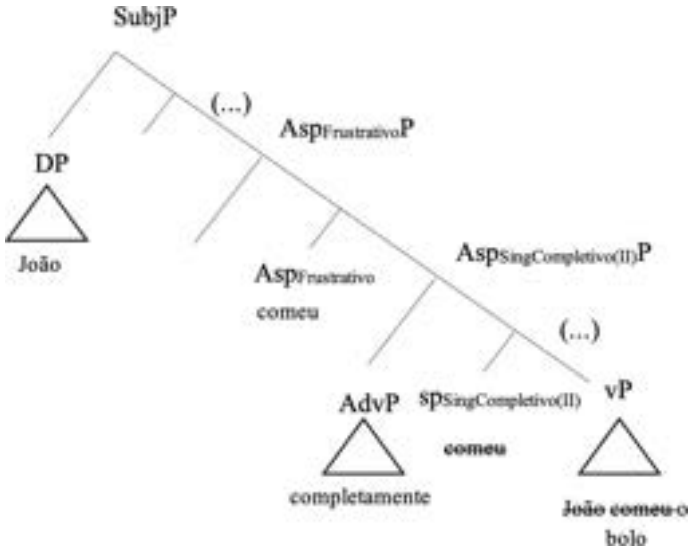


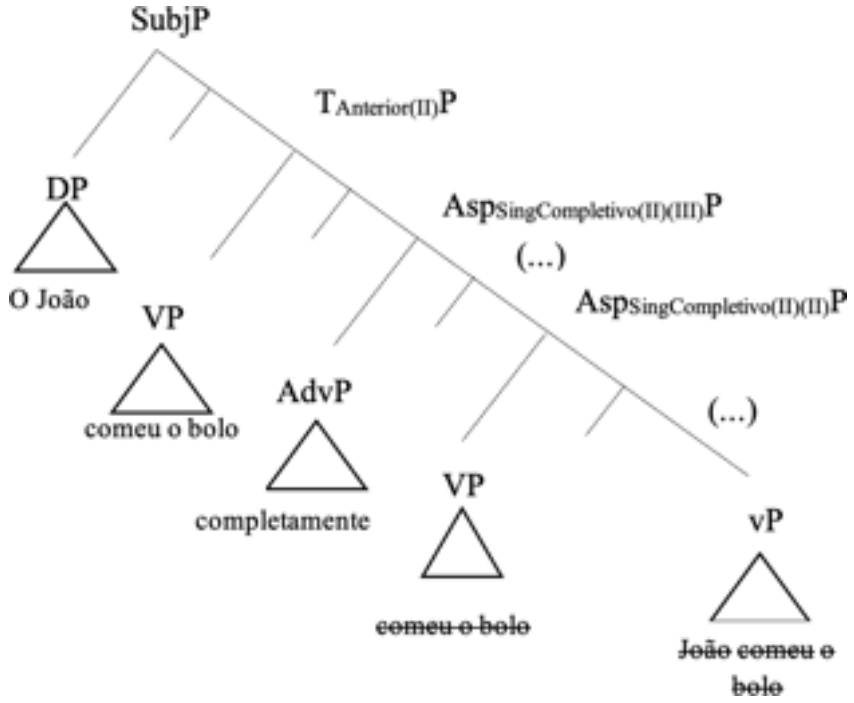
Em relação à leitura de frequência do processo, possível na posição pós-verbal e de margem direita, entende-se que esta seja a consequência da soldagem de "frequentemente" na posição de especificador de $Asp_{Frequentativo(II)}P$. Dessa forma, a partir da análise apresentada, são propostas as seguintes derivações para os referidos contextos:





Finalmente, sobre a leitura completiva télica do processo, estabelecida por "completamente" em posição pós-verbal e de margem direita, há as seguintes propostas derivacionais:





Nesta seção, foram apresentadas, avaliadas e derivadas as leituras dos AdvPs baixos sob análise. Observou-se que, a partir da atuação dos parâmetros de movimento estabelecidos em Cinque (2005), é possível derivar as linearizações e as leituras desencadeadas pelos advérbios. Sendo assim, no caso dos AdvPs baixos, parece haver atuação do parâmetro de movimento simples e de movimento com *pied-piping* no PB. Em casos de aparente "violação" a esta previsão, há ou alçamento à periferia esquerda ou movimento remanescente.